

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

Mariane do Socorro Bastos Maranhão

**O discurso político televisual da pré-campanha 2006:
lógicas, estratégias e configurações**

São Leopoldo

2007

Mariane do Socorro Bastos Maranhão

**O discurso político televisual da pré-campanha 2006:
lógicas, estratégias e configurações**

Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa.Dra. Maria Lília Dias de Castro

Co-orientador: Prof. Dr. José Luiz Braga

São Leopoldo

2007

Agradecimentos

À minha família,
por acreditarem na minha capacidade de realização.

À Professora Maria Lília Dias de Castro,
minha orientadora, e ao
Professor José Luis Braga, meu tutor, pelo incentivo e
contribuições para a realização deste trabalho.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos, pelas
condições oferecidas para a produção coletiva de conhecimentos
voltados para os estudos sobre política e comunicação no Brasil.

A todos os professores e funcionários do PPG de Comunicação
da Universidade Vale do Rio dos Sinos,
pela convivência enriquecedora e salutar
durante o desenvolvimento
deste projeto de pesquisa.

A todos os meus amigos de mestrado,
pelas constantes indagações sempre
feitas com pertinência e inteligência.

À Paola, à Lílian, à Gabriela e ao Vinícios.

“É melhor tentar e falhar,
que preocupar-se e ver a vida passar;
é melhor tentar, ainda que em vão,
que sentar-se fazendo nada até o final.
Eu prefiro na chuva caminhar,
que em dias tristes em casa me esconder.
Prefiro ser feliz, embora louco,
que em conformidade viver...”

Martin Luther King

RESUMO

A dissertação procura explorar, com o ferramental teórico da análise enunciativa do discurso e das teorias que abordam os estudos sobre as relações entre comunicação e política, os caminhos para indicar e abordar as lógicas, estratégias e configurações entre o campo jornalístico e o campo político na pré-campanha, período que antecedeu o processo eleitoral de 2006. São introduzidos os discursos telejornalísticos produzidos no período, que serviram como elementos para a análise e interpretação das articulações encontradas. Foram produzidas explicações caracterizadoras do fenômeno em observação, no que diz respeito a um perfil discursivo das emissoras analisadas, e conclusões sobre as relações de cooperação e conflito entre o discurso telejornalístico e a construção do discurso social junto ao processo eleitoral de 2006.

PALAVRAS-CHAVE: análise de discurso; telejornalismo; processos eleitorais

ABSTRACT

The dissertation demand explore, with the tooling theoretical analysis enunciation of speech and theories dealing with studies on the relationship between communication and policy, and indicate the paths to address the logical, strategies and settings between the journalistic field and the political field in the pre - campaign, a period that preceded the election process of 2006. They are entering the telejournalistic speeches produced in the period, which served as evidence for the analysis and interpretation of the joints found. They were produced explanations about the phenomenon in observation, in relation to a profile of discursive broadcasters analyzed, and conclusions on relations of cooperation and conflict between the speech telejournalístico and construction of social discourse with the election process of 2006.

KEYWORDS: analysis of speech; telejournalismo; elections

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 CENÁRIO POLÍTICO-MIDIÁTICO E AS LÓGICAS DA PRÉ-CAMPANHA	10
1.1 Jogo político contemporâneo e esfera midiática	10
1.2 Especificidades do período pré-campanha	16
1.2.1 Ausência de publicidade	19
1.2.2 Produção de fatos políticos “a toque de caixa”	19
1.2.3 Credibilidade da mídia	20
1.3 Relações entre esfera política e esfera midiática no período pré-campanha	20
2 TELEJORNAL E INFORMAÇÃO POLITICA	24
2.1 Força da televisão nos processos eleitorais	24
2.2 Discurso telejornalístico e formação do discurso social	28
2.3 Características do processo de construção da enunciação telejornalística	30
2.3.1 Níveis de construção da notícia telejornalística	31
2.3.2 Níveis de enunciação telejornalística e suas operações narrativas	34
2.3.2.1 Níveis de enunciação	34
2.3.2.2 Operações da narrativa telejornalística	35
2.3.2.3 Comentário telejornalístico	38
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
3.1 Primeira etapa: definição do <i>corpus</i> da pesquisa	41
3.2 Segunda etapa: agrupamento por eixo temático	42
3.2.1 Percentual dos eixos temáticos.....	43
3.3 Terceira etapa: definição de microdramas.....	45
3.4 Quarta etapa: transcrição das matérias por microdramas	48
3.5 Quinta etapa: roteiro analítico	49
4 ANÁLISE DOS MICRODRAMAS	51
4.1 Microdrama 1: CPI dos Correios - Andamento final do processo de irregularidades	51
4.2 Microdrama 2: CPI dos Bingos – Implicações do assassinato do prefeito Celso Daniel	75
4.3 Microdrama 3: CPI dos Bingos – O escândalo Palocci.....	84
4.4 Microdrama 4: Movimentação Eleitoral – O processo de verticalização das eleições.....	95
4.5 Microdrama 5: Movimentação Eleitoral - A desincompatibilização de pré-candidatos.....	107
4.6 Microdrama 6: PMDB - Impasse sobre a candidatura própria	125
4.7 Microdrama 7: PMDB - O “caso” Garotinho.....	136
4.8 Microdrama 8: PSDB - A disputa entre os pré-candidatos Serra e Alckmin	147
4.9 Microdrama 9: PSDB – Definição de alianças.....	158
4.10 Microdrama 10: PT – Movimentação oficial do presidente Lula na pré-campanha.....	166
4.11 Microdrama 11: PT - Implicações do episódio "dança da pizza" na candidatura de Lula	180
4.12 Microdrama 12: Pesquisas de cenário e de opinião – IBOPE e DATAFOLHA	193
5 INTERPRETAÇÕES	207
5.1 Microdrama 1: CPI dos correios - Andamento do processo de irregularidades	207
5.1.1 Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha.....	207
5.1.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	210
5.2 Microdrama 2: CPI dos Bingos - Assassinato Celso Daniel	216
5.2.1 Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha.....	216
5.2.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	218
5.3 Microdrama 3: CPI dos Bingos - escândalo Palocci	221
5.3.1 Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha.....	221
5.3.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	225
5.4 Microdrama 4: Movimentação eleitoral – Discussão sobre a verticalização das eleições 2006.....	227
5.4.1 Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha.....	227
5.4.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	230

5.5	Microdrama 5: Movimentação eleitoral – Desincompatibilização dos candidatos	232
5.5.1	Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha.....	232
5.5.2	Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	234
5.6	Microdrama 6: PMDB – o impasse da candidatura própria	240
5.6.1	Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha.....	240
5.6.2	Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	241
5.7	Microdrama 7: PMDB – O caso Garotinho.....	243
5.7.1	Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha.....	243
5.7.2	Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	245
5.8	Microdrama 8: PSDB – Disputa entre pré-candidatos	249
5.8.1	Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha.....	249
5.8.2	Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	251
5.9	Microdrama 9: PSDB – Definição de alianças.....	254
5.9.1	Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha.....	254
5.9.2	Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	255
5.10	Microdrama 10: A movimentação do presidente-candidato.....	257
5.10.1	Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha.....	257
5.10.2	Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	258
5.11	Microdrama 11: Implicações do episódio da dança da pizza na candidatura de Lula.....	262
5.11.1	Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha.....	262
5.11.2	Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	263
5.12	Microdrama 12: Pesquisas de cenário e de opinião - IBOPE e DATAFOLHA	266
5.12.1	Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha.....	266
5.12.2	Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento	268
	CONCLUSÕES	274
	REFERÊNCIAS	300
	ANEXOS	304
	Anexo 1: Recorte empírico	305
	Anexo 2: agrupamento por eixo temático.....	311
	Anexo 3: definição de microdramas.....	319

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é fruto das minhas primeiras indagações sobre o trabalho de um publicitário em meio ao mundo da comunicação política. Durante o desenvolvimento da minha carreira profissional, as escolhas e oportunidades me levaram a enveredar pelos caminhos da comunicação voltada para os processos eleitorais. Com isso, tive várias chances de desempenhar meu papel de comunicadora e cidadã, no intuito de contribuir para o progresso do meu estado.

No desenvolvimento de minhas atividades no campo da comunicação política, surgiram muitos conflitos e dúvidas sobre a função do profissional de comunicação dentro da interface política e mídia. Dada a importância dessa atividade e da sua relação com as demais áreas de interface, busquei questionar o real papel do publicitário como “tradutor” de mensagens, e do jornalista como “formador” de opinião. Até onde esses profissionais chegariam quando usavam as ferramentas de suas profissões para influir em uma decisão que poderia mudar a vida de comunidades inteiras, de estados e regiões, e de um país como o Brasil? Como não errar na hora de escolher executar o seu ofício em prol de uma causa política? Como unir as duas condições, de profissional e de cidadão, ao desempenhar uma função social fundamental na era das sociedades midiacentradas, em que a política é e se faz através dos meios de comunicação? Onde encontrar explicações para a contraditoriedade que envolve o profissional da comunicação que trabalha com a interface da política? Como esse profissional se vê dentro de um sistema responsável pela intermediação entre os campos sociais, mas que não acredita que sua função está sendo desempenhada corretamente, para o bem do social?

Diante dessas e de outras dúvidas, surgiu a necessidade de investigar, dentro da realidade empírica, como o profissional de comunicação, seja ele jornalista ou publicitário, contribui para a conjuntura política e social de sua cidade ou de seu país, já que ele é um dos que atua diretamente na tradução e publicização de mensagens políticas para a sociedade.

Nesse universo, imbricado pelas práticas políticas e comunicacionais, existem várias possibilidades e caminhos que podem ser pesquisados, cada um levando a uma visão, a um ângulo do problema, que poderá responder a partes ou a todos esses questionamentos. No

caso desta publicitária, que já trabalhou tanto na área da propaganda, quanto nas áreas do marketing e do marketing político, a atração pelo marketing ligado à política foi mais forte devido à necessidade de calar inquietações de consciência em relação ao meu papel social no desempenho das funções profissionais. Sendo assim, a opção por pesquisar as conseqüências desse desempenho dirigiram meus interesses para a relação entre o que é o fato, o que se diz dele e como se diz. Essa é, ao meu ver, a parte mais importante que cabe aos profissionais da comunicação, dentro dessa relação de intermediação entre a esfera política e a esfera social. Traduzir mensagens é uma responsabilidade gigantesca, diante das dimensões e das conseqüências que um erro pode trazer para a sociedade, caso a função do comunicador seja desempenhada de forma errônea ou distorcida. Foi diante dessa visão, e com esses objetivos que executei este trabalho de pesquisa no mestrado. Seu resultado conseguiu revelar um mundo de respostas até então não conhecido por mim, profissional de comunicação e cidadã.

O trabalho em si discute a relação entre os discursos midiáticos disponibilizados pelos telejornais no ano que antecedeu as eleições presidenciais de 2006, e a construção do cenário político que enquadrou a disputa durante a campanha eleitoral. Em outras palavras, a pesquisa tentou contribuir para os estudos de comunicação e política através da investigação sistemática de discursos midiáticos, especificamente os telejornalísticos, produzidos e publicizados meses antes das eleições (*período pré-campanha*), os quais contribuíram para a formação do discurso social sobre os temas relacionados à disputa para o cargo de presidente da República.

No momento do nosso primeiro contato com a realidade empírica que envolvia “o problema” - ainda não tão bem definido - encontramos um contexto social geral. Isto é, o “palco midiático” em que são publicizadas as questões que envolvem as manobras, movimentações, negociações e etc. que provêm do campo político, e que vão em direção à esfera pública. Logo, as condições de participação dos dispositivos de informação na cadeia de processos que envolveram a pré-campanha de 2006 entraram como o primeiro recorte para a delimitação do *problema de pesquisa*, direcionando para a necessidade de investigarmos o papel do campo midiático e sua função mediadora dentro das processualidades e dinâmicas que compunham as relações entre campo político e campo midiático durante esse período específico.

A partir daí buscou-se reconhecer, e construir com mais propriedade, uma série de características que definem com mais precisão o período específico que compreende uma pré-campanha. Não se trata apenas de delimitar uma data ou um dia no calendário onde começa e termina uma pré-campanha, mas, sim, de identificar algumas peculiaridades que distinguem

perfeitamente esse período dos outros que compõem um processo eleitoral. Por exemplo, a troca de legendas partidárias por parte dos políticos no fim do ano de 2005, que mostrou, um ano antes, os que estavam interessados em disputar as eleições de 2006, foi o primeiro indício de movimentação política característica desse período que nos chamou a atenção. Ou seja, era uma movimentação política estratégica que não se encaixava dentro do período de campanha, mas sim, no período entre eleições, e que pode ser entendida como o primeiro movimento de uma pré-campanha. Uma prática política que se realiza na cena pública e/ou a ela se destina, e está diretamente ligada ao processo eleitoral subsequente.

Resolvemos seguir esse raciocínio, e passamos a identificar essas movimentações políticas estratégicas ao longo do período delimitado pelo *corpus* da pesquisa (junho/2005 a junho/2006).

Nosso primeiro passo, obedecendo ao critério que chamamos de “não publicitário”, foi de excluir as propagandas partidárias e informes políticos, os quais apresentavam uma linguagem publicitária formulada com base em linhas discursivas já prontas, caracterizando a “propaganda partidária”. Isso foi importante para ressaltar dois pontos que direcionaram as observações seguintes: (1) essas mensagens já indicavam quais seriam os possíveis pré-candidatos, pois os atores que protagonizavam as propagandas partidárias eram aqueles que já vinham sendo cogitados *nos bastidores* para disputar as eleições por seus partidos. Ou seja, era o primeiro teste de visibilidade ao qual os possíveis candidatos eram submetidos. É uma estratégia de marketing político, em que a esfera pública é submetida à exposição da *imagem política* daquele líder partidário, que vem até ela para “lançar uma idéia”. Em seguida, ela é testada e consultada através de pesquisas de opinião, que subsidiam a decisão dos partidos. Logo, a propaganda político-partidária que ocorre entre as eleições configura-se como “ferramenta de marketing político”, e é parte importante na construção do cenário da pré-campanha porque é uma das primeiras indicações sobre os possíveis pré-candidatos. (2) o discurso apresentado no conteúdo das mensagens já demonstrava o *tom de campanha* que poderia ser implementado por cada um dos possíveis candidatos e seus partidos. Isto é, as propagandas políticas traziam em seus conteúdos os temas políticos e sociais que eram prioridades para aquele partido e/ou pré-candidato, as *palavras de ordem*, *slogans* e/ou *jargões* que, possivelmente, seriam adotados em suas plataformas de campanha, e suas posturas diante dos adversários.

Em seguida, a convergência midiática em direção ao campo político acentuou-se com a proximidade das eleições, o que nos levou a perceber os indícios da movimentação dos articuladores e líderes políticos em torno dos temas e fatos que agendaram a esfera pública

durante o período da pré-campanha. O uso das famosas estratégias de construção da imagem pública por parte dos atores políticos ficou mais evidente, estando sempre direcionadas para a aquisição da tão cobiçada visibilidade midiática positiva, e da opinião pública favorável. As reportagens veiculadas pelos dispositivos de informação alimentavam a esfera pública, levando ao seu conhecimento fatos reconstruídos sobre os mais diversos ângulos, baseados sobre as mais diversas informações e versões. Muitos foram os *fatos acontecidos* dentro da dinâmica social que influenciaram no quadro político, e muitos foram os *fatos produzidos* pelo campo político para ocasionar uma visibilidade através da mídia e despertar o interesse da esfera pública.

Para visualizar melhor essa diferença entre os dois tipos de acontecimentos, resolvemos relacionar os dois tipos acontecimentos ocorridos durante o período da pré-campanha que influenciaram na formação do cenário político: (1) Fatos acontecidos - Crise da febre aftosa, Denúncias de Roberto Jeferson, Crise do gás entre Brasil e Bolívia, Ataque do MST à Aracruz Celulose-RS, Greve do “bispo” contra a transposição do São Francisco, Rumo das investigações do assassinato do Prefeito Celso Daniel, Quebra do sigilo bancário do “caseiro” e a queda do Min. Antonio Palocci, Indefinição sobre o candidato do PSDB, Absolvição dos deputados “mensaleiros” e a “Dança da Pizza”, Impasse sobre a candidatura do PMDB, Descoberta da “máfia das sanguessugas”, Ataques do PCC em São Paulo, Copa do Mundo de Futebol 2006; (2) Fatos “produzidos” - Fim do prazo para a troca de legenda partidária, Viagem do presidente Lula à Rússia, cassação de José Dirceu, Espetáculo das CPI's, Viagem do astronauta brasileiro, Viagem do presidente Lula à Inglaterra, Inaugurações oficiais com a presença do presidente Lula, Processo de verticalização das eleições, Desincompatibilização de Geraldo Alckmin, Entrega do relatório final da CPI dos Correios, Greve de fome de Garotinho, Inauguração das obras do Panamericano pelo presidente Lula, Lançamento dos candidatos à presidência da república, Denúncias contra Geraldo Alckmin, Pesquisas de opinião, Movimentação diária dos pré-candidatos, Convenções partidárias, Movimentação dos candidatos à presidência.

Diante desse demonstrativo, é possível perceber que, se aplicarmos uma visão analítica baseada na premissa que coloca a existência de fatos construídos “a toque de caixa” pelo campo político, com o intuito de estabelecer uma condição de visibilidade midiática, podemos dizer que existem diferenças entre os vários acontecimentos noticiados pela esfera midiática dentro do período da pré-campanha.

O terceiro aspecto abordado na construção do problema desta pesquisa reside no fato de que a audiência concede graus de credibilidade muito diferenciados entre as mensagens

que se apresentam em discursos publicitários, e aquelas que se apresentam no interior dos discursos construídos pelos dispositivos de informação. Isto nos levou a observar que, dentre um universo de informações direcionadas à esfera pública, a audiência “escolhe” em quem acreditar e, por conseguinte, qual discurso reproduzir. Sendo assim, o esforço do campo político junto ao campo midiático para construir condições de visibilidade pública fora da “perspectiva publicitária”, aliado a circunstância de mediação da política leva ao tensionamento da teia de relações entre mídia e política durante o período da pré-campanha 2006.

Tendo em vista uma grande quantidade de discursos midiáticos, que se apresentavam em um fluxo contínuo e ininterrupto, procuramos direcionar a observação na procura do dispositivo informacional que mais contribuísse para a formação do discurso social e, por conseguinte, da opinião pública. Os famosos índices de audiência, as pesquisas sobre os hábitos de consumo do público, e os estudos sobre os impactos da mediação nos levaram a crer que a opinião pública é pautada, alimentada e formada principalmente pelos veículos de imprensa, em especial os telejornais. Logo, partimos da premissa de que já é evidente a importância do campo telejornalístico nesse processo de formação do quadro político da pré-campanha, o qual é usado pela esfera pública como o principal dispositivo informacional, e visto pelos atores políticos como um “palanque eletrônico paralelo”, onde é possível se obter visibilidade pública fora da propaganda política oficial, dentro dos meses que antecedem a campanha eleitoral.

Dessa forma, foi possível construir o conteúdo empírico do *corpus* da pesquisa, composto por um conjunto de seis fitas de vídeo, contendo os noticiários políticos dos últimos telejornais noturnos, veiculados em três emissoras diferentes – Globo, Bandeirantes e SBT, no período programado previamente pelo projeto. Chegava o momento de relacionarmos a perspectiva teórica e a perspectiva empírica, com o objetivo de definir de forma mais específica o *problema da pesquisa*. A princípio, continuamos a observar dentro do conteúdo telejornalístico os indícios do uso de estratégias de *marketing político* por parte dos atores políticos na tentativa de alcançar certa exposição midiática de forma positiva e compensadora. A observação desses indícios nos levou ao mapeamento de ações políticas baseadas nessas estratégias, das quais se formou um conjunto de movimentações políticas calculadas, gerenciadas e particularmente construídas sob as lógicas produtivas do campo jornalístico, o qual chamamos de “os cinco movimentos da pré-campanha 2006”:

- 1º movimento: troca-troca de legenda partidária antes da eleições.
- 2º movimento: disputas internas dos partidos entre os pré-candidatos.

- 3º movimento: convenções partidárias e o lançamento dos candidatos.
- 4º movimento: composição de alianças partidárias.
- 5º movimento: a pré-campanha na mídia.

A primeira questão construída até aqui trouxe para a pesquisa o elemento “*o que é o problema*”, configurado até então da seguinte forma: observar o uso de estratégias de *marketing político* por parte dos atores do campo político para construir a condição de visibilidade midiática, o que possibilita a comunicação com a esfera pública. E que tem como principal objetivo desenvolver uma imagem política positiva e uma opinião pública favorável que colabore diretamente com uma possível candidatura nas próximas eleições.

A partir daí, progredimos para um segundo nível, avançando no processo de observação da pesquisa, e encontramos a segunda questão, que trouxe o elemento “*como observar o problema*”. Através da pesquisa teórica sobre o sistema midiático e informação política, delimitamos *o lugar de fala* do dispositivo informacional a ser analisado, a televisão, inscrevendo-o como instância mediadora entre produção e recepção, circunscrita num contexto político e social, assumindo a função de produtor de bens simbólicos que compõe o discurso social. Em seguida, entrou o telejornal como o gênero discursivo mais importante na constituição desse discurso social, e que trouxe para a pesquisa o conjunto de operações enunciativas que são usadas para reproduzir, produzir e organizar o contexto empírico em que se insere *o problema*, ou seja, a realidade política no período da pré-campanha 2006.

A segunda questão voltou-se então para a observação do papel dos telejornais na construção do discurso social através das operações de enunciação telejornalística. A premissa básica adotada coloca que o telejornal, ao eleger certos fatos, direcionar certas interpretações e nomear acontecimentos detém certo poder de embutir valores e propor posturas ideológicas que ratificam ou contestam a realidade. Logo, foi através das estratégias discursivas de construção das *notícias* que reconhecemos como o discurso midiático funciona na sua forma significativa dentro do contexto empírico, e não apenas como um simples dispositivo de reflexão dos acontecimentos. A partir daí, fomos atrás de instrumentos que possibilitassem uma análise do conteúdo discursivo dos telejornais componentes do *corpus* da pesquisa, e da definição dos objetivos a serem alcançados.

O modelo interpretativo construído está baseado nas definições das estratégias discursivas jornalísticas segundo a escola francesa de Análise de Discurso, tendo como alicerce principal o pesquisador Patrick Charaudeau e sua obra mais recente – Discurso das Mídias. Lá, ele apresenta uma descrição minuciosa dessas estratégias de construção dos acontecimentos midiáticos, separando-as em dois níveis: o da seleção e tematização, e o das

operações narrativas, os quais ensinam como identificar as nuances valorativas dentro da enunciação telejornalística.

Ao final de todo esse processo, nos sentimos mais aptos a definir com mais clareza qual o problema de pesquisa que este projeto se propunha a investigar. De posse de um mapeamento dos movimentos dos atores políticos durante a pré-campanha 2006, feito através da compilação dos dados provenientes do *corpus* de pesquisa, juntamente com um esquema analítico e interpretativo concebido para identificar as processualidades e dinâmicas existentes na relação entre campo político e campo midiático, definimos como o *Problema* dessa pesquisa:

Identificar e analisar as processualidades e dinâmicas que compõe as relações entre o campo político e o campo midiático durante um período de tempo específico que antecede os processos eleitorais, chamado aqui de período pré-campanha 2006, através da observação das estratégias telejornalísticas de construção das notícias pertencentes a essa rúbrica, as quais compõem o contexto político, e colaboram para a formação do discurso social em que se baseará o processo eleitoral propriamente dito, e em particular, a eleição do presidente da República.

Para construir essa pesquisa fundamentamo-nos nos estudos de enunciação discursiva, que se desenvolveram a partir dos anos 60, associados a uma perspectiva crítica do discurso, combinada às demais análises das relações entre discurso e sociedade, com influências de Foucault. Nesses autores¹, as peças jornalísticas não são apenas representações do mundo pela linguagem, mas nos seus interiores circulam diferentes textos e vozes, imagens icônicas, e efeitos valorativos que estruturam e hierarquizam as formas de leitura e de enunciação. Trata-se de uma evolução do texto para o discurso, da linguagem para o discurso social, do enunciado para a enunciação, recuperando as condições de produção e de recepção. Diante disso, a pesquisa encaminhou-se para uma apreensão da realidade empírica (notícias), compreendida como construções históricas inseridas em um cotidiano que envolve atores individuais e coletivos, interlocutores e receptores - ou seja, os atores sociais e seu contexto.

Em seguida, procuramos referências sobre as formas de estruturação e organização da interface Comunicação e Política. De Bourdieu a Verón, foram revisados conceitos estimulantes para se estudar essa relação. Um deles é o conceito de *campo*, como espaço estruturado cujas características podem ser analisadas separadamente, e em relação com os demais. Isso possibilitou a compreensão das práticas sociais e das lógicas dos campos que

¹ Bakhtin (1997), Fabbri (2000), Verón (2005), Charaudeau (1997, 2005), Fairclough (1995, 1996), entre outros.

compõem essa interface, tão bem analisadas pelo pesquisador brasileiro Wilson Gomes (2005), que trouxe para este trabalho questionamentos poderosos sobre como os *media* operam em processos de identificação e de projeção, de pertença social e de legitimação política.

Por fim, em busca de mais definições sobre o entrelaçamento entre os campos do jornalismo, política e mídia, percebido por esta pesquisa como uma arena de forças e ações dramáticas, que convida o auditório à participação através dos meios de comunicação, completamos nossa “mirada teórica” com alguns autores americanos, experts em estudos sobre a representação dos processos sociais e a mídia, em especial os eleitorais. Dos mais clássicos, como Lazarsfeld (1953), até os mais recentes, como Corey Cook (2002), foram trazidos conceitos como os de noticiabilidade, agenda-setting, além das novas leituras baseadas na influência do modelo da Mass Communication Research e da Teoria Crítica. Eles estruturaram nossa compreensão dos mecanismos usados pelo jornalismo na construção social de conhecimento, e que evoluem para a construção de um “conhecimento político”.

Este foi o arcabouço teórico que serviu de base para uma investigação de mestrado sobre a cobertura midiática dos acontecimentos políticos durante o período da *pré-campanha* nas eleições de 2006, realizada por três emissoras de TV aberta, através de seus telejornais noturnos.

Para esta pesquisa, o objetivo geral está voltado para a busca de indícios empíricos das processualidades que compõem a relação entre o campo político e o campo midiático, específicos do período em questão – a *pré-campanha* de 2006 –, através do dispositivo informativo telejornal. Para atingir esse objetivo, buscamos algumas metas como:

- análise da movimentação do campo político no período da *pré-campanha*, no sentido de identificar as estratégias de marketing político direcionadas para o campo midiático, que tem o intuito de gerar “janelas” de visibilidade midiática para alcançar a esfera pública;

- análise das operações discursivas utilizadas pelos telejornais na construção das notícias sobre relacionadas ao campo político no período *pré-campanha*;

- interpretação do conteúdo simbólico contido no conteúdo discursivo dos telejornais pesquisados sobre temas que compuseram o cenário da *pré-campanha* de 2006, e que contribuíram para a construção do discurso social, e para a formação das condições do cenário político que deu origem ao quadro de candidatos à presidência da república, e suas respectivas chances de sucesso dentro da campanha eleitoral de 2006.

- perfil das emissoras de televisão e seus respectivos telejornais, com o objetivo de trazer um panorama das especificidades e dinâmicas discursivas encontradas em cada uma

delas no momento da construção da realidade sobre alguns dos fatos políticos mais importantes para o período pré-campanha 2006.

O trabalho está dividido em cinco capítulos que contam a trajetória da investigação e terminam com considerações sobre os resultados encontrados.

No primeiro capítulo, sob a designação de *Cenário político-midiático e as lógicas da pré-campanha*, mostram-se as características da relação travada entre o campo midiático e o campo político, sugerindo a compreensão dessa interface como dois campos sociais que compõem uma sociedade midiacentrada, e que tratam suas relações como relações de poder. Na seqüência, a definem-se as especificidades do recorte da pesquisa e a natureza das relações entre os dois campos sociais envolvidos nessa troca simbólica dentro do período escolhido, a pré-campanha de 2006.

No segundo capítulo, denominado *Telejornal e informação política*, discute-se a força do meio televisão nos processos eleitorais, e as características do processo de construção discursiva no gênero telejornalístico, referente à cobertura de acontecimentos políticos.

No capítulo três, *Procedimentos metodológicos*, descreve-se o percurso metodológico feito, explicando minuciosamente o processo de formação das etapas de clivagem e de recorte do *corpus*, a construção do conjunto de dados a serem analisados, e a concepção do modelo analítico.

O capítulo quatro, *Análise dos microdramas*, contém os relatórios de análise do *corpus* de pesquisa, baseados no modelo analítico concebido dentro do processo metodológico, que investiga os três níveis de construção do enunciado telejornalístico: textual, discursivo e valorativo.

O capítulo cinco contém as interpretações das matérias analisadas no plano da enunciação, colocando o conteúdo factual e suas implicações no contexto da pré-campanha 2006. Em seguida, faz uma análise minuciosa das estratégias discursivas usadas na estruturação e organização do discurso telejornalístico, sugerindo como elas reverberam na construção do discurso social sobre o fato político em questão.

E, por fim, o capítulo das Conclusões, traz considerações sobre a movimentação do campo político dentro do período da pré-campanha 2006, a estruturação do enunciado telejornalístico e o uso de estratégias discursivas na representação dos acontecimentos políticos, fazendo também um perfil dos telejornais pesquisados e sua contribuição para a construção do discurso social no período da pré-campanha 2006.

1 CENÁRIO POLÍTICO-MIDIÁTICO E AS LÓGICAS DA PRÉ-CAMPANHA

1.1 Jogo político contemporâneo e esfera midiática

O contemporâneo quadro de articulação e tensionamento entre a representação política da sociedade, que deve ser assegurada pelos próprios organismos do campo, e a representação social da política, agora realizada de modo predominante pela mídia, cria e potencializa zonas de convergência e de disputa entre o campo político e o campo midiático. Em função disso, agências e assessorias de comunicação, com seu exército de jornalistas, relações públicas e publicitários, trabalham estrategicamente no sentido de manter vínculos com os formadores de opinião, para que políticos, partidos, governos e idéias sejam incluídos na pauta. A mídia, por sua vez, ratifica sua posição não só como aparato sociotecnológico em um lugar social de emissão superpotencializada, mas também como fabricante de mediações na sociedade, diversificando práticas cada vez mais específicas dentro do campo profissional que trabalha nessa interface (jornalistas políticos, analistas políticos, assessores políticos e etc.).

O pesquisador Wilson Gomes, em seu livro *Transformações da política na era da comunicação de massa* (2004), destaca que um novo modelo de interface entre as esferas da comunicação de massa e da política se estabeleceu e se espalhou pelo mundo nas últimas quatro décadas, e que nesse modelo os agentes políticos (mesmo aqueles da sociedade civil) tendem a atuar para a esfera de visibilidade pública controlada pela comunicação.

A maior parte das pesquisas até agora realizadas sobre influências e efeitos, especialmente políticos, tem levado à convicção de que “a mídia é estruturadora ou reestruturadora de percepções e cognições, funcionando como uma espécie de agenda coletiva” (SODRÉ, 2000, p.137). Em nossa situação de sociedade midiacentrada, com alto consumo de mídias de massa, o fluxo contínuo, intenso, acelerado e multidirecional de informação política faz parte da realidade do cidadão mais comum. É através desse fluxo contínuo e configurado pelas lógicas das indústrias do entretenimento que o sistema industrial de informação alimenta as demandas cognitivas da esfera civil sobre política. É na fonte das mídias que a opinião pública bebe diariamente, e, para Wilson Gomes, “a alteração a que assistimos é, essencialmente de natureza cognitiva. Formou-se um domínio multivariado, livre, intenso, veloz e de fácil acesso, composto de repertórios de informação sobre a esfera política, sobre as questões de Estado e sobre o estado da opinião pública, um domínio que

funciona como uma grande cena da qual toda a cidadania pode se tornar espectadora e consumidora da esfera de visibilidade pública política". (2004, p.113)

Para dar direcionamento a pesquisa, foram importantes os referenciais teóricos que reconhecem o crescimento da mídia como construtora da realidade política dentro e fora dos processos eleitorais, e que tratam das relações entre mídia e as demais instituições sociais como relações de poder. Constatamos que as mídias funcionam segundo uma dupla lógica: uma lógica econômica que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa de troca de bens de consumo; e uma lógica simbólica que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública. A lógica econômica, associada à tecnológica, é imprescindível para descrever as trocas entre as esferas sociais e a mídia, mas o que nos interessa mais especificamente neste estudo é o plano simbólico: as maneiras pelas quais as esferas que compõem uma sociedade midiacentrada regulam as trocas sociais e constroem as representações dos valores políticos e sociais, criando e manipulando signos para criar sentidos.

Um fator primordial para se entender o processo político-eleitoral é analisar a mediação propiciada pelos meios de comunicação de massa. Como resalta Manin (1995), desde o final dos anos 80 e início dos anos 90, a política vem passando por mudanças substanciais. Segundo o autor, a chamada crise de representação deve ser entendida como uma alteração nas formas de representação política. Como Manin, acreditamos estar vivenciando a transição da democracia de partido para a chamada democracia de público. A democracia de público, segundo ele, tem dois pontos cruciais: o declínio da importância dos partidos políticos em face de um crescente personalismo na política, uma vez que as campanhas passam a ser centradas nos líderes personalistas; e o papel cada vez mais acentuado da mídia, tanto como novo cenário da disputa política, e, também, como um ator político que interfere na construção da realidade. Em seu resumo clássico, Cohen diz que “a mídia pode não ser muitas vezes bem-sucedida dizendo às pessoas o que fazer, mas a mídia é incrivelmente bem sucedida dizendo à sua audiência sobre o que pensar” (1963, p.187).

Tais transformações nas estratégias midiáticas de representação da política, uma vez que suas práticas passaram a se concentrar preferencialmente no espaço televisivo, trazem à tona o debate acirrado daqueles que assumem uma visão mais crítica sobre esse imbricamento entre mídia e política. Para autores como Richard Sennett (1988), Giovanni Sartori (1989), a sociedade está diante do “fim da política”, do esvaziamento da vida pública, em face de uma crescente homogeneização dos candidatos, dos partidos e dos discursos, impulsionado principalmente pelos meios de comunicação de massa. É a era da política espetáculo, em que

os candidatos e partidos passam a ser vendidos como produtos, tendo na figura dos profissionais de *marketing* como os grandes estrategistas. Por outro lado, tal visão é questionada por outros autores, inclusive por Manin, que acredita na emergência de uma nova forma de representação política, em que a mídia tem um papel essencial. (1995).

Para sublinharmos melhor essa especificidade dentro da interface política-midiática apresentamos alguns apontamentos a respeito de estudos sobre o comportamento eleitoral e a mídia. Nos Estados Unidos, nas décadas de 1940 e 1950, estudos detectaram que, ao filtrar, estruturar e realçar determinadas atividades públicas, o conteúdo da mídia não se limitava a transmitir aquilo que os porta-vozes [dos partidos] proclamavam e aquilo que os candidatos afirmavam. Não só durante as campanhas, mas também nos intervalos entre elas, a mídia fornecia perspectivas, modelava imagens dos candidatos e dos partidos, ajudava a promover os temas sobre os quais versaria a campanha e criava a atmosfera específica e as áreas de relevância que definiriam qualquer campanha eleitoral. (LANG e LANG, 1959, In: MORAGAS, 1985, p.80).

O autor Michael Schudson analisou as mudanças ocorridas na forma narrativa da imprensa americana, e constatou que, num certo momento, os noticiários passaram a enfatizar ações e discursos do presidente da República, e obscurecer o lugar ocupado pelo Congresso. Para o autor, “o poder da mídia não reside apenas em seu poder de declarar as coisas como verdadeiras, mas em seu poder de fornecer as formas em que as declarações aparecem. As notícias em um jornal ou na televisão se relacionam com o ‘mundo real’, não apenas no conteúdo, mas na forma (...) as pessoas não vêem as notícias como acontecem, ao invés disso, elas ouvem ou lêem sobre...” (1978, p.146).

Segundo Fausto Neto, por ser um discurso público, o caráter da verdade da notícia repousa sobre a impessoalidade e a imparcialidade. Entretanto, “crenças e atitudes permanecem nos textos e caracterizam-se não somente pela personificação do narrador em afirmações do tipo ‘eu acho que’, ou ‘ouvi dizer que’, como também pela seleção e elaboração dos temas, critérios de noticiabilidade, categorias esquemáticas, estilo e palavras escolhidas para constituir a notícia” (1995, p.96). Para Veron, “a sociedade mediatizada emerge à medida que as práticas institucionais de uma sociedade midiática se transformam em profundidade porque há mídias (...) e a passagem das sociedades midiáticas para as mediatizadas expressa, na realidade, a adaptação das instituições das democracias industriais às mídias, tornando-se estas últimas as intermediárias legítimas da gestão social.” (2004, p.225).

Uma pesquisa rápida sobre o desenvolvimento do sistema midiático no revelou que a ditadura militar, imposta em 1964, interditou o processo de desenvolvimento das práticas políticas ambientadas nos meios de comunicação através da repressão e censura políticas. Mas também tomou iniciativas que visaram à integração do país, mesmo estando subordinada à ideologia da segurança nacional. Tais iniciativas buscaram fortalecer o controle e a dominação ideológica, além de desenvolver a produção e distribuição de bens culturais, sob a égide do mercado capitalista. Esse contexto possibilitou o desenvolvimento imediato de um sistema nacional e integrado de comunicações a partir de 1970.

A eleição presidencial de 1989 pode ser tomada, para efeito de demarcação de fronteiras, como episódio inaugurador das novas configurações da política e das eleições no país, devido à potência de seu caráter nacional e inovador. Em 1989, o horário eleitoral gratuito tornou-se vedete; e o eixo de campanha, associado às pesquisas, ao marketing e aos debates eleitorais. Os comícios, as passeatas, as caravanas, as carreatas e o contato direto com os eleitores também aconteceram, mas então em outra conjunção de formatos e sentidos. A interação entre a realidade e os meios de comunicação marcou com intensidade o retorno da escolha direta de um presidente da República.

A política realizada em espaços midiáticos e em televidências foi expressa pela segunda vez no Brasil nas eleições de 1994. A eleição casada, a legislação eleitoral, as novas composições partidárias² e o Plano Real, em especial, alteraram profundamente o cenário de indefinições e de possibilidades variadas que se havia aberto no período pós-*impeachment*. Tais intervenções, juntamente com outras variáveis, formaram o cenário político-eleitoral e a vitória de Fernando Henrique Cardoso (FHC). A aceitação pela mídia e o apoio incondicional ao Plano Real, que passou a ocupar e ser defendido ferozmente em toda a programação; além da milionária campanha publicitária do real, desenvolvida pelo governo, preencheram e reforçaram a adesão da mídia à candidatura de FHC.

Nas eleições de 1998, um terceiro embate eleitoral e midiático foi realizado sob a inédita situação da reeleição, em que o candidato legitimado ocupava, simultânea e ambigualmente, as posições de candidato e governante (o presidente-candidato FHC). Essa duplicidade certamente introduziu uma desigualdade, competitiva e de recursos, não desprezível no processo eleitoral. Outra condição nova trouxe a redistribuição dos horários eleitorais gratuitos, reduzindo os dias da semana dedicados à campanha presidencial. A intervenção da mídia se deu através do quase silenciamento acerca do episódio eleitoral, o que

² Com destaque para a aliança entre o Partido Social Democrata (PSDB) e Partido da Frente Liberal (PFL).

oportunizou aos cidadãos uma visão de eleição já decidida e, portanto, sem “atrações” para ser publicizada. Ao invés de informações, um profundo silenciamento sobre as eleições e as questões nacionais foi a estratégia hegemônica detectada por intelectuais da época.

Já o processo eleitoral de 2002 foi marcado pela superexposição e ampla visibilidade desde o período pré-eleitoral, quando as candidaturas ainda não estavam completamente definidas. A extensa cobertura ocorreu substancialmente em todos os meios de comunicação, sendo que, na televisão, os telejornais dobraram o tempo dedicado às reportagens políticas, e o número de debates entre os candidatos também dobrou em todas as emissoras, no primeiro e segundo turno (PEREIRA, 2004).

O pesquisador Stefan Reiser propõe a noção de interdependência ao estudar as interferências da política e da mídia na determinação de agendas e temas em instantes eleitorais, descartando explicitamente o mero domínio da política ou da mídia. Tal postura coincide com a proposição de premissas e procedimentos já escritos, nos quais se sugere que - ao invés de encarar a dominância permanente da política ou da mídia nessa relação como algo já dado de antemão - se busque através de procedimentos rigorosos e sistemáticos, investigar como essa predominância alterna-se dinamicamente. (1995, p. 165-187). É fato que a proximidade das eleições eleva o nível de tensão dentro dessa conexão, colocando os meios de comunicação na condição de ambiente por onde circulam informações que tornam as relações político-midiáticas reconhecidas pela sociedade, e permitindo seu acompanhamento. Pelo menos seis meses antes das eleições, o campo midiático reforça sua função mediadora, e passa a tratar o processo eleitoral como “critical agenda”, tornando-se efetivamente a arena de disputa entre as correntes políticas do país. É precisamente neste momento que “a política precisa mostrar sua ação, honrar os votos e ser vista, para além de suas promessas (...) e parecerá distante da realidade se não for adotada pelos medias; se não conseguir provocar pautas, câmeras, entrevistas, microfones, âncoras”. (WEBER, 1994). Segundo Maria Helena Weber, os primeiros estudos acadêmicos em comunicação e política no Brasil privilegiaram os ângulos sobre "a produção dos espetáculos políticos articulados, caracterizados por eventos políticos obrigatórios que alteram a abordagem trivial da política, como eleições, plebiscitos, CPI's, reformas constitucionais e outros." (WEBER, 2004, p.122). Atualmente, a pesquisa acadêmica tem voltado suas energias para abordagens que investiguem tais processualidades políticas na mídia baseadas nas alterações das sociabilidades, as quais se conflitam com a tradicional configuração do espaço público. Para Castells, “como a informação e a comunicação circulam primordialmente através dos sistemas diversificados dos meios (...) a política cada vez mais se encerra no espaço dos meios”. Sendo assim, as novas configurações

desse campo tendem a acompanhar e dar ênfase às inovadoras espacializações sociais, e aos novos formatos adquiridos no âmbito midiático, visto que estes dois campos sociais – mídia e política – completam-se como grandes organismos celulares que se retroalimentam inversamente de suas práticas sociais.

Acreditamos que a idéia simplista de que a mera visibilidade representa um benefício para a política, e um expediente democrático para as candidaturas carece de um sentido mais consistente. Não podemos esquecer que a mediação contemporânea da visibilidade da política não se realiza ao modo de uma plena e pura transparência. A mídia não funciona apenas como elo de intermediação (passiva) entre política e cidadãos. Por isso, é importante assinalar o papel do campo midiático de tornar as coisas públicas através da sua função mediadora da realidade dentro dos processos eleitorais.

Dando continuidade ao levantamento de conceitos e teorias para nos interarmos melhor sobre essa interface, seguimos pensadores que estudaram a mídia como lugar e ator da política contemporânea, ampliando a pluralidade de situações possíveis que necessitam de investigações aprofundadas sobre alguns aspectos das conexões entre política, mídia e sociedade. Ao investigar essas conexões, percebemos que a política não pode prescindir da comunicação por estar presa “à obrigação de retirar a sua legitimação social de decisões provenientes da esfera civil, pelo menos nos rituais eleitorais que se dão de tempos em tempos”. (GOMES, 2004, p.). E já podemos também atribuir a ela o papel central na construção dos “cenários de representação” nos quais as disputas eleitorais ocorrem. Logo, entendemos que as representações das práticas políticas oferecidas pela mídia no período pré-campanha apresentam fortes indícios que compactuam com a visão dos autores que atribuem ao sistema midiático o papel transformador das sociabilidades entre os campos sociais. Encontramos indícios estão presentes no choque diário entre a realidade e as representações oferecidas para a esfera pública pelo fluxo midiático. E esses conflitos e disputas que se dão no plano simbólico potencializam o caráter articulador e atuante dos veículos de comunicação quando os políticos e seus partidos se rendem às estratégias político-midiáticas.

Nossa intenção até o momento foi a de trazer autores que apontaram para as características do papel da mídia no jogo político, e que focalizaram a superexposição do processo eleitoral através do agendamento e enquadramento de temas referentes à disputa, aos bastidores e etc. por parte dos dispositivos de informação. Comprovamos através dessa pesquisa teórica que é nesse ambiente de *arena midiática* que se materializam as estratégias de construção da imagem pública tanto por parte dos atores políticos, quanto por parte das instancias produtoras de mensagens. E que os atores políticos enxergam os discursos

mediáticos como passionais e poderosos do ponto de vista da persuasão, e os produtores da notícia usam da arte da argumentação para conseguir do receptor apoio incondicional. Por parte desse receptor, as audiências, votos e pontos positivos no IBOPE confirmam que o público legitima, subscreve e ratifica o discurso midiático.

1.2 Especificidades do período pré-campanha

A rigor, tudo que acontece entre as eleições pode ser usado a serviço das campanhas eleitorais, mas é nos meses que antecedem esse processo que os bastidores do campo político convergem com mais força para a cena pública, quando os possíveis candidatos começam a movimentar-se dentro do cenário que antecede o período oficial de campanha. Trata-se do início do jogo eleitoral, trazendo todos os movimentos estratégicos entre os partidos, como acordos, articulações, acertos, barganhas, alianças, retaliações, composições e compensações, isto é, um verdadeiro xadrez de atividades, habilidades e princípios voltados para a composição de forças no interior desse jogo.

Durante o processo de construção do objeto de pesquisa, nos deparamos com um período de tempo ainda não especificado dentro dos estudos pesquisados. Colocado conceitualmente, o *período pré-campanha* é aquele determinado pelo cálculo dos partidos e candidatos, viabilizado pelas circunstâncias de realidade, em que as dinâmicas da disputa desencadeiam as movimentações políticas dentro da esfera midiática antes da campanha eleitoral oficial. Ou seja, compreende os processos de lançamento de candidaturas, a consolidação de alianças partidárias e o conjunto de práticas políticas que se realiza na cena pública, ou a ela se destina. As movimentações são colocadas como o “passo-a-passo” dos atores políticos no momento de preparação para as eleições, quando os pré-candidatos à presidência da República ensaiam seus discursos, tomam posições, lançam temáticas e escolhem seus aliados, tendo a mídia como palco, arena e principal mediador junto à esfera da opinião pública.

A especificidade desse recorte é construída a partir de um panorama bem geral do que é entendido por período pré-eleitoral por alguns autores. Segundo Paul Lazarsfeld, “de certo modo, as campanhas presidenciais modernas acabam antes de começar (...) As eleições decidem-se pelos acontecimentos que têm lugar em todo o período compreendido entre as duas eleições presidenciais e não pela campanha”. (1953. p.20). No sentido genérico trazido por Lazarsfeld, tudo o que ocorre no intervalo entre uma eleição e outra pode ser posto a serviço da próxima campanha. Nesse mesmo sentido, Wilson Gomes afirma que, “atualmente,

as campanhas se confundem com os mandatos, solicitando da esfera política um dispêndio subsidiário de energia. E que os mandatários não apenas governam ou legislam, mas o fazem como se estivessem o tempo todo em campanha. A campanha agora é contínua, a eleição é interminável” (GOMES, 2004, p.23). O pesquisador americano Corey Cook desenvolve uma idéia semelhante, quando se refere ao que ele chama de “campanha permanente”, pois sustenta que a visibilidade política através da mídia é a forma com que um agente político pode assegurar o reconhecimento público da sua existência, e o sucesso eleitoral depende da sua capacidade de identificar e atender percepções, disposições e opiniões da esfera pública durante todo o tempo de seu mandato, e não somente durante a campanha. (COOK, online).

Essa perspectiva panorâmica pode e deve ser recortada e problematizada, para sustentar a hipótese de que existem, dentro do intervalo entre as eleições, períodos distintos que podem ser caracterizados por suas especificidades. Inicialmente, podemos diferenciar dois períodos entre as eleições. O primeiro é o período do mandato político, com duração de quatro anos a partir do primeiro dia do ano subsequente às eleições; o segundo é a campanha eleitoral oficial, na qual o campo midiático serve tecnicamente ao campo social em evidência - o campo político - através das propagandas de partido, e de programas políticos do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, exibidos 45 dias antes do dia da eleição. Contudo, se observarmos mais atentamente ainda, podemos distinguir, entre um momento e outro, o que chamamos aqui de *período pré-campanha*, o qual possui alguns relevos que a distância panorâmica entre um processo eleitoral e outro, dita anteriormente, não nos permite identificar com muita clareza.

O início do *período pré-campanha* é caracterizado, no âmbito deste estudo, por movimentos de bastidores do jogo político, que são trazidos à cena pública com o intuito de envolver a sociedade na discussão sobre os melhores candidatos e as melhores composições partidárias, na definição das plataformas para a campanha e, por fim, mas não menos importante, na obtenção da almejada aprovação da opinião pública. Só depois serão focalizadas as estratégias de comunicação na busca de votos através do Horário Político Eleitoral dos Partidos e do Horário de Propaganda Eleitoral Gratuita (HGPE³). O começo não

³ Algumas especificidades do modelo brasileiro chegam a soar até mais como curiosidades do que como mecanismos democráticos de igualdade de acesso aos meios de comunicação (candidatos) e à informação (eleitores). Hoje, o período e o tempo de duração da propaganda eleitoral estão definidos em 45 dias com 130 minutos diários para as eleições gerais; do total, cem minutos estão divididos em dois grandes blocos, um no horário do almoço e outro à noite, no "horário nobre"; os 30 minutos restantes destinam-se aos *spots* que são distribuídos ao longo da programação diária. O período de propaganda eleitoral gratuita brasileiro é o maior tempo destinado a esse fim entre todos os países que dispõem do recurso (SCHIMITT; CARNEIRO; KUSCHNIR, online).

é claramente delimitado por uma data oficial ou um acontecimento pré-determinado como as campanhas eleitorais, que se iniciam quarenta e cinco dias antes da data da eleição. Geralmente esse período é iniciado quando passa a vigorar a lei eleitoral que proíbe a compra de espaços na mídia para a divulgação de peças publicitárias de conteúdo político, o que ocorre três meses antes do início oficial da campanha eleitoral.

Assim sendo, o *período pré-campanha* é o momento de definição de candidaturas e de formação das alianças partidárias. E, dentro da sociedade atual, uma das estratégias de viabilidade eleitoral usadas pelo campo político fundamenta-se na exposição à apreciação da opinião pública dos possíveis candidatos às eleições através da mídia. Ora, como os próprios agentes da política admitem, os índices de popularidade representam um “cacife” dos mais importantes para a imposição ou rejeição de um sujeito no interior de partidos ou de alianças. Diante disso, os espaços na mídia são disputados diariamente pelo conjunto de atores políticos que querem participar do processo eleitoral urgente, pois em política não basta apenas realizar bons acertos com partidos e agentes políticos, é preciso também “combinar” com a esfera civil, que, afinal, é quem decide.

No âmbito desta investigação, o *período pré-campanha* foi delimitado a partir de junho de 2005, com as denúncias de Roberto Jefferson e encerrado no início da campanha oficial, em julho de 2006. Esse momento sugere uma transição na natureza das movimentações políticas exigidas pelas condições de mandatário (os políticos que já detêm um mandato), para as movimentações preparatórias da campanha eleitoral propriamente dita. Assim, os atores políticos convergem seus esforços comunicativos na tentativa de comparecer mais fortemente no espaço da visibilidade pública através da superexposição proporcionada pela mídia, aproveitando a condição de processo eleitoral eminente.

Dentro desse recorte, nos pareceu importante analisar como a mídia desempenha esse papel na conformação dos cenários políticos, visto que é dentro do domínio midiático que passa a se desenvolver parte das práticas políticas, as quais estão submetidas às lógicas produtivas dos meios de comunicação que atuam nas sociedades democráticas. O que nos interessa saber é como a mídia “pesa” sobre uma sociedade em mudança, que está se tornando cada vez mais contraditória e desigual, e examinar como se inserem os grandes veículos de comunicação nesse sistema. Sabemos que não se trata mais de mera dualidade – maior ou menor poder da mídia – e sim, da passagem para uma equação mais complicada, em que a mídia se inscreve como mediadora entre as esferas sociais, e construtora das representações simbólicas em uma sociedade que precisa ser reexaminada em sua complexidade.

Com esta pesquisa, queremos observar como a instância midiática se locomove em um campo de forças sociais, reunindo política e sociedade, e inserindo-as em uma circunstância histórico-social mais abrangente, a qual dá sentido e poderes a essa tensa conexão por serem conflituosas e complementares. Entendemos que é o uso das instâncias pragmáticas de construção do discurso midiático que confere enquadramentos aos atores políticos e sociais, e direciona grande parte de seus movimentos principalmente nos processos eleitorais. Observando as relações entre mídia e política no período que antecedeu a propaganda política oficial, encontramos algumas das características do *período pré-campanha*:

1.2.1 Ausência de publicidade

Podemos afirmar que o período pré-campanha é um período propriamente não-publicitário porque a estruturação das mensagens provenientes do campo político difere da estruturação das mensagens publicitárias convencionais. Ou seja, quando se trata de mensagens publicitárias, algumas proposições são pré-estabelecidas e formuladas com base em linhas discursivas já prontas, específicas para atingir determinado público-alvo. Nesse período, as propagandas políticas são proibidas, logo, o que resta para os atores políticos são os espaços de visibilidade presentes na mídia informativa. O problema não se resume às questões condicionais do tipo “queremos votos, por isso precisamos de visibilidade”, como na campanha propriamente dita; mas, sim, que tipo de visibilidade é necessário para se construir uma opinião pública favorável a uma candidatura, ou a uma idéia, momentos antes das eleições. O voto em si é um objetivo expressamente de campanha, que tem na propaganda política oficial a principal ferramenta para atingi-lo.

1.2.2 Produção de fatos políticos “a toque de caixa”

Logo, as movimentações políticas não só precisam ser divulgadas nessa fase, como também compõem com destaque o conteúdo noticioso dos veículos de comunicação. Isso significa que, nesse período, a esfera política depende da esfera midiática para estabelecer uma comunicação com a sociedade. Os movimentos desse jogo passam a ser construídos e submetidos às lógicas do campo jornalístico, onde só circulam matérias e conteúdos organizados segundo os códigos e gramáticas, característicos das instituições midiáticas que as controlam. Para que alcancem o máximo de cobertura da imprensa, as movimentações do campo político devem se dar a “golpes de atualidade” exigidos pelo imediatismo midiático, pois o que parece extremamente importante na política hoje pode desaparecer em função do drama seguinte. Fatos, pessoas e eventos podem preencher semanas de noticiários, mas

voltam ao limbo assim que deixam de captar a atenção da audiência. As gramáticas produtivas e as estratégias discursivas de construção dessas notícias contribuem na forma de mensagens midiáticas para a formação da opinião pública e, por conseguinte, nas decisões voltadas para o futuro da campanha.

1.2.3 Credibilidade da mídia

Outra característica dessa relação é o fato de que a audiência concede graus de credibilidade muito diferenciados às mensagens que se apresentam em discursos publicitários, e aquelas que se apresentam no interior do discurso jornalístico, a favor, naturalmente, do segundo tipo. A audiência sabe quando o campo midiático está a serviço do campo político por imposição legal, e demonstra depositar mais a sua confiança nas mensagens provenientes do jornalismo do que nas mensagens provenientes do campo publicitário (GOMES, 2004, p.59). Esta perspectiva fortalece ainda mais o campo jornalístico no momento da *não-publicidade*, que se torna, por contraste, um período essencialmente jornalístico.

1.3 Relações entre esfera política e esfera midiática no período pré-campanha

De posse de conceitos que estabeleceram os parâmetros iniciais para o recorte teórico e o recorte empírico da pesquisa, passamos a procurar indícios da relação entre o campo midiático e o campo político nesse período específico, e que pudessem ser observados e analisados dentro do âmbito do mestrado.

Primeiramente, queremos adotar como premissa a conclusão de que nas sociedades em que se formaram as indústrias da informação, o campo jornalístico instituiu-se como um campo central de resistência, difícil de dobrar-se aos interesses políticos ou econômicos da esfera política. Ele filtra, seleciona e publiciza as movimentações dos atores do campo político, que durante esse período, só chegam à esfera pública através da imprensa. E com o surgimento dos diversos dispositivos de comunicação e diferentes modos de realização do jornalismo, o campo político se viu capaz de astúcias antes não imaginadas para produzir fatos e mensagens que superem os filtros selecionadores.

A circunstância de midiatização da política, e a conformação de vários tipos de cobertura jornalística fazem a superexposição do tema eleições, potencializando as tensões entre os agentes dos dois campos. A combinação desses elementos provoca a evidenciação das movimentações políticas, que tem por objetivo produzir fatos e acontecimentos a toque de caixa, já que se destinam basicamente à captura de visibilidade. Em alguns dos casos, é

visível o desrespeito a alguns princípios básicos que fundamentam a pragmática do discurso jornalístico, baseando-se apenas em formas extremas de espetáculo.

Depois, comprovamos que já é evidente a importância do campo jornalístico nesse período, onde ele é usado como principal dispositivo informacional e de visibilidade pelos atores políticos nos meses que antecedem o processo eleitoral. Mesmo quando passa a vigorar o HGPE (Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral) como a arena oficial de disputas - o famoso “palanque eletrônico”- o campo jornalístico, mais do que nunca, atua paralelamente à propaganda política oficial, noticiando sobre todos os passos dos candidatos e seus partidos em suas campanhas pelo Brasil afora. Todos os telejornais enfocam “o dia” dos candidatos a presidente em matérias detalhadas, e geralmente articuladas com o panorama político e econômico do país. A imprensa escrita e televisada são a principal arena onde se movimentam as peças do jogo antes da campanha oficial. E o vínculo noticioso com o campo político, que já existe regularmente, é potencializado em virtude da proximidade do processo eleitoral.

Dentro desse quadro, é natural que as movimentações do período pré-campanha sejam movidas por determinadas lógicas midiáticas, que pautam seus discursos e movimentações. Dificilmente se pode isolar as competições eleitorais do jogo político regular, mas, e nesse momento específico que as estratégias de construção de imagens midiáticas estão sendo testadas, aplicadas e praticadas. É o *apogeu* do marketing político eleitoral, mesmo afastado dos formatos da publicidade e da propaganda política. É a realização do estrategismo político, ligado às esferas midiáticas pela prática jornalística, transformando o *período pré-campanha* no grande palco, livre de horários e regulamentações eleitorais onde os personagens políticos podem ensaiar seus discursos e posturas perante a esfera pública para o espetáculo das eleições. Essa disputa se dá mediante alguns aspectos que devem ser ressaltados aqui para garantir um tensionamento mais abrangente da realidade empírica junto à ambivalência da interface comunicação e política.

Em primeiro lugar, é importante assinalar o assédio do campo jornalístico pelo campo da política durante o período *pré-campanha*, visto que o primeiro faz parte do cálculo das negociações políticas como um dos fatores pontuais, o que deve somar forças ao projeto de cada partido e/ou candidato. Por exemplo, a compreensão do *modus operandi* do campo jornalístico em relação à cobertura política é fundamental para que o partido e/ou candidato possa explorar em seu favor as rotinas adotadas pelos profissionais do jornalismo, e funcionar como fontes de notícias tirando vantagens disso. O agente político que detém essa capacidade, além de adequar-se o mais cedo possível aos códigos e gramáticas dominantes na comunicação de massa, que também são os códigos e gramáticas das audiências, já aumenta

suas possibilidades de sair na frente nas primeiras pesquisas de intenção de voto, mesmo que todas as candidaturas não estejam postas, nem as ligações estejam fechadas.

Em segundo lugar, o caráter dessa exposição para a esfera pública deve ser muito bem planejado e articulado pelos atores políticos, pois esse campo é, por natureza, implacável face ao campo político. E, em geral, produzem a cobertura jornalística da política vinculada aos interesses não só da esfera civil, mas das empresas de comunicação, e às lógicas produtivas do campo (e que não se confundem com as lógicas do campo político). Ele está voltado para revelar sobre a esfera política aquilo que ela mesma nem sempre gostaria de trazer a público. Em contrapartida, os atores políticos, principais interessados em gerar índices positivos nas pesquisas de opinião, arregimentam profissionais do próprio campo jornalístico para gerar informações destinadas a produzir efeitos positivos na audiência. Os chamados consultores, assessores, de imprensa, marketeiros, etc. são profissionais que, por serem originários do próprio campo jornalístico, tornam-se fundamentais no “trato com a mídia” (*mídia handling skills*)(GOMES, 2004, p. 121).

Durante o período *pré-campanha*, o gerenciamento positivo dessa interação entre os dois sistemas é fundamental para se chegar à campanha com condições positivas de disputa além dos seus adversários. Em outras palavras, o candidato precisa se fazer conhecer como candidato pela opinião pública, e essa exposição deve ser estrategicamente calculada, pois exige o tempo necessário para o candidato ser conhecido pelo eleitorado, considerando também que essa exposição não deve ser exagerada para não gerar condições negativas de visibilidade.

Em terceiro lugar, a condição de imediatismo midiático relativiza o valor das notícias sobre política, dando a elas um peso simbólico de “venda”. Ora, se apenas o campo jornalístico é o único autorizado por lei a falar e informar sobre a esfera política e eleitoral, tudo o que ele diz, no espaço da mídia, repercute na esfera pública, e em segundo plano, nos bastidores da *pré-campanha*. O campo do jornalismo se estabelece nesse período como o grande negociador dos espaços na mídia que possibilitam as condições de visibilidade do campo político para a esfera pública. Nada nem ninguém passam despercebidos pela mídia durante o período pré-eleitoral⁴, e esse predomínio só não incomodava quando ele não existia. Em processos eleitorais anteriores, quando os meios de comunicação estavam subordinados aos interesses do campo político, o controle da imagem pública estava em poder dos políticos. Mas hoje, nos países onde se formaram indústrias culturais e da informação e onde se

⁴ Quando os autores falam em período pré-eleitoral, falam de um período vago, que abrange o tempo entre as eleições, diferentemente do período que aqui se denomina de *pré-campanha*.

constituiu um campo jornalístico relativamente independente, a esfera política passou a lidar com a comunicação de massa de dois modos: ou de maneira semelhante ao mundo do espetáculo, a saber, estruturando-se conforme a lógica operante nesses ambientes; ou de maneira semelhante àquela adotada pela esfera econômica, isto é, como anunciante. (GOMES, 2004, p.66).

Diante dessas descobertas entendemos que, no âmbito desta pesquisa, o primeiro tipo de relação é que interessa, já que o campo jornalístico é o único dispositivo de visibilidade durante o *período pré-campanha*, sendo no interior da sua prática diária que se dá a maior parte do embate entre as forças políticas. Sendo assim, percebemos que a escolha de um dispositivo informacional dentro do ambiente midiático que expusesse de forma palpável todas essas características seria o próximo a ser dado pela pesquisa.

2 TELEJORNAL E INFORMAÇÃO POLITICA

2.1 Força da televisão nos processos eleitorais

Para quem nasceu depois dos anos 50, é fato que nas sociedades atuais, a televisão é o grande fio que nos conecta ao mundo, à aldeia global. É sempre adequado reforçar que o objetivo do sistema de informação midiática é abrir os horizontes de cada um, dando a conhecer diferentes pontos de vista e oferecendo diversos esclarecimentos. As questões relativas às atividades sociais são oferecidas em blocos de saber disponíveis para a maioria, através de uma infinidade de canais de informação. Nesse quadro, a televisão ocupa um lugar de destaque no universo simbólico do cidadão comum, tornando-se “uma forma de laço social, na medida em que, ao assistir um programa, eu sei que os outros também estão assistindo e eles mesmos sabem que eu o estou olhando”. (WOLTON, 1996, p.138).

Para Wolton, a televisão, embora lhe falte prestígio, desfruta de inegável sucesso popular, pois ela desempenha um papel essencial no espaço público contemporâneo: o de "laço social". Não se trata de negar a centralidade da imagem, mas de recusar uma visão da televisão como sendo "manipuladora de consciência". Wolton mostra que o sucesso da televisão reside em outros fatores que não só a transmissão de imagens, mas principalmente na relação singular que ela estabelece, a partir da programação, com o "grande público".

Assim, se, temos uma variada oferta de imagens; por outro lado, temos um telespectador ativo e inteligente que sabe que nela encontrará informação, igualdade e diversão e que, por isso, articula recursos na seleção e interpretação dessas imagens. Como apontou Wolton, as características desse processo de comunicação encerram inúmeras contradições e apresentam grandes limitações: o que importa, de tudo isso, é resgatar a possibilidade de sua dimensão democrática.

Dentro desse panorama, queremos destacar que a forma como a televisão relaciona-se com a política nos processos eleitorais, não está dada *a priori*; ou seja, ela não é necessariamente negativa nem positiva, e essa relação poderá ser mais ou menos democrática, dependendo do contexto político do país naquele momento.

Com base em uma ampla gama de estudos nacionais (tais como STRAUBHAAR, et.al, 1991; AVELAR, 1992; PORTO, 1996; VIDAL, 1998) e internacionais (tais como SKIDMORE, 1993; WOLTON, 1996), podemos considerar a televisão como uma das

principais fontes de informação política na contemporaneidade. "A dominância da televisão enquanto fonte de informação política dentre os meios de massa foi confirmada por um *survey* com amostra nacional de 2680 entrevistados, realizado em outubro de 1989 pelo IBOPE" (STRAUBHAAR, *et. al.*, 1991, p.50). A pesquisa "Cultura política e consolidação democrática", realizada pelo Cedec/DataFolha/USP em 1994, verificou que 86% (1989) e 89% (1990) dos entrevistados declaravam tomar ciência dos acontecimentos políticos pela televisão. (BALBACHEVSKY, E.; HOLZHACKER, D.O., online)

Com base nesses estudos, podemos dizer que a televisão passou a ocupar uma função mediadora importante por se configurar num dos principais *locus* da disputa política, sendo nos dias de hoje o mais abrangente meio eletrônico de comunicação de massa. Ela ganhou centralidade na campanha em relação às ruas, e também passou a ser um espaço social (ainda que eletrônico) de produção de fatos político-eleitorais essenciais para a campanha e autonomizados frente aos acontecimentos de rua. Pesquisas realizadas em 1989 e 1990, com amostragem nacional, já indicavam que 86% a 89% dos entrevistados, respectivamente, tomavam conhecimento dos acontecimentos políticos pela televisão.

A televisão, através de seu noticiário e outros programas de grande audiência, como as telenovelas, agendou temas que se tornaram centrais em varias eleições, como aqueles referentes à desqualificação dos políticos, do Estado e dos servidores públicos, emblematicamente simbolizadas na tematização dos "marajás". E podemos citar também intervenções mais sérias dentro desse processo eleitoral específico, como o seqüestro do empresário Abílio Diniz, em que os seqüestradores foram mostrados na TV vestindo camisetas da campanha de Lula, e a edição realizada pelo Jornal Nacional do último debate entre Collor e Lula. Tais intervenções da mídia colocaram a conformação de uma situação de idade mídia no Brasil capaz de alterar o rumo das disputas, e de constituir novas condições e circunstâncias de embate eleitoral. Além disso, caracterizaram a participação da mídia como um ator político com ampliada potência política no seu poder de publicizar e de silenciar, e seu intenso impacto em uma sociabilidade envolvida pela mídia.

Com a retomada das eleições diretas no Brasil, a partir de 1982, as pesquisas sobre o papel e a importância da televisão na política, em especial na determinação das preferências dos eleitores pelos candidatos, apresentaram variadas formas de abordagem, desde as que consideram a mídia mera coadjuvante do processo eleitoral, até as que atribuem a ela o papel de participante ativa na construção dos cenários eleitorais. Para o desenvolvimento desta discussão foram fundamentais os conceitos que demonstram como a mídia, através dos processos de construção de significação de suas mensagens, tem desempenhado um

significativo papel eleitoral em um país subdesenvolvido, que já se encontra estruturado em rede e vivendo uma situação de *sociedade midiacentrada*.

Nos últimos 50 anos, a televisão privada brasileira desempenhou um papel inegavelmente compensatório em relação à instituição estatal, e à sociedade civil. Esse papel compensatório, progressivamente, transformou-se em papel central, amplamente legitimado histórico e culturalmente por todos os segmentos sociais. Hoje, a instância midiática televisiva ocupa um lugar de 'intelectual orgânico' na sociedade brasileira, não deixando de ter certa relação com a crise real de outros intelectuais coletivos. As pesquisas de audiência nos autorizam a afirmar que a televisão se constitui, desde os anos 70, na principal mídia no Brasil. Em 1980, já existiam, no Brasil, 235 emissoras de televisão, 25 milhões de aparelhos, cinco emissoras nacionais e 94% da população já era potencialmente por ela atingida⁵. As pesquisas feitas no período de julho/setembro de 1989, nas seis principais regiões metropolitanas do país, indicaram que a Rede Globo mantinha uma participação média na audiência superior a 59% em qualquer horário e 84% no horário entre 20 e 22 horas, o chamado “horário nobre”. (Imprensa, n°26).

Em se tratando de campanhas eleitorais, podemos dizer que, de forma ampla, elas representam momentos de grande aumento da circulação de informações políticas que, tornadas públicas, podem ser levadas em consideração pelo eleitor no processo de decisão do seu voto (HOLBROOK, 1996). Já foi comprovado que o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE)⁶, veiculado em emissoras de rádio e televisão durante as campanhas eleitorais, “é o dispositivo informacional onde boa parte do eleitorado toma conhecimento dos candidatos e decide em quem votar. Dentro da realidade brasileira, a intervenção da mídia nos pleitos presidenciais tem deixado marcas profundas em nosso imaginário social e demonstrado como a televisão desempenha um significativo papel político e eleitoral, em especial depois do período pós-ditadura.

Dentre os tantos fatores explicativos que evidenciam a interface processo eleitoral / influência midiática, cabe ressaltar algumas situações em que o comportamento da mídia se tornou mais explícito. Na última eleição para presidente, em 2002, Duda Mendonça consagrou-se como um dos “*marketeiros*” mais renomados, sobretudo depois do sucesso alcançado por ele e seu candidato. Seis meses antes das eleições, em um seminário promovido

⁵ Dados retirados de: NICOLAU, JAIRO MARCONI. (2000), “DISCIPLINA PARTIDÁRIA E BASE PARLAMENTAR NA CÂMARA DOS DEPUTADOS NO PRIMEIRO GOVERNO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (1995-1998)”. DADOS, VOL. 43, N. 4, P. 709-735.

pela PUC-RS, ele enfatizou diversas vezes que a principal preocupação na disputa eleitoral seria o comportamento da mídia, e essa atenção à mídia como ator importante na disputa eleitoral não era de modo algum desmotivada.

Todos sabem o quanto as atuações da mídia têm sido marcantes, e com certeza ainda devem lembrar a emblemática e explícita intervenção da Rede Globo em favor do candidato Collor de Melo e das acintosas manipulações na eleição de 1989. É fácil recordar também o alinhamento da quase totalidade da mídia brasileira no pleito de 1994, ao assumir e fazer a propaganda, gratuita e paga, do Plano Real, passaporte de Fernando Henrique Cardoso (FHC) para a vitória presidencial; e mesmo o silenciamento deliberado da eleição de 1998, quando FHC reelegeu-se em uma disputa que quase não existiu, inclusive na mídia, deixando exposta uma convergência de interesses entre o governo e as empresas de comunicação midiática. (RUBIM, 1999).

Mais recentemente, a candidatura do “tucano” José Serra em 2002, do partido do ex-presidente FHC, não recebeu o apoio de boa parte da base de sustentação do governo tucano. E o PT, assessorado pelo publicitário Duda Mendonça, passou por significativas mudanças depois de 1998, o que levou o candidato Luiz Inácio Lula da Silva à vitória em 2002. Ainda que não tenhamos achado uma pesquisa mais substantiva, pareceu-nos que a cobertura jornalística não se concentrou nos programas dos candidatos, na sua trajetória político-partidária, nas suas realizações ou no perfil das coligações, mas sim naquilo que os candidatos não gostariam de expor. Ou seja, a superexposição transformou-se rapidamente em escândalos que buscavam persistentemente indícios de imoralidade dos atores, mostrando uma política destituída de virtude quase como uma extensão moral.

Ao analisarmos todos esses exemplos, concluímos que por não ser considerada, propriamente, protagonista da realidade, a mídia, e nela a televisão, pode atuar de acordo com suas próprias regras, no comando do jogo de construção da realidade social⁷. Como instância mediadora entre produção e recepção, circunscrita, é claro, num contexto físico, histórico e cultural, ela assume a função de um aparelho de produção de bens simbólicos que, segundo Bourdieu, "constituem realidades com dupla face - mercadorias e significações" (1999, p.102). A informação como um bem simbólico permite tratar como troca simbólica a relação entre enunciadores e enunciatários, em que o espaço da subjetividade é que lhe dá sentido e que a conecta a uma realidade. Esse espaço constitui-se naquilo que diversos autores chamam

⁷ Em sua obra *Making News*, Gaye Tuchman aponta uma ideologia dominante que faz com que certas ocorrências pareçam no campo da informação, enquanto outras são afastadas do mesmo campo. Segundo ele, uma moldura arbitrária é aplicada sobre a realidade.

de "pacto entre produção e recepção", lugar em que desejos e expectativas são compartilhados entre produtores e telespectadores e em que se estabelecem relações, segundo regras que regem esse encontro e finalidades a serem aí buscadas (CAPPARELLI; LIMA, 2004, p. 97). Esse pacto, também chamado de *contrato*, não deve ser entendido como local neutro, de igualdade de forças, mas, ao contrário, como local em que a manipulação e a postulação de valores se efetivam.

Logo, entendemos que entre a televisão e seus espectadores existe um círculo de interação, e que o resultado dessas interações é a junção dos variados discursos, que estão baseados nas construções simbólicas da realidade oferecidas pela mídia, e que compõe o discurso social. E no período em questão para essa pesquisa, as construções simbólicas oferecidas pela televisão sobre o campo político influenciam de forma definitiva na formação da opinião pública, sugerindo interpretações sobre os temas ligados ao processo eleitoral eminente.

2.2 Discurso telejornalístico e formação do discurso social

Dentro do ambiente informacional por onde circula o discurso midiático, selecionamos o gênero informativo telejornal pela sua destacada importância como um dos principais modos de organização do cotidiano. E que ocorre através da articulação das redes de significação e percepção da ordem social no interior de seus conteúdos noticiosos.

Acreditamos que o cidadão de hoje, além das justificativas racionais que precisa para suas ações, também é obrigado a desenvolver justificativas discursivas que devem estar dentro de um conjunto de imagens e valorações as quais se organizam naquilo que Stuart Hall (1980) chamou de "significados dominantes e preferenciais". O dia-a-dia do homem comum é pautado pela preocupação em obter informações, assim, o conteúdo dos telejornais vem ao encontro da necessidade do receptor, seguida da satisfação experimentada ao informar-se sobre a sua realidade social. Essa afirmativa nos remete à teoria dos usos e gratificações, em que a mídia televisual só se torna eficaz quando o próprio receptor lhe atribui tal eficácia, baseando-se precisamente na satisfação de necessidades. Essa procura de informações pelo telespectador visa principalmente ao esclarecimento do emaranhado de acontecimentos diários, da forma mais simples e pedagógica possível. Logo, podemos afirmar que quanto mais o telejornalismo utiliza mecanismos cognitivos de fácil assimilação para construir as notícias, maior a probabilidade de influir na escolha da explicação mais plausível para determinada opinião.

No âmbito desta pesquisa, o telejornal se constitui como gênero informativo importante de constituição desse discurso final, na medida em que ele faz uso dessas operações enunciativas para organizar a realidade material fragmentada pelas circunstâncias de tempo, espaço e realidade, além de interferir nas condições de entendimento dessa realidade. Assim sendo, ele corresponde a uma espécie de tomada de posição, a uma instância que estrutura o valor do dito, em que as mensagens ganham formas de acontecimentos, *status* de realidade, segundo lógicas específicas. E a sua significação se dá em função do contexto cognitivo ou sociocultural do processo de interpretação. (WOLTON, 1990).

É importante ressaltar que os indícios de ordem prática (pesquisas, índices de audiência, etc.) indicam que um mesmo telejornal pode ser entendido de maneiras diferentes por diversas comunidades de telespectadores em função de seus valores, ideologias e estratégias perceptivas ou cognitivas. E que, por mais completo de sentidos que seja um discurso telejornalístico, existe sempre a possibilidade de entendimentos ambíguos de sua forma significativa.

A presente investigação voltou-se para o papel dos telejornais na construção do discurso social devido à natureza informativa desse meio, especializada em um consumo qualificado e diversificado de informações políticas. Além disso, dado o formato dinâmico e diário e a utilização de mecanismos cognitivos comuns, o telespectador recorre a ele no momento de construir explicações políticas. Para a maioria das pessoas, os telejornais trazem as principais informações sobre o cotidiano do mundo, o desempenho da economia, a situação do governo, a movimentação dos atores políticos, a vida dos artistas, o cotidiano do homem comum, entre outras coisas. Calcula-se que apenas os telejornais da noite (TV Record, TV Bandeirantes, TV Globo, SBT e TVE) atinjam a audiência acumulada de 50 milhões de pessoas (IBOPE, 2005).

Tais considerações reforçam a condição dos telejornais como uma das principais fontes de informação para a construção do discurso político do cidadão comum, visto que, no momento em que as pessoas “assistem ao jornal”, passam a ser consumidoras das informações, ressaltando essa necessidade em meio a todas as outras do seu cotidiano. Essa troca entre o sujeito que informa e o sujeito que recebe a informação e o que chamamos aqui de “enunciação telejornalística”.

2.3 Características do processo de construção da enunciação telejornalística

A esta altura da pesquisa, começamos a definir alguns dos elementos e ferramentas que serviriam para compor o processo de análise do objeto empírico. Para iniciar esta etapa, partimos da premissa que diz que o telejornal, ao eleger certos fatos, direcionar certas interpretações e nomear acontecimentos pode banalizar questões, neutralizar debates, embutir valores e propor posturas ideológicas que ratificam ou contestam o senso comum, e que formam o desenho do espaço social. No plano discursivo, ele constitui-se como um dispositivo enunciacional, que organiza, seleciona e tematiza as questões cotidianas que envolvem as práticas contidas no espaço social. E para definir esse espaço, partimos da afirmação de que “o espaço social é uma realidade empírica compósita e não homogênea que depende, para a sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem, para torná-lo inteligível”. (CHARAUDEAU, 2006a p.131),

Em seguida, estabelecemos que o discurso telejornalístico, nas suas mais variadas formas, assume nas sociedades modernas a função de estabelecer os vínculos individuais de cada cidadão com a sua coletividade, dando a ele a percepção do mundo através do que convencionalmente chamamos de *notícias*. Propomos chamar de notícia à “um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático, tendo caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado. A notícia é tratada aqui sob uma forma discursiva que consiste em: descrever o que se passou, reportar as reações e analisar os fatos”. (Ibidem, p.132). Para esta pesquisa, as notícias funcionam como unidades discursivas que anunciam os fatos da realidade, as quais são distribuídas em rubricas de acordo com o tipo da informação, e construídas através do uso de estratégias discursivas.

Encontramos estudos que diziam que, de uma maneira geral, podemos diferenciar as estratégias de construção da notícia a partir das duas visões mais presentes nos estudos consultados: a que defende a notícia como um espelho da realidade, e aquela que a concebe como uma construção social da realidade. Partindo da segunda concepção, Gaye Tuchman (1983), tendo como pressuposto a concepção sociológica dos atores sociais, argumenta que, por um lado, a sociedade ajuda a formar a consciência e, por outro, mediante uma apreensão intencional dos fenômenos do mundo social compartilhado, os homens e as mulheres constroem e constituem os fenômenos sociais coletivamente. Segundo o autor, cada uma dessas perspectivas, ao atuarem sobre os atores sociais, determina uma abordagem diferente da notícia. Tuchman defende que a notícia não espelha a realidade e, sim, ajuda a constituí-la

como um fenômeno social compartilhado, uma vez que o processo de definir um acontecimento dá forma a esse acontecimento.

Diante disso, reconhecemos que a notícia em si está permanentemente definindo e redefinindo fenômenos sociais, e que as estratégias discursivas usadas em sua construção carregam uma dupla responsabilidade: (1) selecionar e organizar os fragmentos do cotidiano que definem essa realidade; e (2) servir de ponto de partida da cadeia ininterrupta de redefinição dessa mesma realidade construída por ela inicialmente. Essas afirmações conduzem nosso raciocínio na busca de duas direções importantes: primeiro, definir o “lugar de fala” ocupado pelos telejornais como selecionadores dos acontecimentos que compõe o contexto social (nível macroestrutural); e segundo, desvelar as estratégias e operações discursivas que fazem o discurso telejornalístico funcionar dentro desse contexto (nível microestrutural).

2.3.1 Níveis de construção da notícia telejornalística

As condições macroestruturantes que definem o discurso telejornalístico estão subordinadas às questões de realidade, tempo e espaço. Ou seja, o telejornal seleciona em meio a uma realidade não homogênea um acontecimento, que é nomeado, traduzido e publicizado através de um discurso que recebe a denominação de notícia. Este processo de seleção, nomeação e construção discursiva do acontecimento é conformado pelas condições inseridas num contexto macroestruturante político, econômico e social.

Iniciamos a discussão pelo nível macroestrutural, ou seja, do nível da enunciação, definindo o lugar de fala dos telejornais como discursos construídos pela instância midiática, configurados como um dos modos de dizer sobre as questões que permeiam o espaço público. Este nível compreende as primeiras operações de seleção e tematização dentro do processo de construção da notícia. Segundo Charaudeau, o processo de tematização deve ser considerado sob dois aspectos: em sua origem (busca e seleção dos acontecimentos), e em seu término (modos de apresentação da notícia). No primeiro momento, a instância midiática *filtra* dentro dos domínios das atividades sociais os acontecimentos relevantes através de estratégias de seleção dos fatos, que podem variar de acordo com o dispositivo e o tipo de discurso. Podem-se distinguir essencialmente três domínios de atividade de onde são extraídos os acontecimentos: o domínio das atividades políticas, o domínio das atividades cidadãs, e o domínio das atividades civis. No caso desta pesquisa, focamos nosso interesse nas ações realizadas no domínio da atividade política, onde se situam aqueles que participam da cena

política, partidos, (prováveis) candidatos, eleitores e outros representantes considerados importantes em suas praxiologias.

O processo de seleção acontece inicialmente pelo modo de aparição dos acontecimentos, que divide os acontecimentos em: factuais (aqueles que surgem com um caráter inesperado), programados (pela existência de um calendário que pontua a organização social) e suscitados (aqueles que são preparados, provocados por tal ou qual setor institucional). O critério de relevância se constrói principalmente sobre a capacidade que o fato tem de provocar sentimentos e reações no público, ou seja, o fator “espetáculo” é usado como elemento fundamental na seleção e construção da notícia.

Aqui, encontramos a base teórica para formular um princípio organizador que permitisse realizar separações no contexto empírico de acordo com a pontualidade de temas políticos que fizeram parte do contexto social geral. A recorrência de alguns temas em detrimento de outros indicou uma múltipla potencialidade de alguns assuntos e de seus protagonistas, implicando diretamente na conformação do quadro da pré-campanha. Essa clivagem resultou em eixos temáticos que continham os acontecimentos mais noticiados pelos telejornais, e que nortearam o processo de escolha dos pré-candidatos devido à importância de seus conteúdos e o grau de envolvimento de seus protagonistas com o desenrolar dos fatos.

Seguindo o processo de transformação do fato real em notícia, que depois de passar primeiro pela seleção e inserção nas rubricas temáticas, segue, num segundo momento, para o processo de adequação às gramáticas discursivas do dispositivo, que o dotam de efeitos de sentido. É o que chamamos aqui de nível microestrutural, ou seja, o nível de construção do enunciado. Para Fausto Neto, o jornalismo é servido pela língua, códigos e regras do campo das linguagens, para, no trabalho da enunciação, produzir discursos. Em outras palavras, o jornalismo tem uma dimensão simbólica. (FAUSTO NETO, 1991). Embora o autor esteja se referindo especificamente ao discurso jornalístico, podemos dizer que o telejornalismo também está revestido dessa mesma característica, já que um telejornal, ao falar sobre os acontecimentos, traz, além do conteúdo do seu discurso, a dimensão simbólica do seu lugar de fala como ator social. Ressaltamos esta afirmação para reforçar a condição do discurso telejornalístico como um dos elementos que compõe o arcabouço simbólico responsável pela conformação do discurso social, a famosa opinião pública.

Logo, encontramos o grande desafio: encarar o discurso telejornalístico na sua forma significante, e não apenas como um simples dispositivo de reflexão dos acontecimentos. Ao analisarmos o conjunto de processos que perfazem a construção da notícia confirmamos a noção defendida pelos estudiosos dos discursos midiáticos de que o telejornal filtra, opera e

organiza os discursos vindos de outros campos, recriando suas formas significantes através de suas gramáticas produtivas, e transformando a realidade em discurso social.

Em se tratando de desvelar as processualidades que compõe o discurso telejornalístico, entendemos que um telejornal para construir uma notícia usa marcas discursivas complexas, envolve vários enunciadores, diferentes entonações e múltiplos níveis de dramaticidade, entre outras linguagens que ajudam no processo de reconstrução do real, determinando seu lugar no enunciado global. Entre elas, queremos destacar a imagem, que materializa o acontecimento através do discurso visual, ancorando ou monitorando o discurso verbal. A imagem é tratada como forma da expressão conversível em forma do conteúdo, que projeta valores e suscita sensações no telespectador. Essas marcas enunciativas podem vir manifestadas por outras substâncias da expressão, como tom de voz, expressão facial, postura do corpo, sonoplastia (sons ambiente, música de fundo) e todos os recursos técnicos da televisão(DINIZ, 2004, CD ROOM).

Colocando de forma simples, a mecânica de construção discursiva do telejornal como gênero informativo opera a partir de três movimentos básicos:

- Relatar o que acontece ou aconteceu no espaço público, construindo um espaço de mediação que chamamos de “acontecimento relatado”. Tal acontecimento é constituído por fatos e ações dos atores que aí se acham implicados. Essa construção se dá em um nível textual, onde a prioridade é informar para o receptor a essência dos fatos, reconstituindo o acontecimento através da proposição de um roteiro narrativo.
- Comentar o porquê e o como do acontecimento relatado por análises e pontos de vista diversos, e justificar eventualmente seus próprios posicionamentos. A explicação dada pode incidir tanto sobre o fato relatado quando sobre o dito relatado. É o que chamamos de “acontecimento comentado”, onde o interlocutor realiza propriamente sua função no nível discursivo, narrando o acontecimento a partir do seu ponto de vista, e incidindo subjetivações através de seus comentários, expressões e entonações.
- Provocar o confronto de idéias, com o auxílio de diferentes dispositivos, tais como as tribunas de opinião, entrevistas ou comentários para contribuir para a deliberação social. É o que chamamos de “acontecimento provocado”. Aqui é onde se encontra o nível mais subjetivo do relato telejornalístico, já que o dispositivo informacional sai do lugar de mediador para colocar-se no lugar ator social.

Até aqui, estabelecemos os instrumentos para compor um mecanismo de análise do conteúdo temático do objeto empírico, a partir do dispositivo informacional telejornal. Na sequência, e já conscientes de que os processos de recorte e tematização do espaço social realizados pela mídia provocam reações nas instâncias públicas representadas em seus discursos, e que a instância midiática não pode ignorar que existe uma verdadeira dialética entre a descrição inicial do acontecimento e as reações que tal descrição suscita - já que a instância da recepção, à qual se dirige o discurso detém a qualidade de ator participante da vida pública – fomos em busca de explicações para algumas das processualidades que compõe essa relação dialética, concentrado na função primordial do telejornal, que é a de *relatar acontecimentos*.

2.3.2 Níveis de enunciação telejornalística e suas operações narrativas

Encontramos em meio aos estudos de análise discursiva oriundos da escola francesa, as proposições de Patrick Charaudeau. Para ele o acontecimento relatado por um telejornal é um reflexo do que acontece no espaço público, que se transforma em objeto das racionalizações operadas pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores comandadas pelos dispositivos de informação, e que dão origem as narrativas midiáticas as quais estamos convencidos a chamar de “notícias”. Ele classifica os acontecimentos em *fatos e ditos*, onde os fatos relatados são objetos de uma descrição explicativa do acontecimento em si e das reações provocadas por ele, e os ditos relatados são produtos do ato de enunciação pelo qual um locutor relata o que foi dito por um outro, dirigindo-se a um interlocutor que, em princípio, não é aquele que originou o enunciado, e sim a um receptor. Em seus estudos, ele especifica as operações encadeadas pelos dois sistemas de relato, nas quais o acontecimento deve ser transformado em narrativa midiática através de escolhas efetuadas a partir de uma série de roteiros possíveis.

2.3.2.1 Níveis de enunciação

Para Charaudeau transformação de um fato em narrativa midiática implica nas seguintes operações:

a) Descrição ou nível textual: é a construção de uma “diegese narrativa” que pode estar colada à temporalidade presente do acontecimento ou ser reconstituída quando este já ocorreu; O papel da diegese narrativa é então o de construir uma história segundo um esquema narrativo intencional; o problema que se coloca à instância midiática é o da

autenticidade e da verossimilhança dos fatos que descreve, usando três procedimentos lingüísticos e semiológicos:

- designação identificadora: exibição de provas (imagens).
- analogia: descrições, comparações, reconstituições.
- visualização: esquemas, maquetes, mapas. (videografismo).

b) Explicação ou nível discursivo: é tentar dizer o que o motivou, construindo uma conceitualização intencional em torno da origem, da finalidade, das probabilidades, das conseqüências, e do contexto geral.

c) Reações ou nível valorativo: é descrever reações ao fato, pois todo acontecimento que se reproduz no espaço público concerne a todos os cidadãos e particularmente àqueles que, de uma maneira ou de outra, tem uma responsabilidade social ou política. As reações podem tomar forma de uma declaração (oral ou escrita) ou de um ato.

2.3.2.2 Operações da narrativa telejornalística

Na construção de uma reportagem, a instância midiática está, pois, colocada diante de um acontecimento exterior a si mesma, o qual deve ser considerado segundo suas potencialidades de atualidade, de diegese, de causalidade e de dramatização. As operações narrativas que o meganarrador é levado a realizar para construir sua narrativa remetem a dois casos: *narrativa de simultaneidade* (ex: acontecimentos esportivos) e *narrativa de reconstituição*.

No caso da construção de uma *narrativa de reconstituição* – operação discursiva que compõe grande parte dos noticiários telejornalísticos - o meganarrador se vê liberado das restrições da simultaneidade, e empreende um trabalho de montagem, de roteirização, numa posição semelhante à do narrador de uma narrativa de ficção. Contudo, uma vez mais, é pressionado pelo dever da credibilidade a “colar” a narrativa ao acontecimento bruto, e isso faz com que, quaisquer que sejam as variantes da narrativa, ele deva:

- introduzir uma abertura de “ataque” mais ou menos dramatizante;
- reconstituir os fatos segundo um principio de coerência;
 - desenvolver um comentário explicativo inserido na reconstituição;
 - fechar ou reativar a narrativa sugerindo um novo encadeamento de fatos.

Para reconstruir um fato de forma convincente, a narrativa telejornalística utiliza-se constantemente dos discursos provenientes dos atores sociais envolvidos com a realidade na sua composição, o que é chamado convencionalmente de entrevistas e/ou declarações. Essa operação discursiva caracteriza-se pelo encaixe de um dito num outro dito, como

manifestação da heterogeneidade do discurso, funcionando como um discurso de prova, tanto em relação ao outro quanto a si mesmo. Com relação ao outro, envolve prova de autenticidade, de responsabilidade, de verdade, de propósitos do locutor-relator. Com relação a si, produz a prova de um certo posicionamento do locutor-relator de autoridade, de poder, de engajamento, e de adesão ao propósitos do locutor de origem. Essa operação discursiva compreende os seguintes aspectos: *descrição, explicação, identificação, valoração e posicionamento*.

A *descrição* do dito relatado baseia-se em três tipos de operação:

- Seleção do dito, que pode ser total (quando apresenta o dito in extenso), ou parcial (quando apresenta o dito em trechos). A primeira produz um efeito de objetivação, de autenticação. E a segunda, um efeito de subjetivação na medida em que apenas parte do dito de origem é selecionada.

- Identificação dos elementos dos quais depende a enunciação do dito de origem. Quanto mais o locutor que relata identifica, mais ele produz uma garantia de autenticidade ao que foi dito.

- Referenciação do dito de origem pode ser de diferentes formas:

a) “citando” o dito de origem que é relatado, mais ou menos integralmente, numa construção que se apresenta como reprodução fiel, no estilo direto;

b) “integrando” parcialmente o dito de origem, na terceira pessoa, ao dizer daquele que relata, com modificações no enunciado de origem;

c) “narrativizando” o dito de origem que é relatado, de tal maneira que se integre totalmente, ou mesmo desapareça, no dito de quem relata. O locutor do dito de origem torna-se o ator de um ato de dizer, “evocando” o dito de origem fazendo a alusão ao locutor de origem (como ele mesmo disse, como se diz).

A *explicação* do dito relatado concentra-se nas *causas*, que se resumem aos motivos, externos ou internos, que levaram o locutor de origem a fazer tal ou qual declaração (os motivos externos são as causas independentes do declarante de origem que o obrigaram a falar, e os motivos internos dependem mais da intenção, da vontade, do cálculo estratégico do declarante, muitas vezes apresentados de maneira integrada à descrição do dito relatado) e nas *conseqüências*, que podem ser apresentadas como já ocorrido, ou como eventuais.

O modo de *identificação* demonstra os primeiros indícios da forma de integração do dito pela narrativa midiática, e depende de três categorias lingüísticas:

- a denominação, que consiste em designar o locutor de origem pelo seu título, sua origem, sua função ou de forma coletiva quando o individuo não é identificável;

- a determinação, consiste pelo emprego de uma marca de deferência, assinalando o tipo de relação do locutor com a instância midiática.

- a modalização, como um meio de que dispõe o locutor-relator para expressar a atitude de crença para com a veracidade dos propósitos do locutor de origem, e depende do que se pode chamar de “posicionamento” do locutor-relator.

O problema do modo de identificação nas mídias é o da imagem de familiaridade ou de respeito que a instância midiática quer manter em relação ao mundo político, através da escolha da denominação e da determinação, e o da prudência ou não-prudência com relação à informação contida na declaração de origem, através da escolha da modalização.

O tipo de *posicionamento* consiste em transformar uma parte do enunciado de origem ou de sua enunciação, ou então de explicitar seu próprio ato de enunciação através de quatro tipos de intervenção discursiva:

- intervenção nas palavras do enunciado de origem operando uma transformação lexical;

- intervenção nas palavras da enunciação de origem, operando uma transformação da modalidade do dito, de afirmação para dúvida.

- intervenção na significação enunciativa da declaração de origem, transformando o dito em ação de dizer, e o locutor de origem em agente desta ação (modo narrativizado), ou explicitando o que está apenas implícito.

- intervenção na enunciação do próprio locutor-relator, marcando uma certa “distância” com relação à veracidade da declaração, expresso pelo uso do modo condicional e com o uso de expressões introdutórias (segundo, de acordo com, acredita que, etc.).

E, por fim, a *valorização* do dito relatado intervém igualmente na medida em que a instância midiática pode ser levada a escolher ou provocar a declaração a ser relatada com base nos efeitos de sentido valorativos, que podem ser:

- de decisão, quando a declaração emana do efeito de um locutor que tem o poder de decidir;

- de saber, quando a declaração emana de um locutor que tem uma posição de autoridade pelo saber;

- de opinião, quando a declaração emana de um locutor que expressa um julgamento ou uma apreciação dos fatos;

- de testemunho, quando a declaração emana de um locutor que se contenta em descrever o que viu ou ouviu a respeito de certo fato;

Ainda dentro da descrição das operações discursivas englobadas pelo discurso telejornalístico, queremos dar destaque às processualidades de construção do comentário telejornalístico pelo fato desta operação estar ligada principalmente à construção discursiva das notícias referentes às atividades políticas. Para Charaudeau, comentar o mundo constitui uma atividade discursiva complementar ao relato, que consiste em exercer suas faculdades de raciocínio para analisar o porquê e o como dos seres que se acham no mundo e dos fatos que nele se produzem.

2.3.2.3 Comentário telejornalístico

No decorrer da pesquisa, percebemos que o comentário procura revelar o que não se vê, mas o que constitui as causas, motivos e intenções dos atores envolvidos. E isso se dá através da construção de hipóteses, desenvolvimento de teses, apresentação de provas e imposição de conclusões, que envolvem uma visão do mundo de ordem explicativa. A função informativa de fazer saber engloba, ao mesmo tempo, a existência dos fatos e sua razão de ser. Não é possível informar se não se pode, ao mesmo tempo, dar garantias sobre a veracidade das informações transmitidas. Logo, fazer saber implica, necessariamente, um “explicar”: o comentário jornalístico é uma atividade estreitamente ligada à descrição do acontecimento para produzir um acontecimento comentado.

A mecânica argumentativa do comentário midiático é a maneira de tratamento do acontecimento. Para argumentar, o sujeito deve problematizar seu propósito, elucidar e avaliar seus diferentes aspectos.

- Problematizar baseia-se em três atividades mentais: emitir um propósito (o tema que se fala), inseri-lo numa proposição (o questionamento) e trazer argumentos (persuadir).
- Elucidar as causas externas é mostrar a lógica de encadeamento dos fatos, sua coerência interna, logo, mostrar como foi possível que tal acontecimento se produzisse. Essa atividade de elucidação se faz com o auxílio de diversos procedimentos, dentre os quais os mais frequentes são:
 - reconstituir uma seqüência de fatos, seguindo relações de causa a consequência entre eles, num procedimento dedutivo que se pressupõe conhecida a origem, o ponto de partida, e orienta a explicação segundo uma direção única sem deixar lugar para outros encadeamentos.
 - raciocinar por analogia, explicando através de estudos de casos, isto é, constrói hipóteses sobre desdobramentos possíveis que permitiriam prever a resolução dos fatos ou explicar suas causas.

- avaliar, expondo sua própria opinião (tomada de posição no debate de idéias), ou formulando uma apreciação subjetiva (projeção da sua afetividade).

O sujeito que comenta um fato está amarrado às condições reais de credibilidade e captação, as quais inserem o comentário na competição pelo interesse do consumidor de informação. Logo, ele tenderá a preferir modos de raciocínio que julgará simples e motivadores, indicando uma certa mecânica de encenação do comentário. Identificamos três intenções encenadas dentro da construção do comentário telejornalístico:

- O *fazer simples* realiza-se através de vários procedimentos, entre eles: a “restrição”, que consiste em fazer uma afirmação para corrigi-la em seguida; a “alternativa”, que consiste em contrapor duas afirmações, focalizá-las alternadamente e colocá-las em deliberação; e a “comparação”, que consiste em aproximar um fato particular de um fato próximo a experiência humana amplamente compartilhada.

- O *ser motivador* implica de maneira direta ou indireta o consumidor cidadão. Os argumentos que servem de apoio à análise são escolhidos em função de seu valor de crença, mais do que de conhecimento, pois as crenças são amplamente compartilhadas pelo grande público, sendo pois, suscetíveis de atingi-lo com mais eficiência. Inclui uma psicologização da explicação dos fatos, que consiste em emprestar uma intenção às instancias coletivas ou a entidades anônimas e mesmo não humanas. Esse procedimento produz um efeito de dramatização ao qual o público não pode ficar insensível.

No contexto político-midiático brasileiro, o comentário telejornalístico corre o risco constante de produzir efeitos perversos de dramatização abusiva. Mesmo que a instância midiática procure, para compensar tais efeitos, multiplicar os pontos de vista e colocar num plano de igualdade os argumentos contrários, essa é uma estratégia discursiva que aposta na capacidade do sujeito interpretante, logo, o problema dos procedimentos de simplificação do raciocínio remete à questão mais geral da vulgarização, que se manifesta cada vez que se tenta tornar claro o que é complexo.

Os procedimentos usados dentro dos comentários telejornalísticos na tentativa de simplificar a essência dos fatos remetem aos seguintes efeitos: *a deformação, o amálgama e a psicologização.*

A *deformação* depende, ao mesmo tempo, do tipo de receptor do discurso de informação e do processo de captação: o jogo entre o explícito e o implícito do discurso, próprio a todo ato de linguagem, não pode ser realizado da mesma maneira por cada uma das duas estâncias. Ora, uma informação sugere mais do que aparentemente diz, para aqueles que

já conhecem algo sobre a questão e, assim, pode ser contestada, ora ela diz menos, por conta da ignorância do público.

O *amalgama* também é um efeito discursivo proveniente do duplo desejo de simplificação, e de dramatização: colocam-se sob uma mesma etiqueta geral fatos particulares, ou fazem-se aproximações e estabelecem-se analogias. Todo fato que se julga pertencer de perto ou de longe a essa prática recebe a mesma etiqueta, ou uma de suas variantes, produzindo assim um efeito de acumulação (quantidade) e de causalidade (qualidade). Produz-se um efeito de *amalgama*, porque elas participam de um modo de raciocínio que, por similaridade, obriga o receptor a aproximar, em seu espírito, fatos que não teria tido a idéia de aproximar.

A *psicologização* da explicação consiste em emprestar uma intenção a instâncias coletivas ou entidades anônimas e mesmo não humanas. E muitas vezes produz um efeito de polemica social, onde as reações desencadeiam mais reações, amplificando o discurso das mídias.

Acreditamos que o discurso do comentário telejornalístico é uma ferramenta de construção discursiva importante dentro do jogo político-midiático porque ele coloca uma problematização, e em seguida, desenvolve um ato de persuasão que, ao final da argumentação, revela o ponto de vista do argumentador e permite ao receptor aderir ou não. O discurso do comentário jornalístico é, e, principio, marcado por uma argumentação de ponderação: uma dosagem equilibrada entre julgamento pró e julgamento contra. Disso decorre uma argumentação de gangorra, que corresponde, de fato, a uma recusa em escolher entre uma opinião e seu contrário.

Porém, essa mecânica discursiva não o isenta de atuar na constituição da opinião pública sem tomar partido. E é por isso que queremos ressaltá-lo como uma ferramenta amplamente utilizada pelos atores midiáticos na conformação do discurso social sobre política e eleições.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por procedimentos metodológicos, entendemos o conjunto dos passos realizados desde a definição do recorte empírico que constitui o *corpus* desta investigação, as categorias analíticas embasadas na construção discursiva, até a interpretação dos dados encontrados pela pesquisa.

3.1 Primeira etapa: definição do *corpus* da pesquisa

A primeira etapa do trabalho iniciou-se em abril de 2005, quando começamos a observar os tipos de programas que envolvessem principalmente temas referentes ao contexto político nacional, suas processualidades, os seus dramas, ou seja, suas realizações cotidianas como campo de atividades sociais. A observação reiterou o posicionamento do gênero telejornal como o de maior densidade informativa diária sobre o campo político dentro da grade de programação dos canais abertos. Seus conteúdos traziam um resumo diário de toda a movimentação do cenário político pré-eleitoral, além de quadros especiais que traziam experts de várias segmentos para debater o processo de sucessão presidencial, e fazer as possíveis conexões com a realidade social e econômica. As reportagens continham o máximo possível de detalhes sobre as decisões “anunciadas” e as “de bastidores”, que se misturavam num amálgama de informações, dinâmico e intermitente.

O passo seguinte foi consultar as pesquisas de índice de audiência, que nos apontaram os telejornais mais assistidos por faixa de horário⁸. Os telejornais mais assistidos, que veiculavam em *horário nobre*, tinham a obrigação de dividir seu tempo entre o noticiário político e outros tipos de conteúdo. Já os últimos jornais noturnos primavam por resumir e refletir sobre a movimentação política e o quadro pré-eleitoral. O reconhecimento dessas peculiaridades entre os telejornais disponíveis nos canais abertos nacionais permitiu a opção pelas edições noturnas do último horário, principalmente por se tratarem de programas com maior foco de conteúdo noticioso, já que (1) inserem o quadro político no contexto geral, (2) retomam as matérias mais significativas que foram veiculadas durante o dia, e (3) possuem um número maior de comentaristas e analistas externos. É importante ressaltar também que os telejornais do último horário estão menos sujeitos aos apelos e restrições dos telejornais

⁸ Segundo o site comercial da TV Globo, o número de telespectadores do gênero telejornal no horário nobre em todo Brasil chega à 38.843.000. http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_jornalismo/jnac4_globox.php

veiculados no *horário nobre* porque não têm a necessidade de contemplar um público mais diversificado com temas mais variados, e de níveis de construção discursiva mais diretos e menos opinativos.

Em virtude dessas constatações, os telejornais escolhidos foram o Jornal da Globo, da Rede Globo de Televisão (RGT), o Jornal do SBT, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e o Jornal da Noite, da Rede Bandeirantes de Televisão (Band).

O objetivo da observação sistemática dos telejornais foi acompanhar o contexto político nacional, a fim de identificar o início do processo pré-eleitoral na sua gênese, e encontrar os indícios de movimentação política que pudessem estar ligados à disputa presidencial. O fato pontual que assinalou o início das gravações e a consequente observação do conteúdo das matérias noticiadas dizia respeito à entrevista concedida pelo deputado federal Roberto Jefferson ao jornal A Folha de São Paulo, publicada no dia 06 de junho de 2005. As denúncias feitas na entrevista trouxeram um estado de turbulência dentro do contexto social, envolvendo toda a sociedade em uma discussão que perdurou durante todo o período analisado, e ocasionou a maior crise vivida pela classe política durante o governo Lula. Todos os partidos se viram envolvidos na instalação das várias CPI's resultantes das denúncias de Roberto Jefferson, as quais não apenas serviram de palco para a projeção de alguns atores interessados nas próximas eleições, como, de certa forma, nortearam todo o processo de definição do quadro político da pré-campanha.

Em virtude dessa turbulência política e social, decidimos começar a registrar partes dos telejornais relacionadas com o tema. Foram 195 dias de gravação distribuídos em três períodos: de junho a julho/05 (43 dias); de outubro a dezembro/05 (65 dias) e de março a junho/06 (87 dias). As etapas das gravações foram divididas por períodos de 2, 3 e 4 meses devido à necessidade de manter-se fiel aos principais fatos responsáveis pelo esquadramento do quadro político antes do período eleitoral.

3.2 Segunda etapa: agrupamento por eixo temático

Ao final dos três períodos de gravação, as fitas foram decupadas, dando origem à primeira listagem, onde foram relacionados, por data e por telejornal, todos os acontecimentos referentes ao contexto político e social que pudessem repercutir de forma direta ou indireta no quadro político sucessório do país. A seleção desses acontecimentos obedeceu aos seguintes critérios: (1) exaustividade, isto é, a transcrição da quase totalidade das matérias veiculadas

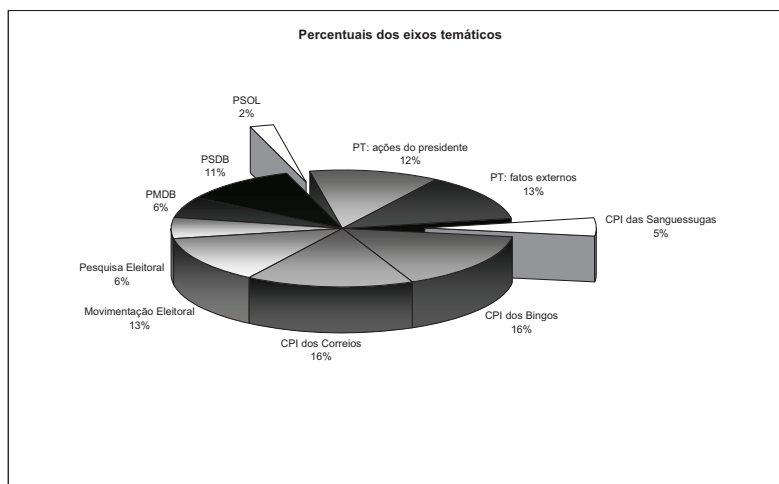
nos telejornais gravados; (2) compatibilidade, isto é, vinculação das matérias com o quadro sociopolítico e econômico do país. (Anexo 1)

Com base nesses critérios, as matérias gravadas, em um total de 325 registros, foram agrupadas em dois grandes grupos de acontecimentos: os acidentais (39) e os pontuais (286). Os primeiros envolveram aquelas matérias mais gerais no quadro político, de caráter factual, ou seja, fatos eventuais que surgiram, com poucas repercussões ou desdobramentos, quando muito repetidas uma ou duas vezes no noticiário, e que foram descartados logo de início. Os acontecimentos pontuais envolveram matérias que tiveram desdobramento no quadro político: foram veiculados vários dias, quase sempre nas três emissoras analisadas.

Dado ao seu elevado número de acontecimentos pontuais, foi necessário adotar um critério de agrupamento, de modo que as matérias pudessem ser reunidas por tema. Assim, de um total de 286 matérias, foram definidos 10 grandes eixos temáticos que envolvem um conjunto determinado de matérias e que resumem os acontecimentos mais importantes do quadro político, com repercussões no panorama eleitoral do país. Todos os eixos temáticos influenciaram o processo sucessório pela sua relevância, e provocaram alterações no quadro pré-eleitoral, provando ter capacidade de provocar sentimentos e reações no público dentro daquilo que se pode chamar de fator “espetáculo”. Ou seja, grande parte das matérias gravadas apresenta aspectos que, no entender desta pesquisa, colaboram para a espetacularização da política pelos noticiários telejornalísticos.

3.2.1 Percentual dos eixos temáticos

Para visualizarmos melhor o *corpus* da pesquisa, buscamos os percentuais que representavam cada um dos 10 eixos temáticos no contexto total, e encontramos o seguinte quadro: De um total de 286 matérias selecionadas como pontuais, os eixos temáticos estão percentualmente distribuídos em: CPI dos Correios 16%; CPI dos Bingos 16%; Movimentação Eleitoral 13%; PT: fatos externos, 13%; PT: ações do presidente, 12%; PSDB, 11%; Pesquisas Eleitorais, 6%; PMDB, 6%; CPI das Sanguessugas, 5%; PSOL, 2%;



A partir deste ponto, se fez importante construir uma definição básica de cada um dos 10 eixos temáticos para basear o entendimento de cada um deles dentro do processo metodológico. Cada eixo foi pensado sobre o seu “foco” principal, e em alguns de seus desdobramentos ao longo da pré-campanha. Sendo assim, temos:

(1) CPI dos Correios: comissão mista (composta de deputados e senadores) instalada a partir das denúncias de Roberto Jefferson para investigar as irregularidades que envolveram repasse de verbas públicas, ou mesmo o chamado "mensalão", e o caixa 2 em campanhas eleitorais, e que redundaram na queda do ministro José Dirceu e na indicação de cassação de 16 deputados;

(2) CPI dos Bingos: comissão mista (composta de deputados e senadores) instalada para investigar o esquema de arrecadação de doações ilícitas para o financiamento das campanhas do PT, e denúncias de corrupção na prefeitura de Ribeirão Preto; o envolvimento de petistas no assassinato do prefeito Celso Daniel; quebra do sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa; pagamento das contas pessoais do presidente Lula por Paulo Okamoto, presidente do SEBRAE;

(3) Movimentação Eleitoral: questões que envolveram desde verticalização das eleições 2006 e mudanças na legislação eleitoral até a movimentação dos parlamentares na disputa eleitoral, relativamente a troca de partido, descompatibilização de cargos públicos, alianças entre partidos, escolha dos candidatos, em um verdadeiro "xadrez eleitoral";

(4) PMDB: conjunto de matérias envolvendo a posição do partido frente à corrida presidencial, com candidatura própria; o surgimento de prováveis candidatos nessa disputa; e as movimentações específicas desses políticos, em especial Itamar Franco, Anthony

Garotinho e Germano Rigotto, e a disputa pela liderança entre os presidentes do partido e do senado;

(5) PSDB: conjunto de matérias envolvendo a posição do partido frente à corrida presidencial, o que implicou as indecisões quanto ao nome escolhido, a definição do candidato do partido, as alianças partidárias, a decisão de José Serra em disputar as eleições para governador de São Paulo, a pré-campanha de Geraldo Alckmin e as manifestações do candidato na mídia;

(6) PT: conjunto de matérias envolvendo as condições do partido frente à corrida presidencial. No caso do PT, foram definidos dois subtemas: ações do presidente, com explicitação da agenda do presidente Lula em cerimônias oficiais, em visitas diplomáticas, em inaugurações, em reuniões internacionais, além da divulgação dos discursos proferidos e das ações tomadas e; PT: fatos externos, compreendendo uma seqüência de episódios políticos capitaneados por outros parlamentares, mas que trouxeram repercussão ao presidente da república, a ação e punição da deputada Ângela Guadagnin, a saída do ministro Antonio Palocci, a posse de Guido Mantega, o aumento de salário de deputados, senadores e ministros, entre outros.

(7) Pesquisas Eleitorais: conjunto de matérias voltadas para a posição dos prováveis candidatos na corrida presidencial, desde as simulações com prováveis candidatos até as projeções de resultados feitas pelos institutos de pesquisa: Datafolha, Ibope, Tv Globo, IBPS, Confederação das Indústrias de São Paulo;

(8) CPI das Sanguessugas: comissão mista (composta de deputados e senadores) instalada a partir das denúncias feitas sobre irregularidades de superfaturamento na compra de ambulâncias para o Ministério da Saúde;

(9) PSOL: conjunto de matérias envolvendo os parlamentares do PSOL, como denúncias feitas, lançamento de candidato próprio e convenção do partido;

3.3 Terceira etapa: definição de microdramas

Até aqui, encontramos os 10 grupos temáticos que mais se destacaram no período da pré-campanha, formados por suas matérias afins, que contam o “desenrolar” dos acontecimentos políticos mais relevantes durante o período pesquisado. Em seguida, foi necessário fazer um segundo processo de recorte que pudesse efetivamente definir as matérias a serem analisadas, para nos aproximarmos mais das ocorrências pontuais.

Primeiramente, foi adotado como critério o recorte temporal, isto é, selecionar aqueles temas que tivessem o início da veiculação em 2005 e desdobramento em 2006; como foi o caso das CPI (dos Correios e dos Bingos) e das Movimentações Eleitorais. Até porque as notícias desdobradas foram aquelas que mais repercutiram no quadro político, e provocaram movimentações no processo de escolha dos candidatos. No caso dos partidos, a exigência não foi seguida à risca porque a definição dos nomes e as alianças só começaram no início de 2006.

O segundo critério de seleção adotado foi a reincidência de cada tema nos três telejornais observados. Com esse movimento, buscamos verificar o processo de construção temática de cada emissora dentro da agenda política, ou seja, os fatos selecionados para contar a história da pré-campanha, reconstruídos através de efeitos de sentido múltiplos e variados. Nessa etapa, o objetivo era observar a cobertura telejornalística da movimentação política, focando no processo de definição dos candidatos para a sucessão presidencial. Logo, foram privilegiados aqueles núcleos de matérias mais diretamente a ele relacionados, além de constarem na pauta informativa das três emissoras.

No cruzamento desses dois critérios, chegamos à eliminação de dois eixos temáticos (CPI das Sanguessugas e PSOL) porque foram noticiados a partir de 2006, nos meses de maio e junho, e devido a sua baixa incidência de registros. Acreditamos que, naquele momento, o quadro sucessório já estava mais definido, e que as repercussões desses temas sobre a pré-campanha foram menos relevantes.

Ao final desta etapa de reagrupamento das matérias por eixo temático, encontramos os seguintes subconjuntos:

1. CPI dos Correios:
 - 1.1. Andamento final do processo de irregularidades na CPI com 19 matérias.
2. CPI dos Bingos:
 - 2.1. Implicações com o assassinato de Celso Daniel com 07 matérias.
 - 2.2. Escândalo Palocci com 10 matérias.
3. Movimentação Eleitoral:
 - 3.1. Processo de verticalização das eleições com 10 matérias.
 - 3.2. Movimentação de alianças e convenções partidárias com 20 matérias.
4. PMDB:
 - 4.1. Candidatura própria com 10 matérias.
 - 4.2. O "caso" Garotinho com 05 matérias.
5. PSDB:

- 5.1. Disputa entre Serra e Alckmin com 04 matérias.
 - 5.2. A definição de alianças com 03 matérias.
 - 5.3. A pré-campanha de Geraldo Alckmin com 06 matérias.
 - 6. PT :
 - 6.1. A movimentação oficial do presidente Lula na pré-campanha com 15 matérias.
 - 6.2. Implicações do episódio "dança da pizza" na candidatura de Lula com 8 matérias.
 - 7. Pesquisas Eleitorais com 05 matérias.
- (Anexo 3)

Desse segundo agrupamento fez-se naturalmente outro nível de estruturação dos dados, seguindo o critério da *pregnância*⁹ e reincidência nas três emissoras. Dentro dos 8 eixos temáticos remanescentes, percebemos a possibilidade de testar alguns conjuntos de ações políticas como verdadeiros “microdramas”. Em outras palavras, cada eixo temático (drama) contém um número *X* de matérias que se subdividem em subtemas (microdramas). Cada subtema agrupa 03 matérias, veiculadas na mesma data ou em datas subsequentes, por cada uma das emissoras/telejornais pesquisados, formando assim o que denominamos de “microdrama”.

Os *microdramas* são entendidos como pequenos conjuntos de ações, que sinalizam de forma mais próxima a correspondência entre as matérias neles contidas com a movimentação política relacionada ao processo sucessório no país. Ou seja, as matérias funcionaram como células de informação sobre um fato político da mesma ordem, que seguem a seqüência de seus desdobramentos dando a exata noção do seu princípio, meio e fim, e de suas implicações com o período da pré-campanha.

No entendimento desta pesquisa, a condição de contar com a cobertura do mesmo fato feita por três emissoras diferentes completou o recorte dentro desses eixos, efetivando a escolha dos ângulos mais importantes a serem analisados, dando origem ao *corpus* final, ao qual chamamos de “conjunto de microdramas”. Os microdramas escolhidos são as *células* contenedoras das características principais do processo político-midiático compreendido aqui como a pré-campanha de 2006. E que passariam a ser interpretados a luz de um modelo de interpretativo concebido sobre as bases teóricas pesquisadas, com o objetivo de mapear

⁹ *Pregnância e saliência* interagem, produzindo na organização dos fatos midiáticos um fenômeno de amálgama. Amálgama na origem, no memento da seleção-cosntrução-tratamento do fato, pois, em nome da inteligibilidade (mas também da captação), as mídias apresentam os fatos estabelecendo, custe o que custar, relações de analogia ou de causalidade entre eles. Daí decorre uma racionalização do espaço público compactada, como se este só pudesse ser constituído de fatos solidários entre si. Charaudeau .(2006 p. 140)

algumas das processualidades de construção discursiva dos acontecimentos que representaram a pré-campanha de 2006 pela mídia televisiva.

Segue abaixo, a lista de microdramas escolhidos para serem analisados, classificados de acordo com o eixo temático:

1. CPI dos Correios:
 - a. Andamento final do processo de irregularidades na CPI.
2. CPI dos Bingos:
 - a. Implicações com o assassinato de Celso Daniel
 - b. O escândalo Palocci
3. Movimentação Eleitoral:
 - a. O processo de verticalização das eleições
 - b. A desincompatibilização de pré-candidatos
4. PMDB:
 - a. O impasse sobre a candidatura própria.
 - b. O "caso" Garotinho .
5. PSDB:
 - a. A disputa entre os pré-candidatos Serra e Alckmin.
 - b. A definição de alianças
6. PT :
 - a. A movimentação oficial do presidente Lula na pré-campanha .
 - b. Implicações do episódio "dança da pizza" na candidatura de Lula.
7. Pesquisas Eleitorais
 - a. IBOPE e DATAFOLHA

(Anexo 3)

3.4 Quarta etapa: transcrição das matérias por microdramas

Todos esses fatos guardam relação entre si, basta que sejam devidamente contextualizados. Porém, não pretendemos aqui explorar sua relação com o contexto social, pois, temos como meta buscar características que revelem mais sobre as estratégias de encenação dos telejornais, e sua participação na construção do contexto político-midiático durante o período da pré-campanha.

Para isso, foi necessário o retorno às gravações para uma análise do conteúdo das matérias, buscando os indícios práticos de estruturação das mesmas conforme as gramáticas

de produção telejornalística. Com base na seleção dos microdramas, voltamos às gravações para um segundo processo de transcrição, onde os detalhes de construção e estruturação das matérias foram exaustivamente perseguidos e minuciosamente descritos. Cada elemento de construção discursiva foi detalhado, de forma a reconstruir o percurso narrativo pretendido por cada emissora. Foram transcritas:

(1) as falas de todos os atores discursivos, com entonações e efeitos metalingüísticos, expressões físicas e fonéticas, metáforas e etc. Com o intuito de captar todos os elementos que denotassem algum tipo de interpretação por parte dos interlocutores;

(2) os enquadramentos de cenários, com a movimentação de câmeras e a expressão corporal dos atores discursivos;

(3) o conteúdo e a movimentação das imagens, que ajudam na construção do efeito de sentido junto ao receptor;

(4) a estruturação da notícia, levando em conta a ordem discursiva e a correlação entre acontecimentos;

(5) recursos videográficos., que criam através de ferramentas de computação gráfica, ambientes virtuais onde as informações são reconstruídas “didaticamente”, e reinterpretadas pelos atores discursivos, ajudando na multiplicação dos efeitos de sentido.

3.5 Quinta etapa: roteiro analítico

Procedemos à pesquisa, analisando cada conjunto de matérias que compunham os microdramas. Cada um deles foi resumido seguindo (1) a descrição cronológica dos seus desdobramentos, (2) os movimentos de seus principais personagens e das instituições envolvidas, (3) e suas relações com o quadro político e eleitoral.

Em seguida, indicamos as transcrições das três matérias pertencentes ao microdramas por data e emissora, em ordem cronológica. Não esquecendo os critérios de relevância e reincidência que nortearam inicialmente este processo metodológico, escolhemos matérias de conteúdo polêmico, com traços de grande repercussão no quadro político pré-eleitoral, e que tenham sido recorrentes nas três emissoras escolhidas.

Iniciamos o percurso analítico dividindo o conteúdo do telejornal em três categorias baseadas no esquema teórico apresentado no capítulo dois, as quais, apresentamos aqui resumidamente, apenas para situar o processo:

- **Nível textual:** Aqui detalhamos por tópicos os componentes de cada matéria, perfazendo o conjunto do dito relatado. Isto é, o conteúdo da matéria e seus desdobramentos

no nível informativo, abrangendo o seu sentido denotativo, o qual deu origem aos movimentos de estruturação e construção da notícia.

- **Nível discursivo:** O dito é recomposto detalhadamente através da análise das falas de seus interlocutores, levando em conta que o discurso é construído para um telespectador interessado em informar-se sobre os acontecimentos, pressupondo na análise a provável intenção comunicativa do interlocutor. Ou seja, este nível revela o conjunto de ações discursivas operadas pelos atores dentro da construção narrativa, indicando os possíveis efeitos de sentido pretendidos através da estrutura argumentativa da notícia.

- **Nível valorativo:** Este nível procura desvelar os interditos presentes em fragmentos discursivos das matérias telejornalísticas através da indicação de indícios valorativos subentendidos dentro da construção narrativa. Os efeitos ideológicos que predominaram dentro da representação telejornalística do acontecimento relatado são ressaltados dentro das operações discursivas, como por exemplo, os tipos de postura dos âncoras, os julgamentos assumidos por seus comentaristas, os ângulos enfatizados pelos repórteres, entre outros. O que *se quis dizer* sobre cada acontecimento relatado é sugerido através da análise dos elementos subjetivos, onde o analista encontra-se na posição de interpretante do discurso apresentado por cada emissora, o que inclui suas intenções como empresa de comunicação, inserida no contexto como ator participante na construção do discurso social.

Com o *corpus* da pesquisa devidamente preparado pelo percurso trabalhoso de clivagens e agrupamentos, seguimos a análise do conteúdo discursivo das matérias escolhidas. O processo tomou grande parte do tempo estipulado no cronograma informal da pesquisa, resultando em um capítulo inteiro só com análises. Foram 13 microdramas, cada um contendo 3 matérias, que foram analisadas em três níveis distintos, resultando em um total de 117 análises.

Em seguida, passamos a interpretar o resultado dessas análises, na busca de respostas para os objetivos estipulados pelo problema de pesquisa. Nessa etapa, procuramos pistas que revelassem mais detalhes das processualidades do discurso telejornalístico a partir das indicações propostas no modelo interpretativo (capítulo 2). Optamos por fazer a interpretação separada de cada uma das reportagens exibidas, detalhando as operações discursivas e ressaltando a intenção comunicativa pretendida pela emissora. E para completar o entendimento de cada microdrama, apresentamos a contextualização dos acontecimentos, sugerindo os resultados factuais e as implicações de cada microdrama na pré-campanha de acordo com a visão da pesquisa.

4 ANÁLISE DOS MICRODRAMAS

4.1 Microdrama 1: CPI dos Correios - Andamento final do processo de irregularidades

- **Resumo**

A CPI dos Correios foi criada em maio com o objetivo específico de investigar as denúncias de corrupção nas estatais, mais especificamente, nos Correios. Seu foco, no entanto, foi deslocado pouco depois para a investigação da existência do suposto "mensalão", o pagamento mensal a parlamentares da base aliada pelo governo. A comissão era do tipo mista, composta por 16 deputados e 16 senadores, além de igual número de suplentes. Seu presidente era o petista de Mato Grosso do Sul, o senador Delcídio Amaral, e tinha como relator o deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR). O estopim da crise surgiu com a revelação de uma fita de vídeo, que mostra o ex-funcionário dos Correios Maurício Marinho negociando propina com empresários interessados em participar de uma licitação. No vídeo, o funcionário dos Correios dizia ter o respaldo do deputado federal Roberto Jefferson (PTB-RJ). Pouco depois, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, Jefferson denunciou o suposto esquema de pagamento de mesada a parlamentares da base aliada em troca de apoio político. À época, os titulares da comissão defenderam a ampliação do foco das investigações pela tese de que o dinheiro de corrupção das estatais seria a fonte dos recursos do hipotético "mensalão". Quase três meses depois, à CPI dos Correios coube o mérito de ajudar a revelar o esquema de distribuição de recursos a parlamentares, teoricamente, para bancar despesas de campanhas eleitorais, apelidado pela imprensa de "valerioduto", devido ao nome de seu operador, o publicitário Marcos Valério Fernandes de Souza.

Nos últimos dias do prazo para a entrega do relatório, cresceu a pressão do governo para a retirada de nomes que poderiam comprometer o governo no relatório final. Os governistas queriam que o documento final não faça juízo político dos fatos. E trabalharam para retirar nomes da lista de indiciados, deixando a incumbência de investigar e punir possíveis culpados ao Ministério Público. Os opositores fizeram o movimento contrário, o de pressionar a comissão relatora com objetivo de deixar mais claro no relatório a participação do presidente Lula no "mensalão". O presidente da comissão, senador Delcídio

Amaral (PT-MS), e o relator, Osmar Serraglio(PMDB-PR), entregaram o relatório para votação da comissão em meio a muito tumulto e protestos.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**
- **Matéria 1: Conclusão do relatório final da CPI dos Correios, Band, 29/03/2006**

Imagens, em plano aberto, do tumulto causado pelos deputados durante a entrega das cópias do relatório final da CPI, com a voz do âncora em off.

Entrega do relatório com o indiciamento de mais de 100 pessoas provoca grandes reações, muita repercussão... a gente já volta com a cobertura completa no nosso Jornal da Noite.

Âncora, em plano americano, caminhando em direção à câmera. Ao fundo, monitor de plasma exibindo a logomarca do telejornal.

A CPI dos Correios chega ao final. Você vai ver que o Delúbio Soares, o Silvio Pereira, o Dirceu... Enfim... Que o Genuíno também... Todos foram citados, e até indícios da participação do presidente, tudo isso está nesse relatório.

Repórter em off, com imagens dos deputados, em plano americano, recebendo cópias do relatório final da CPI, com a legenda "entrega do relatório da CPI dos Correios" no rodapé da tela.

Quando o relatório apareceu, confusão! Todos queriam conhecer o texto que o relator guardou a sete chaves até o momento final. Logo que começou a ler, Osmar Serraglio disse ter provas da existência do mensalão.

Osmar Serraglio, relator da CPI, em plano americano, fazendo a leitura do relatório.

À existência de um complexo sistema de financiamento ilegal dessa base de apoio seja em processos políticos ou eleitorais, seja fora deles, cunhou-se então o vocábulo mensalão.

Repórter em off, com imagens de Osmar Serraglio, relator da CPI, em plano americano, fazendo a leitura do relatório.

A partir daí, o relator passou a narrar irregularidades encontradas durante os nove meses de investigação da CPI. Só no contrato dos Correios com duas empresas aéreas para operar as entregas noturnas, superfaturamento de 121%. O “valerioduto” movimentou dois bilhões de reais, de 1997 até ser denunciado no ano passado.

Fragmentos de imagens de arquivo, mostrando cada um dos citados, de acordo com a fala do repórter em off.

A lista de indiciamentos proposta pelo relator é extensa. Começa com os ex-ministros José Dirceu e Luis Gushiken. Pede também o indiciamento do senador Eduardo Azeredo do PSDB por crime eleitoral.

Repórter em off com imagens de Osmar Serraglio, relator da CPI, em close, sendo entrevistado.

O relator isenta o presidente Lula.

Osmar Serraglio, relator da CPI, em close, sendo entrevistado por repórteres nos corredores

do Congresso.

Não tinha por que jogar o nome do presidente Lula. O que não significa que nós não estejamos pedindo pra investigar.

Repórter, em plano fechado, nos corredores do congresso.

A votação do relatório final ficou para a próxima terça-feira. Até lá, a CPI deve viver intensa negociação de bastidores entre a oposição que quer ver todos os pedidos de indiciamento aprovados e os governistas... que são contra. De Brasília Leticia Renault para o jornal da noite.

Âncora, em plano americano; ao fundo, monitor de plasma exibindo a logomarca do telejornal.

O presidente Lula não é totalmente atingido, mas também não é completamente absolvido pelo relatório. Fernando Mitre tem mais informações.

Comentarista (Fernando Mitre) com voz em off sobre imagens da leitura do relatório final.

O relatório da CPI dos Correios diz que o “mensalão” existiu, e não foi caixa dois, não. Foi lista de pagamento mesmo. É claro que a oposição gostou disso. E o PT detestou. Detestou e quer mudar este trecho.

Comentarista (Fernando Mitre) em plano fechado, com a redação do telejornal ao fundo.

Assim como achou exagerado o quadro de pedidos de indiciamento. Casos de José Dirceu, Gushiken, Genuíno, que, aliás, já protestaram por meio de seus advogados. O tucano Eduardo Azeredo também. Entre os itens que agradaram os governistas está, evidentemente, a isenção do presidente Lula. Roberto Jefferson, quando fez as denúncias, disse que havia contado ao presidente, e que ele tinha pedido providências a seus ministros. O relatório agora reproduziu isso. E é claro, a oposição protesta. Enfim, os sinais de pressão dos últimos dias, negados pelo relator e demais membros da CPI, são identificados pela oposição em várias omissões no texto. Nos próximos seis dias, vai começar uma boa briga na CPI entre os 32 parlamentares oposicionistas, e os governistas. Dá pra mexer no texto ainda antes da votação do relatório definitivo. Material obrigatório na campanha eleitoral. É claro que a oposição sonhava com uma frase bem clara, apontando a responsabilidade do presidente Lula. Cabrini.

Âncora, em plano americano; ao fundo, monitor de plasma exibindo a logomarca do telejornal.

Essa responsabilidade não é apontada, mas é sugerida. É claro que esse relatório tem partes boas, partes consistentes, mas tem também omissões. Existem momentos em que ele é técnico, e outros que dava uma margem para algum tipo de interpretação política-eleitoreira num ano de eleição presidencial. Mas vai haver ainda muita discussão. De um modo geral, o relatório teve mais aspectos positivos. É o que grande parte dos políticos acredita, é o que grande parte dos analistas acredita nesse instante.

- **Nível textual**

- informações sobre a entrega do relatório final da CPI dos Correios;
- imagens dos deputados recebendo cópias do relatório final da CPI;

- imagens da leitura do relatório final;
- imagens dos citados no relatório final;
- fragmento da entrevista do relator da CPI, deputado Osmar Serraglio;
- informações sobre a votação do relatório final;
- comentário sobre a entrega do relatório final.

- **Nível discursivo**

O âncora inicia a narrativa comentando previamente sobre a repercussão da entrega do relatório final, “Entrega do relatório com o indiciamento de mais de 100 pessoas provoca grandes reações, muita repercussão... a gente já volta com a cobertura completa no nosso Jornal da Noite”. Ele caminha até a câmera, aproximando o ângulo do telespectador para anunciar a notícia, “A CPI dos Correios chega ao final. Você vai ver que o Delúbio Soares, o Silvio Pereira, o Dirceu... Enfim... Que o Genuíno também... Todos foram citados, e há até indícios da participação do presidente, tudo isso está nesse relatório”. O anúncio enfatiza o nome dos acusados, diz que até o presidente foi citado, e que há indícios da sua participação no esquema denunciado pelo relatório. O discurso inicial do âncora coloca o telespectador em suspense.

As imagens começam contando a reação de tumulto protagonizada pelos parlamentares no momento em que começou a distribuição das cópias; a ação dos deputados, amontoando-se em volta das cópias, trocando empurrões e carregando pilhas de papel. E revela para o telespectador a face desorganizada das processualidades políticas, e o comportamento repreensível dos parlamentares que se amontoaram, ao invés de se organizarem para receber suas cópias. O repórter narra o que se passa nas imagens num tom de expectativa, “Quando o relatório apareceu, confusão! Todos queriam conhecer o texto que o relator guardou a sete chaves até o momento final. Logo que começou a ler, Osmar Serraglio disse ter provas da existência do mensalão”. Esse ângulo é enfatizado pelo repórter ao confirmar para o telespectador em tom de espanto a existência do tão famoso “mensalão”. E mostra fragmentos da leitura do relatório feita pelo presidente da CPI, deputado Osmar Serraglio, “À existência de um complexo sistema de financiamento ilegal dessa base de apoio seja em processos políticos ou eleitorais, seja fora deles, cunhou-se então o vocábulo mensalão”. O repórter criou o clima de suspense adiantando para o telespectador que o relatório confirmou a existência do mensalão, e confirma com um trecho da leitura oficial do relatório para não deixar dúvidas. A imagem da leitura feita pelo relator Osmar Serraglio demonstra os protocolos e rituais presentes na prática política.

Em seguida, o repórter resume para o telespectador o conteúdo do relatório baseado na leitura do relator, “A partir daí, o relator passou a narrar irregularidades encontradas durante os nove meses de investigação da CPI. Só no contrato dos Correios com duas empresas aéreas para operar as entregas noturnas, superfaturamento de 121%. O “valerioduto” movimentou dois bilhões de reais, de 1997 até ser denunciado no ano passado”. E continua, “A lista de indiciamentos proposta pelo relator é extensa. Começa com os ex-ministros José Dirceu e Luis Gushiken. Pede também o indiciamento do senador Eduardo Azeredo do PSDB por crime eleitoral”. O texto em off do repórter deixa o telespectador ciente do conteúdo do relatório, enfatizando que a lista de indiciamento é extensa, e ao citar os nomes as imagens se encarregam de lembrar o telespectador quem são os políticos que foram indiciados pelo relatório.

O repórter chama o relator Osmar Serraglio para se manifestar sobre o conteúdo do relatório, “O relator isenta o presidente Lula”. Aparece o fragmento da entrevista coletiva do relator explicando porque não citou o nome do presidente Lula, “Não tinha por que jogar o nome do presidente Lula. O que não significa que nós não estejamos pedindo pra investigar”. A entrevista dá a voz ao responsável pelo conteúdo do relatório, e atesta para o telespectador os momentos finais da última sessão da CPI dos Correios.

O repórter se personifica na reportagem de dentro dos corredores do congresso para revelar o futuro do processo, “A votação do relatório final ficou para a próxima terça-feira. Até lá, a CPI deve viver intensa negociação de bastidores entre a oposição que quer ver todos os pedidos de indiciamento aprovados e os governistas... que são contra. De Brasília Letícia Renault para o jornal da noite”. O testemunho do repórter se encerra com prospecções sobre as negociações entre governistas e oposição em torno da lista de indiciamentos proposta no relatório.

O âncora retorna a narrativa para passar a palavra para o comentarista, mas antes comenta a situação do presidente Lula, “O presidente Lula não é totalmente atingido, mas também não é completamente absolvido pelo relatório. Fernando Mitre tem mais informações”.

O comentarista passa a ressaltar para o telespectador os pontos mais importantes do relatório ainda mostrando imagens do acontecimento, “O relatório da CPI dos Correios diz que o “mensalão” existiu, e não foi caixa dois, não. Foi lista de pagamento mesmo. É claro que a oposição gostou disso. E o PT detestou. Detestou e quer mudar este trecho”. Daí em diante, a reportagem retorna para o estúdio, para a pessoa do comentarista, que passa a analisar as conseqüências do conteúdo do relatório, “Assim como achou exagerado o quadro

de pedidos de indiciamento. Casos de José Dirceu, Gushiken, Genuíno, que, aliás, já protestaram por meio de seus advogados. O tucano Eduardo Azeredo também. Entre os itens que agradaram os governistas está, evidentemente, a isenção do presidente Lula”. O comentarista entremeia a notícia com suas impressões, “Roberto Jefferson, quando fez as denúncias, disse que havia contado ao presidente, e que ele tinha pedido providências a seus ministros. O relatório agora reproduziu isso. E é claro, a oposição protesta”. Ele polemiza levantando a hipótese de que o governo possa ter interferido na redação do relatório, “Enfim, os sinais de pressão dos últimos dias, negados pelo relator e demais membros da CPI, são identificados pela oposição em várias omissões no texto”. E antecipa para o telespectador o que acontecerá na semana seguinte, “Nos próximos seis dias, vai começar uma boa briga na CPI entre os 32 parlamentares oposicionistas, e os governistas”. O comentarista refaz o percurso argumentativo da notícia, acrescenta seus comentários em relação a posição do governo e da oposição, relaciona o resultado do relatório com o contexto eleitoral, e lança o telespectador para o futuro, “Dá pra mexer no texto ainda antes da votação do relatório definitivo. Material obrigatório na campanha eleitoral. É claro que a oposição sonhava com uma frase bem clara, apontando a responsabilidade do presidente Lula. Cabrinni”. O comentarista rememora os ângulos apresentados anteriormente pelos outros atores discursivos, e reforça a construção argumentativa do telejornal junto ao telespectador.

O ancora retorna para fechar a narrativa comentando sobre o resultado do relatório, Essa responsabilidade não é apontada, mas é sugerida. É claro que esse relatório tem partes boas, partes consistentes, mas tem também omissões”. E introduz a hipótese do relatório ser usado como instrumento de campanha nas próximas eleições, “Existem momentos em que ele é técnico, e outros que dava uma margem para algum tipo de interpretação política-eleitoreira num ano de eleição presidencial. Mas vai haver ainda muita discussão”. E afirma para o telespectador que, “De um modo geral, o relatório teve mais aspectos positivos. É o que grande parte dos políticos acredita, é o que grande parte dos analistas acredita nesse instante”.

- **Nível valorativo**

A narrativa reconstrói o acontecimento para o telespectador combinado várias estratégias discursivas. A imagem é o ator discursivo, é a partir dela que a narrativa mostra a sucessividade do acontecimento. O repórter como ator discursivo é responsável por trazer para o telespectador as informações sobre o conteúdo do relatório, complementando o sentido da imagem. O texto em off usa traços literários como interjeições, metáforas e palavras de duplo sentido, criando efeito de acontecimento-espetáculo.

No caso desta matéria, o repórter é o que apresenta menos liberdade de construção narrativa por estar ligado ao contexto real do acontecimento pelas imagens. Mesmo assim, demonstra em sua argumentação que tanto a entrega do relatório final quanto o conhecimento do seu conteúdo representaram para a classe política o início de mais uma batalha entre oposição e governo em busca de melhores condições de disputa nas próximas eleições.

A fala do comentarista reforça os ângulos apresentados anteriormente pelos outros atores discursivos. São citados os mesmos nomes da lista dos indiciados, três petistas e um tucano; são revistas as implicações do relatório para o presidente Lula; são dadas as posições da oposição e do governo em relação ao conteúdo relatório; são feitas previsões sobre a semana que antecede a votação do relatório final; e por fim, é feita a vinculação do acontecimento com o quadro pré-eleitoral.

As imagens são as principais fiadoras da narrativa, e representam a veracidade e a dramaticidade do acontecimento quando mostram o tumulto dos parlamentares na entrega das cópias do relatório, a leitura do relatório confirmando a existência do mensalão, e o ponto alto é a entrevista de Osmar Serraglio explicando porque o presidente Lula não foi indiciado.

O telejornal aglutina diferentes valores ideológicos à representação do acontecimento através do posicionamento dos atores discursivos na construção narrativa. Cada um dos atores discursivos possui o poder de aglutinação de efeitos de sentido em maior ou menor grau. Os efeitos de sentido são mais visíveis nas falas do âncora e do comentarista, já que esses geralmente possuem maior liberdade narrativa, e por isso aglutinam mais valores ideológicos em seus discursos.

O âncora reflete seu posicionamento através de marcas textuais como a evocação do telespectador na terceira pessoa pelo âncora (Você vai ver que), a referência dos indiciados apenas pelo primeiro nome (Delúbio Soares, o Silvio Pereira, o Dirceu... Enfim... Que o Genuíno também), e pelas pequenas pausas durante seu discurso. Seu posicionamento é bem claro em relação à responsabilidade do presidente Lula com o “mensalão”, ao enfatizar que “Essa responsabilidade não é apontada, mas é sugerida” pelo relatório final. Com essa fala, o âncora leva a crer que o envolvimento do presidente não está bem esclarecido no relatório. Ao dizer que “é claro que esse relatório tem partes boas, partes consistentes, mas tem também omissões”, insinua que o relator Osmar Serraglio sofreu pressões por parte do governo para não envolver diretamente o presidente Lula. A fala final do discurso vincula a entrega do relatório a “algum tipo de interpretação política-eleitoreira num ano de eleição presidencial”. Com esta insinuação, o âncora fecha o seu posicionamento inquisidor e discordante, revelando a insatisfação do telejornal com o conteúdo apresentado pelo relatório final.

O comentarista geralmente é chamado para reforçar a posição do telejornal colocada pelo âncora. Ele também faz uso constante de interjeições e metáforas, e começa seu texto afirmando que “o relatório da CPI dos Correios diz que o mensalão existiu, e não foi caixa dois, não. Foi lista de pagamento mesmo”. A fala caracteriza que o governo de Lula pagava sim o mensalão para alguns deputados em troca de votos no congresso. Outra citação reforça essa idéia quando diz que “Roberto Jefferson, quando fez as denúncias, disse que havia contado ao presidente, e que ele tinha pedido providências a seus ministros”. O comentarista quer deixar implícito para o telespectador a seguinte dúvida: se Roberto Jefferson deu indícios de que o presidente Lula sabia da existência do mensalão, por que então o presidente deixou de ser citado? Os indícios não foram investigados? Por quê? Em seguida ele responde, mais uma vez implicitamente, ao insinuar que “os sinais de pressão dos últimos dias, negados pelo relator e demais membros da CPI, são identificados pela oposição em várias omissões no texto”. Por fim, ele fecha o comentário afirmando que o conteúdo do relatório final é “material obrigatório na campanha eleitoral”.

Nesse caso, o telejornal deixa bem clara sua opinião, que o relatório final da CPI dos correios vai ser uma das armas da oposição, enfatizando os riscos para os governistas e para a reeleição de Lula. E reitera o poder do conteúdo do relatório de influenciar na composição do quadro político-eleitoral das próximas eleições.

- **Matéria 2: Conclusão do relatório final da CPI, SBT, 29/03/2006**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

Boa noite, dois brasis conviveram nesta quarta feira. Um deles esteve unido diante da televisão para dividir o orgulho e os bons pensamentos pelo nosso primeiro astronauta, que já está no espaço. O outro Brasil esteve na entrega do relatório da CPI dos Correios no Congresso Nacional. Segundo o relator, deputado Osmar Serraglio, um retrato de imoralidades que estarreceram o país. O Brasil de Marcos Pontes é o da imensa maioria dos brasileiros. O Brasil do “mensalão”, oficialmente reconhecido pela CPI é um país de muito poucos. Daqueles que insistem em ignorar a inteligência, a retidão, e a grandeza do povo brasileiro. Você vai ver nessa edição do jornal do SBT (...) Citado mais não culpado. A CPI dos correios pede o indiciamento de 120 pessoas, mas inocenta o presidente Lula.

Repórter em off, com imagens da entrega do relatório com a inscrição "yes, nós temos mensalão", no rodapé da tela e com a voz do.

A CPI dos correios confirma o mensalão, mas isenta o presidente Lula.

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

O relatório final da CPI dos correios tentou não radicalizar nem para um lado nem para o outro. Se, e quanto o relator foi pressionado, só ele poderá dizer...

Repórter em off, com imagens do tumulto durante a entrega das cópias do relatório final,

O tempo de uma gestação e um filho volumoso. Nos nove meses e cinco mil páginas que concluem o trabalho da CPI dos correios, todos os envolvidos no maior escândalo do governo Lula estão citados. São 162 nomes. O relatório desmonta a tese do caixa dois, dizendo com todas as letras que o que houve foi o pagamento regular de deputados da base governista, o “mensalão”. E faz uma radiografia expressiva da corrupção envolvendo políticos, funcionários públicos e algumas empresas estatais.

Entrevista do relator Osmar Serraglio, em close nos corredores do congresso.

Se interpretação equivocada houver, eu falei que eu erro como qualquer um, e sou humilde o bastante para aceitar...

Repórter em off com fragmentos de imagens de arquivo, exibindo as movimentações da CPI.

Para os analistas, a lista do relatório final é uma peça de equilíbrio, incluiu pelo menos um tucano de alto penacho no escândalo. Citou o presidente Lula, mas não foi fundo na relação do filho dele, Fábio Luis da Silva, com a Telemar. O texto está sendo chamado de “o bom acordo”, aquele que desagrada um pouco todas as partes.

Entrevista do deputado Gustavo Fruet-PSDB, em close, nos corredores do congresso.

O PSDB não vai pedir a exclusão de nada do relatório, mas vai trabalhar também para que fique caracterizado o papel do presidente com essas pessoas que, segundo o relator, participaram do “mensalão”

Entrevista do deputado José Eduardo Cardoso-PT, em close, nos corredores do congresso.

Se houver uma polarização política, uma guerra política em torno do relatório, onde a racionalidade não exista, onde a busca as provas não exista, onde eu tenha apenas uma bandeira.... , aí nos teremos aqui mais uma vez o episódio da CPI do Banestado.

Repórter, em plano fechado, em frente ao Congresso Nacional.

Os próximos seis dias serão de intensas negociações nos bastidores da CPI. Para que o relatório seja aprovado na terça-feira, nem a oposição vai poder bater o pé em torno do indiciamento de Lula e seus familiares. Nem os governistas podem querer eliminar todas as referências ao presidente. Afinal, o pior dos mundos para todos é não ter relatório nenhum. Aí o trabalho de nove meses da CPI dos Correios não terá servido pra nada. Alessandra de Castro de Brasília para o Jornal do SBT.

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

Há quem reclame que eram oitenta os deputados envolvidos no mensalão, mas o relatório só citou dezenove. Ou que o texto ignorou também mais de sessenta assessores parlamentares que também se alimentaram do “valerioduto”. Mas os principais personagens do escândalo foram muitos bem relacionados com nomes, nas denúncias de Roberto Jefferson.

Repórter em off, com fragmentos de imagens dos citados, exibidos de acordo com a sucessão da matéria.

Roberto Jéferson já havia perdido o mandato, mas ao final da CPI, que nasceu por causa dele, pode ser indiciado por corrupção passiva, crime eleitoral e contra a ordem tributária. José Dirceu também teve o mandato cassado, mas pra quem foi chamado de “chefe do mensalão”, o relatório até pegou leve, foi acusado só de corrupção ativa. Nada se comparado aos sete crimes de estado para o publicitário Marcos Valério: tráfico de influência, supressão de documentos, corrupção passiva, fraude processual, peculato,

improbidade administrativa, e crime contra a ordem tributária.

Entrevista de Fernanda Somaggio (ex-secretária de Marcos Valério), em close.

Eu sabia que tinha alguma coisa de diferente, que não era normal de uma empresa de propaganda.

Repórter em off, com imagens de Fernanda Somaggio, em plano geral, dando entrevista em seu apartamento em São Paulo.

Fernanda era a secretária que trabalhava no coração do império de corrupção que Marcos Valério comandava. Ela ajudou a denunciar o esquema, saiu da empresa, e hoje mora em São Paulo esperando ser eleita deputada federal.

Entrevistada Fernanda Somaggio, em close.

Com a parte que eu vi do relatório, sendo que eu vi algumas partes..., eu realmente fiquei satisfeita, agora resta ao ministério público fazer justiça.

Repórter em off com imagens de arquivo de Duda Mendonça.

O publicitário Duda Mendonça também foi destaque no relatório da CPI dos Correios. Ganhou um capítulo só para ele por causa da confissão de cachês paralelos na campanha de Lula, depositados em paraísos fiscais.

Repórter, em plano americano, em frente à casa de Duda Mendonça.

O publicitário Duda Mendonça está no apartamento dele aqui nesse bairro nobre de Salvador, e não quis falar sobre o pedido de indiciamento que está no relatório final da CPI dos correios. Duda e a sócia Gilmar Fernandes são acusados de sonegação fiscal, lavagem de dinheiro, crime contra o sistema financeiro e contra a ordem tributária.

Repórter em off, com fragmentos de imagens de arquivo dos citados, exibidos de acordo com a sucessão da matéria.

O outro grande personagem do mensalão Delúbio Soares também preferiu ficar quieto em casa. Nesse momento o ex-tesoureiro do PT que movimentou milhões e milhões junto com Marcos Valério, deixou o apartamento em um bairro chique de São Paulo, e veio morar com a sogra aqui em um bairro de classe média baixa no centro da cidade. O relator da CPI pediu o indiciamento de Delúbio pelos crimes de falsidade ideológica, lavagem de dinheiro, corrupção ativa, crime eleitoral e peculato. Taís Venâncio de São Paulo para o jornal do SBT.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do ancora comparando dois acontecimentos importantes ocorridos no mesmo dia: a decolagem do astronauta brasileiro para uma missão no espaço e a entrega do relatório final da CPI dos Correios;
- imagens da entrega do relatório final da CPI dos Correios;
- informações sobre a entrega do relatório final;
- fragmentos da entrevista do relator da CPI Osmar Serraglio;
- considerações sobre a votação do relatório final;
- informações sobre os indiciados no relatório;

- entrevista da ex-secretária de Marcos Valério, Fernanda Sommaggio;
- informações sobre Fernanda Sommaggio;
- informações sobre o publicitário Duda Mendonça;
- informações sobre o ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares.

- **Nível discursivo:**

O telejornal começa com o âncora, sentado na bancada do telejornal, olhando diretamente para o telespectador. Com as feições concentradas e a voz séria ele começa um discurso de abertura, fazendo uma comparação entre dois acontecimentos importantes ocorridos no mesmo dia: a decolagem do astronauta brasileiro para uma missão no espaço, e a entrega do relatório final da CPI dos Correios, “Boa noite, dois brasis conviveram nesta quarta feira. Um deles esteve unido diante da televisão para dividir o orgulho e os bons pensamentos pelo nosso primeiro astronauta, que já está no espaço. O outro Brasil esteve na entrega do relatório da CPI dos correios no Congresso nacional. Segundo o relator, deputado Osmar Serraglio, um retrato de imoralidades que estarreceram o país. O Brasil de Marcos Pontes é o da imensa maioria dos brasileiros. O Brasil do “mensalão”, oficialmente reconhecido pela CPI é um país de muito poucos. Daqueles que insistem em ignorar a inteligência, a retidão, e a grandeza do povo brasileiro. Você vai ver nessa edição do jornal do SBT (...) Citado mais não culpado. A CPI dos correios pede o indiciamento de 120 pessoas, mas inocenta o presidente Lula”. O âncora propõe ao telespectador a relação entre o “Brasil do mensalão”, que corresponde “aqueles que insistem em ignorar a inteligência, a retidão, e a grandeza do povo brasileiro”, e o “brasil de Marcos Pontes” que “é o da imensa maioria dos brasileiros”. Ele cria a polêmica para o telespectador ao dizer que, segundo o relator Osmar Serraglio, o relatório é um retrato de imoralidades que estarreceram o país. Ele encerra o discurso sério e contundente, chamando o telespectador, “Você vai ver nessa edição do jornal do SBT” para conferir as outras notícias do telejornal. Com a ajuda de imagens em movimento, o telejornal mostra cenas da entrega do relatório com a legenda na tela dizendo "yes, nós temos mensalão", e a voz do âncora em off destacando (1) a confirmação da existência do mensalão pela CPI e (2) a isenção do presidente Lula. A estratégia da chamada, sobretudo coma expressão "yes, nós temos mensalão", reforça o suspense do telespectador até o retorno do programa após o intervalo.

O âncora retorna com as notícias sobre a entrega do relatório final, começa a narrativa afirmando que “O relatório final da CPI dos correios tentou não radicalizar nem para um lado nem para o outro. Se, e quanto o relator foi pressionado, só ele poderá dizer...”, e lança a

suspeita para o telespectador de que houve pressões de bastidores que influenciaram na construção do relatório a favor do governo, e repassa a narrativa para o repórter.

O repórter inicia sua participação enfatizando para o telespectador o tempo que o relatório levou para ser concluído e o número de indiciamentos propostos, “O tempo de uma gestação e um filho volumoso. Nos nove meses e cinco mil páginas que concluem o trabalho da CPI dos correios, todos os envolvidos no maior escândalo do governo Lula estão citados. São 162 nomes”. A introdução representa a entrega do relatório com a metáfora da gestação, com o nascimento de algo que tem a importância de um filho, e que levou todo esse tempo para ser gerado. O repórter polemiza sobre o conteúdo do relatório, “O relatório desmonta a tese do caixa dois, dizendo com todas as letras que o que houve foi o pagamento regular de deputados da base governista, o mensalão. E faz uma radiografia expressiva da corrupção envolvendo políticos, funcionários públicos e algumas empresas estatais”. O texto em off não deixa dúvidas para o telespectador de que o conteúdo do relatório traz provas contra muitos políticos importantes, e que ele confirma a existência de um esquema corrupto de desvios de verba pelo governo.

A narrativa prossegue mostrando um fragmento da entrevista do relator Osmar Serraglio, “Se interpretação equivocada houver, eu falei que eu erro como qualquer um, e sou humilde o bastante para aceitar...”. No fragmento, o relator tenta se explicar sobre as expectativas não correspondidas pelo texto final. O repórter passa a fazer considerações sobre o conteúdo do relatório, “Para os analistas, a lista do relatório final é uma peça de equilíbrio, incluiu pelo menos um tucano de alto penacho no escândalo. Ele mistura a posição de crítica, quando enfatiza que o relatório “citou o presidente Lula, mas não foi fundo na relação do filho dele, Fábio Luis da Silva, com a Telemar”, e com a impessoalidade da narrativa quando diz que “o texto está sendo chamado de o bom acordo, aquele que desagrada um pouco todas as partes”. O texto revela a opinião dos analistas políticos sem citar fontes, enfatiza através de metáfora que o relatório citou o senador do PSDB, Luiz Carlos Azeredo, e reforça mais uma vez para o telespectador que o presidente Lula foi citado, mas que o relatório não investigou a denúncia que envolvia o filho dele em um esquema de contratos ilícitos com a Telemar.

As entrevistas entram na narrativa para colocar a opinião dos governistas e dos oposicionistas através da declaração de seus representantes, “O PSDB não vai pedir a exclusão de nada do relatório, mas vai trabalhar também para que fique caracterizado o papel do presidente com essas pessoas que, segundo o relator, participaram do mensalão”. Afirmou o deputado Gustavo Fruet-PSDB, que deixa claro a disposição do partido em lutar para que o relatório caracterize de forma mais clara a relação do presidente Lula com os acusados de

participação no esquema do mensalão. Ou seja, a oposição representada na entrevista diz para o telespectador que o relatório não especificou com clareza a natureza da relação do presidente Lula com os envolvidos no escândalo do “mensalão”. Em seguida, entra a opinião do partido do governo, “Se houver uma polarização política, uma guerra política em torno do relatório, onde a racionalidade não exista, onde a busca as provas não exista, onde eu tenha apenas uma bandeira.... , aí nos teremos aqui mais uma vez o episódio da CPI do Banestado. A declaração do deputado José Eduardo Cardoso argumenta para o telespectador que já que existem muitas controvérsias entre oposição e governo em torno do seu conteúdo, o relatório pode não ser votado no prazo, o que repetiria a situação da CPI do Banestado, que perdeu sua validade porque expirou o prazo regulamentar para a votação. Em sua fala, o deputado do governo revela ao telespectador que, na disputa política entre oposição e governo, não existe racionalidade, e que não se trabalha em favor da busca de provas que possam enriquecer o relatório final. Diz que a preocupação maior está em transformar os resultados expostos no relatório em uma bandeira política contra o governo.

O repórter retoma a narrativa para fazer previsões para o telespectador sobre a semana de negociações que antecederá a votação do relatório, “Os próximos seis dias serão de intensas negociações nos bastidores da CPI. E indica a condição, “Para que o relatório seja aprovado na terça-feira, nem a oposição vai poder bater o pé em torno do indiciamento de Lula e seus familiares. Nem os governistas podem querer eliminar todas as referências ao presidente” .O repórter esclarece para o telespectador o que pode acontecer se oposição e governo não chegarem a um acordo, e avisa, “Afinal, o pior dos mundos para todos é não ter relatório nenhum. Aí o trabalho de nove meses da CPI dos Correios não terá servido pra nada. Alessandra de Castro de Brasília para o Jornal do SBT”. A fala do repórter revela medo e indignação ao cogitar a possibilidade de não haver relatório.

O ancora retorna à narrativa para comentar sobre o conteúdo do relatório, “Há quem reclame que eram oitenta os deputados envolvidos no mensalão, mas o relatório só citou dezenove”. Ou que o texto ignorou também mais de sessenta assessores parlamentares que também se alimentaram do “valerioduto”. Ele recorre ao telespectador para concordar com ele em relação às falhas do relatório. E confirma sua posição crítica ao lembrar o episódio em que o deputado Roberto Jéferson fez as denúncias que deram origem à CPI “Mas os principais personagens do escândalo foram muitos bem relacionados com nomes, nas denúncias de Roberto Jefferson”.

O segundo repórter entra na construção narrativa para passar ao telespectador informações sobre os principais personagens do escândalo. A reportagem começa com o texto

em off, as primeiras imagens são de dois personagens-chave do escândalo com legendas que evidenciam sua condição de ex-deputados, Roberto Jefferson e José Dirceu. O repórter “absolve” Roberto Jefferson para o telespectador ao dizer, Roberto Jefferson já havia perdido o mandato, mas ao final da CPI, que nasceu por causa dele, pode ser indiciado por corrupção passiva, crime eleitoral e contra a ordem tributária. Depois revela sua posição julgadora, descontente com a condescendência do relatório em relação a José Dirceu, “José Dirceu também teve o mandato cassado, mas pra quem foi chamado de chefe do mensalão, o relatório até pegou leve, foi acusado só de corrupção ativa”. O mais interessante foi a comparação feita pelo repórter entre as acusações ao se tratar do publicitário Marcos Valério no dito “Nada se comparado aos sete crimes de estado para o publicitário Marcos Valério: tráfico de influência, supressão de documentos, corrupção passiva, fraude processual, peculato, improbidade administrativa, e crime contra a ordem tributária”. Ele dá a entender para o telespectador um certo desequilíbrio entre as acusações, enfatizando que o relatório foi mais duro com o publicitário Marcos Valério do que com o ex-deputado José Dirceu. Isso reforça a suspeita de que houve pressão por parte do governo sobre o relator Osmar Serraglio para “pegar leve” com alguns dos envolvidos.

A reportagem passa a relatar a opinião da ex-secretária de Marcos Valério, “Eu sabia que tinha alguma coisa de diferente, que não era normal de uma empresa de propaganda”. Em seguida o repórter explica para o telespectador quem dá essa declaração, “Fernanda era a secretária que trabalhava no coração do império de corrupção que Marcos Valério comandava. Ela ajudou a denunciar o esquema, saiu da empresa, e hoje mora em São Paulo esperando ser eleita deputada federal”. A entrevistada retorna em mais um fragmento da sua entrevista, “Com a parte que eu vi do relatório, sendo que eu vi algumas partes..., eu realmente fiquei satisfeita, agora resta ao ministério público fazer justiça”. Com a exibição dos fragmentos da entrevista o jornal contemplou com espaço mais um dos envolvidos colocando as expectativas da secretária que confirmou a existência de um esquema de pagamento de parlamentares na agencia de publicidade de Marcos Valério.

O repórter continua com o texto em off sobre imagens de arquivo do depoimento de Duda Mendonça, e informa para o telespectador onde está um dos acusados no relatório, “O publicitário Duda Mendonça também foi destaque no relatório da CPI dos Correios. Ganhou um capítulo só para ele por causa da confissão de cachês paralelos na campanha de Lula, depositado em paraísos fiscais”. Ele passa a transmitir da frente da casa do publicitário, enfatizando as acusações feitas contra ele no relatório, “O publicitário Duda Mendonça está no apartamento dele aqui nesse bairro nobre de Salvador, e não quis falar sobre o pedido de

indiciamento que está no relatório final da CPI dos Correios. Duda e a sócia Gilmar Fernandes são acusados de sonegação fiscal, lavagem de dinheiro, crime contra o sistema financeiro e contra a ordem tributária”. Aqui, o ator discursivo intervém para relembrar ao telespectador do envolvimento do publicitário com o PT e o presidente Lula.

Outro repórter passa a transmitir da frente da casa de outro acusado, o ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares, “O outro grande personagem do mensalão Delúbio Soares também preferiu ficar quieto em casa. Nesse momento o ex-tesoureiro do PT que movimentou milhões e milhões junto com Marcos Valério, deixou o apartamento em um bairro chique de São Paulo, e veio morar com a sogra aqui em um bairro de classe média baixa no centro da cidade. O relator da CPI pediu o indiciamento de Delúbio pelos crimes de falsidade ideológica, lavagem de dinheiro, corrupção ativa, crime eleitoral e peculato. Taís Venâncio de São Paulo para o jornal do SBT”. Ele encerra a narrativa lembrando o envolvimento de mais um petista no esquema de corrupção investigado pelo relatório.

A reportagem reconstrói o acontecimento para o telespectador sobre a articulação de várias perspectivas, com entrevistas que reforçam a multiplicidade de ângulos importantes, e transportam o telespectador para vários momentos do acontecimento. O telespectador teve acesso através da reportagem à opinião de cada um dos lados, opositores e governistas, mostrando que ambos estão em discordância sobre algumas partes do relatório.

- **Nível valorativo**

A reportagem é articulada entre quatro atores narrativos que se intercalam na construção narrativa para mostrar ao telespectador vários ângulos do acontecimento. Os três repórteres participantes da matéria articularam para o telespectador uma narrativa rica trazendo (1) uma variedade de ângulos precisos, (2) informações detalhadas sobre o relatório, (3) a posição dos personagens envolvidos na ocasião da entrega, (4) as opiniões da situação e oposição sobre o conteúdo do relatório, (5) as considerações e previsões de analistas políticos, (6) e a entrevista de um personagem que foi importante em outro momento da CPI.

As imagens relacionadas na reportagem cumprem dois papéis importantes. A imagem da sessão da CPI onde houve a entrega das cópias do relatório aos parlamentares atestou a veracidade do acontecimento, mostrando ao telespectador como se deu a realidade do fato. E as imagens de arquivo vieram corroborar com a narrativa no sentido de relembrar o telespectador sobre os personagens do escândalo do mensalão (que eram muitos), e que as investigações tiveram seu início à nove meses atrás com as denúncias do deputado Roberto Jefferson.

O telejornal do SBT aglutina de forma enfática uma série de valores ideológicos à representação do acontecimento. No telejornal apresentado, uma das forças discursivas encontra-se personificado na figura do âncora. A ele é dado o poder de posicionar-se para o telespectador em relação ao acontecimento na abertura do telejornal, que é a sua marca como ator discursivo. O âncora revela a intenção comunicativa do telejornal logo no início da narrativa, e posiciona a emissora em relação a dois acontecimentos distintos, construindo sua própria relação entre eles.

Os acontecimentos são divididos entre dois brasis: a viagem do astronauta Marcos Pontes representa o famoso orgulho de ser brasileiro, indicado nas palavras do âncora: orgulho, inteligência, retidão, grandeza; e a entrega do relatório final da CPI representa a vergonha de ser brasileiro, traduzida nas palavras do relator Osmar Serraglio. O poder discursivo do telejornal, conduz a narrativa para a exaltação do Brasil de Marcos Pontes, separado claramente nas palavras do âncora, “O Brasil de Marcos Pontes é o da imensa maioria dos brasileiros”. Logo, a narrativa toda se constrói a partir dessa separação, em que os políticos estão colocados à parte, como “aqueles que insistem em ignorar a inteligência, a retidão, e a grandeza do povo brasileiro”. Aí reside claramente o poder de aglutinação ideológica do telejornal na voz do âncora.

Como o modelo de narrativa não inclui a atuação do comentarista e/ou analista político, é do âncora a função de fazer comentários sobre o acontecimento. Embora não seja nossa preocupação norteadora, achamos importante ressaltar que, no caso do telejornal apresentado, os comentários estão subscritos nas marcas vocais e expressões faciais do âncora, e também dos repórteres que participaram da narrativa, principalmente no que diz respeito à pronúncia de termos chaves para a compreensão ideológica da narrativa, como por exemplo: mensalão, valerioduto, corrupção.

O telejornal do SBT revela nesta edição um modelo de jornalismo opinativo, com posicionamento ideológico claro e enfático. O âncora traz pra si o poder de representar tanto a emissora quanto o telespectador quando faz relações próprias entre os acontecimentos, e toma partido ao lado do *Brasil de Marcos Pontes*. Em todas as suas intervenções narrativas, o âncora demonstra para o telespectador sua indignação com o resultado das investigações. Primeiro, ao insinuar que houve pressões por parte do governo para que, algumas denúncias não fossem investigadas, e alguns nomes não fossem citados deixando *no ar* dúvidas que não foram esclarecidas pela CPI, e retira a credibilidade do relatório. E segundo, ao evocar o personagem de Roberto Jefferson, ele dá a entender para o telespectador que os outros nomes

dos oitenta deputados e seus assessores, indicados nas denúncias do ex-deputado, não foram investigados a fundo por se tratarem de políticos ligados diretamente ao governo Lula.

As expressões usadas na construção textual dos repórteres indicaram a permissividade criativa por parte da emissora. Todos os repórteres, como agentes discursivos, foram incisivos no uso de marcas textuais responsáveis pelos efeitos de sentido junto ao telespectador, para a compreensão do tema. Os entrevistados participantes da matéria exerceram suas vozes para demonstrar ao telespectador que existem duas forças políticas em lados opostos que lutam por mudanças no conteúdo do relatório.

- **Matéria 3: Conclusão do relatório final da CPI, Globo, 29/03/2006**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal. Ao fundo, a redação em ângulo desfocado.

O relatório da CPI dos Correios concluiu hoje seus trabalhos, e segue para votação. E se o conteúdo continuar do jeito que está, então apenas reiterou suspeitas infundadas, proferiu veredictos sem base e não conseguiu provar nenhuma grande denúncia.

Repórter em off, sobre as imagens dos parlamentares movimentando-se em torno da mesa onde estão sendo distribuídas as cópias do relatório final.

Em 10 meses, a CPI dos Correios fez 165 reuniões, aprovou 1600 requerimentos, e 365 quebras de sigilo. Trabalho condensado em mais de 2000 páginas, com provas documentais, depoimentos e comentários. O relator Osmar Serraglio fez questão de dizer que o ministério público e a polícia federal vão aproveitar apenas as provas, os fatos, o resto faz parte da visão política de uma CPI. Serraglio indiciou mais de 200 pessoas e pediu o indiciamento de ex-diretores de estatais, donos dos bancos rural e BMG, integrantes do PT como José Genuíno, Delúbio Soares, e Silvio Pereira, além dos ex-ministros José Dirceu e Luis Gushiken. O publicitário Duda Mendonça também foi acusado de receber recursos ilegais no exterior.

Entrevista do relator Osmar Serraglio, em plano fechado, em um corredor do Congresso Nacional, cercado de microfones.

Quando o Ministério Público recebe esses documentos, ele recebe como se fosse um jornal contendo uma informação, ele vai dar o valor que ele quer. O que ele tem que fazer, estudar os fatos, ver como eles estão comprovados, daí fazer as tipificações. Por isso que são sugestões. Nós não indicamos ninguém.

Imagens videográficas representando uma espécie de cartilha, com o título “Relatório da CPI - o que já era esperado”. Repórter em off.

Como era esperado o relatório explicou como funcionava o valerioduto:

Folha um (off): o empresário Marcos Valério comandou um esquema que desviou milhões de reais de ministérios e empresas públicas e privadas para financiar o mensalão.

Folha dois (off): o mensalão foi definido como uma prática de corrupção política para influenciar o resultado de votações a favor do governo e estimular troca de partidos

Folha três (off): também foram identificados crimes de corrupção e tráfico de influência na empresa dos correios. Alvo inicial da CPI.

Folha quatro (off): o relatório trouxe pelo menos uma surpresa: o pedido de indiciamento

do deputado Eduardo Azeredo do PSDB. Ele foi acusado de se beneficiar de dinheiro de caixa 2 na campanha ao governo de Minas Gerais em 1998.

“Relatório da CPI - o que ficou de fora”:

Folha um (off): o relator deixou de fora as acusações individuais contra 18 deputados acusados de participar do mensalão. Houve contra eles apenas um pedido de indiciamento genérico por crime eleitoral e sonegação.

Folha dois (off): O relatório cita o contrato da empresa do filho de Lula, a Gamecorp, com a Telemar, sem mencionar o filho do presidente.

Repórter, em plano fechado, nos corredores do Congresso Nacional.

Os 32 integrantes da CPI já começaram a debater o relatório. A oposição não ficou satisfeita com a afirmação do relator de que não encontrou provas da responsabilidade do presidente Lula no mensalão. Já os governistas querem que Osmar Serraglio diga que o valerioduto começou em 98, com Eduardo Azeredo. São pontos polêmicos que podem inviabilizar a votação prevista para a próxima semana.

Entrevista do deputado Gustavo Fruet (PSDB), em plano fechado, nos corredores do congresso.

No momento em que o relator reconhece que houve o mensalão, que reafirma que o mensalão não é caixa dois, e que demonstra a responsabilidade de José Dirceu, José Genuíno, Silvio Pereira, Delúbio Soares e Luis Gushiken, pessoas muito próximas ao presidente, é pouco provável que não tenha nenhuma relação com o presidente da república.

Entrevista do deputado Mauricio Rands (PT), em plano fechado, nos corredores do congresso.

Ora ele acha que houve empréstimos em 98, mas o mesmo mecanismo que foi repetido em 2003 ele acha que não foram empréstimos. Então é preciso ter uma uniformização de tratamento. É preciso, por exemplo, que seja relatada com mais clareza e no lugar certo a origem do valerioduto.

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

Os advogados de Jose Genuíno, José Dirceu, Eduardo Azeredo e Luis Gushiken desqualificaram as acusações atacando o relatório. A Gamecorp e os advogados de Delúbio Soares e Marcos Valério disseram que não vão se manifestar. O advogado de Duda Mendonça afirmou que vai provar a inocência dele.

Âncora, em plano geral, interagindo com a imagem do comentarista na tela em sua frente.

Franklin Martins, parece que do jeito que está o relatório do Serraglio não vai ficar...

Imagem do comentarista Franklin Martins, direto do estúdio em Brasília, exibida na tela sobre a bancada.

Se depender da oposição, até que ele fica mais ou menos como está, mas, se depender do governo, ele vai mudar muito.

Nesse momento, o comentarista vira em direção à câmera principal, e passa a dirigir-se diretamente ao telespectador.

Os governistas vão concentrar a disputa em três pontos. Primeiro o fato de se ter pedido o indiciamento de José Dirceu por corrupção ativa, e não se ter pedido o indiciamento por corrupção passiva dos deputados que receberam recursos do valerioduto. Tem de casar

uma coisa com a outra. Segundo, vão tentar mostrar que não há provas de que entrou dinheiro da VISANET e por tabela do Banco do Brasil no esquema de Marcos Valério. Por último, querem deixar claro que o valerioduto já vinha de antes. Começou em Minas em 1998 na campanha de Eduardo Azeredo do PSDB. Como os governistas têm maioria na CPI, é possível que eles consigam mudar alguns pontos do relatório. Mas como essa maioria é meio frouxa, dificilmente eles vão conseguir mudar tudo que querem. E assim, a temperatura política que já era altíssima, vai subir ainda mais na semana que vem aqui em Brasília. Willian.

Âncora, em plano geral, interagindo com a imagem do comentarista na tela em sua frente.
Franklin... Muito obrigado.

- **Nível Textual**

- discurso de abertura do âncora com informações sobre a entrega do relatório final;
- informações e imagens da sessão de entrega do relatório final;
- entrevista com o relator da CPI, deputado Osmar Serraglio;
- recurso videográfico explicando o conteúdo do relatório;
- informações sobre as negociações entre governo e oposição antes da semana de votação do relatório;
- entrevista com o deputado Gustavo Fruet do PSDB;
- entrevista com o deputado Mauricio Rands do PT;
- informações sobre as acusações feitas no relatório;
- comentários do analista político Franklin Martins.

- **Nível discursivo**

O programa é iniciado com um pequeno discurso de abertura, onde o âncora apresenta a notícia da conclusão do relatório da CPI dos Correios, e adianta que o conteúdo do relatório não conseguiu provar nenhuma grande denúncia, “O relatório da CPI dos correios concluiu hoje seus trabalhos, e segue para votação. E se o conteúdo continuar do jeito que está, então apenas reiterou suspeitas infundadas, proferiu veredictos sem base e não conseguiu provar nenhuma grande denúncia”.

Em seguida, o repórter inicia sua participação na narrativa, trazendo informações técnicas sobre o relatório - números de reuniões, requerimentos, quebras de sigilo e tipos de provas reunidas no relatório, “Em 10 meses, a CPI dos Correios fez 165 reuniões, aprovou 1600 requerimentos, e 365 quebras de sigilo. Trabalho condensado em mais de 2000 páginas, com provas documentais, depoimentos e comentários”, e enfatiza a posição do relator Osmar Serraglio mostrando sua opinião em relação ao aproveitamento do relatório pelas instituições

do poder judiciário, “O relator Osmar Serraglio fez questão de dizer que o Ministério Público e a Polícia Federal vão aproveitar apenas as provas, os fatos, o resto faz parte da visão política de uma CPI”. O repórter atribui mais méritos ao relator afirmando que, “Serraglio indiciou mais de 200 pessoas e pediu o indiciamento de ex-diretores de estatais, donos dos bancos rural e BMG, integrantes do PT como José Genuíno, Delúbio Soares, e Silvio Pereira, além dos ex-ministros José Dirceu e Luis Gushiken”. O texto em off coloca Osmar Serraglio como o responsável por um feito heróico e importante, e que ele cumpriu sua parte e agora entrega nas mãos da justiça. E no final ele enfatiza a condição do publicitário Duda Mendonça, “O publicitário Duda Mendonça também foi acusado de receber recursos ilegais do exterior”.

O repórter transfere a voz para o entrevistado Osmar Serraglio que afirma, “Quando o Ministério Público recebe esses documentos, ele recebe como se fosse um jornal contendo uma informação, ele vai dar o valor que ele quer. O que ele tem que fazer, estudar os fatos, ver como eles estão comprovados, daí fazer as tipificações. Por isso que são sugestões”. Sem nenhuma delegação formal do poder discursivo por parte de quem comanda a narrativa, o repórter permite que o telespectador veja o personagem também como um dos narradores. Ou seja, o relator Osmar Serraglio é elevado ao status de ator da narrativa, com liberdade para se posicionar face à esfera pública, dizendo como ele acha que as outras instituições sociais devem aproveitar o conteúdo do relatório. E ainda tem a oportunidade de deixar claro para o telespectador que a responsabilidade não é mais da CPI, e sim do poder judiciário, ao afirmar “Nós não indicamos ninguém”.

O repórter retoma a narrativa com a voz em off, e a ajuda de recursos videográficos que reproduzem uma cartilha virtual, em que as explicações aparecem folha-a-folha, com títulos que sugerem os ângulos investigados no relatório, como: (1) a explicação de como funcionava o valerioduto, (2) a definição do mensalão, a comprovação de fraudes nos contratos dos Correios, (3) o pedido de indiciamento do “tucano” Eduardo Azeredo, e o que “ficou de fora” do relatório, (4) os dezoito deputados citados nas investigações, e (5) o nome do filho do presidente Lula e suas relações com a Telemar. O recurso é o diferencial do telejornal. As telas têm um design moderno e de simples compreensão, que ajudam o repórter a explicar para o telespectador os principais resultados do relatório. Cada uma das páginas da cartilha virtual tem um título enfatizando a informação que está sendo tratada. O repórter com a voz em off explica didaticamente para o telespectador as partes mais importantes do relatório. A explicação sobre o funcionamento do valerioduto coloca o empresário Marcos Valério como o mentor do esquema “que desviou milhões de reais de ministérios e empresas públicas e privadas para financiar o mensalão”. O “mensalão” é definido para o telespectador

como “uma prática de corrupção política para influenciar o resultado de votações a favor do governo e estimular troca de partidos”. Nada pode ser mais claro, mais didático, do que uma definição, um conceito que nomeia uma nova prática, e não deixa dúvidas para quem assiste o telejornal do que se trata o “mensalão”. O repórter enfatiza que o relatório “trouxo pelo menos uma surpresa” que foi o indiciamento do deputado Eduardo Azeredo do PSDB. O caráter de surpresa demonstra para o telespectador que não era esperado o indiciamento de um deputado “tucano”, já que a maioria dos envolvidos era ligada ao PT, e o relator é do PSDB. Finalizando a explicação, a “cartilha” apresenta uma folha com o título “Relatório da CPI - o que ficou de fora”, onde o repórter diz que o relator deixou de fora as acusações individuais contra 18 deputados acusados de participar do mensalão”e que “houve contra eles apenas um pedido de indiciamento genérico por crime eleitoral e sonegação”. Mais uma vez, o repórter personifica a CPI para o telespectador ao dizer que o relator tomou a decisão de deixar de fora certos ângulos da investigação. Ao referir-se sobre a situação do filho de Lula, o repórter devolve o poder ao relatório deixando de citar o relator, e enfatiza para o telespectador a condição do acusado de filho do presidente, “o relatório cita o contrato da empresa do filho de Lula, a Gamecorp, com a Telemar, sem mencionar o filho do presidente”. Este recurso narrativo representa uma maneira direta de falar com o telespectador, já que a narrativa é basicamente imagética, e o repórter apenas complementa o sentido lendo o que está representado na imagem videográfica.

O repórter se mostra em frente ao Congresso Nacional para situar geograficamente o acontecimento para o telespectador, e fazer algumas previsões sobre o embate político entre governistas e opositores pelas mudanças no relatório. O texto coloca os pontos de discordância dos dois lados, ainda tendendo a personificar o relatório, “a oposição não ficou satisfeita com a afirmação do relator de que não encontrou provas da responsabilidade do presidente Lula no mensalão. Já os governistas querem que Osmar Serraglio diga que o valerioduto começou em 98, com Eduardo Azeredo”. O repórter chama de pontos polêmicos as discordâncias entre oposição e governo, e demonstra sua preocupação ao prever que essa situação pode “inviabilizar a votação prevista para a próxima semana”.

Os entrevistados são chamados diretamente à narrativa para marcar as posições das forças políticas envolvidas. A oposição, representada pelo deputado Gustavo Fruet procura enfatizar as suspeitas de responsabilidade do presidente Lula com o mensalão, “no momento em que o relator reconhece que houve o mensalão, que reafirma que o mensalão não é caixa dois, e que demonstra a responsabilidade de José Dirceu, José Genuíno, Silvio Pereira, Delúbio Soares e Luis Gushiken, pessoas muito próximas ao presidente, é pouco provável que

não tenha nenhuma relação com o presidente da República". Os governistas são consultados na figura do deputado Mauricio Rands (PT), que pede "uma uniformização de tratamento" das informações referentes à origem do valerioduto por parte do relator, "ora ele acha que houve empréstimos em 98, mas o mesmo mecanismo que foi repetido em 2003 ele acha que não foram empréstimos". Os fragmentos das entrevistas com o discurso das duas forças políticas envolvidas fecham a reportagem dando ao telespectador uma noção de narrativa equilibrada, e sem interferência do telejornal.

O âncora participa com um relato breve e objetivo mostrando ao telespectador a posição dos personagens citados na reportagem através dos seus advogados, "Os advogados de Jose Genuíno, José Dirceu, Eduardo Azeredo e Luis Gushiken desqualificaram as acusações atacando o relatório. A Gamecorp e os advogados de Delúbio Soares e Marcos Valério disseram que não vão se manifestar. O advogado de Duda Mendonça afirmou que vai provar a inocência dele". A estratégia revela a preocupação do telejornal em dar voz aos citados na reportagem, obedecendo critérios de equidade na construção narrativa.

O âncora encaminha a reportagem para que o último ator da narrativa, o analista político. Neste momento, o telespectador tem uma visão parcial da redação do telejornal, e a câmera passa a enquadrar os dois âncoras, sentados de frente para uma "janela", que está situada em um plano mais acima da bancada, contendo a imagem do comentarista. O âncora passa a interagir virtualmente com o analista comentando: "Franklin Martins, parece que do jeito que está o relatório do Serraglio não vai ficar". O papel do âncora nesse momento é polemizar o acontecimento, assim ele estabelece o ponto de partida para a avaliação do analista político, e deixa o telespectador em alerta para o comentário.

O analista político revela ao telespectador que, na sua opinião, a oposição saiu perdendo menos que os governistas, "Se depender da oposição, até que ele (o relatório) fica mais ou menos como está, mas, se depender do governo, ele vai mudar muito". E constrói sua teoria sobre as possíveis estratégias dos governistas para tentar mudar o texto do relatório antes da votação final, "Os governistas vão concentrar a disputa em três pontos. Primeiro o fato de se ter pedido o indiciamento de José Dirceu por corrupção ativa, e não se ter pedido o indiciamento por corrupção passiva dos deputados que receberam recursos do valerioduto. Tem de casar uma coisa com a outra. Segundo, vão tentar mostrar que não há provas que entrou dinheiro da VISANET e por tabela do Banco do Brasil no esquema de Marcos Valério. Por último, querem deixar claro que o valerioduto já vinha de antes. Começou em Minas em 1998 na campanha de Eduardo Azeredo do PSDB". O analista admite que pode dar certo, "é possível que eles consigam mudar alguns pontos do relatório", mas no final ele recua, e revela

ao telespectador seu descrédito em relação aos governistas ao afirmar que, “como essa maioria é meio frouxa, dificilmente eles vão conseguir mudar tudo que querem”. E deixa o alerta para o âncora de que “a temperatura política que já era altíssima, vai subir ainda mais na semana que vem aqui em Brasília”.

A matéria encerra com a opinião do analista, que enfatiza em seu comentário apenas as estratégias dos governistas. No texto do comentário, o telespectador foi mais bem informado sobre as falhas no relatório apontadas pelos governistas. O analista esclarece as acusações contra os governistas desacreditando o poder de conclusão do relatório. Ele dá a entender que o relatório não indiciou todos os envolvidos, que no relatório não há provas do desvio de dinheiro da Visanet, e que o esquema de corrupção nasceu em uma administração tucana.

Ora, mesmo que ele esteja baseando suas colocações nas estratégias dos governistas, ele reforça para o telespectador que o relatório não conseguiu provar nada com consistência, e que por isso tem certa razão que hajam mudanças. No final, ele tenta equilibrar seu tom favorável ao governistas criticando os que fazem parte da comissão julgadora, chamando-os de “maioria frouxa”, e prevê que o relatório provavelmente não vai mudar por causa da falta de articulação dos partidos que compõe o governo.

- **Nível valorativo**

A construção narrativa apresentada nesta edição perfaz um caminho quase isento de interditos ideológicos. Porém, ao examinarmos mais minuciosamente o conteúdo das falas do atores discursivos, encontramos alguns indícios de posicionamento do telejornal em relação ao fato narrado.

O âncora participa apenas duas vezes da narrativa. Na primeira intervenção textual ele cobra mudanças no texto, e diz que o relatório não conseguiu provar nenhuma grande denúncia por não ter sido claro. Porém, mais adiante, a reportagem mostra que o ponto alto do relatório foi justamente a confirmação da existência do “mensalão”. Na sua segunda intervenção, ele entra apenas para dar voz de defesa ao acusados no “relatório do Serraglio”. Ao interagir com o comentarista, ele faz sua última intervenção, e mostra mais claramente sua posição a favor de mudanças no texto. Conclui-se também que o âncora deixa o maior nível de aglutinação de sentidos ideológicos para o analista político, e coloca-se como a segunda voz mais importante na narrativa.

O repórter conduz a narrativa com o máximo de isenção, baseando suas primeiras afirmações sobre o relatório em informações técnicas irrefutáveis. Em seu texto, ele

personifica o relatório na figura do relator várias vezes. Por exemplo, ao afirmar que “Serraglio indiciou mais de 200 pessoas” e não o relatório. Ele também concede amplo direito de posicionamento a Osmar Serraglio exibindo fragmentos de sua entrevista coletiva. O relator aparece sem nenhuma interferência ou delegação de poder de nenhum ator narrativo, e é colocado em contato direto com o telespectador para expor seu raciocínio complexo. No fragmento da entrevista, Serraglio tenta se isentar da tarefa de indiciar os envolvidos, e explicar para a opinião pública que não cabe aos parlamentares punir nenhum dos envolvidos. Com isso, ele se defende do julgamento da opinião pública.

As imagens videográficas são o grande diferencial do telejornal. A representação de um relatório virtual dentro da narrativa reforça o efeito de isenção, ao reproduzir a informação mais próxima do texto original do relatório. É importante enfatizar que a voz do repórter que é colocada em off sobre as imagens, além de ler o texto representado virtualmente, também complementa a informação com outras construções textuais não representadas na imagem videográfica. O recurso toma para si o texto do relatório, e reconstrói sobre ele a sua própria versão. Percebemos o poder desse recurso como estratégia discursiva quando ela realiza várias funções em um mesmo recurso narrativo, a de ensinar, esclarecer, e facilitar a compreensão da notícia pelo telespectador, sendo que, ela só alcança plena eficácia quando associada ao texto complementar do repórter. É no texto em off que a mensagem é enriquecida com efeitos de sentido interditos nas falas do narrador do acontecimento. Por exemplo, o uso de expressões subjetivas que reinterpreta o conteúdo do relatório como, “já era esperado que o relatório provasse a existência do mensalão”, “o relatório trouxe pelo menos uma surpresa”, “o que ficou de fora do relatório”.

Os entrevistados são consultados para situar as partes envolvidas, e obviamente deixam o mais claro possível seus posicionamentos ideológicos em relação ao conteúdo do relatório apresentado pela comissão relatora da CPI. Os fragmentos de entrevistas tem praticamente o mesmo espaço de tempo, e expõe com clareza a visão de dois deputados de partidos diferentes, que colocam para o telespectador quais as principais falhas do relatório segundo suas perspectivas adversárias. Isso equilibra a narrativa, sugerindo para o telespectador a isenção do telejornal ao tratar com as partes envolvidas.

O analista político é o grande detentor do poder de posicionamento dentro do telejornal. Ele é o agente discursivo que define o ângulo ideológico que deve ser creditado a emissora em relação ao acontecimento. Embora a construção da narrativa tenha demonstrado que o telejornal preza o seu nível de isenção e imparcialidade ao reconstruir o acontecimento informando sobre vários detalhes do relatório, a opinião dos parlamentares, divididos entre

governistas e oposicionistas, e a palavra do relator Osmar Serraglio. Porém, ao fechar a reportagem enfatizando a batalha dos governistas para mudar o relatório final, ela marca sua posição a favor das mudanças no relatório. E usa para isso a figura do analista político.

Podemos arriscar dizer que telejornal procurou um efeito de isenção, irrefutabilidade e imparcialidade na construção narrativa, baseando-se no uso de informações que fazem parte do relatório como números e dados técnicos, e misturando suas marcas ideológicas de forma sutil sem deixar claro para o telespectador um posicionamento real. Até que surge a intervenção do analista político.

O analista é colocado em uma tela acima da bancada, indicando sua posição superior em relação ao âncora dentro da hierarquia narrativa, elevando para o telespectador o status de seus comentários. Ele passa a opinar sobre o acontecimento – sendo o responsável pela escolha dos ângulos que serão abordados, e pelos interditos que completarão o efeito de sentido do comentário -. E ele resolve explicar os motivos pelo quais os governistas estão descontentes com o relatório. Ao relacionar os motivos, ele aponta para o telespectador as falhas do relatório, reafirma que a maioria das denúncias não é consistente, e enfatiza que o esquema de corrupção começou sob a batuta dos tucanos, na administração de Eduardo Azeredo.

Logo, reafirmam-se as suspeitas sobre a ausência de intenção dentro da construção narrativa por parte da emissora, e nos leva a crer que houve favorecimento da posição de alguns dos envolvidos. Primeiro ressaltamos os privilégios concedidos na narrativa ao relator da CPI, que foi retratado como “o” responsável pelo relatório e esteve presente varias vezes durante a reportagem. E segundo, o comentário do analista, que fecha o campo discursivo favorecendo a posição dos governistas.

4.2 Microdrama 2: CPI dos Bingos – Implicações do assassinato do prefeito Celso Daniel

- **Resumo**

O prefeito de Santo André Celso Daniel (PT) foi seqüestrado no dia 18 de janeiro de 2002, quando voltava de um jantar em São Paulo. Ele estava acompanhado do empresário Sérgio Gomes da Silva. Dois dias depois, o corpo do prefeito foi encontrado em uma estrada em Jujuitiba (a 78 km de São Paulo). Daniel havia sido atingido por sete tiros.

O inquérito da Polícia Civil sobre o caso sustentava que o crime não teve motivação política. Com o depoimento dos seis acusados e o do adolescente que confessou o crime, a

polícia sustentou a versão do assassinato. Para a família, no entanto, a morte do prefeito está ligada a denúncias de cobrança de propina de empresários do setor de transportes em Santo André. O prefeito teria tentado impedir o funcionamento do esquema.

O assassinato passou a ser investigado também pela CPI dos Bingos. A ação relata o suposto esquema de corrupção que existiu na administração municipal entre 1997 e 2001. Segundo investigação, o então secretário de Serviços Municipais, Klinger Luiz de Oliveira Sousa, liderava uma quadrilha que extorquia dinheiro de empresários do setor de transportes da cidade. Sob pena de restrições administrativas, os empresários eram obrigados a pagar mensalmente à quadrilha R\$ 500 por ônibus que circulava na cidade. Os promotores estimam que nos quatro anos a quadrilha extorquiu R\$ 5,3 milhões dos empresários. Segundo os depoimentos tomados pela CPI e pela Polícia, o dinheiro era usado para financiar campanhas eleitorais do PT e chegava à direção nacional do partido por Carvalho, que na época era secretário de Governo de Santo André.

Para o Ministério Público, o esquema de corrupção motivou o assassinato do prefeito Celso Daniel, em janeiro de 2002. Segundo investigação dos promotores, Celso Daniel sabia do esquema, mas tentou barrar a ação da quadrilha quando descobriu que o dinheiro estava sendo utilizado para enriquecimento dos integrantes da quadrilha.

O envolvimento de membros do PT e do governo Lula foi assinalado no depoimento do irmão do prefeito à CPI dos Bingos, Bruno Daniel, que acusou o chefe de gabinete do presidente Lula, Gilberto Carvalho, de estar envolvido no esquema de extorção na prefeitura de Santo André. E ainda acusou o ex-ministro José Dirceu de receber o dinheiro, e de ser o grande articulador da quadrilha.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**
- **Matéria 1: Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos, Globo, 07/10/2005.**

Matéria	Jornal	Data
Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos	Globo	07/10/2005
<p>Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal. <i>(...) na CPI dos bingos, um dos irmãos do prefeito assassinato de Santo André, voltou a dizer que um dos principais assessores do presidente Lula sabia de um suposto esquema de corrupção do PT na cidade.</i></p>		
<p>Repórter em off, com imagens de arquivo dos citados. <i>Para Bruno Daniel, a morte do irmão dele, o ex-prefeito de Santo André Celso Daniel, foi encomendada. Por trás do crime estariam três pessoas que arrecadavam dinheiro para o esquema de financiamento de campanha do PT. O então secretário de obras, Klinger de</i></p>		

Oliveira Souza, e os empresários Sérgio Gomes da Silva, o “sombra”, e Ronan Maria Pinto

Repórter, em plano fechado, em frente Congresso Nacional.

De acordo com Bruno Daniel, parte do dinheiro recolhido era entregue ao então secretário da prefeitura de Santo André, Gilberto Carvalho, hoje, chefe de gabinete do presidente Lula. Bruno confirmou o que o outro irmão dele, João Daniel, havia dito à CPI dos Bingos.

Repórter em off, com imagens do depoimento de Bruno Daniel.

O Gilberto Carvalho relatou a existência desse esquema de arrecadação, e relatou que, numa das oportunidades, ele chegou a encaminhar a São Paulo, ao deputado José Dirceu a quantia de um milhão e duzentos mil reais.

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

O deputado José Dirceu classificou de calúnias as afirmações de Bruno Daniel. Gilberto Carvalho diz que todas as acusações são falsas. O advogado do empresário Ronan Pinto afirmou que os irmãos de Celso Daniel não merecem credibilidade. Klinger Souza negou a existência de esquema de arrecadação, e o advogado de Sérgio Gomes da Silva também negou as acusações.

- **Nível textual**

- anúncio da notícia pelo âncora;
- informações sobre o depoimento de Bruno Daniel;
- fragmento do depoimento de Bruno Daniel;
- informações sobre a resposta dos acusados por Bruno Daniel.

- **Nível discursivo**

A reportagem começa com o âncora, mudando de um tema para outro, anunciando a próxima notícia, “(...) na CPI dos Bingos, um dos irmãos do prefeito assassinato de Santo André, voltou a dizer que um dos principais assessores do presidente Lula sabia de um suposto esquema de corrupção do PT na cidade.” O âncora reforça para o telespectador que existem assessores ligados ao presidente envolvidos no crime.

O repórter passa a informar os detalhes do depoimento, “Para Bruno Daniel, a morte do irmão dele, o ex-prefeito de Santo André Celso Daniel, foi encomendada. Por trás do crime estariam três pessoas que arrecadavam dinheiro para o esquema de financiamento de campanha do PT. O então secretário de obras, Klinger de Oliveira Souza, e os empresários Sérgio Gomes da Silva, o “sombra”, e Ronan Maria Pinto”. Ele reproduz para o telespectador as principais acusações feitas por Bruno Daniel, e reforça duplamente a ligação dos três acusados com o PT, textualmente, e através de imagens de arquivo com o rosto dos acusados. O repórter se personifica na narrativa em frente ao palácio do planalto para revelar ao telespectador que Bruno Daniel acusou o chefe de gabinete do presidente Lula, “De acordo

com Bruno Daniel, parte do dinheiro recolhido era entregue ao então secretário da prefeitura de Santo André, Gilberto Carvalho, hoje, chefe de gabinete do presidente Lula. Bruno confirmou o que o outro irmão dele, João Daniel, havia dito à CPI dos Bingos”. Ele leva o telespectador até o Palácio do Planalto para aproximar o telespectador do acontecimento, e reforça a idéia do envolvimento do governo Lula no crime ao explicar a ligação de Gilberto Carvalho com a Prefeitura de Santo André e o gabinete do presidente Lula.

Em seguida, a reportagem reproduz para o telespectador um fragmento do depoimento de Bruno Daniel, “O Gilberto Carvalho relatou a existência desse esquema de arrecadação, e relatou que, numa das oportunidades, ele chegou a encaminhar a São Paulo, ao deputado José Dirceu a quantia de um milhão e duzentos mil reais”. O autor das denúncias confirma o envolvimento de Gilberto Carvalho, e revela para o telespectador o envolvimento de outro petista importante. O fragmento do depoimento reforça as informações dadas na reportagem, e não deixa dúvidas no telespectador que existem fortes suspeitas do envolvimento de membros do primeiro escalão do governo na morte do prefeito Celso Daniel.

O âncora dá o desfecho à narrativa, informando o telespectador da reação dos acusados por Bruno Daniel, “O deputado José Dirceu classificou de calúnias as afirmações de Bruno Daniel. Gilberto Carvalho diz que todas as acusações são falsas. O advogado do empresário Ronan Pinto afirmou que os irmãos de Celso Daniel não merecem credibilidade. Klinger Souza negou a existência de esquema de arrecadação, e o advogado de Sérgio Gomes da Silva também negou as acusações”. Ele usa feições sérias, indicando sua indignação ao informar sobre a posição dos acusados, e deixa transparecer para o telespectador um certo descrédito.

- **Nível valorativo**

A reportagem coloca mais um capítulo do drama, em que mais um irmão do prefeito assassinado é chamado para depor na CPI dos Bingos, em um nível textual direto, com conteúdo basicamente informativo, e apresentando os dados essenciais do acontecimento através de uma narrativa centrada no papel discursivo do repórter.

Somente no discurso de abertura do âncora é que podemos indicar traços de intenção comunicativa com objetivo de relembrar a opinião pública que os assessores do presidente foram mais uma vez acusados de envolvimento no crime da morte de Celso Daniel.

A estratégia narrativa reforça o papel do repórter como a principal fonte de informações. Ele reconstrói o acontecimento, concentrando a narrativa nos detalhes das revelações de Bruno Daniel sobre o envolvimento de políticos do alto escalão do governo

Lula, e que também representavam a cúpula do PT. A construção textual informa sobre a essência das denúncias, usando uma linguagem técnica e formal para indicar o teor do crime, e o envolvimento do chefe de gabinete do presidente. As imagens do depoimento funcionam como estratégia discursiva, no sentido de confirmar a versão da pelo repórter, dar mais credibilidade a narrativa. Já que o fragmento exibido cobre apenas a parte do depoimento em que Bruno Daniel acusa claramente o envolvimento de importantes políticos petistas.

O âncora dá voz ao outro lado, e cita a reação dos acusados. Ele deixa no ar a expectativa dos próximos capítulos do drama através da postura solene. O desfecho indica a intenção de imparcialidade da emissora, que cita a reação dos acusados. Mas, o uso da linguagem formal na construção narrativa, e a tentativa de abordar mais suavemente o acontecimento, sugere que a emissora procura um posicionamento neutro, porém presente.

- **Matéria 2: Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos, SBT, 07/10/2005.**

<p>Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal. <i>Mais lenha no misterioso assassinato do prefeito de Santo André. O irmão de Celso Daniel confirmou na CPI dos Bingos as denúncias contra o chefe de gabinete do presidente Lula. Disse que era Gilberto Carvalho quem levava dinheiro da prefeitura para José Dirceu, o então, presidente do PT.</i></p>
<p>Repórter em off com as imagens do depoimento. <i>Bruno Daniel confirmou o que o irmão mais velho João Francisco Daniel já tinha falado na CPI. Havia um esquema de dinheiro da prefeitura de Santo André para o PT. E que foi Gilberto Carvalho, atual chefe de gabinete do presidente Lula quem falou sobre o assunto para a família.</i></p>
<p>Repórter em off com as imagens do depoimento. <i>Ele relatou que em uma das oportunidades chegou a encaminhar à São Paulo ao deputado José Dirceu a quantia de um milhão e duzentos mil reais.</i></p>
<p>Repórter em off com as imagens do depoimento. <i>Bruno Daniel contou também que o chefe de gabinete da prefeitura Sérgio Gomes da Silva, o “sombra”, extorquia dinheiro dos empresários usando métodos violentos.</i></p>
<p>Imagens de Bruno Daniel, em depoimento. <i>Quando o Sérgio chegava na mesa pra conversar com empresários, ele colocava a arma dele na mesa.</i></p>
<p>Repórter, com voz em off sob as imagens do depoimento. <i>Para Bruno, Celso Daniel sabia do esquema, por isso foi assassinado.</i></p>
<p>Imagens do depoimento de Bruno Daniel. <i>O fato de ter havido tortura jogam por terra a tese de crime comum.</i></p>
<p>Repórter, com voz em off sob as imagens do depoimento <i>O irmão de Celso Daniel não descarta até mesmo o envolvimento de membros do PT no assassinato.</i></p>
<p>Entrevistado Bruno Daniel, em close, cercado de microfones: <i>Um celular do deputado estadual Donizete Braga, que rastreado, permitiu concluir que este celular esteve próximo ao lugar onde o Celso supostamente teria estado em</i></p>

cativeiro.

Repórter em plano fechado, nos corredores do Congresso Nacional.

Agora a CPI vai colocar frente a frente os dois irmãos de Celso Daniel e o chefe de gabinete do presidente Lula, Gilberto Carvalho. A acareação está marcada para o próximo dia 26, e é aguardada com grande expectativa.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora sobre o depoimento de Bruno Daniel;
- informações sobre o depoimento de Bruno Daniel;
- fragmentos do depoimento de Bruno Daniel;
- informações sobre o envolvimento de membros do PT;
- entrevista de Bruno Daniel;
- informações sobre a data da acareação entre os irmãos Daniel e Gilberto Carvalho.

- **Nível discursivo**

O âncora começa a narrativa chamando a atenção do telespectador, “Mais lenha no misterioso assassinato do prefeito de Santo André. O irmão de Celso Daniel confirmou na CPI dos Bingos as denúncias contra o chefe de gabinete do presidente Lula. Disse que era Gilberto Carvalho quem levava dinheiro da prefeitura para José Dirceu, o então, presidente do PT. Ele articula em apenas um parágrafo todo o teor do acontecimento, fazendo referências diretas entre as denúncias de Bruno Daniel e os acusados. A metáfora inicial indica para o telespectador que novas denúncias incrementaram as investigações sobre o assassinato. O âncora afirma textualmente para o telespectador a confirmação das denúncias contra o chefe de gabinete do presidente, e antecipa a revelação bombástica de Bruno Daniel sobre o envolvimento de José Dirceu.

O repórter passa a narrar o acontecimento, “Bruno Daniel confirmou o que o irmão mais velho João Francisco Daniel já tinha falado na CPI. Havia um esquema de dinheiro da prefeitura de Santo André para o PT. E que foi Gilberto Carvalho, atual chefe de gabinete do presidente Lula quem falou sobre o assunto para a família”. Aqui, ele reafirma textualmente o envolvimento do chefe de gabinete do presidente Lula no esquema de corrupção na prefeitura de Ribeirão Preto, e ainda dá a entender que Gilberto Carvalho tinha uma certa relação com a família de Celso Daniel.

Em seguida, são mostradas imagens com um fragmento do depoimento, em que Bruno Daniel revela o envolvimento do ex-ministro José Dirceu, “Ele (Gilberto Carvalho) relatou que em uma das oportunidades chegou a encaminhar à São Paulo ao deputado José Dirceu a

quantia de um milhão e duzentos mil reais”. O repórter retoma a narrativa para informar sobre outro acusado, “Bruno Daniel contou também que o chefe de gabinete da prefeitura Sérgio Gomes da Silva, o “sombra”, extorquia dinheiro dos empresários usando métodos violentos”. E reforça sua afirmação mostrando fragmentos do depoimento, “Quando o Sérgio chegava na mesa pra conversar com empresários, ele colocava a arma dele na mesa”. O repórter prossegue, antecipando para o telespectador os detalhes mais polêmicos do depoimento, “Para Bruno, Celso Daniel sabia do esquema, por isso foi assassinado”, e deixa o telespectador em suspense a cada entrada de uma nova informação.

Bruno Daniel é chamado novamente à narrativa, dessa vez através de uma entrevista, para reafirmar a tese de que seu irmão foi assassinado, e não seqüestrado, “O fato de ter havido tortura jogam por terra a tese de crime comum”. Ele passa segurança ao afirmar que existem indícios do assassinato de seu irmão que precisam ser investigados. O repórter antecipa mais uma revelação para o telespectador em tom de espanto, “O irmão de Celso Daniel não descarta até mesmo o envolvimento de membros do PT no assassinato. E dá o poder de confirmar a Bruno Daniel, “Um celular do deputado estadual Donizete Braga, que rastreado, permitiu concluir que este celular esteve próximo ao lugar onde o Celso supostamente teria estado em cativeiro”. O parágrafo antecipatório explica o quê o fragmento da entrevista não esclarece, a origem de outro personagem. Ou seja, o repórter foi quem afirmou que o deputado estadual Donizete Braga, citado por Bruno Daniel na entrevista, era do PT. A imagem de Bruno Daniel cercado de repórteres reforça para o telespectador a importância do tema.

O repórter finaliza a matéria antecipando para o telespectador os desdobramentos do acontecimento, “Agora a CPI vai colocar frente a frente os dois irmãos de Celso Daniel e o chefe de gabinete do presidente Lula, Gilberto Carvalho. A acareação está marcada para o próximo dia 26, e é aguardada com grande expectativa. Alessandra Campos para o jornal do SBT. Ele revela a informação com caráter antecipatório, anunciando as “cenas do próximo capítulo”, o desenrolar das investigações, o próximo episódio do drama.

- **Nível valorativo**

O discurso de abertura do âncora deixa claro a intenção do telejornal em polemizar o tema, e cria o clima de expectativa para reafirmar o envolvimento de petistas no assassinato.

O repórter divide a narrativa com o principal personagem da matéria, onde seu papel é articular as partes mais importantes do depoimento com os fatos já apurados pela investigação da CPI. Os fragmentos do depoimento são mostrados com o objetivo de reconstruir o clima de

suspense em que se deu acontecimento. As imagens dão veracidade à versão reproduzida pelo telejornal, e conduzem o telespectador para os momentos mais importantes do depoimento.

Na entrevista, Bruno Daniel é mostrado cercado de repórteres, após o fim do depoimento, e faz mais uma acusação envolvendo petistas. Aqui, o telejornal concede importância a mais uma declaração de Bruno Daniel, revelando informações que ele deu fora do foro oficial do depoimento, ou seja, que não serão usadas pela CPI, mas que reforçam o envolvimento de políticos do PT. O telejornal dá a Bruno Daniel mais uma chance de acusar os petistas, exibindo uma declaração oficiosa, dada depois do depoimento. Isso indica a intenção da emissora em enfatizar para o telespectador que existem fortes indícios do envolvimento de pessoas ligadas ao presidente Lula, e de outros políticos importantes como o ex-ministro José Dirceu.

Outro indício de intenção comunicativa é que o telejornal não concede voz aos acusados dentro da narrativa. Ou seja, a reportagem encerra a narrativa fechando o campo discursivo em torno das acusações contra envolvimento de petistas, e da condição de vítima da família de Celso Daniel.

- **Matéria 3: Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos, Band, 07/10/2005.**

Matéria	Jornal	Data
Depoimento de Bruno Daniel	Band	08/10/2005
Ancora em plano americano, ao fundo a logomarca do telejornal. <i>Vamos falar agora do assassinato do ex-prefeito Celso Daniel. Envolvidos no esquema de arrecadação em Santo André se preparam para uma acareação. Fernando Mitre tem mais informações.</i>		
Comentarista, com voz em off sob imagens de veículos coletivos da cidade de Santo André. <i>È uma estória aparentemente simples e ate fácil de ser decorada. Havia um esquema de arrecadação de propina que extorquia dinheiro dos empresários donos de empresas de ônibus, além do superfaturamento de contratos e licitações dentro da prefeitura de Santo André. E tudo isso comandado pelo chefe de gabinete do ex-prefeito assassinado. Ora, o prefeito resolveu revelar o esquema e foi torturado e assassinado.</i>		
Comentarista, em plano fechado, no estúdio. <i>O mais escandaloso nisso tudo é o envolvimento direto de membros do governo Lula.</i>		
Comentarista, em off, com imagens do depoimento. <i>No depoimento dado ontem à CPI dos Bingos, Bruno Daniel confirmou que Gilberto Carvalho, chefe de gabinete do presidente Lula, era quem levava o dinheiro arrecadado no esquema de Santo André para o deputado José Dirceu, outra figura muito próxima ao presidente.</i>		
Comentarista, em plano fechado, no estúdio. <i>A CPI não brincou em serviço, e já marcou a acareação entre os irmãos de Celso Daniel e Gilberto Carvalho para a semana que vem. Vamos ver se, e quais, as cabeças que irão rolar no governo dessa vez. Cabrinni!</i>		

- **Nível textual**

- discurso do âncora anunciando a notícia;
- comentários sobre o depoimento de Bruno Daniel;
- imagens da cidade de Santo André;
- imagens do depoimento.

- **Nível discursivo**

O âncora anuncia a mudança de tema de modo imperativo, “Vamos falar agora do assassinato do ex-prefeito Celso Daniel”. E antecipa para o telespectador o tema da reportagem, “Envolvidos no esquema de arrecadação em Santo André se preparam para uma acareação. Fernando Mitre tem mais informações”. Ele refere-se genericamente aos envolvidos, sem relembrar o telespectador do nomes, ou do teor das denúncias.

O comentarista adentra a narrativa com imagens das ruas e dos coletivos de Santo André para reconstruir para o telespectador a rede de relações entre os acontecimentos e os envolvidos, “È uma estória aparentemente simples e até fácil de ser decorada. Havia um esquema de arrecadação de propina que extorquia dinheiro dos empresários donos de empresas de ônibus, além do superfaturamento de contratos e licitações dentro da prefeitura de Santo André. E tudo isso comandado pelo chefe de gabinete do ex-prefeito assassinado. Ora, o prefeito resolveu revelar o esquema e foi torturado e assassinado”. E se personifica na reportagem para revelar-se como fonte do comentário, e conclui, “O mais escandaloso nisso tudo é o envolvimento direto de membros do governo Lula!”. Ele mostra imagens do depoimento para confirmar a veracidade do fato, e reafirma textualmente a essência das denúncias, ligando as acusações aos acusados, “No depoimento dado ontem à CPI dos Bingos, Bruno Daniel confirmou que Gilberto Carvalho, chefe de gabinete do presidente Lula, era quem levava o dinheiro arrecadado no esquema de Santo André para o deputado José Dirceu, outra figura muito próxima ao presidente”. A força das afirmações mostra a convicção do comentarista no teor das revelações de Bruno Daniel, revela para o telespectador sua suspeita sobre as denúncias de envolvimento de petistas no assassinato do prefeito Celso Daniel dando a entender que podem ser verdadeiras. E ainda enfatiza a ligação de José Dirceu reforçando sua imagem de pessoa das relações pessoais do presidente.

O comentarista personifica-se para encerrar a narrativa, enfatizando os próximos passos das investigações, “A CPI não brincou em serviço, e já marcou a acareação entre os irmãos de Celso Daniel e Gilberto Carvalho para a semana que vem. Vamos ver se, e quais, as cabeças que irão rolar no governo dessa vez. Cabrinni!”. Ele dá o caráter de continuidade ao acontecimento, indicando para o telespectador o que vai acontecer, e quando vai acontecer.

- **Nível valorativo**

No discurso de abertura, a postura imperativa do âncora ao reclamar a atenção do telespectador para a próxima notícia indica a importância do fato. Ele informa sucintamente ao telespectador sobre o assunto que será tratado para depois concede ao comentarista seu poder de narrador.

O comentarista entra na narrativa com a função de reinterpretar o acontecimento. Ele explica de modo prático a essência da história, e a reconstrói a partir do depoimento de Bruno Daniel. Até aqui, ele informa sobre o acontecimento, reproduzindo os detalhes e raciocinando sobre eles. Ao comentar sobre o envolvimento de membros do governo Lula, e classificar a acusação de “escandalosa” ele revela sua intenção de polemizar a gravidade das denúncias. Ele deixa claro para o telespectador que acredita no envolvimento de petistas ao enfatizar o envolvimento de José Dirceu, e sua relação de “pessoa próxima ao presidente”. Ele transparece um ar de espanto e revolta durante todo o comentário.

No final da análise, o comentarista revela a intenção do telejornal de continuar dando importância ao fato, indicando o desenrolar do acontecimento na próxima semana, e fazendo previsões pessimistas de que “cabeças poderão rolar” após a acareação entre as testemunhas e o principal acusado, Gilberto Carvalho.

O telejornal não se preocupa em reconstituir o acontecimento. Sua ênfase é na questão “simbólica” que o mesmo trouxe para o contexto político. A emissora imprime sua impressão negativa através do comentarista, que reforça várias vezes o envolvimento de pessoas que ele classifica como “membros do governo Lula”.

4.3 Microdrama 3: CPI dos Bingos – O escândalo Palocci

- **Resumo**

A CPI dos Bingos foi instalada no final de junho de 2005 para investigar o primeiro escândalo de importância no governo Lula: a atuação do ex-assessor da Casa Civil Waldomiro Diniz, flagrado em vídeo negociando propina com um empresário do ramo de jogos. O escândalo veio à tona em fevereiro de 2004, mas a oposição só conseguiu instalar a CPI em junho de 2005, depois de driblar o governo, que tentava abafar o caso.

Apelidada de "CPI do Fim do Mundo", a CPI passou a investigar todo tipo de denúncia que surgiu contra o governo, como a suposta ligação entre o assassinato do prefeito Celso Daniel (PT) e o esquema de financiamento de campanhas; as possíveis irregularidades

na Prefeitura de Ribeirão Preto, durante a gestão de Antonio Palocci; a suposta doação de casas de bingo ou a remessa de dólares vindos de Cuba para a campanha de Lula, entre outros temas explosivos.

Em março de 2006, os desdobramentos das investigações da CPI levaram ao depoimento do caseiro Francenildo Costa, que desmentiu Palocci ao afirmar que o ex-ministro freqüentava uma mansão em Brasília, usada por lobistas para fechar negócios suspeitos e promover festas com prostitutas. O local, conhecido como "República de Ribeirão Preto", foi alugado por ex-assessores de Palocci. O depoimento de Francenildo acabou deflagrando outro escândalo, pois seu sigilo bancário foi violado ilegalmente, logo após participar da CPI. O sigilo bancário foi quebrado, e o extrato do "caseiro" vazou para a imprensa através da assessoria do Ministério da Fazenda. As investigações preliminares revelaram indícios do envolvimento do Ministro Antonio Palocci e do presidente da Caixa Econômica, Jorge Matoso.

O fato repercutiu fortemente na mídia nacional. A sociedade passou a questionar o governo sobre a participação de um membro do primeiro escalão do Executivo na violação dos direitos do cidadão. O governo, na pessoa do presidente Lula manifestou-se à favor do Ministro Palocci, reafirmando sua importância para a economia do país. O Ministro Palocci foi convocado pela CPI para depor, onde ele declarou-se inocente das acusações de corrupção na prefeitura de Ribeirão Preto, e reafirmou que não ordenou a violação do sigilo do "caseiro" Francenildo Costa. A Polícia Federal continuou suspeitando que o Ministro Palocci era o mandante da quebra do sigilo, e o indiciou no inquérito. Diante disso, Antonio Palocci pede demissão do cargo de Ministro da Fazenda, e pede licença ao presidente Lula, e se afasta da vida política para dedicar-se somente a sua defesa.

Algumas decisões concedidas pelo STF (Supremo Tribunal Federal) impediram a quebra dos sigilos bancário, fiscal e telefônico de uma série de suspeitos. O presidente do Sebrae, Paulo Okamoto, foi um dos beneficiados pelas decisões do STF. A CPI suspeitou que Okamoto liderou um esquema de arrecadação de recursos entre prefeituras petistas para as campanhas eleitorais do partido.

Parlamentares da base governista acusaram a oposição de usar a CPI dos Bingos para tentar desgastar o presidente Lula. Exemplo disso foi a tentativa de envolver o chefe-de-gabinete de Lula, Gilberto Carvalho, com o suposto esquema de corrupção de Santo André. Mas, nada ainda foi provado, já que a CPI ainda não encerrou suas investigações.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**

- **Matéria 1: Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção, Globo, 27/04/2006**

Âncora 1, em plano fechado, na bancada com estúdio ao fundo.

Em menos de um mês Antonio Palocci saiu da condição de prestigiado e respeitado ministro da fazenda para a condição de indiciado por um crime.

Âncora 2, em plano fechado, na bancada com estúdio ao fundo.

Ele foi ouvido hoje a tarde em casa pela PF, que investiga a quebra ilegal do sigilo do caseiro Francenildo Costa, e suspeita que o ex ministro tenha sido o mandante.

Repórter em off, sobre imagem da entrevista coletiva do advogado de Antonio Palocci.

Mais de 70 jornalistas foram convocados para uma urgente entrevista neste hotel em Brasília, que segundo assessores mudaria os rumos da investigação.

Repórter em plano fechado.

Mas quando a informação apareceu, surpresa! O advogado de Antonio Palocci apresentou uma versão em que o ex-ministro aparece como inocente na quebra de sigilo do caseiro Francenildo Costa.

Repórter em off, com imagens da entrevista coletiva.

Quase às dez da noite o advogado José Roberto Batocchio apareceu e disse que o ex-ministro da fazenda, Antonio Palocci, com problemas cardíacos, falou durante três horas em depoimento ao delegado da Polícia Federal Rodrigo Gomes, que foi até a casa do ex-ministro. Mas Palocci não tinha nada a revelar, pelo contrário, negou envolvimento na quebra de sigilo do caseiro Francenildo Costa, e disse que destruiu o extrato que recebeu do ex-presidente da CEF Jorge Matoso. Palocci foi indiciado por crime de violação de sigilo”.

Entrevista do advogado de Antonio Palocci, em close, cercado por microfones.

Ao ex-ministro Palocci não compete julgar quem teria sido, ou fazer acusações levianas. O que ele quer deixar enfatizado é que ele não divulgou, e que ele não quebrou o sigilo do extrato bancário (...) o que eu quero dizer é que ele nega ter sido o autor. Agora ele não partiu pra “achologia”...mas eu acho isso, eu acho aquilo, não ! o ministro é muito equilibrado, o ministro é uma pessoa sensata...ele não faz exercício de adivinhação.

- **Nível textual**

- Discurso de abertura do ancora com informações sobre o depoimento de Antonio Palocci na Polícia Federal;
- Informações sobre o depoimento de Antonio Palocci para a Polícia Federal;
- Imagens e informações sobre a entrevista coletiva do advogado de Palocci;
- Entrevista com o advogado de Palocci.

- **Nível discursivo**

O âncora começa o telejornal com uma expressão de seriedade, a imagem em close enfatiza seu posicionamento, ajudando na impressão de indignação e decepção. Em seu texto de abertura da notícia, ele faz uma comparação que deixa claro para o telespectador as condições do ex-ministro, “Em menos de um mês Antonio Palocci saiu da condição de prestigiado e respeitado ministro da fazenda para a condição de indiciado por um crime”. No segundo momento, ele explica os detalhes da notícia, e dessa vez, coloca o ex-ministro como suspeito do crime, Ele foi ouvido hoje a tarde em casa pela PF, que investiga a quebra ilegal do sigilo do caseiro Francenildo Costa, e suspeita que o ex ministro tenha sido o mandante. Esse último texto também revela informações sobre tempo, local e motivação do acontecimento, procurando situar melhor o telespectador na realidade.

O repórter assume a narrativa, que exhibe imagens dos jornalistas aguardando impacientes no salão do hotel onde foi marcada com a imprensa uma entrevista coletiva com o ex-ministro. Ele completa a informação enfatizando para o telespectador o número de jornalistas presentes e a natureza urgente da convocação, “mais de 70 jornalistas foram convocados para uma urgente entrevista neste hotel em Brasília, que segundo assessores mudaria os rumos da investigação”. O repórter revela no texto sua reação para o telespectador, “mas quando a informação apareceu, surpresa!”. A surpresa foi o advogado ter vindo no lugar do ex-ministro, e sua apresentação não trazer nenhum dado novo, como foi prometido aos jornalistas, “o advogado de Antonio Palocci apresentou uma versão em que o ex-ministro aparece como inocente na quebra de sigilo do caseiro Francenildo Costa”. O repórter relembra o telespectador de que a versão trazida pelo advogado não é novidade, pois o ex-ministro já havia declarado sua inocência em momentos anteriores.

A narração em off continua sobre a imagem do advogado José Roberto Batocchio, coberto por repórteres e microfones. No texto, o repórter enfatiza novamente o horário da entrevista, “Quase às dez da noite”, e relata os principais pontos da declaração do advogado, “o advogado José Roberto Batocchio apareceu e disse que o ex-ministro da fazenda, Antonio Palocci, com problemas cardíacos, falou durante três horas em depoimento ao delegado da Polícia Federal Rodrigo Gomes, que foi até a casa do ex-ministro. Mas Palocci não tinha nada a revelar, pelo contrário, negou envolvimento na quebra de sigilo do caseiro Francenildo Costa, e disse que destruiu o extrato que recebeu do ex-presidente da CEF Jorge Matoso. Palocci foi indiciado por crime de violação de sigilo”. O texto deixa claro para o telespectador o caráter testemunhal da informação dada pelo repórter, que resumiu os principais pontos da declaração do advogado.

As imagens repassam ao telespectador o clima de tensão da coletiva. A voz do repórter situa a narrativa sobre a imagem, e reitera o clima de tensão do acontecimento. Em seguida, um fragmento da declaração do advogado é exibido, onde ele aparece cercado por muitos repórteres, sufocado de microfones, visivelmente tenso, e com tom de voz desafiador, para dizer que “*ao ex-ministro Palocci não compete julgar quem teria sido, ou fazer acusações levianas. O que ele quer deixar enfatizado é que ele não divulgou, e que ele não quebrou o sigilo do extrato bancário (...) o que eu quero dizer é que ele nega ter sido o autor. Agora ele não partiu pra “achologia”...mas eu acho isso, eu acho aquilo, não ! o ministro é muito equilibrado, o ministro é uma pessoa sensata...ele não faz exercício de adivinhação.* Nesse fragmento, o telespectador pôde sentir mais uma vez a tensão que foi a coletiva, tanto na imagem do advogado de Palocci, quanto no teor de suas declarações. O que demonstra mais uma vez a intenção de polemizar sobre o comportamento do advogado.

- **Nível valorativo**

A reportagem apresenta fatos relacionados com o crime de quebra do sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa. A notícia principal é o depoimento do ex-ministro Antonio Palocci para a Polícia Federal, que o indiciou como suspeito pelo crime. A narrativa é construída basicamente sobre a tensão da coletiva convocada por Palocci, que começou com atraso e não trouxe nenhuma revelação sobre o envolvimento do ex-ministro na quebra de sigilo do “caseiro”.

A cobertura do fato em si trouxe um ângulo importante da relação entre o campo político e o midiático. Visto que a expectativa de um não foi suprida pelo outro, caracterizou-se um conflito entre os agentes dos campos dentro do espaço da visibilidade pública, o qual foi transferido ao telespectador através da construção discursiva do telejornal.

O âncora confere o descrédito do ex-ministro em uma sentença com fortes indícios de intenção comunicativa. O uso de adjetivos para construir (*prestigiado e respeitado ministro*), e em seguida desconstruir (*indiciado por um crime*) a imagem pública do ex-ministro deixa clara a indignação do veículo com seu envolvimento no crime de quebra de sigilo do “caseiro”. Com essas palavras, o âncora enfatiza a primeira impressão do telejornal de que um ministro prestigiado no governo está sendo acusado de um crime, e desconstrói sua imagem de credibilidade para o telespectador.

O repórter é a testemunha, que resumiu os principais pontos da declaração do advogado: apareceu no local marcado mais tarde que o combinado e, pelo contrário do divulgado pelos seus assessores, deu declarações baseadas em fatos já conhecidos pela

imprensa. Ele demonstra o conflito entre os campos sociais, relacionando subjetivamente o fato - depoimento Palocci – com a entrevista coletiva através da construção textual. O palco midiático que o ex-ministro precisava para reafirmar posições já assumidas anteriormente transformou-se em um ato factual de desrespeito à imprensa, já que a falta de habilidade do advogado de Palocci em tratar com a mídia fez os repórteres esperarem muitas horas (“*Quase às dez da noite*”) por uma declaração do ex-ministro (“*o advogado José Roberto Batocchio apareceu*”) que não aconteceu, e que não trouxe nenhum fato novo como foi prometido pelos assessores do ex-ministro.

- **Matéria 2: Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção, SBT, 27/04/2006**

Âncora, fazendo a chamada do jornal em off, sob as imagens dos temas citados.

Você vai ver também nesta edição do jornal do SBT!! Palocci indiciado. Ministro presta depoimento em casa e contrata um dos melhores criminalistas do país.

Âncora em plano fechado com tela ao lado exibindo foto do Congresso Nacional.

A Polícia federal vai à casa do ex-ministro Antonio Palocci para tomar o depoimento sobre a violação da conta do caseiro Francenildo. Palocci negou ter ordenado o crime e responsabilizou o ex-presidente da Caixa - Jorge Matoso. Ele também disse não saber como o extrato de francenildo vazou para a imprensa. Vamos agora ao vivo a Brasília com mais informações.

Âncora divide a tela com a repórter em uma espécie de tela dupla.

Boa noite Alessandra. Por que a Polícia Federal, que esperava por Palocci na manhã desta quarta-feira, resolveu ir a casa do ex-ministro. E se ele não é mais ministro, como é que continua na casa Alessandra?

Repórter, em plano americano, em frente a sede da Polícia Federal

Boa noite Nascimento. O ex-ministro tem até o fim do mês para deixar a residência oficial. Por enquanto, ele continua morando lá. E Palocci pediu para que esse depoimento fosse adiantado porque ele estaria usando aparelhos para monitorar os batimentos cardíacos. E pretende dar continuidade aos exames cardíacos em São Paulo, nesta quarta-feira. Então o depoimento foi adiantado, mas o ex-ministro já foi indiciado pela quebra de sigilo do caseiro. Nascimento!

Âncora divide a tela com a repórter em uma espécie de tela dupla.

Muito bem Alessandra... agora o ministro contratou um dos maiores criminalistas do Brasil para defendê-lo. O advogado deu uma entrevista de um jeito, digamos assim, incisivo! Ele parecia que queria intimidar os jornalistas hein!

Repórter, em plano americano, em frente a sede da Polícia Federal

Foi essa a impressão sim que o advogado de Palocci passou Nascimento. Durante toda a coletiva, ele foi direto demais, atropelou perguntas de jornalistas e foi até um pouco

ríspido. E olha que ele já tinha dado um “chá de cadeira” daqueles na imprensa. Marcou com a gente por volta das cinco da tarde e só apareceu às dez da noite.

Imagens do entrevistado (advogado de Antonio Palocci) na coletiva, cercado de microfones.

O ministro nega peremptória e veementemente a autoria da quebra do sigilo, reafirmando que em momento algum passou qualquer dado ou informação a cerca do extrato bancário de Francenildo. Seu Jorge Matoso foi a casa do ministro, no dia 16, às onze horas da noite, após o contato telefônico entre ambos, e foi lá para colocar essas questões, oportunidade em que revelou ao ministro Palocci que setores que não identificou teriam informado ao presidente da caixa, senhor Jorge Matoso que havia movimentação financeira atípica na conta de Francenildo.

Âncora, em plano fechado, ao lado, tela com a logomarca do telejornal.

A culpa é do Francenildo!

- **Nível textual**

- Discurso de abertura do âncora com informações sobre o depoimento de Antonio Palocci à Polícia Federal;

- Informações sobre a causa do depoimento ter sido tomado na casa do ex-ministro, e não na sede da Polícia Federal;

- Informações sobre a entrevista coletiva do advogado de Palocci;

- Imagens da entrevista coletiva do advogado de Palocci.

- **Nível discursivo**

A cobertura do fato começa na chamada do telejornal, onde o âncora, em off sobre imagens da entrevista coletiva do advogado de Antônio Palocci, evoca o telespectador na terceira pessoa para conferir as notícias. O texto usa o tom evocativo e frases com forte sentido conotativo, captando abruptamente a atenção do telespectador para o fato, e evidencia o seu recorte da realidade através de ângulos que não favorecem o ex-ministro Palocci. Ele inicia, “Você vai ver também nesta edição do jornal do SBT!! Palocci indiciado!! Ministro presta depoimento em casa e contrata um dos melhores criminalistas do país”. Ele enfatiza para o telespectador o indiciamento do ex-ministro apenas como “Palocci”, e depois o devolve a condição de “ministro” para revelar que seu depoimento foi ouvido em casa, e que ele acaba de contratar um dos melhores advogados do país. O âncora prossegue na narrativa criando o efeito de sentido de perseguição ao afirmar que a “Polícia federal vai à casa do ex-ministro Antonio Palocci para tomar o depoimento sobre a violação da conta do caseiro Francenildo”. O texto passa a dar informações sobre o depoimento, e continua a tratar o ex-

ministro na condição comum da terceira pessoa, “*Palocci negou ter ordenado o crime e responsabilizou o ex-presidente da Caixa - Jorge Matoso. Ele também disse não saber como o extrato de francenildo vazou para a imprensa*”. E encerra sua primeira intervenção passando a narrativa para a repórter no local do acontecimento, “*Vamos agora ao vivo a Brasília com mais informações*”.

Nesse momento, o âncora passa a dividir o mesmo espaço com o repórter ao vivo através de uma janela dupla, ligando os dois atores numa espécie de conferência virtual. O ângulo é dividido igualmente pelos dois atores discursivos, que interagem através do som e da imagem, e repassam a telespectador a idéia de estarem em dois lugares ao mesmo tempo. Outro efeito de sentido criado pela estratégia é a impressão de que o âncora moveu-se dos estúdios para o local do acontecimento através da janela virtual, para interpelar a repórter diretamente. O âncora começa a perguntar para a repórter através da janela virtual sobre o depoimento, *Boa noite Alessandra! Por que a Polícia Federal, que esperava por Palocci na manhã desta quarta feira, resolveu ir a casa do ex-ministro? E se ele não é mais ministro, como é que continua na casa, Alessandra?* O teor dos questionamentos revela que a preocupação é demonstrar ao telespectador que Antônio Palocci por não ser mais ministro da fazenda, não deveria gozar de tais regalias.

A repórter responde ao âncora já em plano americano da sede da Polícia Federal em Brasília, “*Boa noite Nascimento. O ex-ministro tem até o fim do mês para deixar a residência oficial. Por enquanto, ele continua morando lá. E Palocci pediu para que esse depoimento fosse adiantado porque ele estaria usando aparelhos para monitorar os batimentos cardíacos. E pretende dar continuidade aos exames cardíacos em São Paulo, nesta quarta feira. Então o depoimento foi adiantado, mas o ex-ministro já foi indiciado pela quebra de sigilo do caseiro. Nascimento!*”. A resposta esclarece de forma simples e direta os questionamentos do âncora, usando o tratamento na terceira pessoa e enfatizando a condição de ex-ministro. É importante ressaltar o uso da conjunção *mas* para informar que Palocci já foi indiciado, ou seja, que já existem provas do seu envolvimento.

As janelas duplas se abrem novamente na tela para o âncora fazer novas perguntas à repórter, *Muito bem Alessandra... agora o ministro contratou um dos maiores criminalistas do Brasil para defendê-lo. O advogado deu uma entrevista de um jeito, digamos assim, incisivo! Ele parecia que queria intimidar os jornalistas hein!* A polêmica criada pelo âncora ganha seu ápice com a confirmação da repórter de que o advogado de Antonio Palocci teria revelado um comportamento pouco amigável com a imprensa, “*Foi essa a impressão sim que o advogado de Palocci passou, Nascimento. Durante toda a coletiva, ele foi direto demais,*

atropelou perguntas de jornalistas e foi até um pouco ríspido. Até aqui, as palavras não deixam dúvidas no telespectador de que houve um desentendimento entre a imprensa e o advogado de Palocci. As colocações finais do texto reforçam o destrato conferido à imprensa por parte do representante de Palocci, *“E olha que ele já tinha dado um “chá de cadeira” daqueles na imprensa. Marcou com a gente por volta das cinco da tarde e só apareceu às dez da noite. Daí em diante, a narrativa só teve compromisso de reforçar para o telespectador a posição da imprensa de vítima do desprezo de Palocci.*

As imagens que completam a narrativa mostram uma parte da entrevista coletiva, e dão ênfase à figura do advogado de Palocci, com aparência pouco amistosa e a voz tensa, cercado por microfones, declarando o “ministro” inocente, *“o ministro nega peremptória e veementemente a autoria da quebra do sigilo, reafirmando que em momento algum passou qualquer dado ou informação a cerca do extrato bancário de Francenildo. Seu Jorge Matoso foi à casa do ministro, no dia 16, às onze horas da noite, após o contato telefônico entre ambos, e foi lá para colocar essas questões, oportunidade em que revelou ao ministro Palocci que setores que não identificou teriam informado ao presidente da caixa, senhor Jorge Matoso, que havia movimentação financeira atípica na conta de Francenildo. As declarações do advogado confirmaram as posições tomadas anteriormente pelo ex-ministro Antonio Palocci, de que não participou da quebra do sigilo bancário de Francenildo, enfatizando a atuação do ex-presidente da Caixa Econômica como o principal articulador do crime.*

O âncora fecha a narrativa com o comentário irônico, *“a culpa é do Francenildo”,* e interpela o telespectador sob a indagação moralizante, insinuando a injustiça dos fatos.

- **Nível valorativo**

O âncora começa sua narrativa chamando o telespectador de modo enfático para conhecer os detalhes do acontecimento bombástico, que faz parte de mais um escândalo político no governo que veio se desenrolando por semanas, até que culminou na saída de Antonio Palocci do Ministério da Fazenda, e no seu indiciamento pela Polícia Federal.

A postura veemente do âncora do telejornal expõe desde o início a intenção da emissora de se posicionar. Suas intervenções nessa narrativa podem ser consideradas sob três aspectos: textuais, posturais e estratégicas:

- Em suas intervenções textuais encontramos as interjeições, os adjetivos, os questionamentos, que nos indicaram a intenção comunicativa do telejornal de mostrar detalhes do acontecimento por ângulos que desfavoreciam a defesa de Antonio Palocci;

- A postura do âncora variou entre quatro efeitos de sentido, a suspeita, a indignação, a descrença e a ironia;

- A estratégia de posicionamento estava baseada em desacreditar as tentativas de defesa do ex-ministro Palocci.

As passagens textuais carregadas de interditos (*Palocci indiciado*, *Ministro presta depoimento em casa e contrata um dos melhores criminalistas do país*, e *E se ele não é mais ministro*) revertem-se em efeitos de sentido que podem induzir à interpretações de acusação e descrédito.

As posturas assumidas pelo âncora em várias partes da narrativa revelam mais uma estratégia de construção de sentido por parte do telejornal. A postura de suspeita: “*Por que a Polícia Federal, que esperava por Palocci na manhã desta quarta feira, resolveu ir a casa do ex-ministro?*”; a postura de descrença: “*agora o ministro contratou um dos maiores criminalistas do Brasil para defendê-lo*”; a postura de indignação: “*O advogado deu uma entrevista de um jeito, digamos assim, incisivo! Ele parecia que queria intimidar os jornalistas hein!*”; e a de ironia: “*A culpa é do Francenildo!*” ajudam a desacreditar a imagem do ex-ministro e seu advogado.

O esquema narrativo preocupou-se em demonstrar para o público um ato claro de quebra das regras por parte do advogado de Palocci. As regras que regem as relações entre as atividades sociais são claras quanto à quebra de promessas por uma das partes. O advogado de Antonio Palocci incorreu uma série de vezes no ato de desprezar o acordo: primeiro, por ter marcada a coletiva para às cinco da tarde, e só ter aparecido cinco horas depois, (“*marcou com a gente por volta das cinco da tarde e só apareceu às dez da noite*”), segundo, o advogado fez questão de dificultar o trabalho dos jornalistas, “*durante toda a coletiva, ele foi direto demais, atropelou perguntas de jornalistas e foi até um pouco ríspido*”. Logo, ficou evidente que a intenção narrativa trabalhou para enfatizar a atitude negativa e intimidadora assumida pelo “advogado do vilão”.

A janela dupla foi o diferencial imagético da reportagem. O efeito de transporte do âncora para o local do acontecimento, a interação em tempo real entre dois atores em espaços geográficos diferentes, a atuação conjunta do repórter e do âncora, tudo em perfeita sincronia de espaço de falas, perguntas, e respostas, demonstrou a destreza técnica dos produtores do telejornal, além de representar para o telespectador a realidade de dois espaços da narrativa com perfeição e continuidade.

- **Matéria 3: Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção, Band,**

27/04/2006.

Âncora em plano americano com a logomarca do telejornal.

O ex-ministro Antonio Palocci, em seu depoimento a PF negou mais uma vez seu envolvimento na quebra do sigilo do caseiro da mansão de Ribeirão Preto. Segundo o advogado do ex-ministro, a responsabilidade pela violação do sigilo é do ex-presidente da CEF Jorge Matoso, que teria procurado Palocci já com o extrato na mão. O que quer dizer que temos ai mais um disse-me-disse, um desencontro de informações entre políticos e funcionários de alto escalão no poder público envolvidos em escândalos. Se repete então a estória entre Mauricio Marinho e Roberto Jéferson, entre Jose Dirceu e Delúbio Soares, e muitos outros casos de que temos tivemos conhecimento através das CPIs. Vamos esperar então o que o inquérito da Polícia Federal vai ter pra nos dizer sobre mais esse escândalo no governo. O Jornal da Noite fica por aqui! Bons sonhos e até amanhã.

- **Nível textual**

- Informações sobre o indiciamento de Antonio Palocci pela Polícia Federal.

- **Nível discursivo**

O texto traz os principais detalhes do acontecimento de forma resumida. O âncora move-se no cenário do telejornal até a última câmera posicionada no estúdio, reportando ao telespectador sobre o fato num tom de *release*. Ele diz que “o ex-ministro Antonio Palocci, em seu depoimento a PF negou mais uma vez seu envolvimento na quebra do sigilo do caseiro da mansão de Ribeirão Preto”. Esta é a frase de abertura que deixa claro a essência da notícia para o telespectador. O âncora passa a mencionar os outros personagens envolvidos e polemiza o acontecimento, revelando ao telespectador as duas versões existentes para o fato, “Segundo o advogado do ex-ministro, a responsabilidade pela violação do sigilo é do ex-presidente da CEF Jorge Matoso, que teria procurado Palocci já com o extrato na mão”. A narração continua, dessa vez o âncora passa a conversar com o telespectador sobre o acontecimento. A linguagem, o clima informal de conversa e de troca de impressões sobre o tema sobressai na construção narrativa, “o que quer dizer que temos ai mais um disse-me-disse, um desencontro de informações entre políticos e funcionários de alto escalão no poder público envolvidos em escândalos”. O âncora prossegue a narrativa em plano fechado, partilhando o ângulo com a marca do telejornal ao fundo. O tom informal da construção narrativa continua no comentário do âncora sobre os outros escândalos políticos desse governo revelados nas CPI's, “Se repete então a estória entre Mauricio Marinho e Roberto Jéferson, entre Jose Dirceu e Delúbio Soares, e muitos outros casos de que temos tivemos conhecimento através das CPIs”.

No final, o âncora dá o tom de encerramento ao telejornal, dando a entender para o telespectador que ainda haverá mais desdobramentos, que está nas mãos da Polícia Federal o andamento do caso, e enfatiza que o escândalo é dentro do governo, “*Vamos esperar então o que o inquérito da Polícia Federal vai ter pra nos dizer sobre mais esse escândalo no governo. O Jornal da Noite fica por aqui! Bons sonhos e até amanhã.*”

A falta de imagens do acontecimento dentro da narrativa enfatizou a posição do âncora como ator discursivo, que leu e interpretou a notícia em close.

- **Nível valorativo**

O telejornal não dá muito destaque ao fato de Antonio Palocci ter antecipado seu depoimento à Polícia Federal. A notícia é reportada ao telespectador em forma de release jornalístico, informando sobre as perguntas básicas de toda matéria jornalística, o que aconteceu, quem participou, e o que foi dito.

A figura do âncora protagonizou a construção narrativa sem o auxílio de imagens usando de táticas lingüísticas e interpretativas que criaram o efeito de informalidade e proximidade com o telespectador. A intenção comunicativa de apenas informar o acontecimento é clara no início. Mas o âncora revela a posição do telejornal na frase de encerramento, ao afirmar que continuam a se repetir as estórias de escândalos de corrupção nesse governo, e que *a nós*, cidadãos, cabe apenas esperar pelo resultados das investigações policiais. O âncora é que protagoniza a intenção comunicativa do telejornal quando ele refere-se ao telespectador pelo pronome *nós*, colocando-se parte da mesma totalidade, na condição de cidadão, ofendido e revoltado com as condições da política brasileira.

È importante ressaltar que não foi usado nenhum tipo de recurso imagético na construção da reportagem, a não ser o personagem do âncora. O que caracteriza a mensagem mais como um comentário do que como uma reportagem de reconstituição.

4.4 Microdrama 4: Movimentação Eleitoral – O processo de verticalização das eleições

- **Resumo**

A verticalização foi instituída em 2002, por meio de uma interpretação dada pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) à Constituição. Consultado pelo deputado federal Miro Teixeira (PDT-RJ), o Tribunal entendeu que os partidos adversários na disputa à Presidência não poderiam se unir nos Estados. Dessa forma, os partidos ficaram obrigados a repetir nos

Estados as mesmas alianças fechadas nas coligações para a disputa presidencial. O tribunal tornou mais dura a regra da verticalização das coligações partidárias e restringiu as possibilidades de aliança, principalmente para o partido que decidir não participar da disputa presidencial. Nesse caso, o partido que não lançasse candidato à Presidência nem se coligasse não poderia se aliar nos Estados a partidos nessas condições. Essa interpretação gerou polêmica e críticas por parte dos partidos. Os líderes partidários entenderam que o TSE estava mudando as regras do jogo às vésperas das eleições e ameaçaram recorrer ao STF (Supremo Tribunal Federal). Por unanimidade, os sete ministros do TSE decidiram recuar e flexibilizar o entendimento sobre a aplicação da regra da verticalização. Ao reformular a decisão de terça-feira, o Tribunal alegou que era preciso respeitar o princípio da segurança jurídica que estabelece que as regras não podem ser mudadas no meio do jogo. Com esse novo entendimento, o TSE abriu espaço para os partidos fecharem alianças informais nos Estados diferentes daquelas fechadas na disputa presidencial e os partidos que não tiverem candidatos à sucessão presidencial poderão fazer alianças nos Estados com qualquer sigla.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**
- **Matéria 1: Congresso promulga emenda contra a verticalização, 2006, SBT, 08/02/2006**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

Congresso promulga emenda e mantém impasse sobre verticalização. O presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), acabou de promulgar a PEC (Proposta de Emenda Constitucional) que acaba com a verticalização nas eleições. Mais informações com Alessandra.

Repórter, em close, em frente ao Supremo Tribunal Federal.

A partir de quarta-feira não há mais verticalização no Brasil, assegurou Renan Calheiros, que se recusa a admitir a possibilidade do STF (Supremo Tribunal Federal) julgar inconstitucional o fim desta regra para as eleições de outubro. O presidente do Senado diz que tem atuado como um "bombeiro" para evitar a tensão e amenizar o clima entre Legislativo e Judiciário.

Entrevista do senador Renan Calheiros, em plano fechado, em um corredor do Congresso Nacional, cercado por vários repórteres.

Adiei a promulgação. Atuei como bombeiro. Depois da decisão do TSE não tenho mais que adiar. O Congresso não vai se furtar do seu papel de direito que é o de modificar a Constituição.(...) Não acredito que o Supremo faça a opção pelo conflito de interesses entre os dois Poderes (Legislativo e Judiciário).

Repórter, em off, com imagens do entrevistado (Renan Calheiros), em plano fechado, caminhando por um corredor do Congresso Nacional.

O presidente do Senado nega a existência de um conflito entre o Legislativo e o Judiciário, mas classificou a decisão do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) de "uma tolice nunca vista". Na semana passada, o TSE considerou que a mudança na verticalização não poderia ser aplicada na eleição presidencial deste ano pois era preciso seguir o princípio da anualidade.

Entrevista do senador Renan Calheiros, em plano fechado, em um corredor do Congresso Nacional, cercado por vários repórteres.

A verticalização foi estabelecida pelo próprio TSE por uma resolução em fevereiro do ano em que havia eleições. Não se pode usar dois pesos e duas medidas. Naquele momento não havia o princípio da anualidade. E agora há? Para mim é claríssimo que não é necessário cumprir o prazo de um ano.

Repórter, em plano fechado, em frente ao Congresso Nacional.

O senador alagoano reafirmou sua posição contrária ao envio de qualquer recurso por parte do Congresso ao STF contra a decisão do TSE de manter a verticalização.

Entrevista do senador Renan Calheiros, em plano fechado, em um corredor do Congresso Nacional, cercado por vários repórteres.

Eu já falei isto antes. A norma não era constitucional. A decisão do TSE se baseou na legislação eleitoral ordinária. Somente com a promulgação da PEC a questão passa a ser constitucional. Não cabe recurso nenhum ao STF. Quem quiser é que recorra depois para argüir a inconstitucionalidade da Emenda.

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Nelson Jobim, ouviu ontem dos presidentes de partidos políticos o pedido para que o Tribunal decidir até o final do mês a validade da regra sobre a verticalização nas alianças eleitorais.

O STF deve definir se a Emenda Constitucional que acabou com obrigatoriedade da verticalização vale ou não para as eleições presidenciais de 2006. Veja mais na reportagem.

Repórter, em plano fechado, em frente a sede da OAB em Brasília.

A OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) deve contestar a nova regra por meio de uma ação direta de inconstitucionalidade, que deve levar o Supremo a se manifestar sobre a matéria. Os partidos querem pressionar o STF a tomar uma decisão sobre a validade do fim da verticalização até o dia 31 . O prazo coincide com a data estabelecida pela legislação eleitoral para ocupantes de cargos públicos se desincompatibilizem para disputar as eleições. Dessa forma, eles podem deixar seus cargos já sabendo das normas da disputa eleitoral.

Na semana passada, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) entendeu que a obrigatoriedade para que as alianças federais sejam respeitadas nas coligações regionais vale para as eleições deste ano, independentemente da aprovação da PEC no Congresso. No julgamento do TSE, dois ministros se manifestaram a favor da regra para as eleições deste ano: Cezar Peluso e Gilmar Mendes. O ministro Marco Aurélio, ao contrário, entendeu que a regra pode não valer para as eleições deste ano.

Âncora, em close, na bancada do telejornal.

Sem interferência... é o que pede a sociedade no momento em que se decide as regras das

próximas eleições.

Repórter, em off, com imagens do entrevistado (Aldo Rebelo), em plano americano, caminhando por um corredor do Congresso Nacional seguido por vários repórteres.

Antes da reunião, o presidente da Câmara, Aldo Rebelo (PC do B-SP), afirmou que o encontro ocorre no contexto do diálogo das instituições e que não vai interferir nos prazos do Supremo.

Entrevista do deputado Aldo Rebelo, em close, em um corredor do Congresso Nacional, cercado por vários repórteres.

(...) da mesma forma que não aceitamos que o Supremo interfira nos prazos da Câmara, nós vamos respeitar o desenrolar desse processo, e que está dentro do prazo.

Repórter, em plano geral, em frente em frente ao prédio da câmara.

A regra da verticalização passou a valer a partir de 2002, quando o TSE fez uma interpretação da lei eleitoral após consulta do deputado Miro Teixeira (PDT-RJ).

Se a medida for mantida, PT e PSDB, por exemplo, que lançarão candidatos à Presidência, não poderão fazer alianças entre si nos Estados. E o PMDB pensará duas vezes antes de lançar candidato ao Planalto.

- **Nível textual**

- Discurso de abertura do âncora com informações sobre a promulgação da proposta constitucional que acaba com a verticalização das eleições;

- Informações sobre o fim da verticalização das eleições com a promulgação da emenda;

- Entrevista do presidente do Senado, Renan Calheiros;

- Informações sobre o impasse entre o Legislativo e o Judiciário em relação à validade da PEC;

- Informações sobre a posição do STF;

- Informações sobre a posição da OAB;

- Entrevista do presidente da Câmara, deputado Aldo Rebelo;

- Informações sobre a gênese do processo de verticalização das eleições.

- **Nível discursivo**

O âncora, sentado na bancada do telejornal, troca de câmera para anunciar a próxima notícia. Em close para o telespectador ele anuncia que o “*Congresso promulga emenda e mantém impasse sobre verticalização*”. O fato começa a ser narrado para o telespectador a partir do movimento político do presidente do senado, Renan Calheiros, que provocou a discussão sobre a verticalização ao promulgar a proposta de emenda constitucional que mantém o impasse sobre a decisão da verticalização das eleições.

O repórter, tendo por cenário os corredores do Congresso nacional, traz ao telespectador os principais pontos da notícia: “*a partir de quarta-feira não há mais verticalização no Brasil*”, e já assegura ao telespectador o sucesso da cartada política do senador, contando a aprovação da emenda pelo Superior Tribunal Federal, “*Renan Calheiros, que se recusa a admitir a possibilidade de o STF (Supremo Tribunal Federal) julgar inconstitucional o fim desta regra para as eleições de outubro*”. O repórter dá voz ao autor da proposta dizendo, “*o presidente do Senado diz que tem atuado como um bombeiro para evitar a tensão e amenizar o clima entre Legislativo e Judiciário*”. A imagem de Renan Calheiros em entrevista coletiva aparece para confirmar a afirmação do repórter. “*Adiei a promulgação. Atuei como bombeiro. Depois da decisão do TSE não tenho mais que adiar*”. Por acreditar na vitória do Legislativo na luta pela verticalização, o senador afirma que “*o Congresso não vai se furtar do seu papel de direito que é o de modificar a Constituição.(...) Não acredito que o Supremo faça a opção pelo conflito de interesses entre os dois Poderes (Legislativo e Judiciário)*).

O repórter interpreta o fato colocando em questão para o telespectador o embate institucional entre os dois poderes, e demonstra estar ciente dos passos de cada um dos protagonistas, “*o presidente do Senado nega a existência de um conflito entre o Legislativo e o Judiciário, mas classificou a decisão do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) de uma tolice nunca vista. Na semana passada, o TSE considerou que a mudança na verticalização não poderia ser aplicada na eleição presidencial deste ano, pois era preciso seguir o princípio da anualidade*”.

O entrevistado é mostrado novamente em fragmentos da entrevista coletiva, para explicar ao telespectador o porquê da promulgação da emenda constitucional, “*a verticalização foi estabelecida pelo próprio TSE por uma resolução em fevereiro do ano em que havia eleições. Não se pode usar dois pesos e duas medidas. Naquele momento não havia o princípio da anualidade. E agora há? Para mim é claríssimo que não é necessário cumprir o prazo de um ano*. Nesta passagem, ficou bem claro para o telespectador o embate entre as instituições e deixa mais explícita a sua origem causal. A figura do entrevistado, além de suas colocações, serve de argumento de autoridade e credibilidade para a reportagem.

O repórter retorna a narrativa, fazendo a mediação entre o telespectador e o entrevistado, “*o senador alagoano reafirmou sua posição contrária ao envio de qualquer recurso por parte do Congresso ao STF contra a decisão do TSE de manter a verticalização*”. E devolve a palavra ao entrevistado para que ele complete o sentido da informação para o telespectador, “*Eu já falei isto antes. A norma não era constitucional. A*

decisão do TSE se baseou na legislação eleitoral ordinária. Somente com a promulgação da PEC a questão passa a ser constitucional. Não cabe recurso nenhum ao STF. Quem quiser é que recorra depois para argüir a inconstitucionalidade da Emenda”. O entrevistado reafirma habilmente sua posição frente ao embate com o STF, com uma argumentação clara e enfática.

O âncora prossegue com a narrativa para informar ao telespectador sobre outro desdobramento do fato importante para a compreensão da notícia, a reunião entre os presidentes de partido e o presidente do STF, Nelson Jobim, *“O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Nelson Jobim, ouviu ontem dos presidentes de partidos políticos o pedido para que o Tribunal decidir até o final do mês a validade da regra sobre a verticalização nas alianças eleitorais.* E revela a conexão do fato com as eleições, *“o STF deve definir se a Emenda Constitucional que acabou com obrigatoriedade da verticalização vale ou não para as eleições presidenciais de 2006.* O âncora faz a ligação para o telespectador entre o motivo da reunião e da discussão, ao relacionar o fato com as eleições. Em seguida, ele pede a intervenção do repórter.

O repórter faz para o telespectador um apanhado geral da discussão, argumentando sobre a reação das outras instituições envolvidas na discussão. Começa pela posição de uma instituição civil *“a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) deve contestar a nova regra por meio de uma ação direta de inconstitucionalidade, que deve levar o Supremo a se manifestar sobre a matéria”.* Depois reafirma a pressão do Legislativo sobre o Judiciário, *“os partidos querem pressionar o STF a tomar uma decisão sobre a validade do fim da verticalização até o dia 31.* E revela ao telespectador a real intenção dos partidos nessa reunião, *“o prazo coincide com a data estabelecida pela legislação eleitoral para ocupantes de cargos públicos se desincompatibilizem para disputar as eleições. Dessa forma, eles podem deixar seus cargos já sabendo das normas da disputa eleitoral”.* Outra instituição representada com sua opinião na narrativa foi o TSE (Tribunal Superior Eleitoral), *“o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) entendeu que a obrigatoriedade para que as alianças federais sejam respeitadas nas coligações regionais vale para as eleições deste ano, independentemente da aprovação da emenda no Congresso.* Ao final, o repórter reforça a argumentação para o telespectador, citando a decisão dos desembargadores, *“No julgamento do TSE, dois ministros se manifestaram a favor da regra para as eleições deste ano: Cezar Peluso e Gilmar Mendes. O ministro Marco Aurélio, ao contrário, entendeu que a regra pode não valer para as eleições deste ano”.*

O âncora retoma a narrativa, sua postura em close junto à câmera explora a imagem de proximidade, como se fosse fazer um comentário discreto, ao pé do ouvido do telespectador.

Ele define sua posição ao comentar que o processo de decisão sobre a verticalização não deve sofrer interferências, “*sem interferência... é o que pede a sociedade no momento em que se decide as regras das próximas eleições*”.

Mais uma opinião é informada ao telespectador pelo repórter, “antes da reunião, o presidente da Câmara, Aldo Rebelo (PC do B-SP), afirmou que o encontro ocorre no contexto do diálogo das instituições e que não vai interferir nos prazos do Supremo”. A narrativa é confirmada pela imagem do entrevistado dando entrevista nos corredores do Congresso, “(...) da mesma forma que não aceitamos que o Supremo interfira nos prazos da Câmara, nós vamos respeitar o desenrolar desse processo, e que está dentro do prazo”.

O repórter encerra a narrativa fazendo previsões para o telespectador sobre a atitude dos partidos nas eleições, caso a verticalização seja mantida, “*Se a medida for mantida, PT e PSDB, por exemplo, que lançarão candidatos à Presidência, não poderão fazer alianças entre si nos Estados. E o PMDB pensará duas vezes antes de lançar candidato ao Planalto*”.

- **Nível valorativo**

A reportagem revela o início da discussão sobre a verticalização das eleições fora dos bastidores. A discussão é trazida para um fórum público pela mídia, que explora o seu caráter de regra importante, que decidirá sobre o futuro das coligações partidárias nas eleições. Em virtude de ser um acontecimento exclusivo do contexto dos poderes (Legislativo e Judiciário), a narrativa se preocupa em apresentar uma quantidade de informações que tragam detalhes da movimentação de cada uma das forças políticas envolvidas, dá a entender para o telespectador que a discussão está em andamento, e conecta o fato a rede de acontecimentos do contexto político-eleitoral.

O âncora está no papel de mediador entre o fato e cada um dos contextos relacionados. Sua participação é isenta de interditos subjetivos, até que ele retoma o poder do discurso para pedir que não haja interferências por parte do Legislativo no julgamento da validade da emenda pelo judiciário. Já a construção textual dos repórteres faz questão de polemizar o choque entre os poderes através do uso de palavras fortes para retratar um certo clima de guerra (*bombeiro, tensão, conflito, posição contrária*). As imagens em fragmentos das entrevistas coletivas completam o sentido da informação, que se personifica na figura dos entrevistados.

O telejornal considera que a pressão dos presidentes de partido sobre o STF (Superior Tribunal Federal) pressupõe uma certa interferência no andamento processual da decisão

sobre a verticalização, demonstra isso através da posição julgadora do âncora em meio o relato.

- **Matéria 2: Partidos pedem uma decisão rápida sobre a verticalização, Globo, 09/02/2006.**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Nelson Jobim, promete decisão sobre verticalização até fim do mês. Presidentes de partidos políticos e o ministro fizeram ontem um acordo que estabelece um rito jurídico rápido para que o Supremo Tribunal Federal dê até o fim deste mês a palavra final se a queda da verticalização valerá ou não para as eleições de outubro. A verticalização, regra que proíbe os partidos de fazer alianças nos Estados com adversários na eleição presidencial, é objeto de debate entre o Judiciário e o Congresso. As coligações nos estados e a viabilização de candidaturas presidenciais dependem da decisão do STF.

Repórter, em close, em frente ao Supremo Tribunal Federal.

O Congresso aprovou uma emenda constitucional que acaba com a regra, mas o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) entende que essa decisão não valerá para outubro, pois foi tomada a menos de um ano das eleições (princípio da anterioridade). Pelo acordo firmado entre os presidentes de partido e Jobim, o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), promulgará hoje a emenda aprovada no Congresso. De imediato, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) entrará no STF com uma ação direta de inconstitucionalidade. Jobim se comprometeu a acelerar a apreciação dessa ação a fim de que o Supremo decida rapidamente. A promessa é ter uma decisão até o dia 25. A tendência do STF hoje é manter a verticalização para estas eleições e torná-la inválida só a partir de 2010. Willian!

Âncora, em plano fechado, sentado na bancada do telejornal ao lado do outro âncora.

Os presidentes do PSDB e do PFL, senadores Tasso Jereissati (CE) e Jorge Bornhausen (SC), ficaram encarregados de informar o presidente do senado, Renan Calheiros, do acordo e de orientá-lo a deixar prontos os argumentos jurídicos a favor do fim da verticalização já em outubro.

Entrevista do deputado Michel Temer - PMDB, em plano fechado, nos corredores do Congresso Nacional, cercado por vários repórteres.

Ninguém foi tratar do mérito [com Jobim], mas dizer que os partidos querem uma decisão para que os partidos tenham segurança sobre as regras eleitorais. O PMDB é um dos maiores interessados no final imediato da verticalização.

Âncora, em plano fechado, sentado na bancada do telejornal.

Além de Temer, Tasso e Bornhausen, estiveram no encontro o presidente do PPS, deputado Roberto Freire (PE), e o senador Cristovam Buarque (PDT-DF).

- **Nível textual**

- Discurso do ancora com informações sobre o encontro entre os presidentes de partido e o presidente do STF, Nelson Jobim;

- Informações sobre a apreciação da emenda constitucional que derruba a verticalização da eleições pelo STF;
- Informações sobre a participação do PSDB e do PFL nas negociações;
- Entrevista do deputado Michel Temer - PMDB;
- Informações sobre a presença de outros políticos ao encontro.

- **Nível discursivo**

O âncora começa a reportagem invertendo o enunciado da notícia. Primeiro ele anuncia a consequência - a promessa do ministro Nelson Jobim de decidir sobre verticalização até fim do mês – e, depois o ato – a reunião que resultou em um acordo entre as partes envolvidas. O uso do termo técnico “*um rito jurídico rápido*” não esclarece sobre o que se trata a decisão. Mas ele recupera a clareza do discurso, ao informar rapidamente o que o telespectador precisa saber, “*se a queda da verticalização valerá ou não para as eleições de outubro*”. Ele especifica para o telespectador a natureza da verticalização como “*regra que proíbe os partidos de fazer alianças nos Estados com adversários na eleição presidencial*”, que na realidade é uma lei, aprovada pelo Congresso em 1998. Depois polemiza a discussão social dizendo que a verticalização “*é objeto de debate entre o Judiciário e o Congresso*”. E por fim, liga o fato à movimentação pré-eleitoral, revelando que “*as coligações nos Estados e viabilização de candidaturas presidenciais dependem da decisão do STF*”. A imagem aproximada do âncora em close, olhando fixamente para a câmera, não deixa que seu contato com o telespectador seja interrompido antes que ele termine o discurso.

O repórter detém o papel mais importante nesta narrativa. Sua imagem em frente ao Supremo Tribunal Federal com as portas fechadas indica que o fato já aconteceu naquele local. Em sua estrutura narrativa, ele primeiro situa o telespectador sobre a informação principal da notícia, que foi a aprovação pelo congresso da emenda constitucional que acaba com a verticalização das eleições, e a reação do TSE ao contestar sua a validade. Em seguida, ele ressalta a polêmica entre o Congresso e Tribunal Superior Eleitoral, explicando para o telespectador a natureza da discordância, para depois revelar a sucessão dos fatos na reunião e especificar do que se tratou o acordo.

É importante ressaltar que é somente no texto do repórter que o telespectador tem uma pista do que seria “*um rito jurídico rápido*”, citado anteriormente pelo âncora: “*pelo acordo firmado entre os presidentes de partido e Jobim, o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), promulgará hoje a emenda aprovada no Congresso. De imediato, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) entrará no STF com uma ação direta de*

inconstitucionalidade. Jobim se comprometeu a acelerar a apreciação dessa ação a fim de que o Supremo decida rapidamente. A promessa é ter uma decisão até o dia 25". E por fim, ele ainda revela ao telespectador uma possibilidade, "a tendência do STF hoje é manter a verticalização para estas eleições e torná-la inválida só a partir de 2010".

O âncora retorna a narrativa com informações complementares a respeito da participação dos presidentes do PSDB e do PFL na reunião, do interesse do presidente do Senado, Renan Calheiros, no acordo, e da articulação entre eles "*a favor do fim da verticalização já em outubro*". Essas informações avisam o telespectador de que a discussão ainda vai se desenrolar em outros episódios, e que o tema "discussão sobre a verticalização das eleições 2006" ainda não está esgotado.

As imagens do presidente do PMDB falando para os repórteres, aparecem para construir o efeito de realidade da notícia. Nelas, Michel Temer confirma o interesse do partido no fim da verticalização, "*o PMDB é um dos maiores interessados no final imediato da verticalização*".

O âncora fecha a matéria rapidamente e dispensa formalidades no tratamento, dando as últimas informações sobre a participação de outros personagens políticos na reunião, "*além de Temer, Tasso e Bornhausen, estiveram no encontro o presidente do PPS, deputado Roberto Freire (PE), e o senador Cristóvão Buarque (PDT-DF)*".

- **Nível valorativo**

O impasse sobre a verticalização se desenrolou durante um período longo, e em vários episódios que precisaram ser lembrados ao telespectador sempre que um novo fato relacionado acontece. A reportagem apresenta ao telespectador uma narrativa rápida e sucinta, em que ele é situado sobre os acontecimentos anteriores e os atuais, sobre a natureza da verticalização, e as tentativas de mudanças capitaneadas pelos atores políticos.

Ao analisarmos a reportagem sob a perspectiva valorativa, entendemos que o campo midiático tratava a discussão sobre a verticalização das eleições como uma discussão que ocorria apenas no contexto dos poderes (Legislativo e Judiciário), e que não cabia nenhum tipo de intervenção vinda de outros campos à sociedade.

A reportagem é construída basicamente sobre informações dos agentes políticos, e não concede espaços para qualquer tipo de julgamento ou interpretação. A construção narrativa personifica as instituições envolvidas através das imagens dos presidentes das instituições (presidentes de partido, presidente do Senado, presidente do STF). O que, aparentemente, facilita o acompanhamento da narrativa pelo telespectador.

A narrativa procura enfatizar o que foi suscitado por tal ou qual instituição envolvida na discussão fragmentada em vários outros episódios anteriores usando um texto conciso e rápido, com frases definidas e sem interferências textuais de outra natureza senão a informativa.

- **Matéria 3: Partidos se reúnem com o STF para discutir a verticalização, Band, 10/02/2006**

Âncora, em plano americano, ao fundo monitor de plasma exibindo a logomarca do telejornal.

Presidentes de partidos vão ao STF para discutir a verticalização.

Âncora, em off, com as imagens da chegada dos políticos ao do encontro.

Os presidentes do PSDB, Tasso Jereissati (CE), do PMDB, Michel Temer (SP), do PFL, Jorge Bornhausen (SC), do PPS, Roberto Freire (PE), do PDT, Carlos Luzzi (RJ), do PSOL, Heloísa Helena (AL), se reuniram com o presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Nelson Jobim para pedir rapidez na análise da vigência da verticalização nas alianças eleitorais deste ano. O deputado Fernando Gabeira (PV-RJ) participou do encontro representando seu partido.

Repórter, em plano fechado, em frente ao TSE em Brasília.

A regra define que as coligações federais devem ser respeitadas nas alianças regionais. Uma emenda à Constituição, aprovada em fevereiro pelo Congresso e que foi promulgada nesta quarta-feira, extingue a obrigatoriedade. O TSE (Tribunal Superior Eleitoral), entretanto, considera que a regra da verticalização ainda deve valer nas eleições deste ano. O fim da verticalização, na opinião dos ministros do Tribunal, valeria apenas a partir de 2010. O presidente do PSDB defende que o Supremo se pronuncie o mais rápido possível para que os partidos saibam o caminho a seguir nas eleições deste ano.

Além disso, Tasso Jereissati, argumenta que o prazo para que ocupantes de cargos se desliguem para disputar as eleições está próximo: se encerra no dia 31. O STF pode tratar do assunto na reunião plenária desta quinta-feira. Três ministros já se manifestaram sobre o assunto: Marco Aurélio se disse contra a verticalização, mas Cezar Peluso e Gilmar Mendes se pronunciaram em favor da manutenção da regra.

- **Nível textual**

- Informações sobre o encontro dos presidentes de partido com o presidente do STF, Nelson Jobim;

- Informações sobre o processo de verticalização das eleições, sua gênese e desenvolvimento até aquele momento.

- **Nível discursivo**

No nível discursivo, a reportagem informa para o telespectador o necessário para o entendimento do fato. O âncora anuncia a notícia com apenas uma frase, “*Presidentes de partidos vão ao STF para discutir a verticalização*”. Ele reporta o fato sobre as imagens do encontro com os nomes de cada um dos presidentes de partido que participaram da reunião, e define seu objetivo, “*para pedir rapidez na análise da vigência da verticalização nas alianças eleitorais deste ano*”. Na matéria, ele informa ao telespectador o acontecimento, seus personagens e o objetivo. A imagem enfatiza ao fundo a logomarca do telejornal, sem mais outros detalhes.

Em seguida, o repórter passa a narrar sobre o acontecimento com imagens do local onde se realizou a reunião. Ele define do que se trata a verticalização, “*a regra define que as coligações federais devem ser respeitadas nas alianças regionais*”. Revela ao telespectador o fato novo, “*uma emenda à Constituição, aprovada em fevereiro pelo Congresso e que foi promulgada nesta quarta-feira, extingue a obrigatoriedade*”. E completa o sentido da informação, desenvolvendo acerca das repercussões desse fato e a posição dos envolvidos. O primeiro a ser citado é o Tribunal Superior Eleitoral, como a principal instituição discordante da promulgação da emenda. A opinião dos ministros é usada na construção narrativa como argumento de autoridade, “*na opinião dos ministros do Tribunal, valeria apenas a partir de 2010*”. O segundo personagem citado é o presidente do PSDB, que “*defende que o Supremo se pronuncie o mais rápido possível para que os partidos saibam o caminho a seguir nas eleições deste ano*”. O repórter se refere novamente ao presidente do partido, mas dessa vez o chama pelo primeiro nome, “*Tasso Jereissati*”, mostrando proximidade para produzir um efeito de informalidade junto ao telespectador. Por fim, a última posição é a do STF que “*pode tratar do assunto na reunião plenária desta quinta-feira*”. Segundo o repórter, “*três ministros já se manifestaram sobre o assunto: Marco Aurélio se disse contra a verticalização, mas Cezar Peluso e Gilmar Mendes se pronunciaram em favor da manutenção da regra*”.

O acontecimento foi atestado por imagens da reunião entre os representantes dos partidos e o presidente do STF. Os fragmentos de imagem mostraram os presidentes dos partidos que representam os partidos mais importantes, como PSDB e PLF, além da imagem do dep. Fernando Gabeira e da pré-candidata Heloisa Helena. O presidente do STF, Nelson Jobim, foi mostrado em imagens de arquivo.

- **Nível valorativo**

A construção narrativa explora o encontro entre as instituições como um desdobramento da emenda constitucional que extingue a verticalização promulgada dias

antes, enfatiza a importância dessa decisão para o processo eleitoral iminente argumentando sobre o vencimento do prazo de descompatibilização, prevê o desfecho do acontecimento para a próxima reunião do STF, e antecipa para o telespectador as opiniões de alguns dos ministros envolvidos na decisão final.

A matéria traz em sua construção os traços do jornalismo informativo, que se baseia em arrolar para o telespectador os fatos e envolvidos em uma seqüência argumentativa que revele sua sucessividade e continuidade. A narrativa é rápida, e dá ao telespectador a exata noção do acontecimento ao rememorar os detalhes, revelar a posição dos principais personagens na voz dos produtores(âncora e repórter), e estabelecer a continuidade do fato através do discurso usando os verbos no presente contínuo.

O âncora teve seu papel usual de anunciador da notícia, completando os sentidos com imagens que exibiram alguns dos envolvidos no acontecimento. As imagens rememoram o acontecimento através de fragmentos mostrando a chegada das autoridades na sede do STF, e compartilham com o telespectador a visão de testemunha ocular. Já o repórter constrói uma argumentação determinada, baseada exclusivamente em dados sobre a discussão da lei da verticalização, e o posicionamento dos principais envolvidos. Diante dessa construção narrativa, não encontramos qualquer intenção presumida ou tentativa de valoração por parte do telejornal, já que, tanto o âncora como o repórter não indicaram na sua construção textual ou imagética qualquer inferência ideológica.

4.5 Microdrama 5: Movimentação Eleitoral - A desincompatibilização de pré-candidatos.

- **Resumo**

A crise política do governo Lula antecipou as discussões sobre a disputa pela presidência em 2006. Mas, mesmo com a tensão provocada pelas denúncias de Roberto Jefferson, os pré-candidatos deixaram para o último momento a decisão de renunciar a seus cargos políticos e declarar seu interesse em disputar as eleições. Governadores, prefeitos, ministros e parlamentares interessados em disputar as eleições de 2006 tinham até o dia seis de abril para se desincompatibilizar de seus cargos e mandatos, e anunciar suas pré-candidaturas. Entende-se por desincompatibilização a saída voluntária de uma pessoa em caráter provisório ou precário de direito ou de fato, de um cargo, emprego ou função, pública ou privada, dentro do prazo exigido em lei, a fim de permitir que essa pessoa concorra a um ou mais mandatos eletivos, sendo que a ruptura com o vínculo é temporário e recuperável.

O anúncio da desincompatibilização faz parte do calendário eleitoral, como o segundo movimento político que indica os possíveis candidatos. No microdrama em questão, trata-se do anúncio da desincompatibilização de dois pré-candidatos à presidência, Geraldo Alckmin do PSDB, e Anthony Garotinho do PMDB. Ambos ainda estavam na luta pela indicação de seus partidos como candidato oficial na disputa pela presidência da república, o que teria de acontecer até o final de junho. Os outros pré-candidatos que detinham cargos públicos ou mandatos já haviam anunciado suas candidaturas, como foi o caso da senadora Heloisa Helena, candidata pelo PSOL, e do deputado federal Roberto Freire, candidato pelo PPS.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**
- **Matéria 1: Desincompatibilização de Alckmin e Garotinho, Globo, 27/03/2006.**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

Enquanto o assunto de Lula era reforma ministerial, o seu adversário Geraldo Alckmin deixou de ser governador de São Paulo e agora é só candidato do PSDB à presidência da República. Mas o partido ainda aguarda o anúncio oficial de que o presidente Jose Serra saia do cargo para disputar o lugar que era de Alckmin no palácio dos Bandeirantes.

Repórter em off, com imagens da leitura da carta de renúncia na AL de São Paulo (as imagens em plano americano mostram o auditório da plenária da Assembléia Legislativa de São Paulo. Ao fundo, o presidente, lê a carta para os parlamentares presentes).

Uma carta-renúncia lida em voz alta na assembléia legislativa selou o fim de cinco anos à frente do governo de São Paulo.

Presidente da assembléia lê a carta.

Me afasto definitivamente do cargo de governador do estado no dia 31 de março de 2006.

Repórter em off, com imagens do dia de Geraldo Alckmin. (Nas imagens, ele aparece ao lado do prefeito José Serra inaugurando obras, cumprimentando eleitores. Na legenda eletrônica está escrito pré-candidato do PSDB à presidência).

O último dia foi repleto de compromissos. Ao lado do prefeito José Serra, Alckmin inaugurou uma estação de metrô.

Entrevista de Alckmin, em close, cercado por microfones.

Certamente eu não fiz tudo, cometi erros, mas suamos a camisa, dei o melhor de mim. Estou animado... Animado para servir o Brasil.

Repórter em off, em plano aberto, direto do local da última inauguração (as imagens mostram o repórter em primeiro plano, e em segundo, a comitiva de Geraldo Alckmin acompanhando a inauguração).

Geraldo Alckmin deixou para o fim do mandato a inauguração dos holofotes de uma obra que deve ser uma das vitrines de sua campanha à presidência, a ampliação da calha do rio

Tietê. Foi seu último ato como governador de São Paulo.

Repórter em off, com as imagens de Alckmin percorrendo a obra, cercado de seus assessores (as imagens mostram Alckmin sorridente, acenando para os presentes e andando pela obra).

Quando as luzes se acenderam, Alckmin já não falava como governador. O pré-candidato do PSDB anunciou seus primeiros passos. Na segunda-feira viaja para Brasília.

Geraldo Alckmin, em plano fechado, em entrevista.

Vou me dedicar de corpo e alma a essa tarefa, que é a tarefa da preparação do projeto nacional de desenvolvimento, sendo que a coordenação da campanha seja em Brasília.

Repórter em off, com imagens de Alckmin inaugurando a obra (as imagens mostram Alckmin girando a chave e acedendo as luzes da obra).

Alckmin voltou a dizer que torce pela confirmação de Jose serra como candidato ao governo de São Paulo.

Geraldo Alckmin em plano fechado, em entrevista:

Eu acho que é importante, não só pra eleição nacional, mas é importante pra São Paulo né. Evidente que ajuda também o quadro nacional.

Repórter em off, sobre imagens da entrevista do presidente do PSDB, Sidney Beraldo (as imagens mostram o presidente do partido cercado por microfones).

Mas os entusiastas da candidatura Serra ainda lutam para derrubar o último foco de resistência no partido.

Entrevista do presidente do PSDB Dep. Sidney Beraldo.

Nos temos é quatro pré-candidatos que se colocaram, e três deles disseram que, a partir do momento que o prefeito José Serra colocar a sua candidatura eles abririam mão. O vereador José Anibal tem dito que mantém a sua candidatura. A Executiva vai buscar a partir da decisão do prefeito Serra, buscar um entendimento para que Serra seja o candidato da convergência e da unidade.

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

No Rio de Janeiro a desincompatibilização fez com que quase a metade dos secretários de estado deixasse os cargos para concorrer às eleições. Mas a governadora anunciou que fica até o fim do mandato.

Repórter em off, com imagens da governadora discursando (nas imagens, a câmera gira em torno do auditório, mostrando vários ângulos da platéia, entre eles, o ex-governador Anthony Garotinho).

A governadora Rosinha Matheus reuniu deputados estaduais e federais, a Executiva do PMDB e militantes do partido para anunciar a troca de auxiliares. Dos trinta secretários treze entregaram os cargos para se candidatar nas eleições de outubro. Rosinha Matheus também tinha até amanhã para anunciar se ficava ou não no cargo. A decisão podia interferir no futuro político do ex-governador Garotinho por causa de restrições da legislação eleitoral. Se ela saísse, o marido poderia se candidatar ao Senado ou à Câmara dos Deputados. Mas ela confirmou que fica até primeiro de janeiro de 2007.

Rosinha Matheus, em plano fechado, dando entrevista coletiva no fim do evento.

Eu nunca pensei na possibilidade de sair, mas eu não poderia deixar de ouvir o que partido

tinha para colocar pra mim.

Repórter em off, em frente ao palácio do governo do RJ.

Pela lei eleitoral, com a decisão de Rosinha Matheus, Anthony Garotinho agora só poderá se candidatar à presidência da república, ou ainda disputar as eleições como candidato à vice-presidente.

Repórter em off, com imagens (as imagens mostram Anthony Garotinho e Rosinha Matheus sendo aplaudidos pela platéia presente ao evento).

Mas ele diz que nem chegou a pensar em outra hipótese porque confia no resultado da convenção do PMDB. Como alguns integrantes do PMDB já especularam uma aliança com o PSDB e PFL, Antony Garotinho também comentou a possibilidade de ser o vice de Geraldo Alckmin.

Garotinho em entrevista (As imagens mostram Anthony Garotinho em close, cercado de microfones). Na legenda eletrônica está escrito pré-candidato do PMDB à presidência.

Cada coisa tem que ser tratada no seu tempo. De repente, pode ser até que a candidatura dele não cresça e a minha cresça mais. Da mesma forma que julgam que eu possa ser vice dele, ele também pode ser vice da minha chapa.

- **Nível textual**

- movimento de desincompatibilização de políticos;
- a posição do presidente Lula em relação à movimentação de desincompatibilização do partido de oposição – PSDB;
- leitura da carta renúncia pelo presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo;
- cobertura do último dia de Alckmin como governador;
- entrevista de Geraldo Alckmin;
- entrevista com o presidente do PSDB, Sidney Beraldo;
- resultado da desincompatibilização no governo do Rio de Janeiro.
- fragmento da entrevista de Anthony Garotinho.

- **Nível discursivo**

O âncora inicia reportagem em plano fechado, na bancada do telejornal. Sua motivação inicial endereça ao telespectador um certo entusiasmo e ironia, estabelecendo o clima e competição, “Enquanto o assunto de Lula era reforma ministerial, o seu adversário Geraldo Alckmin deixou de ser governador de São Paulo e agora é só candidato do PSDB à presidência da república”. A expressão do apresentador deixa o telespectador em suspense antes de continuar, quando o outro âncora completa a notícia, “Mas o partido ainda aguarda o anúncio oficial de que o presidente José Serra saia do cargo para disputar o lugar que era de Alckmin no palácio dos Bandeirantes”. O texto revela para o telespectador a

movimentação de três participantes do jogo político no período pré-campanha naquele dia. O âncora aparenta informalidade, refere-se ao presidente pelo nome (Lula), e dá a entender para o telespectador que os problemas de governo podem estar atrapalhando a saída dele para a disputa. Ao dizer que Geraldo Alckmin agora é só candidato, reforça sua vantagem sobre Lula, que ainda está lidando com suas atribuições de presidente. E coloca em segundo plano a informação sobre outro possível candidato do mesmo partido, José Serra, que ainda não se posicionou oficialmente sobre sua decisão final de disputar o governo de São Paulo.

As imagens iniciam a narrativa, mostrando a leitura da carta-renúncia de Alckmin pelo presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo. O repórter, em off, situa o telespectador na notícia, *“Uma carta-renúncia lida em voz alta na assembléia legislativa selou o fim de cinco anos à frente do governo de São Paulo”*.

Em seguida, o repórter revela para o telespectador as últimas ações de Geraldo Alckmin como governador de São Paulo, *“O último dia foi repleto de compromissos. Ao lado do prefeito José Serra, Alckmin inaugurou uma estação de metrô”*. Nas imagens, o telespectador pode ver Geraldo Alckmin ao lado de José Serra em um clima de harmonia, cercados por políticos, assessores e jornalistas, dentro de uma estação do metrô.

Nesse momento, entram imagens da entrevista de Geraldo Alckmin, nomeado pela legenda na tela como pré-candidato do PSDB à presidência. Geraldo Alckmin aparece em close, cercado por microfones, *“Certamente eu não fiz tudo, cometi erros, mas suamos a camisa, dei o melhor de mim. Estou animado... Animado para servir o Brasil”*. A reportagem continua apresentando para o telespectador o último dia da agenda do ex-governador Geraldo Alckmin. O repórter passa a narrar do local os detalhes da última inauguração feita pelo ex-governador, *“Geraldo Alckmin deixou para o fim do mandato a inauguração dos holofotes de uma obra que deve ser uma das vitrines de sua campanha à presidência, a ampliação da calha do rio Tiete. Foi seu último ato como governador de São Paulo”*. Ele revela que a obra faz parte dos planos de campanha do pré-candidato, enfatiza mais uma vez para o telespectador que foi o último ato de Geraldo Alckmin como governador. Nas imagens, Geraldo Alckmin aparece acendendo as luzes da obra, fazendo comentários e sendo aplaudido pelos presentes.

O repórter segue os passos no ex-governador, sempre lembrando ao telespectador que agora ele é pré-candidato, *“Quando as luzes se acenderam, Alckmin já não falava como governador. O pré-candidato do PSDB anunciou seus primeiros passos. Na segunda-feira viaja para Brasília”*. O texto em off do repórter está presente para enfatizar o caráter de movimentação eleitoral do acontecimento. Ele é chamado mais uma vez pelo repórter para

revelar ao telespectador seus próximos passos como pré-candidato, “Vou me dedicar de corpo e alma a essa tarefa, que é a tarefa da preparação do projeto nacional de desenvolvimento, sendo que a coordenação da campanha seja em Brasília”. Aqui, Geraldo Alckmin assume para o telespectador sua condição de pré-candidato.

O repórter antecipa os próximos passos do ex-governador, agora como pré-candidato, e enfatiza que Alckmin ainda espera que José Serra desista da disputa interna pela indicação do partido e se candidate ao governo de São Paulo. As imagens complementam a narrativa do repórter, mostrando Geraldo Alckmin com a legenda de pré-candidato, “*Alckmin voltou a dizer que torce pela confirmação de Jose Serra como candidato ao governo de São Paulo*”. Aqui, o repórter relembra o discurso de anúncio do âncora, registrando para o telespectador que o impasse dentro do partido sobre quem será o candidato ainda não foi resolvido, e mostra fragmentos da entrevista de Geraldo Alckmin, colocando sua posição sobre o impasse, “*Eu acho que é importante, não só pra eleição nacional, mas é importante pra São Paulo né. Evidente que ajuda também o quadro nacional*”. Na entrevista, Geraldo Alckmin revela que, na sua opinião, a decisão de Serra é importante para o quadro da disputa, mas não deixa claro para o telespectador qual caminho será tomado pelo seu companheiro de partido. Logo, o clima ainda é de suspense sobre quem será o candidato do PSDB.

A reportagem passa a perseguir o outro ângulo do acontecimento, o impasse dentro do partido sobre quem será o candidato oficial. A narrativa se desdobra indo a busca da opinião dos outros integrantes da cúpula do partido. O repórter deixa o telespectador em suspense, “*Mas os entusiastas da candidatura Serra ainda lutam para derrubar o último foco de resistência no partido*”. E revela as últimas informações de bastidores sobre a negociação da candidatura do PSDB, exibindo a entrevista do presidente do partido falando sobre o andamento das negociações, “*Nós temos é quatro pré-candidatos que se colocaram, e três deles disseram, que a partir do momento que o prefeito José Serra colocar a sua candidatura eles abririam mão. O vereador José Aníbal tem dito que mantém a sua candidatura. A Executiva vai buscar a partir da decisão do prefeito Serra, buscar um entendimento para que Serra seja o candidato da convergência e da unidade*”. A matéria polemiza a questão, enfatizando que o partido tem até o momento quatro pré-candidatos pleiteando a indicação oficial, e o presidente deixa claro que a sua preferência é por José Serra. A entrevista revela só no final da matéria a existência de outros pré-candidatos dentro do mesmo partido, e que mesmo com o anúncio de Geraldo Alckmin de que está concorrendo à presidência, parte do partido ainda vai continuar lutando pela indicação de José Serra como o candidato oficial do PSDB à presidência da república.

A narrativa retorna para o âncora, que estabelece para o telespectador o próximo ângulo a ser tratado pela reportagem, “No Rio de Janeiro a desincompatibilização fez com que quase a metade dos secretários de estado deixasse os cargos para concorrer às eleições. Mas a governadora anunciou que fica até o fim do mandato”. O âncora direciona a narrativa para outra frente de movimentação política gerada pela desincompatibilização, quando passa a informar a decisão da governadora Rosinha Matheus de permanecer no cargo. A construção narrativa enfatiza que mais da metade dos secretários estaduais saíram para disputar as eleições, e revela a decisão da governadora Rosinha Matheus de permanecer no cargo até o fim do mandato. O repórter dá detalhes no texto em off, mostra imagens da cerimônia de troca de secretários, e confirma a decisão da governadora exibindo um fragmento da entrevista coletiva onde ela confirma que ficará até o fim do mandato.

No texto em off, o repórter dá detalhes para o telespectador sobre a mudança no secretariado executivo do estado, e revela que a decisão da governadora reforça a posição de seu marido, Anthony Garotinho, de continuar lutando pela indicação para concorrer à presidência pelo PMDB, “*A governadora Rosinha Matheus reuniu deputados estaduais e federais, a Executiva do PMDB e militantes do partido para anunciar a troca de auxiliares. Dos trinta secretários treze entregaram os cargos para se candidatar nas eleições de outubro. Rosinha Matheus também tinha até amanhã para anunciar se ficava ou não no cargo. A decisão podia interferir no futuro político do ex-governador Garotinho, por causa de restrições da legislação eleitoral. Se ela sáisse, o marido poderia se candidatar ao Senado ou à Câmara dos Deputados. Mas ela confirmou que fica até primeiro de janeiro de 2007*”. As imagens mostram para o telespectador os políticos presentes, entre eles, Anthony Garotinho, que aparece sentado ao lado da governadora. Na entrevista coletiva, a governadora explica sua decisão, “*Eu nunca pensei na possibilidade de sair, mas eu não poderia deixar de ouvir o que partido tinha para colocar pra mim*”.

O repórter se personifica na matéria para explicar que com a decisão da governadora de não renunciar ao cargo, o ex-governador Anthony Garotinho, que é seu marido, só poderá se candidatar agora à presidência ou à vice-presidência da república. Diante disso, o repórter levanta a possibilidade do PMDB compor uma aliança com partidos da oposição como o PSDB e o PFL, e especula com Garotinho se ele ocuparia a vaga de vice na chapa de Geraldo Alckmin. Em frente ao palácio do governo, ele explica ao telespectador as conseqüências da decisão da governadora Rosinha Matheus de permanecer no governo, “*Pela lei eleitoral, com a decisão de Rosinha Matheus, Anthony Garotinho agora só poderá se candidatar à presidência da república, ou ainda disputar as eleições como candidato à vice-presidente*”. O

repórter enfatiza que a decisão de Rosinha Matheus reforça a intenção de Anthony Garotinho de continuar lutando pela sua candidatura à presidência. Ele afirma para o telespectador a posição do próprio Anthony Garotinho *“Mas ele diz que nem chegou a pensar em outra hipótese porque confia no resultado da convenção do PMDB*. E completa, revelando informações sobre os bastidores da negociação dentro do partido, *“Como alguns integrantes do PMDB já especularam uma aliança com o PSDB e PFL, Anthony Garotinho também comentou a possibilidade de ser o vice de Geraldo Alckmin”*. O repórter fecha a construção da narrativa chamando Anthony Garotinho para confirmar suas especulações para o telespectador, *“Cada coisa tem que ser tratada no seu tempo. De repente, pode ser até que a candidatura dele não cresça e a minha cresça mais. Da mesma forma que julgam que eu possa ser vice dele, ele também pode ser vice da minha chapa”*. Anthony Garotinho aparece confiante, e certo de que será indicado como candidato na convenção do partido, deixando claro para o telespectador que a “batalha” em prol da tese de candidatura própria do partido continua, e reforçando sua imagem de pré-candidato mesmo sem a indicação oficial do partido.

- **Nível valorativo**

Os grandes eixos da matéria são conduzidos pelo âncora, que detém o fio condutor da narrativa. Ele é o personagem forte do telejornal, responsável pelo estreitamento dos laços com o telespectador estabelecidos no contrato de leitura. Sua postura de formalidade é reforçada através dos gestos, na vestimenta, e em sua aparência física, e confere o efeito de credibilidade ao jornal.

É, contudo, no conteúdo discursivo que o âncora revela a intenção comunicativa do telejornal permeando o texto com expressões e interditos que semantizam a reportagem. Por exemplo, ao anunciar o fato para o telespectador, ele deixa transparecer um certo entusiasmo com a decisão de Alckmin, e ironiza a posição de Lula, colocando Alckmin em vantagem, como se ele estivesse saindo na frente dentro do jogo pré-eleitoral enquanto Lula continua dando prioridade às funções do Executivo.

O telejornal passa a “testemunhar” as ações de Geraldo Alckmin através do repórter, que vai ao local, mostra o acontecimento, e revela seus detalhes. A construção narrativa dá às imagens da leitura da “carta-renúncia” um efeito simbólico de início da campanha de Alckmin.

Em seguida, as imagens da inauguração exibem Serra e Alckmin andando lado a lado, como colegas, e em nenhum momento é indicado que os dois competem pela indicação do

mesmo partido à presidência. A informação sobre a indecisão de José Serra de concorrer ou não ao governo de São Paulo é deixada em segundo plano pelo repórter, como um detalhe secundário. José Serra aparece nas imagens como coadjuvante, e não é consultado sobre sua opinião frente à desincompatibilização de Geraldo Alckmin.

Em vários momentos, a narrativa reforça a condição de pré-candidato de Geraldo Alckmin. As imagens são acompanhadas de legendas nomeando-o como pré-candidato do PSDB à presidência da república, mesmo sem a confirmação do partido. Isto quer dizer que o telejornal já elevou Geraldo Alckmin à condição de candidato. Em outras palavras, fragmentos da entrevista de Geraldo Alckmin funcionam como uma propaganda: seu discurso revela sua intenção eleitoreira, deixando claro para a opinião pública que é pré-candidato à presidência. Fica ainda mais evidente o caráter “promocional” da matéria quando juntamos a imagem com o texto em off do repórter. Ele elogia a obra inaugurada por Geraldo Alckmin como uma das “vitrines” da sua campanha, e reforça a sua imagem de aprovação mostrando imagens de aplausos da platéia presente.

O telejornal não dá ênfase à participação do presidente do partido, que é reduzida a um fragmento de entrevista. O interessante nesse fato é que só no fim da reportagem o telejornal revela que existem outros pré-candidatos dentro do mesmo partido, através da entrevista do presidente do PSDB. O fragmento coloca um detalhe muito importante para o entendimento do contexto geral da disputa: a existência de outros quatro candidatos pleiteando a indicação do partido. E mais, a construção narrativa não explora o fato de o presidente do partido ter-se posicionado claramente a favor de Serra. Esses exemplos indicam um possível favorecimento do telejornal, e conseqüente mente da emissora à Geraldo Alckmin testemunhando suas ações positivas como governador, e construindo o vínculo com sua nova condição (ainda não oficial) de pré-candidato à presidência da república.

O outro destaque da matéria diz respeito à movimentação de outro pré-candidato. Anthony Garotinho representa na narrativa o papel de possível candidato do PMDB na composição do tabuleiro do jogo da pré-campanha.

A narrativa informa sobre a situação de Garotinho frente à decisão de Rosinha Matheus, mas não esclarece que sua intenção dele é concorrer à presidência como candidato do PMDB. Ele explica a reação de Anthony Garotinho só no segundo momento da narrativa, e depois revela sua condição de pré-candidato. O fragmento da entrevista exibido na matéria revela Garotinho numa posição arrogante e prepotente, e mostra que ele não se deixa sobrepor pela posição de Alckmin. Na entrevista, Garotinho insiste que ele e Geraldo Alckmin estão

em condições iguais de disputa, sugerindo que tanto ele pode ser vice de Alckmin quanto Alckmin pode ser seu vice, caso a candidatura do adversário não decole.

A construção narrativa enfatiza a condição frágil da candidatura de Garotinho quando dá a entender que a idéia de que concorrer presidente é uma decisão dele e de Rosinha Matheus, sem o apoio do partido ou de outras lideranças políticas, ou do eleitorado.

O que ficou mais evidente na matéria foi o lançamento da pré-candidatura de Geraldo Alckmin, colocado como o candidato do PSDB. Foi o ângulo que ocupou mais tempo de exibição, o repórter permitiu mais de uma vez que Alckmin se dirigisse diretamente ao telespectador através das entrevistas, e as imagens da inauguração da obra ilustraram a saída do governo de forma positiva e em um clima de celebração.

Quanto a Garotinho, a reportagem insistiu no fato da decisão de Rosinha Matheus ser arriscada, representando a governadora como a “esposa” do pré-candidato. Enquanto Garotinho, demonstrou arrogância e excesso de confiança ao inverter as posições em relação a Alckmin, e deixou claro que está disposto a arriscar ficando sem mandato caso não consiga ser indicado pelo PMDB como candidato.

- **Matéria 2: Aposta do casal Garotinho e denúncias contra Alckmin, 27/03/2006.**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

Hoje foi o penúltimo dia para a desincompatibilização de cargos públicos dos que estão interessados em disputar as eleições. No RJ, a governadora Rosinha Matheus aposta na candidatura do marido Anthony Garotinho para presidente pelo PMDB. E em São Paulo, Geraldo Alckmin deixa o governo em meio a denúncias de desvio de verbas publicitárias para possíveis aliados de campanha. Foi o que disse na sua edição de hoje o jornal Folha de São Paulo.

Repórter, em plano aberto, nos corredores do palácio do governo do RJ.

A governadora Rosinha Matheus apostou hoje todas as fichas, e resolveu ficar no governo até o fim do mandato. Com essa decisão Anthony Garotinho não poderá se candidatar para câmara ou senado. Rosinha disse estar confiante na candidatura do marido.

Rosinha Matheus em entrevista coletiva.

Eu não vejo muitas condições na ala governista do PMDB continuar apoiando o governo Lula.

Repórter sobre imagens de Garotinho (As imagens mostram Anthony Garotinho sendo cumprimentado por simpatizantes durante o evento.) A legenda diz ex-governador.

O ex-governador garante que continua lutando para ser o candidato do PMDB à presidência da República. Mas não descarta uma futura aliança com o PSDB.

Garotinho, em close, em entrevista coletiva.

Dependendo da pesquisa o Alckmin é até um bom vice pra minha campanha.

Âncora, em plano fechado, na bancada, com a marca do telejornal (O âncora solta um riso discreto de desdém após a declaração de Garotinho, e começa a ler a notícia seguinte).

O paulista Geraldo Alckmin encaminhou à assembléia legislativa a carta de renúncia do cargo de governador. MAS, os alckmistas na assembléia de São Paulo estão trabalhando duro para que nenhuma investigação atrapalhe a candidatura do tucano à presidência.

Repórter, em off com imagens de Alckmin na inauguração.

Geraldo Alckmin insiste que o parlamento paulista é independente.

Alckmin em entrevista (As imagens mostram Geraldo Alckmin na inauguração da nova calha do rio Tietê. Na legenda: candidato do PSDB à presidência); (A entrevista é cortada por imagens de cartazes “Queremos CPI nº 67: nossa caixa e agências de publicidade, autor Renato Simões PT, entre outros”).

A assembléia tem total autonomia para fazer o que deve fazer.

Repórter em off com imagens da sessão da assembléia (as imagens mostram a platéia da plenária com pessoas carregando cartazes. Cada um deles exibia o título de uma CPI contra o governo Alckmin que não foi aprovada pela assembléia. Em seguida, as imagens são da reportagem publicada no jornal Folha de São Paulo que denunciava irregularidades no repasse de verbas publicitárias no governo Alckmin).

Mas na prática a oposição tentou abrir quase 70 CPI's para investigar o governo do tucano e não conseguiu. As CPI's sobre o suposto esquema de repasse de verbas publicitárias à aliados, denunciado pelo jornal Folha de São Paulo sequer foi à plenário.

Entrevista com o presidente da assembléia, deputado Rodrigo Garcia-PFL.

Precisa se ter aprovação da maioria dos deputados da assembléia de São Paulo, que seria um número de 48 deputados. E essa maioria hoje para a instalação de CPI não tem.

Repórter em off com imagens do jornal Folha de São Paulo (as imagens exibem o título da reportagem na capa, o conteúdo das folhas internas. Em seguida aparecem imagens da fachada de uma agência do banco Nossa Caixa).

A oposição agora tenta o caminho da justiça. Pediu que o Ministério Público Estadual abra investigação sobre o caso, e vai solicitar ao supremo que determine a instalação de uma CPI na assembléia paulista.

Entrevista, em close, com o deputado Ennio Tato-PT.

Usando os mesmos argumentos que o PFL e o PSDB usaram no Supremo tribunal Federal quando da instalação da CPI dos Bingos.

Repórter em off, com imagens do deputado Afanázio Jazadi-PFL (as imagens mostram o deputado em seu gabinete, exibindo o que seriam documentos que provam a denúncia).

Um dos principais trunfos da oposição é um deputado da base alckmistas, que assume ter sido procurado para receber o benefício.

Entrevista com o deputado.

Recebi verba sim. Está aqui (ele mostra o documento). Informe ao ministério público, não tenho o que esconder. Agora só não recebi mais, de outras empresas, porque não me curvei

à chantagem política do governo do estado.

Repórter, em plano fechado.

Nesta sexta-feira, Geraldo Alckmin irá participar do ultimo ato aqui no palácio dos Bandeirantes. Ele vai transmitir o cargo de governador para o vice e ficara livre para a campanha para a presidência. Mas é certo que Alckmin terá ainda que se explicar muito sobre o caso das verbas publicitárias da Nossa Caixa. Thais Venâncio de São Paulo para o Jornal do SBT.

- **Nível textual**

- Discurso de abertura do âncora sobre o movimento de desincompatibilização no RJ e SP;

- Fragmento do discurso da governadora Rosinha Matheus;

- Informação sobre a luta de Garotinho para ser candidato do PMDB;

- Entrevista coletiva com Garotinho;

- Discurso do âncora sobre o desligamento de Geraldo Alckmin do governo de São Paulo;

- Informações sobre as denúncias contra o governo de Geraldo Alckmin;

- Imagens de pessoas carregando cartazes, exigindo uma CPI contra o governo Alckmin;

- Imagens da reportagem publicada no jornal Folha de São Paulo sobre irregularidades no governo Alckmin;

- Fragmento da entrevista do presidente da Assembléia paulista;

- Informação sobre a reação da oposição;

- Entrevista com o deputado Ennio Tato do PT;

- Entrevista com o deputado Afanázio Jazadi do PFL sobre recebimento de verba ilegal;

- Informação sobre a transmissão do cargo para o vice no dia seguinte, e as dificuldades de Geraldo Alckmin em relação ao caso das verbas publicitárias da Nossa Caixa.

- **Nível discursivo**

O âncora começa informando sobre o fim do prazo para desincompatibilização, *“Hoje foi o penúltimo dia para a desincompatibilização de cargos públicos dos que estão interessados em disputar as eleições”*. E estabelece para o telespectador os dois ângulos que serão investigado pela matéria. Primeiramente, ele revela que a governadora Rosinha Matheus “aposta” na candidatura do marido Anthony Garotinho para presidente pelo PMDB, e não

renuncia ao seu mandato. Ele ainda enfatiza que com a posição tomada pela governadora, Anthony Garotinho não poderá se candidatar para a câmara ou para o senado. “*No RJ, a governadora Rosinha Matheus aposta na candidatura do marido Anthony Garotinho para presidente pelo PMDB*”. Em seguida, passa a analisar a movimentação do ex-governador Geraldo Alckmin, *E em São Paulo, Geraldo Alckmin deixa o governo em meio a denúncias de desvio de verbas publicitárias para possíveis aliados de campanha. Foi o que disse na sua edição de hoje o jornal Folha de São Paulo*. O discurso do âncora enfatiza o aspecto “bombástico” da notícia usando um tom de voz grave, e lê a notícia de forma hesitante.

As imagens passam a protagonizar a narrativa, e mostram Rosinha Garotinho discursando no evento de posse dos novos secretários. O repórter em off, relata a decisão de Rosinha Matheus de continuar no cargo de governadora referindo sua decisão como uma aposta, “*A governadora Rosinha Matheus apostou hoje todas as fichas ,e resolveu ficar no governo até o fim do mandato*”. Ele enfatiza as conseqüências da decisão para o pré-candidato Anthony Garotinho, *Com essa decisão, Anthony Garotinho não poderá se candidatar para câmara ou senado*”. A narrativa do repórter deixa claro para o telespectador a importância da decisão da governadora para o futuro da pré-candidatura de Garotinho, e ainda afirma que “*Rosinha disse estar confiante na candidatura do marido*”.

Em seguida, a reportagem exhibe trechos da entrevista coletiva de Rosinha Matheus, “*Eu não vejo muitas condições na ala governista do PMDB continuar apoiando o governo Lula*”. O fragmento exibido deixa interdita a sua posição confiante na indicação do marido pelo PMDB para candidato a presidente da república, e revela sua discordância da posição do partido que continua apoiando o governo. O repórter retoma a narrativa para chamar a atenção do telespectador sobre a reação de Anthony Garotinho, “*O ex-governador garante que continua lutando para ser o candidato do PMDB à presidência da República. Mas não descarta uma futura aliança com o PSDB*”. A antecipação da posição de Garotinho pelo repórter revela a condição incerta da sua candidatura, e a possibilidade de uma aliança com o PSDB, o que vem ser confirmado em seguida, na entrevista do pré-candidato, “*Dependendo da pesquisa o Alckmin é até um bom vice pra minha campanha*”. Nesse momento, a matéria corta direto de Garotinho para o âncora, que deixa escapar um certo desdém através de uma risadinha discreta, dando para o telespectador a prova de seu descrédito diante da afirmação de Garotinho.

O âncora passa ao segundo ângulo tratado na reportagem, a desincompatibilização de Geraldo Alckmin e as denúncias contra ele publicadas pelo jornal Folha da São Paulo, “*O paulista Geraldo Alckmin encaminhou à assembleia legislativa a carta de renúncia do cargo*

de governador. Ele confirma a desincompatibilização de Alckmin, mas dá ênfase em seu discurso às denúncias publicadas no jornal Folha de São Paulo, “MAS, os alckmistas na assembleia de São Paulo estão trabalhando duro para que nenhuma investigação atrapalhe a candidatura do tucano à presidência. O âncora semantiza sua afirmação aumentando a entonação da voz ao pronunciar o advérbio. Ele expõe para telespectador sua posição de preocupação em relação ao fato de existirem denúncias contra Alckmin que podem abalar sua candidatura.

O repórter segue o raciocínio ditado pelo discurso do âncora e dá ênfase às denúncias, “*Geraldo Alckmin insiste que o parlamento paulista é independente*”. Nas imagens, Geraldo Alckmin aparece para confirmar a afirmação do repórter, “*A assembleia tem total autonomia para fazer o que deve fazer*”. A narrativa passa a reportar para o telespectador sobre o clima de guerra política instalado na assembleia legislativa de São Paulo após as denúncias. A imagem mostra a platéia da plenária com pessoas carregando cartazes com títulos de CPI’s contra o governo Alckmin que não foram aprovadas pela assembleia. Em seguida, as imagens exibem a reportagem publicada no jornal Folha de São Paulo que denunciava irregularidades no repasse de verbas publicitárias no governo Alckmin. A câmera passa lentamente sobre as folhas do jornal contendo as denúncias, mostrando os títulos e algumas fotos. No texto em off, o repórter passa a situar o telespectador no conteúdo das imagens, “Mas na prática a oposição tentou abrir quase 70 CPI’s para investigar o governo do tucano e não conseguiu. As CPI’s sobre o suposto esquema de repasse de verbas publicitárias à aliados, denunciado pelo jornal Folha de São Paulo sequer foi à plenário. O texto contradiz as afirmações de Geraldo Alckmin, e diz que não houve investigação. O repórter procura o motivo que impediu a instalação das CPI’s para investigar as denúncias, e revela para o telespectador, através da entrevista do presidente da Assembleia, que realmente nenhum processo de investigação foi instalado, “*Precisa se ter aprovação da maioria dos deputados da assembleia de São Paulo, que seria um número de 48 deputados. E essa maioria hoje para a instalação de CPI não tem*”. O fragmento da entrevista desacredita a afirmação de Geraldo Alckmin, e confirma a versão defendida pela matéria de que nada foi investigado, deixando o telespectador frente a tarefa de refletir se acredita ou não na honestidade do ex-governador.

O repórter continua a explorar este ângulo, mostrando ao telespectador imagens com fragmentos da matéria jornalística publicada pelo jornal Folha de São Paulo, “*A oposição agora tenta o caminho da justiça. Pediu que o Ministério Público Estadual abra investigação sobre o caso, e vai solicitar ao supremo que determine a instalação de uma CPI na assembleia paulista*”. As imagens mostram os detalhes da matéria do jornal, como títulos,

fotos e alguns nomes, que materializam o conteúdo das denúncias para o telespectador, dando crédito à reportagem. Em seguida, a afirmação do repórter é confirmada na entrevista de um dos deputados que declara, *“Usando os mesmos argumentos que o PFL e o PSDB usaram no Supremo Tribunal Federal quando da instalação da CPI dos Bingos”*. Esse fragmento de entrevista serve a reportagem como argumento de autoridade para reforçar para o telespectador que existe essa movimentação da oposição contra Alckmin na assembléia paulista revelada pelo repórter.

O repórter acrescenta novas informações sobre a movimentação da oposição contra Geraldo Alckmin, e reforça o efeito de jogo político na reportagem quando usa do termo “trunfo”, *“Um dos principais trunfos da oposição é um deputado da base alckmista, que assume ter sido procurado para receber o benefício”*. A afirmação reforça novamente para o telespectador a tese de que não houve investigação das denúncias, deixando Geraldo Alckmin em posição de desvantagem e descrédito. Ele instaura a polêmica ao exibir a entrevista do deputado do PFL, partido aliado de Geraldo Alckmin, afirmando ter sido procurado para receber a ajuda ilegal, *“Recebi verba sim. Está aqui (ele mostra o documento). Informe ao ministério público, não tenho o que esconder. Agora só não recebi mais, de outras empresas, porque não me curvei à chantagem política do governo do estado”*. Durante a entrevista, o deputado afirma que recebeu a verba ilegal do governo, e mostra documentos que comprovariam a existência de um esquema ilegal de distribuição de verbas publicitárias. Isto levanta para o telespectador a hipótese de que as denúncias contra o pré-candidato do PSDB podem ser provadas, trazendo novamente o sentimento de dúvida, suspeita, e descrédito em relação a Geraldo Alckmin.

O repórter encerra a narrativa antecipando para o telespectador o que será feito no dia seguinte pelo pré-candidato, *“Nesta sexta-feira, Geraldo Alckmin irá participar do ultimo ato aqui no palácio dos Bandeirantes. Ele vai transmitir o cargo de governador para o vice e ficara livre para a campanha para a presidência. E no final, dá a certeza de que algo ainda vai acontecer,“ Mas é certo que Alckmin terá ainda que se explicar muito sobre o caso das verbas publicitárias da Nossa Caixa. Thais Venâncio de São Paulo para o Jornal do SBT.*

- **Nível valorativo**

O telejornal apresenta várias marcas discursivas em sua construção narrativa. O uso de palavras que semantizam o discurso, o tom de voz ao iniciar a leitura de algumas frases, risos e entonações vocais mais acentuadas deixam claro para o telespectador sua predisposição julgadora diante dos pré-candidatos.

A escolha dos ângulos a serem tratados e a edição das imagens revela que a intenção comunicativa do telejornal vai além de mostrar a movimentação política dos pré-candidatos, ela procura mostrar mais e mais detalhes, articulando fatos diretamente relacionados ou não ao acontecimento e construindo novas abordagens e perspectivas para serem consideradas pelo telespectador.

No caso dessa reportagem, o telejornal noticiou a movimentação de dois pré-candidatos diante do fim do prazo de desincompatibilização. Até aí, o telejornal exerce apenas sua função informativa. Mas, ao escolher reportar a movimentação de apenas dois candidatos, o que provavelmente deve-se ao fato de os dois pré-candidatos agregarem características mais interessantes no momento em que contexto pré-eleitoral está se delineando, os coloca em evidência em detrimento dos outros possíveis candidatos. Ele polemiza sobre as condições em que ambos os pré-candidatos realizaram sua desincompatibilização.

O âncora desempenha seu papel de anunciante dos fatos. Através da postura formal e da modulação dos tons de voz, ele evoca a atenção da audiência para a próxima notícia, palavras que sugerem um duplo sentido na afirmação. O uso da palavra *aposta* para colocar a decisão de Rosinha Garotinho em permanecer no cargo chama a atenção para o risco embutido na decisão, já que apostas são sempre arriscadas. Ao revelar os detalhes da movimentação de Geraldo Alckmin, o âncora investe no sentido de espanto através do tom de voz grave, a forma pausada e reticente como ele lê a notícia cria um clima que sugere que aconteceu o que era esperado.

No caso de Anthony Garotinho, a reportagem mostra que ele e sua esposa estão juntos na luta pela indicação do partido, que a decisão da governadora do Rio em não deixar o cargo é uma aposta alta, uma jogada estratégica para indicar para os adversários que os dois estão dispostos a lutar pela candidatura de Garotinho a presidência.

O telejornal começa pela movimentação de Garotinho. O texto do repórter confirma a importância da decisão tomada pela governadora, reforçando a ideia para o telespectador de que agora Garotinho só poderá se candidatar à presidência. O fragmento da entrevista coletiva da governadora exibido na reportagem revelou a opinião da governadora em relação a posição do PMDB de continuar apoiando o governo. Diante disso, a entrevista da governadora passa ser um indício quase concreto de que existe a possibilidade de seu partido romper sua relação de apoio com o governo. E se isso não existia, passou a existir para a opinião pública e para os outros partidos.

A reportagem passa a enfatizar para o telespectador a figura do pré-candidato Anthony Garotinho exibindo imagens em que ele recebe aplausos e cumprimentos dos colegas de

partido e em que atesta seu prestígio político. E no texto, o repórter reafirma sua intenção dizendo que o ex-governador garante que continua lutando para ser o candidato do PMDB à presidência da República. As imagens junto com o texto caracterizam para a opinião pública os esforços de Anthony Garotinho nessa luta difícil, que só pode ser vencida com a ajuda do partido.

No fim da narrativa, o repórter especula sobre uma possível aliança entre PMDB e PSDB sem citar uma fonte concreta, deixando em suspenso mais uma informação de bastidores. E coloca apenas um trecho da entrevista coletiva de Anthony Garotinho falando sobre a possibilidade de ele vir a ser vice de Geraldo Alckmin. Ele responde com ironia, argumentando sobre o resultado das pesquisas e fazendo previsões a seu favor. O fragmento da entrevista confirma o posicionamento de Garotinho, mostrando que ele está confiante nas pesquisas, e que para ele sua candidatura é tão viável quanto a de Geraldo Alckmin. Garotinho aparenta a imagem confiante de candidato, e a postura desafiadora de adversário que não se deixa intimidar pela condição superior de Alckmin no jogo pré-eleitoral.

O desfecho da reportagem é um tanto hilário. O âncora se deixa levar pelas declarações de Garotinho e dá uma risadinha discreta, revelando ao telespectador seu descrédito diante das afirmações do pré-candidato. Ora, isso deixa claro para o telespectador que o narrador principal do telejornal acha que Garotinho é motivo de risos, desacreditando a afirmação do pré-candidato como se ele não fosse “páreo” para concorrer com Geraldo Alckmin, diminuindo suas forças diante do outro adversário. A quebra da postura formal indica a liberdade do âncora para se posicionar em nome do telejornal contra a atitude desafiadora de Garotinho.

No caso do pré-candidato Geraldo Alckmin, a reportagem colocou sua movimentação de desincompatibilização apenas como pano de fundo. A narrativa concentrou-se na divulgação das denúncias publicadas pelo jornal a Folha de São Paulo. As palavras do âncora indicam que a pré-campanha de Alckmin começa com problemas de denúncias de corrupção em seus governos.

O rumo dado à reportagem entra em conflito com a imagem de político sério cultivada por Geraldo Alckmin junto ao eleitorado, desde os tempos de vice de Mário Covas. A entrevista concedida pelo deputado Afanázio Jazadi-PFL coloca em cheque essa imagem perante a opinião pública, e a polêmica é finalmente instaurada quando o repórter afirma que Alckmin terá ainda que se explicar. Logo, podemos dizer que a reportagem iguala o pré-candidato aos outros políticos corruptos, e instiga a opinião pública a questionar a validade de sua imagem *incólume* frente ao governo de São Paulo.

- **Matéria 3: Desincompatibilização dos pré-candidatos do PMDB e PSDB, Band, 27/03/2006.**

Âncora, em plano aberto, com a logomarca do telejornal ao fundo.

Enquanto o presidente Lula faz uma ginástica na reforma ministerial por conta da desincompatibilização, o governador de São Paulo Geraldo Alckmin renúncia ao seu cargo para concorrer à presidência.

Repórter, em plano fechado.

O governador de São Paulo Geraldo Alckmin entregou agora à noite a carta de renúncia. Ele deixa o cargo para se lançar oficialmente candidato à presidência da república. O vice, Cláudio Lembo, assume nesta manhã o governo paulista por nove meses. Já o prefeito de São Paulo José Serra deixou para a última hora a decisão de disputar as eleições estaduais, já que termina nesta sexta-feira o prazo para que políticos que queiram se candidatar renunciem aos cargos públicos. Ticiano Vilas Boas de São Paulo para o Jornal da Noite.

- **Nível textual**

- informações sobre a reforma ministerial de Lula;
- informação sobre a desincompatibilização de Geraldo Alckmin;
- informação sobre a falta de definição de José Serra.

- **Nível discursivo**

A notícia é anunciada pelo âncora como um complemento do acontecimento principal, que foi o resultado da reforma ministerial. O âncora diz “*Enquanto o presidente Lula faz uma ginástica na reforma ministerial por conta da desincompatibilização, o governador de São Paulo Geraldo Alckmin renúncia ao seu cargo para concorrer à presidência.*” O comentário estabelece para o telespectador o ritmo de competição eleitoral entre os dois pré-candidatos.

O repórter aparece em plano fechado, sem indicar sua localização. As informações são relatadas em forma de release, “O governador de São Paulo Geraldo Alckmin entregou agora à noite a carta de renúncia. Ele deixa o cargo para se lançar oficialmente candidato à presidência da república”. E completadas a partir de detalhes sobre outros personagens envolvidos indiretamente com o acontecimento. O vice, Cláudio Lembo, assume nesta manhã o governo paulista por nove meses. Já o prefeito de São Paulo José Serra deixou para a última hora a decisão de disputar as eleições estaduais, já que termina nesta sexta-feira o prazo para que políticos que queiram se candidatar renunciem aos cargos públicos. O relato informa ao telespectador a repercussão do fim do prazo de desincompatibilização na movimentação pré-eleitoral de alguns políticos, especificamente do PSDB.

As indicações sobre a intenção comunicativa do telejornal não estão claras para serem apontadas. Porém, o intuito principal é agendar o telespectador sobre o tema diariamente, mesmo através de breves informes.

- **Nível valorativo**

O telejornal informa o telespectador sobre um dos acontecimentos da esfera política usando a estratégia discursiva do comentário vinculado à notícia.

O âncora detém o papel principal. Ele anuncia a notícia rapidamente no tom informal que caracteriza o telejornal, e diz que *enquanto* Lula lida com as tarefas do cargo de presidente, os outros adversários estão se preparando para a disputa. O comentário estabelece o caráter competitivo entre os pré-candidatos para demonstrar ao telespectador que se trata de uma corrida por posições, e que os movimentos dos pré-candidatos indicam suas posições na disputa.

O repórter enfatiza em forma de release a movimentação dos políticos tucanos, ressaltando que José Serra ainda não tomou sua decisão sobre concorrer ao governo paulista, e coloca a possibilidade de ele vir a se candidatar ao governo de São Paulo. Isso mostra a importância das decisões tomadas pelos candidatos tucanos para o contexto da disputa, dando à entender que é a partir da movimentação do PSDB que a disputa presidencial vai se delinear.

A reportagem apresenta o fato como um informe sobre a movimentação dos pré-candidatos. E estabelece o sentido de competição, enfatizando a movimentação dos envolvidos na corrida por uma posição definida e confortável dentro do cenário eleitoral, antes da campanha propriamente dita.

4.6 Microdrama 6: PMDB - Impasse sobre a candidatura própria

- **Resumo**

O microdrama traz alguns detalhes que fizeram parte do longo processo de definição do PMDB sobre qual papel o partido assumiria nas eleições de 2006. Se disputaria a presidência com um candidato próprio indicado pelo partido, ou continuaria dando apoio ao governo, fechando uma aliança com o PT em torno da reeleição do presidente Lula.

O primeiro a posicionar-se publicamente à favor da candidatura própria do partido foi o ex-governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho. Ele apresentou-se como pré-

candidato no final de 2005. A decisão de sua esposa, Rosinha Matheus de continuar no cargo de governadora do Rio até o fim do mandato selou a intenção de seu marido de concorrer à presidência da república em março de 2006.

De olho na movimentação de Garotinho em busca de apoio à sua pré-candidatura, a ala governista do partido, encabeçada pelo senador Renan Calheiros (PMDB-AL) começou a defender a idéia de que é melhor para o partido não ter candidato próprio e dessa forma ficar livre para se coligar nos Estados, onde o partido tem mais chances de eleger governadores e prefeitos. Com a queda da verticalização das eleições nos estados, a ala governista ganhou força para enfrentar a tese da candidatura própria, e manobrou suas bases em torno da antecipação da convenção do partido.

Enquanto isso, Garotinho perdia aliados depois da publicação de denúncias de irregularidades nas doações recebidas pelo seu comitê de pré-campanha em vários veículos de imprensa. Em protesto contra o que ele chamou de “perseguição midiática”, ele entrou em greve de fome para exigir da justiça direito de resposta para colocar a sua versão dos fatos sobre as denúncias publicadas contra ele. Sua manifestação repercutiu negativamente em todos os sentidos, e depois disso, ele começou a perder pontos também nas pesquisas de intenção de voto.

Os defensores da candidatura própria também não estavam satisfeitos com a possibilidade de Garotinho vir a representar o partido nas eleições presidenciais. E para surpresa de todos, o presidente do PMDB de São Paulo, Orestes Quércia, decidiu lançar o ex-presidente Itamar Franco ao Palácio do Planalto como estímulo para sua própria candidatura ao governo do Estado. A manobra sepultaria a candidatura de Anthony Garotinho à Presidência.

O PMDB realizou no dia 13 de maio de 2006 uma pré-convenção que foi decisiva para o sepultamento da candidatura de Garotinho. O partido apresentou dois pré-candidatos: o ex-presidente da República Itamar Franco e o ex-governador Anthony Garotinho, que se apresentou na convenção recuperado de uma greve de fome de 11 dias. E Itamar veio apoiado pelo maior diretório estadual do PMDB, o de São Paulo. Os mais de 500 convencionais da legenda votaram, e decidiram contra a proposta de apresentar uma candidatura própria para a eleição presidencial de outubro.

A pré-convenção de maio foi uma estratégia do grupo do PMDB que não queria que a legenda lançasse um candidato próprio para a eleição presidencial de outubro o que favorecia os grupos regionais, que ficariam livres para fazer coligações, sem os efeitos da regra da verticalização. O pré-candidato da legenda à Presidência, o ex-governador Anthony

Garotinho, recorreu à Justiça para tentar invalidar a convocação, baseando-se no que o partido havia definido anteriormente, que a convenção que definiria a candidatura própria deveria ocorrer em 10 de junho.

Nesse cenário, consolidava-se cada vez mais a possibilidade de o PMDB não ter candidato próprio ao Planalto, e ficavam mais remotas as chances de o PMDB fazer um acerto com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ou um acordo com Alckmin. Mesmo assim, Garotinho continuou afirmando sua disposição de lutar: "A convenção que vale é somente a de 10 de junho. Qualquer outra convenção, é golpe. Lutarei contra golpistas".

Entretanto, as denúncias de irregularidades nas doações feitas para sua pré-campanha, e a decisão de entrar em greve de fome contribuíram decisivamente para o resultado da pré-convenção à favor dos governistas, e inviabilizaram sua candidatura.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**
- **Matéria 1: Itamar aceita disputar a vaga para presidente, SBT, 16/04/2006.**

Âncora, na bancada do telejornal, dividindo o ângulo com uma tela exibindo fotos de Itamar e Anthony Garotinho.

O que parecia ser só um balão de ensaio virou realidade. Itamar Franco diz que aceita disputar a vaga do PMDB para as eleições presidenciais. O ex-presidente deu a notícia diretamente ao outro pré-candidato Anthony Garotinho.

Âncora em off, com imagens da visita de Garotinho à Itamar.

Garotinho foi a casa de Itamar em Juiz de Fora, na zona da mata de Minas. E ouviu do ex-presidente que, mesmo próximo dos setenta e seis anos, ainda terá pique para enfrentá-lo durante as prévias do PMDB.

Itamar Franco em entrevista coletiva.

Eu deixei meu nome à disposição do partido. O partido já tem pré-candidato, e passa nesse instante, a ter outro pré-candidato.

Âncora em off, com imagens de Anthony Garotinho com a legenda pré-candidato do PMDB à presidência.

Apesar de contrariado, Garotinho acha que a presença de Itamar na disputa interna favorece aqueles que querem o PMDB com candidato próprio.

Anthony Garotinho em entrevista coletiva.

Agora, aqueles que por qualquer motivo tivessem uma diferença comigo, não terão. O motivo de dizer que estão contra a tese da candidatura própria por minha causa vai dizer, bom..eu só contra a candidatura própria do Garotinho...mas tem a do Itamar.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora anunciando a intenção de Itamar Franco de disputar a indicação do PMDB para disputar a presidência da república;
- informações sobre a visita de Garotinho à Itamar Franco em Juiz de Fora-MG;
- entrevista com Itamar Franco;
- entrevista com Garotinho.

- **Nível discursivo**

O âncora inicia a reportagem anunciando o fato em tom de surpresa, “O que parecia ser só um balão de ensaio virou realidade. Itamar Franco diz que aceita disputar a vaga do PMDB para as eleições presidenciais”. Ele lê o conteúdo da notícia em um tom interpretativo, metaforizando sua surpresa ao descobrir que a intenção de Itamar Franco de concorrer à presidência tornou-se realidade, e afirma sua incredulidade ao confirmar que O ex-presidente deu a notícia diretamente ao outro pré-candidato Anthony Garotinho”. Ele prossegue a narrativa em um tom informal, mostrando imagens do encontro que exibem Itamar e Garotinho cercados por seus correligionários, “Garotinho foi a casa de Itamar em Juiz de Fora, na zona da mata de Minas”. E imprime à declaração de Itamar um caráter de ameaça, “E ouviu do ex-presidente que, mesmo próximo dos setenta e seis anos, ainda terá pique para enfrentá-lo durante as prévias do PMDB”. O discurso do âncora deixa claro para o telespectador ao anunciar que também é pré-candidato, Itamar Franco pode prejudicar as intenções de Garotinho, que era o único que havia pronunciado interesse em disputar a vaga de presidente pelo partido até aquele momento. E reforça o caráter ameaçador da decisão de Itamar ao enfatizar que ele deu a notícia diretamente a Garotinho, e que mesmo com a idade avançada ele se considera com condições de enfrentar o adversário.

A narrativa passa a palavra para os personagens da notícia mostrando fragmentos de suas declarações. Primeiro o ex-presidente Itamar Franco afirma que, “*Eu deixei meu nome à disposição do partido. O partido já tem pré-candidato, e passa nesse instante, a ter outro pré-candidato*”. Antes de mostrar a declaração de Garotinho, o âncora intervém para antecipar para o telespectador a reação de Garotinho, “Apesar de contrariado, *Garotinho acha que a presença de Itamar na disputa interna favorece aqueles que querem o PMDB com candidato próprio*”. E depois revela a posição de Garotinho, “*Agora, aqueles que por qualquer motivo tivessem uma diferença comigo, não terão*”. *O motivo de dizer que estão contra a tese da candidatura própria por minha causa vai dizer, bom, eu sou contra a candidatura própria do Garotinho... mas tem a do Itamar*”. A declaração de Itamar reforça sua intenção de concorrer a indicação do partido. Enquanto a de Garotinho deixa claro sua intenção de reverter a

situação inesperada a seu favor. A intervenção textual do âncora julga a reação de Garotinho antes de apresentá-la, e prepara o telespectador para identificar em sua declaração indícios de contrariedade.

A reportagem demonstra que atitude de Itamar Franco provocou surpresas em todos, até em seu adversário, o qual foi avisado praticamente diante das câmeras que teria que enfrentá-lo numa disputa. O âncora confirma para o telespectador que Garotinho ficou contrariado com a atitude de Itamar, demonstra a fragilidade da relação entre as duas lideranças políticas de um mesmo partido, e reforça a idéia de que não existiu negociação de bastidores, já que Itamar revelou sua intenção de concorrer no momento em que Garotinho teria ido publicamente pedir apoio a sua pré-candidatura.

- **Nível valorativo**

O telejornal reconstrói um fato importante dentro do contexto da pré-campanha, a decisão do ex-presidente Itamar Franco de disputar a indicação do PMDB à presidência, colocando-se a favor da candidatura própria, e como adversário Anthony Garotinho dentro do partido.

A reportagem tem como articulador principal o âncora, que indica na narrativa sua posição de surpresa e incredulidade diante do fato através de marcas textuais e vocais. Ele eleva o tom da voz para indicar que a atitude de Itamar Franco surpreendeu à todos, inclusive o pré-candidato Anthony Garotinho, seu companheiro de partido. E depois imprime um tom de ameaça à decisão do ex-presidente ao afirmar que Garotinho *ouviu* do próprio Itamar que ainda tem forças para *enfrentá-lo*. A postura assumida pelo âncora ao ler a notícia deixa subentendido que a candidatura de Garotinho continua ameaçada, e passa a ter mais um inimigo declarado além da ala governista do partido.

A forma como o ex-presidente Itamar Franco revelou sua decisão indica a migração de algumas decisões dos bastidores do partido para a arena midiática. Ao revelar sua decisão abruptamente, Itamar demonstra para a opinião pública seu antagonismo em relação à Garotinho. E deixa claro que não houve uma conversa prévia entre os dois para “combinar” o jogo. A estratégia usada por Itamar foi a de surpreender o adversário no momento em que ele se mostrava mais vulnerável, ao pedir seu apoio.

A construção narrativa reforça que não existiu uma conversa prévia entre as duas lideranças políticas, e que a movimentação estratégica de dois participantes do jogo político se deu através da realização midiática de suas posições. E não através da troca de impressões e argumentações entre antagonistas, o que caracteriza a natureza da “política”.

- **Matéria 2: Itamar anuncia que também é pré-candidato, Band, 16/04/2006**

Âncora em plano aberto, ao lado da tela exibindo a logomarca do telejornal.

Mais um obstáculo se transpõe no caminho da candidatura de Anthony Garotinho a presidente. Veja os detalhes com Fernando Mitre.

Comentarista, em plano fechado, em off sobre imagens de Anthony Garotinho.

Quem perguntar ao ex-governador Garotinho qual o seu maior argumento para conquistar a candidatura pelo PMDB, vai ouvir esta resposta: uma boa posição nas pesquisas. E nesse momento ele tem quinze pontos. Não é pouco! Mas ele precisa crescer mais se quiser fortalecer esse argumento. Inclusive, para enfrentar com eficiência os caciques e governistas do PMDB, que não querem saber de candidatura própria. Querem mesmo é ver o partido fazendo alianças à vontade nos estados, e dando apoio à candidatura de Lula. Obstáculos, portanto, não faltam no caminho de Garotinho. E agora surge outro elemento. O ex-presidente Itamar Franco, a quem Garotinho foi pedir apoio, acabou se declarando também pré-candidato. Diz que vai disputar com Garotinho na convenção. Teoricamente isso fortalece a tese da candidatura própria, como diz o comando do PMDB. Mas há quem veja, entre os que apóiam Garotinho, há quem veja outras possibilidades, como a de Itamar apenas provocar estragos nos planos de Garotinho, e com isso acabar sendo candidato a senador por Minas, ganhando novos apoios. Assim é a política, ou assim pode ser a política. Cabrinni.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora anunciando mais um obstáculo no caminho da candidatura de Garotinho;
- comentário sobre o anúncio da pré-candidatura de Itamar;

- **Nível discursivo**

O âncora começa a narrativa pronunciando seu discurso de abertura, em que ele interpreta a notícia para o telespectador num tom dramático, “*Mais um obstáculo se transpõe no caminho da candidatura de Anthony Garotinho a presidente. Veja os detalhes com Fernando Mitre*”. A postura interpretativa do âncora instiga a curiosidade do telespectador à acompanhar mais um capítulo do drama “candidatura de Garotinho”.

Em seguida, o comentarista reforça o tom teatral da reportagem revelando características literárias na construção textual do comentário, iniciando-o com a pergunta, “*Quem perguntar ao ex-governador Garotinho qual o seu maior argumento para conquistar a candidatura pelo PMDB, vai ouvir esta resposta: uma boa posição nas pesquisas*”. Ele mesmo responde à favor de Garotinho, “*E nesse momento ele tem quinze pontos. Não é pouco!*”. O comentarista enfatiza respeitosamente a posição de Garotinho nas pesquisas, indicando para o telespectador que ele tem chances, mas, “*Mas ele precisa crescer mais se*

quiser fortalecer esse argumento. Inclusive, para enfrentar com eficiência os caciques e governistas do PMDB, que não querem saber de candidatura própria". Aqui ele deixa transparecer para o telespectador sua posição favorável à Garotinho quando compara seus inimigos aos chefes de tribos, nomeando-os pejorativamente de "caciques do partido". E indica mais uma vez que a intenção dos governistas é promover uma espécie de "orgia política" dentro do partido, "*Querem mesmo é ver o partido fazendo alianças à vontade nos estados, e dando apoio à candidatura de Lula*". Até essa parte do comentário, ele ressaltou as condições positivas de Garotinho de continuar lutando contra a ala "lulista" do partido. Mas adverte para o telespectador que, *Obstáculos, portanto, não faltam no caminho de Garotinho. E agora surge outro elemento*".

Nesse momento da narrativa, o comentarista passa a informar detalhes sobre o acontecimento parecendo surpreso, "O ex-presidente Itamar Franco, aquém Garotinho foi pedir apoio, acabou se declarando também pré-candidato. Diz que vai disputar com Garotinho na convenção!". E depois levanta a hipótese à favor de Garotinho e em seguida se exime do comentário apontando seu autor, "Teoricamente isso fortalece a tese da candidatura própria, como diz o comando do PMDB. E volta, reforçando para o telespectador o perigo que a decisão de Itamar representa para Garotinho, "Mas há quem veja, entre os que apóiam Garotinho, há quem veja outras possibilidades, como a de Itamar apenas provocar estragos nos planos de Garotinho, e com isso acabar sendo candidato a senador por Minas, ganhando novos apoios. e finaliza ironizando a atitude de Itamar, "Assim é a política, ou assim pode ser a política. Cabrinni".

- **Nível valorativo**

O telejornal reconstrói o acontecimento para o telespectador através do comentário do analista político da emissora, deixando para ele o papel de "explicar" para a audiência as repercussões da decisão do ex-presidente Itamar Franco de concorrer contra Garotinho pela indicação do partido à presidência da república.

O âncora recorre a uma postura informal e dramática para anunciar a notícia, caracterizando o tom teatral do telejornal, colocando-se no papel do narrador-mor da estória, aquele que introduz um fato novo ao "drama". Seu discurso de abertura enfoca a decisão de Itamar Franco como "mais um obstáculo à candidatura de Garotinho", adiantando para a audiência o teor do comentário político que será exibido.

O comentarista começa indicando ao telespectador que Garotinho tem chances. Ele argumenta que os números provam à condição confortável de Garotinho na disputa, e usa a

carga representativa das pesquisas como referência de credibilidade para sua análise sobre andamento da disputa. Ele segue na tentativa de “emplacar” a candidatura de Garotinho para o telespectador, exaltando o caráter negativo de seus adversários chamando-os de “caciques governistas”, os quais têm como principal objetivo promover uma “orgia” de alianças partidárias nos estados, em detrimento da candidatura própria do partido.

Até aquele momento, Garotinho era o único que havia desafiado o desejo dos governistas, lançando-se pré-candidato à presidência pelo partido. Sua condição de antagonista o obrigava a pedir apoio para alguns líderes políticos do partido. E na sua lista, constava o nome de Itamar Franco como um possível aliado. A decisão de Itamar Franco de “bater chapa” também como pré-candidato à presidência pegou todos de surpresa, até Garotinho. E o telejornal, ao informar a decisão, atribuiu-lhe um caráter oportunista de um golpe inesperado.

Em se tratando de estratégias narrativas telejornalísticas, sabemos que, geralmente, o âncora e o comentarista representam o posicionamento político da emissora em relação ao fato ou notícia comentada. Logo, podemos afirmar que o conteúdo discursivo do comentário analisado revela claramente que a emissora acreditava na viabilidade da candidatura de Garotinho à presidência, e que considerou a atitude de Itamar como uma movimentação desleal contra seu adversário.

Encontramos aqui um forte indício da mutação na natureza das negociações políticas, ocasionada pela intervenção das práticas midiáticas. As movimentações políticas, que originalmente aconteciam nos bastidores dos gabinetes e dos partidos passaram a realizar seus objetivos como estratégia política dentro do ambiente midiático. Ou seja, a mídia, e em particular os telejornais, se deixa tomar pelo campo político como uma das arenas onde o jogo político também pode ser jogado.

Sendo assim, os atores envolvidos no jogo político da pré-campanha já direcionam suas estratégias levando em consideração a atitude da mídia, e muitas vezes se arriscam submetendo suas decisões à apreciação da opinião pública através dela.

- **Matéria 3: Pré-convenção do PMDB diminui as chances de Garotinho, Globo, 16/04/2006.**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

Aconteceu hoje em Brasília a pré-convenção do PMDB. E a vitória por apenas 48 votos selou a vontade da frente governista, que lutou contra a candidatura própria do partido e a favor de uma aliança com o PT.

Repórter em off, com imagens do evento, que mostravam os militantes do partido.

A segurança no congresso foi reforçada. A maioria das torcidas ficou do lado de fora.

Repórter em off, com imagens de Anthony Garotinho e Rosinha Matheus ocupando lugares na mesa.

A mesa foi ocupada por quem não queria a convenção, os defensores da candidatura própria.

Repórter em off, com imagens mostrando dos senadores Renan Calheiros e José Sarney sendo vaiados na entrada do evento.

Quem não quer ter candidato, como os senadores Renan Calheiros e José Sarney, foi vaiado por militantes do pré-candidato Anthony Garotinho.

Repórter em off, com imagens de Garotinho discursando.

No discurso Garotinho criticou o governo, a imprensa, e a ala do partido que é contra a candidatura.

Imagens do discurso de Garotinho.

Eu resisti à toda provocação e humilhação, como nós todos estamos resistindo. O partido é muito maior que tudo isso!

Repórter em off, com imagens de Itamar Franco:

O outro pré-candidato Itamar Franco também fez críticas aos adversários.

Imagens do discurso de Itamar.

O partido não é esquerdista. Nós não temos o presidente da república, mas temos senadores e governadores em todo o Brasil.

Repórter em off, com imagens de Michel Temer e José Sarney na contagem dos votos.

Os governistas do partido estavam confiantes na vitória para garantir a liberdade nas alianças regionais.

Entrevista com o Senador Ney Suassuna.

O PMDB, se não tiver candidatura própria, ele tem chance de ser o maior partido na Câmara e no senado, e no numero de governadores.

Repórter em off, com imagens dos militantes comemorando a vitória.

Na contagem dos votos venceu a tese de quem não quer que o PMDB tenha candidato à presidência da república, por uma diferença de quarenta e oito votos.

Repórter, em plano aberto, no evento.

O resultado ainda não é definitivo. É que uma liminar de um juiz de Brasília suspendeu os efeitos da convenção ate que a justiça tome uma posição definitiva. Para quem defende a candidatura própria, a convenção que vai valer é a do dia 11 de junho. Quem não quer ter candidato, diz que já valeu como expressão da vontade do PMDB. Resumo da estória, a briga interna do partido vai continuar nas áreas jurídica e política.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora anunciando o resultado da pré-convenção do PMDB à favor dos “governistas”;
- imagens da pré-convenção;
- imagens de militantes vaiando os senadores José Sarney e Renan Calheiros;
- imagens do discurso do pré-candidato Garotinho;
- imagens do discurso do pré-candidato Itamar Franco;
- entrevista com o senador Ney Suassuna;
- imagens de militantes comemorando o resultado da votação;
- informações sobre as conseqüências do resultado da pré-convenção para o impasse da candidatura própria.

- **Nível discursivo**

O âncora inicia a narrativa antecipando o resultado da pré-convenção do PMDB para o telespectador, “Aconteceu hoje em Brasília a pré-convenção do PMDB. E a vitória por apenas 48 votos selou a vontade da frente governista, que lutou contra a candidatura própria do partido e a favor de uma aliança com o PT”. O discurso de abertura do âncora enfatiza a vitória da ala governista do partido, e deixa claro que o resultado mostrou um PMDB menos dividido devido à pequena diferença de votos, e que o partido está cada vez mais próximo da idéia de compor uma aliança com o partido do presidente Lula.

O repórter passa a narrar o acontecimento revelando detalhes do evento, “*A segurança no congresso foi reforçada. A maioria das torcidas ficou do lado de fora*”. Em seguida, mostra imagens de Garotinho e Rosinha Matheus ocupando lugares na mesa oficial, “*A mesa foi ocupada por quem não queria a convenção, os defensores da candidatura própria*”. Sua frase reforça a posição antagônica do “casal Garotinho” em relação à ala governista. O repórter mostra imagens dos senadores José Sarney e Renan Calheiros sendo vaiados ao chegarem no evento, e esclarece para o telespectador os autores da manifestação ruidosa, “*Quem não quer ter candidato, como os senadores Renan Calheiros e José Sarney, foi vaiado por militantes do pré-candidato Anthony Garotinho*”. A informação demonstra para o telespectador que a pré-convenção se deu em um clima de animosidade entre as alas adversárias do partido.

A narrativa personifica a disputa através da imagem dos pré-candidatos discursando durante o evento. O repórter antecipa a essência do pronunciamento de Garotinho, “*No discurso Garotinho criticou o governo, a imprensa, e a ala do partido que é contra a candidatura*”, e em seguida mostra um pequeno fragmento do discurso, “*Eu resisti à toda*

provocação e humilhação, como nós todos estamos resistindo. O partido é muito maior que tudo isso!". Depois faz considerações sobre o discurso de Itamar enfatizando sua condição de pré-candidato, "O outro pré-candidato Itamar Franco também fez críticas aos adversários", e mostra parte de seu pronunciamento, "*O partido não é esquerdista. Nos não temos o presidente da república, mas temos senadores e governadores em todo o Brasil*".

O repórter decide enfatizar para o telespectador a condição dos governistas, informando sobre suas expectativas positivas, "Os governistas do partido estavam confiantes na vitória para garantir a liberdade nas alianças regionais". A entrevista com o senador Ney Suassuna reitera a intenção de derrubar a tese da candidatura própria, "*O PMDB, se não tiver candidatura própria ele tem chance de ser o maior partido na Câmara e no senado, e no numero de governadores*". E por fim, o repórter revela ao telespectador que a vitória foi da ala governista, "Na contagem dos votos venceu a tese de quem não quer que o PMDB tenha candidato à presidência da república, por uma diferença de quarenta e oito votos", enfatizando que ela se deu por uma pequena diferença de votos, deixando subentendido que o partido está mais unido em torno do desejo de aliança com o PT.

Mas, é no final da narrativa que o repórter revela a intervenção de um terceiro personagem que ameaça a condição vitoriosa dos governistas, "O resultado ainda não é definitivo. É que uma liminar de um juiz de Brasília suspendeu os efeitos da convenção ate que a justiça tome uma posição definitiva", e coloca as conseqüências dessa intervenção no drama, "*Para quem defende a candidatura própria, a convenção que vai valer é a do dia 11 de junho. Quem não quer ter candidato, diz que já valeu como expressão da vontade do PMDB*". E finalmente conclui que, "*Resumo da estória, a briga interna do partido vai continuar nas áreas jurídica e política*", deixando o telespectador sem saber o porquê da realização de uma convenção sem valor legal, e prevendo que a briga ainda não terminou.

- **Nível valorativo**

A reportagem reproduz os detalhes da realização da pré-convenção do PMDB através das imagens do evento, focalizando a narrativa na vitória da ala governista, que defendia a aliança com PT, sobre a pré-candidatura de Garotinho.

A emissora inicia a reportagem posicionando-se cuidadosamente através do discurso de abertura do âncora, que enfatiza a vitória dos governistas por uma diferença pequena, deixando subentendido que o partido continua dividido.

O repórter é o principal articulador da narrativa. Ele tenta reproduzir o clima de disputa entre os adversários colocando imagens da entrada da convenção, revelando que a

segurança foi reforçada por conta da possibilidade de conflito entre os militantes. Em seguida, ele destaca a atitude enérgica de Garotinho diante de seus adversários, quando resolve ocupar seu lugar na mesa do evento antes de ser convidado oficialmente pelo presidente do partido. E por fim, ele mostra imagens do comportamento nada amistoso dos defensores da candidatura de Garotinho, que vaiaram duas lideranças expressivas dentro do partido, os senadores José Sarney e Renan Calheiros, que representavam à ala governista.

Em seguida, a batalha entre os adversários é reproduzida através da apresentação de fragmentos dos discursos de Garotinho e Itamar. É no seu texto em off que o repórter deixa escapar a intenção de favorecer a vitória dos governistas, ao enfatizar que eles já esperavam pela vitória na convenção.

A conclusão do repórter deixa para segundo plano a informação de que a pré-convenção não tem valor jurídico por causa de uma liminar jurídica. E mesmo diante dessa negativa, ele reforça a posição favorável alcançada pelos governistas com a vitória na convenção, dizendo que o resultado expressa a vontade da maioria do partido.

Diante desses indícios, pode-se concluir que o telejornal tentou manter oculta sua intenção de favorecer a perspectiva da vitória dos governistas, ponderando igualmente dentro da narrativa sobre a condição dos dois adversários. Porém, ao analisarmos a estrutura da narrativa cuidadosamente, percebemos que a perspectiva do telespectador é sutilmente prejudicada pelas conotações de desrespeito e enfrentamento atribuídas às atitudes de Garotinho e de seus defensores pelo repórter através do seu texto em off.

4.7 Microdrama 7: PMDB - O “caso” Garotinho

- **Resumo**

Como se fosse um reality show, a greve de fome de Garotinho foi acompanhada por fotógrafos e cinegrafistas através de uma porta de vidro. A greve, iniciada às 17h15 de do dia 30 de abril, foi uma resposta às denúncias de que as empresas que doaram R\$ 650 mil à pré-campanha são de fachada, e que outras são ONGs contratadas sem licitação pela Fesp (Fundação Escola de Serviço Público) foram beneficiadas com repasses do governo.

Garotinho se manteve numa sala de 15 metros quadrados na sede regional do partido, no centro do Rio. Dispondo de um pequeno banheiro com chuveiro e de um frigobar, onde há apenas água. A entrada no escritório de pessoas com alimentos foi proibida. No entanto, o controle da entrada não era rígido.

No espetáculo que se tornou a greve, o momento de maior dramaticidade foi o dia que Rosinha chegou acompanhada de seis dos nove filhos do casal. Deitado com a luz apagada, Garotinho não se levantou para recebê-los. Em vez disso, todos se ajoelharam ao lado do sofá e rezaram. A filha Clara, 11, chorou muito. Depois, levantaram-se e abraçaram Garotinho. Ficaram na sala por cerca de 30 minutos.

As condições de Garotinho para abandonar a greve eram o acompanhamento do processo de eleição por organismos internacionais, ele afirmou ter enviado a solicitação à OEA (Organização dos Estados Americanos), e que os veículos de comunicação, especialmente a revista "Veja" e o jornal "O Globo", cedam a ele o mesmo espaço das denúncias.

No Fantástico do dia 31 de abril, Pedro Bial foi o porta-voz das Organizações Globo em resposta às acusações feitas por Anthony Garotinho. De acordo com o pré-candidato do PMDB à presidência da república, ele está sendo alvo de perseguição política por parte da grande imprensa, principalmente Globo e revista Veja. Diante disso, decretou greve de fome. Entre os conceitos utilizados por Bial em defesa da Globo estavam imparcialidade, seriedade e liberdade de imprensa. Ele afirmou que Garotinho sempre teve espaço para se defender das acusações.

Vários segmentos também se manifestaram contra a greve de Garotinho através de vários veículos de imprensa. Até um grupo formado em sua maioria por evangélicos atuou para encerrar a greve de fome de Garotinho.

Os políticos foram os críticos mais veementes da atitude de Garotinho. O deputado Carlos Willian (PMDB-MG), que liderava o movimento pró-Garotinho, dissera que debilitado, Garotinho levará tempo para se recuperar e retomar a campanha ao Planalto, o que beneficiaria seus adversários. O presidente nacional do PMDB, deputado federal Michel Temer (SP), pediu ao ex-governador Anthony Garotinho que suspendesse a greve de fome "o mais rápido possível", a tempo de ele se restabelecer para a convenção do partido. Já o presidente do PSDB, senador Tasso Jereissati (CE), culpou Lula pela greve de fome de Garotinho. Segundo Tasso, Lula "usa a máquina do poder para interferir no PMDB" por meio da "oferta de cargos, vantagens e benesses".

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva ironizou a greve de fome anunciada pelo ex-governador Anthony Garotinho (PMDB), "Se entrasse em greve de fome cada vez que a imprensa falasse mal de mim, eu seria natimorto. As pessoas precisam aprender a conviver democraticamente", afirmou Lula para o jornal A Folha. Lula disse que, às vezes, fica "chateado" e reclama de notícias divulgadas. Mas que entendia que, quanto mais livre a

imprensa for, mais forte será a democracia. Ricardo Berzoini, presidente do PT cobrou explicações de Garotinho para as denúncias.

O líder do PSDB no Senado, Arthur Virgílio (AM), disse estar preocupado com a saúde de Garotinho. Virgílio condenou as declarações do presidente Lula sobre o assunto. Segundo ele, o petista "debochou" de uma situação séria. O líder do PDT no Senado, Jefferson Peres (AM), pré-candidato do partido à Presidência da República, afirmou ter recebido "com espanto" a notícia de greve de fome de Garotinho. E disse que se expôs ao ridículo. O presidente nacional do PPS, deputado Roberto Freire (PE), pré-candidato da legenda ao Planalto, ressaltou que a greve de fome "normalmente é um gesto de contundência muito grande", mas que no caso de Garotinho não tinha razão de ser.

Questionado sobre sua opinião, o pré-candidato Geraldo Alckmin, julgou a atitude de Garotinho inconseqüente, e incompatível com a maturidade da democracia brasileira que não precisa ser vigiada por órgãos estrangeiros.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**
- **Matéria 1: Denúncias contra Garotinho publicadas no jornal A Folha de SP, Globo, 25/04/2006.**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

A candidatura de Anthony Garotinho à presidência da república mais uma vez está por um fio. Denúncias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo, de que o comitê de Garotinho recebeu doações de empresas fantasmas para a sua campanha balançam as estruturas da ala do partido que ainda luta pela candidatura própria do ex-governador. Veja os detalhes na reportagem.

Repórter em off, com imagens do endereço da empresa.

No Rio, quatro empresas que fizeram doações para o PMDB serão investigadas pelo Ministério Público Federal.

Repórter em off, com imagens de arquivo de Garotinho em campanha.

As doações num total de 650 mil reais, financiaram a pré-candidatura de Anthony Garotinho. Uma delas, a Virtual Line, declarou a Receita Federal que funciona no município de Rio Bonito, à setenta quilômetros da capital do estado. Mas o endereço do principal sócio é no centro do Rio.

Repórter em off, com imagens videográficas exibindo a matéria do jornal.

A reportagem publicada no jornal A Folha de São Paulo revelou que um dos fundadores da Virtual Line é um assaltante que cumpre pena em um presídio do Rio.

Repórter em off, com imagens de arquivo de Anthony Garotinho em campanha.

Em Santos, Anthony Garotinho disse que a doação da Virtual Line foi feita quando o

preso já tinha deixado a sociedade.

Repórter em off, com imagens videográficas exibindo o website do candidato.

O site do pré-candidato informa que os cinquenta mil reais da Virtual Line foram doados em fevereiro.

Repórter em off, com imagens videográficas exibindo partes da nota.

Mas o diretor da empresa disse em nota oficial que a doação foi feita em março.

Entrevistado Anthony Garotinho, em plano fechado, cercado de microfones.

Eu acho que tudo que vier para esclarecer a verdade é muito bom. Quem não deve não teme.

Repórter em off, com imagens videográficas exibindo partes da nota oficial.

A noite o pré-candidato anunciou que os seiscentos e cinquenta mil reais foram devolvidos.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora com informações sobre as denúncias contra o pré-candidato Garotinho publicadas pelo jornal a Folha de São Paulo.

- informações sobre a denúncia do recebimento de doações pelo comitê de pré-campanha de Garotinho que poderiam ser provenientes de empresas ilegais;

- informações sobre a reação de Garotinho;

- imagens dos documentos que podem provar as denúncias;

- entrevista com Garotinho;

- informação sobre a decisão de Garotinho de devolver as doações.

- **Nível discursivo**

O âncora adianta o acontecimento para o telespectador num tom enfático, “A candidatura de Anthony Garotinho à presidência da república mais uma vez está por um fio”, e revela depois do suspense, “Denúncias publicadas pelo jornal Folha de São Paulo, de que o comitê de Garotinho recebeu doações de empresas fantasmas para a sua campanha balançam as estruturas da ala do partido que ainda luta pela candidatura própria do ex-governador. Veja os detalhes na reportagem”. O âncora usa marcas textuais e vocais na narrativa para criar um clima de suspense que pudesse ambientar as revelações “bombásticas” contra Garotinho. E é bem claro ao enfatizar para o telespectador que as denúncias já prejudicaram a imagem do candidato perante o partido.

O repórter passa a narrar os detalhes sobre as denúncias em frente ao Ministério Público do Rio de Janeiro, “*No Rio, quatro empresas que fizeram doações para o PMDB serão investigadas pelo Ministério Público Federal*”. Em seguida, imagens de arquivo mostram Garotinho fazendo campanha, ilustrando o texto em off do repórter, “*As doações num total de 650 mil reais, financiaram a pré-candidatura de Anthony Garotinho. Uma delas, a Virtual Line, declarou a Receita Federal que funciona no município de Rio Bonito, à setenta quilômetros da capital do estado. Mas o endereço do principal sócio é no centro do Rio*”. Ele mostra imagens com fragmentos da matéria publicada no jornal Folha de São Paulo que incriminam Garotinho, “*A reportagem publicada no jornal A Folha de São Paulo revelou que um dos fundadores da Virtual Line é um assaltante que cumpre pena em um presídio do Rio*”. Com isso, ele cria o efeito de veracidade, confirmando a existência da matéria, e reforça para o telespectador que as denúncias podem ser verdadeiras, baseando seu julgamento no conteúdo publicado pelo jornal.

Em seguida, o repórter anuncia a reação de Garotinho, “*Em Santos, Anthony Garotinho disse que a doação da Virtual Line foi feita quando o preso já tinha deixado a sociedade*”. Ele volta a argumentar contra Garotinho, revelando mais detalhes, dessa vez sobre as informações divulgadas no site do candidato, “*O site do pré-candidato informa que os cinquenta mil reais da Virtual Line foram doados em fevereiro*”. Durante toda a narrativa, o repórter coloca em xeque o conteúdo das denúncias e as informações, e mostra imagens da nota divulgada pelo dono da empresa envolvida, contestando Garotinho, “*Mas o diretor da empresa disse em nota oficial que a doação foi feita em março*”. Ele é chamado novamente à narrativa, “*Eu acho que tudo que vier para esclarecer a verdade é muito bom. Quem não deve não teme*”. No fragmento da declaração, Garotinho diz que não teme, mas na imagem ele mostrou-se tenso e contrariado. O repórter finaliza a narrativa com a notícia de última hora, “*A noite o pré-candidato anunciou que os seiscentos e cinquenta mil reais foram devolvidos*”.

A construção narrativa evidencia de várias formas o conteúdo das denúncias contra Garotinho, alimentando o drama a cada quadro, com novos detalhes e ângulos não explorados na reportagem publicada pela Folha de São Paulo. O repórter acompanha o desenrolar do acontecimento durante todo o dia, desde a publicação da notícia pela manhã até à reação de Garotinho à noite, reconstruindo o percurso do drama para o telespectador. Ele deixa bem claro que as denúncias parecem ser verdadeiras, já que foram encontradas contradições na defesa do pré-candidato. E vale à pena ressaltar que o personagem principal já esteve envolvidos em outras denúncias durante a sua vida política.

- **Nível valorativo**

A reportagem faz as denúncias ecoarem por toda a esfera pública e política. Aqui começou o processo de desconstrução da candidatura de Garotinho. As reportagens publicadas em vários veículos de circulação nacional desmotivaram os simpatizantes da “candidatura própria”, e criaram condições para que a oposição questionasse a força de sua pré-candidatura demonstrada nas pesquisas. Com isso, Garotinho

O discurso de abertura do âncora coloca a condição frágil e incerta da candidatura de Garotinho. As expressões coloquiais traduzem para o telespectador a natureza dramática do acontecimento familiarizando os cotidianos de dois domínios de atividades diferentes. As marcas textuais usadas na construção narrativa (“por um fio” e “balançar as estruturas”) representam metaforicamente as conseqüências das denúncias publicadas na candidatura de Garotinho.

O repórter é o encarregado de construir a narrativa, unindo os discursos de duas fontes de informação distintas. Ele se apropria das informações publicadas no jornal e as reproduz em seu texto. Em seguida, completa o sentido mostrando imagens com fragmentos da matéria, recortadas do jornal Folha de São Paulo. Percebemos apenas o interesse do jornalista em construir para o telespectador uma narrativa sucinta, baseada no discurso de outra mídia, e complementada com as imagens do acontecimento que atestaram sua veracidade.

Seguindo o processo informativo natural, o telejornal amplifica em milhões de vezes o alcance do dispositivo jornal, e informa a toda a sociedade que o pré-candidato Garotinho está envolvido com denúncias de recebimento de doações de empresas irregulares. O telejornal reconstrói o acontecimento usando os diferenciais de sua técnica produtiva, e mostra para o telespectador a notícia publicada através das imagens do jornal impresso, o que comprovou a existência das denúncias. As imagens das entrevistas são usadas como elemento de personificação do acusado para o telespectador, que ouve do “próprio” a sua posição diante do fato.

- **Matéria 2: Garotinho ganha direito de resposta, Band, 03/05/2006**

O presidente Lula mandou o ministro Tarso Genro oferecer ao PMDB a vice-presidência na chapa dele para a disputa presidencial. O PMDB não respondeu por enquanto. Mas Anthony Garotinho, que é pré-candidato do partido reagiu e pegou pesado. Será aí o efeito de quatro dias sem comer?

Repórter, em off, com imagens de Garotinho bebendo água.

Garotinho tem bebido três litros de água por dia. E já emagreceu quase dois quilos e meio. O médico dele recomenda reidratação, e teme pela saúde do ex-governador do Rio.

Entrevista com o médico de Garotinho.

Nós temos que fazer ele se alimentar. Ou senão, nós temos que sentar e conversar, a família toda, para tomar uma posição mais dramática.

Repórter em off, com imagens de Garotinho lendo a carta.

Abatido, Garotinho leu mais uma carta, e informou que já pediu direito de resposta a jornais e a uma emissora de tv. Sobre a possibilidade do PMDB ser vice na chapa de Lula...

Garotinho, em entrevista coletiva.

Só se tiver algum ladrão disposto a acompanhar Lula dentro do PMDB.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora com informações sobre a reação de Garotinho em relação à atitude de Lula, que ofereceu a vaga de vice na sua chapa para o PMDB;
- informações sobre a greve de fome de Garotinho;
- imagens de Garotinho lendo a carta
- informações sobre o pedido de direito de resposta de Garotinho para a justiça, contra a Revista Veja e o Jornal O Globo;
- informações sobre a reação de Garotinho à proposta de Lula;
- entrevista com Garotinho.

- **Nível discursivo**

O âncora abre a reportagem informando para o telespectador sobre a proposta de Lula para o PT, “O presidente Lula mandou o ministro Tarso Genro oferecer ao PMDB a vice-presidência na chapa dele para a disputa presidencial. e afirma que, “O PMDB não respondeu por enquanto”. Em seguida relata a reação de Garotinho em tom de provocação, “Mas Anthony Garotinho, que é pré-candidato do partido reagiu e pegou pesado”. No final, ele debocha da situação, “Será aí o efeito de quatro dias sem comer?”. O âncora revela a movimentação política do PT em direção ao PMDB, e deixa claro para o telespectador que não simpatiza com o comportamento de Garotinho ao debochar da sua “greve de fome”.

O repórter passa a dar informações sobre o estado de saúde de Garotinho, “Garotinho tem bebido três litros de água por dia. E já emagreceu quase dois quilos e meio. O médico dele recomenda reidratação, e teme pela saúde do ex-governador do Rio”. O médico de Garotinho confirma as informações e revela em um tom dramático, “Nós temos que fazer ele

se alimentar. Ou senão, nós temos que sentar e conversar, a família toda, para tomar uma posição mais dramática”. O repórter completa a narrativa em off reforçando mais uma vez a condição frágil da saúde do pré-candidato, e mostra imagens da leitura da carta onde ele pede à justiça direito de resposta, “Abatido, Garotinho leu mais uma carta, e informou que já pediu direito de resposta a jornais e a uma emissora de tv. No final, ele levanta a polêmica, “Sobre a possibilidade do PMDB ser vice na chapa de Lula...”, e deixa que o próprio Garotinho responda para o telespectador, Só se tiver algum ladrão disposto a acompanhar Lula dentro do PMDB.

A reportagem coloca para o telespectador a movimentação de bastidores do PT em direção ao PMDB. O âncora afirma que Lula mandou Tarso Genro oferecer a vaga de vice em sua chapa, indicando para o telespectador a possibilidade de uma aliança entre os partidos. Ele conclui que a atitude de Lula põe em risco a pré-candidatura de Garotinho e classifica a reação dele como forte, exagerada, imprecisa. E ainda debocha claramente da manifestação de protesto contra os veículos da imprensa protagonizada pelo pré-candidato, questionando seu juízo perfeito após quatro dias de greve de fome.

- **Nível valorativo**

A reportagem reproduz para o telespectador mais um movimento dos atores políticos envolvidos no jogo da pré-campanha. O presidente Lula resolve partir em busca de uma aliança com o PMDB, e oferece a vaga de vice-presidente na sua chapa. Lula escolheu um momento interessante para assediar o partido, primeiro porque o mesmo estava dividido entre lançar candidatura própria à presidência ou ter liberdade para fazer alianças com outros partidos nos estados. Enquanto a data da convenção ainda estava longe, e a justiça ainda decidia sobre o processo de verticalização, o partido resolveu não tomar nenhuma atitude que pudesse comprometê-lo de fato com esta ou aquela candidatura. E segundo porque a pré-candidatura de Garotinho enfrentava seu pior período, pois o apoio do partido havia se tornado mais escasso ainda em virtude das denúncias publicadas na imprensa, além da falta de simpatia da opinião pública pela “greve de fome” que Garotinho começou como protesto contra a “perseguição da mídia”.

O âncora demonstra o posicionamento antagônico da emissora em relação à Garotinho já no discurso de abertura. Depois de revelar para o público a decisão de bastidores do PT captaneada por Lula, ele classifica a reação de Garotinho como um “golpe baixo”, e desdenha livremente da sua manifestação pública de protesto contra imprensa brasileira. A fala do âncora retrata Garotinho como o personagem “bufão” da estória, como um político

decadance, que é capaz de apelar para a opinião pública vitimizandose através de uma greve de fome.

A reportagem mostra que mesmo fragilizado fisicamente, Garotinho continuava enfrentando seus adversários de igual para igual. Ele ignora a posição de Lula como presidente do Brasil, e o chama de ladrão ao declarar sua opinião sobre a possibilidade de concorrer como vice de Lula nas eleições.

Com isso, o telejornal indica seu posicionamento contrário às manifestações de Garotinho através do discurso do âncora, que classifica sua reação de “pesada”, além de permitir que o apresentador se posicione claramente contra o protesto de Garotinho ao duvidar do seu juízo perfeito, deixando subentendido que ele pode ter sido afetado pela inanição que já durava quatro dias. E na reportagem a emissora enfatiza a condição frágil do pré-candidato, tanto física quanto politicamente, e que mesmo assim, não baixa a guarda diante de seus adversários, demonstrando arrogância e grosseria ao xingar o presidente de *ladrão*.

- **Matéria 3: Fim da greve de Garotinho, SBT, 10/05/2006.**

Âncora, em plano aberto, na bancada, dividindo o ângulo com uma tela exibindo a logomarca do telejornal.

A revista Veja e o jornal O Globo ainda não informaram se irão recorrer à decisão judicial que garantiu direito de resposta ao pré-candidato do PMDB a presidência, Anthony Garotinho. O ex-governador do Rio suspendeu hoje a greve de fome depois de onze dias sem comer.

Repórter em off, com imagens de Garotinho em entrevista coletiva (nas imagens ele parece bem disposto, dando explicações para os repórteres).

Quase quatro quilos mais magro, o ex-governador anunciou a suspensão da greve de fome no início da tarde. Foram onze dias se alimentando de soro caseiro. Anthony Garotinho disse estar satisfeito com as duas liminares concedidas pela justiça, que deram a ele o direito de resposta no jornal O Globo e na revista Veja. Os dois veículos de comunicação publicaram a denúncia de que o pré-candidato do PMDB à presidência recebeu doações de empresas de fachada, e que essas empresas, ligadas ao estado, estariam canalizando recursos para a sua pré-campanha.

Repórter em off, com imagens de arquivo de Garotinho em entrevista coletiva.

Uma outra denúncia é de que ele usou um jatinho que pertenceria a João Archanjo, traficante em Mato Grosso. O ex-governador nega as acusações.

Repórter, em plano aberto, em frente ao hospital.

Anthony Garotinho continua internado neste hospital da zona norte do Rio de Janeiro. De acordo com os médicos, ele deve ter alta amanhã de manhã. Mas vai continuar ingerindo líquidos até o organismo se acostumar. O ex-governador garante que participa da convenção do PMDB em Brasília no próximo dia 11 de junho.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora com as repercussões da decisão judicial à favor de Garotinho e a suspensão da greve de fome;
- informações sobre a suspensão da greve de fome;
- imagens da entrevista coletiva de Garotinho;
- imagens de arquivo de Garotinho em campanha;
- informações sobre outra denúncia contra Garotinho;
- informações sobre o estado de saúde de Garotinho;
- informações sobre a participação de Garotinho na convenção do PMDB.

- **Nível discursivo**

O âncora aparece na tela, amparado pela logomarca do telejornal ao fundo, e antecipa a articulação dos ângulos da reportagem no seu discurso de abertura, “*A revista Veja e o jornal O Globo ainda não informaram se irão recorrer à decisão judicial que garantiu direito de resposta ao pré-candidato do PMDB a presidência, Anthony Garotinho. O ex-governador do Rio suspendeu hoje a greve de fome depois e onze dias sem comer*”. Sua postura formal imprime o tom de seriedade à notícia, e a modulação da sua voz ao ler a notícia enfatiza a suspensão da greve de fome de Garotinho.

O repórter adentra a narrativa com imagens de Garotinho bem disposto diante das câmeras e dos repórteres na entrevista coletiva. Em off, ele informa ao telespectador detalhes da condição de saúde de Garotinho após a greve, “*Quase quatro quilos mais magro, o ex-governador anunciou a suspensão da greve de fome no início da tarde. Foram onze dias se alimentando de soro caseiro*”. Em seguida, revela o motivo da suspensão, “*Anthony Garotinho disse estar satisfeito com as duas liminares concedidas pela justiça, que deram a ele o direito de resposta no jornal O Globo e na revista Veja*”, e relembra o telespectador do envolvimento dos dois veículos no episódio, “*Os dois veículos de comunicação publicaram a denúncia de que o pré-candidato do PMDB à presidência recebeu doações de empresas de fachada, e que essas empresas, ligadas ao estado, estariam canalizando recursos para a sua pré-campanha*”. Até o momento, a narrativa enfatizou para o telespectador a condição frágil de Garotinho após a greve, e colocou a manifestação como vitoriosa do ponto de vista legal, já que a justiça concedeu o direito de resposta ao pré-candidato contra dois grandes veículos de comunicação.

Para usar um desfecho polêmico, o repórter apresenta outra denúncia contra Garotinho, *“Uma outra denúncia é de que ele usou um jatinho que pertenceria a João Arcanjo, traficante em Mato Grosso”*. É importante ressaltar que ele se não refere à fonte da informação. E coloca reação do pré-candidato apenas para efeito de constação, sem mostrar imagens ou entrevistas, *“O ex-governador nega as acusações”*.

O desfecho da reportagem deixa claro para o telespectador que além das denúncias já divulgadas, existem outras suspeitas que pesam sobre a pré-candidatura de Garotinho. E que ele continua se apoiando na teoria do “inocente até que se prove o contrário, ou se esqueça o comentário”.

O repórter se transporta para o local onde Garotinho internou-se depois do anúncio do fim da greve para dar detalhes da recuperação do pré-candidato, *“Anthony Garotinho continua internado neste hospital da zona norte do Rio de Janeiro. De acordo com os médicos, ele deve ter alta amanhã de manhã. Mas vai continuar ingerindo líquidos até o organismo se acostumar*. No final, ele confirma para o telespectador a intenção de Garotinho de continuar lutando pela sua candidatura, *“O ex-governador garante que participa da convenção do PMDB em Brasília no próximo dia 11 de junho”*.

A reportagem informa para o telespectador sobre a suspensão da greve de fome do pré-candidato Garotinho, enfatizando sua condição frágil de saúde ocasionada por onze dias sem comer. Mas não dá destaque a um detalhe importante, que a manifestação saiu vitoriosa, já que a justiça concedeu o parecer favorável ao pré-candidato, e contra a revista Veja e jornal O Globo, acusados de calúnia e difamação. E reafirma as suspeitas sobre Garotinho divulgando mais uma denúncia contra o pré-candidato sem citar a origem da denúncia.

- **Nível valorativo**

O telejornal classificou a notícia como um caso já encerrado. O âncora não questiona a decisão da justiça em favor do pré-candidato, e a reportagem reforça apenas as suspeitas contra ele, revelando que ainda existem outras denúncias que ainda não foram divulgadas.

A construção narrativa indica a intenção de reforçar a imagem contraditória e polêmica do político Garotinho, que mesmo saindo vitorioso da queixa contra a mídia, ainda tem que se explicar sobre as denúncias publicadas contra ele. Ou seja, mesmo a justiça concedendo o direito de resposta, e atestando que Garotinho foi caluniado pelos veículos de comunicação, ele ainda é colocado no lugar de “acusado” de aceitar ajuda de empresas e indivíduos de reputação duvidosa para a sua pré-campanha.

Logo, podemos perceber que a intenção da reportagem é colocar Garotinho como o vilão do episódio. Mesmo sendo protagonista de uma manifestação de protesto sacrificante e saindo vitorioso de uma ação judicial contra dois veículos de imprensa importantes, o telejornal ainda prefere enfatizar sua condição de acusado, revelando que ele pode estar envolvido com traficantes do Mato Grosso. E ainda não se dá ao trabalho de dar credibilidade à informação, pois o repórter não cita a origem da denúncia.

4.8 Microdrama 8: PSDB - A disputa entre os pré-candidatos Serra e Alckmin

- **Resumo**

O ponto alto da disputa entre os pré-candidatos do PSDB noticiado pela imprensa se deu na solenidade de homenagem do partido ao ex-governador Mario Covas. O senador e presidente do PSDB, Tasso Jereissati, evitou a homenagem. Sua ausência poderia ser explicada pelas críticas de partidários do governador e do prefeito à condução do processo de escolha do candidato tucano à Presidência.

O debate interno do PSDB se polarizou entre um candidato assumido (o governador) e outro não (o prefeito). O chamado "triumvirato" tucano (além de Tasso, o governador mineiro Aécio Neves e o ex-presidente Fernando Henrique) ainda não havia conseguido chegar a um acordo entre Alckmin e Serra.

O prefeito se mostrou mais competitivo nas pesquisas de opinião pública do que Alckmin, que não se demoveu da intenção de sair candidato e tem insistido em colocar seu nome "à disposição do partido". Pelo lado de Serra, partidários do prefeito afirmam que ele não sai candidato sem uma "aclamação" do PSDB.

Nessa novela tucana, a homenagem a Covas foi ocasião para novos encontros entre as principais lideranças do partido. Ambos se encontraram hoje à noite na homenagem a Covas na Sala São Paulo, que foi dominada por manifestações a favor de um ou outro pela indicação do candidato do partido à Presidência

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**

- **Matéria 1: Semana de definição do candidato do PSDB, Globo, 06/03/2006**

Âncora, na bancada, em plano fechado.

Agora vamos a política! Essa semana será decisiva para o principal partido de oposição, o PSDB. Quem vai ser o candidato tucano a presidência da República?

Repórter em off, com imagens mostrando o evento.

A homenagem era para o governador Mário Covas.

Repórter em off, com imagens de FHC.

Mas todo mundo estava de olho nesses dois.

Repórter em off, com imagens de Alckmin e Serra.

O governador paulista Geraldo Alckmin e o prefeito Jose Serra entram na semana decisiva para o PSDB.

Repórter em off com imagens do evento.

O presidente nacional do partido Tasso Jereissati, que não compareceu à cerimônia, disse na tarde dessa segunda-feira que até Domingo, dia 12, o PSDB define o candidato a presidência.

Repórter em off, com imagens de Alckmin e Serra apertando as mãos, durante o evento.

E que a decisão será resultado de um entendimento entre Alckmin e Serra.

Repórter, em plano aberto, no evento.

No discursos, fica evidente a preocupação, tanto do ex-presidente Fernando Henrique, quanto do governador Geraldo Alckmin e do prefeito José Serra, de tentar disfarçar a tensão que está cada vez maior nos bastidores do PSDB. Todos fizeram questão de dizer que o partido... está unido!

Imagens do discurso de FHC.

Eu quero lhes assegurar, reparem que eu estou usando uma palavra forte, assegurar, que o PSDB vai sair unido, na lealdade, na coragem, com entusiasmo, construindo uma saída para o Brasil.

Repórter em off, com imagens dos discursos de Alckmin e Serra.

Entre os dois pré-candidatos, as palavras pareciam ensaiadas.

Imagens do discurso de José Serra.

Muitos hoje, se dedicam ao que eu chamaria aqui de ataques especulativos contra a unidade do PSDB, e a sua clareza de propósitos. São ataques especulativos, às vezes de dentro, e no mais das vezes de fora. Mas eu lhes digo, errarão todos aqueles que apostarem no desentendimento, no confronto.

Imagens de Geraldo Alckmin em close, em entrevista coletiva.

Quem apostar na divisão do PSDB vai errar!

É muito bom para um partido ter bons quadros, bons nomes, preparados, capacitados. Se eu for o escolhido. Estou extremamente animado para trabalhar pelo nosso país. Se for escolhido o companheiro José Serra, terá meu integral apoio.

Repórter em off, com imagens de FHC saindo sorrateiramente do evento.

Unidade defendida, cada um saiu do seu jeito. O ex-presidente pelos fundos.

Repórter em off, com imagens de Serra saindo apressadamente. <i>O prefeito calado!</i>
Repórter em off, com imagens de Alckmin na saída do evento. <i>E o governador falando sem parar!</i>
Imagens de Alckmin. <i>Muito bom! Parabéns ! Foi emocionante! Obrigado !</i>

- **Nível textual**

discurso de abertura do âncora informando que essa semana será decisiva para o PSDB;

imagens do evento de homenagem ao ex-governador Mário Covas;

informações sobre o comportamento dos pré-candidatos Geraldo Alckmin e José Serra;

informações sobre a posição do presidente do PSDB, Tasso Jereissati;

imagens do discurso do ex-presidente Fernando Henrique;

imagens do discurso de José Serra;

entrevista com Geraldo Alckmin;

imagens da saída de FHC, José Serra e Geraldo Alckmin no final do evento.

- **Nível discursivo**

O âncora retorna a narrativa, e indica para o telespectador a mudança de tema, “*Agora vamos a política! Essa semana será decisiva para o principal partido de oposição, o PSDB*”. Ele polemiza sobre a escolha do candidato do PSDB, fazendo a pergunta que todos querem saber a resposta, “*Quem vai ser o candidato tucano a presidência da República?*”.

O repórter passa a narrar o acontecimento em off, com imagens do evento, “*A homenagem era para o governador Mário Covas. Mas todo mundo estava de olho nesses dois*”. As imagens mostram o prefeito José Serra e o governador Geraldo Alckmin assistindo ao evento na platéia, “*O governador paulista Geraldo Alckmin e o prefeito José Serra entram na semana decisiva para o PSDB*”. Em seguida, ele desenvolve a narrativa demonstrando para o telespectador o posicionamento político de cada uma das lideranças do partido envolvidas na decisão, e começa revelando a opinião do presidente do PSDB, “*O presidente nacional do partido Tasso Jereissati, que não compareceu à cerimônia, disse na tarde dessa*

segunda-feira que até domingo, dia 12, o PSDB define o candidato a presidência. Nesse momento, são mostradas imagens dos pré-candidatos apertando as mãos, “*E que a decisão será resultado de um entendimento entre Alckmin e Serra*”. As imagens simbolizaram a disputa amistosa entre os dois adversários dentro do partido.

O repórter personifica-se na narrativa para chamar a atenção do telespetador para os discursos que colocam o posicionamento das lideranças frente a questão colocada no início da reportagem, “*No discursos, fica evidente a preocupação, tanto do ex-presidente Fernando Henrique, quanto do governador Geraldo Alckmin e do prefeito José Serra, de tentar disfarçar a tensão que está cada vez maior nos bastidores do PSDB. Todos fizeram questão de dizer que o partido... está unido!*”. Ele enfatiza em sua construção textual a situação tensa dentro do partido, e conclui a partir do conteúdo dos discursos que a intenção das lideranças envolvidas é demonstrar que o partido está unido apesar de estar diante de uma escolha difícil.

O fragmento do discurso de FHC reforça as afirmações do repórter, “*Eu quero lhes assegurar, reparem que eu estou usando uma palavra forte, assegurar, que o PSDB vai sair unido, na lealdade, na coragem, com entusiasmo, construindo uma saída para o Brasil*”. O repórter semantiza para o telespetador as declarações dos pré-candidatos, “*Entre os dois pré-candidatos, as palavras pareciam ensaiadas*”. e reafirma sua conclusão mostrando um fragmento do discurso de José Serra, “*Muitos hoje, se dedicam ao que eu chamaria aqui de ataques especulativos contra a unidade do PSDB, e a sua clareza de propósitos. São ataques especulativos, às vezes de dentro, e no mais das vezes de fora. Mas eu lhes digo, errarão todos aqueles que apostarem no desentendimento, no confronto*”. Em seguida, o outro pré-candidato Geraldo Alckmin coloca sua posição através da edição de partes da entrevista concedida na saída do evento, “*Quem apostar na divisão do PSDB vai errar!(...) É muito bom para um partido ter bons quadros, bons nomes, preparados, capacitados. Se eu for o escolhido. Estou extremamente animado para trabalhar pelo nosso país. Se for escolhido o companheiro José Serra, terá meu integral apoio*”.

O repórter retorna a narrativa para dar o desfecho do acontecimento. Ele reinterpreta para o telespetador a reação de cada um dos personagens ao sair do evento, e monta uma pequena encenação, “*Unidade defendida, cada um saiu do seu jeito. O ex-presidente pelos fundos*”, e mostra as imagens do ex-presidente saindo sorrateiramente antes do final do evento, “*O prefeito calado!*”, e mostra imagens do prefeito José Serra saindo apressadamente, deixando os repórteres para trás. E por fim, “*o governador falando sem parar!*”, e mostra imagens de Geraldo Alckmin saindo do evento e cumprimentando a todos no caminho, “*Muito bom! Parabéns! Foi emocionante! Obrigado*”.

- **Nível valorativo**

A construção do acontecimento se desenvolve a partir das imagens do evento que reuniu alguns dos líderes do PSDB. A narrativa articula as informações (imagens, discursos, entrevistas) com a interpretação dos fatos pelo repórter, que resemantiza as declarações dos personagens principais, apontando para o telespectador as mensagens interditas.

Os fragmentos dos discursos das lideranças do PSDB ao serem exibidos em sequência, constroem a intenção da mensagem política do partido para a esfera pública, repassando a idéia de que esse período de tensão é necessário e passageiro, e que nada vai abalar a unidade do maior partido de oposição nessas eleições.

A edição da entrevista coletiva de Geraldo Alckmin revela a intenção do telejornal de privilegiar o pré-candidato. Ela potencializa seu poder de discurso ao colocá-lo em contato direto com o telespectador, sem a interferência de nenhum dos produtores, onde ele expõe sua imagem, faz sua propaganda sem interferências. O que se caracteriza estruturalmente como uma mensagem publicitária, onde o Alckmin é o próprio garoto-propaganda. Isso faz com que Geraldo Alckmin “exista” melhor para a esfera pública do que José Serra.

- **Matéria 2: Semana de definição do candidato do PSDB, SBT, 06/03/2006**

Âncora, na bancada, dividindo o ângulo com tela ao fundo exibindo a logomarca do telejornal.

A tal da verticalização é boa para o PSDB, que vai se coligar com o PFL de norte a sul. O problema dos tucanos é que eles não se decidem pelo candidato. (risos). Em Brasília, a repórter Alessandra de Castro acompanha o presidente do PSDB.

A tela se divide em duas janelas virtuais, onde o âncora passa a interagir ao vivo com a repórter.

Alessandra, o senador Tasso Jereissati não deveria estar hoje em São Paulo para definir qual tucano voará rumo a presidência? Boa noite?

Reporter, em plano fechado, dentro da janela virtual.

Muito boa noite Nascimento! Era o que se esperava. Mas Tasso Jereissati mudou de idéia, passou o dia trabalhando no Congresso. Agora está jantando com amigos no apartamento dele.

Âncora, em plano fechado, dentro da janela virtual, interagindo com a repórter ao vivo.

Bom! Mas afinal Alessandra, dá pra imaginar quando é que os tucanos vão ter este candidato misterioso?

Repórter, interagindo com o âncora ao vivo.

Dá sim Nascimento! O martelo deve ser batido só na semana que vem. Foi o que disse mais cedo o presidente do PSDB. E Tasso Jereissati jogou para Geraldo Alckmin e José Serra a responsabilidade de anunciar quem será o candidato tucano a presidência. Agora como será feito esse acordo é que não se sabe. Alessandra de Castro, de Brasília para o jornal

do SBT.

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

Obrigado Alessandra. Os dois candidatos tucanos participaram de uma homenagem ao ex-governador paulista Mário Covas agora a pouco em São Paulo. A repórter Thais Venâncio acompanhou o encontro, e vai agora falar conosco.

Âncora, em plano fechado, dentro da janela virtual, interagindo com a repórter ao vivo.

E aí Thais? O PSDB está mais pra José Serra ou para Geraldo Alckmin?

Repórter, na janela virtual, interagindo com o âncora.

É, o jogo continua empatado. Os dois fizeram longos discursos em homenagem ao ex-governador Mário Covas.

Repórter em off, com imagens do discurso de José Serra no evento.

Aqui nesse anfiteatro, na região central de São Paulo. Sobre a possível candidatura, o prefeito José Serra só disse que o PSDB vai marchar unido contra o presidente Lula.

Repórter em off, com imagens do discurso de Alckmin no evento.

Já o governador Geraldo Alckmin confirmou que ele e Serra vão decidir em conversas até o próximo dia 15, quem será o candidato.

Repórter em plano aberto, em frente ao local do evento.

Agora, explícito mesmo foi o ex-presidente Fernando Henrique. Ele garantiu aos presentes que o futuro presidente do Brasil esteve, esta noite, nessa sala! Thais Venâncio para o Jornal do SBT.

Âncora, na bancada do telejornal.

Sabido ele hein!? Obrigado Thais! Boa Noite.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora sobre as vantagens da verticalização das eleições para o PSDB;

- informações sobre a posição do presidente do partido, Tasso Jereissati;

- informações sobre a data em que o PSDB anunciará a escolha do candidato;

- informações sobre a participação dos pré-candidatos do PSDB na homenagem ao ex-governador Mário Covas;

- imagens do discurso de José Serra;

- imagens do discurso de Geraldo Alckmin;

- informações sobre as declarações de FHC durante o evento.

- **Nível discursivo**

O âncora muda de câmera para anunciar a mudança de abordagem, e começa a relatar sobre o dilema do PSDB, “A tal da verticalização é boa para o PSDB, que vai se coligar com

o PFL de norte a sul. O problema dos tucanos é que eles não se decidem pelo candidato, (risos). Em Brasília, a repórter Alessandra de Castro acompanha o presidente do PSDB”. Nesse momento, a tela se divide em duas janelas virtuais, posicionadas lado a lado, onde âncora e repórter passam a interagir ao vivo. O âncora situa a narrativa para o telespectador, e passa a interagir com a repórter, “Alessandra, o senador Tasso Jereissati não deveria estar hoje em São Paulo para definir qual tucano voará rumo a presidência ? Boa noite ?”. Em um tom de descontração, o âncora ironiza a situação do PSDB antes de pedir explicações para a repórter.

A repórter responde à dúvida do âncora passando novas informações sobre a movimentação dos líderes do PSDB, Muito boa noite Nascimento! Era o que se esperava. Mas Tasso Jereissati mudou de idéia, passou o dia trabalhando no Congresso. Agora está jantando com amigos no apartamento dele”. O âncora continua a insistir sobre a polêmica, fazendo o suspense “Bom! Mas afinal Alessandra, dá pra imaginar quando é que os tucanos vão ter este candidato misterioso?”, e a repórter responde num tom de triunfo, Dá sim Nascimento! O martelo deve ser batido só na semana que vem. Foi o que disse mais cedo o presidente do PSDB. E conclui para o telespectador que, “Tasso Jereissati jogou para Geraldo Alckmin e José Serra a responsabilidade de anunciar quem será o candidato tucano a presidência. Agora como será feito esse acordo é que não se saber. Alessandra de Castro, de Brasília para o jornal do SBT”. A apresentação se encerra, as janelas virtuais se fecham, e a câmera volta a focalizar o âncora.

O âncora retorna ao seu lugar de narrador principal para realimentar a polêmica sobre a escolha do candidato do PSDB, *Os dois candidatos tucanos participaram de uma homenagem ao ex-governador paulista Mário Covas agora a pouco em São Paulo*”. E repassa o controle da narrativa para outro repórter, *A repórter Thais Venâncio acompanhou o encontro, e vai agora falar conosco*”. Nesse momento, o âncora recorre novamente ao recurso narrativo da janela virtual dupla, e interage com a repórter, *E ai Thais? O PSDB está mais pra José Serra ou para Geraldo Alckmin?*. Ele estabelece o efeito de disputa usando um tom descontraído, e a repórter responde reforçando o efeito de jogo, “É, o jogo continua empatado.”

As imagens são exibidas para atestar o acontecimento. Mas é a repórter que constroi a relação com o contexto real através da narração em off, *Os dois fizeram longos discursos em homenagem ao ex-governador Mário Covas aqui nesse anfiteatro, na região central de São Paulo*. A resposta vem na forma de outra questão, “*Sobre a possível candidatura, o prefeito José Serra só disse que o PSDB vai marchar unido contra o presidente Lula*”. As imagens

são do prefeito tucano José Serra, discursando no evento. Em seguida, a narrativa mostra imagens do discurso de Alckmin, “*Já o governador Geraldo Alckmin confirmou que ele e Serra vão decidir em conversas até o próximo dia 15, quem será o candidato*”. A repórter completa revelando para o telespectador as declarações dos principais envolvidos, que se colocaram diante da situação através de seus discursos. E finaliza revelando a posição de outra liderança política em tom polêmico “*Agora, explícito mesmo foi o ex-presidente Fernando Henrique. Ele garantiu aos presentes que o futuro presidente do Brasil esteve, esta noite, nessa sala! Thaís Venâncio para o Jornal do SBT*”.

O âncora finaliza em um tom de humor, “Sabido ele hein!? Obrigado Thaís! Boa Noite”.

- **Nível valorativo**

A reportagem polemiza em torno da indecisão do PSDB. O evento se tratava de uma homenagem ao ex-governador de São Paulo Mário Covas, onde compareceram todas as lideranças do partido. E partir daí, o acontecimento político é reconstruído para o telespectador.

O âncora articula a narrativa, e interage com dois contextos diferentes através do uso de um recurso narrativo virtual que reproduz a imagem dos dois atores discursivos separados geograficamente. O telespectador vê os dois atores discursivos ao mesmo tempo, interagindo em tempo real, como uma conversa virtual.

Em suas intervenções, ele se mostra disposto a levantar a polêmica. Ele dá o tom descontraído à narrativa ao metaforizar a condição de indecisão do partido, perguntado *que tucano voará para o planalto ?* E cobra uma resposta do presidente do partido.

A primeira repórter ficou encarregada de “acompanhar” os movimentos do presidente do partido, Tasso Jereissati, que é quem supostamente teria a resposta para a polêmica. Ela cria o clima de expectativa respondendo, “que o martelo vai ser batido em breve”. Mas no final, sugere ao telespectador que quem vai tomar a decisão mesmo são os pré-candidatos, que vão ter que entrar em acordo. E termina sua intervenção na narrativa lançando no ar outra questão: como dois os adversários chegaram a um acordo ? Quem vai ceder ?

A narrativa se desenvolve na perspectiva do repórter que acompanhou o evento. Ele passa a reconstituí-lo a partir das imagens, e baseia suas impressões na reação dos personagens mais importantes. Primeiro ele interpreta o discurso de José Serra, que reafirma a união do partido contra o governo Lula, indicando que ele está disposto a fazer um acordo para não fomentar uma divisão no partido. Em seguida, mostra imagens de Alckmin discursando, que confirmou que a decisão será tomada por ele e de Serra até o dia 15.

Para retomar o tom descontraído da reportagem, o repórter enfatiza a declaração do ex-presidente Fernando Henrique que esteve no evento e garantiu que “o futuro presidente do Brasil esteve hoje naquela sala”. Com isso, ele abre espaço para a intervenção opinativa do âncora, que completa o sentido da informação afirmando “Sabido ele hein”. Esse desfecho demonstra a liberdade narrativa concedida pela emissora aos atores discursivos, os quais construíram uma espécie de encenação para imprimir um significado implícito de forma criativa e bem humorada, e arrancar sensações outras do público.

O telejornal reconstrói o acontecimento colocando a movimentação de duas vertentes políticas que podem revelar a resposta para a sua pergunta. A polêmica sobre a escolha do candidato do PSDB já estava em um estado avançado. Logo, fazer a cobertura do evento de homenagem ao ex-governador Mário Covas poderia trazer algumas impressões sobre o assunto. A falta do presidente do partido ao evento contrariou a expectativa do produtor notícia, o que o obrigou a buscar a informação em outro lugar e a articular a reportagem entre dois locais diferentes.

Isso indica o interesse da emissora em encontrar uma resposta ao drama, e de enriquecer a construção narrativa com o uso de estratégias narrativas que permitissem o acompanhamento de todas as frentes do fato. A janela dupla, que cria um efeito de interatividade conversacional entre dois atores discursivos, coloca o telespectador em dois locais diferentes ao mesmo tempo, demonstrando a capacidade do telejornal de estar em várias realidades ao mesmo tempo, e reforçando a idéia de credibilidade para o telespectador.

A reconstrução do acontecimento pelo telejornal tem a intenção de alimentar a polêmica em relação ao fato, enfatizando a imagem de um partido dividido, que tem que tomar a decisão de escolher entre Alckmin e Serra o mais breve possível. A narrativa deu a entender que o presidente do partido “lavou as mãos”, e por isso não compareceu ao evento tucano. Logo, podemos dizer que a emissora usa de seu papel de reprodutor da notícia construindo uma reportagem-mensagem para cobrar uma decisão do partido.

- **Matéria 3: Semana de definição do candidato do PSDB, Band, 08/03/2006.**

Âncora, em plano aberto, dividindo o ângulo com tela atrás, exibindo a logomarca do telejornal.

Mergulhada na agonia da escolha entre o prefeito José Serra e o governador Geraldo Alckmin como candidato do PSDB à presidência da República, a cúpula tucana garante que a decisão não passa do fim de semana. Especula-se até sobre uma chapa em que Serra concorra ao governo paulista e Alckmin ao Planalto.

Repórter, em off, sobre imagens alternadas de José Serra e Geraldo Alckmin:

As vésperas do PSDB escolher o futuro candidato presidência, os dois pré-candidatos optaram pela rotina dos cargos.

Repórter, em off, com imagens de Alckmin.
Geraldo Alckmin passou o dia despachando no Palácio dos Bandeirantes.

Repórter, em off, com imagens de Jose Serra.
José Serra lançou um projeto na periferia de São Paulo.

Repórter, em plano aberto, nas ruas de São Paulo.
A cúpula do partido decidiu. Tasso Jereissati, Aécio Neves e Fernando Henrique Cardoso vão passar o fim de semana aqui em São Paulo, reunidos com Serra e Alckmin até encontrar uma solução. O presidente do PSDB, Tasso Jereissati já avisou! Os encontros serão secretos para evitar o assédio da imprensa. Dentro do PSDB, alguns cogitam a alternativa de uma chapa com Alckmin para a presidência, e Serra para o governo de São Paulo.

Repórter em off, com imagens de Tasso Jereissati em entrevista.
Ontem, em Brasília, Tasso Jereissati falou sobre o assunto pela primeira vez.

Entrevista de Tasso Jereissati.
Eu nunca tinha conversado com o prefeito Serra sobre esse assunto, e acho difícil se operacionalizar isso. Acho até muito bom para o partido. Acho que o prefeito Serra é imbatível para o governo de São Paulo, é um candidato fortíssimo, mas isso nunca foi cogitado.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora sobre a possibilidade de uma chapa onde Serra concorreria ao governo de São Paulo e Geraldo Alckmin à presidência;
- informações sobre o dia dos pré-candidatos;
- informações sobre o encontro dos líderes do PSDB em São Paulo para decidir sobre o nome do candidato à presidência, e a possibilidade da candidatura de Serra ao governo.
- entrevista com o presidente do partido, Tasso Jereissati.

- **Nível discursivo**

O âncora aparece de pé, ao lado da tela mostrando a logomarca do telejornal e, em seguida, as figuras de Serra e Alckmin. Ele aumenta o tom da voz para ler a notícia, “Mergulhada na agonia da escolha entre o prefeito José Serra e o governador Geraldo Alckmin como candidato do PSDB à presidência da República, a cúpula tucana garante que a decisão não passa do fim de semana. Especula-se até sobre uma chapa em que Serra concorra ao governo paulista e Alckmin ao Planalto”. O discurso de abertura coloca para o telespectador o drama do PSDB entre os dois nomes, e levanta uma hipótese sugerindo que a solução é lançar os dois para cargos diferentes.

O repórter inicia sua participação na narrativa colocando para o telespectador a movimentação dos dois personagens, “*As vésperas do PSDB escolher o futuro candidato à presidência, os dois pré-candidatos optaram pela rotina dos cargos*”. As imagens mostram momentos do dia de cada um deles, e o texto em off dá os detalhes, *Geraldo Alckmin passou o dia despachando no Palácio dos Bandeirantes. José Serra lançou um projeto na periferia de São Paulo*”.

O repórter se personifica na narrativa para revelar ao telespectador novos fatos, “A cúpula do partido decidiu. Tasso Jereissati, Aécio Neves e Fernando Henrique Cardoso vão passar o fim de semana aqui em São Paulo, reunidos com Serra e Alckmin até encontrar uma solução. Ele aumenta o tom de voz para criar o clima de ameaça, “O presidente do PSDB, Tasso Jereissati já avisou! Os encontros serão secretos para evitar o assédio da imprensa. Dentro do PSDB, alguns cogitam a alternativa de uma chapa com Alckmin para a presidência, e Serra para o governo de São Paulo”. E chama o presidente Tasso Jereissati para dar seu testemunho a favor da construção narrativa, Ontem, em Brasília, Tasso Jereissati falou sobre o assunto pela primeira vez.

O fragmento da entrevista reforça a construção narrativa, “Eu nunca tinha conversado com o prefeito Serra sobre esse assunto, e acho difícil se operacionalizar isso. Acho até muito bom para o partido. Acho que o prefeito Serra é imbatível para o governo de São Paulo, é um candidato fortíssimo, mas isso nunca foi cogitado”. O presidente do partido revela ao telespectador que foi pego de surpresa pela especulação do repórter, e indica que essa não era a solução pensada, mas que poderia ser uma solução.

- **Nível valorativo**

A intenção da matéria é revelar ao telespectador mais um fato importante no processo de escolha do seu candidato do PSDB à presidência. A possibilidade do partido lançar José Serra ao governo de São Paulo, o que deixaria o caminho livre para Geraldo Alckmin.

O âncora inicia a matéria com o discurso dramático sobre a situação do PSDB, e cria o clima da narrativa. Ao revelar a hipótese levantada pela matéria, ele indica através da modulação vocal que se trata de uma informação importante, inesperada, e de bastidores.

O repórter está na narrativa para testemunhar a movimentação dos dois personagens, e buscar novas informações sobre o drama. Ele mostra os dois pré-candidatos seguindo sua rotina na eminência da decisão. A reação mais importante foi a do presidente do partido, Tasso Jereissati, que indicou para o repórter que os próximos passos da negociação seriam

dados no fim de semana em São Paulo, e sinalizou para a imprensa que a “cúpula tucana” não quer ser assediada durante o processo.

A entrevista de Tasso Jereissati vem para aumentar o clima de expectativa em relação a decisão do partido, e revelar que a especulação feita pelo telejornal ainda era uma informação não processada por todas as esferas do partido, e que portanto tratava-se de uma informação de bastidores.

4.9 Microdrama 9: PSDB – Definição de alianças

- **Resumo**

O governador Geraldo Alckmin (SP) foi até o Rio de Janeiro para sinalizar mais uma vez seu interesse em compor uma aliança com o PFL para as próximas eleições. Ele afirmou que o prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, é "extremamente qualificado" para concorrer ao governo de seu Estado e que é melhor ter "candidatos fortes" nos Estados para sua candidatura. E depois seguiu para se encontrar com o prefeito do Rio para discutir a aliança entre o PFL e o PSDB nas eleições federais.

Na ocasião, o prefeito Cezar Maia ainda era o virtual candidato do PFL à Presidência da República, mas pediu alguns dias para pensar se abre mão da disputa em nome de uma composição com o PSDB. Ele já havia declarado que abriria mão do cargo se o candidato tucano fosse o prefeito José Serra (SP). Mas o PSDB indicou Alckmin para encabeçar a chapa tucana na disputa pelo Palácio do Planalto.

Um possível final para a negociação entre pefelistas e tucanos seria a candidatura de Maia ao governo estadual do Rio. Sendo assim, Geraldo Alckmin agendou uma visita ao prefeito, ainda cumprindo compromissos como governador, para estreitar as relações com o prefeito Cezar Maia.

A visita foi importante para a negociação porque Cezar Maia revelou para o pré-candidato que já havia decidido não disputar a presidência, e que, se dependesse dele a aliança estava selada.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**
- **Matéria 1: Indecisão do PFL em compor aliança com o PSDB, Band, 05/04/2006.**

Os líderes do PFL disseram hoje que a coligação com o PSDB pode não sair do papel.

Repórter, em off, com imagens de Geraldo Alckmin saindo do evento.

O candidato à presidência pelo PSDB, Geraldo Alckmin esteve no Rio hoje.

Repórter, em plano fechado.

Alckmin participou de um debate sobre política externa organizado pelo PFL, que deve indicar o vice na chapa do ex-governador de São Paulo. Mas integrantes do próprio PFL disseram que o partido ainda não definiu a participação na coligação.

Repórter, em plano fechado.

O senador Jose Agripino Maia do PFL do RN, um dos cotados para vice na chapa afirmou que o partido poderá eleger mais deputados nos estados e na Câmara se o PFL não estiver coligado. Segundo ele, os pefelistas teriam condições de dar mais apoio num eventual governo Alckmin.

Repórter, em off, com imagens do prefeito do Rio, Cezar Maia.

O prefeito do Rio, Cezar Maia, uma das lideranças nacionais do partido foi na mesma linha. Ele considerou a hipótese de apenas apoiar Alckmin, o que daria liberdade para o PFL fazer alianças nos estados.

Repórter, em off, com imagens de Geraldo Alckmin.

Já o candidato Geraldo Alckmin se mostrou tranqüilo em relação à aliança com o PFL. E disse que a escolha do vice não demora.

Imagens de Geraldo Alckmin em entrevista coletiva na saída do evento no RJ.

Até agora, nos somos os únicos que temos uma aliança já entabulada. O vice em uma questão de dias estará resolvido.

- **Nível textual**

- abertura do âncora indicando a ameaça sobre a aliança entre os partidos;
- informações sobre a movimentação do pré-candidato Geraldo Alckmin no RJ;
- informações sobre a opinião do possível vice de Alckmin;
- informações sobre a opinião do prefeito do Rio de Janeiro, Cezar Maia;
- informações sobre a reação de Geraldo Alckmin;
- entrevista com Geraldo Alckmin.

- **Nível discursivo**

O âncora aparece de pé, e move-se lentamente em direção a câmera para evocar a atenção do telespectador para o tema, “*Os líderes do PFL disseram hoje que a coligação com o PSDB pode não sair do papel*”.

O repórter inicia a narrativa revelando para o telespectador os últimos passos do pré-candidato Geraldo Alckmin em busca da aliança com o PFL, *“O candidato à presidência pelo PSDB, Geraldo Alckmin esteve no Rio hoje”*. As imagens ilustram a o texto em off, criando o efeito testemunhal para dar crédito às afirmações seguintes, *“Alckmin participou de um debate sobre política externa organizado pelo PFL, que deve indicar o vice na chapa do ex-governador de São Paulo. Mas integrantes do próprio PFL disseram que o partido ainda não definiu a participação na coligação”*.

Feita a suposição, o repórter vai atrás da reação dos outros envolvidos no drama para montar o acontecimento para o telespectador. Primeiro ele coloca a opinião do possível vice de Alckmin, *“O senador José Agripino Maia do PFL do RN, um dos cotados para vice na chapa afirmou que o partido poderá eleger mais deputados nos estados e na Câmara se o PFL não estiver coligado. Segundo ele, os pefelistas teriam condições de dar mais apoio num eventual governo Alckmin”*. Em seguida, ele procura uma das principais lideranças do PFL para se posicionar diante do fato, *“O prefeito do Rio, Cezar Maia, uma das lideranças nacionais do partido foi na mesma linha. Ele considerou a hipótese de apenas apoiar Alckmin, o que daria liberdade para o PFL fazer alianças nos estados”*. Ele reforça para o telespectador a idéia de que o PFL possa desistir na última hora de selar sua aliança com o PSDB por conta da dificuldade de construir alianças nos estados.

Por fim, o repórter fecha o campo discursivo relatando sobre a posição do principal interessado na aliança, *“Já o candidato Geraldo Alckmin se mostrou tranqüilo em relação à aliança com o PFL. E disse que a escolha do vice não demora”*. E disponibiliza a narrativa para que o próprio coloque a sua impressão, *“Até agora, nos somos os únicos que temos uma aliança já entabulada. O vice em uma questão de dias estará resolvido”*.

A narrativa enfatiza para o telespectador o assédio estratégico do pré-candidato Geraldo Alckmin em torno das lideranças do PFL em busca da confirmação da aliança. E mostra, inclusive, que para ele a aliança já existe, faltando apenas a confirmação com a indicação do vice na chapa, que deve ser feita pelo PFL.

- **Nível valorativo**

A reportagem reconstrói para o telespectador o clima de expectativa vivido entre PSDB e PFL, no momento de fecharem a aliança para as próximas eleições. O fato que desencadeia a cobertura é a especulação sobre a possibilidade do PFL não aceitar a aliança.

O repórter passa relatar sobre a movimentação dos envolvidos no drama, colocando para o telespectador a posição estratégica do PFL em relação aos dois caminhos que se

colocaram para o partido. Os depoimentos das lideranças consultadas indicaram sua preferência por uma aliança informal entre PFL e PSDB, o que deixaria o partido livre para se coligar com outros partidos nos estados. Mas a declaração de Geraldo Alckmin exibida como o desfecho da reportagem reforçou a idéia de confiança dos tucanos na aliança.

O telejornal teve como intenção comunicativa levantar as reais possibilidades de aliança entre os partidos. A escolha da emissora foi reforçar a idéia de que as possibilidades existiam, mas que ainda faltavam detalhes importantes, como a escolha do nome que ocuparia a vaga de vice-presidente na chapa. O desfecho da reportagem indicou que a emissora dava mais credibilidade à posição do PSDB e à confirmação da aliança pelo pré-candidato Geraldo Alckmin.

• **Matéria 2: Confirmação da aliança entre PSDB e PFL, Globo, 05/04/2006**

Âncora em plano, fechado, na bancada do telejornal.

Falta apenas formalizar a aliança entre o PSDB e o PFL para disputar a presidência da República. Com o governador paulista Geraldo Alckmin candidato ao planalto e o senador José Agripino Maia, do Rio Grande do Norte, como vice.

Repórter, em off, com imagens da visita de Geraldo Alckmin ao RJ.

Geraldo Alckmin chegou a um congresso de prefeitos no Guarujá para cumprir compromissos ainda como governador do estado. Mas, foi recebido no evento como candidato já em campanha a presidência da República. Autoridades, políticos e jornalistas queriam se aproximar dele. Houve tumulto!

Imagens da entrada de Geraldo Alckmin no evento, mostrando o tumulto formado por eleitores, que tentavam chegar perto, com a voz de um dos simpatizantes reclamando da segurança.

Calma..calma! (...) ai governador! Tão agredindo a gente aqui! Tão me chutando tão me chutando!

Repórter, em off, com imagens de Geraldo Alckmin percorrendo os corredores de uma feira livre, acompanhado do prefeito do Rio de Janeiro, Cezar Maia.

Mais cedo, no Rio de Janeiro, o governador de São Paulo visitou junto com Cezar Maia, a feira de São Cristóvão. Reduto nordestino na cidade.

Repórter, em off, com imagens de Geraldo Alckmin usando o chapéu de cangaceiro que recebeu de presente de um líder político.

Geraldo Alckmin aceitou souvenirs dos feirantes.

Repórter, em off, com imagens de Geraldo Alckmin almoçando com o prefeito Cezar Maia.

Mas presente mesmo foi a confirmação da aliança entre PSDB e PFL.

Repórter, em off, com imagens Cezar Maia abraçando Geraldo Alckmin na despedida da visita.

O prefeito Cezar Maia não só desistiu de ser pré-candidato peefelista à presidência, como já começou a apoiar a candidatura de Geraldo Alckmin.

Cezar Maia, em entrevista coletiva.

O PFL do Rio de Janeiro é um “soldado” da campanha do governador Alckmin. Duvido que alguma sessão estadual do Brasil vá se empenhar tanto na campanha do Governador como nós vamos nos empenhar, eu pessoalmente.

Imagens do discurso de Geraldo Alckmin com a legenda nomeando como “governador de SP”.

Hoje nós já demos um passo importante. Agora vamos trabalhar para ampliar essas alianças. Ampliar... Eu acho que elas são importantes, não só pra ganhar a eleição, mas pra governar.

Repórter, em plano aberto, das ruas de Santos –SP.

O governador se referia ao desejo de fazer alianças com outros partidos. A idéia é formar uma grande frente de oposição ao governo. E fortalecer a candidatura liderada pelo PSDB.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora sobre as negociações entre PSDB e PFL;
- informações sobre a visita de Geraldo Alckmin ao Rio de Janeiro;
- imagens da chegada de Geraldo Alckmin ao evento;
- informações sobre a visita de Alckmin a feira de São Cristóvão;
- imagens da visita de Alckmin a feira de São Cristóvão;
- entrevista com prefeito Cezar Maia;
- imagens do discurso de Alckmin.

- **Nível discursivo**

O âncora abre a narrativa confirmando a aliança entre os partidos, “Falta apenas formalizar a aliança entre o PSDB e o PFL para disputar a presidência da República. Com o governador paulista Geraldo Alckmin candidato ao planalto e o senador José Agripino Maia, do Rio Grande do Norte, como vice”. Ele usa um tom comemorativo para revelar a notícia, passando para o telespectador a idéia de expectativa correspondida.

O repórter passa a contar o acontecimento com a ajuda das imagens, e repassa para o telespectador o clima de campanha eleitoral com o qual o pré-candidato foi recebido, “*Geraldo Alckmin chegou a um congresso de prefeitos no Guarujá para cumprir compromissos ainda como governador do estado. Mas, foi recebido no evento como candidato já em campanha a presidência da República. Autoridades, políticos e jornalistas queriam se aproximar dele. Houve tumulto!*”. As cenas mostram Alckmin chegando no

evento ao lado de seus correligionários, e sendo cercado pela imprensa e pelos eleitores. Ao fundo, vozes confusas reclamavam do comportamento dos seguranças, reforçando a idéia de confusão e tumulto, *“Calma..calma! (...) ai governador! Tão agredindo a gente aqui! Tão me chutando tão me chutando!”*

A narrativa retrocede no tempo para mostrar para o telespectador outra movimentação política importante do pré-candidato em sua visita ao Rio de Janeiro, *“Mais cedo, no Rio de Janeiro, o governador de São Paulo visitou junto com Cezar Maia, a feira de São Cristóvão. Reduto nordestino na cidade”*. As imagens ilustram a construção textual do repórter, que passa em off os detalhes mais importantes. Primeiro mostram o pré-candidato interagindo com o público da feira, *“Geraldo Alckmin aceitou souvenirs dos feirantes*. Em seguida, Geraldo Alckmin aparece almoçando ao lado do prefeito Cezar Maia, *“Mas presente mesmo foi a confirmação da aliança entre PSDB e PFL”*. O repórter confirma no texto em off que a aliança foi selada entre os dois líderes, *“O prefeito Cezar Maia não só desistiu de ser pré-candidato peefelista à presidência, como já começou a apoiar a candidatura de Geraldo Alckmin”*, e reforça sua afirmativa para o telespectador com a declaração contundente do prefeito à favor de Alckmin, *“O PFL do Rio de Janeiro é um “soldado” da campanha do governador Alckmin. Duvido que alguma sessão estadual do Brasil vá se empenhar tanto na campanha do Governador como nós vamos nos empenhar, eu pessoalmente”*.

A construção da narrativa aponta para a confirmação da aliança, faltando apenas revelar a posição do principal interessado, o pré-candidato Geraldo Alckmin, mostrando uma parte do seu discurso, *“Hoje nós já demos um passo importante. Agora vamos trabalhar para ampliar essas alianças. Ampliar... Eu acho que elas são importantes, não só pra ganhar a eleição, mas pra governar”*. O repórter fecha a narrativa interpretando a declaração do pré-candidato, *“O governador se referia ao desejo de fazer alianças com outros partidos. A idéia é formar uma grande frente de oposição ao governo. E fortalecer a candidatura liderada pelo PSDB”*. E reforça para o telespectador a disposição do PSDB em se tornar a principal trincheira de oposição contra o PT na guerra eleitoral.

- **Nível valorativo**

O âncora abre a narrativa em um tom de comemoração. Sua fala enfatiza o fechamento da aliança entre os dois partidos como uma notícia muito esperada, indicando para o telespectador que o PSDB saiu na frente na corrida eleitoral.

A construção da narrativa protagonizada pelo repórter reforça a imagem de candidato de Geraldo Alckmin para o telespectador, mostrando imagens da sua movimentação do

eleitoral. A imagem de Geraldo Alckmin sendo assediado por eleitores reconstituiu para o telespectador o clima de campanha. Os gritos, a multidão, os empurrões, indicam que o eleitorado já está ciente das intenções do pré-candidato, que ainda cumpre as funções do cargo de governador de São Paulo, mas já é visto pela esfera pública como possível presidente da República.

A intenção comunicativa do telejornal fica mais clara na segunda parte da narrativa, onde o repórter retrocede cronologicamente na reconstituição para demonstrar mais uma movimentação do pré-candidato com características eleitoreiras. O encontro dele com o prefeito Cezar Maia, do PFL, simbolizou a confirmação da aliança entre os dois partidos. A construção discursiva detalha o encontro mostrando imagens dos dois líderes políticos almoçando juntos, e depois fazendo o que se chama no jargão eleitoral de *corpo-a-corpo* em um reduto nordestino na cidade do Rio de Janeiro. Tanto o prefeito quanto o governador pareciam estar em plena harmonia.

O telejornal demonstra em sua construção discursiva a intenção de informar com sutileza para o telespectador que a decisão dos dois partidos de se tornarem aliados havia sido tomada. A abertura do âncora enfatizou que *“faltava apenas formalizar”*, e a conclusão final dada pelo repórter revela a posição da nova aliança no jogo eleitoral, como *“uma grande frente de oposição ao governo”*.

- **Matéria 3: Confirmação da aliança entre PSDB e PFL, SBT, 05/04/2006**

<p>Âncora, na bancada, com a marca do telejornal ao fundo</p> <p><i>PSDB e PFL decidiram disputar juntos as eleições para presidente e governadores desde o primeiro turno. A provável aliança foi selada pelo prefeito peefelista do Rio Cezar Maia, e pelo candidato tucano a presidente, Geraldo Alckmin, que aproveitou a estada no Rio para um “corpo-a-corpo”.</i></p>
<p>Âncora, em off, com imagens de Geraldo Alckmin almoçando ao lado do prefeito Cezar Maia.</p> <p><i>Acompanhado do prefeito Cezar Maia, Alckmin almoçou em um restaurante de um real.</i></p>
<p>Âncora, em off, com imagens da visita de Geraldo Alckmin a Feira de São Cristóvão.</p> <p><i>E foi a Feira de São Cristóvão, ponto de encontro dos nordestinos que vivem no Rio.</i></p>
<p>Imagens de Alckmin sendo convencido a usar o chapéu de couro, ao lado de correligionários, durante a visita.</p> <p><i>Embora relutasse um pouco, o tucano acabou usando o tradicional chapéu de couro.</i></p>
<p>Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.</p> <p><i>(sorrisos)</i></p>

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora informando sobre a decisão dos partidos;
- informações sobre a visita de Geraldo Alckmin ao Rio de Janeiro;

- **Nível discursivo**

O âncora resume em seu discurso de abertura a essência da notícia, “PSDB e PFL decidiram disputar juntos as eleições para presidente e governadores desde o primeiro turno. A provável aliança foi selada pelo prefeito peefelista do Rio Cezar Maia, e pelo candidato tucano a presidente, Geraldo Alckmin, que aproveitou a estada no Rio para um “corpo-a-corpo”. Ele reconstitui o acontecimento sobre as imagens da visita, reinterpretando as reações dos personagens envolvidos, “Acompanhado do prefeito Cezar Maia, Alckmin almoçou em um restaurante de um real”. Nas imagens, os dois aliados comem juntos, e demonstram que há harmonia entre eles. A narrativa mostra o desenrolar dos acontecimentos, e enfatiza as características eleitoreiras da movimentação de Alckmin, “E foi a Feira de São Cristóvão, ponto de encontro dos nordestinos que vivem no Rio”. No desfecho, o âncora chama a atenção do telespectador para reação do pré-candidato ao ser solicitado para usar um chapéu de cangaceiro, “Embora relutasse um pouco, o tucano acabou usando o tradicional chapéu de couro”. Alckmin demonstra um certo embaraço ao atender a solicitação, mas se convence e coloca chapéu no final. A situação pareceu engraçada para o âncora, que soltou uma risadinha discreta ao fim da narrativa.

- **Nível valorativo**

A reportagem mostrou de forma sucinta uma parte do processo de conformação da aliança entre os dois partidos de oposição ao governo.

O âncora articula a narrativa interpretando as imagens do acontecimento. No discurso de abertura ele afirma para o telespectador que a “*provável aliança foi selada*”, e não deixa dúvidas ao revelar que vice de Geraldo Alckmin já havia sido escolhido, e era do PFL. Ele constrói um acontecimento político ao dar o tom eleitoral à movimentação do pré-candidato denominando-a de *corpo-a-corpo*, que é um jargão muito usado na linguagem eleitoral. E interpreta para o telespectador as reações do pré-candidato durante a visita à Feira de São Cristóvão, ressaltando a situação inesperada pela qual passou o pré-candidato quando ganhou um chapéu de cangaceiro, elemento típico da indumentária nordestina, e teve que colocar na

cabeça por insistência dos eleitores presentes. Para o âncora, Alckmin não demonstrou ter jogo de cintura, e deixou transparecer seu incômodo.

O telejornal definiu a visita de Geraldo Alckmin como um acontecimento relacionado à movimentação da pré-campanha. Ele reinterpreta as reações do pré-candidato Geraldo Alckmin imprimindo nelas um efeito subjetivo, que é direcionado pelo meganarrador através da sua construção textual e da sua reação ao finalizar a reportagem “rindo da situação” de Alckmin, enquadrada pela narrativa.

4.10 Microdrama 10: PT – Movimentação oficial do presidente Lula na pré-campanha

- **Resumo**

Como sabemos, as campanhas eleitorais no Brasil ocorrem dentro de um prazo oficial (estabelecido pela legislação eleitoral brasileira), que passa a vigorar três meses antes da data da eleição. A mesma legislação permite que os candidatos em exercício lancem nova candidatura sem a cessão de seu mandato inicial. Esta situação tem gerado tanto confusão de funções na imprensa e em setores da sociedade, como indagações sobre a necessidade de se revisar o instrumento da reeleição. Indagações sobre esta conjuntura ocorreram quando Fernando Henrique Cardoso, então presidente da República em exercício, era concomitantemente candidato à reeleição. Neste microdrama, são apresentadas matérias telejornalísticas que trazem indícios de uma sobreposição de papéis semelhante: o de candidato à reeleição e o de presidente da República, protagonizado por Luis Inácio Lula da Silva.

Apesar de numerosas especulações sobre sua candidatura, fundamentadas em declarações como a do ex-ministro José Dirceu, que afirmou: "nosso projeto é para trinta anos", Lula manteve publicamente a condição de indeciso em relação à candidatura até o último momento. Alguns analistas políticos avaliaram isso como estratégia para que Lula não recebesse ataques antecipadamente, já que os escândalos de seu governo e características polêmicas de sua personalidade poderiam, segundo eles, servir de munição para a oposição. Seu governo foi muito criticado, quando notícias saíram com estatísticas a respeito do aumento de seus gastos com publicidade durante o primeiro semestre de 2006, tendo sido gasto até 19 de julho 67,8% do que é permitido pela legislação. Não foram poupadas, também, críticas às suas viagens para inaugurações de obras. Críticas maiores foram feitas principalmente por oposicionistas, que alegaram uso de dinheiro público com fins eleitorais.

Em um de seus discursos de campanha, Lula afirmou que não sabia quando era candidato e quando era presidente.

Sendo assim, constantes críticas sobre a dificuldade de se distinguir o presidente do candidato à reeleição passaram a fazer parte da campanha eleitoral. As reportagens escolhidas trazem a cobertura telejornalística de algumas movimentações oficiais do presidente Lula durante a pré-campanha que indicam essa mistura entre os dois personagens por parte da mídia.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**
- **Matéria 1: Presença em inauguração e discurso aos estudantes, SBT, 07/11/2005**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

Em São Paulo, o presidente Lula deu declarações dirigidas ao mercado financeiro que teve um dia mais calmo do que os dois últimos...

A Bovespa fechou em alta acompanhando o movimento das bolsas internacionais.

Repórter, em off, com videografismo com um gráfico explicando a alta do dólar nos últimos três dias.

A máxima nesta quarta feira foi de 1,45%, mas depois de um recuo, a moeda americana fechou a R\$ 2,214, alta de 0,3%. No primeiro dia de trabalho, o novo ministro Guido Mantega se mostrou satisfeito.

Repórter com voz em off com imagens do Fórum empresarial Brasil Itália

As declarações do presidente Lula pela manhã em São Paulo ajudaram a tranquilizar o mercado. Para os empresários brasileiros, Lula reafirmou o discurso de austeridade.

Imagens do discurso de Lula.

Não estamos dispostos a fazer mágica em economia. Não existe mágica, existe tomada de posição e seriedade (...) não vamos permitir que a inflação volte pra resolver o problema de caixa de alguns e do próprio estado brasileiro.

Repórter, com voz em off, com imagens da chegada do presidente no campus da USP em Guarulhos.

Mais tarde, o presidente Lula visitou as obras de expansão da Universidade de São Paulo.

Repórter, em plano fechado, no evento.

O novo campus da universidade fica em Guarulhos, na grande São Paulo. Cidade administrada pelo PT. Aqui, o presidente foi recebido já em clima de campanha.

Repórter, com voz em off, com imagens da chegada de Lula ao evento.

O público saudou o presidente com o grito de guerra eleitoral.

Imagens do público gritando em coro.

Um dois três, é Lula outra vez.

Repórter, com voz em off, com imagens de Lula discursando para os estudantes

No discurso, o presidente, criticou os adversários políticos.

Lula discursando.

Lamentavelmente, durante muitos anos, não se cuidou da educação corretamente nesse país. Porque algumas pessoas que governaram o Brasil já tinham conquistado o seu diploma, e por isso esqueceram dos milhões e milhões de brasileiros que ainda não tinham conquistado um diploma nesse país.

A reportagem acaba com imagens do público aplaudindo o presidente e balançando bandeiras do Brasil.

- **Nível textual**

- declarações do presidente Lula sobre o mercado financeiro;
- imagens do pregão da bolsa de valores, sobre o fechamento em alta, juntamente com as bolsas internacionais, e a variação do dólar;
- a reação do mercado frente à nomeação para o Ministério da Fazenda;
- imagens do presidente Lula discursando no Fórum Empresarial Brasil Itália;
- imagens da visita do presidente Lula às obras de expansão da Universidade de São Paulo;
- fragmentos do discurso do presidente Lula aos estudantes;
- imagens do público, aplaudindo o presidente Lula e balançando bandeiras do Brasil.

- **Nível discursivo**

O âncora inicia a narrativa em close, revelando ao telespectador que as declarações do presidente Lula acalmaram o mercado financeiro depois de dias tumultados pela saída do ex-ministro Palocci, “*Em São Paulo o presidente Lula deu declarações dirigidas ao mercado financeiro que teve um dia mais calmo do que os dois últimos...*”

O repórter confirma a informação do âncora, mostrando através de imagens videográficas as variações alcançadas pelo dólar nos últimos dois dias. O gráfico demonstra com pontos numéricos o percentual de alta da moeda americana e seu valor no dia. As cartelas videográficas explicam didaticamente ao telespectador o movimento de alta da moeda americana, não deixando dúvidas de que isso é um sinal palpável de que a economia está bem.

A construção narrativa passa a mostrar imagens do presidente Lula discursando para empresários em um evento. O repórter em off situa o telespectador sobre as imagens, “*as*

declarações do presidente Lula pela manhã em São Paulo...”, e segue afirmando que as declarações “*ajudaram a tranquilizar o mercado*”. No texto em off, ele informa que “*para os empresários brasileiros, Lula reafirmou o discurso de austeridade*”. A apresentação de Lula discursando para uma platéia de empresários valorizou sua postura de chefe de estado no comando da política econômica do país, mostrando ao telespectador a figura de Lula como presidente.

A partir daí, são exibidas para o telespectador imagens da figura do presidente na tribuna do evento, discursando para os presentes, com off do repórter enfatizando que as declarações do presidente Lula ajudaram a tranquilizar o mercado e a mostrar austeridade para os empresários presentes no fórum. São mostradas imagens do discurso de Lula para os empresários em que ele diz que o governo não está disposto a fazer mágicas na economia, que não existe mágica e sim tomada de posição e seriedade, e termina afirmando que o governo não vai deixar a inflação voltar para resolver problemas de caixa do estado brasileiro.

Em seu discurso Lula afirma para os empresários, “*Não estamos dispostos a fazer mágica em economia. Não existe mágica, existe tomada de posição e seriedade (...)*. Esse fragmento do discurso reforça a imagem do presidente tomando uma posição frente aos empresários. E enfatiza, “*não vamos permitir que a inflação volte pra resolver o problema de caixa de alguns e do próprio estado brasileiro*”. Com isso, Lula deixa claro que não haverá mudanças na política econômica mesmo com a mudança de ministro, e que não está disposto a sacrificar a estabilidade econômica com a volta da inflação, que é o grande temor dos brasileiros.

A reportagem continua revelando informações ao telespectador sobre a programação oficial do presidente naquele dia. O repórter conduz a narrativa para o acontecimento seguinte, “*mais tarde, o presidente Lula visitou as obras de expansão da Universidade de São Paulo*”, e enfatiza no texto em off que as obras ficam em uma cidade administrada pelo PT – Guarulhos – e que lá o presidente foi recebido já em clima de campanha, com um grito de guerra eleitoral, “*o novo campus da universidade fica em Guarulhos, na grande São Paulo. Cidade administrada pelo PT*” e reforça, “*Aqui, o presidente foi recebido já em clima de campanha*”. Nas imagens, Lula discursa para os estudantes, e o repórter enfatiza em off que o presidente criticou os adversários políticos.

O trecho da reportagem demonstra que o telejornal constrói o acontecimento, trabalhando no sentido de sugerir para o telespectador a idéia de que campanha do presidente Lula já começou. O texto do repórter revela que o evento ocorreu numa cidade administrada pelo partido do presidente, sugerindo que as manifestações registradas poderiam ter sido

organizadas pela militância do partido. Essa construção reforça a idéia de que as bases do partido já estão se exercitando, preparando o clima de pré-campanha através da movimentação da militância nos eventos oficiais, e medindo o efeito carismático de Lula junto ao público. A construção textual veemente e incisiva deixa muito claro que o sentido da notícia é revelar para o telespectador que o presidente Lula, apesar de se dizer indeciso, já é considerado candidato a reeleição pelo seu partido.

As imagens do evento passam a contar o acontecimento para o telespectador. Elas mostram o presidente Lula entrando no evento, e sendo aplaudido por algumas centenas de estudantes presentes à inauguração. O repórter descreve a cena para o telespectador em off, “*o público saudou o presidente com o grito de guerra eleitoral. Então aparece a platéia toda de pé, saudando o presidente Lula com o grito, “Um dois três, é Lula outra vez”.*”

A construção da narrativa explora imagens que caracterizaram a inauguração como um evento de cunho eleitoreiro, interpretando o comportamento do público como indícios de mobilização eleitoral do PT em prol da campanha do presidente, e sugerindo um certo descrédito na veracidade das manifestações.

O repórter com voz em off, com imagens de Lula discursando para os estudantes, revela, “*no discurso, o presidente, criticou os adversários políticos”.* Ao enfatizar esta parte do discurso, o repórter revela ao telespectador a intenção de chamar atenção para o ângulo eleitoral, e deixa de mencionar os detalhes da inauguração na narrativa.

As imagens exibem o presidente Lula em trajes informais, discursando para uma platéia de algumas centenas de estudantes, dizendo que, “*Lamentavelmente, durante muitos anos, não se cuidou da educação corretamente nesse país. Porque algumas pessoas que governaram o Brasil já tinham conquistado o seu diploma, e por isso esqueceram dos milhões e milhões de brasileiros que ainda não tinham conquistado um diploma nesse país.* Ele diz claramente que os governantes anteriores não cuidaram da educação como deveriam, porque já haviam conquistado seus diplomas e esqueceram dos milhões de brasileiros sem diploma.

O fragmento do discurso induz o telespectador a comparar o governo Lula com os governos anteriores, relembra que o presidente não tem diploma, e reforça a preocupação do presidente com a educação superior. Percebe-se o efeito de sentido interdito nas palavras do presidente Lula quando o caráter do evento é direcionado para a questão eleitoral através do discurso, ou seja, deixa de ser uma inauguração oficial e passa a ser palanque eleitoral.

A reportagem acaba com imagens do público aplaudindo o presidente e balançando bandeiras do Brasil. Elas fecham o campo discursivo da narrativa mostrando ao telespectador imagens de aprovação do discurso do presidente.

- **Nível valorativo**

A reportagem começa construindo o acontecimento e ligando objetivamente o comportamento da economia às declarações feitas pelo presidente Lula em um fórum de empresários. O telejornal compartilha com o telespectador, através do âncora, o alívio ao constatar que o mercado financeiro resistiu frente à turbulência causada pela queda do dólar e das exportações brasileiras, mostrando através de números e gráficos que a economia está sob controle.

O repórter passa a construir a narrativa sobre as imagens do discurso do presidente Lula, vestido de paletó e gravata, em uma imponente tribuna, e cercado por uma platéia constituída pela nata dos empresários paulistas. A imagem representa Lula como presidente, em uma posição austera e confiável.

Nos fragmentos escolhidos para editar a narrativa, o telejornal revela a natureza do discurso enfatizando uma prática que caracteriza os discursos do presidente Lula, o uso de metáforas. Em seu discurso, o presidente dirigiu-se ao setor econômico para assegurar que não se fará nenhuma mudança “mágica” na economia, e reafirma sua posição de austeridade ao dizer que não vai permitir que a inflação volte para resolver problemas de caixa do país. Priorizando esta parte do discurso, o telejornal tende a amplificar para a esfera pública as afirmações do presidente em relação à economia, e enfatiza sua posição austera e confiante contra a volta da inflação. Suspeitamos que aqui reside o primeiro posicionamento do telejornal, o objetivo é assegurar para o telespectador que o presidente Lula mantém o controle da economia.

A princípio, a construção narrativa busca apenas relatar sobre a agenda do dia do presidente Lula em eventos oficiais. Porém, seu encaminhamento explora o acontecimento a partir do ângulo pré-eleitoral, ou seja, a reportagem é baseada na cobertura dos eventos oficiais, mas seu intuito parece ser mostrar ao telespectador a imagem do presidente já como candidato à reeleição.

O telejornal deixa esse objetivo mais claro quando passa a reportar o segundo evento da agenda do presidente. Neste trecho na narrativa, o telejornal reforça a posição de Lula como pré-candidato ao mostrar que, na inauguração de obras na Universidade Federal de Garulhos, ele recebeu da platéia manifestações de cunho eleitoral. As imagens exibem

claramente a exaltação dos presentes à inauguração, que balançavam bandeiras verde-amarelas, e bandeiras vermelhas com a sigla do PT, e gritavam *um dois três é Lula outra vez*. A construção da narrativa enfatiza, através do texto do repórter, que a cidade onde ocorreu a inauguração é administrada pelo PT, caracterizando as manifestações como mobilização partidária.

A reportagem reforça a imagem do presidente-candidato quando mostra fragmentos do discurso de Lula criticando seus adversários políticos. Em suas palavras, ele deixa evidenciado que os governos anteriores não cuidaram da educação como deveriam, porque já tinham um diploma, o que reforça a idéia de que ele sabe cuidar melhor da educação porque ele sabe o quanto é difícil ter um diploma no Brasil. O presidente-candidato usa sua condição de operário para enfatizar sua proximidade do povo, e explora “eleitoralmente” sua condição de presidente sem curso superior.

O telejornal reforça a imagem do presidente Lula quando mostra ele discursando para empresários e assegurando que a economia está sob controle, e depois constrói o vínculo com sua condição de candidato à reeleição usando o conteúdo de seu discurso e as imagens da multidão aplaudindo e festejando para caracterizar suas intenções eleitoreiras. Esse desfecho desvela a intenção da emissora de polemizar sobre a reeleição de Lula.

• **Matéria 2: Visita do presidente Lula ao ABC, Globo, 13/11/2005**

Ancora em plano fechado na bancada.

Não se resolve os problemas do Brasil em quatro anos, disse à pouco o presidente Lula a uma platéia de jovens na periferia de São Paulo. Antes, disse aos metalúrgicos do ABC que ainda vai chegar o momento de conversar a sério sobre a reeleição dele.

Repórter com voz em off sob imagens da visita de Lula

Uma noite de nostalgia. Ele foi rever amigos, ele foi reviver os tempos do primeiro carro zero. Ao lado de Marisa, em São Bernardo do Campo, na grande São Paulo.

Lula dentro de um carro.

Esse carro era meu, eu vendi pro Meneghelli e ele ainda não me pagou!

Repórter em off sob imagens de Lula

Quando veio a pergunta... saiu pela tangente.

Repórter, na saída do evento, em entrevista com o presidente Lula.

O senhor sente que a maré tá virando presidente? A crise tá passando presidente?

Lula responde com sorrisos.

Eu não sou entendido de maré ! (risos)

Repórter, em off, com imagens da visita.

O presidente estava praticamente em casa. No local onde conquistou uma reeleição, em 78, ao assumir o segundo mandato na presidência do sindicato dos metalúrgicos do ABC, Lula se sentiu à vontade para falar... de reeleição.

Imagens do discurso de Lula.

Pra mim reeleição não é minha paixão. Não é! Essa coisa a gente não qué, essa coisa a gente constrói. Em algum momento, em algum momento, nós vamos ter uma conversa séria. Nós vamo aqui números, mostrar o que aconteceu na área da saúde, na área da educação. Em todas as áreas. O que nós fizemos em três anos. Pra quê? Pra que o povo perceba..sabe... se deve ou não continuar. Porque continuar, se depender de mim e da Marisa, nós vamos continuar é morando no nosso “apartamentozinho”.

Repórter, em plano americano, no local do evento.

O presidente Lula acha que ainda não é o momento de discutir a reeleição, mas durante o dia deixou claro que em quatro anos de governo não consegue resolver os problemas do país.

Repórter em off com imagens do discurso de Lula.

Falou para os jovens, para os moradores de uma favela de São Paulo ao inaugurar um centro cultural.

Imagens do discurso de Lula.

Nós estamos apenas começando, e que a gente não pode consertar erro de quinhentos anos em apenas quatro anos.

Repórter, em off, com imagens dos citados.

Um problema Lula quer resolver rápido. Antes de partir para Brasília, o presidente falou sobre a greve de fome do bispo Dom Luis Flávio Cáprio, em Cabrobó, que entrou no oitavo dia, em protesto contra a transposição do rio São Francisco.

Imagens de Lula dando entrevista na saída do evento.

O frei mandou uma carta pra mim, entrou em greve de fome... sabe...mandei conversar com ele... sabe... vamo ver se a gente consegue encontrar uma solução porque eu acho que se cada coisa que a gente for fazer que um num gosta e entrar em greve de fome... sabe... não ta correto isso. De qualquer forma, eu tenho “paciência de Jô” (corte).

- **Nível textual**

- informação sobre as declarações de Lula;
- imagens da visita o presidente ao sindicato dos metalúrgicos do ABC paulista;
- imagens do discurso de Lula em visita ao complexo de favelas do Alemão;
- imagens de arquivo do bispo Dom Luis Cáprio.
- informação sobre o impasse em relação à transição do rio São Francisco.

- **Nível discursivo**

A reportagem começa com o comentário do âncora antecipando para o telespectador as afirmações do presidente Lula feitas naquele dia, “Não se resolvem os problemas do Brasil em quatro anos, disse a pouco o presidente Lula a uma platéia de jovens na periferia de São Paulo. Antes, disse aos metalúrgicos do ABC que ainda vai chegar o momento de conversar a sério sobre a reeleição dele”. Em seu comentário, o âncora determina o ângulo pelo qual será tratada a notícia – eleições. Ao antecipar as palavras de Lula, o âncora provoca expectativa no telespectador sobre o tema, e num tom de aviso, ele adianta que o presidente já está pensando na reeleição.

Na seqüência, o repórter inicia a narrativa com a voz em off sobre imagens do presidente Lula em sua visita ao ABC paulista. Ele interpreta as reações de Lula evocando um clima nostálgico, nu tom de intimidade, “Uma noite de nostalgia. Ele foi rever amigos, ele foi reviver os tempos do primeiro carro zero. Ao lado de Marisa, em São Bernardo do Campo, na grande São Paulo”. As imagens mostram o presidente Lula sorridente, cercado de metalúrgicos, ao lado da primeira dama Marisa. Na imagem, Lula, sentado do dentro do carro, revela, “Esse carro era meu, eu vendi pro Meneghelli e ele ainda não me pagou!”. Lula parece interpretar um personagem, inventa estórias e parece engraçado. As imagens exibem o presidente Lula em clima de relaxamento e tranqüilidade. O repórter prossegue a narrativa com a voz em off sobre imagens mostrando o presidente Lula já na saída do evento, ainda sorridente, cercado de repórteres. Ele antecipa para o telespectador a reação de Lula ao ser questionado sobre a crise política em seu governo, “Quando veio a pergunta... saiu pela tangente”. Um dos repórteres pergunta ao presidente em meio ao tumulto, “O senhor sente que a maré tá virando presidente? A crise tá passando presidente?”. E Lula responde em meio a risos, “Eu não sou entendido de maré!” (risos). O repórter induz o telespectador a um clima de tranqüilidade, dando indícios de que a crise política pode estar chegando ao final. As imagens trazem momentos de descontração do presidente Lula, e sua declaração revela que ele não parece estar preocupado com o assunto. O repórter continua a narrar o acontecimento de maneira interpretativa, conduzindo o telespectador ao clima do evento através da expressão metafórica, “O presidente estava praticamente em casa. E enfatiza mais uma vez para o telespectador o ângulo principal da matéria através do texto em off, “No local onde conquistou uma reeleição, em 78, ao assumir o segundo mandato na presidência do sindicato dos metalúrgicos do ABC, Lula se sentiu à vontade para falar... de reeleição”. A hesitação na voz do repórter reforça mais uma vez o conteúdo polêmico do tema da reportagem, deixando a expectativa no ar.

Nas imagens, o presidente Lula aparece de pé, discursando para a platéia, ao lado a primeira dama, e coloca sua preocupação com a decisão de disputar a reeleição, “*Pra mim reeleição não é minha paixão. Não é! Essa coisa a gente não quer, essa coisa a gente constrói.*” A imagem é cortada e editada em outro fragmento do mesmo discurso, em que Lula mostra sua disposição em começar as discussões sobre o tema dizendo, “*Em algum momento, em algum momento, nós vamos ter uma conversa séria. Nós vamos batê [???] aqui números, mostrar o que aconteceu na área da saúde, na área da educação. Em todas as áreas. O que nós fizemos em três anos. Pra quê? Pra que o povo perceba... sabe... se deve ou não continuar*”. As frase ditas pelo presidente Lula deixam claro que já existe a preocupação por parte do pré-candidato Lula em discutir o tema. O objetivo claro do presidente Lula é dizer ao telespectador que ele não está preocupado em se reeleger ou não, mas que suas realizações no governo constroem as condições para que a reeleição aconteça. Na segunda parte do discurso o pré-candidato se revela, e Lula mostra-se preparado para por seu governo à prova nas eleições, endereçando ao povo o papel de decidir. No final do discurso, o presidente Lula volta a dominar a cena e dá a entender que não está tão preocupado em se reeleger, “*Porque continuar, se depender de mim e da Marisa, nós vamos continuar é morando no nosso apartamentozinho aqui*”. No discurso, mesmo fragmentado pela edição, Lula dá a entender que a reeleição não é decisão dele, mas que ele está trabalhando na construção dela, e que se coloca à espera da decisão do povo (através dos números nas pesquisas eleitorais, por exemplo). Para o telespectador, as palavras de Lula endereçam um pedido de aprovação para a opinião pública, que deve basear sua decisão nas suas realizações como presidente. E no final, se coloca em sacrifício pelo povo, pois se depender somente dele e de sua família representada pela mulher, ele não concorre à reeleição.

O repórter aparece em plano americano, no local do evento, e comenta sobre o discurso, enfatizando mais uma vez para o telespectador as palavras do presidente sobre reeleição, “*O presidente Lula acha que ainda não é o momento de discutir a reeleição*”. Ele retorna no tempo, e revela que, no evento anterior, ocorrido na manhã do mesmo dia, o presidente também falou sobre o tema, “*mas durante o dia deixou claro que em quatro anos de governo não consegue resolver os problemas do país. Falou para os jovens, para os moradores de uma favela de São Paulo ao inaugurar um centro cultural*”. A narrativa retorna no tempo. Em outra manifestação pública anterior, o presidente cita mais uma vez a dificuldade de resolver os problemas do país em apenas quatro anos. O texto em off do repórter refoça essa perspectiva para o telespectador.

As imagens entram para atestar a fala do repórter, e exibem o presidente Lula discursando para uma multidão de pessoas amontoadas em frente a um palanque, *“Nós estamos apenas começando, e que a gente não pode consertar erro de quinhentos anos em apenas quatro anos”*. Com essa afirmação, Lula parece pedir mais tempo resolver os problemas e para consertar os erros dos outros governos que passaram pelos quinhentos anos de história do país. O repórter volta à narrativa revelando, no seu texto em off, que o presidente está preocupado com um problema específico, *“Um problema Lula quer resolver rápido! Antes de partir para Brasília, o presidente falou sobre a greve de fome do bispo Dom Luis Flávio Cáprio, em Cabrobó, que entrou no oitavo dia, em protesto contra a transposição do rio São Francisco”*. A narrativa sai mais uma vez do tempo presente para mostrar ao telespectador que os problemas do país são muitos, e a insistente preocupação do presidente em resolvê-los.

O telespectador revê nas imagens de arquivo o início da greve de fome do bispo exibindo Dom Luis Cáprio em entrevista. Em seguida, aparece um fragmento do discurso do presidente Lula em que ele posiciona-se frente ao fato, *“O frei mandou uma carta pra mim, entrou em greve de fome... sabe... mandei conversar com ele... sabe... vamos ver se a gente consegue encontrar uma solução porque eu acho que se cada coisa que a gente for fazer que um num gosta e entrar em greve de fome... sabe... não tá correto isso. De qualquer forma, eu tenho “paciência de Jó””* (corte). Nesse fragmento, Lula dá satisfações ao público sobre a questão, e “descontraidamente” condena a atitude do bispo. O uso da expressão popular “paciência de Jó” dá para o telespectador a idéia de leve discordância, deixando o presidente em uma posição mais simpática em relação ao impasse. O termo é um ditado popular indicativo de paciência, e quer dizer que o presidente tem muita paciência para resolver a questão.

- **Nível valorativo**

O tema pré-campanha surge a partir das declarações do presidente Lula em seus discursos, proferidos nos eventos oficiais naquele dia.

Na abertura, o âncora já afirma que o presidente falou publicamente em sua reeleição, o que objetivamente determina que o tema eleições começou a ser discutido.

O âncora antecipa as declarações do presidente sobre reeleição num tom de surpresa, deixando claro seu espanto ao saber que o presidente está falando nisso um ano antes das eleições.

A reportagem traz à tona as movimentações políticas do presidente, mostrando que ele fala como presidente nesses eventos oficiais, mas que não perdeu a oportunidade de referir-se à possibilidade de reeleger-se, ao fato de falar sobre suas intenções de disputar ou não a reeleição.

A construção da narrativa tem forte atuação do repórter, que acompanha a agenda oficial do presidente e percebe que Lula menciona a questão reeleição em seus dois pronunciamentos. Isso o leva ao gancho mais importante da matéria: enfatizar os detalhes sobre a reeleição baseando-se nas declarações de Lula.

O acontecimento se constrói sobre a atuação do presidente Lula. O repórter começa a narrativa, quase poeticamente, ao dizer que o presidente viveu *Uma noite de nostalgia* ao encontrar-se com velhos amigos, e lembrar os velhos tempos no seu primeiro carro zero. As imagens são fiéis ao texto, mostrando as reações emocionadas e comentários descontraídos do presidente. Em seguida, o repórter revela seu primeiro movimento, a pergunta ao presidente sobre a crise, *A crise tá passando presidente?* e enfatiza no texto que ele fugiu da pergunta respondendo de forma evasiva. No decorrer da narrativa, o repórter mostra ao telespectador o indício concreto de que o presidente estava tão à vontade, que falou de sua reeleição. Nas imagens, Lula diz que a reeleição tem que ser construída, que, no momento certo, ele fará as comparações numéricas de seu governo com o anterior para que o povo perceba e tome a melhor decisão sobre em quem votar. O presidente diz que, se depender dele e da mulher, ele volta para São Bernardo e não tenta a reeleição. Mas, a contradição do presidente é revelada pelo repórter aos telespectadores quando ele diz, em outro evento, que seu governo esta apenas começando, e que não pode resolver todos os problemas do Brasil em apenas um mandato. Esses últimos detalhes reforçam a intenção comunicativa da reportagem, e reiteram para o telespectador que o tema reeleição já faz parte dos pronunciamentos do presidente.

A matéria acaba referindo-se rapidamente sobre a posição do presidente em relação a greve de fome do bispo Dom Luis Cáprio contra o projeto do governo de transposição do rio São Francisco. Nesse caso, podemos dizer que a construção narrativa enfatizou as declarações do presidente sobre sua reeleição para mostrar ao telespectador que este tema já está sendo discutido. Para o telejornal, que deixou claro que todas essas declarações foram feitas em eventos oficiais, o presidente já começou sua campanha em prol de sua reeleição.

No caso desta matéria, o telejornal procura polemizar as declarações do presidente sobre sua possível candidatura a reeleição, construindo o gancho para o tema pré-campanha um ano antes das eleições. A construção narrativa usou fragmentos dos discursos oficiais do

presidente para revelar ao telespectador que Lula já se movimenta como candidato, provando que o tema reeleição já está sendo discutido nos bastidores do partido.

Para o telejornal, Lula já é um candidato à reeleição, independente de sua afirmação. Logo, todas as notícias referentes a sua movimentação oficial passam a ser vinculadas ao tema, ora mostrando sua atitude como presidente, ora como candidato, sempre enfatizando para o telespectador as conexões entre as duas imagens.

- **Matéria 3: Declaração de Lula sobre candidatura própria, Band, 18/11/2005.**

Âncora, em plano aberto, ao fundo tela com a logomarca do telejornal.
Os tucanos já estão de olho nas declarações do presidente Lula sobre eleições 2006. Fernando Mitre tem mais informações.

Comentarista, em plano fechado, no estúdio.
Os tucanos já estão colocando as asinhas de fora? É isso mesmo, os líderes do PSDB entenderam as declarações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na entrevista dada aos jornais nesta sexta-feira como o início de sua campanha à reeleição. As principais lideranças da legenda se reúnem hoje em Brasília para participar de uma convenção nacional que deverá definir o nome de Tasso Jereissati (CE) para a presidência da sigla. Em um determinado momento da entrevista de hoje, Lula chegou a dizer que disputaria as eleições no ano que vem. No entanto, em seguida, voltou atrás e se desculpou afirmando que ainda iria decidir sobre a questão, dizendo que "Ainda não decidi se é candidato porque votei contra a reeleição na Constituinte", disse ele. O governador de Minas Gerais, Aécio Neves, disse considerar natural a candidatura, mas criticou a decisão pela distância do pleito eleitoral. Para ele, o presidente Lula sempre foi candidato Mas que não sabe até que ponto isso é bom para o próprio presidente Lula. A maioria dos analistas acha que ele deveria ficar se preservando para administrar o país. Já o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso se limitou a dizer que a decisão era "arriscada". O governador de São Paulo é um dos possíveis presidentiáveis do partido, Geraldo Alckmin, afirmou que não vê nenhuma novidade nisso, mas como o PT vai ganhar a eleição, se o governo perdeu a confiança do povo? Para Alckmin existe um grande abismo entre o falar e o fazer.

- **Nível textual**

- afirmação sobre a posição dos tucanos em relação às declarações do presidente Lula;
- reunião em Brasília com as principais lideranças da legenda, sobre a definição de Tasso Jereissati (CE) para a presidência da sigla;
- declaração do presidente Lula sobre as eleições;
- opinião do governador de Minas, Aécio Neves;
- opinião da maioria dos analistas políticos;
- a declaração do ex-presidente Fernando Henrique;
- entrevista com o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin.

- **Nível discursivo**

A narrativa começa com o âncora em plano aberto, dividindo o ângulo com a marca do telejornal ao fundo. Ele revela ao telespectador, “Os tucanos já estão de olho nas declarações do presidente Lula sobre eleições 2006”. E repassa a voz para o comentarista, “*Fernando Mitre tem mais informações*”. O âncora basicamente introduz o telespectador no universo do comentarista, apontando o tema do comentário, que constrói um raciocínio para o telespectador sobre o fato de Lula ter-se declarado candidato à reeleição em uma entrevista.

O comentarista confirma para o telespectador a afirmação do âncora com os detalhes, Os tucanos já estão colocando as asinhas de fora? É isso mesmo, os líderes do PSDB entenderam as declarações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva na entrevista dada aos jornais nesta sexta-feira como o início de sua campanha à reeleição. Ele diz que os líderes tucanos já estão colocando as asinhas de fora porque entenderam as declarações do presidente Lula aos jornais como o início de sua campanha à reeleição. A expressão colocando as asinhas de fora familiariza o telespectador com o partido de oposição, os tucanos, e completa o sentido da afirmação confirmando a reação deles em relação à movimentação do presidente Lula como candidato à reeleição.

Em seguida, ele prossegue o comentário colocando a posição do PSDB, que já se prepara para a convenção, “as principais lideranças da legenda se reúnem hoje em Brasília para participar de uma convenção nacional que deverá definir o nome de Tasso Jereissati (CE) para a presidência da sigla. Em seguida, ele dá detalhes da declaração do presidente Lula que gerou repercussões nos outros partidos e nas discussões sobre as eleições, “Em um determinado momento da entrevista de hoje, Lula chegou a dizer que disputaria as eleições no ano que vem. No entanto, em seguida, voltou atrás e se desculpou afirmando que ainda iria decidir sobre a questão, dizendo que “Ainda não decidi se é candidato porque votei contra a reeleição na Constituinte”, disse ele”. A partir daí, ele passa a construir para o telespectador o raciocínio baseado na posição dos principais líderes do PSDB sobre o comentário do presidente. Primeiro ele coloca a posição do governador de Minas, “o governador de Minas Gerais, Aécio Neves, disse considerar natural a candidatura, mas criticou a decisão pela distância do pleito eleitoral. Para ele, o presidente Lula sempre foi candidato Mas que não sabe até que ponto isso é bom para o próprio presidente Lula. Ele diz que considera natural a candidatura de Lula a reeleição, mas critica a antecipação do tema pelo presidente, e considera até que ponto essa antecipação é boa para o próprio presidente; Em segundo, comenta a posição do ex-presidente FHC, “Já o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso se

limitou a dizer que a decisão era "arriscada". A terceira e última posição é a do pré-candidato do partido, "O governador de São Paulo é um dos possíveis presidenciáveis do partido, Geraldo Alckmin, afirmou que não vê nenhuma novidade nisso, mas como o PT vai ganhar a eleição, se o governo perdeu a confiança do povo? Para Alckmin existe um grande abismo entre o falar e o fazer". Ele se coloca para o telespectador na posição de adversário, e sua afirmação deixa claro que ele já esperava concorrer com Lula, já que ele não vê nenhuma novidade na possível candidatura de Lula, e que questiona como o PT vai ganhar a eleição se o governo perdeu a confiança do povo.

O comentarista determina para o telespectador quais os principais envolvidos no drama, revelando suas opiniões a partir do movimento do presidente Lula, e dos analistas políticos que acham que Lula deveria se preservar para governar o país. O comentário coloca o presidente Lula no tabuleiro eleitoral como candidato à reeleição, e suas declarações representaram seu primeiro movimento de campanha.

- **Nível valorativo**

O comentário caracteriza o início do agendamento da sociedade pela mídia sobre o tema eleições, deixando claro que as movimentações da pré-campanha já começaram. A partir da declaração de Lula, que revela sua intenção de se reeleger, o comentarista mostra para o telespectador que a esfera política começou a movimentar-se fora dos bastidores, e que as forças começam a delinear-se em torno da disputa.

O telejornal classifica as declarações do presidente como um acontecimento que deve ser comentado, e não simplesmente reportado. O veículo evidencia a sua intenção comunicativa de tratar o tema eleições não apenas como notícia, e, sim, como um tema a ser discutido e comentado por especialistas no assunto.

O comentarista relembra as posições `titubeantes` de Lula como presidente e como candidato, mostrando para o telespectador que a decisão de confirmar ou não a candidatura, tanto para Lula quanto para o partido, é estratégica do ponto de vista eleitoral. E que para seus principais adversários, Lula já ocupa a posição de candidato, ou seja, já é alvo de cobranças, críticas e julgamentos por parte do eleitorado e da oposição.

4.11 Microdrama 11: PT - Implicações do episódio "dança da pizza" na candidatura de Lula

- **Resumo**

A deputada petista Ângela Guadagnin (PT-SP), no dia 23 de março de 2006, foi protagonista de manifestação nada comum para uma sessão da Câmara dos Deputados. Ela dançou no plenário assim que foi anunciada a absolvição de mais um deputado acusado de receber dinheiro das contas do publicitário Marcos Valério, o vulgo “mensalão”, o deputado João Magno (PT-MG), que foi absolvido por 207 votos contra a cassação e 201 a favor (5 votos em branco, 3 votos nulos e 10 abstenções), e foi favorecido pelo baixo quórum. Ele era acusado de ter recebido R\$ 426 mil do chamado esquema "valerioduto" sem prestar contas à Justiça Eleitoral. A manifestação da deputada ficou conhecida como a “dança da pizza”.

Após o episódio, Ângela Guadagnin se defendeu dizendo que não pretendia agredir os eleitores com sua manifestação de alegria e pediu desculpas às pessoas pela sua atitude. Em várias entrevistas, a deputada negou que sua atitude possa ter implicado em quebra de decoro parlamentar. Em entrevista à rádio *CBN*, a deputada afirmou que se sentiu à vontade, pois o plenário estava vazio. "Havia meia dúzia de deputados e eu manifestei alegria por um amigo", disse ela. Ângela declarou ser amiga do deputado João Magno e afirmou que a dança foi uma brincadeira para um colega em um momento inesperado. "Quando surgiu a proposta da cassação eu sugeri uma pena alternativa. Eu acredito que o João Magno só pegou o dinheiro no banco porque o Delúbio Soares pediu", declarou ela. A deputada pediu desculpas às pessoas que se sentiram ofendidas com sua atitude. "Só posso pedir desculpas e compreensão, pois sou humana e extravaso sentimentos", explicou a deputada.

O episódio repercutiu fortemente na imprensa, sendo motivo de charges nos jornais, comentários nas rádios, e várias reportagens nos telejornais. E ocasionou uma série de conseqüências para a deputada. Uma delas foi o pedido de abertura de processo por quebra de decoro parlamentar, encaminhado por deputados de outro partido. O presidente do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, deputado Ricardo Izar (PTB-SP), acolheu a representação da presidência do PPS contra a deputada Ângela Guadagnin (PT-SP) por quebra de decoro.

A representação pediu o afastamento de Guadagnin do Conselho baseado em uma análise do seu comportamento no dia 23 de março, quando a deputada executou em plenário a chamada "dança da pizza", para comemorar a absolvição do seu colega de partido João Magno (MG), acusado de receber dinheiro do valerioduto. Atendendo a um pedido da própria representação, o presidente do conselho suspendeu as funções de Guadagnin como conselheira até o final do processo. E para Guadagnin só restou faltar à sessão do Conselho sobre o pedido de cassação do deputado José Mentor (PT-SP), e defender-se dos próximos ataques.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**
- **Matéria 1: Repercussões do episódio "dança da pizza", Globo, 30/03/2006**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

A deputada que dançou no plenário da câmara vai ser afastada do conselho de ética, e pode sofrer ainda mais uma punição, trinta dias de silêncio sem direito a discursar ou pedir a palavra.

Repórter, em off, sobre imagens de arquivo da deputada Ângela Guadagnin dançando, rindo e comemorando com outros parlamentares dentro do plenário da câmara.

Escárnio. Foi assim que o PPS classificou a dança da deputada Ângela Guadagnin do PT no pedido de aberto processo por quebra de decoro contra ela.

Repórter, em off, sobre imagens videográficas que reproduzem páginas de um dicionário. Nas imagens, a palavra “escárnio” é posta em evidência pelo efeito zoom, depois a definição da palavra no dicionário.

Segundo o dicionário, escárnio é o que é feito ou dito com a intenção de provocar riso à cerca de alguém ou algo. Caçoada, troça, zombaria.

Repórter, em plano aberto, em frente ao Congresso Nacional.

O processo contra a deputada Ângela Guadagnin no Conselho de Ética só deve ser aberto na próxima semana. Por ter dançado na sessão que absolveu o deputado João Magno do PT, ela pode receber uma censura e até mesmo ser proibida de fazer discursos e de usar a palavra em plenário.

Repórter, em off, sobre imagens que seguem: (1) a deputada conversando com outros parlamentares; (2) imagens de arquivo de atividades nas sessões parlamentares, (3) imagens de arquivo do deputado José Janene; (3) imagens do dia da sessão do conselho de ética, (4) imagens da deputada em close concedendo entrevista, com voz em off.

O silêncio imposto à deputada pode chegar a até trinta dias, mas ela já foi punida e deve ser afastada imediatamente das atividades do conselho de ética, e vai perder o posto de relatora do processo contra o ex-líder do PP, José Janene, o mais atrasado até agora. Nesta quinta feira, Ângela Guadagnin faltou a sessão que aprovou o parecer favorável à cassação do deputado José Mentor, colega dela no PT paulista. A deputada que defendeu a maioria dos envolvidos no “mensalão” diz que é vítima de perseguição política.

Entrevista de Ângela Guadagnin, em close.

Se alguém se ofendeu com isso eu já pedi desculpa, agora não vou fazer mais porque o destaque que está sendo dado é muito maior do que a gravidade do fato.

- **Nível textual:**

- discurso de abertura do âncora com informações sobre o afastamento da deputada Ângela Guadagnin do Conselho de ética da câmara;

- informações sobre o pedido de abertura de processo de cassação contra a deputada, proposto pelo PPS;

- informações sobre as possíveis punições contra a deputada;
- entrevista com a deputada Ângela Guadagnin – PT.

- **Nível discursivo:**

A notícia começa com o âncora em close, trazendo uma expressão solene e preocupada para anunciar a punição recebida pela deputada, “*A deputada que dançou no plenário da câmara vai ser afastada do conselho de ética, e pode sofrer ainda mais uma punição, trinta dias de silêncio sem direito a discursar ou pedir a palavra*”. Ao proferir a última sentença, o âncora enfatiza para o telespectador através de seu tom de voz a gravidade da punição recebida pela deputada.

A reportagem começa com o repórter em off sobre as imagens do episódio da “dança da pizza”, onde a deputada Ângela Guadagnin dança em meio às bancadas dos parlamentares na plenária, “*Escárnio. Foi assim que o PPS classificou a dança da deputada Ângela Guadagnin do PT no pedido de aberto processo por quebra de decoro contra ela*”. Em seguida, são usados recursos videográficos para demonstrar o significado da palavra escárnio no dicionário. A palavra é recortada do dicionário, e ampliada em zoom para que o telespectador possa ler a definição. O repórter enfatiza o significado através do texto em off, “*Segundo o dicionário, escárnio é o que é feito ou dito com a intenção de provocar riso à cerca de alguém ou algo. Caçoada, troça, zombaria*”.

O repórter se personifica através da imagem em frente ao congresso para dar mais detalhes ao telespectador, “*O processo contra a deputada Ângela Guadagnin no Conselho de Ética só deve ser aberto na próxima semana. Por ter dançado na sessão que absolveu o deputado João Magno do PT, ela pode receber uma censura e até mesmo ser proibida de fazer discursos e de usar a palavra em plenário*”.

A partir daí, o repórter passa a construir a narrativa sobre imagens que contam o texto para o telespectador, que passa a ter suas próprias impressões visuais. No conteúdo do texto em off, o repórter enfatiza as conseqüências do ato da deputada, “*O silêncio imposto à deputada pode chegar a até trinta dias, mas ela já foi punida e deve ser afastada imediatamente das atividades do conselho de ética, e vai perder o posto de relatora do processo contra o ex-líder do PP, José Janene, o mais atrasado até agora*”. Ele continua a narrativa com dados novos referentes aquele dia, “*Nesta quinta feira, Ângela Guadagnin faltou à sessão que aprovou o parecer favorável à cassação do deputado José Mentor, colega dela no PT paulista*”. E completa o sentido de suas afirmações lembrando o comportamento da deputada que votou a favor dos acusados, e chama a citada para se

pronunciar através da entrevista, dando ênfase a sua argumentação, *“A deputada que defendeu a maioria dos envolvidos no mensalão diz que é vítima de perseguição política”*. Nas imagens, a deputada é apresentada em close, expondo sua expressão fatigada e com ar de arrependimento, *“Se alguém se ofendeu com isso eu já pedi desculpa, agora não vou fazer mais porquê o destaque que está sendo dado é muito maior do que a gravidade do fato”*.

- **Nível valorativo:**

A deputada Ângela Guadagnin (PT-SP), que fez a "dancinha da pizza" durante a votação da cassação do deputado João Magno, protagonizou um dos episódios mais desastrosos da política brasileira, e o fato foi dado como grave pela esfera política, e amplamente divulgado pela mídia. Na matéria analisada, a narrativa trouxe as conseqüências do episódio para a deputada, passando para o telespectador a sensação de que alguma justiça foi feita.

No início, o âncora já assume para o telespectador uma postura adversa ao ato da deputada, afirmando que ela dançou no plenário da câmara e que por isso vai ser punida.

A representação videográfica do significado da palavra escárnio deixou claro para o telespectador como foi encarada a atitude da deputada pela classe política, e o texto em off reforça que ainda pode haver maiores conseqüências, como um processo de cassação. A representação videográfica da palavra e da sua definição no dicionário pode ter reforçado a idéia de desrespeito e descaso da deputada para com os eleitores, visto que tem um significado negativo e desabonador.

A construção narrativa está baseada em imagens que rememoram as condições reais do fato, a dança, uma sessão do conselho de ética, e a figura da deputada. E também no texto do repórter, que completa o efeito de sentido indicando através de advérbios temporais a rapidez do congresso em punir a deputada.

No final da reportagem, foi dado a deputada o direito de se defender das acusações através de entrevista. O que pode indicar que houve a preocupação por parte do telejornal de completar o efeito de sentido da notícia para o telespectador, ouvindo a opinião do principal citado. É importante ressaltar que esta entrevista é a única vez que a deputada aparece em um telejornal para se defender após o episódio.

No entanto, podemos dizer que a entrevista vem apenas corroborar com a intenção comunicativa do telejornal de mostrar as conseqüências negativas do ato para a deputada quando o repórter diz para o telespectador que ela acha estar sendo vítima de uma perseguição política antes da exibição da entrevista, ou seja, a declaração da deputada já vem classificada.

Foi mostrado um fragmento da entrevista onde a deputada disse que não pretendia agredir os eleitores com sua manifestação de alegria, diz que já pediu desculpas às pessoas pela sua atitude, mas que não se reportaria mais ao fato por acreditar que o destaque dado foi exagerado. Podemos ver ela não se refere claramente à cobertura midiática, e também não se posiciona contra as punições estabelecidas pelo Conselho de Ética. Mas, ao contextualizarmos a declaração, observamos que a deputada quis referir-se ao destaque que estava sendo dado ao fato pela mídia, e não pela classe política. Logo, a afirmação do repórter, anterior à exibição da entrevista pode ter direcionado o sentido da declaração da deputada para o sentido de perseguição política, e não a midiática.

- **Matéria 2: Repercussões do episódio "dança da pizza", Band, 05/04/2006.**

Âncora, em plano fechado, de pé, com uma tela de plasma exibindo a marca do telejornal ao fundo.

Há algumas semanas no plenário da Câmara dos deputados, a pizza vem sendo servida, e sempre do mesmo sabor! O sabor indigesto da impunidade!

Imagens da entrevista do analista legislativo, Carlos Henrique Matos.

Ela parece indigesta!

Repórter, em off, sobre imagens (1) do plenário da câmara em atividade com a legenda “fatias de pizza em Brasília”; (2) imagens de arquivo da “dança da pizza”; (3) imagens da defesa de João Paulo Cunha no plenário da Câmara; (4) imagens das atividades do Conselho.

Para o povo parece indigesta, mas para quem escapou da cassação, ou ajudou a servir a pizza, o gosto é doce. A absolvição de João Paulo Cunha, acusado de receber cinqüenta mil reais do valerioduto caiu como uma bomba no conselho de ética. Nove integrantes do Conselho ameaçaram renunciar à vaga.

Imagens do pronunciamento do deputado Carlos Sampaio-PSDB na sessão do conselho, com a legenda “fatias de pizza em Brasília”.

É uma indignação acumulada por perceber que o conselho de ética se pauta por uma análise investigativa, enquanto o plenário, muitas vezes, acaba por decidir em razão da biografia ou do relacionamento com o acusado.

Repórter, em off, com imagens da sessão do conselho com a legenda “fatias de pizza em Brasília”.

Mas apenas quatro deputados realmente abandonaram o conselho por enquanto. O restante vai esperar até o dia dezoito, quando vai à votação o processo de outro mensaleiro, o deputado Vadão Gomes.

Repórter, em plano aberto, nos corredores do congresso. Ao fundo o telão que exibe as imagens da plenária da Câmara, com a legenda “fatias de pizza em Brasília”.

Mas a pizza que não sai da cabeça dos deputados também está dando lucro para alguns departamentos aqui do Congresso.

Repórter movimentando-se pelos corredores, seguido pela câmera, para mostrar imagens da lanchonete do congresso, com a legenda “fatias de pizza em Brasília”.

De um tempo pra cá, as lanchonetes da Câmara e do Senado precisaram até de um reforço na cozinha. E adivinha por que?

Repórter, em entrevista com a dona da lanchonete.

O que mais sai?

Imagens da entrevista.

Pizza!

Repórter, em off, sobre imagens de um deputado comendo pizza, com a legenda “fatias de pizza em Brasília”

E não é que até os deputados do conselho de ética provaram um pedacinho!

Entrevista com o deputado Chico Alencar-PSOL, com a legenda “fatias de pizza em Brasília”

Essa aqui é uma excelente cozinheira! Essa outra pizza metafórica aí, tão bem representada pela deputada Ângela Guadagnin na semana passada, é o corporativismo, o voto secreto!

Repórter, em off, sobre imagens de uma fatia de pizza, com a legenda “fatias de pizza em Brasília”

A quem o senhor dedica essa pizza?

Imagens da entrevista com o deputado Ricardo Izar-PSDB, presidente do Conselho de Ética.

Eu dedico ao voto secreto! Você salva o meu que eu salvo o teu e assim por diante (...)

Repórter, em off, com imagens de pessoas comendo fatias de pizza.

Por enquanto, só o caixa da pizzeria agradece...De Brasília Eduardo Ribeiro para o jornal da Noite.

- **Nível textual**

- Discurso de abertura do ancora sobre a impunidade no Congresso Nacional;
- Entrevista com o analista legislativo Henrique Matos;
- Informações sobre a absolvição do deputado Luis Paulo Cunha- PT;
- Imagens do pronunciamento do deputado Carlos Sampaio – PSDB;
- Informações sobre a saída de deputados do Conselho de Ética da Câmara;
- Informações sobre a demanda por fatias de pizza nas lanchonetes do Congresso;
- Entrevista com o deputado Chico Alencar – PSOL.

- **Nível discursivo**

O âncora começa anunciando o fato pra o telespectador de forma enfática, “Há algumas semanas no plenário da Câmara dos deputados, a pizza vem sendo servida, e sempre do mesmo sabor! O sabor indigesto da impunidade!”. Essas afirmações revelam a posição de descontentamento e ironia do âncora ao referir-se à notícia. A metáfora da “pizza” já é conhecida do telespectador, e seu uso caracteriza a falta de resultados, a impunidade, o acordo tácito entre os políticos de não punir seus pares. Em seguida, a afirmação do âncora é confirmada pelo depoimento de um cidadão, que concorda, “Ela parece indigesta!”.

O repórter começa falando em off sobre a seqüência de imagens que estruturam a narrativa, “*Para o povo parece indigesta, mas para quem escapou da cassação, ou ajudou a servir a pizza, o gosto é doce*. Aqui são exibidas imagens do plenário com a legenda “fatias de pizza” e trechos da “dança da pizza” protagonizada pela deputada Ângela Guadagnin semanas antes, ligando a metáfora ao contexto real. “*A absolvição de João Paulo Cunha, acusado de receber cinqüenta mil reais do valerioduto caiu como uma bomba no conselho de ética. Nove integrantes do Conselho ameaçaram renunciar à vaga*. Aqui, o repórter revela o conteúdo principal da notícia sobre imagens do acontecimento, a sessão de absolvição do deputado. E completa seu sentido enfatizando para o telespectador as repercussões da absolvição através das imagens do pronunciamento do deputado Carlos Sampaio-PSDB na sessão do Conselho de Ética, “*É uma indignação acumulada por perceber que o conselho de ética se pauta por uma análise investigativa, enquanto o plenário, muitas vezes, acaba por decidir em razão da biografia ou do relacionamento com o acusado*”. A última afirmação do repórter coloca para o telespectador que ainda não foi o fim do conselho, “*Mas apenas quatro deputados realmente abandonaram o conselho por enquanto. O restante vai esperar até o dia dezoito, quando vai à votação o processo de outro mensaleiro, o deputado Vadão Gomes*”.

A narrativa prossegue mudando seu enfoque para uma coincidência do fato, “*Mas a pizza que não sai da cabeça dos deputados também está dando lucro para alguns departamentos aqui do Congresso*”. O repórter aparece em imagens de uma das lanchonetes dentro do congresso para mostrar ao telespectador a demanda intensa dos clientes que, mesmo contra a absolvição dos deputados acusados, ainda sim, preferem comer pizza, “*De um tempo pra cá, as lanchonetes da Câmara e do Senado precisaram até de um reforço na cozinha. E adivinha por que?*”. A resposta vem na declaração da dona da lanchonete que afirma quando o repórter pergunta, *O que mais sai?, Pizza!*.

O status da coincidência é confirmado pelo repórter que enfatiza o interesse até dos deputados, “*E não é que até os deputados do conselho de ética provaram um pedacinho!*”. Nas imagens seguintes, o deputado Chico Alencar-PSOL estabelece para o telespectador a

relação entre o acontecimento e a coincidência declarando em entrevista que, “*Essa aqui é uma excelente cozinheira! Essa outra pizza metafórica aí, tão bem representada pela deputada Ângela Guadagnin na semana passada, é o corporativismo, o voto secreto”.* O repórter reforça o clima de ironia e pergunta, “*A quem o senhor dedica essa pizza?*”, na resposta, o deputado confirma a relação entre a absolvição de mais um deputado acusado e a pizza metafórica da impunidade, *Eu dedico ao voto secreto! Você salva o meu que eu salvo o teu e assim por diante!*”.

O repórter finaliza a matéria ironizando mais uma vez, mostrando imagens de pessoas comendo fatias de pizza no balcão da lanchonete, “*Por enquanto, só o caixa da pizzeria agradece... De Brasília Eduardo Ribeiro para o jornal da Noite*”.

- **Nível valorativo:**

A reportagem apresenta indícios valorativos dentro da construção narrativa, que está baseada no lado irônico do fato. A metáfora da pizza para representar a impunidade no Congresso deixa claro o posicionamento do telejornal, que condena a atitude dos deputados que votaram à favor da absolvição de João Paulo Cunha, e denuncia o corporativismo dos parlamentares que foram contra as outras recomendações de cassação dos acusados de envolvimento no mensalão feitas pelo conselho de ética do congresso.

O âncora faz questão de demonstrar a posição do telejornal através de sua postura, veemente e enfática, ao anunciar o fato. O conteúdo de seu discurso parece suscitar a revolta, a indignação do cidadão, que mais uma vez, foi vítima da falta de ética dos parlamentares. A palavra impunidade antecipa para o telespectador o ângulo explorado na notícia.

O fato em si é repercussão da absolvição de mais um deputado pela assembléia da câmara, que votou contra a cassação do ex-presidente do PT. A reação dos deputados do Conselho de ética foi trazida na narrativa do repórter, e nas imagens do depoimento do deputado Carlos Sampaio-PSDB. É nesse trecho da reportagem que fica claro para o telespectador a insatisfação de alguns deputados com o resultado dos processos de cassação, e que nada está sendo feito para punir os envolvidos no escândalo do mensalão investigado pela CPI dos Correios.

Daí em diante, a reportagem toma um rumo inusitado. A narrativa passa a enfatizar com ironia a coincidência entre a absolvição de mais um “deputado mensaleiro” e o aumento da venda de fatias de pizza nas lanchonetes do Congresso. A mudança do enfoque parece acidental, mas na realidade, desvia o efeito de sentido do discurso para o clima da

informalidade. O que reforça esse estilo como um dos estilos utilizados pelos telejornais no tratamento dos acontecimentos sobre política.

• **Matéria 3: Repercussões do episódio "dança da pizza", SBT, 05/04/2006.**

Âncora, em plano fechado, sentado na bancada do telejornal. Ao lado a logomarca que representa o Congresso Nacional.

Cinco deputados abandonam o conselho de ética depois da absolvição do ex-presidente da câmara João Paulo Cunha! E a aprovação do relatório da CPI dos Correios também teve o seu day-after. O senador petista Delcídio Amaral, que presidiu os trabalhos, agora está sendo atacado pelos companheiros de partido. Será que os deputados resolveram desistir de caçar mensaleiros? Já que absolutamente nada acontece! O Conselho recomenda a cassação, mas o Congresso absolve. Será que são só eles que estão sendo passados pra trás?

Repórter em off sobre seqüência de imagens, (1) sessão da CPI, onde o deputado Delcídio Amaral está sentado ao lado do relator Osmar Serraglio; (2) parlamentares circulando desordenadamente pela sala; (3) em meio ao tumulto do fim da sessão, alguém ofende o deputado em voz alta e as palavras são colocadas na tela em lettering: Judas! Cretino! Vagabundo! ; (4) a câmera perde o foco; (5) imagens do deputado Delcídio Amaral; (6) imagens do deputado Jorge Bitar; (7) imagens da reunião da bancada do PT (8) imagens do deputado Jorge Bitar em entrevista;

Para a oposição, Delcídio Amaral teve uma conduta ativa até o último instante da CPI dos Correios. Mas por causa dos próprios companheiros de partido, o senador foi dormir de cabeça cheia. Logo cedo, o deputado fez uma representação contra Jorge Bitar pelas ofensas. Mas a companheirada ainda vai dar mais dor de cabeça ao senador. A bancada do PT na CPI dos Correios encaminhou a mesa do senado o pedido para anular a votação do relatório.

Deputado José Eduardo Cardoso-PT em entrevista coletiva.

Não aceitamos que através de uma situação regimentar indevida fatos apurados e provas emitidas não sejam investigados por quem tem que investigar.

Imagens da declaração do senador Delcídio Amaral na sessão da CPI dos Correios daquele dia.

Eu não sei se seria um tiro definitivo, não só no partido, mas também... É... Um tiro em outras pessoas. É o tiro no pé! O famoso.

Repórter, em off, sobre (1) imagens de arquivo da "dança da pizza"; (2) imagens da sessão do Conselho de Ética; (3) imagens de arquivo do deputado João Paulo Cunha.

A ressaca do dia em que o Congresso atestou o "mensalão", mas absolveu um dos deputados mais envolvidos no escândalo também se abateu sobre o Conselho de Ética da Câmara. Para cinco integrantes do órgão, o salvo conduto dado ao petista João Paulo Cunha foi demais! O quinteto desistiu de continuar propondo cassações e ser derrotado em plenário.

Entrevista com o deputado Júlio Delgado-PSB, em close, nos corredores do congresso.

Eu não vou fazer parte de um jogo encenatório fazendo o papel de bobo.

Entrevista com o deputado César Schimmer – PMDB, em close, em uma das salas do congresso.

Eu só espero que o povo faça justiça na próxima eleição. Voto branco e nulo não resolve!

Repórter, em plano fechado, em frente ao congresso.

E será desse jeito, desanimado, desacreditado e repleto de suplentes que o conselho irá para os últimos três processos do “mensalão”, os dos petistas José Janene e Vadão Gomes, e do pefelista Ônix Lorenzoni. Este último não por ter participado do valerioduto, mas por ter se exaltado numa sessão da CPI. A deputada Ângela Guadagnin já foi oficialmente afastada e punida pelo Conselho depois de ter dançado no plenário para comemorar a absolvição de um deputado mensaleiro do PT, mesmo assim, deixou sua suplente encarregada de continuar votando contra nos processos de cassação. Alessandra de Castro de Brasília para o Jornal do SBT.

- **Nível textual**

- Discurso de abertura do âncora com informações sobre a saída de deputados do Conselho de ética da Câmara, e a ofensa contra deputado Delcídio Amaral – PT, proferida por companheiros de partido;

- Imagens do deputado Jorge Bitar – PT, gritando ofensas contra Delcídio Amaral;

- Imagens da entrevista coletiva com o deputado José Eduardo Cardoso;

- Imagens da declaração do deputado Delcídio Amaral na sessão da CPI dos Correios;

- Informações sobre a absolvição do deputado João Paulo Cunha - PT;

- Considerações sobre o futuro do Conselho de Ética em relação ao andamento dos últimos três processos de cassação.

- **Nível discursivo:**

A reportagem começa com o âncora na bancada do telejornal. Em seu discurso de abertura, ele anuncia vários acontecimentos políticos do dia, em forma de resumo. Ele inicia dizendo, “*Cinco deputados abandonam o conselho de ética depois da absolvição do ex-presidente da câmara João Paulo Cunha!*”. Em seguida, passa a relatar sobre o segundo acontecimento, “*E a aprovação do relatório da CPI dos Correios também teve o seu day after. O senador petista Delcídio Amaral, que presidiu os trabalhos, agora está sendo atacado pelos companheiros de partido.*”. E termina revelando seu posicionamento, *Será que os deputados resolveram desistir de caçar mensaleiros? Já que absolutamente nada acontece! O Conselho recomenda a cassação, mas o Congresso absolve. Será que são só eles que estão sendo passados pra trás?* Aqui, o âncora representa o papel de porta-voz revelando a opinião do telejornal, e questionando a própria notícia. Os questionamentos do âncora

suscitam no telespectador o processo reflexivo, e sugerem um certo efeito de sentido ao concluir de forma irônica que não são apenas os deputados do conselho de ética que estão sendo passados para trás com as absolvições dos acusados.

O repórter inicia sua participação na construção narrativa com seu texto em off sobre uma seqüência de imagens que contam o fato para o telespectador. As imagens começam a exibir a movimentação dos parlamentares na sessão da CPI, Para a oposição, Delcídio Amaral teve uma conduta altiva até o último instante da CPI dos Correios. Mas por causa dos próprios companheiros de partido, o senador foi dormir de cabeça cheia. Na seqüência das imagens, ouve-se uma voz gritando, e lê-se as palavras em lettering na tela: Judas! Cretino! Vagabundo! Em off, o repórter completa a mensagem revelando o autor dos gritos, “Logo cedo, o deputado fez uma representação contra Jorge Bitar pelas ofensas. Mas a companheirada ainda vai dar mais dor de cabeça ao senador”. A narrativa continua através das imagens, que passam a mostrar a reunião dos membros da bancada do PT na CPI dos Correios, com o texto em off, “Mas a companheirada ainda vai dar mais dor de cabeça ao senador. A bancada do PT na CPI dos Correios encaminhou a mesa do senado o pedido para anular a votação do relatório”. A entrevista coletiva do deputado José Eduardo Cardoso-PT esclarece para o telespectador as intenções da bancada, “Não aceitamos que através de uma situação regimentar indevida, fatos apurados e provas emitidas não sejam investigados por quem tem que investigar”. No fragmento da entrevista, o deputado quis dizer que era contra o encerramento da votação do relatório pelo presidente da CPI, senador Delcídio Amaral, que impediu a reabertura da sessão. Essa atitude demonstrou para o deputado uma situação regimentar indevida, que baseou o encaminhamento da proposta. Para o telespectador não fica muito claro do que se trata. Em seguida, é mostrada a declaração do senador Delcídio Amaral, que coloca sua opinião sobre a proposta de anulação da votação pedido pelo PT, “Eu não sei se seria um tiro definitivo, não só no partido, mas também... É... Um tiro em outras pessoas. É o tiro no pé! O famoso”.

Aqui, a narrativa passa a relatar sobre outro acontecimento, a renúncia dos deputados no conselho de ética. As imagens rememoram a dança da pizza e a defesa do deputado João Cunha na plenária da câmara completando as informações do repórter em off, “A ressaca do dia em que o Congresso atestou o “mensalão”, mas absolveu um dos deputados mais envolvidos no escândalo também se abateu sobre o Conselho de Ética da Câmara. Para cinco integrantes do órgão, o salvo conduto dado ao petista João Paulo Cunha foi demais! O quinteto desistiu de continuar propondo cassações e ser derrotado em plenário. O repórter enfatiza para o telespectador que os cinco deputados renunciaram por conta da absolvição de

mais um deputado acusado de receber o mensalão, e reforça que a desistência foi baseada nas derrotas do conselho no plenário da câmara. As entrevistas seguintes reforçam a perspectiva oferecida pelo telespectador na narrativa, o deputado Júlio Delgado-PSB, em close, nos corredores do congresso desabafa, “Eu não vou fazer parte de um jogo encenatório fazendo o papel de bobo”. E o deputado César Schimmer-PMDB pede, “Eu só espero que o povo faça justiça na próxima eleição. Voto branco e nulo não resolve!”.

O repórter aparece em frente ao Congresso Nacional, colocando sua conclusão para o telespectador, “E será desse jeito, desanimado, desacreditado e repleto de suplentes que o conselho irá para os últimos três processos do “mensalão”, informando os processos que ainda faltam, os dos petistas José Janene e Vadão Gomes, e do pefelista Ônix Lorenzoni. Este último não por ter participado do valerioduto, mas por ter se exaltado numa sessão da CPI”, e por fim revela mais um detalhe importante para o telespectador encerrando a narrativa, “A deputada Ângela Guadagnin já foi oficialmente afastada e punida pelo Conselho depois de ter dançado no plenário para comemorar a absolvição de um deputado mensaleiro do PT. Mesmo assim, deixou sua suplente encarregada de continuar votando contra nos processos de cassação. Alessandra de Castro de Brasília para o Jornal do SBT.

- **Nível valorativo:**

O telejornal oferece ao telespectador uma narrativa triangular, com os detalhes de três acontecimentos interligados por suas repercussões. A construção narrativa procura fazer o percurso dos acontecimentos durante o dia do congresso, mostrando o que aconteceu naquele dia, as imagens das práticas políticas envolvidas em cada um dos fatos, e suas conseqüências. A reportagem traz para o telespectador as repercussões da absolvição do deputado João Paulo Cunha no Conselho de Ética da Câmara, as agressões verbais o contra o senador Delcídio Amaral, e a tentativa da bancada do PT de cancelar a sessão que aprovou o relatório final da CPI dos Correios. Todos esses acontecimentos foram relatados em uma mesma matéria, confirmando a característica englobante do enunciado telejornalístico ao tratar dos acontecimentos políticos.

O âncora do telejornal reafirma sua postura representativa. Seu discurso de abertura realiza três operações estratégicas dentro do discurso: informa, questiona, reflete e conclui. O que mostra claramente a intenção de comunicar o acontecimento, e fazer o telespectador refletir em seguida. A pergunta final do âncora revela a ironia com que o telejornal tratou o acontecimento, e seu interesse em provocar o receptor para refletir sobre o conteúdo que será informado.

As imagens representam seu papel de testemunha do real, e ajudam o repórter a construir a estrutura narrativa a partir de seu conteúdo. O texto faz parte da narrativa como norteador e fornecedor de detalhes. Porém, são as imagens e as entrevistas que compõe a maior parte do conteúdo significativo da matéria.

Os fragmentos de declarações, e as entrevistas fazem parte da versão dos fatos fornecida pelo campo político. Ou seja, o telejornal reserva uma parte da narrativa para ser preenchida pelos atores dos acontecimentos. No caso dessa reportagem, os políticos entrevistados reforçaram a imagem de impunidade e de falta de compromisso da classe parlamentar com a opinião pública, deixando claro em suas declarações que grande parte dos deputados não está interessado em fazer justiça absolvendo mais um deputado acusado de receber dinheiro do mensalão. Alguns deles chegaram à abdicar de suas funções no Conselho de Ética por não acreditarem na punição dos envolvidos.

O repórter consegue interligar os três acontecimentos anunciados pelo âncora através dos detalhes. Em momentos da narrativa, o repórter julga com tom de reprovação o comportamento dos deputados do PT em relação ao senador Delcídio Amaral, quando diz que a *“companheirada ainda vai dar mais dor de cabeça ao senador”*. E deixa claro para o receptor que a renúncia dos deputados do conselho de ética é consequência da absolvição de João Paulo Cunhas e de outros deputados acusados, ao afirmar que *o salvo conduto dado ao petista João Paulo Cunha foi demais!*. O desfecho baseado em previsões negativas sobre o futuro do Conselho de Ética, reforça mais uma vez a intenção comunicativa da reportagem de mostrar ao telespectador que os deputados acusados no escândalo do mensalão não estão perdendo seus mandatos, principalmente com a ajuda dos integrantes do PT, como a deputada Ângela Guadagnin, e que na sua maioria, foram absolvidos pelo Congresso.

4.12 Microdrama 12: Pesquisas de cenário e de opinião – IBOPE e DATAFOLHA

- **Resumo**

Há um longo e não resolvido debate sobre qual é o efeito real das pesquisas de intenção de voto na evolução das disputas eleitorais. Alguns países, como o Brasil, buscam fiscalizar as condições técnicas de realização das pesquisas. Outros proíbem a divulgação de resultados na proximidade das eleições. O que é necessário que se faça, todavia, é uma análise crítica da divulgação dos resultados pela mídia.

Supondo que os resultados estejam sempre corretos, isto é, dentro da margem de erro com que cada instituto de pesquisa opera, resta uma enorme possibilidade de *enquadramentos* na divulgação dos resultados, mesmo sem que, necessariamente, se abandone a verdade. Haverá sempre a possibilidade de que a divulgação privilegie um determinado índice dos resultados que favorece um candidato e prejudique outro, ou indique "quedas" e/ou "subidas" e/ou a configuração de "tendências" que estão dentro das margens de erro e, portanto, podem não ter de fato acontecido.

Em períodos eleitorais, mais do que em outros, é necessário não se esquecer que jornalistas e grupos de mídia têm interesses e preferências políticas e que esses interesses nem sempre conseguem ficar fora da cobertura que fazem. O melhor seria que esses interesses fossem claramente explicitados. Como não são, perdem os leitores / ouvintes / telespectadores / internautas que recebem uma informação politicamente contaminada como se fosse correta e isenta.

As matérias selecionadas nesta pesquisa mostram os diferentes enquadramentos e destaques dados pelas emissoras pesquisadas às pesquisas de cenário e intenção de voto realizadas por diferentes institutos de pesquisa, abordando a questão absoluta dos percentuais de cada pré-candidato, e fazendo a relação dos resultados com seus respectivos cenários políticos eleitorais. O que revela um ângulo interessante para a comparação entre os processos de construção discursiva dos telejornais pesquisados, e de forma mais abrangente, sobre o papel que a mídia desempenha em todo o processo eleitoral.

- **Transcrição das matérias e níveis analíticos**
- **Matéria 1: Pesquisa Ibope dá vitória a Geraldo Alckmin em SP e nova pesquisa Datafolha, Band, 06/04/2006**

Âncora em plano americano, com a logomarca do jornal ao fundo.

Estamos de volta com o nosso jornal da noite. Se as eleições fossem hoje, os candidatos do PSDB venceriam tanto para a presidência como para o governo de SP. É o que mostra uma pesquisa do IBOPE.

Repórter, em off, com imagens videográficas exibindo os números da pesquisa

O tucano José Serra tem 51% das intenções de voto. Martha Suplicy do Pt tem 17. Se o adversário de Serra fosse Aluísio Mercadante, também do PT, o tucano teria 57% contra 8% do senador. Na disputa com o ex-governador Orestes Quéricia do PMDB, a vantagem de Serra seria de 55% a 11. O IBOPE também perguntou aos eleitores paulistas em quem eles pretendem votar para presidente da República. O candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, que em fevereiro aparecia com 32%, agora tem 46% das intenções de voto. Lula caiu de 32 para 28%. A pesquisa

do IBOPE ouviu 1204 eleitores em 63 municípios do estado de SP, entre os dias 1º e 3 de abril.

Âncora em plano americano, com a logomarca do jornal ao fundo.

E daqui a pouquinho no nosso telejornal da Noite, o ex-presidente FHC comenta os resultados desta pesquisa. E uma nova deve ser divulgada nos próximos dias. Fernando Mitre tem mais informações.

Comentarista, em off, com imagens de eleitores votando em urnas eletrônicas.

Vem ai mais uma pesquisa nacional DATAFOLHA. O trabalho de campo começou nesta quinta-feira, e o resultado será divulgado no fim de semana.

Comentarista, em off, com imagens dos citados.

E acompanham algumas questões específicas sobre a influência da crise Palocci e a quebra do sigilo do caseiro na imagem do presidente Lula. Pode não ser tão grande com a oposição diz que espera.

Comentarista, em off, com imagens videográficas exibindo os números da pesquisa

A subida de Geraldo Alckmin em São Paulo em relação à Lula, como mostrou o IBOPE, se explica por várias razões...

Comentarista, em off, com imagens de Geraldo Alckmin

A começar pelo fato de que Alckmin já tinha excelente condição de estado, e vinha melhorando desde que anunciou a candidatura.

Comentarista em plano fechado com estúdio ao fundo.

È claro que o quadro nacional é outro. Um dos planos da oposição, para não dizer sonho, é recriar o ambiente do auge da crise do mensalão em dezembro passado, quando Alckmin chegou a empatar com Lula numa pesquisa nacional. Neste momento, hoje, os benefícios sociais aparecem mais para o eleitorado do que a questão ética. Mas é cedo pra dizer, como alguns afirmam, que a lembrança do mensalão já esta indo embora. Assim como e excesso de otimismo oposicionista na recriação fácil do clima de dezembro. Como diz o diretor da DATAFOLHA, Mauro Paulino, com quem conversei hoje, o PT vai responder, vai atacar. E num clima de chumbo trocado, fica tudo muito mais confuso. Cabrini!

Âncora em plano aberto, de pé em frente à câmera dividindo o ângulo com a marca do telejornal ao fundo.

Até agora meu caro Mitre, o presidente Lula tem se mostrado à prova dos desmandos do PT. Até quando vai persistir assim?

Âncora em plano fechado.

O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso participou agora a pouco de um evento em São Paulo. Ele falou sobre as pesquisas, e como sempre, criticou a oposição.

Imagens de FHC em close, discursando em um evento na FIESP. A legenda diz Fernando Henrique Cardos, ex-presidente da República.

Mas está ai havendo uma tendência, quer dizer já existia, do Serra ganhar a eleição pra governador em são Paulo. E do Geraldo ter uma votação maior que do presidente Lula em São Paulo, é indicador de que eles dois foram bons dirigentes, e tem o reconhecimento da população de educados e de não educados. O que tem acontecido no Brasil em vários momentos não e uma questão de mais educação menos educação. E questão de comportamento, e isso têm haver não

com a...com a...educação. Tem muita gente muito educada que é corrupta. Não se esqueçam que Hitler sobreviveu no país mais educado do mundo.

Âncora em plano fechado.

Campanha eleitoral com toda certeza!!

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora afirmando que os candidatos do PDB ganhariam se as eleições fossem hoje;
- informações sobre os números da pesquisa do IBOPE;
- videografismo representando os números da pesquisa;
- discurso do âncora sobre a opinião de Fernando Henrique Cardoso em relação à pesquisa;
- comentários e análises sobre os números da pesquisa e o contexto da pré-campanha.

- **Nível discursivo**

O âncora chama a atenção do telespectador para a continuação do telejornal, e anuncia a próxima notícia, “Estamos de volta com o nosso jornal da noite. Se as eleições fossem hoje, os candidatos do PSDB venceriam tanto para a presidência como para o governo de SP. É o que mostra uma pesquisa do IBOPE”. O âncora afirma uma expectativa positiva para o candidatos do PSDB, baseando-se nos números da pesquisa.

Logo em seguida, o repórter assume a narrativa para revelar os números da pesquisa para governador de São Paulo, “O tucano José Serra tem 51% das intenções de voto. Martha Suplicy do Pt tem 17. Se o adversário de Serra fosse Aluísio Mercadante, também do PT, o tucano teria 57% contra 8% do senador. Na disputa com o ex-governador Orestes Quécia do PMDB, a vantagem de Serra seria de 55% a 11”. Depois, o resultado dos números para a presidência, “O IBOPE também perguntou aos eleitores paulistas em quem eles pretendem votar para presidente da República. O candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, que em fevereiro aparecia com 32%, agora tem 46% das intenções de voto. Lula caiu de 32 para 28%”. E por fim, ele coloca alguns dados técnicos sobre a pesquisa, “A pesquisa do IBOPE ouviu 1204 eleitores em 63 municípios do estado de SP, entre os dias 1º e 3 de abril”.

As imagens videográficas representam os números da pesquisa com gráficos, enquanto repórter explica em off o quadro da disputa eleitoral para o governo de São Paulo, em que todos os resultados aparecem favoráveis à José Serra. Em seguida, são representados os números para a presidência da república, sendo que aqui, o repórter complementa a

informação fazendo um retrospecto dos números de pesquisas anteriores de cada candidato, enfatizando o crescimento de Geraldo Alckmin e a queda de Lula.

O âncora reassume a narrativa para evocar novamente a atenção do telespectador para anunciar os comentários de do ex-presidente FHC sobre os números da pesquisa, “*E daqui a pouquinho no nosso telejornal da Noite, o ex-presidente FHC comenta os resultados desta pesquisa.* E adianta que, “*E uma nova deve ser divulgada nos próximos dias. Fernando Mitre tem mais informações.* O âncora usa de seu personagem de narrador e articulador para pedir mais uma vez a atenção do telespetador, e articula um novo ângulo da reportagem ligado à revelação sobre a expectativa de divulgação de mais uma pesquisa.

O comentarista da emissora assume a narrativa. E usa imagens de arquivo sobre o comportamento do eleitor para ilustrar o comentário. Ele começa revelando, “*Vem ai mais uma pesquisa nacional DATAFOLHA. O trabalho de campo começou nesta quinta-feira, e o resultado será divulgado no fim de semana*”. Ele usa imagens de arquivo para rememorar o telespectador sobre os personagens que são citados, e pede, “*E acompanham algumas questões específicas sobre a influência da crise Palocci e a quebra do sigilo do caseiro na imagem do presidente Lula. Pode não ser tão grande como a oposição diz que espera*”. Aqui, o comentarista avisa ao eleitor da possibilidade dos resultados não serem os esperados pela oposição, e indiciando o favorecimento de Lula. Ele continua, dirigindo o comentário para a situação de Alckmin, “*A subida de Geraldo Alckmin em São Paulo em relação à Lula, como mostrou o IBOPE, se explica por várias razões....* Ele legitima a posição vencedora da Alckmin, enfatizando sua imagem de bom administrador, “*A começar pelo fato de que Alckmin já tinha excelente condição de estado, e vinha melhorando desde que anunciou a candidatura*”. Em seguida, ele parte para uma análise mais abrangente, colocando as perspectivas da oposição, “*È claro que o quadro nacional é outro. Um dos planos da oposição, para não dizer sonho, é recriar o ambiente do auge da crise do mensalão em dezembro passado, quando Alckmin chegou a empatar com Lula numa pesquisa nacional.* E depois, ressalta para o telespectador sua opinião, “*Neste momento, hoje, os benefícios sociais aparecem mais para o eleitorado do que a questão ética. Mas é cedo pra dizer, como alguns afirmam, que a lembrança do mensalão já esta indo embora. Assim como é excesso de otimismo oposicionista na recriação fácil do clima de dezembro*”. E cita a opinião de um especialista para reforçar a própria posição, “*Como diz o diretor da DATAFOLHA, Mauro Paulino, com quem conversei hoje, o PT vai responder, vai atacar. E num clima de chumbo trocado, fica tudo muito mais confuso. Cabrini!*”.

O comentarista evoca o âncora para repassar o comando da narrativa. Ele retoma com uma pergunta capciosa, *“Até agora meu caro Mitre, o presidente Lula tem se mostrado à prova dos desmandos do PT. Até quando vai persistir assim?”* A pergunta desfavorece o presidente Lula como candidato no momento em que o âncora pressupõe para o telespectador que ele também deveria sofrer punições por causa da má conduta de seu partido. Ele emenda para o segundo enfoque da reportagem, *“O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso participou agora a pouco de um evento em São Paulo. Ele falou sobre as pesquisas, e como sempre, criticou a oposição”*. As imagens introduzem a opinião do ex-presidente Fernando Henrique através de um fragmento de seu discurso em um evento na FIESP, *“Mas está aí havendo uma tendência, quer dizer já existia, do Serra ganhar a eleição pra governador em São Paulo. E do Geraldo ter uma votação maior que do presidente Lula em São Paulo, é indicador de que eles dois foram bons dirigentes, e tem o reconhecimento da população de educados e de não educados. O que tem acontecido no Brasil em vários momentos não é uma questão de mais educação menos educação. É questão de comportamento, e isso têm haver não com a...com a...educação. Tem muita gente muito educada que é corrupta. Não se esqueçam que Hitler sobreviveu no país mais educado do mundo”*. O fragmento de discurso está sem cortes ou edições, revelando praticamente na íntegra a posição de Fernando Henrique diante dos bons resultados na pesquisa para os tucanos. O que, segundo o ex-presidente é reflexo da competência dos dois candidatos no que se refere à administração pública. O âncora faz o comentário final para o telespectador, *“Campanha eleitoral com toda certeza!!”*

- **Nível valorativo**

O telejornal constrói uma narrativa rica de ângulos, aproveitando todas as repercussões da divulgação da pesquisa que favoreceu os tucanos, dando a entender que a oposição ainda poderia derrotar Lula nas eleições, já que mais um escândalo envolvendo um dos líderes políticos do PT - o então ministro da fazenda Antônio Palocci - abalava o governo.

A narrativa enfatiza várias vezes para o telespectador a condição favorável dos tucanos revelada pelos números da pesquisa do IBOPE.

Primeiramente, o âncora trabalha em seu discurso de abertura para articular vários ângulos em torno dessa premissa. Ele apresenta os resultados da pesquisa anunciando a vitória dos candidatos do PSDB. Em sua outra intervenção, polemiza a ligação do presidente Lula com o ex-ministro Palocci, que “teoricamente” foi responsável pelo último “desmando do PT”, a quebra do sigilo do “caseiro” Francenildo Costa. Depois apresenta a declaração de

Fernando Henrique na íntegra, sem cortes ou edições. O espaço dado ao discurso do ex-presidente demonstra a intenção da emissora em privilegiar a opinião do PSDB.

Em seguida, o comentarista constrói sua análise sobre os bons resultados para os tucanos na pesquisa do IBOPE. Ele lança para o telespectador a expectativa sobre os números de uma nova pesquisa eleitoral enfatizando que ela já pode trazer indícios da repercussão do escândalo Palocci para a candidatura de Lula, e logo em seguida louva as qualidades dos candidatos tucanos comprovadas pela pesquisa do Ibope em São Paulo, estado dos dois candidatos. Em seguida ele prevê que o dano pode não ser tão grande quanto a oposição espera, dando a entender que isso se deve à política de benefícios sociais do governo Lula, que estaria influenciando na avaliação positiva de sua imagem pelo eleitorado. E depois, fecha o comentário revelando que a intenção do partido do governo de atacar a candidatura de Alckmin para reverter à situação, atribuindo o comentário ao especialista em pesquisas eleitorais - o que dá mais credibilidade a sua análise. Logo, sua articulação argumentativa leva a crer que a intenção comunicativa é demonstrar que os candidatos tucanos foram bem avaliados pela opinião pública, enquanto Lula e o PT estão novamente envolvidos com denúncias que atacam sua ética, e ainda de deixar subentendido que Lula está usando o mandato para se favorecer junto ao eleitorado através da distribuição de recursos sociais.

A declaração do ex-presidente Fernando Henrique amarra a intenção comunicativa do telejornal à idéia de reforçar algum tipo de superioridade dos candidatos tucanos. A figura controversa, porém respeitada do ex-presidente FHC fecha a narrativa com um discurso positivista, reforçando a imagem de “político intelectualizado” e conhecedor de soluções para o Brasil.

A emissora emite um posicionamento discursivo que privilegia o PSDB. Sendo o principal partido de oposição ao governo, ele representa o personagem antagonista ao governo Lula em vários momentos da disputa. A mídia consegue personificar essas disputas através da utilização dos personagens mais conhecidos pela opinião pública, como o ex-presidente. No telejornal, ele é chamado como “dono da opinião dos tucanos” em se tratando de sucessão presidencial.

- **Matéria 2: Pesquisa Datafolha, Globo, 08/04/2006.**

Âncora, em plano fechado, na bancada do telejornal.

Geraldo Alckmin do PSDB e Anthony Garotinho do PMDB passaram a segunda feira fora de seus domicílios eleitorais procurando alianças para a candidatura à presidência. O presidente Lula por sua vez veio a São Paulo, mas só falou de futebol.

Repórter, em off, com imagens de Anthony Garotinho discursando.

Manhã em São Paulo, tarde em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Anthony Garotinho ainda viaja pelo Brasil tentando convencer o PMDB a lançá-lo candidato a presidente da república. Apesar da melhora na pesquisa do Datafolha, em que saiu de 12 para 15 por cento das intenções de voto, o ex-governador do Rio não comemora.

Imagens do discurso de Anthony Garotinho

Eu quero primeiro estabelecer a candidatura. Depois disso nos vamos andar pelo país (...) se quiserem me derrotar vão ter que me derrotar na convenção! No voto! Eu não sou covarde!

Repórter em off, com imagens de Geraldo Alckmin.

O pré-candidato do PSDB à presidência Geraldo Alckmin, também passou o dia viajando. Depois de visitar o Piauí, Alckmin foi para Brasília. E agora à noite se mostrou satisfeito com o segundo lugar na pesquisa do Datafolha.

Geraldo Alckmin em entrevista, plano fechado.

20% para começar uma campanha no Brasil todo é um piso alto. Então, com otimismo, 20% é um bom piso pra gente começar o trabalho. Essa é uma corrida de fundo. Faltam ainda seis meses e eu sempre brinco lembrando o Didi, que sempre disse que “treino é treino e jogo é jogo” né?!

Repórter em plano aberto no evento em São Paulo.

Em São Paulo o assunto também foi futebol. O presidente Luis Inácio Lula da Silva participou da festa de encerramento do campeonato paulista, e não falou de política.

Repórter em off, sobre imagens de Lula recebendo homenagens.

O presidente Lula recebeu a comenda da ordem nacional do mérito futebolístico.

Imagens do discurso de Lula no evento.

Nós precisamos fazer uma copa do mundo no Brasil. Precisamos começar a nos organizar para a copa do mundo de 2014. Não dá mais pro Brasil ganhar copa do mundo na casa dos outros.

- **Nível textual**

- discurso do âncora sobre o dia de campanha dos pré-candidatos Geraldo Alckmin e Anthony Garotinho;
- informações sobre a movimentação de Garotinho em campanha;
- imagens do discurso de Garotinho;
- informações sobre a movimentação de Geraldo Alckmin em campanha;
- entrevista com Geraldo Alckmin;
- informações sobre a participação do presidente Lula na festa de encerramento do campeonato paulista;
- imagens do discurso de Lula;

- **Nível discursivo**

O âncora inicia a narrativa anunciando a movimentação dos pré-candidatos, “Geraldo Alckmin do PSDB e Anthony Garotinho do PMDB passaram a segunda feira fora de seus domicílios eleitorais procurando alianças para a candidatura à presidência. O presidente Lula por sua vez veio a São Paulo, mas só falou de futebol”. E não faz distinção entre a movimentação oficial do presidente Lula e a dos pré-candidatos, atribuindo às três o mesmo caráter eleitoral.

O repórter começa revelando detalhes da movimentação de Garotinho mostrando imagens do pré-candidato em campanha, “Manhã em São Paulo, tarde em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Anthony Garotinho ainda viaja pelo Brasil tentando convencer o PMDB a lançá-lo candidato a presidente da república. Apesar da melhora na pesquisa do Datafolha, em que saiu de 12 para 15 por cento das intenções de voto, o ex-governador do Rio não comemora”. Em seguida, é mostrado um fragmento do discurso de Garotinho, “Eu quero primeiro estabelecer a candidatura. Depois disso nos vamos andar pelo país (...) se quiserem me derrotar vão ter que me derrotar na convenção! No voto! Eu não sou covarde!”. O texto em off enfatiza mais a dificuldade de Garotinho para se lançar candidato do que seu esforço, e ainda desmerece o crescimento dele na pesquisa. Nas imagens, Garotinho se mostra “bradando” contra aqueles que querem derrotá-lo.

O repórter segue a narrativa para anunciar o segundo ângulo da reportagem, a movimentação de Alckmin, “O pré-candidato do PSDB à presidência Geraldo Alckmin, também passou o dia viajando. Depois de visitar o Piauí, Alckmin foi para Brasília. E agora à noite se mostrou satisfeito com o segundo lugar na pesquisa do Datafolha. Ele enfatiza textualmente para o telespectador a condição de pré-candidato de Alckmin, e usa um tom comemorativo para reforçar o fato de que o pré-candidato está em segundo lugar na pesquisa. Em seguida, o próprio se manifesta através de uma entrevista, “20% para começar uma campanha no Brasil todo é um piso alto. Então, com otimismo, 20% é um bom piso pra gente começar o trabalho. Essa é uma corrida de fundo. Faltam ainda seis meses e eu sempre brinco lembrando o Didi, que sempre disse que “treino é treino e jogo é jogo” né?!”. Nas imagens, Geraldo Alckmin aparece no saguão do aeroporto no momento de sua chegada à Brasília, e em um tom tranquilo declara que está “treinando” para o jogo da campanha.

E por fim, o repórter se mostra direto do evento para revelar a movimentação do presidente Lula, “Em São Paulo o assunto também foi futebol. O presidente Luis Inácio Lula da Silva participou da festa de encerramento do campeonato paulista, e não falou de política”.

Ele faz uma comparação entre a declaração de Alckmin e a de Lula, e mostra imagens, enfatizando para o telespectador no texto em off que o presidente recebia uma homenagem, “O presidente Lula recebeu a comenda da ordem nacional do mérito futebolístico”. A reportagem encerra com um fragmento do discurso do presidente no evento, “Nós precisamos fazer uma copa do mundo no Brasil. Precisamos começar a nos organizar para a copa do mundo de 2014. Não dá mais pro Brasil ganhar copa do mundo na casa dos outros”.

O desfecho da reportagem mostra o presidente Lula em sua movimentação oficial, relacionando com contexto da pré-campanha. A narrativa reforça a condição de Lula como presidente ao mostrar imagens de seu discurso no evento, mas o repórter cobra no texto uma reação de Lula como candidato.

- **Nível valorativo**

A reportagem é construída a partir da movimentação dos pré-candidatos em campanha pelo Brasil. O âncora, em seu discurso de abertura revela os detalhes da movimentação de Alckmin e Garotinho afirmando o caráter de negociação das mesmas. Porém, ao citar a movimentação do presidente Lula como presidente, e não em campanha, ele constrói o elo dessa movimentação com o contexto pré-eleitoral, e dá a entender que a candidatura de Lula à reeleição é dada como certa pelo telejornal, e que mesmo o cumprimento de compromissos oficiais da agenda de presidente já possui uma conotação eleitoral para o telejornal.

O repórter articula a movimentação dos três pré-candidatos com os resultados da pesquisa Datafolha. Garotinho é colocado como o que ainda luta, *tentando convencer* os peemedebistas, o que reforça a condição frágil de sua pré-candidatura, demonstra que o partido ainda continua rachado, e indica sua desvantagem dentro da disputa. Além de não considerar com ênfase o crescimento dele na pesquisa. Já Geraldo Alckmin é colocado em vantagem pela narrativa, que exalta o clima de tranquilidade e bom humor do pré-candidato, e enfatiza sua subida na pesquisa. Lula é retratado em uma das funções de seu papel de presidente, através de imagens que favorecem sua condição de liderança. Mas, é cobrado implicitamente, tanto pelo âncora quanto pelo repórter, por não demonstrar nenhuma intenção eleitoreira mais clara.

Analisando a construção da reportagem percebemos que o telejornal tenta favorecer a condição de Alckmin, ao dar apenas à ele o privilégio de falar direto ao telespectador através da entrevista. Já o presidente Lula é poupado do fato de ter “caído” na pesquisa, pois o repórter cita apenas os números favoráveis de Garotinho e Alckmin, ocultando a queda nos números de Lula, de 32 para 28%. Além de “elogiar” o presidente no desfecho da narrativa,

ao enfatizar para a audiência que o presidente recebeu uma homenagem durante a festa de encerramento do campeonato paulista.

- **Matéria 3: PSDB e Pesquisa Datafolha, SBT, 08/04/2006.**

Âncora em close.

Deixar a prefeitura de São Paulo não fez tanto mal a candidatura de José Serra. Segundo pesquisa Datafolha para o governo de São Paulo, Serra tem mais votos agora do que quando era prefeito. Por isso já há quem diga que ele poderá ser o candidato tucano à presidência, caso o ex-governador Geraldo Alckmin não decole.

Âncora, em off, com a seqüência de imagens, (1) Geraldo Alckmin em evento; (2) Anthony Garotinho em evento; (3) representação videográfica dos números da pesquisa com o título “efeito garotinho”; (4) imagens de Garotinho em campanha; (5) imagens de Martha Suplicy em campanha; (6) imagens de José Serra em campanha; (7) imagens videográficas representando os números da pesquisa.

Pela pesquisa Datafolha Geraldo Alckmin esta caindo, e já tem Anthony Garotinho nos calcanhares. Em vinte dias, o pré-candidato do PMDB tirou onze pontos da diferença que tinha para o tucano. E esta quase dentro da margem de erro do segundo lugar. Pior ainda para Alckmin é que, sem Garotinho, Lula leva a eleição no primeiro turno. Enquanto Garotinho se fortalece contra os governistas do PMDB. A pré-candidata do PT ao governo paulista Martha Suplicy, acha que o PSDB tem pronto um plano B. Segundo Martha, caso Alckmin não decole será trocado em junho por José Serra. É que na eleição para o governo de São Paulo, o ex-prefeito mostra um fôlego de fazer inveja, vencendo no primeiro turno em todos os cenários imaginados. Segundo o Datafolha, a preferência por Serra varia de um mínimo de 55% , com Martha, Quércia e Maluf na disputa, ao máximo de 63% sem os três, e tendo Aluisio Mercadante como o candidato petista.

Âncora, em plano aberto, dividindo o ângulo com foto de José Serra ao lado.

O ex-prefeito e candidato tucano ao governo de São Paulo Jose Serra foi internado esta noite no hospital Sírio libanês. Ele vai passar por uma cirurgia de hérnia, como conta a repórter Patrícia Travassos.

Repórter, em plano aberto, em frente ao hospital.

Não foi uma cirurgia de emergência. O ex-prefeito Jose Serra já havia agendado a cerca de um mês a internação que aconteceu nesta tarde aqui no hospital Sírio-libanês, na capital paulista. Segundo o boletim médico dado agora à pouco, o candidato pelo PSDB ao governo do estado de São Paulo, foi submetido a uma cirurgia de hérnia epigástrica. É uma operação simples, e José Serra já tem previsão de alta para esta terça feira. Patrícia Travassos de São Paulo para o jornal do SBT.

- **Nível textual**

- discurso de abertura do âncora sobre a situação de José Serra frente à pesquisa Datafolha;

- imagens dos pré-candidatos ilustrando os comentários sobre os números da pesquisa;

- informações sobre o desempenho dos pré-candidatos na pesquisa;
- discurso do âncora com informações sobre a internação de José Serra;
- informações sobre a internação de José Serra.

- **Nível discursivo**

O âncora abre a edição do telejornal afirmando que, “Deixar a prefeitura de São Paulo não fez tanto mal a candidatura de José Serra. Segundo pesquisa Datafolha para o governo de São Paulo, Serra tem mais votos agora do que quando era prefeito. E sobe o tom da voz para polemizar, “Por isso já há quem diga que ele poderá ser o candidato tucano à presidência, caso o ex-governador Geraldo Alckmin não decole”. O discurso de abertura do âncora demonstra que a pré-candidatura de Alckmin corre riscos depois da divulgação da pesquisa, e enfatiza a condição favorável de José Serra, levantando a possibilidade do partido trocar de candidato.

Em seguida, o âncora com a voz em off passa a revelar para o telespectador o desempenho dos candidatos nas pesquisas, ilustrando o texto com imagens de cada um deles em campanha, Ele usa de expressões alegóricas para explicar a situação desfavorável de Alckmin, *“Pela pesquisa Datafolha Geraldo Alckmin está caindo, e já tem Anthony Garotinho nos calcanhares. Em vinte dias, o pré-candidato do PMDB tirou onze pontos da diferença que tinha para o tucano. E esta quase dentro da margem de erro do segundo lugar. E polemiza sobre a queda de Alckmin fazendo considerações sobre o futuro e elevando a condição de Garotinho, “Pior ainda para Alckmin é que, sem Garotinho, Lula leva a eleição no primeiro turno. Enquanto Garotinho se fortalece contra os governistas do PMDB”. Ele revela para o telespectador uma informação de bastidores, *“A pré-candidata do PT ao governo paulista Martha Suplicy, acha que o PSDB tem pronto um plano B. Segundo Martha, caso Alckmin não decole será trocado em junho por José Serra”* e justifica a suposição com os números da pesquisa, *“É que na eleição para o governo de São Paulo, o ex-prefeito mostra um fôlego de fazer inveja, vencendo no primeiro turno em todos os cenários imaginados. Segundo o Datafolha, a preferência por Serra varia de um mínimo de 55% , com Martha, Quércia e Maluf na disputa, ao máximo de 63% sem os três, e tendo Aluisio Mercadante como o candidato petista”*.*

O âncora segue no comando da narrativa. Ele usa uma entonação de voz mais grave para revelar que, “O ex-prefeito e candidato tucano ao governo de São Paulo Jose Serra foi internado esta noite no hospital Sírio libanês. Ele vai passar por uma cirurgia de hérnia, como conta a repórter Patrícia Travassos”. A repórter se personifica em frente ao hospital citado

pelo âncora e revela em tom de alívio que, Não foi uma cirurgia de emergência. O ex-prefeito Jose Serra já havia agendado a cerca de um mês a internação que aconteceu nesta tarde aqui no hospital Sírio-libanês, na capital paulista”. Em seguida, tranquiliza o telespectador enfatizando novamente que a condição de saúde do pré-candidato é a esperada, “Segundo o boletim médico dado agora à pouco, o candidato pelo PSDB ao governo do estado de São Paulo, foi submetido a uma cirurgia de hérnia epigástrica. É uma operação simples, e José Serra já tem previsão de alta para esta terça feira. Patrícia Travassos de São Paulo para o jornal do SBT”. O âncora e o repórter articulam juntos o conteúdo da notícia. O âncora cria o suspense ao dar a notícia em um tom grave, depois o repórter tranquiliza o telespectador quanto à natureza simples do procedimento e à condição satisfatória da saúde de José Serra já com previsão de alta.

- **Nível valorativo**

O âncora constrói a narrativa articulando os números da pesquisa com a posição do pré-candidatos.

Em seu discurso de abertura, ele demonstra sua simpatia pela condição favorável de José Serra, afirmando que ele “*tem mais votos agora do que quando era prefeito*”. Através de expressões metafóricas, ele dá um tom humorístico à disputa, enfatizando a condição desfavorável de Alckmin também em relação ao crescimento de Garotinho, que está “*nos calcanhares do candidato tucano*”. Faz previsões para o telespectador sobre o primeiro turno das eleições afirmando que as chances de Alckmin serão menores contra Lula no caso de Garotinho não conseguir se candidatar. Toda essa explanação sobre as dificuldades de Geraldo Alckmin contribui para criar um efeito de sentido negativo em relação ao seu desempenho na disputa, enfraquecendo sua imagem de único adversário capaz de fazer frente à candidatura de Lula.

Ele ainda polemiza sobre a possível existência de um *plano b*, no qual o PSDB trocaria Alckmin por Serra nos últimos momentos da pré-campanha “*caso a candidatura de Alckmin não de cole*”. Isso deixa ainda mais evidente a intenção do âncora de construir para o telespectador um cenário de disputa em que Serra sai privilegiado, e que é possível que a troca aconteça já que, segundo a pesquisa “*o ex-prefeito mostra um fôlego de fazer inveja*”. Ele enfatiza os números vitoriosos de Serra em todos os cenários da pesquisa através de imagens videográficas, usando-os como argumento de prova de que a troca de candidato é viável. Enquanto que para o telespectador a dúvida inicial sobre quem seria a melhor opção de voto contra Lula volta à discussão.

O âncora segue a reportagem priorizando a posição de José Serra, revelando mais detalhes sobre o ex-prefeito. A situação da cirurgia é retratada como um compromisso de agenda, sem grandes danos à performance dele como candidato à prefeitura de São Paulo.

O telejornal demonstra claramente a intenção de favorecer o ex-prefeito José Serra. Suas chances são superpotencializadas na construção narrativa protagonizada pelo âncora, em que ele tenta provar para o telespectador que Serra tem mais chances que Alckmin por conta de seu desempenho surpreendente na pesquisa Datafolha. E sugestionaria a opinião pública a considerar a possibilidade da troca de candidatos pelo PSDB.

5 INTERPRETAÇÕES

5.1 Microdrama 1: CPI dos correios - Andamento do processo de irregularidades

5.1.1 Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha

O relatório final da CPI dos Correios livrou o presidente Luiz Inácio Lula da Silva de culpa no esquema de pagamento de "mensalão" a deputados da base governistas em troca de apoio a projetos de interesse do Executivo. No documento apresentado no dia 29 de março de 2006, o deputado Osmar Serraglio (PSDB), afirma que Lula foi informado pelo ex-deputado Roberto Jefferson da existência do esquema, mas teria ordenado a subordinados. Serraglio diz que Lula não tem responsabilidade, por não saber da existência do "mensalão". No entanto, o relator disse que não havia dificuldade para Lula perceber isso.

"Não incide aqui, responsabilidade objetiva do Chefe Maior da Nação, simplesmente, por ocupar a cúspide da estrutura do Poder Executivo, o que significaria ser responsabilizado independentemente de ciência ou não. Em sede de responsabilidade subjetiva, não parece que havia dificuldade para que pudesse lobrigar a anormalidade com que a maioria parlamentar se forjava. Contudo, não se tem qualquer fato que evidencie haver se omitido", diz trecho do relatório final.

O relatório também citou o contrato da Gamecorp com a Telemar, mas não deixou claro a natureza das relações do filho do presidente Lula, Fábio Lula da Silva, com a empresa. A denúncia foi feita pela Revista Istoé, em 2005. A revista apurou que, em janeiro de 2005, o grupo Telemar investiu R\$ 5 milhões na empresa por meio de uma compra de debêntures conversíveis em ações. O capital social da empresa era de apenas R\$ 10 mil. Além de Fábio Lula, também era sócio Fernando Bittar, filho do ex-prefeito de Campinas (SP) Jacó Bittar. A operação tornou a Gamecorp alvo de críticas da oposição, porque a companhia telefônica Telemar, concessionária do serviço público e fiscalizada pelo governo federal, passou a ser investigada pela CPI.

Ao mesmo tempo, o relator decidiu pedir o indiciamento do ex-presidente do PSDB, o senador Eduardo Azeredo (PSDB-MG). Durante a campanha ao governo de Minas Gerais, Azeredo recebeu R\$ 9 milhões das contas de Marcos Valério Fernandes de Souza para honrar dívidas de caixa dois de campanha. O relatório apontou como data de origem do "valerioduto" a campanha do tucano Eduardo Azeredo à reeleição, e acusou o senador do uso de "caixa

dois” na contabilidade de sua campanha. Em 2005, Azeredo admitiu ter se beneficiado de R\$ 8,5 milhões em recursos não declarados ao TRE, uma prática que, diz, não teria chegado a seu conhecimento à época. Conforme o relatório, houve a prática de peculato (desvio de recursos públicos) e lavagem de dinheiro, em benefício da campanha, sob o comando do empresário Marcos Valério de Souza.

Azeredo era o único opositor entre os 19 parlamentares e ex-deputados a aparecer na lista de pedidos de indiciamento. Ao contrário de alguns governistas, no entanto, Azeredo não aparece como beneficiário do suposto "mensalão". Ele é citado por ter feito caixa dois na campanha de 1998.

"Ele será indiciado por crime eleitoral. Há um fato comprovado de que recursos de caixa dois transitaram na campanha de 1998. Eu não tenho como esconder isso”, afirmou Serraglio.

Ao contrário dos outros 18 parlamentares, Azeredo não corre o risco de perder o mandato. Enquanto deputados foram cassados por suposto envolvimento com o mensalão, como José Dirceu e Roberto Jefferson, Azeredo teve seu processo arquivado pelo presidente do Conselho de Ética do Senado, João Alberto Souza (PMDB-MA). De acordo com Souza, os fatos que envolvem Azeredo são anteriores ao mandato de senador.

Antes que a CPI concluísse suas investigações, a câmara decidiu pela cassação dos dois personagens que desenvolveram papéis importantes no escândalo político vivido pelo governo Lula desde 2005. O primeiro a perder seu mandato foi o deputado federal Roberto Jeferson, autor das denúncias sobre o esquema de compra de voto com dinheiro desviado das estatais, comandado pelo então ministro da Casa Civil e principal articulador do governo Lula, deputado José Dirceu. O escândalo se desenvolveu entre as denúncias de Roberto Jeferson; a instalação das CPI's; os depoimentos nos conselhos de ética da Câmara e do Senado; as acareações das CPI's; e as votações na plenária que decidiram pelas cassações dos dois deputados por crimes de corrupção e quebra de decoro.

Outro ponto polêmico foi o indiciamento no relatório de vários petistas, por crimes ligados à prática de corrupção. O ex-ministro José Dirceu, o ex-ministro Luiz Gushiken, o ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares, o ex-secretário-geral do PT Sílvio Pereira, o ex-presidente do PT José Genuíno e o empresário Marcos Valério aparecem como passíveis de indiciamento. Além desses, outros 18 parlamentares envolvidos com o valerioduto constam da lista de sugestões de indiciamento a ser encaminhada ao Ministério Público. Eles são acusados de crime eleitoral, sonegação fiscal e corrupção.

Dos outros deputados investigados na CPI dos Correios (foram 16 ao todo), 12 foram julgados e considerados culpados pelo Conselho de ética da Câmara, que recomendou a cassação todos. Mas até o momento, os doze já haviam enfrentado a votação do pedido de cassação, e todos haviam sido absolvidos por seus “colegas de casa” (como eram chamados pelos telejornais os deputados que votavam contra os pedidos de cassação). Os outros quatro tiveram seus processos retardados por manobras judiciais, ou por colegas de partido que faziam parte do Conselho de ética da Câmara, e ainda aguardavam a votação de seus processos.

O microdrama “Andamento final do processo de irregularidades” é o episódio de desfecho da CPI dos Correios, que fora instalada em junho de 2005. O suspense era grande em torno dos resultados da investigação que estariam contidos no relatório final, principalmente em relação ao envolvimento do presidente Lula com o esquema do “mensalão”, entre outras suspeitas. Os personagens envolvidos diretamente no episódio foram o protagonista, relator Osmar Serraglio, os partidos de oposição ao governo chefiados pelos tucanos, e a ala governista dividida entre petistas e peemedebistas.

As repercussões do acontecimento redesenharam o cenário político. O conteúdo prático do relatório foi encarado como uma composição de interesses entre oposição e governo. E foi chamada de “acordo”, “peça de equilíbrio”, acusado de omissões pela oposição e pela esfera pública. Foi mostrado dentro do discurso midiático como uma espécie de toma-lá-da-cá entre os partidos PT e PSDB, como uma espécie de manobra político eleitoreira em um ano eleitoral.

Para a pré-campanha, o conteúdo do relatório significou o início da polarização das eleições entre lulistas e tucanos. Os petistas remanescentes juntaram-se aos peemedebistas e a outros partidos menores e passaram a defender o governo na figura do presidente Lula, e passaram a ser nomeados de “lulistas”.

Para o PT, o relatório representou o sepultamento da imagem do partido ético e incorruptível, que plantou no coração dos brasileiros o sonho de um governo de oposição que podia dar certo. Grandes nomes do partido passaram por longos processos de julgamento público, desde o presidente do partido José Genuíno e seu irmão com dólares na cueca, até o tesoureiro que lavou dinheiro de doações ilegais através de empréstimos e praticou o “caixa dois” na campanha que elegeu o presidente Lula.

A oposição saiu “arranhada” pelo indiciamento do senador Eduardo Azeredo-PSDB, e ficou sem forças para revidar, já que também não tinha uma ampla maioria na CPI para tentar

fazer mudanças no relatório que prejudicassem o governo. Restou então, começar a ensaiar em público os passos para a escolha do candidato da oposição para a presidência da república.

Em clima de “façam suas apostas!”, começaram as especulações dentro dos partidos e na mídia sobre quem seriam os possíveis adversários de Lula, e como andava o fôlego de seu governo, caso resolvesse enfrentar a reeleição.

5.1.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) Band – falhas do relatório final

O Jornal da Noite da TV Bandeirantes reproduziu para a esfera pública uma reportagem baseada nas falhas do relatório final. Os atores discursivos revezaram-se na função de desacreditar o relatório, cobrar a indulgência do relator em relação ao envolvimento do presidente, e acusar o governo de pressionar os membros da CPI rumo a um acordo para que o texto poupasse ambas as partes.

O telejornal coloca-se em uma postura desafiadora diante dos resultados apresentados no relatório da CPI, introduzindo uma abertura de ataque através do âncora. Ele sugere em todas as suas intervenções que houve intromissões por parte de parlamentares do governo na conclusão do relatório final, e indica bruscamente no final da reportagem que essas omissões, entre outros defeitos, deixam margem para uma interpretação político-eleitoreira por parte da esfera pública. Logo, podemos dizer que a emissora assumiu uma postura insinuadora e inquiridora diante do episódio.

A estratégia que indica com mais precisão a posição da emissora dentro da construção discursiva dos telejornais é o “comentário”. As insinuações que não puderam ser comprovadas pela reportagem ganharam status de comentário, e passaram a compor o raciocínio do analista político. No caso estudado, as derivações do fato apresentadas no comentário insistem em apontar para o ocultamento de indícios do envolvimento do presidente Lula com o esquema do “mensalão”. O comentarista reabre as dúvidas levantadas pelo âncora e pela construção narrativa, e questiona em nome da emissora o resultado das investigações das denúncias de Roberto Jéferson. O analista coloca-se sob a aparência da oposição para enfatizar os indícios de pressão por parte do governo sobre o relator, e torce por mudanças no texto. No final, ele põe em causa, de uma forma paradoxal, uma consequência mais ou menos previsível - que é o uso das conclusões do relatório pela oposição na campanha -, contra o desejo “da oposição” (como o desejo dele, da emissora, da sociedade) por uma indicação clara da responsabilidade do presidente Lula com a prática do “mensalão”.

Isso quer dizer que a emissora constrói o episódio privilegiando uma certa perspectiva, que em seguida é reforçada pelo analista. A estratégia é construir seu próprio cenário, para nele inserir o seu posicionamento no contexto geral, e formar opinião através do comentário.

b) SBT – dois brasis

O âncora Jornal do SBT abre a edição do dia 25 de março em um tom de narrativa histórica. O Brasil é dividido em dois mundos antagônicos, onde dois tipos de brasileiros, distintos por sua índole e tipo de comportamento, revelaram suas intenções através de seus feitos com indivíduos ou como classe. Os dois tipos escolheram o mesmo dia para protagonizar acontecimentos “espetaculares” do ponto de vista midiático, e chamaram a atenção do telejornal, que resolveu “comparar” os dois acontecimentos.

O discurso dividiu o país entre os brasileiros-políticos, que confirmaram a existência do “mensalão”, e que fazem parte de “*um Brasil de muito poucos que insistem em ignorar a retidão e a grandeza do povo brasileiro*”; E os brasileiros-cidadãos, que dividiram o orgulho pelo feito de enviar o primeiro astronauta brasileiro para o espaço.

A mistura desses dois campos semânticos reforçam o efeito da “espetacularização”, potencializando o processo de captação da audiência pela narrativa. Na reportagem, a intenção da emissora é “separar-se”, sair do seu lugar de observadora para juntar-se aos brasileiros indignados com o resultado do relatório da CPI.

O telejornal instrui o espectador a pensar que o fato de o relatório ter confirmado a existência do mensalão, mas ter isentado o presidente Lula indica a possibilidade do relator ter sido pressionado para não “radicalizar” para o lado do governo. E sugere o que entender, comenta o que acha, e intima os personagens a responder sobre o fato.

O repórter também assume uma posição crítica na apresentação dos fatos. A construção da narrativa recorre aos pontos mais polêmicos do relatório para denominá-lo como “*uma radiografia expressiva da corrupção*”. E se distancia do acontecimento para proceder a “leitura teatral”, onde o repórter passa a derivar narrativamente, construindo a imagem do relatório como uma “*peça de equilíbrio*” entre governo e oposição, que isenta o presidente Lula, mas cita os tucanos. No final, ele chega a afirmar que o texto foi chamado de “*o bom acordo, aquele desagrada um pouco a todas às partes*”. Ou seja, nada cria melhor um efeito de analogia que uma construção textual baseada em comparações metafóricas que remetem o expectador diretamente ao seu imaginário de exemplos. A estratégia discursiva é a da derivação sugestionada de sentidos através do texto do repórter. É o modo subliminar de posicionar-se diante dos fatos.

As entrevistas são partes de discursos relatados pelos protagonistas e representantes das partes envolvidas, que adentram a narrativa para participar suas reações diante do acontecimento. O relator Osmar Serraglio toma para si o jargão do “errar é humano” e tenta sensibilizar a opinião pública admitindo futuros erros que possam ser atribuídos a ele. O representante da oposição é chamado para dizer que não concorda, e o do governo para ameaçar com uma “*guerra política em torno do relatório*”. A estratégia de roteirização é usada com a intenção de reconstruir o acontecimento através da edição das partes que interessam à intenção narrativa. Ou seja, as entrevistas dos principais personagens são fragmentadas, e depois reunidas a partir de um roteiro narrativo que reinterpreta o fato a partir do discurso real. Assim, o telejornal toma o dito original dos personagens para reconstruir o acontecimento segundo um esquema narrativo intencional.

O ator discursivo repórter faz o fechamento de sua narrativa, mas não o fechamento do próprio fato. Ele realimenta o discurso prevendo um clima de intensas negociações, e especulando sobre a possibilidade de não haver relatório caso governo e oposição não concordem em aprovar o texto como está. O desfecho da reportagem tem efeito ameaçador, e sugere que “*seria o pior dos mundos para todos*” caso o relatório não fosse votado no prazo. A estratégia é redramatizar o acontecimento lançando para o telespectador um novo questionamento que reabre a narrativa sobre novas perspectivas, sugerindo um novo encadeamento de fatos.

O âncora, no seu papel de meganarrador, retoma o fato que ele considerou como o começo do drama - as denúncias de Roberto Jéferson. E passa a fazer um *comentário explicativo* através da reconstituição dos fatos: lembrando as imagens, fazendo conexões entre as denúncias e os indiciamentos, e intervindo ora contra, ora a favor dos que eram citados. A construção textual integra parcialmente o dito de origem através do uso da terceira pessoa, e o recurso da imagem de arquivo dá a designação identificadora. A estratégia modifica o enunciado de origem para relatar sobre o acontecimento sob sua perspectiva.

O “efeito folhetim” ficou para o final. Um novo ator discursivo na forma de repórter assume a narrativa para mostrar as reações de alguns dos envolvidos. A entrevista da ex-secretária de Marcos Valério revela sua opinião em relação ao resultado da CPI, e a coloca na condição de cidadã que ajudou a desvendar o esquema, dramatizando sobre a mudança ocorrida na vida da personagem, que foi de “*secretaria que trabalhava no coração do império de corrupção*” para uma pessoa que resolveu aproveitar a exposição, e que “*hoje mora em São Paulo esperando ser eleita deputada federal*”.

Outros personagens do drama são citados. O publicitário Duda Mendonça é mostrado em posição de reclusão, como o empresário que protege seu silêncio por detrás dos muros altos da propriedade privada. E o ex-tesoureiro do PT, Delúbio Soares, pareceu sofrer mais conseqüências com a “queda”, foi retratado como o funcionário público que virou político corrupto, que teve que voltar a morar “*na casa da sogra*”, e vai prestar contas pelos seus crimes. *Lê grand finale* dramatiza sobre as conseqüências do acontecimento para os principais envolvidos, prendendo a atenção da audiência até os últimos minutos da narrativa.

O Jornal do SBT, na figura do seu âncora, fala em nome dos brasileiros de verdade, dos cidadãos comuns, dos profissionais, dos pais de família. Fala em nome da sua audiência. E parece dirigir-se ao “outro Brasil”, o dos políticos. Através da voz da informação, a empresa de comunicação se coloca na função de ator social para cobrar da esfera política uma resposta verdadeira, uma explicação ética para o envolvimento do presidente do país, e do seu partido com práticas de corrupção, e uma atuação honesta dos parlamentares designados para produzir essa resposta. O que seria, no mínimo, uma atitude de respeito para com a sociedade brasileira.

c) Globo – tecnicismo no relatório de “Serraglio”

O Jornal da Globo cobra mudanças no relatório, e mostra não estar satisfeito através de um conjunto de estratégias discursivas que introduzem uma carga de efeitos subliminares. O âncora começa o ataque ao relatório acusando-o de “*reiterar suspeitas infundadas, proferir veredictos sem base não conseguir provar nenhuma grande denúncia*”. Que suspeitas são infundadas? As suspeitas contra o presidente Lula? Contra o senador Eduardo Azeredo? Contra os deputados? Ou seja, a emissora acusa abertamente a esfera política de não corresponder às expectativas da opinião pública quanto ao resultado das investigações. Ele desacredita o relatório afirmando que *ele* proferiu veredictos sem base. Mas por quê sem base? Como o jornal relata posteriormente, foram 165 reuniões, 1600 requerimentos, 365 quebras de sigilo. Todo este trabalho foi a base para as conclusões do relatório. E como “*não conseguiu provar nenhuma grande denúncia*”? E a confirmação da existência do “mensalão”? Não é a confirmação das denúncias de Roberto Jefferson feitas à dez meses atrás? O âncora, através de sua abertura de ataque, parece inverter o “jogo”, e julga o conteúdo do relatório como indigno de crédito. A intenção presumida é inicialmente informar e, ao mesmo tempo, questionar e desacreditar as descobertas do relatório.

A construção narrativa sob o comando do repórter baseia-se em um primor técnico que ajuda a enfatizar os números, o volume de trabalho, e de tempo investidos no relatório. Isso

indica a necessidade da emissora em demonstrar poder informativo para confirmar a justeza da explicação. O ator discursivo “repórter” personifica o relatório na figura do relator Osmar Serraglio, colocando-o como “o responsável” por tudo que estava simbolizado no texto final. O repórter lê os indiciamentos como uma lista de punições endereçada aos principais envolvidos, ressaltando pelo nome cada um dos personagens políticos que protagonizaram vários episódios do grande espetáculo que foi o drama da CPI dos Correios.

“*Le Grand Bufon*” do espetáculo foi o relator Osmar Serraglio. Ele foi forçado pela narrativa a defender-se publicamente por ter cedido à pressão do governo, e que por causa dessa pressão não indicou claramente a participação do presidente Lula no esquema de pagamento de propina a parlamentares no texto do relatório. E joga a responsabilidade de efetivamente punir os envolvidos para os órgãos judiciais, dizendo, ainda, que esses órgãos devem interpretar o relatório como “sugestões” e que devem dar o valor que acharem necessário. O relator transfere a responsabilidade de punir os criminosos para outra instituição social, e rebaixa o relatório final ao status de lista de sugestões, tirando todo o crédito do trabalho da CPI. Ele pede piedade à opinião pública, e a mídia sugere que ele pode ter sido pressionado a não revelar todas as conclusões do relatório.

O ponto alto da reportagem, olhando da perspectiva da produção, é o “relatório virtual”. A representação do relatório através da estratégia discursiva que agrega a táticas da reprodutibilidade, da visualização, da reinterpretação, da reapropriação do discurso do outro, para repassar a um terceiro. A tela da televisão se abre para receber a imagem de um relatório virtual com o título “*Relatório da CPI – o que já era esperado*”, onde o texto surge automaticamente nas folhas em branco, à medida em que o repórter vai fazendo a “sua” leitura do relatório. Ele culpa Marcos Valério de ter comandado um esquema que desviou milhões de cofres públicos. Diz que o “mensalão” foi definido como “*uma prática de corrupção política para influenciar o resultado de votações a favor do governo*”, mas não diz quem o praticou. Indica que a CPI identificou outros crimes ao lado do “mensalão” mas também não cita o nome dos acusados. E por fim, acusa, nominalmente, um senador tucano de “*se beneficiar de dinheiro de caixa 2 na campanha de 1998*”. Logo, tudo leva a crer que a intenção primeira foi de deixar de mencionar que a maioria dos criminosos pertencia ou tinha ligações com o partido do presidente. E depois, de ênfatizar que a origem do esquema de corrupção se deu em um governo “tucano”.

Quando pensamos que já havia acabado, a tela muda novamente para indicar um novo capítulo do relatório virtual: “*Relatório da CPI – o que ficou de fora*”. O título já começa condenando o relatório por ter deixado de se posicionar sobre outras questões importantes.

Em se tratando da construção textual, que composta de duas partes – o texto virtual do relatório e o texto em off do repórter-, o texto em off do repórter complementa as informações reproduzidas virtualmente nas páginas do relatório, e coloca mais uma vez a responsabilidade nas mãos do relator Osmar Serraglio ao dizer que *“ele deixou de fora acusações individuais contra 18 deputados acusados de participar do mensalão”*. Logo no parágrafo seguinte, ele devolve ao impessoal “relatório” a decisão de citar o nome da empresa do filho do presidente, sem mencionar a quem ela pertence. A construção textual enfatiza e revela mais uma incoerência no texto do relatório, e deixa no ar a impressão de desconfiança e descrédito.

Para transportar a audiência da virtualidade para a realidade, o repórter personifica-se na narrativa o mais próximo possível do local onde se deu o acontecimento. E passa a realimentar o drama mudando a perspectiva da narrativa para as reações provocadas pelo acontecimento. Ele cita as discordâncias entre oposição e governo como se tratasse de um “cabo-de-guerra” entre forças completamente antagônicas e adversárias, e não de uma negociação entre partidos políticos. Com isso, ele cria um clímax à moda de algumas narrativas de suspense para revelar em tom de ameaça que *“pontos polêmicos podem inviabilizar a votação prevista para a próxima semana”*. E em seguida, dá voz aos representantes de ambas as partes para que se posicionem diante da esfera pública contra ou à favor do relatório.

Até aqui, o telejornal primou pela construção diegetizada do acontecimento, informando, explicando, reinterpretando, e julgando o conteúdo do relatório e seu autor. Ele (o telejornal) não emitiu nenhum tipo de opinião valorativa em relação à essência dos fatos, ou em relação aos envolvidos. E o âncora interveio na narrativa uma última vez para dar voz aos citados na reportagem.

Porém, a partir da terceira parte da narrativa, o produtor recorre a uma estratégia discursiva muito usada no discurso telejornalístico atualmente para insinuar o posicionamento da empresa de comunicação diante dos acontecimentos, o comentário do analista. O profissional ocupa a posição dupla de jornalista e formador de opinião, e seu discurso possui o maior status dentro do discurso englobante, e vem geralmente para dar um desfecho intelectualizado à narrativa.

O comentário, em sendo portador de potencialidades significantes múltiplas, tem com finalidade principal “formar uma opinião sobre” o acontecimento relatado. Através do desenvolvimento de um raciocínio explicativo que possa, talvez, desvendar para o telespectador as intenções dos envolvidos no acontecimento. Sua argumentação é quase sempre investida de poder e autoridade, esses, concedidos aos produtores dos discursos

mediáticos pelas outras esferas da sociedade. Ao entrar no detalhe da estratégia, percebemos que o analista escolhe comentar sobre o posicionamento estratégico dos “governistas”, e reverte o valor simbólico do relatório, que passa de instrumento de punição de culpados para ferramenta de perseguição da oposição contra o governo.

Como dissemos anteriormente, o comentário visa produzir a prova de um certo posicionamento do telejornal/canal de televisão. Sendo assim, percebemos uma certa adesão do ator discursivo telejornal aos propósitos da ala “governista”, que apoiava o presidente Lula na época da divulgação dos resultados da CPI. E ainda afirmamos que, o telejornal compactuou com a visão governista de que o relatório final “não disse a que veio”, e induziu a esfera pública a calar seus questionamentos em relação à participação do presidente Lula no esquema do “mensalão”.

5.2 Microdrama 2: CPI dos Bingos - Assassinato Celso Daniel

5.2.1 Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha

Oito meses depois do depoimento de Bruno Daniel (20/06/2006), os opositoristas derrotam o governo, e conseguem aprovar o relatório da CPI dos Bingos que pediu o indiciamento de 79 pessoas, entre elas o presidente do Sebrae, Paulo Okamoto, e o ex-ministro Antonio Palocci.

O chefe-de-gabinete do presidente Lula, Gilberto Carvalho, e o ex-ministro José Dirceu ficaram de fora da lista. Ambos teriam participado de uma suposta armação para desviar as investigações sobre o assassinato do prefeito de Santo André, Celso Daniel. O relator disse, em seu texto, que o crime foi político, e incluiu as declarações dos irmãos do prefeito em que atribuem responsabilidades a Dirceu e Carvalho. Apesar disso, eles não foram incluídos na lista das sugestões de indiciamento.

O presidente do Sebrae, Paulo Okamoto, foi indiciado por lavagem de dinheiro e crime contra a ordem tributária. O relatório pediu o aprofundamento das investigações e critica o Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) por divulgar um relatório mostrando irregularidades nas contas da empresa de Okamoto às vésperas da divulgação do relatório. A CPI ficou impedida de investigar Okamoto em função de decisões judiciais e, de acordo com técnicos da comissão, por falta de colaboração do Coaf. Também por conta disso, o relator disse que não pode também analisar o pagamento de uma despesa do presidente Lula por Okamoto.

O ex-ministro Antonio Palocci também está na lista de indiciados na página reservada à investigação dos desvios de recursos públicos na Prefeitura de Ribeirão Preto. Apesar de já estar indiciado pela Polícia Federal e pelo Ministério Público estadual, a CPI reforçou os pedidos de indiciamento por formação de quadrilha, falsidade ideológica, peculato, lavagem de dinheiro e improbidade administrativa.

As investigações da CPI dos Bingos ocorreram concomitantemente às investigações da CPI dos Correios. Durante mais de um ano, as descobertas das duas cpi's, seus depoimentos bombásticos, acareações e etc. fizeram parte dos telejornais diários. Isso exigiu uma acuidade dupla de intensidade e foco da mídia sobre as atividades do campo político, que ainda somavam-se às outras matérias pertencentes à mesma rubrica.

Esse excesso provocou uma grande confusão no imaginário do espectador, que encontrou muita dificuldade em distinguir, selecionar e classificar as informações provenientes desse emaranhado de denúncias e escândalos, e ainda relacioná-las com o cenário eleitoral. Mesmo com a cobertura intensa, polêmica e muitas vezes tendenciosa da mídia, o espectador parecia não conseguir formar uma opinião sobre a crise política.

Ao se aproximarem da campanha, os atores políticos e o campo jornalístico perceberam (através das pesquisas) que o espectador relacionava cada vez menos as denúncias das cpi's ao governo de Lula. Com isso, a cobertura dos acontecimentos finais relacionados à CPI dos Bingos perdeu seu poder mobilizador de audiência. O desenrolar do processo entre a entrega, a votação, e a aprovação do relatório se deu no auge do período pré-campanha¹⁰, e perdeu espaço para vários outros acontecimentos, provocados pela profusão de movimentações políticas que normalmente antecede processos eleitorais.

Mas isso não quer dizer que o conteúdo do relatório não causou repercussões no cenário eleitoral da pré-campanha. Governistas e opositores disputaram voto a voto a maioria na comissão. O governo não teve força para tirar os nomes do ex-ministro José Dirceu e do chefe-de-gabinete do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Gilberto Carvalho, da lista de sugestões de indiciados, o que deu novo fôlego à oposição para tentar, mais uma vez, envolver o presidente Lula com as denúncias da CPI.

Na avaliação do relator, Garibaldi Alves Filho (PMDB-RN), o relatório do Coaf analisado pela CPI continha uma forte denúncia contra um dirigente público, que deveria ter sido investigada quando foi detectada a irregularidade. Garibaldi então decidiu incluir no

¹⁰ O relatório final foi votado 10 dias antes do prazo final para a realização de convenções partidárias e confirmação das candidaturas e alianças (20/06/2006).

relatório os pedidos de indiciamento de Okamoto e Gilberto Carvalho, chefe-de-gabinete de Lula dias antes da votação. A imprensa detectou novamente a pressão do governo sobre os parlamentares responsáveis pelo relatório, e publicou a seguinte declaração do relator da CPI, no telejornal do SBT dia 19/06/2006.

Repórter: O relator negou ter sofrido pressão para a exclusão dos nomes de Gilberto Carvalho e de José Dirceu da lista de indiciamentos...

Relator: Eu recebo apelos, mas não recebo pressão. Nós só recebemos pressão popular.

Repórter: E também sugeriu que não tem motivo para agradecer o presidente Lula...

Relator: Eu não sou partidário do presidente Lula. Enganam-se aqueles que pensam isso. Ao contrário, estou sendo combatido pela base do PT no Estado, que não vê com bons olhos minha candidatura ao governo do Estado.

Repórter: Diante das justificativas, os oposicionistas, que também apoiavam um voto em separado que incluía os dois na lista de indiciados, decidiram apoiar o relatório original. Com a derrota prevista pelos governistas no início da sessão, parte dos senadores governistas se juntou à oposição e aprovou com larga vantagem o relatório final.

Âncora: O presidente Lula, ao comentar o indiciamento de Okamoto e Gilberto Carvalho, desabafou... No desabafo, Lula disse que o PT tem "25 anos de história" e que "é deles a bandeira da luta contra a corrupção". Afirmou que podem ser feitas uma, duas ou três CPIs sobre as acusações de corrupção em seu governo, mas ele tem a "consciência tranqüila".

A reportagem confirma a existência do clima tenso em que se deu as negociações entre governistas e oposicionistas - o mesmo clima que caracterizou a votação do relatório da outra CPI. E revela a estratégia política do presidente Lula, de posicionar-se sempre “acima” das denúncias contra o PT. Podemos dizer que, mesmo diante da forte concorrência com outros temas mais específicos do período pré-campanha, o desfecho do microdrama ainda alcançou um relativo destaque na agenda temática dos telejornais. Porém sua participação na conformação das imagens do pré-candidatos que concorreriam nas eleições já se configurou mais modestamente devido à eminência do processo eleitoral.

5.2.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento.

a) Globo – assassinato “encomendado”

O Jornal da Globo apresenta a versão do assassinato encomendado. A construção narrativa coloca outros personagens como os autores do assassinato, mas não descarta o

envolvimento de “um dos principais assessores do presidente Lula”. A intenção é evidenciar o envolvimento de membros do governo, sem ligá-los diretamente à acusação de assassinato, minimizando o impacto do depoimento de Bruno Daniel.

O que ficou evidente foi a estratégia da emissora de reconstruir o acontecimento sob uma outra perspectiva que não a principal (que é o envolvimento de petistas no ato de assassinato). Ou seja, ela informa sobre o conteúdo do depoimento de Bruno Daniel, mas escolhe não enfatizar a ligação de petistas diretamente com o assassinato, e sim com o esquema de corrupção em Santo André. O que, sob certa perspectiva, contribuiria para minimizar o impacto moral das acusações contra os “petistas”.

Na construção narrativa, o repórter dá os nomes dos principais acusados de assassinar o prefeito, sem dar muitos detalhes sobre essa parte do depoimento. Ele escolhe dar ênfase à revelação feita por Bruno Daniel sobre o envolvimento do “grande articulador da campanha de Lula”, que caiu desta condição para, apenas, a de “*deputado José Dirceu*”. Sua motivação principal seria a de reforçar a intenção da emissora em polemizar sobre o envolvimento de políticos, membros do governo, e petistas, em acusações sobre um “*esquema de financiamento de campanha do PT*”. Mas, a construção textual ambígua para algo que poderia ter uma definição mais simples, revela a necessidade da emissora de “complexizar” a narrativa, e com isso talvez, tentar dificultar a compreensão de ângulos menos favoráveis a intenção presumida.

A emissora não deixa claro todos os ângulos e fatos que compõe o acontecimento. Não sabemos em que circunstâncias exatas ocorre essa seleção, mas podemos afirmar que a emissora escolhe enfatizar apenas uma parte do fato, protagonizando uma reconstrução sucinta, fragmentada e complexa para espectador.

b) SBT – assassinato “misterioso”

O jornal do SBT articula os vários ângulos do depoimento de Bruno Daniel com algumas estratégias discursivas que criam o efeito da “espetacularização”, e ressemantizam o dito original, buscando vários efeitos de sentido, para além do simples fato.

O ângulo principal da narrativa traz a confirmação da conexão entre membros do governo de Lula com o assassinato do prefeito. O repórter reconstitui para o espectador todo o caráter simbólico do fato através da reinterpretação das principais declarações de Bruno Daniel, e reconstrói de forma muito direta a natureza dessa conexão - definindo o crime como um “*esquema de dinheiro da prefeitura de Santo André para o PT*” .

A partir daí, o telejornal articula perfeitamente essa definição com outros ângulos complementares à narrativa. A complementaridade da reportagem revelou o esforço do telejornal em enfatizar para o espectador todas as possibilidades abertas pelas denúncias de Bruno Daniel. A estrutura narrativa demonstrou seu interesse em reforçar a tese de envolvimento de “petistas” com o assassinato, através de intervenções textuais dramáticas e acusatórias, do uso de estratégias discursivas que reafirmavam a imagem de vítima de Celso Daniel, operando, de maneira consciente ou não, transformações no dito de origem, à favor dessa imagem.

E em outro nível, podemos dizer que a emissora reconstrói o acontecimento em formato dramático, ora reforçando a tese de assassinato, ora a noção de que existem cada vez mais provas que ligam “*membros do PT*” ao crime. O telejornal mistura o ato de relatar sobre um acontecimento, com o ato de comentar sobre ele, misturando interpretações e discursos originais para compor uma narrativa impactante, que informa e julga o fato ao mesmo tempo.

c) Band – “estória” do assassinato

O Jornal da Band encontra-se entre a tripla função de informar, explicar e polemizar sobre um acontecimento (o depoimento de Bruno Daniel) com poucas características factuais, mas que carrega um grande conteúdo simbólico, do ponto de vista político e moral, para o contexto social. Para isso, o telejornal intercala o relato sobre o fato real, com o comentário subjetivo, e constrói a relação entre o assassinato (factual) e o suposto envolvimento de membros do governo Lula em crimes de corrupção, que culminaram em homicídio (simbólico).

O comentarista exerce sua função de “fazer mais fácil” a compreensão do drama, utilizando sua capacidade de raciocínio para comentar e contar ao mesmo tempo. O comentário-contado impõe uma visão explicativa sobre o acontecimento, e imprime sobre ela uma impressão subjetiva, porém latente, que tenta compor as causas, os motivos e as intenções por detrás do fato.

O comentário começa como uma “*estória simples*”, sem sujeitos, datas, ou siglas que pudessem confundir a mensagem, nem diminuir seu potencial de atingir o espectador. Em seguida, o comentarista imprime enfaticamente todo seu conteúdo simbólico em uma única frase – “*o mais escandaloso nisso tudo é o envolvimento direto de membros do PT*”. Logo, a estratégia é “fazer saber” em três níveis, englobando, ao mesmo tempo, a existência dos fatos, sua razão de ser, e a impressão subjetiva do comentarista.

Nessa reportagem-comentário não identificamos a “argumentação gangorra”¹¹, a mais presente nos comentários clássicos. Pelo contrário, o comentarista apresenta apenas uma posição, uma visão, um julgamento sobre acontecimento, e enfatiza de forma clara o envolvimento de “*figuras próximas ao presidente*” com o “*esquema de Santo André*”. A emissora não se preocupa em reconstruir o acontecimento para o espectador, e abre mão do princípio da credibilidade para concentrar seus esforços discursivos em imprimir a sua impressão ao fato, através de um modo de raciocínio simples, mas polemizador.

5.3 Microdrama 3: CPI dos Bingos - escândalo Palocci

5.3.1 Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha

As investigações sobre a quebra do sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa foram apelidadas de "caseirogate" - numa referência à profissão - conseguiram derrubar Antonio Palocci do Ministério da Fazenda. Tido como "homem forte" do governo Lula e responsável pelo controle da inflação, Palocci não resistiu às investigações sobre o caso.

Os dados da movimentação da conta poupança de Francenildo foram divulgadas pelo blog da revista "Época" logo depois dele confirmar para a CPI dos Bingos declarações dadas para o jornal "O Estado de S.Paulo". Blog da revista "Época" revela que Francenildo recebeu R\$ 35 mil na sua conta bancária na Caixa Econômica Federal, entre 6 de janeiro e 6 de março. O caseiro diz que o dinheiro teria sido enviado por seu pai, o empresário do Piauí Euripedes Soares da Silva, num acordo para que Francenildo não pedisse o reconhecimento formal da paternidade.

Na entrevista, Francenildo disse ter visto Palocci na mansão usada em Brasília por lobistas para fechar negócios suspeitos e promover festas com prostitutas. Palocci havia negado por diversas vezes ter frequentado essa casa. Num primeiro momento, parlamentares da base governista usaram as informações bancárias - que mostraram o recebimento de R\$ 35 mil em depósitos - para lançar a suspeita que o depoimento do caseiro havia sido comprado pela oposição. Descobriu-se mais tarde que Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras), ligado ao Ministério da Fazenda, estava investigando Francenildo por suposta lavagem de dinheiro, já que os depósitos em sua conta eram incompatíveis com a renda mensal de R\$ 700.

¹¹ Os cronistas profissionais são os especialistas da “gangorra”: a opinião de uns e (mas) a opinião de outros; as posições sobre as intenções de uns e as dos outros; os efeitos da ação de uns e os efeitos da ação dos outros; o aspecto positivo e negativo da política de uns, o aspecto positivo e negativo da política dos outros. (citação 17 em Charadeuau-discurso da mídias –pág 183.) - é citação de citação???? Se for, quem é o autor original?

A Polícia Federal entrou no caso e passou a investigar a quebra ilegal do sigilo de Francenildo. O ex-presidente da Caixa Jorge Mattoso disse à PF que entregou o extrato de Francenildo para Palocci no dia 16 de março (um dia antes da publicação dos dados na imprensa). Mattoso assumiu sozinho a responsabilidade pela extração de dados da conta poupança do caseiro. Ele disse que pediu ao então assessor da presidência da estatal Ricardo Schumman a impressão do extrato, que deu origem à comunicação ao Coaf. Mas a PF suspeita que Palocci tenha sido o mandante da quebra ilegal do sigilo.

A PF indiciou o ex-ministro Antonio Palocci por quatro crimes: quebra de sigilo bancário e funcional, prevaricação e denúncia caluniosa. Mattoso foi indiciado por quebra de sigilo bancário e funcional. A PF também pediu o indiciamento do jornalista Marcelo Netto, ex-assessor de comunicação de Palocci, por violação de sigilo bancário. Os trabalhos da CPI terminaram em julho de 2006, e a entrega de seu relatório final não gerou grandes repercussões na mídia (o contrário da CPI dos Correios).

O envolvimento de Antonio Palocci no escândalo da violação do sigilo do “caseiro”, e conseqüentemente seu afastamento do Ministério da Fazenda teve repercussões principalmente no contexto econômico. Desgastado por denúncias não comprovadas de corrupção quando era prefeito de Ribeirão Preto, Palocci deixa o Ministério da Fazenda após quase 39 meses no cargo. E quem assume seu lugar é o economista Guido Mantega.

A indicação de Guido Mantega ao Ministério da Fazenda gera incertezas no mercado, que respondeu negativamente no início. Mas percebemos através dos telejornais gravados que a imprensa, especialmente a televisiva, fez um movimento favorável à indicação de Mantega, e passou a defender que a força da economia se mantinha apesar da saída de um dos “homens fortes” do governo Lula. A repercussão foi grande, os sites de vários veículos internacionais deram destaque à saída de Antonio Palocci e a indicação de Guido Mantega para o Ministério da Fazenda. A transição se deu tensa no início, mais o governo saiu seguro no final, ajudado pelo clima de motivação positiva instaurado pela mídia.

A ampla cobertura da imprensa desse microdrama durou de Janeiro a Agosto de 2006. O tema alternou-se em vários episódios, entre eles: os depoimentos dos assessores de Palocci, as denúncias de remessa de dólares de Cuba para a campanha de Lula, o depoimento do próprio à CPI dos Bingos (que foi transmitido ao vivo por alguns canais abertos), depoimento do “caseiro”, a longa investigação da quebra do sigilo bancário do “caseiro” e a revelação de Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal, que em depoimento a PF, disse que entregou o extrato de Francenildo para Palocci. O então ministro pede afastamento do cargo no mesmo dia.

No desenrolar do microdrama, o acontecimento em que a mídia mais concentrou seu poder de agendamento da esfera pública foi o episódio da quebra do sigilo bancário do “caseiro”, que culminou com a queda do ministro Palocci. Em uma das edições gravadas encontramos um comentário de Arnaldo Jabor¹² que ilustra perfeitamente como a mídia tratou a imagem dos personagens envolvidos no cenário político da pré-campanha. Ela concentrou-se na figura do “caseiro”, que passou a representar, no imaginário do espectador, o papel de cidadão e vítima, que denuncia o poder político, e que, por ter dito a verdade contra poderosos, foi prejudicado e ameaçado pelo próprio Estado. Quem sai em sua defesa são as organizações civis que representam a opinião de segmentos da sociedade. A OAB se destaca na mídia ao promover uma homenagem de agradecimento ao “caseiro”,

Aos parlamentares de oposição e situação cabia a tarefa de cobrar publicamente explicações das instituições do governo, mantendo seus pré-candidatos ainda fora da discussão. A oposição não aceitou bem a notícia do pedido de afastamento de Palocci, que pode configurar uma manobra para garantir o foro privilegiado de ministro. Para a oposição, o ministro deveria ter pedido demissão e não se afastado do cargo. O jornal da Globo revelou essa posição em reportagem no dia 28/03/2006:

Senador Jorge Bornhausen (SC): "Se é um afastamento, é mais uma prova de que o ministro está com receio das conseqüências jurídicas do seus atos enquanto prefeito de Ribeirão Preto (...)".

Repórter: As notícias sobre a saída de Palocci foram desconstruídas. A nota oficial divulgada pelo ministério da Fazenda aponta o pedido de afastamento do cargo, o que não é a mesma coisa que exoneração. Com o afastamento, ele mantém o foro privilegiado. Bornhausen avaliou que a queda do ministro foi o "coroamento da incompetência do governo Lula. Este é o início da derrocada", afirmou. Ele disse esperar que o afastamento do ministro seja definitivo. Para o líder tucano no Senado, Arthur Virgílio (AM), não se trata de um simples afastamento, mas de uma demissão real.

¹² Jornal da Globo, 05/2006. “O Collor caiu em parte pelo depoimento de Eriberto, um motorista. Lembrem-se, foi um momento luminoso quando em plena CPI um deputado do governo insinuou que Eriberto tinha levado grana. Mas o senhor fez essas denúncias apenas pro patriotismo, e ele respondeu, e o senhor acha pouco. Agora, o Francenildo não quis derrubar ninguém. Só estava se defendendo de citações do seu nome no inquérito da casa da mãe Joana de Ribeirão Preto apenas. E aí, invadiram-no de todo lado. O governo quis transformá-lo em canalha, abriu-lhe a conta. E em nome do povo, impediu o povo de falar e deu com os burros na água. Sem querer ele derrubou um ministro. Agora os tucanos de bico voraz querem fazer dele um herói. E no meio do cabo de guerra, Nildo, o povo, sem ideologia, sem educação, sem dinheiro. Um exemplo dos brasileiros pobres que deviam ser o objetivo dos políticos, mas ele é apenas um pretexto para situação e oposição. Francenildo nos prova que a democracia entre nós continua um mal entendido. Ainda não é um fim, mas um meio para dominarem o poder”.

Arthur Virgílio: "Quem derrubou o ministro não foi a oposição. Foi a sociedade, foi o caseiro", afirmou.

Repórter: O "caseiro" mencionado por Virgílio é Francenildo dos Santos Costa, que trabalhou na mansão do Lago Sul alugada por ex-assessores de Palocci do período em que foi prefeito de Ribeirão Preto. Em depoimento à CPI dos Bingos, Francenildo afirmou que Palocci freqüentava a casa, suspeita de ser usada para encontros de lobbistas e festas com prostitutas.

Alguns pré-candidatos mais independentes usaram a mídia como palco para expor suas posições políticas, como a senadora Heloisa Helena e o governador Germano Rigotto, em entrevista no Jornal do SBT do dia 28/03/2006:

Repórter: A senadora e pré-candidata pelo PSOL (Partido do Socialismo e da Liberdade) à Presidência da República, Heloisa Helena, afirmou ontem que a saída de Antonio Palocci da Fazenda é uma solução para livrar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva da responsabilidade nas denúncias de corrupção que envolvem o Planalto.

Pré-candidata Heloisa Helena: A saída dele é uma tática inteligente do presidente da República, fraudulenta para acobertar a sua própria responsabilidade no esquema que foi montado.

Repórter: A senadora disse que Palocci seria um dos "tentáculos" do esquema de corrupção na máquina pública. "Se nós estivéssemos em um país onde o Congresso Nacional não fosse um dos lados do balcão de negócios sujo, já não haveria espaço para o presidente da República continuar presidente. O grande comandante do esquema de corrupção articulado na máquina pública, sem dúvida, é o presidente da República".

Repórter: O governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, afirmou:

Germano Rigotto: o ministro pediu demissão porque se sentiu enfraquecido com as denúncias envolvendo seu nome e para que a sua permanência não significasse maior turbulência na economia".

Repórter: Para Rigotto, "a decisão do ministro foi correta, porque a situação é insustentável".

Já o presidente Lula manteve firme a defesa de Palocci, até descoberta da quebra do sigilo do "caseiro". Depois voltou a assumir a postura de "presidente traído", que funcionara tão bem desde o início da crise. E Geraldo Alckmin sentiu-se representado nas declarações de seus aliados, e parece não ter solicitado espaço à esfera midiática para se posicionar.

Na pré-campanha, o microdrama representou mais uma descoberta em meio ao "caldo de denúncias" colocadas pelas cpi's. Suas repercussões ajudaram a compor o cenário

preparatório, colocando a reeleição de Lula em perigo mais uma vez. Nesse momento da crise, cada revelação só aumentava a sensação de desrespeito e desconfiança da opinião pública em relação à esfera política, realimentada diariamente pelo circo midiático.

5.3.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) Globo – queda de Palocci

O telejornal coloca o fato em forma de testemunho. O repórter foi quem participou do acontecimento, e relatou sobre os principais pontos da entrevista coletiva do advogado de Antonio Palocci.

A construção narrativa buscou enfatizar, primeiramente a queda de Palocci. O discurso de abertura do âncora tira Palocci da sua condição de ministro, e o reinscreve em outra categoria simbólica, a de “*indiciado por um crime*”. A integrante da dupla de apresentadores usa uma voz grave para sugerir o tom de desapontamento com que a emissora encarou o envolvimento do ministro da Fazenda no escândalo da quebra do sigilo do “caseiro Francenildo”. Ela dá detalhes importantes para a reconstituição do drama vivido por Palocci, e indica que ele pode ser o mandante do crime. A emissora inicia a narrativa desconstruindo a imagem de Palocci, e já insere o telespectador em outro nível de leitura em relação ao acontecimento.

Na construção textual, o repórter acusa discretamente a assessoria de Palocci de quebra de contrato. Ele informa a frequência de jornalistas para simbolizar a importância do fato para a imprensa, e destaca a surpresa de todos quando ao invés de Palocci, quem veio para a coletiva foi seu advogado. Aqui fica implícita a cobrança por parte do campo jornalístico, representada na decepção do repórter.

O esquema narrativo integra parcialmente o dito de origem reconstruindo o discurso do advogado em um texto resumido nos detalhes principais da entrevista. Não ataca, nem redime ninguém, apenas acusa discretamente a participação do ex-presidente da Caixa Econômica, Jorge Matoso, no crime. E sugere descrédito ao ato de Palocci que convocou a imprensa somente para reiterar declarações anteriores.

O contexto geral faz com que se deduza que nas imagens exibidas quem fala é o advogado de Palocci. Mas ao deixar de identificá-lo, a narrativa produz um efeito de incorporação do enunciado pelo telejornal. O que indica sutilmente que a estratégia da emissora é manter-se neutra, pelo menos até que outro fato exija um posicionamento mais explícito.

b) SBT – advogado “dos diabos”

O telejornal escolhe ângulos inusitados para dramatizar o acontecimento, reforçando mais uma vez sua preferência por reconstruções dramáticas e a cobertura de temas polêmicos.

O âncora cita o locutor de origem, e reformula seu discurso de acordo com o esquema da narrativa, através da seleção das partes que interessam à intenção comunicativa presumida.

A emissora passa a questionar o tratamento dado pela Polícia Federal à Palocci, que nem é mais um ministro. Através do âncora, ela polemiza o fato de o depoimento ter acontecido na residência oficial, a um suspeito que não goza mais dos privilégios de um cargo importante do Executivo. E reforça o efeito moralizador da imprensa ao questionar o uso de uma propriedade do governo por alguém que não tem mais esse direito. Aqui, a estratégia é usar o potencial do acontecimento de desdobrar-se em várias polêmicas, enfatizando questões que não estão ligadas ao fato em um primeiro nível, mas há ao nível mais subjetivo da investigação, de onde se está julgando moralmente os atos e os personagens envolvidos, levando o espectador além do acontecimento.

O repórter é o ator discursivo responsável por trazer respostas às questões levantadas pela narrativa. Ele posiciona-se como testemunha das reações de Palocci, e explica para o espectador e para o âncora os porquês que levaram a Polícia Federal à casa do ex-ministro. Para tornar sua explicação mais credível, o telejornal transporta o âncora e a audiência para o local do acontecimento através de uma teleconferência, onde ele coloca os três atores da narrativa em contato virtualmente direto. Isso tudo para que o repórter esteja o mais próximo possível da suposta realidade do fenômeno, e revele a impressão desastrosa deixada pelo advogado de Palocci. Aqui, o telejornal exhibe para o espectador seu poder de cobertura através de uma proeza técnica que requer uma certa habilidade de seus produtores. E a emissora posiciona-se como vítima na pessoa do jornalista que esperou por cinco horas por uma entrevista, e em seguida foi maltratado por quem o convidou. Em sua construção textual, ele enfatiza o comportamento intimidador e rude do advogado ao tratar com a imprensa, além de seu evidente desrespeito.

O telejornal apresenta a declaração do advogado de Palocci de maneira truncada, em trechos, o que reproduz um efeito de subjetivação na medida em que apenas uma parte do dito de origem é imposta ao espectador. A estratégia é selecionar a parte do dito original que melhor se encaixe para reforçar o efeito presumido pela intenção narrativa.

O desfecho é inesperado e irônico. O âncora, o meganarrador, o responsável pela postura de opinião da emissora faz um comentário ironizando a condução do processo pelos políticos, que vão acabar colocando a culpa no “caseiro”. Sugerindo ao espectador que questione mais profundamente o comportamento dos que comandam o país.

c) Band – comentário do âncora

O Jornal da Band destaca-se por sua versão diferente de telejornal. Ele mistura jornalismo com entretenimento, mesclando seus temas entre notícias diárias, documentários, e variedades. A parte estética do telejornal, que compreende studio e o âncora, apresentam-se em um formato de programa de variedades. O âncora interage com as câmeras de pé, dividindo o estúdio com telas gigantes, que ora exibem a logomarca do telejornal, ora fragmentos de reportagens.

A matéria analisada está na categoria das notícias, mas não pode ser definida com uma reportagem. Sua construção narrativa está mais para um relato-comentário. O âncora resume o acontecimento em duas frases longas, e deixa o espectador a par do que se passou naquele dia, dentro daquele drama. O conteúdo coloca bem a situação de Palocci, e resume perfeitamente a participação do advogado dele. O espaço maior ficou justamente para a interpretação, onde o ele coloca livremente sua opinião sobre o fato, e deixa claro a postura de descrédito da emissora perante as instituições políticas.

São estratégias que se entrelaçam e se complementam, reforçando a característica híbrida do discurso telejornalístico, sempre com intenções múltiplas dentro da mesma mensagem.

5.4 Microdrama 4: Movimentação eleitoral – Discussão sobre a verticalização das eleições 2006

5.4.1 Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha

A verticalização foi instituída em 2002 por meio de uma interpretação dada pelo TSE à Constituição. O tribunal, consultado pelo deputado federal Miro Teixeira (PDT-RJ), entendeu que o princípio pelo qual os partidos se organizam impedia que alianças feitas nos Estados contrariassem coligações nacionais.

Foi essa a regra que vigorou na eleição presidencial daquele ano. Na época, o PT denunciou a medida como talhada para favorecer o PSDB. Chegou-se a cunhar o termo AI-45, referência aos atos institucionais do regime militar e ao número do partido. A polêmica sobre o fim ou manutenção da verticalização envolve a interpretação da lei eleitoral. Pela legislação, "é facultado aos partidos políticos, dentro da mesma circunscrição, celebrar coligações para eleição majoritária, proporcional, ou para ambas, podendo, neste último caso, formar-se mais de uma coligação para a eleição proporcional dentre os partidos que integram a coligação para o pleito majoritário". Em 1998, o TSE avaliou que a expressão

"dentro da mesma circunscrição" referia-se aos Estados. Em 2002, passou a considerar que a "circunscrição" era o território nacional. Por isso os adversários na disputa presidencial não poderiam ser aliados nos pleitos regionais.

O plenário do TSE aprovou a verticalização em 26 de fevereiro de 2002 por 5 votos contra 2. Em 26 de março de 2002, o tribunal atenuou a medida, ao decidir, por 6 votos contra 1, que o partido que não lançasse ou apoiasse um candidato à Presidência poderia se coligar com qualquer outro nos Estados. Seis partidos recorreram contra a verticalização ao STF (Supremo Tribunal Federal) com duas ações diretas de inconstitucionalidade: uma foi proposta pelo PC do B, PT, PL, PSB e PPS no dia 12 de março de 2002, e a outra foi movida pelo PFL, no dia 14.

Em 18 de abril de 2002, o STF decidiu, por 7 votos a 4, que não analisaria as ações, o que manteve a medida em vigor: a justificativa era a de que a resolução do TSE constituía apenas uma interpretação da legislação vigente, e não uma norma nova. No dia 8 de fevereiro de 2006, a Câmara dos Deputados aprovou por 329 votos a 142 a PEC (Proposta de Emenda Constitucional) 548/02, que determina o fim da regra de verticalização, sobre coligações eleitorais. O quórum foi de 471 deputados. A proposta, que já foi aprovada no Senado e em primeiro turno no plenário da Câmara, ainda não foi promulgada porque o Congresso esperava pela decisão do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Em 22/03/2006, os ministros entenderam que a PEC não vale para as eleições deste ano. Ou seja, manteve a verticalização para as eleições de 2006.

Houve muita trapalhada na disputa acerca de que regra de aliança partidária o Brasil deveria seguir. Interesses, decisões e argumentos se contrapondo em torno da chamada verticalização: a necessidade de as legendas respeitarem, nas disputas para governos estaduais, os acordos firmados para concorrer à Presidência da República.

Após a verticalização ter sido instaurada pelo Judiciário, os parlamentares tiveram três anos e sete meses para produzir uma lei explicitando a regra de alianças que valeria na rodada eleitoral de 2006. Tendo calado sobre o tema nesse prazo, consentiram a repetição da norma que regeu a disputa em 2002.

Surgiu, porém, uma malandragem para tentar driblar o dispositivo constitucional da anualidade (lei que altere o processo eleitoral não se aplica no pleito que ocorra até um ano da data da publicação do diploma). O Parlamento derrubou a verticalização não por meio de uma lei ordinária, mas aprovando uma emenda à Constituição. O impasse instalou-se entre Congresso e TSE. O Supremo Tribunal Federal teria um único caminho a seguir: ordenar que a nova regra liberando as alianças não seja aplicada neste ano, mas apenas em 2010. Caso

contrário, estaria fulminando o princípio da anualidade, e toda e qualquer mudança, miúda ou graúda, que fosse conveniente à maioria parlamentar poderia ser instalada na véspera do pleito, bastando que seja inscrita na Constituição.

Diante disso, o presidente STF, Nelson Jobim, foi procurado pelos presidentes dos partidos, que solicitaram agilidade no julgamento do impasse pelo tribunal. Quase um mês depois, por nove votos a dois, o STF (Supremo Tribunal Federal) manteve a obrigatoriedade da verticalização nas eleições deste ano. Pela regra, as alianças federais dos partidos devem ser mantidas nas coligações regionais.

Para a pré-campanha, a manutenção da regra da verticalização complicou o processo de estabelecimento de alianças entre os partidos, já que as mesmas teriam que ser concretizadas também nos estados. O esforço teria que ser redobrado, pois as bases estaduais dos grandes partidos (PSDB, PMDB, PT e PFL) encontravam-se fragmentadas pelas disputas para os cargos de governador.

A tematização da mídia se deu em torno de vários episódios desde fevereiro de 2006. A cobertura concentrou-se após a promulgação da emenda constitucional derrubando a verticalização. E seguiu de perto o processo de impasse, noticiando o encontro entre os líderes dos partidos com o presidente do STF, e depois, a movimentação dos pré-candidatos e presidentes de partido após a decisão do STF de manter a verticalização.

Para o PMDB, a manutenção significou um duro golpe na intenção de manter a luta por uma candidatura própria do partido. O partido, que estava no auge do processo de decisão, com as prévias marcadas para a escolha entre Germano Rigotto e Anthony Garotinho, dividiu-se mais ainda entre os diretórios estaduais que precisavam compor alianças para crescer nos estados (principalmente em SP e RS), e aqueles que apoiavam o lançamento da candidatura própria contra Lula.

O PSDB viu sua aliança com o PFL “balançar”. Já que um de seus principais líderes, o prefeito Cezar Maia, crítico sistemático da campanha de Alckmin, estava particularmente irritado com a insistência do PSDB em lançar o deputado Eduardo Paes como candidato ao governo do Estado do Rio. O PFL apoiava a candidatura da deputada Denise Frossard (PPS). As divergências ficaram claras no esvaziamento da convenção do partido que iria anunciar oficialmente a aliança, que, segundo pefelistas, refletia a temperatura da campanha.

O PT também era contra a verticalização porque sairia prejudicado nas alianças estaduais, pois tinha apenas algumas indicações para o governo. Com isso, movimentou-se mais rapidamente em direção a uma aliança com o PMDB, o que poderia assegurar a vitória de Lula em um eventual segundo turno, oferecendo o cargo de vice-presidente na chapa.

Aos partidos menores, não restou alternativa senão aliarem-se entre si em busca de uma frente de oposição, baseada em siglas partidárias esquerdistas, contra a candidatura de Lula.

5.4.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) SBT – conflito entre os campos

O telejornal coloca a movimentação estratégica do Legislativo na tentativa de derrubar a regra da verticalização, indo contra a decisão do judiciário. Ele assume o ponto de vista de relator do acontecimento, e passa a explicar o conflito de interesses entre o campo político (legislativo) e o campo jurídico (TSE e STF). A construção narrativa relata as posições dos dois campos, reproduz suas reações, e dá detalhes que completam o efeito de sentido de conflito, embate e discordância entre as duas esferas.

A reportagem mistura características de um acontecimento relatado, e acontecimento comentado para construir uma narrativa operística, que evidenciasse esse antagonismo. No esquema da narrativa, o poder legislativo é tratado como aquele que ameaça. A posição de seu representante, presidente do Senado Renan Calheiros, é enfática. A construção narrativa sugere a contradição presente nas declarações prestadas pelo agente político, que ora negava o conflito, ora o alimentava, classificando a decisão tomada pelo TSE (de estabelecer que a verticalização das eleições deveria valer para as coligações partidárias nos estados) como “*uma tolice nunca vista*”.

O repórter representa vários papéis dentro da narrativa para trazer a reação do campo jurídico, e de outros organismos sociais em relação à promulgação da emenda pelo Senado. Primeiro ele assume a posição de defesa do Jurídico para rebater as críticas do Legislativo. Depois reforça posição do Legislativo, exibindo a declaração do Senador Renan Calheiros afirmando seguramente que não vai se furtar do direito de mudar a constituição em prol dos interesses da classe. E por fim, ele recorre aos organismos sociais para manifestarem seus julgamentos. A OAB, como representante da parcela civil do campo jurídico, decide manifestar-se contra o Legislativo através de uma ação judicial contra a mudança na lei da verticalização, apoiada no princípio da inconstitucionalidade. E os partidos, como representantes dos políticos, tentam tirar o crédito do TSE dizendo que sua decisão foi baseada na lei eleitoral ordinária, e articulam-se para “pressionar” o presidente do STF a decidir o mais rápido possível sobre a validade da emenda que revoga a regra de verticalização nas alianças eleitorais.

A estratégia consiste em reconstruir o acontecimento através da articulação das declarações-reações dos representantes dos dois campos sociais em conflito. A declaração-reação consiste em emitir um julgamento, uma opinião oficial ou pessoal, favorável ou desfavorável, polêmica ou conciliadora, sobre os atos do outro.

Ao analisarmos a construção narrativa, concluímos que a intenção presumida tem três níveis: primeiro, levar o espectador a julgar o conflito; segundo, motivá-lo a tomar partido contra a verticalização das eleições; e terceiro, levá-lo a questionar se o Senado tem o poder de validar uma emenda constitucional que beneficia seus interesses, indo contra dois tribunais superiores, representantes das últimas instâncias da justiça do país.

Ao escolher polemizar o conflito entre os dois campos, reforçando a posição do TSE, questionando o poder do Legislativo, e mostrando que a promulgação da emenda à Constituição é uma manobra eleitoral, a emissora coloca-se subjetivamente à favor da instituição da regra da verticalização, e contra a manipulação da constituição pelos políticos.

b) Globo – debate entre os campos

O telejornal reconstrói o acontecimento sob a perspectiva de um debate entre campos sociais. E passa a trabalhar a construção narrativa para estabelecer um certo clima de paz, enfatizando o efeito de “acordo” entre as partes envolvidas. A reportagem dá a entender que o impasse já estava sendo superado, e que na realidade, o acontecimento tratava-se da combinação de movimentações entre os dois campos em busca do mesmo objetivo: a queda da verticalização. E não tratou da essência factual do acontecimento, que foi o encontro entre os presidentes de partidos e o presidente do STF, Nelson Jobim.

A reportagem estrutura-se em forma de dito relatado. Os dois atores discursivos desenvolvem a narrativa encadeando as ações mais recentes dos atores sociais envolvidos, com outros fragmentos do acontecimento, para reconstituir o processo de discussão de forma simples, explicativa, e mais próxima possível da experiência comum. Essa estratégia revela a preocupação do telejornal em esclarecer o espectador sem imprimir um juízo aparente.

Mas ao avaliarmos o conteúdo discursivo encontramos indícios da intenção presumida pela emissora na construção textual. O uso de termos como *acordo*, *entendimento*, *promessa*, *orientação*, para indicar as ações e reações dos envolvidos evoca o efeito simbólico de concordância entre os dois campos envolvidos na discussão. Logo, a ação pretendida é passar para a esfera pública a idéia de cooperação entre as forças, no sentido de agilizar a decisão do STF, e por um fim ao impasse, que está prejudicando o andamento das negociações políticas para as eleições.

c) Band – encontro entre os campos

O telejornal reconstrói o acontecimento como o encontro entre os representantes do campo político e do campo jurídico, que se reuniram com o presidente do STF para pedir rapidez na análise da vigência da verticalização nas alianças eleitorais. A reportagem baseia-se sobre a estratégia discursiva do dito-relato, onde o agente produtor do discurso midiático toma os atos e discursos dos agentes originais, e sobre eles formula o roteiro da notícia.

A emissora não faz nenhum movimento de tomada de posição diante do fato. Apenas reconstitui o acontecimento através das imagens, e do resumo explicativo dos agentes discursivos (âncora e repórter), colocando o espectador à par da movimentação dos campos político e jurídico em torno do impasse da verticalização.

5.5 Microdrama 5: Movimentação eleitoral – Desincompatibilização dos candidatos

5.5.1 Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha

O movimento de desincompatibilização resultou em uma grande “mexida” no tabuleiro político do país, e sinalizou para esfera pública os atores políticos que estariam presentes no cenário de disputa das eleições de 2006.

Essa movimentação política dividiu espaço na mídia com outros acontecimentos que mobilizaram a atenção da esfera pública, entre eles, o episódio do “caseiro”, a viagem do “astronauta brasileiro”, e algumas convenções partidárias que se realizavam, mais ou menos paralelas ao contexto político geral. No conjunto de telejornais analisados, encontramos referências principalmente à reforma ministerial do governo Lula, ocasionada pela desincompatibilização, e a movimentação de alguns pré-candidatos à presidência.

A reforma ministerial ficou em evidência devido à saída de um grande número de ministros de Lula para serem candidatarem por todo Brasil. Os telejornais enfatizaram essa movimentação como um sinal de fraqueza do governo Lula, que já havia perdido personalidades políticas importantes ao longo das CPI's. A movimentação de algumas personalidades políticas também foi acompanhada pelos telejornais durante a semana que antecederia o fim do prazo de desincompatibilização, mas ficou para os pré-candidatos Garotinho e Geraldo Alckmin a maior parte do espaço midiático concedido a este tema.

Os telejornais apresentaram reportagens usando várias estratégias discursivas para noticiar o ato de desincompatibilização dos pré-candidatos e suas repercussões. Com o uso de palavras que semantizavam os discursos, tons de voz ao iniciar algumas frases, risos e

entonações vocais mais acentuadas, eles deixaram claro para a opinião pública disposição de julgamento diante dos pré-candidatos.

Eles reconstroem para o telespectador a movimentação do campo político diante do fim do prazo para desincompatibilização de cargos públicos, mostrando dois pré-candidatos que já haviam se posicionado claramente na disputa, antes mesmo da indicação oficial de seus partidos. No caso de Geraldo Alckmin, a reportagem indica que ele já é um pré-candidato, e que a disputa interna pela indicação do partido entre ele e José Serra ainda é acirrada, e seguirá seu andamento nas negociações de bastidores. Sobre Anthony Garotinho, a matéria confirma sua posição de pré-candidato, colocando claramente que a decisão da governadora em não renunciar a seu mandato o deixa sem escolha. E argumenta que as negociações dentro do PMDB ainda estão confusas, já que partido cogita mais uma possibilidade: a de compor com outros partidos e ficar com a vaga de vice na chapa. Logo, pode-se dizer que Anthony Garotinho tem um longo caminho a percorrer até conseguir confirmar sua candidatura para a presidência.

O fim do prazo para a desincompatibilização faz parte do calendário de cobertura das atividades do campo político estabelecido pela mídia. Suas repercussões trouxeram os indícios das estratégias políticas que estavam em andamento, e que geraram uma movimentação intensa no cenário político do país. A reforma ministerial foi o assunto mais explorado, seguida da renúncia de Alckmin, a decisão de casal “Garotinho”, e a indecisão de José Serra. A cobertura indicou que a disputa eleitoral já estava em andamento. Na reportagem, o telejornal estabelece que o fim do prazo de desincompatibilização provocou as negociações políticas em torno da posição dos pré-candidatos.

Entendemos que a escolha do telejornal do SBT por enfatizar as denúncias publicadas contra o pré-candidato Geraldo Alckmin, até então, exemplo de ética e honestidade na conduta do governo e de sua vida pública, reforçou a intenção de demonstrar os fatos importantes, mesmo que implicasse em danos à imagem do político. É importante ressaltar que a maioria dos telejornais silenciou essa questão, já que pouco se ouviu sobre o desenrolar do drama. Mas o pré-candidato não deixou de ser alvo de outras denúncias, afinal, ele já estava oficialmente na “vitrine” da pré-campanha.

Para o telespectador ficou claro que existiam fortes indícios de que as denúncias contra Geraldo Alckmin publicadas pelo jornal Folha de São Paulo fossem verdadeiras. E que, mesmo sendo ainda denúncias, Geraldo Alckmin não pode vangloriar-se de ser possuidor de uma conduta honesta frente ao governo paulista porque não se deixou investigar enquanto era governador, e também porque deixou o cargo sem dar maiores explicações. A reportagem

indica para o telespectador que o ex-governador está posição de igualdade com seus principais adversários no jogo da pré-campanha, já que ele era único que ainda não tinha sido acusado publicamente de corrupção em sua administração frente ao governo paulista.

A repercussão das denúncias publicadas na mídia contra Alckmin pesou principalmente sobre o início de sua pré-campanha, que perdeu a força junto à opinião pública. Ele praticamente foi proclamado pela mídia com o candidato do PSDB, mas ainda enfrentava a condição de “candidato desconhecido” no norte e nordeste do Brasil. Logo, precisava de toda visibilidade midiática que pudesse angariar em prol de suas aparições e movimentações. A mídia aguardava os resultados das primeiras pesquisas feitas sobre esse cenário de disputa para posicionar-se mais claramente em relação à imagem de Alckmin.

A movimentação gerada pela desincompatibilização também fez parte do período preparatório para as convenções partidárias. O fim do prazo para as convenções partidárias ia até 30 de junho, e esse momento intermediário foi estrategicamente reservado para a composição de apoios e alianças entre os partidos, e para a coesão de forças ideológicas que iriam combater nas eleições. Algumas siglas menores já haviam lançado os nomes para concorrer à presidência, e juntaram-se em uma frente socialista. Os grandes partidos negociavam alianças entre si, ainda envolvidos com a indecisão do PMDB sobre apoiar a candidatura de Lula ou lançar candidatura própria.

5.5.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) Globo – propaganda telejornalística positiva

A representação sobre a desincompatibilização de Geraldo Alckmin construída pelo telejornal caracteriza-se mais como uma estratégia de “propaganda telejornalística positiva” do que de reportagem. E consistiu na otimização do espaço de visibilidade midiática em prol do anúncio de sua pré-candidatura. O acontecimento foi suscitado pela esfera política, e agendado pela emissora, que concentra uma boa parte do tempo do noticiário para testemunhar para o espectador a movimentação do pré-candidato do PSDB.

Na abertura de impacto, o meganarrador descreve o contexto em que acontece a movimentação, e sugere de forma entusiasmada a vantagem de Alckmin enfatizando sua movimentação à frente de seus adversários Serra e Lula. A estratégia é introduzir o espectador no ambiente da pré-campanha, identificando para ele a posição de cada um dos principais personagens da narrativa que irá se seguir na reportagem. O âncora coloca o clima de disputa entre os adversários. Lula ainda se preocupa com as funções do executivo enquanto Alckmin

sinaliza claramente sua intenção de concorrer à presidência, pressionando seu partido a decidir entre ele e José Serra.

A reportagem abre encenando a leitura da carta de renúncia de Geraldo Alckmin como um acontecimento simbólico que significa o início de sua campanha. Em seguida, desenvolve um roteiro narrativo em forma de testemunhal, onde o repórter segue de perto todos os passos do pré-candidato, ressaltando seu desempenho como governador, mostrando as inaugurações, onde ele demonstra estar feliz, cercado de amigos, e em harmonia com o eleitorado. Nos fragmentos das declarações que compõe a primeira parte da narrativa, Alckmin tem a oportunidade de posicionar-se para a esfera pública como um homem realizado e pronto para assumir mais um desafio na sua carreira política. A construção narrativa atua de todas as maneiras (roteiro, construção textual, construção imagética, integração dos discursos originais) para reproduzir uma imagem positiva do pré-candidato para o espectador, colocando suas qualidades e intenções quase em forma de um filme promocional.

O tratamento dado ao outro pré-candidato do PSDB (José Serra) reforça a suspeita sobre a preferência da emissora em propagar a imagem do pré-candidato Geraldo Alckmin. A narrativa coloca a disputa interna do partido como uma questão secundária, e sugere que a resolução do impasse depende apenas do anúncio oficial da candidatura de Serra ao governo de São Paulo. Mas, na realidade, o processo de decisão sobre o candidato oficial do PSDB ainda estava em andamento. E no momento em que o produtor do discurso inclui no roteiro da narrativa a posição de Alckmin em relação a Serra, e em contrapartida, mostra apenas imagens de José Serra, sem dar a ele o direito de posicionar-se quanto o processo de escolha do partido, a emissora deixa de divulgar a posição do outro pré-candidato em relação a disputa interna, logo, dá a vantagem à Geraldo Alckmin. Para amenizar o conteúdo desequilibrado, a reportagem exhibe a opinião de um dos deputados do PSDB à favor de José Serra como desfecho da notícia. Mas, por se tratar de um locutor desconhecido, provavelmente sua declaração não encontrou eco no receptor.

A emissora põe-se claramente à disposição da pré-candidatura de Geraldo Alckmin ao exhibir uma reportagem bem produzida do ponto de vista narrativo, que reproduz todas as qualidades do político como em um filme promocional, e sugere claramente que sua pré-candidatura como a melhor opção para o partido em detrimento dos outros pré-candidatos que colocaram seus nomes na disputa.

Em relação a notícia da movimentação do pré-candidato Anthony Garotinho, o tratamento dado pela emissora é diferente. Primeiro que ela parte da perspectiva informativa, e preocupa-se mais em descrever a reação da governadora Rosinha Matheus frente ao fim do

prazo para a desincompatibilização. O acontecimento é suscitado pela esfera política, que atrai a imprensa para o anúncio da decisão da governadora, sendo este o ponto alto da segunda parte da narrativa. As imagens do acontecimento colocam o espectador em contato com a atmosfera de ansiedade que envolvia decisão da governadora, e o repórter reforça sua importância explicando que *“a decisão podia interferir no futuro político do ex-governador Garotinho por causa de restrições na legislação eleitoral”*. Ai reside a intenção narrativa da emissora em demonstrar para o espectador as dificuldades enfrentadas pela pré-candidatura de Garotinho dentro do jogo da pré-campanha.

A reportagem prossegue insistindo na condição desfavorável de Garotinho, e não deixa bastante claro que ele também concorre por uma indicação de candidato à presidência pelo PMDB, forçando o espectador a reconstruir sozinho a trajetória dele dentro do cenário da disputa pré-eleitoral. Para completar a estigmatização de sua imagem como um “candidato problemático”, a construção narrativa opta por enfatizar sua postura arrogante ao reagir com ironia sobre a possibilidade de ele vir a ser vice de Geraldo Alckmin. Logo, o desfecho não poderia ser pior para Garotinho, que foi tratado pela reportagem como um político arrogante, que dependia da decisão da esposa para manter-se na disputa, e que se mostra nada amistoso em relação aos outros adversários.

Como todo discurso midiático se vê diante do problema da relação entre realismo e ficção, a instância produtora tenta contrabalançar o estado bruto do acontecimento com as suas potencialidades de significantes múltiplas. Nesse processo, ela não pode prescindir do objetivo da captação de audiência, e da tomada de posição que a sua “mirada” reproduz. Logo, no caso específico desta reportagem podemos dizer que todas as estratégias discursivas usadas colaboraram intencionalmente para construir uma imagem positiva do candidato Geraldo Alckmin, e legitimar sua candidatura à presidência junto à opinião pública, antes mesmo da sua indicação oficial pelo partido. E, em contrapartida, lesou a imagem do pré-candidato Garotinho ao reproduzir construções simbólicas negativas de seus movimentos e reações diante da desincompatibilização dos pré-candidatos.

b) SBT – propaganda telejornalística negativa

O jornal do SBT relata a desincompatibilização dos pré-candidatos Anthony Garotinho e Geraldo Alckmin articulando o conteúdo factual do acontecimento com outros acontecimentos paralelos, que se encadeiam formando uma parte do contexto geral da pré-campanha. A reportagem procura reproduzir uma atmosfera de “rede” de fatos, articulando elementos em vários “panos-de-fundo”, que ora trazem elementos de intriga, ora de surpresa,

ora de suspense. A pré-campanha 2006 foi muito rica nesse tipo de fatos espetaculares. O sistema telejornalístico praticamente afogou-se em um mar de acontecimentos políticos, que eclodiram diariamente na forma de novas denúncias, outras versões, ataques, reações, movimentações e etc. evocando imperativamente o posicionamento dos outros campos da sociedade diante disso tudo, todos os dias.

A reportagem em questão mostra com riqueza de detalhes o trabalho coordenado entre os conteúdos factuais e as estratégias discursivas telejornalísticas para “encenar” o acontecimento nos vários formatos de espetáculo: interessante, intrigante, polêmico, surpreendente e etc. A escolha dos ângulos a serem tratados e a edição das imagens revela que a intenção comunicativa do telejornal vai além de mostrar a movimentação política dos pré-candidatos. Ela procura mostrar mais e mais detalhes, articulando fatos diretamente relacionados ou não ao fato, construindo novas abordagens e perspectivas para serem consideradas pelo espectador.

A primeira parte da narrativa reproduz o acontecimento suscitado pela governadora Rosinha Matheus, que por sua vez, tinha relação direta com a situação do pré-candidato Garotinho. A solenidade produzida pelo governo do Rio de Janeiro para anunciar a troca de secretários serviu de palco para a exibição do posicionamento político do “casal Garotinho” em relação à disputa eleitoral. O conteúdo textual construiu o sentido inicial de jogo, indicando o movimento da governadora através de uma linguagem metafórica que enfatizou o risco da decisão, a aposta, a tomada de posição. Em seguida, a construção narrativa integra uma declaração da governadora, que exerceu a dupla função: de elemento polemizador dentro do discurso telejornalístico; e de blefe dentro da arena do jogo político. Aqui se configurou uma estratégia política-midiática por parte da governadora. Ela tentou pressionar o comando do partido a decidir-se em favor da candidatura própria, e com a intenção de minar a relação entre o governo Lula e o PMDB, ela blefou sobre a possibilidade de uma aliança com o PSDB.

A construção da imagem de Garotinho como pré-candidato é um elemento à parte. Garotinho já era uma figura polêmica desde o início da sua carreira como radialista em Campo Grande. Suas atitudes populistas frente ao governo do Rio de Janeiro, e sua adesão à bancada Evangélica do Congresso Nacional, lhe renderam visibilidade suficiente para se candidatar à presidência em 2002, e conseguir 15 milhões de votos na ocasião. Mas, por parte da esfera midiática, sempre fora retratado como um político oportunista, e sem grandes qualidades. O posicionamento antagônico da mídia diante da pré-candidatura de Garotinho repetiu-se durante a pré-campanha de 2006, e deu-se através da cobertura da “batalha” entre

os governistas (que apoiavam uma aliança com PT), e os que eram a favor da candidatura própria do partido. Dentro desse processo de disputa, Garotinho continuou a ser retratado como “*persona non grata*” pelos telejornais, que o mostravam como uma liderança política controversa e nada confiável, apoiada apenas pelo diretório do partido no estado, pela governadora Rosinha Matheus, e alguns líderes do PMDB como o presidente Michel Temer.

Na narrativa, a decisão da governadora foi mostrada como reforço na frente de batalha dentro do partido. O comportamento de Garotinho, ao ser questionado sobre uma possível aliança com o PSDB, revelou toda sua auto-confiança e declarou que o pré-candidato Geraldo Alckmin também poderia ser seu vice, instigando a disputa. A declaração pareceu arrogante aos olhos do telejornal, já que o âncora chegou a rir, debochando da prepotência de Garotinho diante da hipótese. A intenção narrativa reforça a imagem de Garotinho como um político não-confiável através da atitude do âncora.

A segunda parte da narrativa passa a articular o movimento de desincompatibilização do pré-candidato Geraldo Alckmin e as denúncias publicadas contra ele no jornal Folha de São Paulo. O telejornal combina várias estratégias discursivas para englobar em sua super narrativa ditos que estão imersos em outros discursos, provenientes de outros dispositivos de informação, e com isso enriquece a notícia, adicionando credibilidade e sentido para sua mensagem. Tudo isso foi usado a serviço da postura inquiridora da emissora diante do candidato tucano.

Todos os processos de produção (roteirização, edição, redação e etc.), incluindo as performances inquiridoras do âncora e do repórter, articulam-se para criar a polêmica em torno da movimentação de desincompatibilização de Alckmin e a matéria publicada no jornal Folha de São Paulo com as denúncias de corrupção em seu governo. As estratégias discursivas tecem um pano de fundo, um cenário, para uma movimentação, que já era esperada para aquele dia. A imagem é o principal personagem discursivo, e traz para a narrativa signos com o sentido de revolta, de protesto, de necessidade de resposta. A montagem entre os discursos externos (fragmentos da matéria do jornal, e as entrevistas) e a construção narrativa (roteiro, linguagem textual metaforizada, imagens editadas) simula a realidade enfrentada pelo pré-candidato no dia da sua renúncia, e expõe como a sua visão do fato. A estratégia da visualização, muito usada nos telejornais, incumbiu-se de mostrar ao espectador todos os aspectos polêmicos dessa realidade (manchetes, fotos, rostos e locais), e os coloca “frente-a-frente” com a postura incólume demonstrada por Alckmin no início da reportagem.

Esse é o aspecto de propaganda negativa que levantamos no título. Toda a reportagem articula-se para enfatizar os aspectos negativos que rondavam o pré-candidato naquele momento da pré-campanha. Tudo que poderia ter sido dito a favor de Alckmin foi ocultado e redirecionado para contestar sua postura de político ético - que era sua principal arma contra o PT na campanha. A reportagem enfatiza o “trunfo da oposição”, e lança a declaração do deputado da base alckmista, sacudindo nas mãos a prova documental contra o governo. Mas não dá direito de resposta a Alckmin, e ainda encerra a narrativa com especulações negativas sobre o futuro do pré-candidato.

Logo, ficou claro que a emissora teve a intenção de polemizar sobre a questão das denúncias, exibindo esse recorte para questionar a postura ética de Geraldo Alckmin. Sendo assim, demarcamos aqui uma estratégia de posicionamento político-midiático da empresa de comunicação, que usa da sua função de produtor discursivo para interferir no contexto político, e interpelar um de seus atores a se posicionar diante das circunstâncias que o envolveram na denúncia.

c) BAND – nota jornalística

O Jornal da Noite limitou-se a noticiar a movimentação na esfera política através de uma nota jornalística, que pareceu estar baseada em um *release oficial* do acontecimento. Nada, além do discurso de abertura do âncora, contribui para indicar algum tipo de segunda intenção na narrativa, a não ser a de informar os detalhes principais que compõem o fato.

O âncora introduz o espectador no clima da disputa, deixando o presidente Lula em desvantagem em relação a Geraldo Alckmin. O tom dado a notícia indicou a importância da movimentação da desincompatibilização, mas não constrói nenhum cenário para o relato. O repórter apenas relata formalmente os detalhes oficiais da desincompatibilização do ex-governador, e articula com a posição de José Serra, já indicando que ele irá disputar a vaga para o governo de São Paulo, e sem citar nada sobre a situação de disputa entre ele e Alckmin pela vaga de candidato a presidência dentro do mesmo partido. Ora, isso leva a crer que o telejornal deu como decidida a disputa interna dentro do PSDB, e deu vitória a Geraldo Alckmin.

Acreditamos que no caso dessa reportagem, e de outras com o mesmo tipo de estrutura narrativa, a emissora posiciona-se apenas como informante do espectador. O telejornal apenas resumiu a agenda dos atores políticos envolvidos na disputa da pré-campanha que julgou ser mais interessante do ponto de vista dos critérios da produção.

5.6 Microdrama 6: PMDB – o impasse da candidatura própria

5.6.1 Resultados factuais do microdrama e suas implicações na pré-campanha

O PMDB estava dividido em pelo menos três grupos: os defensores da candidatura própria, tese que perdeu força nas últimas semanas da pré-campanha; e os favoráveis a uma aliança com o PT ou o PSDB. No dia 13 de maio, em uma pré-convenção do partido, a maioria do PMDB decidiu não lançar candidato nas eleições de outubro, mas uma liminar obtida na Justiça tornou sem validade o encontro.

Os defensores da candidatura própria do PMDB lutaram contra o adiamento da convenção nacional do partido para o dia 29. A nova data foi interpretada como uma vitória do grupo dos "governistas", "facção" do partido que defende o apoio do PMDB à virtual candidatura à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Originalmente, o partido se reuniria no dia 11 para definir seus rumos na eleição de outubro. Em resposta ao adiamento da convenção nacional do partido para o dia 29 de junho, o grupo defensor da candidatura própria do PMDB ao Palácio do Planalto ingressou com uma série de ações na Justiça. O objetivo era manter a data da convenção em 11 de junho.

O ex-governador Anthony Garotinho (PMDB) acusou, em seu discurso na convenção, o grupo contrário à candidatura própria do PMDB ao Palácio do Planalto de tentar transformar o partido numa "prostituta". Garotinho considerou que se o partido não tiver representante na sucessão presidencial será "carimbado como um bando, uma quadrilha". Garotinho: *"Nos convidam a virar uma prostituta. Num Estado, vamos nos unir aos 40 ladrões, no outro, aos vendilhões da pátria. O PMDB não é uma prostituta. Não pode ir para a cama com qualquer um, a não ser com o povo"*

Os senadores Renan Calheiros (AL) e José Sarney (AP) foram os principais alvos de Garotinho. O ex-governador acusou os dois de tentarem escrever a história do partido "com a caneta das negociatas". Renan e Sarney deixaram o evento antes de Garotinho chegar. Ambos eram contrários a candidatura própria e defensores de uma aliança informal em torno do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

E o ex-presidente Itamar Franco anunciou que abria mão de sua pré-candidatura à Presidência da República 10 dias depois.

Quase no apagar das luzes, o senador Pedro Simon lançou sua candidatura à Presidência da República tendo Garotinho como vice como a última cartada a favor da candidatura própria. Mas, até então, um dos principais defensores da candidatura própria do PMDB à Presidência, o presidente do partido, deputado federal Michel Temer (SP), sepultou

no início de junho essa possibilidade, e também a de eventual aliança com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ou com o tucano Geraldo Alckmin.

O maior obstáculo para fechar a aliança com Lula era a verticalização, regra adotada nas eleições passadas e mantida para esta, apesar de uma emenda constitucional tê-la derrubado. A verticalização impediu que partidos adversários na eleição à Presidência se aliem nos Estados. Se apoiasse Lula, o PMDB não poderá se aliar ao PSDB em nenhum Estado. Nem ao PFL, que comporia a chapa à Presidência com o tucano.

Rachado em torno da tese da candidatura própria, o PMDB voltou a rachar em torno das candidaturas dos presidenciáveis Geraldo Alckmin (PSDB) ou Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e entraram em uma guerra de números, disputando os diretórios estaduais. E o ex-governador do Rio Anthony Garotinho, depois de ter feito greve de fome, e lutado arduamente para conseguir a indicação do partido, desistiu e aderiu à candidatura de Heloísa Helena (PSOL) à Presidência.

5.6.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) SBT – surpresa de Itamar

Como foi ressaltado no conteúdo analítico, a reportagem enfatiza um ângulo interessante das negociações políticas no período da pré-campanha. O fato de um dos líderes do PMDB ter decidido disputar a indicação do partido não seria a maior surpresa. Mas sim, a revelação inesperada de Itamar feita diretamente à Garotinho, em frente às câmeras de todos os telejornais da imprensa brasileira. O fato revelou-se como um movimento político estratégico de Itamar, com o objetivo de fragilizar Anthony Garotinho diante de toda a esfera pública.

A reportagem, basicamente, cria o clima de “jogada” política enfatizando as reações dos envolvidos. O âncora ressalta que as tentativas de Itamar Franco haviam se tornado realidade no momento em que Garotinho resolvera criar um acontecimento político fazendo uma visita a Itamar para pedir publicamente seu apoio a sua pré-candidatura.

A construção discursiva reforça o clima de embate com o uso de palavras com enfrentamento e adversários. O âncora enfatiza que Garotinho ficou *contrariado* com a decisão de Itamar, e principalmente com sua atitude inesperada de revelar sua decisão diante da imprensa. As imagens reconstroem o acontecimento mostrando os fatos em forma de reações-declarações dos envolvidos.

Percebe-se que a intenção do âncora é dramatizar a narrativa demonstrando suas emoções através de expressões faciais que indicam a surpresa com o a atitude do ex-

presidente Itamar Franco em dar a notícia diretamente ao pré-candidato Garotinho. Além de modular sua voz semantizando a contrariedade de Garotinho diante do fato.

A intenção narrativa transforma o movimento político de bastidores em um “lance espetacular” da pré-campanha, reproduzindo na reportagem “a peça que Itamar Franco pregou em Garotinho” nas vésperas da convenção do partido em que seria decidido o futuro de sua pré-candidatura.

b) Band – acontecimento comentado

Aqui temos um exemplo claro da utilização de operações discursivas de construção do acontecimento para a produção de um “acontecimento comentado”. Essa operação foi encontrada várias vezes nas reportagens dessa emissora, principalmente no que se referia aos fatos provenientes da esfera política.

A declaração do ex-presidente Itamar Franco foi noticiada através de um comentário formado por todos os aspectos da mecânica argumentativa usada no comentário midiático. A problematização é toda construída à favor da posição do pré-candidato Garotinho, enfatizando sua posição favorável creditada pelas pesquisas de intenção de voto, contra seus adversários de partido, denominados pelo comentarista de “caciques e governistas”, que estão apenas interessados em garantir suas eleições nos estados. Para depois, revelar para o espectador a decisão de Itamar como mais um obstáculo, pensado apenas com a intenção de provocar estragos nos planos de Garotinho.

Ora, o comentarista especula enfaticamente sobre a intenção de Itamar Franco, baseado em suposições que ele não revela de onde vieram especificamente (a fonte). E ainda argumenta fazendo correlações que supõe uma posição favorável à Garotinho, condenando a atitude de Itamar Franco. Isso produz um efeito de psicologização da notícia, já que enfatiza posições e reações de um elemento em detrimento da posição de outro, e toma partido à favor de um dos lados.

c) Globo – fim das chances de Garotinho

As organizações Globo e o político Anthony Garotinho já acumulam rugas e mal entendidos desde a época em que ele foi governador do estado do Rio de Janeiro, em 1994. Durante a pré-campanha, nada foi diferente. A maioria das notícias referentes à pré-candidatura de Garotinho publicizadas pela Globo tiveram a intenção de demonstrar sempre o lado negativo da luta do pré-candidato pela indicação do partido.

No caso desta reportagem, a notícia da pré-convenção foi apresentada como o fim das chances de Garotinho de concorrer à presidência. O âncora cria o clima de impacto já

antecipando em seu discurso de abertura a vitória da ala governista do partido sobre Garotinho. As imagens fizeram questão de testemunhar o antagonismo feroz dos militantes de Garotinho, que vaiaram os líderes importantes do partido (Renan Calheiros e José Sarney), que estavam lá na defesa de uma aliança com o governo Lula, e o oportunismo de Garotinho ao ocupar a mesa do evento antes de ser convidado pelo presidente do partido, como é de praxe nesse tipo de solenidade política. E os ditos publicados na reportagem não demonstraram com clareza a intenção dos dois pré-candidatos, sendo que foram integrados à reportagem ao mesmo tempo em que foram reinterpretados pelo repórter na forma de exegese. Ficou claro que a emissora escolheu enfatizar a vitória dos governistas ao afirmar que o resultado expressou a vontade da maioria do partido.

A reportagem revela apenas no final que os resultados da convenção foram suspensos por uma liminar de um juiz de Brasília, e conclui que a briga interna do partido iria continuar nas áreas jurídicas e política. Esse desfecho reforça a intenção da emissora em demonstrar que o impasse continua, mas que o resultado da pré-convenção, mesmo não tendo validade, ainda favorece a ala governista que luta contra a pré-candidatura de Garotinho.

Em se tratando das operações discursivas, podemos dizer que o esquema narrativo privilegiou a perspectiva dos governistas quando não expôs com mais detalhes o posicionamento dos dois pré-candidatos e suas reações. Além de procurar demonstrar Garotinho em uma atitude agressiva, de desrespeito e enfrentamento em relação aos adversários. Logo, a perspectiva de equilíbrio e isenção ficou prejudicada em detrimento da intenção valorativa da emissora ao fazer predições sobre a orientação de seu julgamento diante dos envolvidos.

5.7 Microdrama 7: PMDB – O caso Garotinho

5.7.1 Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha

Os motivos que deflagraram a greve de Garotinho foram as denúncias publicadas contra ele pela Revista Veja e Jornal O Globo, de que ongs e empresas fantasmas teriam recebido recursos do governo do Rio e depois repassado ao seu comitê em forma de doação. Para abandonar a greve, ele exigiu o acompanhamento do processo de eleição por organismos internacionais - ele afirmou ter enviado a solicitação à OEA (Organização dos Estados Americanos) - e que os veículos de comunicação, especialmente a revista "Veja" e o jornal "O Globo", cedessem a ele o mesmo espaço das denúncias para que pudesse se defender.

A greve de fome de Garotinho foi encarada pela esfera pública como uma estratégia política mal sucedida. A tentativa de chamar a atenção da esfera pública para uma suposta perseguição da mídia contra sua pré-candidatura resultou em várias manifestações contrárias provenientes de vários segmentos sociais, os quais questionaram as intenções do pré-candidato com uma atitude tão dramática e sensacionalista. O presidente nacional do PT, deputado Ricardo Berzoini (SP), ironizou uma das exigências do peemedebista de que só encerrará o protesto quando tiver espaço na imprensa para se defender das denúncias de que recebeu dinheiro ilegal para a sua pré-campanha ao Planalto. "Se todos nós políticos fossemos fazer greve de fome cada um teria uns 30 kg a menos", alfinetou.

O líder do PDT no Senado, Jefferson Peres (AM), pré-candidato do partido à Presidência da República, afirmou que recebeu "com espanto" a notícia de greve de fome de Garotinho. "Ele está se expondo ao ridículo", observou.

O presidente nacional do PPS, deputado Roberto Freire (PE), pré-candidato da legenda ao Planalto, ressaltou que a greve de fome "normalmente é um gesto de contundência muito grande, mas que no caso de Garotinho não tem razão de ser. O que ele quer? Ele não está propondo nada! Ao contrário, vai fazer com que todo o Brasil repudie seu protesto quando pede a presença de observadores internacionais nas eleições. Nós não estamos precisando disso. O ato dele beira ao cretinismo político", considerou.

No decorrer da semana, a greve de garotinho transformou-se em um grande reality show. Algumas emissoras noticiavam boletins diários em suas programações sobre o estado de saúde do pré-candidato. No espetáculo que se tornou a greve, o momento de maior dramaticidade foi quando Rosinha chegou acompanhada de seis dos nove filhos do casal, ao meio-dia. Deitado com a luz apagada, Garotinho não se levantou para recebê-los. Em vez disso, todos se ajoelharam ao lado do sofá e rezaram. A filha Clara, 11, chorou muito. Depois, levantaram-se e abraçaram Garotinho. Ficaram na sala por cerca de 30 minutos.

Mesmo diante de tantas manifestações contrárias, Garotinho afirmava que além de manter a greve de fome iniciada ontem, ia continuar lutando para ser o candidato do PMDB à Presidência. Em um documento que ele direcionou ao "povo brasileiro", ele se voltou a criticar seus inimigos políticos: "Os poderosos, capitaneados pelo sistema financeiro, não admitem sequer a convivência democrática com quem defenda os pressupostos de uma ação livre e soberana. Tentam calar-me para, na verdade, eliminar do debate as idéias de quem clama pelo fim da ditadura dos bancos, do modelo econômico excludente, dos juros que escravizam o povo brasileiro". E também se defendeu das denúncias de irregularidades envolvendo as empresas que fizeram doações para a sua pré-campanha eleitoral. "Não fiz

nada fora da lei. Não tenho nada a esconder. Meu único patrimônio é a casa que herdei dos meus pais."

A greve foi encerrada dez dias depois, quando a justiça concedeu a Garotinho o direito de resposta nos dois veículos de imprensa que haviam publicado as denúncias. Porém, seu erro estratégico foi a sua incapacidade de fazer circular pela esfera midiática seus argumentos de defesa. Isso ocasionou em conseqüências drásticas na sua pré-candidatura, já que os partidários da candidatura própria não saíram em sua defesa, e a confirmação da verticalização para 2006 reforçou a luta dos governistas para manter o partido livre de alianças a nível presidencial.

Sendo assim, a greve de fome de Garotinho no contexto da pré-campanha não passou de mais uma "artimanha" política para chamar a atenção dos eleitores em tempos de eleição, e que só contribuiu para reforçar a imagem de político sensacionalista, inconseqüente e nada confiável que a esfera midiática já cultivava desde os tempos em que ele era governador do estado do Rio de Janeiro.

Com Garotinho praticamente fora do caminho, Lula e Alckmin passaram a ser os dois grandes alvos da cobertura midiática. Os telejornais passaram a divulgar a cobertura diária de seus movimentos numa espécie de quadro onde o espectador tinha a oportunidade de testemunhar todos os passos dos dois pré-candidatos. Além de iniciar a temporada de divulgação de pesquisas de opinião.

5.7.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) SBT – relato de outras mídias como fonte designadora do acontecimento

Nessa reportagem temos mais um exemplo da integração do relato de outras mídias ao discurso telejornalístico. As informações que compõe a matéria foram retiradas de dois outros dispositivos de informação: jornal impresso e internet.

A origem do acontecimento relatado esta nas denúncias feitas pelo jornal Folha de São Paulo contra o pré-candidato Garotinho. A reportagem foi publicada no auge da disputa interna do partido, travada entre os defensores da candidatura própria e a favor de Garotinho, e os governistas que lutavam pela liberdade do partido nas coligações estaduais.

Segundo a emissora, a revelação de que as doações recebidas pelo comitê de Garotinho eram provenientes de empresas ilegais levou o partido a questionar-se mais uma vez sobre o risco de lançar Garotinho como candidato a presidência, deixando sua pré-candidatura em cheque.

A construção do discurso foi cuidadosa, e procurou basear-se nas informações provenientes de outra fonte, optando por apenas reproduzir seu conteúdo no telejornal. Porém, o esquema da narrativa revela a intenção da emissora de enfatizar o envolvimento do pré-candidato com empresas fantasmas que supostamente pertenceriam a laranjas, um deles até presidiário.

A reportagem desconstrói a imagem de pré-candidato, afirmando e mostrando provas de que as doações que financiaram a pré-candidatura de Garotinho tinham origem em empresas suspeitas. E reforça a imagem de político corrupto que já o acompanhava desde o início de sua carreira política.

As operações discursivas são básicas (reconstituição, explicação, apresentação de provas e de reações), e concentram-se em dar credibilidade ao discurso, incluindo imagens de arquivo de Garotinho para identificar para o espectador o personagem principal das denúncias, e imagens da reportagem que deu origem ao acontecimento, com o objetivo de conferir o efeito de credibilidade na reprodução do discurso oferecida pelo telejornal. O âncora usa marcas textuais e vocais para conferir o clima de suspense na abertura da notícia, ambientando as revelações bombásticas contra o pré-candidato. O repórter descreve todos os detalhes da denúncia, mostrando imagens de documentos, e revelando novas informações que contradizem as tentativas de defesa apresentadas pelo pré-candidato, reforçando o sentido da denúncia, para depois, revelar a reação do acusado. A reação de Garotinho resume-se uma parte da entrevista concedida por ele no mesmo dia em que as denúncias foram publicadas. O que demonstra mais uma vez a posição antagônica da emissora frente ao pré-candidato.

O telejornal reproduz as denúncias através de suas técnicas discursivas comprovando sua existência, e procura fundamentar e argumentar trazendo novas informações, com o intuito principal de reforçar a imagem de político pouco confiável de Garotinho.

b) Band – Garotinho reage contra Lula

A proximidade do fim do prazo para a oficialização das candidaturas e alianças aumentou consideravelmente o número de movimentações políticas de bastidores que vem a tona através do discurso midiático. Nesta edição, o telejornal aborda duas questões que se entrelaçam dentro desse contexto da pré-campanha. A ênfase é dada a movimentação do presidente Lula em direção ao PMDB, que, na tentativa de consolidar a aliança com o partido, oferece a vaga de vice-presidente em sua chapa. A atitude de Lula gera a reação de seu principal adversário dentro do PMDB, o pré-candidato Garotinho.

A reportagem revela características de comentário ao provocar a reação de um adversário em relação à atitude do outro, caracterizando o efeito de jogo político. O anchora comenta o acontecimento fazendo uma analogia entre a reação de Garotinho e seu estado debilitado e confuso em virtude da greve de fome. O repórter preocupa-se em enfatizar para o telespectador informações sobre as condições físicas do pré-candidato antes de revelar sua reação ao assédio de Lula, e reforça a condição fragilizada de Garotinho integrando a reportagem o dito do médico que cuidava do político na ocasião. O especialista médico encarregou-se de criar o tom dramático do acontecimento, dando a entender que a situação de Garotinho caminhava para um quadro grave, envolvendo a família e instaurando o clima de suspense.

As imagens da leitura de uma carta dirigida a esfera pública atestam a condição frágil de Garotinho, onde ele aparece com a barba crescida e uma aparência pálida. A construção textual também aponta para o fato do pré-candidato estar abatido, e informa sua decisão de pedir na justiça o direito de resposta contra os órgãos da imprensa que o acusaram de receber doações de empresas ilícitas.

O esquema narrativo, que tem como objetivo buscar sempre o ângulo mais polemico e espetacular do acontecimento, deixa para o final a resposta enfática e nervosa de Garotinho para a ofensiva de Lula. A reportagem integra o dito de origem a exibindo o fragmento da entrevista coletiva onde o pré-candidato dá a entender que nenhum integrante de seu partido pode aceitar a oferta de Lula, já que no PMDB não existem ladrões dispostos a acompanhar o presidente na sua chapa para a reeleição.

Queremos ressaltar mais uma vez que a visada informativa está atrelada a dois princípios básicos: fidelidade à realidade do acontecimento, e a seu poder de captação. Logo, o telejornal, no seu papel de testemunha esclarecida do fato real, tenta construir a narrativa contemplando esses dois efeitos. Esta reportagem traz o exemplo de como as ferramentas discursivas operadas dentro do discurso midiático, em especial o telejornalístico, conseguem reproduzir um fato transformando-o em um acontecimento, que passa a provocar reações por parte dos envolvidos. Logo, podemos dizer que o tratamento midiático dado ao fato contribuiu para a conformação de declarações e reações em resposta ao *acontecimento provocado*, reforçando a característica atuante do telejornal com ator e construtor do discurso social.

c) Globo – fim da greve de Garotinho contra a mídia

A emissora Globo sempre esteve diretamente envolvida com denúncias e escândalos contra Anthony Garotinho. Desde a época em que era governador do Rio de Janeiro, ele foi

alvo de varias campanhas negativas captaneadas pelos veículos de imprensa pertencentes as organizações de Roberto Marinho. No caso da pré-campanha de 2006, o que nos chamou a atenção foram algumas coincidências que envolveram o episodio das denuncias contra Garotinho feitas no jornal O Globo.

Primeiramente, as denuncias surgiram logo depois da divulgação de pesquisas de opinião que apontavam Garotinho como o responsável por um eventual segundo turno nas eleições, já que seus números poderiam ultrapassar a marca dos 15%. E em segundo lugar, logo após a divulgação do esquema de desvio de verbas do governo do Rio para a pre-campanha de Garotinho pelo jornal O Globo e pela Revista Veja, o que fez com que seu projeto de ser candidato a presidência praticamente fosse abandonado pelo PMDB, as organizações Globo teve aprovado pelo governo um pedido de empréstimo milionário do BIRD (Banco interamericano de desenvolvimento), e assinaram o contrato com o governo Lula para dar inicio ao processo de implantação da Tv digital no Brasil¹³.

Surgiram varias especulações sobre o interesse do grupo de Roberto Marinho na desarticulação da pré-candidatura de Garotinho. Porem, a cobertura da greve de fome protagonizada por ele foi cuidadosa, e não mostrou indícios audaciosos que pudessem indicar o uso de operações discursivas para criar efeitos de sentido alem dos propostos pela realidade dos fatos.

A reportagem sobre o encerramento da greve de fome de Garotinho baseou-se nos dados divulgados pela equipe medica responsável pelo pré-candidato, colocando detalhes sobre seu estado de saúde ao finalizar a manifestação, e quais as medidas a serem tomadas para a sua recuperação. Em seguida, o repórter declara o triunfo de Garotinho sobre aqueles que o acusaram, e enfatiza que a justiça decidiu por conceder ao pré-candidato o direito de resposta.

O roteiro da narrativa coloca os antagonistas de Garotinho (O Globo e Revista Veja) em posição de contra-ataque. O ancora ressalta primeiramente a posição dos veículos de imprensa em relação a decisão da justiça, para depois, noticiar a suspensão da greve de fome de Garotinho, sem reconstruir para o espectador o vinculo entre os dois fatos. Logo, o autor do discurso privilegia a posição dos órgãos de imprensa em detrimento do acusado.

O relato indica a vitória de Garotinho, mas da ênfase ao encerramento da greve de fome sem lembrar a natureza dos fatos que ligam as denuncias a greve de fome. Para o espectador coube a função de buscar outras informações que pudessem preencher essa lacuna,

¹³ Fonte: Revista Carta Capital nº 117 - deve ir nas referencias - falta dados para isso

caso ele não tivesse acompanhado o drama desde o seu início, quando Garotinho declara-se vítima de uma perseguição midiática, e resolve fazer greve de fome em protesto. Isso indica o interesse do autor do discurso em omitir as conexões entre os fatos com o intuito de prejudicar o entendimento dos motivos de Garotinho pelo espectador.

Diante desse exemplo, podemos dizer que, a partir da cobertura midiática da manobra política “greve de fome”, protagonizada por Garotinho, ocasionou danos irreversíveis a sua imagem pública, e às suas chances como pré-candidato.

5.8 Microdrama 8: PSDB – Disputa entre pré-candidatos

5.8.1 Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha

A disputa pela indicação do PSDB a presidência entre duas grandes lideranças do partido foi um dos dramas mais noticiados pelos telejornais. O cenário veio construindo-se desde setembro de 2005, quando Geraldo Alckmin, então governador de São Paulo, deu sua primeira declaração para a esfera pública, colocando seu interesse em disputar as eleições para presidente contra Lula e o PT.

No decorrer do período pré-campanha, várias foram as etapas desse microdrama, que envolviam principalmente Jose Serra e Geraldo Alckmin. A primeira foi a aliança branca entre as duas lideranças contra o governo Lula e o PT. Na seqüência vieram as primeiras pesquisas de intenção de voto, que ainda colocavam Jose Serra como o nome mais conhecido do PSDB, mas ainda muito atrás do presidente Lula em termos de percentuais. Diante da manutenção dos números positivos de Lula mesmo depois dos escândalos de corrupção, o PSDB passou a cogitar uma segunda opção de candidato.

Geraldo Alckmin começou sua articulação ainda no governo de São Paulo, de onde passou a atacar aspectos da política econômica do governo, como os juros altos e a baixa taxa de crescimento do país. Jose Serra, personagem visto como um político de poucas manifestações públicas, optou pela articulação de bastidores em torno dos diretórios estaduais.

A imprensa, por sua vez, acompanhava a movimentação dos dois políticos, colocando Serra como a escolha mais provável, e Alckmin como o político ainda desconhecido pela imensa maioria do eleitorado. As apostas começaram a tomar forma no conteúdo noticioso dos telejornais no início do mês de abril, quando algumas revistas semanais já noticiavam o clima de impasse dentro do partido. A partir daí, presenciamos o movimento do campo jornalístico em direção a Geraldo Alckmin, que foi colocado pela mídia como o ANTI-LULA.

Por algum motivo, sobre o qual podemos apenas especular, os telejornais de varias emissoras passaram a ceder espaço para o então desconhecido governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, mostrando vários aspectos de seu desempenho ao lado de Mario Covas, e depois como governador eleito de São Paulo. Alem de detalhes sobre sua trajetória política e características pessoais. Dispositivos informacionais de vários gêneros cuidaram de moldar a imagem do político serio, trabalhador e honesto, que era uma das lideranças do partido do antigo presidente Fernando Henrique, responsável pela criação do Real e pela estabilização da economia. Ou seja, a alternativa que todos os insatisfeitos com o governo Lula esperavam.

Enquanto Alckmin estava nas paginas das revistas e nos noticiários dos telejornais, Jose Serra confiava na articulação de bastidores como sua principal estratégia de pré-campanha. Com a aproximação do fim do prazo de desincompatibilização dos cargos públicos, os dois foram obrigados a posicionar-se para a esfera publica como pré-candidatos, ocasionando a disputa pela indicação na chapa do PSDB para a presidência da Republica.

De janeiro a maio de 2006, o PSDB passou dividido entre as duas lideranças. Nada que se comparasse ao racha do PMDB, por exemplo – que teve quatro pré-candidatos. Mas a repercussão dessa divisão rendeu dividendos negativos para o partido como adversário do governo. Algumas pesquisas apresentaram os cenários de intenção de voto, colocando Serra e Alckmin como concorrentes, e a maioria das reportagens instigavam a disputa, comparando os pré-candidatos e suas reais chances. Isso enfraqueceu a imagem do partido, e fez com que o eleitorado passasse a questionar seu poder de derrubar Lula na reeleição.

As noticias da disputa fizeram os números dos tucanos despencarem nas pesquisas de intenção de voto, principalmente os de Jose Serra. Alckmin seguiu sendo privilegiado pela imprensa, viajando pelo Brasil e criticando, moderadamente, o governo em seus discursos. E Serra permanecia fora dos palcos midiáticas, obedecendo seu perfil *low profile*. Ate que, na semana que antecedeu o prazo de desincompatibilização, a cúpula tucana (FHC, Aécio Neves, Tasso Jereissati, Jose Serra e Geraldo Alckmin) decidiu pelo nome de Geraldo Alckmin, contrariando os desejos da maioria dos diretórios estaduais. Segundo a imprensa, Jose Serra não aceitou disputar as eleições previas, abrindo caminho para Alckmin argumentar em favor de uma chapa pura para a presidência. Tasso Jereissati discordou da idéia, e lançou a hipótese da candidatura de Serra para o governo de São Paulo. Fernando Henrique intercedeu por Alckmin em nome da unidade do partido, e todos decidiram que seria melhor que a disputa fosse encerrada ali para não causar mais danos a imagem do PSDB.

5.8.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) Globo – semana decisiva para o PSDB

O acontecimento reconstituído pelo telejornal é a homenagem do PSDB ao ex-governador Mario Covas, onde se reuniram todas as lideranças do partido tucano. O esquema da narrativa foi todo direcionado para disputa entre os dois nomes que lutavam pela indicação do partido, sendo o evento o pano de fundo para a manifestação das reações e discursos de lideranças que pudessem revelar algum indicio de qual seria a escolha do PSDB, Alckmin ou Serra.

O esquema da narrativa usa o acontecimento para criar o clima de disputa. A reconstituição toma ares literários, com as revelações sobre mais um capítulo do drama em que se encontrava o PSDB. O âncora abre a narrativa situando o espectador no clima da disputa ressaltando o que era esperado das lideranças do partido. Discursos, gestos, declarações e atitudes que demonstrassem alguma dica, alguma pista sobre o nome mais cotado.

O acontecimento foi pensado pelos líderes tucanos também como estratégia política de posicionamento, com o objetivo de criar visibilidade positiva, necessária naquele momento de decisão. O sistema midiático entra com retificador dessa estratégia quando seleciona e transforma o acontecimento em notícia. O telejornal reconstrói o acontecimento provocado pela esfera política sob a perspectiva da disputa, do jogo eleitoral, com o objetivo do telejornal de captar a audiência para acompanhar o andamento do jogo.

No nível da construção do enunciado, a abertura da narrativa vem criar a polêmica indagando sobre “quem será a escolha do PSDB”. O âncora toma para si a tarefa de problematizar e contextualizar o acontecimento dentro da disputa, e o repórter recria a forma significativa do fato, que passa de um evento de homenagem para palco da disputa entre os dois pré-candidatos. A imagem é a designação identificadora de dois personagens já conhecidos pela esfera pública, que tentam passar a impressão de que a disputa acontece em um clima amistoso e sem animosidades.

Os comentários incidem sobre os discursos dos envolvidos, e servem de base para a problemática sugerida pela narrativa. O repórter constrói explicações integrando os fatos apresentados, e interpretando para o espectador as possíveis intenções por trás das palavras de cada um dos personagens envolvidos no fato. Segundo seu ponto de vista, a principal preocupação dos líderes do partido é disfarçar a tensão que a disputa poderia estar causando

nos bastidores, e que os discursos foram estrategicamente pensados com o objetivo de demonstrar a unidade do partido mesmo diante da indefinição.

O desfecho da narrativa reativa a discussão sugerindo que a forma como os dois pré-candidatos deixaram o evento indicava que havia sim certa tensão entre Serra (que saiu calado, e antes de terminar o evento) e Alckmin (que saiu sorridente, chamando a atenção de todos com gestos de simpatia).

O pré-candidato Geraldo Alckmin é, mais uma vez, favorecido dentro da construção narrativa, tendo sua entrevista editada pelos melhores momentos de sua declaração, enquanto que Serra não dá nenhuma declaração. Ou seja, Alckmin sempre goza do direito de fazer sua propaganda dentro das reportagens exibidas pelo Jornal da Globo. O que deixa claro a intenção da emissora de privilegiar o candidato, demonstrando subjetivamente sua preferência através da construção de suas reportagens sobre a pré-campanha.

b) SBT – qual tucano voará rumo à presidência?

O jornal do SBT também se rende a importância da disputa dentro do PSDB entre Serra e Alckmin, e reconstrói o acontecimento a partir desse tema. O esquema da narrativa evidencia dois ângulos importantes: um faz parte do contexto geral que é a questão da implementação da regra da verticalização das eleições, e o outro refere-se aos bastidores da disputa e enfatiza o comportamento do presidente do partido, revelando sua estratégia política de deixar a responsabilidade da decisão para os pré-candidatos.

Em termos de estratégia discursiva, o repórter e o principal fiador da notícia, dando explicações sobre a ausência de Tasso Jereissati na homenagem de Covas integrando suas declarações ao discurso principal, e apenas revelando a fonte. O que indica a credibilidade depositada no jornalista pelo telejornal. Os recursos de imagem aproximam âncora e repórter, possibilitando a interação direta entre os dois atores discursivos ao vivo, colocando o acontecimento na presença do espectador, criando o efeito de veracidade, já que o repórter é a testemunha credenciada pela emissora com credibilidade suficiente para reportar os fatos sem precisar de provas.

Na segunda parte da narrativa, o telejornal reconstitui o outro fato que compõe o contexto da disputa (o evento de homenagem a Covas) também com o testemunho do repórter, que refere mais uma vez seu sentido simbólico ao dizer que “o jogo continua empatado”. Ele insere a declaração do ex-presidente Fernando Henrique, o quarto personagem, para dramatizar ainda mais o clima da disputa. A declaração serve como estratégia de intimidação dos adversários, e reforça a ideia de unidade do partido. As

informações sobre a decisão de Tasso Jereissati em deixar a responsabilidade da decisão nas mãos dos pré-candidatos deixou mais claro a situação de indecisão dentro do comando do partido.

A construção da narrativa revelou a intenção da emissora em enfatizar para o eleitor a disputa entre Serra e Alckmin, colocando os dois em nível de igualdade na disputa pela indicação do partido. Em nenhum momento a emissora identificou um dos pré-candidatos como favorito dentro do contexto da pré-campanha. O que reforça a posição da emissora em manter-se neutra quando se trata da movimentação de Geraldo Alckmin, e do PSDB.

c) Band – agonia da escolha

Ao realizar a operação de tematização, a emissora opta por ressaltar uma possível solução para o impasse, integrando no discurso a declaração do presidente do partido, que deixa claro que o drama da escolha encaminhava-se para o final.

O conteúdo discursivo não revela nenhum efeito de sentido intencional. Pelo contrario, indica um nível de isenção por parte da emissora na construção da noticia não encontrado em outras reportagens.

A reportagem escolhe outro enfoque que não o evento de Homenagem a Mario Covas, e recria o acontecimento em cima das declarações do presidente do partido, Tasso Jereissati, dadas em entrevista ao jornal, em Brasília. que enfatizou a reunião da cúpula do partido, marcada para o fim de semana, para discutir alternativas para contemplar os dois lideres que disputam a vaga. O esquema da narrativa apresenta o acontecimento como o capítulo final do impasse dentro do PSDB, e toma a frente da discussão sugerindo a Tasso Jereissati a possibilidade de que Serra poderá aceitasse a indicação para o governo de São Paulo, forçando-o a responder diante da esfera publica sobre qual estratégia será adotada pela cúpula do partido diante desse impasse. Nesse momento da narrativa, o veiculo de comunicação passa a atuar sobre a realidade, pressionando um dos atores políticos a posicionar-se diante do acontecimento.

Logo, podemos dizer que, no caso dessa reportagem, o discurso telejornalístico não reflete apenas um acontecimento, e sim, atua e reconduz seus rumos diante do contexto político geral, transformando a realidade através do discurso reconstruído pelo percurso da noticia..

5.9 Microdrama 9: PSDB – Definição de alianças

5.9.1 Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha

A aliança selada entre os dois partidos foi a primeira coligação oficial da pré-campanha 2006. A confirmação da união entre PSDB e PFL colocou o candidato Geraldo Alckmin em vantagem dentro do contexto da disputa eleitoral. O PFL, embora prejudicado pela verticalização, decide compor a frente de oposição por acreditar nas chances do candidato de chegar a um segundo turno, e abriu mão da candidatura própria do prefeito carioca Cezar Maia.

É importante ressaltar que o PSDB foi o primeiro a lançar candidato a presidência, o primeiro a declarar-se da frente oposicionista, e o primeiro a firmar aliança com outro partido, negociando o lugar de vice na chapa majoritária. A notícia da aliança movimentou o cenário quatro meses antes do prazo de campanha oficial, e possibilitou ao candidato Geraldo Alckmin condições de movimentação mais favoráveis dentro do cenário político nacional. A estratégia inicial do partido era compor um cenário favorável o mais rápido possível, justamente para posicionar seu candidato junto ao eleitorado antes dos adversários, visto que, Geraldo Alckmin, apesar de ser um político proeminente na região sudeste, não tinha penetração no resto do Brasil.

A decisão de compor com o PFL derrubou a possibilidade de uma aliança com outro grande partido, o PMDB, que ainda estava no processo de decisão entre lançar candidato próprio ou coligar-se com outros partidos. Na conjuntura daquele momento, a possibilidade mais provável era de uma aliança com o PT, já que grande parte dos parlamentares peemedebistas já vinha fazendo parte da base governista em algumas questões importantes durante as crises do primeiro mandato.

Diante dessa conjuntura, tanto o PSDB quanto os outros partidos estavam no auge de suas negociações de bastidores, as quais dariam origem ao ponto de partida de cada um dos concorrentes, rumo a campanha oficial. Toda essa movimentação intensificou a cobertura midiática sobre a movimentação da esfera política, criando uma acuidade dupla de seleção e interpretação por parte dos telejornais, que ocupavam a posição de principal canal de informação diária entre a esfera pública e a esfera política. Levando em conta que a propaganda política é proibida no período que antecede as campanhas oficiais, o campo político passa de mais uma rubrica informativa a tema principal dentro das edições telejornalísticas. Subordinado a essa condição, o campo político, cada vez mais próximo da campanha oficial, passa a movimentar-se intensamente para a mídia, adequando suas práticas

e conformando suas estratégias não só com a participação dela, mas muitas vezes sob sua influência.

5.9.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) Band – aliança pode não sair do papel

O telejornal seleciona dentro do contexto real o aspecto de desacordo entre PSDB e PFL por conta da escolha do vice para compor a chapa. O encontro entre as duas lideranças políticas e reconstituído a partir de efeitos de sentido que enfatizam o clima de ameaça e indecisão que rondavam as negociações de composição da coligação.

A reportagem constrói um esquema narrativo em forma de comentário, informando sobre a visita do pré-candidato Geraldo Alckmin ao Rio de Janeiro, e ao mesmo tempo, dando sugestões sobre o andamento das negociações que envolvem uma aliança entre PSDB e PFL. O ancora sugere que a coligação pode não sair do papel apoiado na reação dos envolvidos, e provoca o confronto de idéias entre os dois partidos.

Os envolvidos nas negociações são citados, e tem suas declarações (Sen. Agripino Maia e o Pref. Cezar Maia) integradas na construção textual na terceira pessoa, funcionando como um discurso de prova, confirmando as afirmações do locutor-relator, no caso, o repórter. As reações são interpretadas a partir da explicação dos motivos que impedem a composição da aliança, e concentra-se em provocar o embate entre as duas posições. O PFL hesita em confirmar a coligação argumentando sobre a dificuldade que ela traria para as composições estaduais, e o PSDB, na pessoa de Alckmin comemora dizendo que esta na frente dos adversários por já possuir uma aliança já entabulada.

Ao ceder espaço na narrativa para a declaração de Alckmin, a reportagem confirma sua intenção narrativa de mostrar as contradições envolvidas nas negociações políticas de bastidores. A cobertura telejornalística na forma de comentário reforça o uso do discurso de objetivação como discurso de prova, o que induz o espectador a acolher a versão do telejornal sobre o fato relatado.

Como dissemos anteriormente, o esquema de construção narrativa reforça a imagem positiva do pré-candidato Geraldo Alckmin e legitima sua investida rumo à aliança com o PFL. Ao mesmo tempo, reforça a expectativa e o clima de incerteza em relação ao fechamento da aliança entre os partidos. Logo, o telejornal escolhe esse efeito de suspense com o primeiro objetivo de simbolizar a movimentação do pré-candidato, e, segundo, de não comprometer-se totalmente diante da esfera pública com a confirmação do acordo, já que o processo de construção da aliança ainda estava em andamento.

b) Globo – só falta formalizar

O acontecimento é programado pela esfera política para provocar um encontro entre o pré-candidato Alckmin e o comando do PFL, na pessoa do prefeito Cezar Maia. O telejornal escolhe entrar no clima da pré-campanha, e constrói a notícia antecipando para o espectador o resultado das negociações entre PSDB e PFL, reforçando a imagem positiva do pré-candidato Geraldo Alckmin.

A reportagem reconstrói o acontecimento sob a perspectiva de uma aliança já selada, aguardando apenas detalhes como a escolha do vice. A narrativa transparece o clima de comemoração, e revela o nome do vice na chapa de Alckmin como uma decisão já sacramentada pela aliança, o que, na ocasião, ainda não havia sido confirmado. Ou seja, a emissora compromete sua credibilidade, afirmando uma informação ainda não confirmada em prol da construção de uma atmosfera positiva em torno da candidatura Alckmin.

O esquema da narrativa opta por enfatizar aspectos que caracterizam esse clima favorável em torno da candidatura de Alckmin, mostrando imagens da sua chegada ao evento, e ressaltando na construção textual a situação de tumulto ocasionada pela aparição do candidato. As imagens e o relato do repórter criam o efeito de sentido indicando que Alckmin já está em movimentação de campanha, e que os eleitores já estão conscientes disso. Isso deixa Alckmin em vantagem em relação aos outros pré-candidatos porque divulga, propaga, e solidifica sua imagem de candidato.

No decorrer da reportagem, a movimentação de Alckmin é reconstruída sob o mesmo aspecto do favoritismo. A construção textual e a modalização de voz do repórter expressaram várias vezes a atitude de celebração para com o fato do PFL ter confirmado seu apoio ao candidato do PSDB. A declaração do prefeito Cezar Maia, junto com as imagens do encontro foram estrategicamente integradas a narrativa, autenticando para o espectador a posição de apoio da emissora a candidatura de Geraldo Alckmin. Daí, surge a confirmação do uso do espaço midiático como “palco” para as encenações e movimentações do campo político durante este período. As reportagens tomam características de propaganda, como uma espécie de informe sobre a agenda, as aparições públicas, as movimentações de bastidores e etc, referentes à um pré-candidato específico.

c) SBT – provável aliança foi selada

O telejornal noticia a visita de Alckmin ao Rio de Janeiro como a movimentação eleitoral que sela a aliança entre o PSDB e o PFL. Mas, ficou por conta do âncora a interpretação do fato. Ele encarregou-se de completar com outros efeitos de sentido a

movimentação eleitoral do candidato Geraldo Alckmin. Sua construção textual indica claramente que a visita do pre-candidato “selava” a aliança entre os dois partidos. Além de confirmar em seu comentário que “já era mais que esperado” o fechamento do acordo.

O acontecimento suscitado pela esfera política foi reconstruído sobre uma perspectiva mais ilustrativa que informativa. Isto é, a notícia da confirmação da aliança entre os partidos serviu de elemento tematizador, porém, na sua forma significante, transformou-se em uma notícia ilustrativa do comportamento do candidato.

O enunciador principal resume a notícia na abertura de ataque, colocando os detalhes do fato e cumprindo com a função informativa principal, para depois, descrever mais livremente as reações dos envolvidos, implementando o efeito valorativo. O ancora descreve essas reações com ajuda das imagens do encontro, subjetivando e interpretando o comportamento do candidato, atribuindo a ele um sentimento de rejeição e desconforto frente a situação, dando a entender que ele (o candidato) foi forçado a usar o “chapéu de couro”. E por fim valora o acontecimento expressando seu julgamento crítico rindo do comportamento do candidato.

5.10 Microdrama 10: A movimentação do presidente-candidato

5.10.1 Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha.

A movimentação do presidente Lula como candidato a reeleição começou bem depois que o quadro pré-eleitoral havia começado a se definir. Na ocasião das reportagens analisadas nesta pesquisa, o contexto político estava desfavorável devido o andamento das CPI's que investigavam o envolvimento de membros do governo em um esquema de desvio de verbas públicas que alimentava uma espécie de “caixa 2” do partido. As consequências disso eram sentidas através pesquisas de opinião que indicavam o menor índice de popularidade do presidente Lula desde o início de seu governo, e da convergência do sistema midiático para o agendamento da esfera pública em torno dos fatos ligados ao contexto político.

A condição de presidente-candidato colocava em evidência todas as movimentações Lula enquadradas em um cenário de disputa eleitoral. As viagens para eventos internacionais, os discursos feitos em inaugurações, as aparições informais, as declarações e tomadas de posições, tudo era relacionado com a decisão de disputar ou não a reeleição para a presidência.

As denúncias de uso da máquina pública para fins eleitorais também foi outro ponto muito explorado pela oposição, e por sua vez, pela esfera midiática, que se encarregou de

investigar e de interpretar algumas das decisões políticas de governo como “manobras eleitoreiras” com o objetivo de reverter a condição negativa em que se encontrava o presidente Lula junto ao eleitorado e à opinião pública. Seu principal adversário e pré-candidato, Geraldo Alckmin, deixou explícito em várias declarações para a imprensa que o governo e o partido do presidente estavam fazendo uso da infra-estrutura e das verbas de gabinete para alavancar a pré-campanha de Lula sem declarar abertamente a sua candidatura.

A cobertura midiática evidenciava principalmente a condição de Lula como presidente. Porém, nas reportagens escolhidas pela pesquisa, encontramos o confronto entre as duas posições: presidente e pré-candidato.

5.10.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) SBT – presidente de manhã, candidato a noite

O esquema narrativo recorre a uma estratégia de construção da notícia, relacionando dois temas que estavam em destaque dentro do contexto político para construir uma visão da particular da realidade social. A crise política deflagrada pelo escândalo Palocci, que resultou na nomeação do economista Guido Mantega para o Ministério da Fazenda, e a reação do presidente Lula na tentativa de manter o clima otimista a favor da mudança no Governo, foram os enfoques selecionados pelo telejornal para extrair dentro de um cotidiano de informações fragmentadas e multidirecionais, a melhor visão de dois domínios de atividades sociais que hoje vivem entrelaçados pelo político-global.

O esforço dispensado na construção da matéria, demonstra o interesse do telejornal em construir o que nos pareceu uma espécie de “pensamento pronto”. Uma narrativa com início, meio e fim, entrelaçando fatos e personagens, de forma explicativa e atraente, para que o espectador se sinta preso ao raciocínio do produtor do discurso. Imagens gráficas bem construídas ajudam a visualizar os números e índices que representam a instituição mercado financeiro (índices das bolsas de valores e a cotação do dólar), fazendo o “gancho” para a audiência entender a correlação entre eles e as declarações do Presidente.

A primeira parte da narrativa enfatiza o fechamento da bolsa em alta, criando um clima otimista em torno da economia, e “levanta” a narrativa para enganchar o segundo ângulo da matéria. O repórter entra, já antecipando que foram as declarações dadas pelo presidente que tranqüilizaram o mercado. As imagens bem “apanhadas” mostram Lula em uma situação favorável, onde ele aparece diplomaticamente discursando para uma platéia de empresários, usando expressões impactantes como “na economia não existe mágica”.

Na terceira e última parte da narrativa identificamos mais indícios de que a construção narrativa é favorável ao presidente, quando, na seqüência, ele passa a ser candidato a reeleição. O repórter fica encarregado de dar todos os detalhes para que o espectador construa a relação de contexto entre a movimentação do presidente com suas intenções de candidato. Nada passa despercebido pelas câmeras, que captam todas as manifestações favoráveis ao presidente. Partes de seu discurso são cuidadosamente selecionadas e editadas para autenticar o caráter estrategicamente eleitoral da aparição. O dito integrado originalmente a narrativa da ao presidente-candidato o efeito de visibilidade favorável que todos os políticos buscam. Suas palavras, embora a priori direcionadas para um platéia específica, estão carregadas de subjetivações, interditos e ou mensagens sub-liminares que apontam culpados, que também são adversários. A crítica quer ser sutil, mas a interpretação dos fatos oferecida pelo telejornal não deixa dúvidas para o espectador de que o presidente, mesmo em meio a suas atribuições do cargo, aproveita para posicionar-se na disputa, mesmo que oficiosamente.

A toda mensagem atribuímos uma carga de efeitos e simbolismos que nos ajudam a identificar, entender e classificar as informações que ela traz. E cada espectador trabalha nesse sentido munido de suas próprias referências para executar essas operações cognitivas. Ressaltando que a representação da realidade trazida pela mensagem tem seu aspecto valorativo embutido no informacional, e que cada espectador executa essas operações de forma subjetiva, queremos dizer que esta mensagem em forma de discurso telejornalístico teve por estratégia discursiva subjetiva mostrar ao espectador que o presidente, mesmo não tendo se declarado oficialmente candidato, está fazendo uso de suas aparições na mídia para demarcar seu lugar na disputa.

Sendo assim, o telejornal e - a nível de ator social- a emissora, tiveram a intenção de sugerir, para a esfera pública que as movimentações e aparições do presidente Lula em inaugurações e manifestações favoráveis indicavam que ele era candidato a reeleição. Mesmo tentando manter certa isenção, a construção cuidadosa da reportagem deixou transparecer um certo favorecimento de Lula ao enfatizar a estabilidade da economia diante da crise no governo no início, e mostrar nas imagens um presidente sério e confiável falando para empresários. E depois, fechar com mais imagens de estudantes e professores – classes sociais reconhecidas – aplaudindo e pedindo “Lula outra vez”.

Aqui, podemos afirmar que o dispositivo atua em duas frentes, aliando sua função informativa, que revela o fato, à oportunidade de propagar características e detalhes sobre esse mesmo fato que ajudam a compor um quadro positivo e favorável, que é relacionado aos demais elementos do contexto político e social através de recursos discursivos próprios do

campo midiático. Em outras palavras, a seleção dos fatos, a construção da notícia e a ordem de publicização dentro do discurso global colaboram para a conformação de um efeito de sentido positivo, relacionando a movimentação do pré-candidato com a situação econômica do país.

b) Globo – vai chegar o momento de falar sobre reeleição

Nesse momento da pré-campanha, os esforços de cobertura midiática passam a convergir em busca de indícios das estratégias e posicionamentos dos possíveis candidatos dentro do contexto político. No caso dessa reportagem, a movimentação do presidente Lula torna-se fato noticiável pelo conteúdo de suas declarações a esfera pública nessas aparições oficiais.

A seleção dos ditos, fatos e cenas que fizeram parte da construção narrativa desta reportagem indicam que intenção da reportagem é noticiar sobre o comportamento do presidente Lula às vésperas da campanha eleitoral, servindo de testemunha dos movimentos que caracterizam o contexto da pré-campanha.

A partir desse ângulo, passamos a reconhecer melhor as características do discurso telejornalístico, em termos de construção e valoração da notícia. A seleção dos fatos a serem divulgados, as imagens escolhidas, as frases de efeito, e tudo mais que convenciamos a chamar de estratégia de construção discursiva articulam o contexto político para a esfera pública. A partir dos discursos construídos e publicizados pela mídia, os espectadores-eleitores tomam conhecimento dos movimentos diários dos principais personagens políticos envolvidos no jogo político.

Os níveis de enunciação (textual, discursivo e valorativo) articulam-se para construir um cenário para a história, contada por fatos e personagens conhecidos do imaginário social. Os elementos são autênticos, e com a ajuda da intenção narrativa conduzem o entendimento, e evocam a verossimilhança da realidade. A notícia é construída sobre seu potencial de atualidade e dramatização. A diegese narrativa vai e volta no tempo para demonstrar todas as declarações e reações que contam a história de forma mais dramática e espetacular. Os discursos são recortados para montar um mapa das indicações de que o presidente Lula já estava interessado em falar em reeleição. Seu comportamento em aparições públicas não deixava dúvidas de suas intenções eleitoreiras, que estavam mascaradas pela cautela presidencial. Seus discursos tentavam confundir a opinião pública evitando falar do óbvio, disparando críticas ferozes aos adversários, e fazendo novas promessas.

A reportagem também funciona quase como um informe publicitário sobre as atividades do presidente. Se não fosse pelas intervenções ora explicativas, ora interpretativas do repórter da emissora, podíamos dizer que se tratava de uma propaganda eleitoral. As perguntas na primeira parte da reportagem evocam o contexto de crise em que se dá a disputa, e tentam provocar a reação do presidente-candidato. A descrição textual da visita ao ABC reinterpreta todo o fato, e reconduz o contexto da narrativa evocando o passado do personagem, deixando-o em posição confortável e reconhecida pelo espectador.

Isso coloca, mais uma vez, em evidência o potencial do discurso telejornalístico como construtor do discurso social dentro da pré-campanha a partir das várias características apontadas na análise desta reportagem como estratégias telejornalísticas de reprodução da informação. Em todas as etapas da construção do acontecimento, encontramos indícios da manipulação de elementos (imagens, entrevistas, declarações, informações) para reinterpretar um fragmento da realidade de acordo com intenções e valorações da emissora, embutidas no discurso.

c) Band – Lula coloca as “asinhas de fora”

Os elementos do comentário telejornalístico são usados para reproduzir a versão dos fatos em relação ao comportamento do presidente Lula em algumas de suas declarações. Como todo o comentário, este reconstitui as causas, motivos, reações e intenções dos atores envolvidos. Porém, dá ênfase a uma articulação voltada para produzir o acontecimento comentado a partir da relação entre a movimentação do presidente e o contexto da pré-campanha.

O comentarista integra vários ditos para construir a cadeia de relações entre o fato e as reações a ele. A mecânica de raciocínio baseia-se na avaliação subjetiva das reações dos adversários “tucanos” do presidente Lula quando ele, “sem querer”, declarou-se candidato a reeleição. A movimentação do presidente não tem nada de inocente, e sim, pareceu estrategicamente eficaz para suscitar tamanho alvoroço entre os tucanos.

A construção da narrativa conta com um suposto entendimento do eleitor sobre a questão, associando os personagens de forma direta, produzindo o efeito acumulativo e sucessivo dos fatos que vem construindo o contexto da pré-campanha. A seleção do acontecimento, aliada a mecânica argumentativa do comentário midiático, reproduz uma parte do jogo político, interpretando para o espectador o que o locutor-relator julga ser o mais importante, o mais dramático. Ou seja, a reação dos líderes do principal partido de oposição

ao presidente e psicologizada pelo comentário, demonstrando a intenção provocar no espectador a formação de um ponto de vista sobre o movimento do presidente-candidato.

O efeito não chega a ser manipulador, apenas procura expor reações para provocar mais reações, amplificando a questão através do discurso telejornalístico. Ele não busca uma adesão do espectador, mas conduz seu raciocínio a julgar o movimento do presidente Lula como arriscado e precipitado, usando o discurso dos atores envolvidos. E isso não o isenta de atuar na constituição da opinião pública, pois mesmo não tomando partido objetiva ou subjetivamente, o comentário demonstra sua intenção ao selecionar o fato e provocar o efeito de polemica.

5.11 Microdrama 11: Implicações do episódio da dança da pizza na candidatura de Lula

5.11.1 Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha.

O episódio da “dança da pizza” protagonizado por uma deputada federal do PT, partido do presidente, repercutiu amplamente na esfera pública, e exaustivamente na esfera midiática por mais de três semanas. O impacto na pré-campanha do presidente Lula foi sentido através dessa repercussão negativa comandada pelos veículos de imprensa.

A cobertura midiática baseou-se na reprodução das imagens da deputada “rebolando” em pleno plenário, captadas pela rede de tv da câmara federal. As imagens foram publicizadas em todos os telejornais, de todas as emissoras, inclusive em programas de outros gêneros televisivos, como o “Mais Você” da apresentadora Ana Maria Braga (Globo), “Jô Soares Onze e Meia” (Globo), “Domingo Legal” (SBT), “Roda Viva” (TV Cultura), entre outros. Todos esses programas fizeram questão de exibir as imagens na íntegra, usando textos em off para explicar o fato, e emitir seu juízo diante da atitude da parlamentar, que foi considerada, por unanimidade, uma afronta ao povo brasileiro e às outras instituições sociais.

Diante disso, o presidente Lula optou por “sumir” do cenário, sem fazer nenhuma declaração ou julgamento. Coube aos outros integrantes do PT tentar justificar perante a opinião pública o comportamento da integrante do partido. Eles escolheram minimizar o episódio, vitimizando a deputada Ângela Guadagnin, acusar a mídia de “instigar” o julgamento público através das reportagens construídas em cima do fato, e isentar o partido e, por sua vez, o presidente Lula, da obrigação de posicionar-se diante do acontecimento.

Mesmo assim, o comportamento da Deputada, os discursos construídos em cima do fato, a exibição exaustiva em todos os meios, horários e gêneros, contribuíram para que a pré-

campanha do presidente Lula “desacelerasse” em relação ao ritmo crescente que vinha assumindo perante a esfera pública e os outros pré-candidatos. O presidente e pré-candidato ainda não oficial do PT ficou fora dos “palcos midiáticos” durante o tempo em que a opinião pública foi agendada pelo tema. As aparições do presidente limitaram-se aos discursos em solenidades e inaugurações, declarações de terceiros sobre a sua movimentação, e a cobrança da imprensa em relação ao seu posicionamento diante da atitude da Deputada, e do andamento dos processos de caçassão dos mandatos dos envolvidos com o “mensalão”.

Ao mesmo tempo, os pré-candidatos da oposição (Geraldo Alckmin, José Serra, Anthony Garotinho, Cristóvão Buarque, Heloisa Helena) tomaram todo o espaço na arena midiática, colocando suas opiniões, fazendo suas considerações sobre o envolvimento do PT nas negociações e absolvições dos envolvidos, e cobrando do pré-candidato Lula uma atitude mais enérgica diante do “comportamento vergonhoso” de um membro de seu partido. Além de acusar o PT de “comprar votos” a favor dos deputados envolvidos através da liberação de emendas parlamentares.

Nesse momento da pré-campanha, a oposição ganhou força. Mesmo que o episódio não tivesse envolvido diretamente o presidente Lula, a estrodonsa repercussão do fato, aliada ao clima de disputa já instaurado meses antes, fez crescer o espaço dos outros pré-candidatos sobre a imagem do presidente, que gozava da posição confortável de primeiro lugar nas pesquisas de intenção de voto, com grandes chances de ganhar no primeiro turno. O fato deste episódio ter ocorrido, sem dúvida, contribuiu para que a disputa dentro da arena midiática ficasse mais acirrada, e com mais pontos polêmicos a serem explorados pelos pré-candidatos contra o presidente Lula.

5.11.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) Globo – dança do “escárnio”

O telejornal esforçou-se para imprimir os efeitos de sentido necessários para que o espectador pudesse concluir que a “dança da pizza” foi um ato de desrespeito e galhofa, protagonizado por uma representante da classe política, que estava envolvida no processo de investigação e punição de outros políticos que estavam sendo acusados de corrupção, e que, esse processo tinha uma conotação simbólica fundamental no contexto político daquele momento. A cassação do mandato de deputados envolvidos com o “mensalão” representava para a sociedade uma resposta a tudo o que vinha sendo descoberto pelas cpi’s, e divulgado pelos meios de comunicação.

A reportagem é bem estruturada em fatos, que se articulam com discurso do repórter, e dentro do contexto do acontecimento. Primeiramente o âncora, que personifica a satisfação do cidadão brasileiro, e resume o teor do acontecimento na punição recebida pela deputada. O recurso videográfico ilustra, define, confirma o efeito de sentido pretendido pela narrativa, e toma para si o juízo de valor que tem sido feito pela esfera política, diante do espectador. A necessidade de se posicionar diante do fato fica clara.

A construção narrativa protagonizada pelo repórter esclarece o espectador sobre as conseqüências sofridas pela Deputada Ângela Guadagnin após ter “dançado na sessão que absolveu o deputado João Magno do PT”. E, através da construção textual e da modulação de voz não deixa dúvidas de que as conseqüências foram sérias, e que a situação da Deputada ainda poderia piorar. As imagens evocam um efeito de reconstituição do fato, e personificam os principais envolvidos, situando o espectador no contexto dos personagens políticos envolvidos.

A entrevista fecha com perfeição a intenção narrativa, colocando a principal personagem diante das câmeras para defender-se. A figura abatida e chorosa da Deputada depõe contra sua tentativa de justificar a punição como fruto de uma perseguição injusta e infundada. Mas, a construção textual anterior à entrevista reforça a intenção narrativa, classificando a Deputada de “defensora dos mensaleiros”, e não deixa margem para a concepção de um conceito independente por parte do espectador.

Diante dessas considerações, a interpretação da construção discursiva da reportagem nos leva a crer que o telejornal constrói um conceito acerca do fato, e atua como referencia para a esfera pública no momento em que ela consome a notícia e reconstrói o acontecimento a partir dessa referencia.

b) Band – “fatias de pizza em Brasília”

O telejornal optou por uma construção voltada para um tom “humorístico e metafórico” do acontecimento, colocando no enfoque comparativo entre o fato e o que ele representava no imaginário político e social naquele determinado momento. A reportagem traz para o espectador uma mistura de informação com comentário, comparando o acontecimento com a coincidência do aumento do consumo de fatias de pizza em uma das lanchonetes do Congresso. A metáfora da “pizza” é amplamente usada para demonstrar o nível de galhofa e zombaria em que é tratado pela imprensa brasileira as decisões sobre a punição de políticos e parlamentares envolvidos em atos de corrupção.

A construção narrativa é lúdica, comparativa, humorística, e trata a questão como assunto que não merece ser levado a sério, embora tratasse do julgamento e decisão sobre a punição de culpados. O gancho usado foi a “absolvição” do ex-presidente do PT Luiz Paulo Cunha, acusado pela CPI dos Correios de receber dinheiro desviado de cofres públicos, pelos “colegas do Congresso”. O âncora já posiciona na narrativa de forma veemente na abertura do discurso, apontando para o espectador “o sabor indigesto da impunidade”, as entrevistas fazem a conexão do discurso com a realidade, e as imagens atribuem “rostos” aos personagens da estória sobre “as fatias de pizza em Brasília”. O espectador é representado por um funcionário do Congresso, que opina negativamente em nome do povo, do cidadão, do trabalhador. A “dança da pizza” é reproduzida mais uma vez para dar o efeito de sentido de certeza da impunidade, de desrespeito dos envolvidos perante o Congresso, e de perda de decoro perante a opinião pública. A oposição é retratada como o “ultimo grito”, a última fonte de resistência fala perante uma plenária fragmentada pela falta de compromisso dos deputados, que tem no “voto secreto” a principal arma contra o julgamento da opinião pública. A entrevista do Deputado Chico Alencar do PSOL, dada no momento em que ele está comendo uma fatia de pizza, evoca o sentido irônico da coincidência entre a metáfora e a realidade.

O espectador, ao consumir a mensagem, pode estar sendo estimulado a produzir uma serie de diferentes leituras sobre o acontecimento. Porém, é importante ressaltar que, no caso dessa reportagem, nada liga diretamente o fato ao contexto da pré-campanha. Para fazer essa conexão, é necessário que o receptor saiba que o Deputado absolvido é o ex-presidente do PT, que é o partido do presidente, e que, mais uma vez, um político deixa de ser punido diante de um crime de corrupção. A intenção da narrativa é ironizar o fato, e relacionar com a imagem pública do Congresso Nacional e de seus representantes. A pré-campanha aqui entraria apenas como cenário secundário para a interpretação do receptor.

A emissora, tendo o conhecimento da capacidade cognitiva de sua audiência, joga com as varias possibilidades de interpretação do espectador, colocando ao seu alcance vários níveis de leitura da mensagem (formal, informal, direto, indireto e etc.), mas deixa claro a todos que a ironia da narrativa trata da impunidade e da falta de decoro de autoridades do campo da política às vésperas do processo eleitoral.

c) SBT – deputados resolveram desistir de caçar mensaleiros?

O telejornal usa um enfoque multidirecional para articular fatos interligados por suas repercussões: a absolvição de João Paulo Cunha pelo Congresso, a saída de deputados do

Conselho de Ética, a votação do relatório da CPI dos Correios e as ofensas contra o Dep. Delcídio Amaral, e por fim, a punição da Deputada Ângela Guadagnin por ter “dançado” no plenário. Tudo com o intuito de construir uma cadeia de acontecimentos que pudessem retratar a imagem da esfera política para o espectador, com a intenção de provocar uma reação mais reflexiva sobre os rumos que o processo político originado nas denúncias de Roberto Jéferson estava tomando.

A reportagem com esses fatos encadeados indicava a sensação de impunidade que avançava sobre a esfera pública, refletida pelos meios de comunicação. A intenção da narrativa é percebida logo no discurso de abertura do telejornal, protagonizado pela figura do “âncora”, o porta-voz da emissora. O tom provocador, personificado em sua figura ímpolita e bem marcada pela configuração estética do dispositivo, evoca o poder da credibilidade e da representação, que é legitimado pela audiência, colocando-o em posição privilegiada para cobrar dos outros campos sociais, respostas, atitudes e posições diante dos acontecimentos.

Nessa reportagem também não encontramos indícios que ligassem diretamente o tema a pré-campanha. Porém, os enfoques escolhidos para construí-la remetem ao contexto geral, ao clima de indignação no qual estava envolvida toda a esfera pública. Ora, então, podemos dizer que esses fatos compuseram o contexto geral, colaborando para a construção da imagem pública do campo político e de seus personagens. Essa realidade é compreendida como um compósito de pequenas peças, onde cada uma corresponde a um acontecimento, que ressurtem de várias maneiras pelas estratégias discursivas dos diferentes dispositivos telejornalísticos.

As estratégias discursivas empregadas na construção desta reportagem julgam os envolvidos, classificam suas atitudes, e provocam no espectador o sentimento de revolta e indignação. Logo, o telejornal age sobre a realidade social pelo discurso, configurando uma realidade paralela através do encadeamento de fatos congruentes, em que pessoas reais são retratadas através de uma construção textual e imagética que tem o intuito não só de informar mas de agir sobre esses acontecimentos e gerar conseqüências.

5.12 Microdrama 12: Pesquisas de cenário e de opinião - IBOPE e DATAFOLHA

5.12.1 Acontecimento factual e suas implicações na pré-campanha.

No entendimento deste trabalho, as pesquisas de popularidade e de intenção de voto influem ativamente na composição pré-eleitoral por várias razões. Colocamos como premissa principal a relação entre a divulgação de números e percentuais que indicam os primeiros na

preferência do eleitorado, e a decisão de voto propriamente dita. Em leituras anteriores, o que nos chamou a atenção foi à questão cultural envolvida no processo de decisão de voto. Já foi comprovado que, o processo de decisão do voto no Brasil está ligado à relação “quem está ganhando x meu candidato”, ou seja, o eleitor brasileiro pode até ter um candidato em vista, mas o seu mau desempenho nas pesquisas pode mudar sua decisão minutos antes do voto. Já tivemos vários exemplos mostrando que números de pesquisas de intenção de voto divulgados pelos meios de comunicação durante as campanhas eleitorais e nas vésperas do dia das eleições, como as “pesquisas de boca de urna”, por exemplo, contribuem diretamente no processo, podendo até refletir significativamente na mudança de pleitos antes já dados como ganhos ou perdidos dias antes do dia da eleição.

Em se tratando da pré-campanha, percebemos que o desenrolar do processo de configuração do quadro eleitoral antes da campanha oficial também sofre influências desses números. Sendo que, por se tratarem de pesquisas geralmente encomendadas pelos meios de comunicação, que são livres para fazer análises e interpretações. Além de, serem mais esporádicas e menos abrangentes em termos de estados pesquisados e do número de entrevistados.

Na pré-campanha 2006, as pesquisas de cenário eram divulgadas, pelo menos, de dois em dois meses, tornando-se mais freqüentes a partir do mês de abril, quando a maioria dos pré-candidatos já estavam definidos como candidatos. O fato de um dos pré-candidatos ser o presidente concorrendo à reeleição, levou os meios de comunicação a encomendarem também pesquisas de índice de popularidade e aceitação, e de avaliação do governo. Isso colaborou para ilustrar com mais propriedades o contexto eleitoral em que se deu a pré-campanha 2006. Isto porque, na medida em que o governo lançava um novo programa social, ou aprovava e instituía alguma medida provisória que, geralmente, beneficiava a um segmento social ou profissional, os institutos de pesquisa eram acionados pelos meios de comunicação para avaliar o impacto dessas medidas sobre o índice de aceitação e popularidade do governo de Lula.

As pesquisas de intenção de voto levavam em consideração o desempenho de três pré-candidatos principais: o presidente Lula, o ex-governador Geraldo Alckmin, e o ex-governador Anthony Garotinho. Os demais como, o prefeito de São Paulo José Serra, a senadora Heloisa Helena, o senador Cristóvão Buarque, entre outros, faziam parte do cenário como “peças removíveis”, que, ora compunham um cenário específico, ora compunham o quadro geral da disputa. As análises e interpretações eram feitas basicamente sobre o desempenho e a movimentação dos três primeiros colocados na disputa, e faziam a

prospecção dos resultados como “se a eleição fosse hoje”. Para os pré-candidatos, as pesquisas eram fundamentais porque elas geravam espaço na mídia para que eles pudessem se posicionar diante de seus resultados, criticar seus adversários, divulgar suas plataformas, comunicar decisões de bastidores, e principalmente, testar a reação da opinião pública diante de seu desempenho na corrida eleitoral.

Em meio à turbulência do contexto político geral, as pesquisas retratavam a reação da opinião pública diante do volume de escândalos acontecidos durante o período da pré-campanha. Os resultados das pesquisas de intenção de voto sempre saiam “linkados” a algum tipo de contexto mais abrangente, como o econômico ou o social, em meio às reportagens que retratavam os fatos acontecidos nas cpi’s, nos bastidores dos três poderes, a movimentação dos pré-candidatos, a agenda do presidente Lula, a situação da economia, a conjuntura mundial em relação ao processo pré-eleitoral no país, e etc.

Os meios de comunicação, principalmente as emissoras de TV através dos telejornais, e os grandes jornais de circulação nacional eram as principais fontes de resultados de pesquisas no eleitorais no período da pré-campanha. Os números migravam de um dispositivo informacional para outro, muitas vezes de modo direto, seguido ate das interpretações e reverberações dos resultados. Ou seja, um meio continha informações do outro e vice-versa, com trocas sem cerimônias, contentando-se apenas com as citações de praxe. Logo, a mídia confirmava mais uma seu lugar de arena, de “palco midiático” para a divulgação de fatos e acontecimentos, e para o acompanhamento da configuração do cenário eleitoral por parte da esfera publica.

5.12.2 Estratégias telejornalísticas e a reconstituição do acontecimento

a) Band – anúncio da vitória dos tucanos

A estratégia discursiva do “comentário”, empregada pelo telejornal, que inclusive é bastante usada pelas emissoras de televisão quando se trata da publicização de pesquisas de opinião traz para dentro do discurso englobante do telejornal, sempre preso aos fatos e à realidade, a condição da liberdade interpretativa. A divulgação dos resultados da pesquisa de intenção de voto do instituto IBOPE, o mais antigo e credível do país, ganhou uma conotação de propaganda positiva que favoreceu um dos lados da disputa.

O telejornal evoca o poder do comentarista para construir um efeito de sentido positivo, de expectativa favorável à favor de um dos partidos participantes do cenário da pré-campanha. Os números da pesquisa de intenção de voto são a base para a interpretação, que leva o telespectador a crer na possibilidade da vitória do principal adversário do pré-candidato

que lidera a disputa. Os resultados são interpretados a partir do contexto político geral, que desfavorece o presidente Lula e seu partido, além de serem ligeiramente manipulados, através da construção textual da reportagem, para criar um clima de expectativa positiva em torno da subida do pré-candidato Geraldo Alckmin nessa pesquisa.

A reportagem não é totalmente fiel, ou melhor, não deixa de forma clara que a pesquisa trata-se de uma amostragem em um único estado (São Paulo), cujo pré-candidato Geraldo Alckmin ocupava o cargo de governador reeleito. Uma informação importante para situar o espectador em relação à origem e contextualização da pesquisa é tratada secundariamente pelo âncora do telejornal, que é o primeiro a não dar ênfase à essa informação, induzindo o receptor a uma perspectiva errônea do contexto geral. Na abertura, ele anuncia a vitória do pré-candidato do PSDB, caso as eleições fossem naquele dia, o que não seria correto afirmar, já que a pesquisa não abrangia o território nacional. Ele cita os números resultantes da pesquisa apenas citando que trata-se dos eleitores “paulistas”, sem explicar para o espectador que se trata de uma pesquisa específica para o contexto daquele estado. Isso pode prejudicar a interpretação subjetiva do receptor, caso ele não esteja atento a este detalhe.

O comentarista assume a narrativa citando a iminência de outra pesquisa (do instituto *Datafolha*), o que deixa o espectador confuso em um primeiro momento. Em seguida lança informações sobre o contexto político geral (a crise Palocci) para ligar a realização dessa pesquisa à imagem do presidente Lula. Ora, essa construção discursiva não pareceu ser coerente com a promessa básica da reportagem lançada pelo âncora na abertura da notícia. Isso caracteriza a liberdade construtiva presente nesse tipo de estratégia discursiva. No segundo momento, ele começa interpretar os resultados da pesquisa citada pelo âncora (a do IBOPE), dirigindo o comentário para a situação do pré-candidato Geraldo Alckmin mostrada pelos resultados, legitimando mais uma vez sua posição de vencedor das eleições através de uma construção textual cheia de elogios, o que favoreceu muito a expectativa do eleitor-telespectador em relação à Alckmin.

A livre interpretação do comentarista vai em busca da realidade para embasar suas opiniões. Segundo ele, naquele momento, as decisões de Lula como presidente em relação à concessão de benefícios sociais para populações de baixa renda teria livrado o pré-candidato de uma queda maior nas pesquisas de intenção de voto. Segundo ele, o contexto político, que continuava turbulento e desfavorável para Lula e seu partido, estavam em segundo lugar na opinião dos eleitores, mas, para não comprometer-se demais ele articula argumentos contrários a essa teoria simulando o efeito “gangorra”, que ora concorda, ora discorda do

próprio dito, como se ele pertencesse a outros, ao impessoal. Isso deixa claro mais uma intenção do comentário: a de suscitar dúvidas, articulando opiniões subjetivas com situações reais que não são especificadas ou nominadas, o que podemos chamar de conjecturas. Porém, não podemos esquecer que no campo da construção de discurso, “jogar” com opiniões em cima de possibilidades reais pode criar um efeito de sentido manipulativo.

A entrevista do “cacique tucano”, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso dá o desfecho mais do que conclusivo a favor dos pré-candidatos do PSDB. A exibição da sua opinião “na íntegra” sobre os resultados da pesquisa reforça o efeito de sentido pretendido pela narrativa, fazendo mais considerações que endossavam o desempenho positivo de Serra e Alckmin, e ainda fazendo comparações subliminares entre o nível de educação do povo brasileiro e sua preferência eleitoral.

Diante disso, queremos atestar aqui que o poder do comentário de construir opiniões, e num segundo momento, influenciar na composição do discurso social a cerca de um fato, existe a partir do momento em que o comentarista usa da liberdade interpretativa na qual se baseia a estratégia para induzir um efeito de sentido tendencioso no receptor da mensagem. No caso dessa reportagem, ficou claro que a interpretação da pesquisa do IBOPE favoreceu a posição dos tucanos.

b) Globo – movimentação dos pré-candidatos

A configuração da reportagem mostra a movimentação dos três principais pré-candidatos, para em um segundo momento, construir a ligação com o resultado da pesquisa de intenção de voto do instituto *Datafolha*. Através de uma interpretação cuidadosa dos resultados, o telejornal alia à perspectiva informativa, que revela para o espectador os detalhes sobre a aparição pública dos pré-candidatos, o desempenho de cada um em percentuais revelados na pesquisa. Ao diluir os números dentro da realidade, o telejornal pareceu ter mais liberdade no momento de atribuir valores e efeitos de sentido aos resultados da pesquisa.

A cobertura da agenda dos pré-candidatos reafirma a crença de que os telejornais são a principal “arena” para a movimentação desses personagens dentro da pré-campanha. Todos usam da visibilidade midiática suscitada pelo agendamento do tema como estratégia de posicionamento dentro da disputa, e vão construindo ao longo do período as imagens públicas que desejam junto ao eleitorado. Essa visibilidade é extremamente necessária devido ao mais que comprovado potencial multiplicador do meio televisivo junto à esfera pública, e também à frequência diária de possibilidades de exposição que os pré-candidatos dispõe, já que, também é de interesse do campo midiático reproduzir suas posições, possibilitando o

cumprimento de seu papel e legitimando sua posição de intermediador entre campos sociais através da construção de discursos.

A construção discursiva revela, inicialmente, a intenção de obter o máximo de isenção junto ao conteúdo factual. Porém, a construção textual e o esquema narrativo da reportagem deixam indícios de favorecimento da posição de um pré-candidato em detrimento dos outros. O âncora resume o conteúdo da reportagem, colocando o presidente Lula no mesmo patamar dos outros pré-candidatos, sugerindo obviamente, que ele também já é candidato mesmo antes de qualquer anúncio oficial. Nesse momento da reportagem, isso não parece favorecer nem prejudicar Lula, a não ser pela cobrança do âncora ao advertir que o presidente “só falou de futebol”. A nosso ver, Anthony Garotinho pareceu ser desfavorecido pela falta de ênfase para o seu crescimento de três pontos percentuais demonstrados pela pesquisa, sendo mostrado mais uma vez em uma atitude antagônica de ofensiva dentro do contexto da disputa. Já Geraldo Alckmin é claramente privilegiado pela narrativa, sendo o único a ser entrevistado pelo telejornal, ganhando o maior espaço de tempo, e falando diretamente ao receptor sem interpretações ou subjetivações intermediadas pelo âncora ou repórter. Ele enfatiza sua posição favorável na pesquisa, e consegue passar para o espectador efeitos de sentido como tranquilidade, segurança e equilíbrio. Todos os requisitos necessários para começar bem uma campanha eleitoral.

O desfecho ficou por conta do “presidente” e não do pré-candidato. Lula aparece recebendo uma homenagem, e convocando os brasileiros a unirem-se a ele em prol da realização de uma Copa de futebol no Brasil. Mas ora, isso pareceu quase uma sugestão de campanha, do tipo: votem em mim e eu lutarei por isso! Este tipo de aparição reforça a imagem de “presidente-candidato” de Lula, que apesar de não declarar-se abertamente, age como o favorito na disputa. Ele é poupado pelo telejornal do fato de ter “caído” na pesquisa, que prefere deixar a reportagem sem uma interpretação de desfecho aparente.

A emissora constrói a reportagem de modo a não comprometer-se diretamente. Seu trabalho é subliminar, conectando o conteúdo interpretativo da pesquisa ao conteúdo factual da movimentação dos pré-candidatos através de uma construção textual subjetiva e um esquema narrativo aparentemente simples, porém carregado de conteúdo subjetivo. Isso comprova mais uma vez a necessidade da emissora de manter o perfil tecnicista e isento diante da esfera pública.

c) SBT – revelação de informações dos “bastidores”

A reportagem do SBT sobre o resultado da pesquisa Datafolha é estruturada sobre uma informação que veio de dentro dos “gabinetes” para o conhecimento da esfera pública. Nenhum outro telejornal falou sobre a possibilidade do PSDB trocar de candidato após o desempenho positivo de José Serra na pesquisa. A emissora assume a responsabilidade da divulgação de uma informação baseada em suposições, sem fato acontecido ou fonte definida para embasar suas afirmações ou sugestões.

O discurso de abertura do âncora lança uma suspeita séria sobre os rumos da pré-candidatura de Alckmin, colocando em xeque todo o trabalho de convencimento da esfera pública que ele havia realizado até aquele momento. A reportagem passa a trabalhar para “plantar” a possibilidade de José Serra assumir o lugar de Alckmin como candidato do PSDB à presidência, e para isso usa o desempenho positivo de um terceiro pré-candidato para fundamentar sua teoria de que Alckmin estava perdendo parte da preferência do eleitorado. A construção textual coloca Anthony Garotinho em uma posição privilegiada em relação aos outros dois principais pré-candidatos (Alckmin e Lula), afirmando que sem sua presença na disputa não haveria nem segundo turno, e que a vitória seria do presidente Lula. Logo, nem caberia lugar para a tentativa de Alckmin. Essa afirmativa derruba a imagem de “o único candidato com chances de derrotar Lula”, tão bem protagonizada pelo tucano.

A estratégia discursiva esteve o tempo todo centrada na figura do âncora, que usou de alguns suportes de imagem apenas para ilustrar sua narrativa. O que denotou mais uma estrutura de comentário que de reportagem. Ele potencializa o conteúdo da pesquisa em favor da sua tese de possível troca de candidatos pelo PSDB, demonstrando a criatividade e a perspicácia do telejornal na hora de relacionar a realidade dos fatos, a interpretação dos números da pesquisa, e o posicionamento da emissora diante dessa relação.

O telejornal favorece, mesmo que sem nenhuma intenção aparente, as perspectivas do então “já descartado” ex-prefeito José Serra tanto para disputar a presidência quanto o governo de São Paulo. O que, para o espectador poderia parecer estranho e confuso, para o telejornal era perfeitamente viável a possibilidade de ele vir a vencer qualquer uma das eleições. E o desfecho da narrativa insiste em dar espaço à José Serra, ao cobrir sua ida ao hospital para a realização de uma cirurgia simples. O que corrobora para concluirmos que a emissora escolhe reforçar sua teoria de “troca de candidatos”, e assume o risco em prol da construção de uma terceira perspectiva do processo eleitoral, que não as já defendidas pelos outros telejornais.

O que também é importante ressaltar para o contexto desse estudo é o surgimento de versões de fatos, notícias e comentários provenientes dos bastidores da disputa, e não tão

somente dos próprios pré-candidatos. Isso enriquece muito o cenário da pré-campanha, mesmo não precisando resultar em nada de concreto. E confirma nossa crença de que, cada vez mais, as decisões nas campanhas eleitorais não são mais só produto das negociações de bastidores políticos, mas sim, de uma troca entre campos sociais através da intermediação midiática, que usa suas estratégias discursivas para ajudar na conformação do discurso-mor, que é a opinião pública. Dentro do período da pré-campanha, a “arena midiática” passa a ser o principal campo para a disputa.

CONCLUSÕES

Sob as formas mais diversas, é incontornável e imperiosa a reflexão pública sobre a informação política da qual dispomos através da mídia no Brasil. O que não mostra, como enquadra o que mostra, e de que forma os medias noticiosos constituem uma prioridade no contexto da educação política para a cidadania. Seguimos neste trabalho uma perspectiva crítica, no sentido de questionar os dispositivos de poder político e de estrutura midiática, muitos dados como adquiridos e naturalizados. Privilegiamos uma perspectiva alargada da questão mídia e processos eleitorais, onde se atravessam e se combinam contributos da lingüística, da política, do marketing e do jornalismo para tentar estabelecer conclusões sobre as relações que envolvem essa interface político-midiática que evidenciem que, para se entender essas mediações, há que ter presente a dimensão ideológica sobre a sociedade e seus consensos. Só assim podemos contribuir para a pesquisa em torno dos efeitos dos *media*.

Começaremos por dissertar sobre as características das movimentações políticas e as estratégias de construção da imagem política e midiática encontradas no interior do período entendido com pré-campanha.

Como vimos anteriormente, a transição da democracia de partido para a democracia de público, tem dois pontos cruciais: o declínio da importância dos partidos políticos em face de um crescente personalismo da política, uma vez que as campanhas passam a ser centradas nos líderes personalistas; e o papel acentuado dos mídias, tanto como novo cenário da disputa política, como também, ator que interfere nas práticas políticas produzindo transformações nas estratégias de representação dessas práticas, que passaram a se concentrar principalmente no espaço televisivo. Ao analisarmos a movimentação política na mídia, encontramos indícios que apontam para o uso de seus dispositivos como um espaço onde estão sendo usadas estratégias com o objetivo de alcançar uma condição de visibilidade, um lugar de expressão de idéias, uma “janela de propagação” de discursos políticos e etc. Esses indícios mostram que a classe política escolhe, dentre um conjunto de práticas, momentos ritualísticos que revelam suas intenções de bastidores, suas negociações internas, seus posicionamentos e estratégias políticas.

O primeiro movimento identificado nesses moldes dentro do período da pré-campanha 2006 foi o que a mídia chamou de **“o troca-troca de partidos antes das eleições.”** Os telejornais mostram a movimentação dos parlamentares, que detém mandato ou não, no último dia do prazo legal para a troca de legendas partidárias pelos que pretendem disputar as

eleições em 2006. Esse movimento, como estratégia política, tem como objetivo alcançar as melhores colocações dentro do tabuleiro político através da saída de um partido de situação ou de oposição um ano antes das eleições, em busca de uma situação mais confortável dentro do xadrez eleitoral. Como estratégia de construção midiática, os telejornais ressaltam através da sua construção discursiva que o “troca-troca de partidos” é comum um ano antes das eleições porque, sem a exigência de fidelidade partidária, a lei eleitoral em vigor permitia esse tipo de movimentação. E como estratégia de marketing político, os atores buscaram justificar suas decisões em argumentos de cunho ideológico, do tipo “depois de um primeiro mandato, já podemos confiar no governo Lula”, ou “não podemos permitir que a inflação volte, temos que apoiar a reeleição”. O próprio presidente aparece pedindo a um de seus líderes que não abandone seu partido, prometendo apoio para uma eventual candidatura dele ao governo de seu estado. Outro detalhe importante é que a mídia dá um enquadramento interessante ao resultado dessa movimentação quando divulga uma pesquisa do DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar). A pesquisa concluiu que os partidos da base aliada do governo foram os que mais perderam, e subsidia as proposições dos telejornais, que já vinham prevendo dificuldades para a reeleição do presidente Lula.

Logo, ao implementarmos nossa perspectiva de que a natureza estratégica da produção e da compreensão das mensagens depende dos patamares textual e situacional, chegamos à conclusão de que ao noticiar essa movimentação política específica, a mídia cria uma “janela” de visibilidade para o campo político sobre a égide de suas perspectivas dentro do patamar textual, e os atores políticos aproveitam-se dessa abertura de visibilidade midiática, porém, ainda subordinados à lógicas dos *media*, ou seja, dentro do contexto criado por ela. Sendo assim, dentro do patamar situacional, os políticos ainda não tem uma oportunidade real de colocar em prática nenhuma estratégia de visibilidade individualizada, tendo, apenas, a oportunidade de expressar como grupo político (oposição ou situação). Isso nos mostra que, nesse período inicial da pré-campanha, as negociações entre os dois campos encontra-se sobre o comando da mídia, que coloca-se estrategicamente no jogo eleitoral como “vigilante” da movimentação política, que *já* começou um ano antes das eleições.

O segundo movimento político noticiado pela mídia, e identificado durante a pré-campanha de 2006 foi a **“disputa entre os pré-candidatos pela indicação de seus partidos”**. Nesse momento da pré-campanha, o campo midiático passa a ser o elemento assediado da relação, ocorrendo um fluxo maior de implementação de estratégias para visibilidade por parte do campo político, que passa a “fabricar” fatos pensados sob as lógicas produtivas do campo jornalístico em busca espaços que o possibilitem “ensaiar todos os

papéis possíveis” diante da esfera pública. Para depois, recolher-se estrategicamente aos bastidores e avaliar os resultados das estratégias de visibilidade que foram implementadas até aquele momento. As pesquisas de opinião encomendadas pelos partidos e pela imprensa são os instrumentos que revelam com precisão esses resultados, e apontam as direções que a campanha e os adversários podem seguir. Este movimento apresentou características nítidas de um “ensaio de visibilidade” por parte dos atores políticos interessados em se lançar candidatos à presidência. As negociações e embates entre adversários dentro dos próprios partidos geraram vários episódios onde podemos notar transformações nas processualidades do campo político em decorrência de sua relação de intersecção com a mídia.

Esta parte do drama foi polarizada entre duas disputas pontuais: Serra x Alckmin pela indicação do PSDB à vaga de presidente na chapa do partido; e Garotinho x ala governista do PMDB no embate pela decisão de lançar candidatura própria a presidência, ou apoiar a reeleição de Lula. Os episódios relacionados à movimentação de bastidores dos partidos foram destaques no espaço midiático, e estenderam-se ao longo de dois meses (março e abril) antes das eleições. As atenções dos telejornais e da mídia em geral foram divididas entre o desenrolar desses dois microdramas por envolverem os dois pré-candidatos mais próximos do primeiro colocado nas pesquisas. Ou seja, duas peças decisivas dentro da composição do xadrez eleitoral. Alckmin era o “anti-lula”, e Garotinho o “coringa” que poderia levar as eleições a um segundo turno.

No caso da disputa dentro do PSDB (*microdrama 8*), as edições dos telejornais analisados apresentaram uma cobertura tendenciosa, que privilegiou o pré-candidato Geraldo Alckmin em detrimento de José Serra. Os acontecimentos relacionados a este tema foram tratados pelos diferentes telejornais usando as três estratégias discursivas fundamentais: *relatando* o fato em seu potencial diegético, *comentando* sobre ele através dos elementos âncora, comentarista e/ou analista político, e *provocando* a refiguração interpretativa pela recepção ao aliar entrevistas, e imagens que favoreciam claramente o ex-governador paulista. As edições interpretadas revelaram que: 1) os três telejornais atribuíram ao mesmo acontecimento significados diferentes. O telejornal da Globo lança a pergunta no ar: “quem será a escolha do PSDB”; O telejornal do SBT não noticia o mesmo evento, e opta por dar crédito às declarações do presidente do partido – Tasso Jereissati, que não compareceu a homenagem; e a Band representa “a agonia que chegava ao final” com a decisão do partido marcada para as próximas horas; 2) os três optaram por ressaltar, em graus diferentes, o clima de disputa e a possibilidade de ocorrer um “racha” dentro do partido. A Globo favorece claramente Geraldo Alckmin na reconfiguração do acontecimento através da construção

discursiva, exibindo imagens onde o pré-candidato dá uma declaração confiante na sua indicação, enquanto José Serra demonstra toda a sua insatisfação ao sair do evento sem pronunciar-se a imprensa; O SBT apenas opta por enquadrar a opinião do presidente do partido, resemantizando seu significado para a idéia de uma situação “de jogo empatado”, enfrentada pelo partido na hora de decisão; e a Band confirma que o impasse será resolvido nos próximos dias, e sugere que José Serra deveria aceitar a indicação do partido para concorrer ao governo de São Paulo em troca de manter a união do partido em torno da candidatura de Geraldo Alckmin. A conotação da sugestão dada a José Serra revela a posição do telejornal a favor do pré-candidato Geraldo Alckmin.

Diante do exposto, acreditamos que este segundo movimento se encaixa perfeitamente nas especificidades do período pré-campanha desenvolvidas no primeiro capítulo, visto que apresenta: 1) a estratégia de marketing político por parte dos atores criam uma oportunidade de visibilidade inserida dentro de um evento do calendário do partido, com o objetivo de provocar o campo midiático a noticiá-lo como acontecimento inserido na temática eleitoral. Logo, é a construção do tipo de visibilidade necessária para se alcançar a esfera pública, e com isso possibilitar a formação de uma opinião; 2) As estratégias discursivas implementadas pela mídia na construção do acontecimento contribuem para a formação dessa opinião pública, logo, a movimentação política vê-se subordinada às lógicas e processualidades do campo midiático; e 3) As diferenças de interpretação e reconfiguração do acontecimento apresentada por diferentes dispositivos midiáticos reitera o lugar do campo midiático como criador de valores, de imaginários e de ideologias que fazem parte da formação do discurso social.

Ainda dentro do mesmo movimento, temos o drama da disputa entre os peemedebistas que queriam uma aliança com o governo Lula - denominados pela imprensa de “governistas”, e os que defendiam a candidatura própria do partido (*microdrama 6*). O terceiro elemento que dava o viés à disputa era o ex-governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho. Ele lutou contra grande parte de seus correligionários, e contra outros candidatos a candidato (Germano Rigotto, Itamar Franco e Pedro Simon). Ele insistiu durante todo período da pré-campanha na idéia de que era o nome que deveria ocupar a vaga de candidato à presidência com as bênçãos do partido, argumentando sempre com sua posição favorável nas pesquisas de intenção de voto. O drama desenrolou-se em várias etapas, e foi ganhando mais atenção da mídia à medida que as primeiras pesquisas de intenção de voto mostravam que a pré-candidatura de Garotinho tinha chances reais de levar a disputa pela presidência a um segundo turno. As

reportagens que contaram sobre a disputa interna dentro do partido e suas repercussões dividiram opiniões e apresentaram vários ângulos e interpretações.

Durante mais de dois meses, a disputa entre as duas alas agendou a esfera pública em torno do processo decisório. Os telejornais se revezaram nos usos das estratégias de construção discursiva (acontecimento relatado, acontecimento comentado e acontecimento provocado) para emitir os vários posicionamentos, e valorar os ditos dos atores políticos envolvidos com o objetivo de gerar os mais variados efeitos de sentido. É importante ressaltar que isso se deu porque os fatos acontecidos dentro desse eixo temático eram ricos em antagonismos e posicionamentos duvidosos por parte dos personagens envolvidos. Ou seja, a postura dos protagonistas era sempre “um prato cheio” para os jornalistas, que conseguiam construir as mais diferentes e interessantes interpretações. Enquanto no PSDB a disputa entre Serra e Alckmin era “camuflada” através das posturas discretas de suas lideranças, no PMDB, o fato do partido ter se dividido em duas alas adversárias era público e notório. Isso gerava um fluxo duplo de cobertura telejornalística, visto que os telejornais se viam obrigados a mostrar a movimentação das duas alas do partido. Uma ala em direção à aliança com o governo Lula, e a outra se articulando em favor da candidatura própria.

As movimentações estratégicas de Garotinho e seus aliados obtiveram certo êxito diante do objetivo de alcançar espaços de visibilidade na mídia. Sua personalidade irreverente, aliada a uma postura desafiadora diante dos adversários renderam várias declarações que estremeceram as bases da disputa em momentos diferentes da pré-campanha de 2006, e conseguiram chamar a atenção do campo midiático, e por conseguinte, da esfera pública.

As edições escolhidas e interpretadas revelaram que: 1) grande parte das movimentações dos envolvidos na disputa conseguiram “chamar a atenção da mídia” pelo seu conteúdo polêmico, mas nem sempre estratégico do ponto de vista político. A revelação de Itamar Franco de que também era pré-candidato, feita diante das câmeras ao próprio Garotinho durante uma visita na qual ele foi pedir apoio ao ex-presidente demonstrou claramente a falta de entendimento entre os líderes do partido, e ocasionou danos sérios à pré-candidatura de Garotinho nas vésperas da segunda pré-convenção de 13 de maio de 2006. Este episódio resalta a especificidade do período pré-campanha como um período em que o campo midiático traz os bastidores do jogo político à cena pública com mais veemência, com o intuito de criar polêmica sobre questões que antecedem o processo eleitoral propriamente dito, e envolver a sociedade na discussão sobre quem são os melhores candidatos e quais os partidos que estão melhor preparados para a disputa. 2) o conteúdo polêmico dos fatos

relacionados à disputa gerou uma variação além do normal que combinava o previsível com o imprevisível, o que possibilitou várias formas de atribuição de sentido. As reportagens escolhidas demonstraram um índice significativo de valoração ideológica por parte dos produtores do discurso na implicação dos sujeitos envolvidos, o que interferiu dentro do processo de ficcionalização do acontecimento, e reduziu o conjunto dos componentes da disputa a uma das suas partes, principalmente através da construção textual; 3) Sendo o campo jornalístico o grande negociador dos espaços na mídia, é ele quem estabelece e gerencia os ângulos de enquadramento, e na maioria das vezes está voltado para revelar o que, nem sempre, a esfera política gostaria de trazer a público.

Paralelo a tudo isso, acontecia a disputa entre o Legislativo e o Judiciário pela vigência ou não da lei e o “processo de verticalização das eleições” (*microdrama 4*), que, segundo o Judiciário, já deveria valer a partir daquele pleito. As manobras políticas para evitar a aprovação da vigência da lei de verticalização para a eleição eminente, e a “quebra de braço” com o poder judiciário geraram uma série de edições telejornalísticas interessantes do ponto de vista das estratégias midiáticas de construção das notícias, que demonstravam justamente o conflito entre campos sociais e o posicionamento da esfera midiática. Tanto que foram escolhidas para integrar o corpus analisado, mesmo não se encaixando na categoria de movimentação política eleitoral estratégica dentro da pré-campanha. As emissoras pesquisadas relataram sobre o embate entre dois campos sociais a partir da promulgação da emenda à constituição que revogava a regra da verticalização, baseada no princípio da anualidade. As declarações-reações provenientes das instituições envolvidas na discussão (partidos, Senado e STF) foram articuladas em três níveis: primeiro levar espectador a julgar o conflito; segundo, levá-lo a questionar se o Senado tem o poder de validar uma emenda constitucional que beneficia seus interesses, indo contra os tribunais superiores representantes das últimas instâncias da justiça no país; e terceiro, motiva-lo a tomar partido contra a emenda constitucional e a favor da verticalização das eleições a partir de outubro/2006. As três emissoras apresentam uma *consonância*, ou compatibilidade na reconfiguração dos acontecimentos relacionados à discussão sobre a verticalização, facilitando a recepção e registro do evento, e alimentando o desejo de dimensão normativa, de prevalectimento de regras em detrimento da vontade de outrem, de consenso ideológico. A percepção desse processo vem da concordância entre os níveis de produção e reconfiguração presentes nos diferentes emissores de informação, o que remete novamente para a construção social da realidade e para a teoria dos modelos cognitivos.

Não foi difícil chegar a um consenso sobre o posicionamento da instância midiática e do campo político diante de três acontecimentos concomitantes e entrelaçados dentro do mesmo cenário – a pré-campanha 2006. De um modo geral, as processualidades que compuseram esta parte do processo de intersecção entre os dois campos estudados durante pré-campanha 2006, nos levaram a concluir que: 1) as estratégias de marketing político de alguns dos pré-candidatos foram implementadas através da construção de acontecimentos e aparições¹⁴ pensados especificamente sob às lógicas da produção midiática, em particular, a telejornalística; 2) a movimentação política subia na hierarquia da tematização midiática à medida que se aproximava o prazo final para o registro das candidaturas; 3) a esfera midiática demonstrou claramente seu posicionamento enquanto ator social através das estratégias de enquadramento discursivo, que alimentavam o fluxo entre o texto telejornalístico e contexto político e social, e operavam por processos de vinculação semântica de sugestão e associação, a que se juntavam as implicações ideológicas.

O terceiro movimento já se apresenta como a etapa que traz **“as Convenções Partidárias e o lançamento dos candidatos”**. Nesse momento da pré-campanha, o fluxo de interesse entre os campos se inverte. A mídia passa a perseguir o campo político em busca de informações e definições que completem o cenário eleitoral. No caso deste movimento, o campo midiático passou assumidamente a assediar o campo político em busca de fatos, posicionamentos, opiniões e posturas políticas que indicassem detalhes para compor o cenário em que se dariam as próximas eleições. O seu lugar de “administrador” do espaço público, e intermediador principal entre as esferas pública e política aumenta seu poder de pressionar o campo político a dar essas informações, mesmo que elas ainda estivessem sendo negociadas nos “bastidores e gabinetes”. Efetivamente, o terceiro movimento corresponde dentro da pré-campanha de 2006 ao momento de definição dos nomes que concorreram às eleições para presidente, e de concepção da postura política e ideológica dos candidatos diante do governo e dos outros adversários. Um momento em que os concorrentes passam a posicionar-se efetivamente dentro da disputa eleitoral, e este posicionamento se dá através do campo midiático que se torna a “arena” para o embate entre os candidatos, seus partidos e suas idéias. Logo, novamente pudemos confirmar que o período pré-campanha funciona como uma grande cena da qual toda a sociedade pode ser espectadora e consumidora da esfera de visibilidade pública política através do campo midiático.

¹⁴ A homenagem do PSDB ao ex-governador Mário Covas. São Paulo, 08/03/2006; As pré-convenções do PMDB. São Paulo, 04/03/2006 e Rio de Janeiro, 13/04/2006; A “greve de fome” de Anthony Garotinho. Rio de Janeiro, 01/05/2006.

No tabuleiro do jogo da pré-campanha, quem saiu na frente foi o PSDB (*microdrama* 9). Depois de uma exaustiva disputa interna que não chegou a rachar o partido publicamente, mas que deixou seqüelas entre suas lideranças (Aécio Neves, José Serra, Fernando Henrique e etc.), é lançada a candidatura Geraldo Alckmin à presidência. A estratégia era confirmar o mais rápido possível o nome do governador de São Paulo como candidato a presidente para ter tempo de “apresentá-lo” ao resto do país, que até então, o conhecia apenas como sucessor de Mário Covas no governo de São Paulo. Geraldo Alckmin assumiu publicamente a condição de candidato á presidência, e passou a inaugurar obras diariamente, dando entrevistas e declarações já relacionadas com o processo eleitoral eminente. Além de viajar pelo Brasil, principalmente pelo nordeste - reduto eleitoral do presidente Lula - para atrair a atenção do campo midiático, e comunicar-se com a esfera pública. Enquanto que Garotinho ainda persistia na luta pela sua candidatura, e Lula não confirmava sua condição de candidato à reeleição, Alckmin avançava em direção ao eleitorado através da implementação de estratégias de visibilidade e construção de imagem pública. As estratégias de marketing político de Geraldo Alckmin estavam baseadas em pesquisas eleitorais que indicavam, principalmente, a relação entre o seu baixo índice de rejeição e o baixo índice de conhecimento de sua imagem pela esfera pública, em especial entre as classes sociais de baixa renda ¹⁵. Logo, suas estratégias visavam provocar o máximo de oportunidades de visibilidade midiática para propagar sua imagem política perante a esfera pública, e com isso aumentar o conhecimento do eleitorado em relação a sua candidatura, e conseqüentemente, alavancar seus números nas pesquisas de preferência de voto.

Em seguida, a cobertura midiática passou a reportar diariamente a movimentação em campanha dos candidatos já confirmados (Geraldo Alckmin - PSDB, Cristóvão Buarque - PDT, Heloisa Helena – PSOL), do ainda pré-candidato Anthony Garotinho, e a agenda do presidente Lula contendo suas aparições em viagens, inaugurações e eventos oficiais. As reportagens sobre esse período da pré-campanha já apresentavam um imbricamento, e mostravam o dia-a-dia dos atores políticos em seqüência, dentro do discurso global, fazendo as relações entre suas declarações, reações e movimentações já inseridas em um contexto claramente eleitoral, e emitindo opiniões e comentários sobre o andamento das campanhas de cada candidato. Isto representou um aumento significativo na curva crescente do interesse do campo midiático pelo campo político, movido pela demanda proveniente da esfera pública

¹⁵ Conclusões pessoais, construídas sobre pesquisa realizada durante o andamento do trabalho em vários dispositivos de informação como sites que divulgavam os resultados de pesquisas eleitorais, telejornais e jornais que publicavam análises e opiniões de especialistas.

devido a iminência das eleições. Diante deste índice visível, pudemos confirmar que o interesse da esfera pública na temática eleitoral se firma bem antes da campanha propriamente dita, e o hábito presente nas sociedades modernas de alimentar seus conhecimentos sobre política através das mensagens midiáticas reforça essa função da mídia de organizar e alimentar o imaginário social sobre questões políticas, que é medida e materializada através dos índices de audiência. Este era o momento de convergir todos os esforços de marketing político e estratégico para converter as oportunidades de visibilidade midiática em uma opinião pública favorável, e fazer a campanha ganhar força.

Até aqui, passaram-se nove meses do início da pré-campanha, estabelecido neste trabalho como junho de 2005, e a movimentação das campanhas de cada um dos candidatos desenvolvia-se de forma irregular.

O PMDB, depois de realizar duas prévias, e com a convenção do partido marcada só para o fim de maio, o partido ainda encontrava-se envolto no complicado processo de decisão sobre apoiar o governo Lula ou lançar uma candidatura própria. Os partidos menores também estavam às voltas com suas convenções e pré-campanhas, e também tinham espaço garantido na cobertura midiática.

O PSOL lançou a candidatura da senadora Heloisa Helena em uma caminhada na Cinelândia, demonstrando que sua postura seria agressiva e contestadora durante a campanha.

O PDT coloca a candidatura do senador Cristóvão Buarque baseada em uma plataforma única de governo: a educação para o desenvolvimento.

E o PT, partido do presidente, ainda estava às voltas com as investigações da CPI dos Correios e CPI dos Bingos. Nesse momento da pré-campanha, membros do primeiro escalão do governo estavam envolvidos diretamente no escândalo da quebra do sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa.

O presidente Lula parecia “pairar” sobre o contexto político que se apresentava. E continuava atuando em duas frentes - ora presidente, ora candidato. Na perspectiva do marketing político, ele desenvolveu uma estratégia baseada na imagem de presidente-candidato, inserida no panorama eleitoral como uma condição à parte da de seus concorrentes. Sua movimentação como presidente da República exigia que ele executasse uma agenda diária de aparições públicas, e dentro dessa agenda ele escolhia os momentos certos para pronunciar-se como candidato. Esta postura ocasionou uma cobrança muito maior por parte de seus adversários e da esfera pública no que dizia respeito às atitudes eleitoreiras protagonizadas por ele em eventos oficiais. Além de acusações freqüentes do uso da máquina governamental e de seus poderes presidenciais para fins de campanha.

A partir de abril, a cobertura telejornalística muda de um perfil provocador para uma postura mais neutra possível diante dos movimentos dos candidatos. O recurso a intertextualidades como ilustração interpretativa, e os jogos de alusões ficaram muito mais sutis dentro do processo de configuração e de reconfiguração dos acontecimentos políticos, à medida que se aproximava a campanha eleitoral propriamente dita.

O quarto movimento traz **“as composições de alianças partidárias”**. A esta altura do processo de pré-campanha, o tabuleiro encontra-se parcialmente montado para o início do jogo, já que alguns dos partidos e candidatos estavam posicionados para a corrida eleitoral colocando suas principais plataformas de governo, suas posturas diante dos adversários, e suas pretensões caso fossem vitoriosos. A “arena midiática” onde se deram os embates iniciais, continua a servir o campo político na sua necessidade de comunicação com a esfera pública, cada vez mais centrada na disputa personalista entre os candidatos. Mas, uma parte importante ainda precisava ser definida: a composição de forças no tabuleiro.

Mesmo quando existem várias forças antagônicas dentro de um jogo, em algum momento, elas tem que aliar-se para enfrentar o adversário mais forte. O ditado popular “a união faz a força” também vale na política, pelo menos no período das eleições. No caso da pré-campanha de 2006, o campo político estava envolto na maior crise ética que já se viu na história do país, o que corroborou para uma polarização das forças políticas. É fato que esta não foi a primeira crise que afetou um processo eleitoral no Brasil, logo, o campo midiático, por não ser propriamente protagonista da realidade, já está “acostumado” a *enquadrar* a realidade de acordo com suas próprias regras, e a comandar o jogo de construção da realidade social também de acordo com suas necessidades de produtor de bens simbólicos que, segundo Bourdieu (1999, p.102), constituem realidades de dupla face – mercadorias e significações. Diante dessa premissa, entendemos que o campo midiático, mesmo sem quebrar o que nós convenciamos chamar de “pacto entre produção e recepção”, atuou de forma tendenciosa ao reportar as movimentações relacionadas ao candidato do partido PSDB em busca de uma aliança com o PFL (*microdrama 9*), e na cobertura do episódio da “greve de fome de Garotinho” (*microdrama 7*).

No primeiro caso, a movimentação de Geraldo Alckmin em busca da aliança com o PFL foi amplamente reportada, com reportagens ricas em detalhes e informações que mostravam o esforço do candidato em compor com o Partido Liberal, que ainda estava negociando nos estados o apoio à candidatura de Alckmin, prejudicado com a confirmação da verticalização das eleições nos estados e municípios. A análise das três reportagens escolhidas mostraram que: 1) as reportagens produzidas sempre sob uma perspectiva positiva do

candidato, serviram ao campo político, mais especificamente ao PSDB, como instrumentos de pressão junto ao PFL para aceitar a composição de uma aliança; 2) as construções narrativas tinham estrutura parecida com a de um informe publicitário, que reportava sobre a movimentação do candidato, e ao final posicionava-se a favor da aliança usando um desfecho mais ilustrativo que informativo. Isso nos possibilitou concluir que o campo político atuou junto à realidade com o intuito de favorecer suas convicções ideológicas e interesses políticos na vitória da candidatura de Geraldo Alckmin.

No segundo caso, as três emissoras analisadas pela pesquisa foram unânimes em relação ao discurso produzido sobre o episódio da greve do pré-candidato Anthony Garotinho. A Globo foi quem iniciou a polêmica contra a pré-candidatura Garotinho ao noticiar seu envolvimento com ong's e empresas fantasmas acusadas de desviar dinheiro do governo do Rio de Janeiro e repassar para a pré-campanha de Garotinho em forma de doações ao partido. Isso aconteceu logo após a divulgação de uma pesquisa de opinião que colocava Garotinho como o responsável por um eventual segundo turno nas eleições, já que seus números de intenção de voto ultrapassavam os 15%. O SBT, de início, preferiu reproduzir as informações de outras fontes, mas depois passou a conduzir suas próprias investigações, e reforçou a imagem de político pouco confiável que já era atribuída à Garotinho de antes. E a Band, seguindo as indicações das denúncias, também reinterpreto o episódio a partir de uma perspectiva condenatória.

Diante dessa pressão, Anthony Garotinho resolveu fazer uma greve de fome para protestar contra uma suposta perseguição midiática que, segundo ele acreditava, estava se dando justamente porque havia subido nas pesquisas de intenção de voto, e tinha chances reais de disputar uma vaga no segundo turno das eleições. Sua estratégia política de criar “espetáculo” para chamar a atenção da esfera pública foi vista como desastrosa e despropositada tanto pelo campo midiático, quanto pelo campo político. E o fez perder aliados importantes perto da convenção do partido.

Seus adversários aproveitaram-se do deslize. Lula avança em direção ao PMDB, oferecendo a vaga de vice em troca da aliança. Geraldo Alckmin não chega a se manifestar contra Garotinho, mas encarrega os outros líderes do PSDB, como o presidente Tasso Jereissati, de “achincalhar” o adversário através de declarações debochando da “suposta greve”. A candidata do PSOL, senadora Heloisa Helena chamou Garotinho de “palhaço”, e o único que o defendeu – Cristóvão Buarque do PDT, disse que ele tinha todo o direito de manifestar-se daquela maneira contra o que ele considerava uma “perseguição midiática”.

Diante do exposto aqui, e de outras considerações que corroboraram em outros âmbitos que não o da construção midiática, podemos afirmar que o enquadramento e o tratamento discursivo dados pelas três principais emissoras televisivas do país ao episódio, condenaram ao fim as chances de Garotinho vir a disputar as eleições como candidato do PMDB, e contribuíram para o fechamento da aliança entre peemebistas e o governo Lula.

Na perspectiva da pesquisa, o quarto movimento vem para consolidar o processo de definição das candidaturas através da composição de alianças com outros conjuntos participativos da mesma postura política e ideológica. O campo midiático coloca-se como “analista” desse processo de composição de alianças, comentando as negociações, julgando as possibilidades, e sugerindo possíveis soluções para os impasses, geralmente ocasionando posturas tendenciosas de apoio ou repúdio, que podem contribuir com uns e prejudicar outros dentro do jogo político. Esse posicionamento do campo midiático demanda uma capacidade no campo político de gerenciar essa interação entre os dois campos de forma positiva e proveitosa. É aí que reside a necessidade de arremeter profissionais provenientes do campo da comunicação, em especial, publicitários e jornalistas, para somar esforços junto às atividades estratégicas de “trato com a mídia” (mídia handling skills).

O quinto e último movimento traz características relacionadas **“a pré-campanha na mídia”**. Ou seja, movimentações protagonizadas pelos pré-candidatos que foram pensadas de forma estratégica sob as lógicas da produção midiática para conquistar uma opinião pública favorável a sua candidatura, e com isso angariar mais votos. Durante a pré-campanha 2006, encontramos vários desses movimentos estratégicos que, algumas vezes surgiram em resposta a demandas externas, e outras foram provocados pelos atores políticos.

Um desses acontecimentos vem do calendário de processualidades do campo político. Dentro de suas práticas, existem as leis eleitorais, que regem, entre outras coisas, a conduta dos interessados em disputar processos eletivos, e estipulam prazos para o cumprimento dessas condutas. Uma das exigências da lei eleitoral é que o interessado em participar de um processo eleitoral, que detenha um mandato ou cargo no poder executivo, deve se “desincompatibilizar” deste cargo meses antes das eleições, com exceção do presidente da República.

A movimentação de desincompatibilização durante a pré-campanha (*microdrama 5*) foi usada pelo campo político como mais uma oportunidade de implementar estratégias de marketing político com intuito de gerar as oportunidades de visibilidade midiática. No caso da pré-campanha 2006, o movimento de desincompatibilização ocorreu em um momento conturbado, onde o contexto social estava “revolto” devido a sucessão de fatos ocorridos no

mesmo período. A entrega do relatório da CPI dos Correios, a queda do ministro Palocci e a posse de Guido Mantega, o lançamento do astronauta brasileiro ao espaço, o episódio da “dança da pizza” protagonizado por uma deputada do PT, a absolvição de Luis Paulo Cunha (ex-presidente do PT) no processo de caçassão do mandato dos parlamentares que receberam o “mensalão”. Todos estes fatos, ligados à mesma temática, disputavam espaço dentro da agenda midiática. Por conta disso, a movimentação de desincompatibilização dos pré-candidatos foi articulada dentro do discurso midiático em forma de “pano de fundo” para a disputa.

Mesmo assim, quem conseguiu capitalizar melhor os espaços midiáticos disponibilizados para cobrir essa movimentação foi Geraldo Alckmin. Mais uma vez, a emissora Globo encarregou-se de potencializar a movimentação do pré-candidato através de uma reportagem que leva o destinatário a interpretação positiva da representação oferecida como realidade. A construção da narrativa tem uma estrutura semelhante a um *informe publicitário*, e atua de todas as maneiras (roteiro, construção textual, construção imagética e integração de discursos originais ao relato) para produzir uma imagem positiva do pré-candidato para o espectador, ressaltando suas qualidades e intenções. Já o pré-candidato Garotinho não foi contemplado pelo *preciosismo* do telejornalismo global. A parte da narrativa que trata da desincompatibilização de sua esposa, governadora Rosinha Matheus, estigmatiza sua imagem de “candidato-problemático” ao enfatizar sua reação arrogante diante da possibilidade de ele vir a ser vice de Geraldo Alckmin.

No SBT, a movimentação do “casal Garotinho” é mostrada em primeiro lugar na narrativa. A decisão da governadora em afastar-se do governo do Rio de Janeiro foi caracterizada como um reforço na frente de batalha pela candidatura de Garotinho dentro do partido. Já Garotinho foi motivo de chacota para o âncora do telejornal, que debochou dando risadas de sua postura prepotente e nada inteligente ao declarar na entrevista que “Alckmin é que deveria ser seu vice”. A segunda parte da reportagem traz um imbricamento interessante de estratégias telejornalísticas de enquadramento e de construção discursiva, para representar as denúncias publicadas no jornal Folha de São Paulo contra Geraldo Alckmin. Em termos subjetivos, a opção do telejornal por citar outro dispositivo como fonte designadora do acontecimento revelou dois aspectos interessantes: (1) o cuidado da emissora em delegar a outrem a responsabilidade sobre a divulgação dos fatos, colocando sobre eles o dever de atestar suas denúncias como produto de suas próprias investigações e deduções, e (2) o interesse em combinar várias estratégias discursivas para englobar em uma super narrativa ditos imersos no discurso de outro gênero informativo para com isso enriquecer o processo de

reconfiguração do acontecimento com mais credibilidade e sentido de realidade. Estes dois aspectos indicam a *coerência* na apropriação dos textos decorrente não apenas ao nível das articulações entre as diversas partes do texto que garantem a sua coesão, mas também a nível global, na relação do texto com outros textos e contextos. Como consequência desse produto cognitivo, a recepção compreende muito mais do que aquilo que está explícito no texto, e o conteúdo do *não-dito* revela tanto quanto o do *dito*.

A Band, mais uma vez, optou pela estratégia discursiva do *relato*. O tom da narrativa indicou a importância da movimentação política da desincompatibilização, mas não articula com nenhum cenário para a narrativa. Coloca o impasse entre Serra e Alckmin como uma questão secundária, e dá a questão como resolvida ao afirmar que o prefeito irá concorrer às eleições para o governo de São Paulo. Muitos podem ter sido os motivos que limitaram a decisão da emissora, geralmente ligados à produção e captação de conteúdo noticioso. Nesse caso, apenas o âncora é o encarregado de informar textualmente sobre a agenda dos atores políticos na disputa da pré-campanha, sem poder dispor de nenhum outro recurso para reforçar a mensagem.

Ainda dentro da movimentação dos pré-candidatos na pré-campanha 2006, encontramos a situação do presidente Lula em sua condição de chefe maior do executivo e sua decisão por concorrer à reeleição (*microdrama 10*). Essa condição, a qual denominamos de *presidente-candidato*, já foi observada em outro processo eleitoral recente (1998), onde ex-presidente Fernando Henrique Cardoso concorreu e foi reeleito. Dentro do contexto dessa eleição, praticamente não houve embates entre adversários, visto que nem aconteceu um segundo turno. Na pré-campanha de 2006, o campo político passava por uma crise ética histórica, iniciada em abril de 2005 com as denúncias do ex-deputado Roberto Jefferson, e desde então, a esfera pública esteve sempre inundado de fatos, denúncias, descobertas e etc. Como sabemos que a mídia vive de novidades, movimentos e contradições, o campo midiático teve muito trabalho, produzindo muitos acontecimentos e usando vários processos de descrição e reconstituição verosímil para audiência.

Descrevemos aqui alguns acontecimentos que caracterizaram esta postura de *presidente-candidato*, que corresponderam à estratégia de “campanha velada” adotada por Lula desde o início da pré-campanha 2006.

Out/2005

- em uma inauguração de conjuntos habitacionais do ABC paulista o presidente diz: “que ainda vai chegara hora de conversar sério sobre reeleição”. No mesmo dia, em um

discurso aos metalúrgicos do ABC, ele critica o governo passado e diz que vai “comparar o que fizemos em quatro anos, com o que eles fizeram em oito...”;

- na inauguração da etapa final da Rod. Fernão Dias-MG, ainda em 2005, Lula criticou os governos anteriores: “as obras nunca terminavam porque os recursos eram liberados a conta- gotas”. O interessante é que a reportagem desconstrói os argumentos do presidente ao mostrar que a rodovia foi inaugurada com a obra inacabada;

Março/2006

- Em uma reportagem sobre o “dia do presidente Lula”, Lula se compara ao jogador “Ronaldo – o fenômeno”, como exemplo de persistência e perseverança. E o repórter polemiza a narrativa afirmando que “Lula está sendo acusado de fazer campanha como presidente”, mas, não revela quem o acusa;

- No auge do escândalo Palocci, o governo Lula consegue aprovar o aumento do salário mínimo, e recebe no Palácio do Planalto o artista MVBill, produtor do documentário “Falcão, os meninos do tráfico”. O telejornal do SBT constrói uma única reportagem abordando os três temas. E no desfecho, o âncora cobra do presidente uma definição sobre sua candidatura à reeleição, fazendo uma análise crítica do comportamento do presidente como candidato;

- O governo aprova um aumento para funcionários da Câmara Federal e a imprensa noticia como uma “manobra eleitoreira”;

- Em reportagem sobre a inauguração das obras do Panamericano, o repórter ressalta que o comportamento de Lula “já é de candidato”;

Abril/2006

- A viagem do astronauta brasileiro ao espaço rendeu uma repercussão muito favorável para o presidente Lula. A cobertura do acontecimento estendeu-se desde a assinatura do acordo com a Rússia em março de 2005, até a viagem em abril de 2006. Toda a mídia voltou-se para registrar a primeira participação de um astronauta brasileiro em uma missão espacial. O presidente Lula soube capitalizar muito bem esse feito para sua campanha, através de aparições dele falando com o astronauta Marcos Pontes direto do espaço;

- A expropriação da Petrobrás pela Bolívia coloca a autoridade do presidente Lula em xeque. Toda a imprensa cobra uma atitude mais enérgica do governo em relação à Bolívia. Essa reação não vem, e Lula acaba acusado pelo Jornal da Globo de “omitir-se diante de um problema de soberania nacional”. Esse fato

Maio/2006

- O presidente Lula dá o primeiro passo real como candidato à reeleição, e oferece ao PMDB a vaga de vice na sua chapa;

- Lula tira vantagem dos ataques do PCC em São Paulo, e acusa Geraldo Alckmin, ex-governador de São Paulo e seu principal adversário, de ser “um péssimo governador”.

Diante de todos esses fatos, escolhemos três reportagens que demonstram as tentativas de imbricamento da imagem do presidente com a do pré-candidato. No microdrama 10, analisamos algumas reportagens que reconfiguram acontecimentos ligados às aparições oficiais do presidente Lula que caracterizam essa postura de *presidente-candidato*.

Na Globo, a intenção da narrativa é construir uma conexão entre o comportamento do presidente em eventos oficiais com a pré-campanha. A partir da análise desta reportagem reconhecemos que a seleção de fatos a serem divulgados, as imagens escolhidas, as frases de efeito, e tudo mais que compõe a reconfiguração do fato em notícia articulam-se para montar um mapa de indicativos que levem o espectador a concluir que o presidente é candidato à reeleição, e que já está em campanha. A narrativa funciona quase como uma propaganda política, se não fosse as intervenções ora explicativas ora interpretativas do produtor do discurso para enfatizar que o comportamento do presidente em aparições públicas não deixava dúvidas de suas intenções eleitoreiras. Em virtude destas e de outras indicações, concluímos que a relação entre o que é dito no enunciado solicita do espectador uma reflexão sobre o contexto situacional em que ele está dito. Ou seja, a influência do contexto político opera a intertextualização do discurso, que já está orientado sob os imperativos do marketing político.

No SBT, a reportagem relaciona dois acontecimentos para construir uma visão particularizada da situação de Lula como pré-candidato diante da saída de Antonio Palocci e da nomeação de Guido Mantega para o ministério da Economia. Uma narrativa que entrelaça fatos e personagens de forma explicativa e atraente para que o espectador se prenda ao raciocínio complexo do produtor do discurso. A intenção da narrativa procura resgatar a imagem positiva do presidente em favor do candidato após o desgaste sofrido com a “queda de Palocci”. Além de assegurar enfaticamente que o fato não afetou a estabilidade econômica, da qual o país vêm gozando mesmo com a crise política iniciada a no ano de 2005. Logo, encontramos nesta reportagem indícios da manipulação de na forma elementos (imagens, entrevistas, declarações e informações) para construir uma interpretação otimista sobre um fragmento da realidade, e com isso favorecer a condição de Lula como presidente-candidato.

Na Band, a tônica da reportagem traz uma declaração do presidente Lula a um programa de rádio onde ele declara-se candidato à reeleição. O fato é comentado sob a perspectiva de que a declaração do presidente foi direcionada com o intuito de provocar os

adversários, principalmente os “tucanos”. A seleção do acontecimento, aliada a mecânica argumentativa do comentário midiático coloca em evidência a movimentação do presidente-candidato e a reação dos adversários, reformando o acontecimento através da simplificação e da psicologização, emprestando intenções aos atores políticos para produzir o efeito de polêmica. Este tipo de construção discursiva contribui com o estilo conversacional do comentário telejornalístico, que por sua vez, contribui para uma ilusão de informalidade, de familiaridade e de aproximação afetiva.

A perspectiva oferecida pela análise destas reportagens nos elucidam sobre o aspecto mais significativo do discurso midiático, que é a atividade de transformação de um evento em notícia acabada, onde tudo tem a ver com o modo como é codificada e decodificada, por retóricas e interpelações à audiência que configuram de formas diferentes e dinâmicas os imaginários sobre o que é a realidade.

Ainda dentro desse “amalgama” de acontecimentos midiáticos que foi a pré-campanha 2006, selecionamos algumas notícias que influenciaram na composição do cenário político da pré-campanha, e por conseguinte, na “largada” para as eleições, mas sem que derivassem de movimentações provenientes dos pré-candidatos. No conjunto de dramas expostos pelas cpi’s escolhemos quatro microdramas para caracterizar a movimentação do campo político e os enquadramentos dessa movimentação oferecidos pelo campo midiático.

O primeiro trata do caso do assassinato de Celso Daniel (*microdrama 1*), que era prefeito de Santo André/SP e membro do PT. Sua morte ocorreu em circunstâncias misteriosas, que envolveram denúncias de desvio de dinheiro da prefeitura para as contas do partido. Estas circunstâncias passaram a ser apuradas pela CPI dos Bingos a partir da descoberta do envolvimento de membros da direção do PT com o suposto desvio de dinheiro. As investigações levaram a cpi a ouvir o depoimento do irmão do prefeito, Bruno Daniel, que afirmou ter provas desse envolvimento. As três reportagens analisadas colocam as suas reconfigurações sobre este episódio através de estratégias discursivas diferentes, mas com a mesma intenção narrativa. A transformação discursiva foi baseada na relação conversacional, na busca de uma cumplicidade com o espectador, deixando em segundo plano o caráter oficial das informações.

A Globo não deixa claro todos os ângulos que compõe o acontecimento, e transforma os fatos reais para evidenciar o envolvimento “de um dos principais assessores do presidente Lula” (que é nomeado depois como deputado José Dirceu), mas sem fazer uma conexão direta com a acusação de assassinato, apenas com o “esquema de financiamento de campanha do

PT”, o que minimizou o impacto do depoimento de Bruno Daniel sobre o presidente Lula, recaindo sobre o PT e José Dirceu.

O SBT se esforça mais para trazer o conteúdo polêmico das revelações de Bruno Daniel, indo além do simples fato através de uma construção discursiva dramática e acusatória, que vitima a família Daniel e reforça a tese de que existem mais provas que ligam “os membros do PT” ao crime, mas não faz nenhuma conexão com o presidente Lula.

A Band usa da estratégia discursiva do *comentário* para contar a história do envolvimento de petistas com o crime. Como no decorrer da pesquisa, percebemos que o comentário procura revelar o que não se vê, mas o que constitui as causas e motivos dos envolvidos, através de uma visão de ordem explicativa que consiste em exercer suas faculdades de raciocínio para analisar o porquê do fato, concluímos que a emissora optou por prescindir de detalhes factuais e carregar no conteúdo simbólico para suplantar a existência dos fatos com a impressão subjetiva do comentarista. Ao afirmar que “o mais escandaloso nisso tudo é o envolvimento direto de membros do PT”, ele resume em uma única frase todo o conteúdo simbólico da mensagem. No contexto da pré-campanha, a ligação entre o presidente Lula e o PT estava sempre “nublada” pela possibilidade de Lula desconhecer os bastidores de seu partido, logo, a tentativa de vincular sua imagem aos escândalos envolvendo petistas estava enfraquecida.

Neste caso, percebemos mais uma vez que, ao legitimar os fatos da realidade objetiva, subjetivando-os através de processos simbólicos valorativos, o campo midiático submete ao juízo público suas próprias representações (papéis, posições, imagens, atributos) e como deles dispõe. Logo, ao consideramos a linguagem dos media noticiosos como parte integrante do discurso social, estamos então afirmando que sua a responsabilidade pública e social vai muito além da oferta diária de “notícias” aos seus receptores.

O segundo microdrama desta categoria traz para o corpus da pesquisa a atuação dos parlamentares em seus papéis de oposição e situação diante da entrega do relatório final da CPI dos Correios (*microdrama 2*). Conhecida também como “cpi do mensalão”, foi a primeira a ser instalada depois das denúncias de Roberto Jefferson e trouxe uma série de implicações para o contexto da pré-campanha. Desde o início de seus trabalhos de investigação foram reveladas muitas conexões entre membros do campo político provenientes de quase 80% do espectro partidário brasileiro, com mandatos e cargos tanto no Legislativo quanto no Executivo. Algumas sessões chegaram a ser transmitidas ao vivo em rede nacional, de tanto que era a complexa e perplexa rede de intrigas que ia sendo revelada pelas testemunhas a cada depoimento ou acareação. Um ano depois da abertura da CPI, a expectativa gerada sobre o

relatório era igual a de uma final de Copa do Mundo porque se tinha a certeza de que suas conclusões trariam muitos elementos que influenciariam na composição do quadro político para as eleições de outubro. Logo, o campo midiático reforçou todas as frentes de observação do fato, e esmerou-se em realizar cobertura a mais completa possível, para com isso, poder basear suas colocações valorativas sem o risco de errar. Um fato interessante é que a entrega do relatório ocorreu na mesma data em que o primeiro astronauta brasileiro “subia” ao espaço. Cada uma das emissoras analisadas apresentou sua reconstrução da sessão de entrega do relatório baseadas igualmente nas duas frentes: a textual e a situacional. Ou seja, a experiência concreta em primeiro plano, articulada com a questão semântica do acontecimento em segundo plano. Essa característica do discurso jornalístico sobressaiu-se diante das outras estratégias discursivas por se tratar de um fato rico em detalhes que poderiam fundamentar vários modos de compreensão e de leitura. Logo, a opção estratégica correta por adotar uma ou outra, ou várias interpretações possíveis minimizaria os riscos de quebrar regras de produção, e de não atender as exigências do *contrato de leitura* diante de um fato crucial para a construção da história política do país.

A Globo mostrou uma narrativa tecnicista, rica em dados concretos (números de reuniões, de requerimentos, de quebras de sigilo, de paginas no documento) para fundamentar sua insatisfação com conteúdo do relatório. Toda a construção narrativa baseia-se em um primor técnico, que enfatiza os números, o volume de trabalho e de tempo investidos no relatório, com o objetivo de dar crédito à postura adotada pelo telejornal, veementemente julgadora e inquiridora diante do relator da cpi – deputado Osmar Serraglio, julgando suas conclusões como indignas de crédito. Do ponto de vista das estratégias de produção, a representação virtual do relatório articulou com primor as táticas de visualização, reapropriação e reinterpretação para repassar ao espectador uma leitura própria do que considerou as conclusões mais importantes do documento como a atribuição do papel de mentor do esquema de corrupção atribuído a Marcos Valério, a definição do “mensalão”, o envolvimento do “senador tucano”. Na página final, a emissora imprime o conteúdo valorativo ao acusar nominalmente o relator de deixar de posicionar-se diante de questões importantes como a decisão de apenas citar o nome da empresa do filho do presidente Lula como uma das receptoras de dinheiro do esquema de Marcos Valério sem aprofundar as investigações do fato. Por fim, o comentarista vem dar o desfecho intelectualizado à narrativa, avaliando as declarações dos atores envolvidos no fato (o relator e deputados de oposição e situação), emprestando uma intenção atores discursivos, e revertendo o valor simbólico do relatório, que passa de instrumento de punição de culpados para ferramenta de perseguição

política da oposição contra o governo. Diante disso, acreditamos que a emissora compactuou com a visão dos governistas que apoiavam o presidente Lula, e induziu o espectador a calar seus questionamentos em relação ao envolvimento do presidente Lula no esquema de corrupção do “mensalão” denunciado por Roberto Jefferson.

O SBT optou por comparar os dois acontecimentos mais importantes da agenda naquela data (25/03/2006). A conclusão do relatório da “cpi do mensalão” representou dentro da narrativa o acontecimento do qual o Brasil deveria se envergonhar, e o lançamento da nave espacial Soyuz com o astronauta brasileiro a bordo representou o orgulho dos brasileiros-cidadãos pelo feito histórico, atribuído ao país segundo discurso da emissora. A construção narrativa misturou esses dois campos semânticos como estratégia de “espetacularização” dos acontecimentos para potencializar o processo de captação da audiência pela narrativa. Além de colocar o produtor do discurso no mesmo patamar da esfera da recepção, “junto ao brasileiros indignados com o resultado do relatório da CPI”. A perspectiva conversacional protagonizada pelo âncora no início da narrativa dá lugar à uma derivação sugestionada de efeitos de sentidos que age através da maneira subliminar com que o repórter narra os fatos. Os atores políticos são chamados à narrativa dentro da perspectiva oposição x situação, o que reforça o efeito de polarização dada ao acontecimento pela intenção narrativa. E por fim, o comentário explicativo que dá o desfecho à reportagem coloca a emissora no papel de ator social não convencido pelas conclusões do relatório, e que diante da sua reconstrução dos fatos vem cobrar da esfera política uma resposta coerente às denúncias que envolvem o presidente do país e seu partido com práticas de corrupção.

A Band também assumiu uma posição insinuadora e inquiridora diante do fato, e optou por ressaltar as falhas do relatório final cobrando a indulgência do relator em relação ao envolvimento do presidente Lula como intenção narrativa. O comentarista insistiu em apontar para o ocultamento de indícios do envolvimento de Lula com o “mensalão” através do encadeamento lógico dos fatos com algumas insinuações *deformantes*, mais alguns efeitos de dramatização abusivos. Esse procedimento, se bem construído, produz um efeito persuasivo ao qual o receptor não fica insensível por ser uma estratégia que necessita de uma capacidade cognitiva mínima por parte do sujeito interpretante. Logo, a emissora tenta formar opinião através de uma postura discursiva livre de limitações, legitimada pela sua posição de ator social consciente da situação contextual em que se deu o fato, e que pode exprimir o desejo por mudanças no texto do relatório que indiquem claramente a responsabilidade do presidente Lula com a prática corrupta denominada de “mensalão”.

Na análise da cobertura midiática desse fato encontramos fortes indícios de dramatização. Este termo pode ser entendido na linha de *drama*, gênero teatral construtor de teias de relações entre personagens, que se desenrola num palco frente ao espectador, e que está associado à mobilização de um investimento afetivo por parte do receptor. É uma estratégia narrativa originalmente literária que foi apropriada pelo campo midiático como estratégia discursiva telejornalística, usada principalmente na reconfiguração de acontecimentos que são “fora do comum”, de cunho histórico ou espetacular, e que, uma vez publicados, surpreendem, chocam e incitam o espectador a formular reflexões e opiniões sobre os mesmos, ou simplesmente levá-lo a reproduzir o discurso oferecido.

No contexto da pré-campanha, muitos foram os acontecimentos reconfigurados sobre a égide do drama, do espetáculo, reiterando o papel dos *media* modernos como *os palcos da sociedade globalizada*. Os telejornais serviram perfeitamente a esse papel, reproduzindo acontecimentos espetaculares relacionados ao campo político, sendo que, especificamente no caso da política, os “donos” do palco (os *media*) também dirigiam o espetáculo, e reconfiguravam o fato real de acordo com seu valor de consumo, de entretenimento. Ou seja, o fato deixava de ser fato para virar história.

O terceiro microdrama identificado como produto das estratégias de construção discursiva de acontecimento mediático levadas ao extremo da “espetacularização” traz para o contexto da pré-campanha 2006 um dos ângulos de repercussão do “escândalo Palocci” (*microdrama 3*). O Ministro Antônio Palocci caiu da sua condição de Ministro da Fazenda e homem-forte do governo Lula para a categoria de “indiciado por crime de corrupção ativa pela PF”. As investigações da CPI dos Bingos em torno do esquema de desvios de dinheiro público de prefeituras do interior de São Paulo por uma quadrilha de lobbistas chegaram ao ministro Palocci através do depoimento de um “caseiro” que trabalhava na casa que servia de sede para as negociatas. O “caseiro” confirmou junto à cpi que Palocci era freqüentador assíduo da casa, denominada pela imprensa de “República de Ribeirão Preto”, o que o levou a ter seu sigilo bancário e pessoal quebrados, por ordem do gabinete do Ministério da Fazenda e da presidência da Caixa Econômica Federal. Sua integridade foi posta à prova em rede nacional, que depois serviu de exemplo de caso de abuso de autoridade do governo contra o cidadão brasileiro.

Toda a cobertura mediática deste drama baseia-se na *significância* do acontecimento, articulando critérios em torno da dimensão coletiva que ele representa. A importância se constrói sobre o grau e o nível hierárquico dos indivíduos nele envolvidos, o impacto sobre o país e o interesse nacional, e a relevância do acontecimento quanto a uma determinada

situação ou contexto, no caso, a pré-campanha. A esta altura da evolução do acontecimento, Palocci já havia sido julgado e condenado pela esfera pública devido a quantidade irrefutável de provas apuradas pela CPI, além do depoimento do personagem “caseiro”. Diante desse quadro, a Globo não estava interessada em por em risco sua posição de produtora de discursos jornalísticos de qualidade, então recorre ao processo de construção de estereótipos através do poder simbólico das palavras para enquadrar o então ministro na condição de *criminoso* indiciado pela Polícia Federal. O SBT recorre também ao processo de simbolização, abusando do exagero e da distorção para potencializar o efeito de enquadramento *sensacionalista*. A narrativa construída com um vocabulário dramático contraria os processos de construção do registro jornalístico factual, e passa a desdobrar o fato em outras polêmicas, ligadas a ele em um segundo nível, levando o espectador além do acontecimento. Sua escolha por enfatizar o comportamento do advogado de Palocci, e julgá-lo desrespeitoso perante o campo jornalístico reforça a idéia de que o processo de reconfiguração da realidade também está subordinado aos interesses do campo jornalístico como *classe*. A Band, com seu estilo de gênero híbrido, que mescla telejornal com entretenimento, deixa de articular detalhes factuais para dar espaço ao posicionamento da emissora em relação à *relevância* do acontecimento, traduzindo significados que interessam particularmente ao receptor. A estrutura da narrativa (comentário do âncora) é orientada por razões de atualidade e de interesse humano, o que indica um desequilíbrio formal em oposição a um sentido de ordem e de hierarquia temática, presente em dispositivos informacionais da categoria dos *sensacionalistas*. Logo, pode-se afirmar que as reconfigurações analisadas são produto de fenômenos de ofuscação na interpretação de novas situações, decorrentes destes *viéses* cognitivos presentes principalmente no campo político.

A cobertura telejornalística deste episódio contribuiu para o contexto da pré-campanha como mais um fórum de discussão sobre a crise ética pela qual passava o campo político, sendo mais uma oportunidade para os pré-candidatos disporem do *palco midiático*, e exporem suas posições políticas diante desse contexto, colocando o processo de reeleição do presidente Lula mais uma vez em risco. Ele, por sua vez, manteve-se em defesa de Palocci até a descoberta de seu envolvimento na “quebra do sigilo do caseiro”, para depois reassumir a imagem de “presidente traído” que vinha sendo estrategicamente construída desde o início da crise política.

E por fim, o quarto e o último fato externo à pré-campanha de Lula que influenciou no processo de formação do quadro político da para as eleições foi episódio da “dança da pizza” (*microdrama 11*), o qual repercutiu amplamente na esfera pública através da consonância

exaustiva das representações midiáticas produzidas sobre o fato por vários gêneros e dispositivos informacionais diferentes. A “manifestação de alegria” da deputada federal Ângela Guadagnin - PT, dentro do plenário após conseguir livrar um colega de partido da cassação do mandato por suspeitas de participação no “esquema do mensalão”, foi interpretada pela esfera pública como “uma afronta ao povo brasileiro”. Do ponto de vista da produção telejornalística, o conteúdo factual do drama satisfaz plenamente o quesito essencial na construção de acontecimentos mediáticos, o critério de *noticiabilidade*. Os telejornais analisados levaram a cobertura do fato para a esfera do *interesse público*, que abrange decisões e fatos que afetam no sentido de que modificam ou podem contribuir para modificar a convivência e hábitos de conduta, para confirmar ou pôr em causa idéias, crenças e atitudes. Nesse caso, o interesse do público moveu-se não por motivações públicas mas humanas. A Globo, como sempre, mostrou uma reconstrução bem articulada e estruturada em fatos, para poder posicionar-se abertamente depois da punição recebida pela deputada, que foi expulsa do Conselho de Ética da Câmara. A emissora a acusa textualmente de “a defensora dos mensaleiros”, mas ao final, concede o direito de defesa à deputada para descaracterizar quaisquer indícios de manipulação ou subjetivação exagerados. O SBT reconstitui uma cadeia de fatos ligados ao acontecimento com o intuito de ajudar o espectador a apreender, contextualizar e *sentir*, provocando mais que um processo de interpretação, e sim uma reação mais emotiva do que racional. A Band também não renuncia ao recurso combinatório de elementos interpelativos com quadros interpretativos e de contextualização, estimulando o espectador a produzir uma série de leituras diferentes através de uma reconstrução simbólica, lúdica, comparativa do fato da absolvição de mais um deputado “mensaleiro” – dep. Luis Paulo Cunha, ex-presidente do PT – com o aumento do consumo de fatias de pizza nas lanchonetes do Congresso. Logo, a compreensão desta notícia admite pouco nível cognitivo, não dependa da capacidade de contextualizar nem requer esforço interpretativo.

Durante a repercussão do acontecimento, o presidente Lula optou por “sair de cena” sem posicionar-se sobre o fato. Coube aos outros integrantes do partido tentar justificar a conduta da parlamentar, como ela sendo uma vítima da atitude adotada pelo campo midiático de fomentar o julgamento público através da exibição exaustivas de reportagens visivelmente condenatórias e desabonadores sobre conduta da parlamentar. Toda essa visibilidade midiática negativa foi a causa da desaceleração da pré-campanha de Lula, que limitou-se à aparições publicas em solenidades oficiais, mas sem chegar perto dos microfones. Os outros pré-candidatos tomaram o seu espaço na “arena midiática”, colocando suas opiniões e cobrando

uma atitude do pré-candidato Lula diante do comportamento “vergonhoso” de um dos membros do seu partido.

Até esse momento, a análise de parte do conteúdo noticioso presente nos telejornais relacionado com a pré-campanha 2006 demonstrou que a construção do discurso social está baseada em um conjunto de operações de reconstrução discursiva operadas pelos telejornais, que ora abordam o contexto político e social como atores, ora como expectadores, e ora como simples testemunhas de relato. Isso deixa evidente que os conteúdos noticiosos são vistos primeiramente como potenciais relatos, como marcas de representação social e ideológica, para depois serem selecionados e transformados em notícia. Logo, a construção do discurso telejornalístico baseado nas operações de seleção e transformação é baseado em um ato ideológico de representação.

Queremos colocar também um outro aspecto que influi ativamente na composição de cenários eleitorais, que diz respeito às pesquisas e índices de popularidade e intenção de voto (*microdrama 12*). Em se tratando da pré-campanha, percebemos que o desenrolar do processo de configuração do quadro eleitoral antes da campanha oficial também sofre influências desses números e resultados. Na pré-campanha 2006, com a condição da reeleição, as pesquisas eleitorais eram solicitadas sempre que o governo protagonizava uma movimentação importante (lançamento de programas sociais, aprovação de emendas, medidas provisórias, mudanças no primeiro escalão do governo, envolvimento em escândalos políticos e etc.), e para os outros pré-candidatos, as pesquisas eram úteis para gerar espaço de visibilidade midiática onde poderiam posicionar-se diante de resultados favoráveis ou desfavoráveis, criticar seus adversários, divulgar seus programas de governo, submetendo-se à esfera pública para testar seu desempenho diante da corrida eleitoral.

Para ilustrar este ângulo da pré-campanha 2006, analisamos três reportagens que relatavam as reações do campo político depois da divulgação de pesquisas ligadas ao contexto geral por algum acontecimento político ou econômico que tivesse algum tipo de relação com os resultados.

A Globo opta por “diluir” os resultados da pesquisa em meio à movimentação dos pré-candidatos, mas deixa indícios de favorecimento da posição de um em detrimento de outros. No caso, mais uma vez o pré-candidato Geraldo Alckmin é privilegiado pela intenção narrativa, sendo o único contemplado com minutos de interação quase direta com a esfera pública, sem a intervenção do produtor do discurso. Anthony Garotinho é o mais prejudicado com o excessivo reforço da sua imagem negativa pela construção textual e discursiva, e com a ausência de interesse da emissora em enfatizar a conquista de mais três pontos percentuais na

corrida eleitoral, que foram apontados pela pesquisa. Já o presidente Lula é literalmente colocado no lugar de pré-candidato pela narrativa antes de qualquer anúncio oficial, o que revela a certeza de sua candidatura por parte da emissora. E fica encarregado de dar o desfecho à reportagem, que reconfigura uma aparição oficial do “presidente”, através do reposicionamento do fato dentro de um fragmento de contexto relacionado à pré-campanha. O comportamento de Lula confirma mais uma vez sua estratégia de *campanha velada*, pois em seu discurso ele parece agir como candidato ao convocar os brasileiros a unirem-se em torno da realização da Copa de Futebol de 2014 no Brasil. A narrativa confirma o caráter mitológico do presidente ofuscando o fato de que o pré-candidato Lula aparece com menos três pontos percentuais na pesquisa de intenção de voto. A emissora aposta no interesse da audiência como critério menos vinculativo à reconstrução factual e mais aberto à subjetividade, e coloca conteúdo factual em segundo plano para reconfigurar o acontecimento, de forma a exigir um esforço intelectual menor para entender princípios e regras que regem o universo da disputa eleitoral.

O SBT destaca a possibilidade de José Serra vir a tomar o lugar de Alckmin, como candidato do partido à presidência. O telejornal, mais uma vez, recorre às estratégias discursivas *espetacularizantes* para tratar o esperado de forma inesperada, e com isso potencializar os efeitos de sentido do discurso produzido. A informação que baseia a estratégia de fato traz a *imprevisibilidade* para o discurso, porém, a emissora falha em não lhe atribuir a fonte, diminuindo seu efeito em, dando-lhe uma nova notoriedade.

A Band anuncia a vitória dos “tucanos” na pesquisa, colocando a afirmação em primeiro plano, e o resultado factual das pesquisas em segundo. E vai construir a conexão entre o factual e a reconfiguração bem depois dentro da narrativa. Mais uma vez, ela usa da estratégia do comentário midiático para poder construir essas relações mais subjetivamente, e cria o efeito de sentido positivo em torno do resultado simbólico da pesquisa eleitoral, que fora realizada apenas no estado de São Paulo, o principal reduto eleitoral do PSDB na ocasião. A estratégia induz o processo de interpretação do receptor, que tem que estar atento aos detalhes para não se deixar levar pela intenção subjetiva e tendenciosa da narrativa, que induz o espectador a crer na possibilidade da vitória do candidato “tucano” nas eleições para presidente.

Apesar de não tratarem da mesma pesquisa, as três emissoras optam por reconfigurar a notícia sob a égide da subjetivação. É interessante o processo como as narrativas conseguem apropriar-se de informações de sentido tão factual (dados, números e percentuais) e transformá-las em construções discursivas cheias de personalizações, projeções e empatias,

com o objetivo de suprir a necessidade de significado e identificação por parte do receptor, que passa a enxergar personagens ao invés de números.

Os processos discursivos de personalização dos acontecimento contribuíram para o contexto da pré-campanha no momento em que ocorre a transformação automática da imagem pública de um ator político em texto. Isto indica que o tratamento do acontecimento em termos de imagem representativa é mais noticiável que um conceito. E aliados aos efeitos da *dramatização*, envolvendo em particular figuras públicas enquanto coadjuvantes de situações, potencializam o critério de noticiabilidade do conteúdo factual.

Encerramos aqui uma análise crítica do discurso telejornalístico, associada à perspectiva sociológica e política que trata suas mensagens, linguagens e estratégias de realização como atos de comunicação que colaboram para a formação do discurso social. Orientada explicitamente para a agenda sócio-política, e para a preocupação em inventariar e apresentar criticamente de que formas os discursos telejornalísticos podem contribuir para a reprodução ou a mudança das relações de poder em processos eleitorais e seus afins.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Dialogismo e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- BAKHTIN, M. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- BALBACHEVSKY, E.; HOLZHACKER, D.O. Identidade, oposição e pragmatismo: o conteúdo estratégico da decisão eleitoral em 13 anos de eleições. *Opinião Pública*, Campinas, v. 10, n. 2, 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010462762004000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 set./2007
- BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia e da TV*. São Paulo: Campus, 2002.
- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: _____. *Análise estrutural da narrativa*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 19-60.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. *A Constituição Social da Realidade*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. A representação política. Elementos para uma teoria do campo da política. In: _____. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1999. 163-207.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Oeiras: Celta, 1997.
- BRAGA, J.L. (Org.) *A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política*. Rio de Janeiro: Diadorim / Campos, 1995.
- CAPPARELLI, S.; LIMA, V.A. de. *Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização*. São Paulo: Hacker, 2004.
- CAREY, J.; STUGART, M. Incentives to Cultivate a Personal Vote: A Rank Ordering of Electoral Formulas. *Electoral Studies*, v. 14, n. 4, p. 417-439, 1995.
- CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. v.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- CHAMPAGNE, P. *Formar a opinião: o novo jogo político*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006a.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006b.
- COHEN, B.C. In: *Teoria & Política*. São Paulo, 1963. p. 175-211.
- COHEN, S.; YOUNG, J. (Eds.). *The manufacture of news: deviance, social problems an the mass media*. London: Constable, 1981.
- COOK, C. The contemporary presidency: the permanence of the "permanent campaign": George W. Bush's public presidency. *Presidential Studies Quarterly*. Disponível em: http://goliath.ecnext.com/coms2/summary_0199-2296151_ITM&referid=2090. Acesso em:
- DINIZ, M.L.V.P. Acontecimento e memória no telejornal: comunicação efetiva e afetiva. In: Anais do XVII Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 2004. São Paulo: Intercom, 2004. [CD-ROM]
- ECO, U. *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- ENTMAN, R. *Democracy without citizens*. Nova York: Oxford University Press, 1989.
- FABBRI, P. *El giro semiótico*. Barcelona: Gedisa, 2000.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.

- FAUSTO NETO, A. A deflagração do sentido: estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUZA, M.W. (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995a., p. 189-221.
- FAUSTO NETO, A. *O impeachment da televisão*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995b.
- FIGUEIREDO, M. Mídia, mercado de informação e opinião pública. In: *Informação e democratização*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Lisboa: Relógio d'água, 1997.
- GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade social*. Oeiras: Celta, 1994.
- GITLIN, T. *The whole world is watching: mass media and the making and unmaking of the new left*. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 1980.
- GOMES, W. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.
- GREIMAS, A. J. L'énonciation: une posture épistémologique. *Significação: revista brasileira de semiótica*, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas, Ribeirão Preto, n.1, 1974.
- GUIMARAES, C.; AMARAL, R. Meios de comunicação de massa e eleições (um experimento brasileiro). *Comunicação & Política*, Rio de Janeiro, n.2 (9), p.147-158.
- HALL, S. *Teoria & Política*. São Paulo, 2001. p.175-211.
- HOLBROOK, T. *Do campaigns matter?* Thousand Oaks: Sage, 1996
- LANDI, O. La televisión y el futuro de la política. *Comunicação e Política*. São Paulo, v. 9, n. 12, p. 35-47, jul./dez. 1990.
- LANG, K.; LANG, G.E. Los mass media y la elecciones. In: MORAGAS, M. de (org.). *Sociologia de la comunicacion de masas*. 3.v, Barcelona: Gustavo Gili, 1982. v. III, p. 66-94.
- LAVAREDA, A. *A Democracia nas urnas: o processo partidário eleitoral brasileiro*. Rio de Janeiro: IUPERJ-Rio Fundo Editora, 1999.
- LAZARSELD, P.F. La campaña electoral ha terminado. In: MORAGAS, M. de (org.). *Sociologia de la comunicacion de masas*. 3.v, Barcelona: Gustavo Gili, 1982, v. III, p. 20-39.
- LIMA, V.A. de. Cenário de representação da política (CR-P): um conceito e duas hipóteses sobre a relação da mídia com a política. In: _____. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. p.175-211.
- LIMA, V.A. Os mídia e a política. In: RUA, M.G.; CARVALHO, M.I.V. (Orgs.) *O estudo da política*. Brasília: Paralelo 15, 1998, p.210.
- MAFFESOLI, M. *A transfiguração do político*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MANIN, B. As metamorfoses do governo representativo. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 29, p. 5-34, out. 1995.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. *Histórias das teorias da comunicação*. São Paulo. Loyola, 1999.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. *Carnaval de imagens: a ficção na TV*. São Paulo, Brasiliense, 1989-1999.
- MENEGEULLO, R. *Partidos e governos no Brasil contemporâneo 1985-1997*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- MIGUEL, Luis Felipe. "A descoberta da política. A campanha de 2002 na Rede Globo". In: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *Eleições presidenciais no Brasil*. São Paulo: Hacker Editores, 2004, p.94-95.

- MOISÉS, J. A. Democratização e cultura política no Brasil. *Lua Nova: Revista de Cultura Política*, n. 26, p. 5-52, 1992.
- NICOLAU, J.M. Disciplina Partidária e Base Parlamentar na Câmara dos Deputados no Primeiro Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998). *Dados*, v. 43, n. 4, p. 709-735, 2000.
- NOELLE-NEUMAN, E. Pesquisa eleitoral e clima de opinião. *Opinião Pública*, Ano 1, vol. 1, n. 2, p. 47-62, dez./1993.
- PEREIRA, M.; GOMES, R.C. FIGUEIREDO, V.L.F. (Orgs.). *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2004.
- POPKIN, S.I. *The reasoning voter: communication and persuasion in presidential campaigns*. Chicago: Chicago University Press, 1994.
- PORTO, M.P. Interpretando o mundo da política: Perspectivas teóricas no estudo da relação entre psicologia, poder e televisão. In: *Anais do XXIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*. Caxambu, out./1999
- PORTO, M.P. A crise de confiança na política e suas instituições: os media e a legitimidade da democracia. In: BAQUERO, M. (Org.) *Condicionantes da consolidação democrática: tica, mídia e cultura política*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1996, p. 41-64.
- REISER, S. Política y medios masivos de comunicación en la campaña electoral. In: THESING, J.; HOFMEISTER, W. (Orgs.) *Medios de comunicación, democracia y poder*. Buenos Aires: Fundação Konrad Adenauer, 1995, p.165-187.
- RODRIGUES, A.D. *Estratégias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1990.
- RODRIGUES, A.D. *O campo dos media*. Lisboa: Veja, s./d.
- ROSSI LANDI, F. *A linguagem como trabalho e como mercado: uma teoria da produção e da lingüística*. São Paulo: Difel, 1985.
- RUBIM, A.A.C. (Org.). *Mídia e Eleições de 1998*. Salvador: Facom / UFBA, 2000.
- RUBIM, A.A.C. Mídia, dimensão pública e eleições presidenciais. In: _____. *Mídia e política no Brasil*. Mídia e política no Brasil. João Pessoa: UFPb, 1999. p.15-36
- SARTORI, G. *A teoria da democracia revisitada*. São Paulo: Ática, 1994. v.I.
- SCHIMITT; R.; CARNEIRO; L.P.; KUSCHNIR, K.C. Campaign strategies used in free airtime in proportional elections. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18/nov. 2007.
- SCHWARTZENBERG, R.-G. *O estado espetáculo*. Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- SODRÉ, M. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- SOUZA, M. do C.C. A Nova República Brasileira: sob a espada de Dâmocles. In: STEPAN, A. (ed.). *Democratizando o Brasil*: Rio de Janeiro, Paz e Terra, p. 563-627.
- STRAUBHAAR, J.; LAROSE, R. *Comunicação, mídia e tecnologia*. Thomson, 2003.
- THIOLLENT, M. *Pesquisas eleitorais em debate na imprensa*. São Paulo. Cortez, 1989.
- TUCHMAN, Gaye. *Making News*. New York: Free Press, 1978.
- VENTURI, G. Imagem pública, propaganda eleitoral e reeleição na disputa presidencial de 1998. In: RUBIM, Antônio A. (Org.). *Mídia e Eleições de 1998*. Salvador: Facom/UFBA, 2000.
- VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.
- VERÓN, E. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- WATEMBERG. M.P. *Teoria & Política*. São Paulo: 2001.

WATTENBERG, Martin. *The rise of candidate-centered politics presidential elections of the 1980s*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

WEBER, M.H. *Comunicação e espetáculos da política*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2004.

WEBER, M.H. *Política, refém da imagem pública* In: PIMENTA, M. *et al.* Tendências na comunicação. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 60-85, v. II.

WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

WOLTON, D. *Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão*. São Paulo: Ática, 1990.

ANEXOS

Anexo 1: Recorte empírico

Data	Matéria	Emissora
8/5/2005	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	Globo
8/5/2005	Entrevista de Silvio Pereira ao jornal O Globo	Globo
8/5/2005	Entrevista de Silvio Pereira ao jornal O Globo	SBT
8/5/2005	Início das investigações sobre a “máfia dos sanguessugas”	Globo
8/5/2005	Vitória de Aloísio Mercadante sobre Martha Suplicy nas prévias para concorrer ao governo de SP pelo PT	Globo
24/5/2005	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	SBT
24/5/2005	Entrevista de Lula ao jornal Le Monde	SBT
30/5/2005	Possibilidade de distribuição de “bolsa-família” para os sem-terra	SBT
30/9/2005	Fiasco da reunião de cúpula da recém fundada Comunidade Sulamericana de Nações	Globo
30/9/2005	Troca-troca de partido dos parlamentares antes da eleições	Band
30/9/2005	Troca-troca de partido dos parlamentares antes da eleições	Globo
5/10/2005	Acareação entre Waldomiro Diniz e Rogério Buratt na CPI dos Bingos	Globo
5/10/2005	Aprovação da quebra do sigilo bancário de nomes da lista de Marcos Valério	Globo
6/10/2005	16 parlamentares acusados de receber dinheiro do "valerioduto"	SBT
6/10/2005	Acareação entre Waldomiro Diniz e Rogério Buratt na CPI dos Bingos	Globo
6/10/2005	Assinatura do acordo sobre viagem de astronauta brasileiro	Globo
6/10/2005	Greve de fome do bispo de Cabrobó-PE	Globo
6/10/2005	Movimentação ilegal de Duda Mendonça em NY	Globo
6/10/2005	Movimentação ilegal de Duda Mendonça em NY	SBT
7/10/2005	Eleição de Ricardo Berzoini como novo presidente do Partido dos Trabalhadores	Band
7/10/2005	Inauguração da última etapa da rod. Fernão Dias–MG	SBT
7/10/2005	Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos	Globo
7/10/2005	Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos	SBT
7/10/2005	Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos	Band
8/10/2005	Briga entre deputados na votação da “MP do Bem”	Band
8/10/2005	Briga entre deputados na votação da “MP do Bem”	SBT
8/10/2005	Debate entre vários políticos sobre o referendo das armas	Band
8/10/2005	Depoimento de Bruno Daniel	SBT
8/10/2005	Dólares de Duda Mendonça e o PT	SBT
8/10/2005	Fim da greve do bispo de Cabrobó	SBT
8/10/2005	Fim do prazo para a renúncia dos deputados acusados	SBT
8/10/2005	Inauguração da última etapa da rod. Fernão Dias–MG	SBT
8/10/2005	Reabertura das investigações sobre o assassinato	Band
12/10/2005	Dia de NS de Aparecida, padroeira do Brasil	Globo
12/10/2005	Ligações do assassinato com o governo Lula	Band
12/10/2005	Morte do legista responsável pela investigação do caso	Globo
13/10/2005	Visita do presidente Lula ao ABC	Globo
16/10/2005	Acusações contra o ministro José Dirceu	Band
16/10/2005	Encontro de Lula com o presidente russo para tratar do embargo à carne brasileira por causa da crise de febre aftosa	Globo
16/10/2005	Premiação pelo Programa Fome Zero	Globo
16/10/2005	Rebelião na penitenciária de Franco da Rocha-SP	SBT
16/10/2005	Renúncia dos deputados acusados de irregularidades	Globo
16/10/2005	Renúncia dos deputados acusados de irregularidades	SBT
17/10/2005	Acusações contra ex ministro José Dirceu	Globo
17/10/2005	Acusações contra ex ministro José Dirceu	SBT
17/10/2005	Assinatura do acordo sobre viagem de astronauta brasileiro	SBT
17/10/2005	Avaliação dos índices de corrupção no Brasil e no mundo	Band
17/10/2005	Avaliação dos índices de corrupção no Brasil e no mundo	SBT
17/10/2005	Depoimento ex-tesoureiro do PSDB à CPI dos Correios	Globo
17/10/2005	Encontro de Lula com o presidente russo para tratar do embargo à carne brasileira por causa da crise de febre aftosa	SBT
17/10/2005	Julgamento do processo de cassação	Globo
17/10/2005	Seca na Amazônia	Globo
18/10/2005	Acusações contra José Dirceu	SBT
18/10/2005	Depoimento ex-tesoureiro do PSDB à CPI dos Correios	SBT
18/10/2005	Julgamento do processo de cassação	SBT
20/10/2005	Crise da febre aftosa	Globo
20/10/2005	Defesa de José Dirceu no conselho de Ética	Globo
20/10/2005	Defesa de José Dirceu no conselho de Ética	SBT
20/10/2005	Denúncia de “mensalinho” no PSOL	SBT

20/10/2005	Pesquisa sobre o referendo das armas	Globo
20/10/2005	Seca na Amazônia	Globo
24/10/2005	Adiamento da votação do pedido de cassação	SBT
24/10/2005	Resultado do referendo das armas	SBT
26/10/2005	Acareação dos irmãos Daniel com o chefe de gabinete de Lula	SBT
26/10/2005	Depoimento do juiz Rocha Matos	Band
26/10/2005	Julgamento do relatório de cassação	SBT
26/10/2005	Renúncia de Eduardo Azeredo à presidência do PSDB	SBT
26/10/2005	Situação de Eduardo Azeredo-senador do PSDB	Band
7/11/2005	Presença em inauguração e discurso aos estudantes	SBT
13/11/2005	Visita do presidente Lula ao ABC	Globo
18/11/2005	Declaração de Lula sobre candidatura própria	Band
08/2/2006	Congresso promulga emenda contra a verticalização	SBT
09/2/2006	Partidos pedem uma decisão rápida sobre a verticalização	Globo
10/2/2006	Partidos se reúnem com STF para discutir a verticalização	Band
6/3/2006	Semana de definição do candidato do PSDB	Globo
6/3/2006	Semana de definição do candidato do PSDB	SBT
8/3/2006	Semana de definição do candidato do PSDB	Band
8/3/2006	Absolvição de mais dois deputados acusados de receber o "mensalão"	Globo
8/3/2006	Ataque do MST à sede da fazenda da Aracruz-Celulose no RS	Globo
8/3/2006	Discussões sobre a verticalização das eleições 2006	SBT
8/3/2006	Rigotto e Garotinho e a candidatura própria do PMDB	Band
8/3/2006	Visita do presidente Lula ao palácio de Buckingham	Globo
9/3/2006	Ataque do MST à sede da fazenda da Aracruz-Celulose no RS	Globo
9/3/2006	Verticalização das eleições 2006	Globo
9/3/2006	Visita do presidente Lula ao palácio de Buckingham	Globo
10/3/2006	Absolvição de mais dois deputados acusados de receber o "mensalão"	Globo
10/3/2006	Discussões sobre a verticalização das eleições 2006	Band
10/3/2006	Indecisão do PSDB em apontar o nome do candidato	Globo
10/3/2006	Lula na inauguração de conjuntos habitacionais	Globo
10/3/2006	Semana de definição do candidato do PSDB	Band
10/3/2006	Visita do presidente Lula ao palácio de Buckingham	Globo
14/3/2006	Anúncio oficial de Geraldo Alckmin como o candidato do partido	Globo
14/3/2006	Anúncio oficial de Geraldo Alckmin como o candidato do partido	SBT
14/3/2006	Convocação do "caseiro" Francenildo Costa	SBT
21/3/2006	Adiamento da entrega do relatório final	Globo
21/3/2006	Convenção partidária do PMDB	Globo
21/3/2006	Denúncia de quebra de sigilo bancário do "caseiro"	Globo
23/3/2006	Denúncia de quebra de sigilo bancário do "caseiro"	Globo
23/3/2006	Denúncia de quebra de sigilo bancário do "caseiro"	SBT
23/3/2006	Dia do candidato Geraldo Alckmin	Globo
23/3/2006	Lula critica o congresso	Globo
24/3/2006	Aliança entre PSDB e PFL	Globo
24/3/2006	Comportamento da deputada Ângela Guadagnin no plenário	Globo
24/3/2006	Conclusão do relatório final da CPI	Band
24/3/2006	Denúncia de quebra de sigilo bancário do "caseiro"	SBT
24/3/2006	Denúncia de quebra do sigilo bancário do "caseiro"	Band
24/3/2006	Denúncia de quebra do sigilo bancário do "caseiro"	Globo
24/3/2006	Descompatibilização de Geraldo Alckmin	Globo
24/3/2006	Escândalo Palocci	SBT
24/3/2006	Lula recebe MVBill	Globo
24/3/2006	Noticiário econômico vinculado ao discurso de Lula	Globo
24/3/2006	Rebeliões em cinco presídios paulistas	SBT
24/3/2006	Votação do aumento do salário mínimo em um ano de eleições	SBT
25/3/2006	Aumento dado aos funcionários da câmara federal	Globo
25/3/2006	Comparação feita pelo presidente entre Brasil e Itália	SBT
25/3/2006	Conclusão do relatório final da CPI	SBT
25/3/2006	Consequências da quebra do sigilo bancário do "caseiro"	Globo
25/3/2006	Consequências da quebra do sigilo bancário do "caseiro"	SBT
25/3/2006	Descompatibilização de Geraldo Alckmin	Globo
25/3/2006	Discurso de Lula na abertura das obras do Panamericano	Globo
25/3/2006	Políticos que foram cassados, e que vão concorrer às eleições em 2006	SBT
25/3/2006	Preparativos da viagem do astronauta brasileiro Marcos Pontes ao espaço	SBT
25/3/2006	Reforma ministerial provocada pelas eleições	Globo
25/3/2006	Reforma ministerial provocada pelas eleições	SBT
25/3/2006	Repercussão da atitude da deputada	Band
26/3/2006	Confirmação da aliança entre PSDB e PFL por Cezar Maia	Globo
26/3/2006	Confirmação da aliança entre PSDB e PFL por Cezar Maia	SBT
26/3/2006	Consequências da quebra do sigilo bancário do "caseiro"	Globo
26/3/2006	Denominação de "dança da pizza"	SBT
26/3/2006	Discurso de Lula sobre a campanha	Globo
26/3/2006	Discurso de Lula sobre a campanha	SBT

27/3/2006	Lançamento da candidatura de Heloisa Helena	Globo
27/3/2006	A desincompatibilização de Alckmin e Garotinho	Globo
27/3/2006	A aposta do casal Garotinho e as denúncias contra Alckmin	SBT
27/3/2006	A desincompatibilização dos pré-candidatos do PMDB e PSDB	Band
27/3/2006	Jornal a Folha de SP publica denúncias contra Alckmin	Globo
29/3/2006	Conclusão do relatório final da CPI	Band
29/3/2006	Conclusão do relatório final da CPI	SBT
29/3/2006	Conclusão do relatório final da CPI	Globo
30/3/2006	Depoimento do presidente da CEF, Jorge Matoso	Globo
30/3/2006	Entrega da carta renúncia de Geraldo Alckmin	Globo
30/3/2006	Fuga de Okamoto	Globo
30/3/2006	Homenagem da OAB ao "caseiro"	Globo
30/3/2006	Lançamento da candidatura de Heloisa Helena	Globo
30/3/2006	Repercussões do episódio da "dança da pizza"	Globo
30/3/2006	Saída do ministro Antônio Palocci	Globo
31/3/2006	"Xadrez eleitoral" com a saída dos governadores para disputar a reeleição em todo o Brasil	Globo
31/3/2006	Desdobramentos da quebra do sigilo bancário de Francenildo Costa	Globo
31/3/2006	Reforma ministerial provocada pelas eleições	Globo
3/4/2006	Denúncias publicadas contra Alckmin no jornal A Folha de SP	Globo
3/4/2006	Desdobramentos da "dança da pizza"	Globo
3/4/2006	Posse de Guido Mantega	Globo
4/4/2006	Afastamento da deputada Ângela Guadagnin	Globo
4/4/2006	Afastamento da deputada Ângela Guadagnin	SBT
4/4/2006	Aliança entre PSDB e PFL	Globo
4/4/2006	Anúncio da candidatura de Aécio Neves/PSDB à reeleição pelo governo de Minas Gerais	Globo
4/4/2006	Anúncio da candidatura de Aécio Neves/PSDB à reeleição pelo governo de Minas Gerais	SBT
4/4/2006	Candidatura de Palocci à câmara federal	SBT
4/4/2006	Cassação do deputado Josias Gomes/PT	Globo
4/4/2006	Cassação do deputado Luis Paulo Cunha - PT	SBT
4/4/2006	Conclusão do relatório final da CPI	Globo
4/4/2006	Depoimento de Paulo Okamoto à CPI dos Bingos	Globo
4/4/2006	Depoimento do caseiro à corregedoria do Senado	Globo
4/4/2006	Descompatibilização dos cargos públicos por parte dos parlamentares	Globo
4/4/2006	Inauguração do novo "complexo petroquímico de refinarias da Petrobrás" no RJ	Globo
4/4/2006	Intimação do ministro Antonio Palocci pela PF	Globo
4/4/2006	Intimação do ministro Antonio Palocci pela PF	SBT
4/4/2006	Investigações que envolvem Paulo Okamoto – presidente do SEBRAE	SBT
4/4/2006	Posse de Guido Mantega	Globo
4/4/2006	Posse de Guido Mantega	SBT
4/4/2006	Viagem do astronauta brasileiro Marcos Pontes ao espaço na missão russa Soyuz	Globo
4/4/2006	Viagem do astronauta brasileiro Marcos Pontes ao espaço na missão russa Soyuz	SBT
4/4/2006	Votação do relatório final da CPI dos Correios	Globo
4/4/2006	Votação do relatório final da CPI dos Correios	Globo
4/4/2006	Votação do relatório final da CPI dos Correios	SBT
5/4/2006	Cassação do deputado Luis Paulo Cunha - PT	Band
5/4/2006	Cassação do deputado Luis Paulo Cunha - PT	Globo
5/4/2006	Indicação de Itamar Franco para candidato a presidente pelo PMDB	SBT
5/4/2006	Viagem do astronauta brasileiro Marcos Pontes ao espaço na missão russa Soyuz	Band
5/4/2006	Viagem do astronauta brasileiro Marcos Pontes ao espaço na missão russa Soyuz	Globo
5/4/2006	Votação do relatório final da CPI dos Correios	Band
5/4/2006	Votação do relatório final da CPI dos Correios	Globo
5/4/2006	Indecisão do PFL em compor aliança com o PSDB	Band
5/4/2006	A confirmação da aliança entre PSDB e PFL	Globo
5/4/2006	A confirmação da aliança entre PSDB e PFL	SBT
5/4/2006	Repercussões do episódio da "dança da pizza"	Band
5/4/2006	Repercussões do episódio da "dança da pizza"	SBT
6/4/2006	Candidatura de Delcídio Amaral	SBT
6/4/2006	Convocação do ministro Marcio Thomaz Bastos sobre episódio do "caseiro"	SBT
6/4/2006	Pesquisa IBOPE indica a vitória à Geraldo Alckmin no estado de SP e a nova pesquisa DATAFOLHA	Band
6/4/2006	IBOPE dá a vitória à Geraldo Alckmin no estado de SP	SBT
6/4/2006	Renúncia de cinco deputados do conselho de ética da câmara	Band
6/4/2006	Renúncia de cinco deputados do conselho de ética da câmara	SBT
8/4/2006	Convocação do ministro Marcio Thomaz Bastos sobre episódio do "caseiro"	Globo
8/4/2006	Convocação do ministro Marcio Thomaz Bastos sobre episódio do "caseiro"	SBT
8/4/2006	Pesquisa Datafolha	Globo
8/4/2006	Pesquisa Datafolha	SBT
8/4/2006	Renúncia de cinco deputados do conselho de ética da câmara	Globo
8/4/2006	Novas denúncias contra Alckmin	SBT
8/4/2006	Novas denúncias contra Alckmin	Band
11/4/2006	Conseqüências do depoimento do ministro Marcio Thomaz Bastos	Globo
11/4/2006	Dia dos pré-candidatos e as alianças	Globo
11/4/2006	Indiciamento dos deputados da CPI dos Correios	Globo

12/4/2006	Conseqüências do depoimento do ministro Marcio Thomaz Bastos	SBT
12/4/2006	Itamar entra na disputa pela indicação do partido	Band
12/4/2006	Itamar entra para disputar a indicação do partido	SBT
13/4/2006	Dia dos pré-candidatos e as alianças	Globo
13/4/2006	Fraudes no uso de verbas indenizatórias no congresso	Globo
13/4/2006	Fraudes no uso de verbas indenizatórias no congresso	SBT
16/4/2006	Itamar aceita disputar a vaga para presidente	SBT
16/4/2006	Itamar anuncia que também é pré-candidato	Band
16/4/2006	A pré-convenção do PMDB diminui as chances de Garotinho	Globo
25/4/2006	Alckmin fala sobre a demora do PFL em indicar o vice da chapa	Globo
25/4/2006	Antecipação da convenção do PMDB para maio, e as chances de Garotinho	Band
25/4/2006	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	SBT
25/4/2006	Denúncias contra Garotinho publicadas no jornal A folha de SP	Globo
03/5/2006	Garotinho ganha direito de resposta	Band
10/5/2006	Fim da greve de fome de Garotinho	Globo
25/4/2006	Dia dos pré-candidatos e as alianças	SBT
25/4/2006	Lula em audiência com a Colômbia	Globo
25/4/2006	Reunião entre Lula e Kirschner	Band
25/4/2006	Reunião entre Lula e Kirschner	SBT
27/4/2006	Articulação para candidatura própria do PMDB	SBT
27/4/2006	Denúncias contra o pré-candidato Anthony Garotinho	SBT
27/4/2006	Entrevista com Heloísa Helena/PSOL	Globo
27/4/2006	Escolha do vice de Geraldo Alckmin pelo PFL	Globo
27/4/2006	Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção	Globo
27/4/2006	Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção	SBT
27/4/2006	Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção	Band
27/4/2006	Jantar de adesão à candidatura de Geraldo Alckmin	SBT
27/4/2006	Lula na posse de Ellen Gracie no STJ	Globo
27/4/2006	Lula na posse de Ellen Gracie no STJ	SBT
27/4/2006	Pré-convenção do PMDB	Band
27/4/2006	Pré-convenção do PMDB	Globo
27/4/2006	Pré-convenção do PMDB	SBT
27/4/2006	Sem-terra na Bahia	Globo
1/5/2006	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	Globo
1/5/2006	Greve de fome de Anthony Garotinho	Globo
1/5/2006	Greve de fome de Anthony Garotinho	SBT
1/5/2006	Lula oferece ao PMDB a vaga de vice na sua chapa	SBT
1/5/2006	Pesquisa diz que os brasileiros acreditam mais na mídia que nos políticos	SBT
1/5/2006	Pesquisa eleitoral	SBT
3/5/2006	Alianças e convenções partidárias	SBT
3/5/2006	Aumento de salários dos deputados, senadores e ministros	SBT
3/5/2006	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	Globo
3/5/2006	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	SBT
3/5/2006	Garotinho ganha direito de resposta	SBT
3/5/2006	Início das investigações sobre a "máfia dos sanguessugas"	SBT
3/5/2006	Reunião de cúpula do PSDB em MG	SBT
8/5/2006	Pesquisa eleitoral / IBPS	SBT
9/5/2006	Convenção nacional da CNBB, que critica duramente o governo Lula	SBT
9/5/2006	Depoimento de Silvio Pereira à CPI dos Bingos	SBT
9/5/2006	Entrevista de Silvio Pereira ao jornal O Globo	Globo
9/5/2006	Implicações do afastamento da deputada	SBT
9/5/2006	Início das investigações sobre a "máfia dos sanguessugas"	Globo
9/5/2006	Investigações sobre a "máfia dos sanguessugas"	SBT
10/5/2006	Fim da greve de Garotinho	SBT
13/5/2006	Entrevista de Silvio Pereira ao jornal O Globo	SBT
14/5/2006	Ataques feitos pelo PCC em São Paulo	Globo
14/5/2006	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	Globo
14/5/2006	Convenção do PMDB	Globo
15/5/2006	Ataques feitos pelo PCC em São Paulo	Band
15/5/2006	Ataques feitos pelo PCC em São Paulo	Globo
15/5/2006	Ataques feitos pelo PCC em São Paulo	SBT
15/5/2006	Investigações sobre a "máfia dos sanguessugas"	Band
15/5/2006	Investigações sobre a "máfia dos sanguessugas"	Globo
22/5/2006	Convocação de Daniel Dantas para depor na CPI dos Bingos	SBT
22/5/2006	Copa 2006	Globo
22/5/2006	Denúncia da revista VEJA sobre o encontro do ministro da Justiça Marcio Thomaz Bastos com o banqueiro Daniel Dantas	SBT
22/5/2006	Desdobramentos sobre candidatura própria do PMDB	Band
22/5/2006	Dia dos pré-candidatos e as alianças	SBT
22/5/2006	PT aluga o salão do Hotel Blue Tree Park para a gravação do pronunciamento do presidente Lula	SBT
22/5/2006	Reportagem sobre a lista de contas no exterior com nomes de integrantes do PT, inclusive o presidente Lula	SBT

23/5/2006	Ataques feitos pelo PCC em São Paulo	Globo
23/5/2006	Depoimento da advogada do criminoso “Marcola” à CPI das Armas	Globo
23/5/2006	Depoimento da advogada do criminoso “Marcola” à CPI das Armas	SBT
23/5/2006	Depoimento de Delúbio Soares na CPI dos Bingos sobre a relação do PT com o Banco Oportunity de Daniel Dantas	Globo
23/5/2006	Depoimento de Delúbio Soares na CPI dos Bingos sobre a relação do PT com o Banco Oportunity de Daniel Dantas	SBT
23/5/2006	Escândalo das fraudes em Itaipú	SBT
23/5/2006	Mudanças na legislação eleitoral	Globo
23/5/2006	Relatório da Anistia Internacional, acusando o sistema penitenciário brasileiro	SBT
24/5/2006	Pesquisa Datafolha	Globo
24/5/2006	Pesquisa Datafolha	SBT
24/5/2006	Polêmica sobre a abertura ou não de uma CPI para investigar a “máfia dos sanguessugas”	SBT
25/5/2006	Depoimento da advogada do criminoso “Marcola” à CPI das Armas	Globo
30/5/2006	Desdobramentos sobre candidatura própria do PMDB	SBT
30/5/2006	Pesquisa Datafolha	Globo
30/5/2006	Polêmica sobre a abertura ou não de uma CPI para investigar a “máfia dos sanguessugas”	SBT
30/5/2006	Polêmica sobre a abertura ou não de uma CPI para investigar a “máfia dos sanguessugas”	SBT
1/6/2006	Aprovação com ressalvas das contas do governo Lula pelo TCU	Globo
1/6/2006	Aprovação das contas do governo Lula pelo TCU	SBT
1/6/2006	Comentários de Lula sobre as CPI’s	SBT
1/6/2006	Entrevista de Lula sobre sua possível candidatura à reeleição	Globo
1/6/2006	Pedido de abertura da CPI para investigar a “máfia dos sanguessugas”	SBT
1/6/2006	Pesquisa “o que se espera do eleitor brasileiro”	SBT
1/6/2006	Pesquisa Ibope / Tv Globo	Globo
1/6/2006	Pesquisa Ibope / Tv Globo	SBT
1/6/2006	Retirada da candidatura de Roberto Freire/PPS e o apoio ao PSDB	Globo
1/6/2006	Ricardo Berzoini em reunião com as executivas do PSB e do PCdoB	Globo
2/6/2006	Ataque dos sem-terra ao prédio da Câmara dos deputados em Brasília	Globo
2/6/2006	Ataque dos sem-terra ao prédio da Câmara dos deputados em Brasília	SBT
2/6/2006	Pesquisa para presidente em SP	SBT
2/6/2006	Presidente Lula faz festa em ninho tucano	SBT
2/6/2006	Um ano de mensalão	SBT
5/6/2006	Abertura da CPI da “máfia dos sanguessugas”	SBT
5/6/2006	Ataque dos sem-terra ao prédio da Câmara dos deputados em Brasília	Globo
5/6/2006	Ataque dos sem-terra ao prédio da Câmara dos deputados em Brasília	SBT
5/6/2006	Mudanças na legislação eleitoral	Globo
5/6/2006	Retomada da discussão sobre a verticalização das eleições	Globo
5/6/2006	Retomada da discussão sobre a verticalização das eleições	SBT
13/6/2006	CPI da “máfia dos sanguessugas”	SBT
13/6/2006	Escolha do vice de Lula	SBT
13/6/2006	Pesquisa Ibope / Confederação das Indústrias de SP	Globo
13/6/2006	Pesquisa Ibope / Confederação das Indústrias de SP	SBT
13/6/2006	Processo de cassação do deputado Janene	SBT
14/6/2006	Ataque dos sem-terra ao prédio da Câmara dos deputados em Brasília	Globo
14/6/2006	CPI da “máfia dos sanguessugas”	Globo
14/6/2006	CPI da “máfia dos sanguessugas”	SBT
14/6/2006	Diretor dos presídios de SP revela que as rebeliões tinham o objetivo de desestabilizar a candidatura de Geraldo Alckmin	SBT
14/6/2006	Greve da Volkswagem	Globo
14/6/2006	Mudanças na legislação eleitoral	Globo
14/6/2006	Programa de propaganda política do PFL	Globo
14/6/2006	Visita de Lula a São Gonçalo-RJ	Globo
19/6/2006	Convenção do PDT	Globo
19/6/2006	Convenção do PPS	Globo
19/6/2006	Convenção do PSL	Globo
23/6/2006	Entrega do relatório final ao Ministério Público	Globo
23/6/2006	Entrega do relatório final ao Ministério Público	SBT
23/6/2006	Indiciamento de Paulo Okamoto e Antonio Palocci	Globo
24/6/2006	Acusações de Geraldo Alckmin contra Lula, de estar usando a máquina pública para fazer campanha	Globo
24/6/2006	Confirmação da candidatura do presidente Lula à reeleição	Globo
24/6/2006	Convenção do PSOL	Globo
25/6/2006	Convenção do PSOL	Globo
25/6/2006	Convenção do PT	Globo
25/6/2006	Lula usa Copa como estratégia eleitoral	SBT
26/6/2006	Anúncio do novo sistema de TV digital	Globo
26/6/2006	Aumento concedido ao funcionalismo público	Globo
26/6/2006	Avaliação da educação básica no Brasil	Globo
30/6/2006	Anúncio do novo sistema de TV digital	Globo
30/6/2006	Aumento concedido ao funcionalismo público	SBT
30/6/2006	Convenção do PCdoB	Globo
30/6/2006	Convenção do PSOL	SBT

30/6/2006	Pesquisa Datafolha / Folha de São Paulo	Globo
30/6/2006	PMDB reafirma seu apoio à candidatura de Lula	SBT
30/6/2006	Rejeição do projeto de cotas para negros nas universidades federais	Globo
30/6/2006	Visita de Lula a um centro construído por ACM	SBT
1/7/2006	Registro das candidaturas até 06/07/06, data oficial do início da campanha eleitoral	Globo

Anexo 2: agrupamento por eixo temático

Acontecimento Acidental			
Data		Matéria	Emissora
6/10/2005		Assinatura do acordo sobre viagem de astronauta brasileiro	Globo
6/10/2005		Greve de fome do bispo de Cabrobó-PE	Globo
8/10/2005		Briga entre deputados na votação da “MP do Bem”	Band
8/10/2005		Briga entre deputados na votação da “MP do Bem”	SBT
8/10/2005		Debate entre vários políticos sobre o referendo das armas	Band
8/10/2005		Fim da greve do bispo de Cabrobó	SBT
16/10/2005		Rebelião na penitenciária de Franco da Rocha-SP	SBT
17/10/2005		Assinatura do acordo sobre viagem de astronauta brasileiro	SBT
17/10/2005		Avaliação dos índices de corrupção no Brasil e no mundo	Band
17/10/2005		Avaliação dos índices de corrupção no Brasil e no mundo	SBT
17/10/2005		Seca na Amazônia	Globo
20/10/2005		Crise da febre aftosa	Globo
20/10/2005		Pesquisa sobre o referendo das armas	Globo
20/10/2005		Seca na Amazônia	Globo
24/10/2005		Resultado do referendo das armas	SBT
8/3/2006		Ataque do MST à sede da fazenda da Aracruz-Celulose no RS	Globo
9/3/2006		Ataque do MST à sede da fazenda da Aracruz-Celulose no RS	Globo
25/3/2006		Preparativos da viagem do astronauta brasileiro Marcos Pontes ao espaço	SBT
4/4/2006		Candidatura de Palocci à câmara federal	SBT
4/4/2006		Viagem do astronauta brasileiro Marcos Pontes ao espaço na missão russa Soyus	Globo
4/4/2006		Viagem do astronauta brasileiro Marcos Pontes ao espaço na missão russa Soyus	SBT
5/4/2006		Viagem do astronauta brasileiro Marcos Pontes ao espaço na missão russa Soyus	Globo
5/4/2006		Viagem do astronauta brasileiro Marcos Pontes ao espaço na missão russa Soyus	Band
13/4/2006		Fraudes no uso de verbas indenizatórias no congresso	Globo

Acontecimento Pontual			
Data	Acontecimento Pontual	Matéria	Emissora
13/4/2006		Fraudes no uso de verbas indenizatórias no congresso	SBT
27/4/2006		Sem-terra na Bahia	Globo
22/5/2006		Copa 2006	Globo
23/5/2006		Escândalo das fraudes em Itaipú	SBT
2/6/2006		Ataque dos sem-terra ao prédio da Câmara dos deputados em Brasília	Globo
2/6/2006		Ataque dos sem-terra ao prédio da Câmara dos deputados em Brasília	SBT
5/6/2006		Ataque dos sem-terra ao prédio da Câmara dos deputados em Brasília	SBT
5/6/2006		Ataque dos sem-terra ao prédio da Câmara dos deputados em Brasília	Globo

14/6/2006		Ataque dos sem-terra ao prédio da Câmara dos deputados em Brasília	Globo
14/6/2006		Greve da Volkswagen	Globo
26/6/2006		Anúncio do novo sistema de TV digital	Globo
26/6/2006		Avaliação da educação básica no Brasil	Globo
30/6/2006		Anúncio do novo sistema de TV digital	Globo
30/6/2006		Rejeição do projeto de cotas para negros nas universidades federais	Globo
12/10/2005		Dia de NS de Aparecida, padroeira do Brasil	Globo
8/5/2005	CPI das Sanguessugas	Início das investigações sobre a “máfia dos sanguessugas”	Globo
3/5/2006	CPI das Sanguessugas	Início das investigações sobre a “máfia dos sanguessugas”	SBT
9/5/2006	CPI das Sanguessugas	Início das investigações sobre a “máfia dos sanguessugas”	Globo
9/5/2006	CPI das Sanguessugas	Investigações sobre a “máfia dos sanguessugas”	SBT
15/5/2006	CPI das Sanguessugas	Investigações sobre a “máfia dos sanguessugas”	Globo
15/5/2006	CPI das Sanguessugas	Investigações sobre a “máfia dos sanguessugas”	Band
24/5/2006	CPI das Sanguessugas	Polêmica sobre a abertura ou não de uma CPI para investigar a “máfia dos sanguessugas”	SBT
30/5/2006	CPI das Sanguessugas	Polêmica sobre a abertura ou não de uma CPI para investigar a “máfia dos sanguessugas”	SBT
30/5/2006	CPI das Sanguessugas	Polêmica sobre a abertura ou não de uma CPI para investigar a “máfia dos sanguessugas”	SBT
1/6/2006	CPI das Sanguessugas	Pedido de abertura da CPI para investigar a “máfia dos sanguessugas”	SBT
5/6/2006	CPI das Sanguessugas	Abertura da CPI da “máfia dos sanguessugas”	SBT
13/6/2006	CPI das Sanguessugas	CPI da “máfia dos sanguessugas”	SBT
14/6/2006	CPI das Sanguessugas	CPI da “máfia dos sanguessugas”	Globo
14/6/2006	CPI das Sanguessugas	CPI da “máfia dos sanguessugas”	SBT
8/5/2005	CPI dos Bingos	Entrevista de Silvio Pereira ao jornal O Globo	SBT
8/5/2005	CPI dos Bingos	Entrevista de Silvio Pereira ao jornal O Globo	Globo
5/10/2005	CPI dos Bingos	Acareação entre Waldomiro Diniz e Rogério Buratt na CPI dos Bingos	Globo
6/10/2005	CPI dos Bingos	Acareação entre Waldomiro Diniz e Rogério Buratt na CPI dos Bingos	Globo
7/10/2005	CPI dos Bingos	Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos	Globo
7/10/2005	CPI dos Bingos	Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos	SBT
7/10/2005	CPI dos Bingos	Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos	Band
12/10/2005	CPI dos Bingos	Ligações do assassinato com o governo Lula	Band
12/10/2005	CPI dos Bingos	Morte do legista responsável pela investigação do caso	Globo
26/10/2005	CPI dos Bingos	Acareação dos irmãos Daniel com o chefe de gabinete de Lula	SBT
26/10/2005	CPI dos Bingos	Depoimento do juiz Rocha Matos	Band
14/3/2006	CPI dos Bingos	Convocação do “caseiro” Francenildo Costa	SBT
21/3/2006	CPI dos Bingos	Denúncia de quebra de sigilo bancário do “caseiro”	Globo
23/3/2006	CPI dos Bingos	Denúncia de quebra de sigilo bancário do “caseiro”	Globo
23/3/2006	CPI dos Bingos	Denúncia de quebra de sigilo bancário do “caseiro”	SBT
24/3/2006	CPI dos Bingos	Denúncia de quebra de sigilo bancário do “caseiro”	SBT
24/3/2006	CPI dos Bingos	Denúncia de quebra do sigilo bancário do "caseiro"	Globo
24/3/2006	CPI dos Bingos	Denúncia de quebra do sigilo bancário do "caseiro"	Band
25/3/2006	CPI dos Bingos	Consequências da quebra do sigilo bancário do "caseiro"	SBT
25/3/2006	CPI dos Bingos	Consequências da quebra do sigilo bancário do "caseiro"	Globo
26/3/2006	CPI dos Bingos	Consequências da quebra do sigilo bancário do "caseiro"	Globo
30/3/2006	CPI dos Bingos	Depoimento do presidente da CEF, Jorge Matoso	Globo
30/3/2006	CPI dos Bingos	Fuga de Okamoto	Globo
30/3/2006	CPI dos Bingos	Homenagem da OAB ao “caseiro”	Globo
31/3/2006	CPI dos Bingos	Desdobramentos da quebra do sigilo bancário de Francenildo Costa	Globo
4/4/2006	CPI dos Bingos	Depoimento de Paulo Okamoto à CPI dos Bingos	Globo
4/4/2006	CPI dos Bingos	Depoimento do caseiro à corregedoria do Senado	Globo

4/4/2006	CPI dos Bingos	Intimação do ministro Antonio Palocci pela PF	Globo
4/4/2006	CPI dos Bingos	Intimação do ministro Antonio Palocci pela PF	SBT
4/4/2006	CPI dos Bingos	Investigações que envolvem Paulo Okamoto – presidente do SEBRAE	SBT
6/4/2006	CPI dos Bingos	Convocação do ministro Marcio Thomaz Bastos sobre episódio do “caseiro”	SBT
8/4/2006	CPI dos Bingos	Convocação do ministro Marcio Thomaz Bastos sobre episódio do “caseiro”	Globo
8/4/2006	CPI dos Bingos	Convocação do ministro Marcio Thomaz Bastos sobre episódio do “caseiro”	SBT
11/4/2006	CPI dos Bingos	Consequências do depoimento do ministro Marcio Thomaz Bastos	Globo
12/4/2006	CPI dos Bingos	Consequências do depoimento do ministro Marcio Thomaz Bastos	SBT
27/4/2006	CPI dos Bingos	Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção	SBT
27/4/2006	CPI dos Bingos	Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção	Globo
27/4/2006	CPI dos Bingos	Intimação do ministro Antonio Palocci pela PF	Band
9/5/2006	CPI dos Bingos	Depoimento de Silvio Pereira à CPI dos Bingos	SBT
9/5/2006	CPI dos Bingos	Entrevista de Silvio Pereira ao jornal O Globo	Globo
13/5/2006	CPI dos Bingos	Entrevista de Silvio Pereira ao jornal O Globo	SBT
22/5/2006	CPI dos Bingos	Convocação de Daniel Dantas para depor na CPI dos Bingos	SBT
22/5/2006	CPI dos Bingos	Denúncia da revista VEJA sobre o encontro do ministro da Justiça Marcio Thomaz Bastos com o banqueiro Daniel Dantas	SBT
23/5/2006	CPI dos Bingos	Depoimento de Delúbio Soares na CPI dos Bingos sobre a relação do PT com o Banco Oportunity de Daniel Dantas	SBT
23/5/2006	CPI dos Bingos	Depoimento de Delúbio Soares na CPI dos Bingos sobre a relação do PT com o Banco Oportunity de Daniel Dantas	Globo
23/6/2006	CPI dos Bingos	Indiciamento de Paulo Okamoto e Antonio Palocci	Globo
5/10/2005	CPI dos Correios	Aprovação da quebra do sigilo bancário de nomes da lista de Marcos Valério	Globo
6/10/2005	CPI dos Correios	16 parlamentares acusados de receber dinheiro do "valerioduto"	SBT
6/10/2005	CPI dos Correios	Movimentação ilegal de Duda Mendonça em NY	SBT
6/10/2005	CPI dos Correios	Movimentação ilegal de Duda Mendonça em NY	Globo
8/10/2005	CPI dos Correios	Dólares de Duda Mendonça e o PT	SBT
8/10/2005	CPI dos Correios	Fim do prazo para a renúncia dos deputados acusados	SBT
16/10/2005	CPI dos Correios	Acusações contra o ministro José Dirceu	Band
16/10/2005	CPI dos Correios	Renúncia dos deputados acusados de irregularidades	Globo
16/10/2005	CPI dos Correios	Renúncia dos deputados acusados de irregularidades	SBT
17/10/2005	CPI dos Correios	Acusações contra ex ministro José Dirceu	SBT
17/10/2005	CPI dos Correios	Acusações contra ex ministro José Dirceu	Globo
17/10/2005	CPI dos Correios	Depoimento ex-tesoureiro do PSDB à CPI dos Correios	Globo
17/10/2005	CPI dos Correios	Julgamento do processo de cassação	Globo
18/10/2005	CPI dos Correios	Acusações contra José Dirceu	SBT
18/10/2005	CPI dos Correios	Depoimento ex-tesoureiro do PSDB à CPI dos Correios	SBT
18/10/2005	CPI dos Correios	Julgamento do processo de cassação	SBT
20/10/2005	CPI dos Correios	Defesa de José Dirceu no conselho de Ética	Globo
20/10/2005	CPI dos Correios	Defesa de José Dirceu no conselho de Ética	SBT
24/10/2005	CPI dos Correios	Adiamento da votação do pedido de cassação	SBT
26/10/2005	CPI dos Correios	Julgamento do relatório de cassação	SBT
26/10/2005	CPI dos Correios	Renúncia de Eduardo Azeredo à presidência do PSDB	SBT
26/10/2005	CPI dos Correios	Situação de Eduardo Azeredo-senador do PSDB	Band
8/3/2006	CPI dos Correios	Absolvição de mais dois deputados acusados de receber o “mensalão”	Globo
10/3/2006	CPI dos Correios	Absolvição de mais dois deputados acusados de receber o “mensalão”	Globo
21/3/2006	CPI dos Correios	Adiamento da entrega do relatório final	Globo

29/3/2006	CPI dos Correios	Conclusão do relatório final da CPI	Band
29/3/2006	CPI dos Correios	Conclusão do relatório final da CPI	SBT
29/3/2006	CPI dos Correios	Conclusão do relatório final da CPI	Globo
4/4/2006	CPI dos Correios	Cassação do deputado Josias Gomes/PT	Globo
4/4/2006	CPI dos Correios	Cassação do deputado Luis Paulo Cunha - PT	SBT
4/4/2006	CPI dos Correios	Conclusão do relatório final da CPI	Globo
4/4/2006	CPI dos Correios	Votação do relatório final da CPI dos Correios	SBT
4/4/2006	CPI dos Correios	Votação do relatório final da CPI dos Correios	Globo
4/4/2006	CPI dos Correios	Votação do relatório final da CPI dos Correios	Globo
5/4/2006	CPI dos Correios	Cassação do deputado Luis Paulo Cunha - PT	Band
5/4/2006	CPI dos Correios	Cassação do deputado Luis Paulo Cunha - PT	Globo
5/4/2006	CPI dos Correios	Votação do relatório final da CPI dos Correios	Band
5/4/2006	CPI dos Correios	Votação do relatório final da CPI dos Correios	Globo
6/4/2006	CPI dos Correios	Renúncia de cinco deputados do conselho de ética da câmara	Band
6/4/2006	CPI dos Correios	Renúncia de cinco deputados do conselho de ética da câmara	SBT
8/4/2006	CPI dos Correios	Renúncia de cinco deputados do conselho de ética da câmara	Globo
11/4/2006	CPI dos Correios	Indiciamento dos deputados da CPI dos Correios	Globo
2/6/2006	CPI dos Correios	Um ano de mensalão	SBT
13/6/2006	CPI dos Correios	Processo de cassação do deputado Janene	SBT
23/6/2006	CPI dos Correios	Entrega do relatório final ao Ministério Público	Globo
23/6/2006	CPI dos Correios	Entrega do relatório final ao Ministério Público	SBT
30/9/2005	Movimentação Eleitoral	Troca-troca de partido dos parlamentares antes da eleições	Band
30/9/2005	Movimentação Eleitoral	Troca-troca de partido dos parlamentares antes da eleições	Globo
8/2/2006	Movimentação Eleitoral	Congresso promulga emenda contra a verticalização	SBT
9/2/2006	Movimentação Eleitoral	Partidos pedem decisão rápida sobre a verticalização	Globo
10/2/2006	Movimentação Eleitoral	Partidos se reúnem com o STF para discutir a verticalização	Band
21/3/2006	Movimentação Eleitoral	Convenção partidária do PMDB	Globo
24/3/2006	Movimentação Eleitoral	Aliança entre PSDB e PFL	Globo
25/3/2006	Movimentação Eleitoral	Políticos que foram cassados, e que vão concorrer às eleições em 2006	SBT
26/3/2006	Movimentação Eleitoral	Confirmação da aliança entre PSDB e PFL por Cezar Maia	SBT
26/3/2006	Movimentação Eleitoral	Confirmação da aliança entre PSDB e PFL por Cezar Maia	Globo
27/3/2006	Movimentação Eleitoral	A desincompatibilização de Alckmin e Garotinho	Globo
27/3/2006	Movimentação Eleitoral	A aposta do casal garotinho e as denúncias contra Alckmin	SBT
	Movimentação Eleitoral	A desincompatibilização dos pré-candidatos PMDB e PSDB	Band
31/3/2006	Movimentação Eleitoral	"Xadrez eleitoral" com a saída dos governadores para disputar a reeleição em todo o Brasil	Globo
4/4/2006	Movimentação Eleitoral	Aliança entre PSDB e PFL	Globo
4/4/2006	Movimentação Eleitoral	Descompatibilização dos cargos públicos por parte dos parlamentares	Globo
6/4/2006	Movimentação Eleitoral	Candidatura de Delcídio Amaral	SBT
11/4/2006	Movimentação Eleitoral	Dia dos pré-candidatos e as alianças	Globo
13/4/2006	Movimentação Eleitoral	Dia dos pré-candidatos e as alianças	Globo
25/4/2006	Movimentação Eleitoral	Dia dos pré-candidatos e as alianças	SBT
27/4/2006	Movimentação Eleitoral	Pré-convenção do PMDB	SBT
27/4/2006	Movimentação Eleitoral	Pré-convenção do PMDB	Band
27/4/2006	Movimentação Eleitoral	Pré-convenção do PMDB	Globo
3/5/2006	Movimentação Eleitoral	Alianças e convenções partidárias	SBT
14/5/2006	Movimentação Eleitoral	Convenção do PMDB	Globo
22/5/2006	Movimentação Eleitoral	Dia dos pré-candidatos e as alianças	SBT
23/5/2006	Movimentação Eleitoral	Mudanças na legislação eleitoral	Globo
1/6/2006	Movimentação Eleitoral	Retirada da candidatura de Roberto Freire/PPS e o apoio ao PSDB	Globo
1/6/2006	Movimentação Eleitoral	Ricardo Berzoini em reunião com as executivas do PSB e do PCdoB	Globo
5/6/2006	Movimentação Eleitoral	Mudanças na legislação eleitoral	Globo
5/6/2006	Movimentação Eleitoral	Retomada da discussão sobre a verticalização das eleições	Globo
5/6/2006	Movimentação Eleitoral	Retomada da discussão sobre a verticalização das eleições	SBT

14/6/2006	Movimentação Eleitoral	Mudanças na legislação eleitoral	Globo
14/6/2006	Movimentação Eleitoral	Programa de propaganda política do PFL	Globo
19/6/2006	Movimentação Eleitoral	Convenção do PDT	Globo
19/6/2006	Movimentação Eleitoral	Convenção do PPS	Globo
19/6/2006	Movimentação Eleitoral	Convenção do PSL	Globo
25/6/2006	Movimentação Eleitoral	Convenção do PT	Globo
30/6/2006	Movimentação Eleitoral	Convenção do PCdoB	Globo
1/7/2006	Movimentação Eleitoral	Registro das candidaturas até 06/07/06, data oficial do início da campanha eleitoral	Globo
6/4/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa IBOPE dá a vitória à Geraldo Alckmin no estado de SP e a nova pesquisa Datafolha	Band
6/4/2006	Pesquisa Eleitoral	IBOPE dá a vitória à Geraldo Alckmin no estado de SP	SBT
8/4/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa Datafolha	Globo
8/4/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa Datafolha	SBT
1/5/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa diz que os brasileiros acreditam mais na mídia que nos políticos	SBT
1/5/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa eleitoral	SBT
8/5/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa eleitoral / IBPS	SBT
24/5/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa Datafolha	SBT
24/5/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa Datafolha	Globo
30/5/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa Datafolha	Globo
1/6/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa “o que se espera do eleitor brasileiro”	SBT
1/6/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa Ibope / Tv Globo	SBT
1/6/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa Ibope / Tv Globo	Globo
2/6/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa para presidente em SP	SBT
13/6/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa Ibope / Confederação das Indústrias de SP	SBT
13/6/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa Ibope / Confederação das Indústrias de SP	Globo
30/6/2006	Pesquisa Eleitoral	Pesquisa Datafolha / Folha de São Paulo	Globo
8/3/2006	PMDB	Rigotto e Garotinho e a candidatura própria do PMDB	Band
30/3/2006	PMDB	Decisão de Rosinha Garotinho de permanecer no cargo de governadora do RJ	Globo
5/4/2006	PMDB	Indicação de Itamar Franco para candidato a presidente pelo PMDB	SBT
12/4/2006	PMDB	Itamar entra na disputa pela indicação do partido	Band
12/4/2006	PMDB	Itamar entra para disputar a indicação do partido	SBT
16/4/2006	PMDB	Itamar aceita disputar vaga para presidente	SBT
16/4/2006	PMDB	Itamar anuncia que também é pré-candidato	Band
16/4/2006	PMDB	A pré-convenção do PMDB diminui as chances de Garotinho	Globo
25/4/2006	PMDB	Antecipação da convenção do PMDB para maio, e as chances de Garotinho	Band
25/4/2006	PMDB	Denúncias contra Garotinho publicadas no jornal Folha de SP	Globo
27/4/2006	PMDB	Articulação para candidatura própria do PMDB	SBT
27/4/2006	PMDB	Denúncias contra o pré-candidato Anthony Garotinho	SBT
1/5/2006	PMDB	Greve de fome de Anthony Garotinho	SBT
1/5/2006	PMDB	Greve de fome de Anthony Garotinho	Globo
3/5/2006	PMDB	Garotinho ganha direito de resposta	Band
10/5/2006	PMDB	Fim da greve de Garotinho	SBT
22/5/2006	PMDB	Desdobramentos sobre candidatura própria do PMDB	Band
30/5/2006	PMDB	Desdobramentos sobre candidatura própria do PMDB	SBT
30/6/2006	PMDB	PMDB reafirma seu apoio à candidatura de Lula	SBT
6/3/2006	PSDB	Semana de definição para o PSDB	Globo
6/3/2006	PSDB	Semana de definição do candidato do PSDB	SBT
8/3/2006	PSDB	Semana de definição do candidato do PSDB	Band
10/3/2006	PSDB	Indecisão do PSDB em apontar o nome do candidato	Globo
10/3/2006	PSDB	Semana de definição do candidato do PSDB	Band
14/3/2006	PSDB	Anúncio oficial de Geraldo Alckmin como o candidato do partido	Globo
14/3/2006	PSDB	Anúncio oficial de Geraldo Alckmin como o candidato do	SBT

		partido	
23/3/2006	PSDB	Dia do candidato Geraldo Alckmin	Globo
24/3/2006	PSDB	Desincompatibilização de Geraldo Alckmin	Globo
24/3/2006	PSDB	Rebeliões em cinco presídios paulistas	SBT
25/3/2006	PSDB	Desincompatibilização de Geraldo Alckmin	Globo
27/3/2006	PSDB	Jornal Folha de São Paulo publica denúncias contra Alckmin	Globo
30/3/2006	PSDB	Entrega da carta renúncia de Geraldo Alckmin	Globo
3/4/2006	PSDB	Denúncias publicadas contra Alckmin no jornal A Folha de SP	Globo
4/4/2006	PSDB	Anúncio da candidatura de Aécio Neves/PSDB à reeleição pelo governo de Minas Gerais	Globo
4/4/2006	PSDB	Anúncio da candidatura de Aécio Neves/PSDB à reeleição pelo governo de Minas Gerais	SBT
5/4/2006	PSDB	Indecisão do PFL em compor aliança com o PSDB	Band
5/4/2006	PSDB	A confirmação da aliança entre PSDB e PFL	Globo
5/4/2006	PSDB	A confirmação da aliança entre PSDB e PFL	SBT
8/4/2006	PSDB	Novas denúncias contra Alckmin	SBT
8/4/2006	PSDB	Novas denúncias contra Alckmin	Band
25/4/2006	PSDB	Alckmin fala sobre a demora do PFL em indicar o vice da chapa	Globo
27/4/2006	PSDB	Escolha do vice de Geraldo Alckmin pelo PFL	Globo
27/4/2006	PSDB	Jantar de adesão à candidatura de Geraldo Alckmin	SBT
3/5/2006	PSDB	Reunião de cúpula do PSDB em MG	SBT
14/5/2006	PSDB	Ataques feitos pelo PCC em São Paulo	Globo
15/5/2006	PSDB	Ataques feitos pelo PCC em São Paulo	Globo
15/5/2006	PSDB	Ataques feitos pelo PCC em São Paulo	Band
15/5/2006	PSDB	Ataques feitos pelo PCC em São Paulo	SBT
23/5/2006	PSDB	Ataques feitos pelo PCC em São Paulo	Globo
23/5/2006	PSDB	Depoimento da advogada do criminoso “Marcola” à CPI das Armas	SBT
23/5/2006	PSDB	Depoimento da advogada do criminoso “Marcola” à CPI das Armas	Globo
23/5/2006	PSDB	Relatório da Anistia Internacional, acusando o sistema penitenciário brasileiro	SBT
25/5/2006	PSDB	Depoimento da advogada do criminoso “Marcola” à CPI das Armas	Globo
14/6/2006	PSDB	Diretor dos presídios de SP revela que as rebeliões tinham o objetivo de desestabilizar a candidatura de Geraldo Alckmin	SBT
24/6/2006	PSDB	Acusações de Geraldo Alckmin contra Lula, de estar usando a máquina pública para fazer campanha	Globo
20/10/2005	PSOL	Denúncia de “mensalinho” no PSOL	SBT
27/3/2006	PSOL	Lançamento da candidatura de Heloisa Helena	Globo
30/3/2006	PSOL	Lançamento da candidatura de Heloisa Helena	Globo
27/4/2006	PSOL	Entrevista com Heloisa Helena/PSOL	Globo
24/6/2006	PSOL	Convenção do PSOL	Globo
25/6/2006	PSOL	Convenção do PSOL	Globo
30/6/2006	PSOL	Convenção do PSOL	SBT
24/5/2005	PT: ações do presidente	Entrevista de Lula ao jornal Le Monde	SBT
30/5/2005	PT: ações do presidente	Possibilidade de distribuição de “bolsa-família” para os sem-terra	SBT
7/10/2005	PT: ações do presidente	Inauguração da última etapa da rod. Fernão Dias-MG	SBT
8/10/2005	PT: ações do presidente	Inauguração da última etapa da rod. Fernão Dias-MG	SBT
16/10/2005	PT: ações do presidente	Encontro de Lula com o presidente russo para tratar do embargo à carne brasileira por causa da crise de febre aftosa	Globo
16/10/2005	PT: ações do presidente	Premiação pelo Programa Fome Zero	Globo
17/10/2005	PT: ações do presidente	Encontro de Lula com o presidente russo para tratar do embargo à carne brasileira por causa da crise de febre aftosa	SBT
7/11/2005	PT: ações do presidente	Presença em inauguração e discurso aos estudantes	SBT

13/11/2005	PT: ações do presidente	Visita do presidente Lula ao ABC	Globo
18/11/2005	PT: ações do presidente	Declaração de Lula sobre candidatura própria	Band
8/3/2006	PT: ações do presidente	Visita do presidente Lula ao palácio de Buckingham	Globo
9/3/2006	PT: ações do presidente	Visita do presidente Lula ao palácio de Buckingham	Globo
10/3/2006	PT: ações do presidente	Lula na inauguração de conjuntos habitacionais	Globo
10/3/2006	PT: ações do presidente	Visita do presidente Lula ao palácio de Buckingham	Globo
23/3/2006	PT: ações do presidente	Lula critica o congresso	Globo
24/3/2006	PT: ações do presidente	Lula recebe MVBill	Globo
24/3/2006	PT: ações do presidente	Noticiário econômico vinculado ao discurso de Lula	Globo
25/3/2006	PT: ações do presidente	Comparação feita pelo presidente entre Brasil e Itália	SBT
25/3/2006	PT: ações do presidente	Discurso de Lula na abertura das obras do Panamericano	Globo
26/3/2006	PT: ações do presidente	Discurso de Lula sobre a campanha	SBT
26/3/2006	PT: ações do presidente	Discurso de Lula sobre a campanha	Globo
4/4/2006	PT: ações do presidente	Inauguração do novo “complexo petroquímico de refinarias da Petrobrás” no RJ	Globo
25/4/2006	PT: ações do presidente	Lula em audiência com a Colômbia	Globo
25/4/2006	PT: ações do presidente	Reunião entre Lula e Kirschner	Band
25/4/2006	PT: ações do presidente	Reunião entre Lula e Kirschner	SBT
1/5/2006	PT: ações do presidente	Lula oferece ao PMDB a vaga de vice na sua chapa	SBT
22/5/2006	PT: ações do presidente	PT aluga o salão do Hotel Blue Tree Park para a gravação do pronunciamento do presidente Lula	SBT
1/6/2006	PT: ações do presidente	Comentários de Lula sobre as CPI's	SBT
1/6/2006	PT: ações do presidente	Entrevista de Lula sobre sua possível candidatura à reeleição	Globo
2/6/2006	PT: ações do presidente	Presidente Lula faz festa em ninho tucano	SBT
13/6/2006	PT: ações do presidente	Escolha do vice de Lula	SBT
14/6/2006	PT: ações do presidente	Visita de Lula a São Gonçalo-RJ	Globo
24/6/2006	PT: ações do presidente	Confirmação da candidatura do presidente Lula à reeleição	Globo
25/6/2006	PT: ações do presidente	Lula usa Copa como estratégia eleitoral	SBT
30/6/2006	PT: ações do presidente	Visita de Lula a um centro construído por ACM	SBT
8/5/2005	PT: fatos externos	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	Globo
8/5/2005	PT: fatos externos	Vitória de Aloísio Mercadante sobre Martha Suplicy nas prévias para concorrer ao governo de SP pelo PT	Globo
24/5/2005	PT: fatos externos	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	SBT
30/9/2005	PT: fatos externos	Fiasco da reunião de cúpula da recém fundada Comunidade Sulamericana de Nações	Globo
7/10/2005	PT: fatos externos	Eleição de Ricardo Berzoini como novo presidente do Partido dos Trabalhadores	Band
24/3/2006	PT: fatos externos	Comportamento da deputada Ângela Guadagnin no plenário	Globo
24/3/2006	PT: fatos externos	Escândalo Palocci	SBT
24/3/2006	PT: fatos externos	Votação do aumento do salário mínimo em um ano de eleições	SBT
25/3/2006	PT: fatos externos	Aumento dado aos funcionários da câmara federal	Globo
25/3/2006	PT: fatos externos	Reforma ministerial provocada pelas eleições	SBT
25/3/2006	PT: fatos externos	Reforma ministerial provocada pelas eleições	Globo
25/3/2006	PT: fatos externos	Repercussão da atitude da deputada	Band
26/3/2006	PT: fatos externos	Denominação de "dança da pizza"	SBT
30/3/2006	PT: fatos externos	Repercussões do episódio da “dança da pizza”	Globo
30/3/2006	PT: fatos externos	Saída do ministro Antônio Palocci	Globo
31/3/2006	PT: fatos externos	Reforma ministerial provocada pelas eleições	Globo
3/4/2006	PT: fatos externos	Desdobramentos da "dança da pizza"	Globo
3/4/2006	PT: fatos externos	Posse de Guido Mantega	Globo
4/4/2006	PT: fatos externos	Posse de Guido Mantega	SBT
4/4/2006	PT: fatos externos	Posse de Guido Mantega	Globo
5/4/2006	PT: fatos externos	Repercussões do episódio da “dança da pizza”	Band
5/4/2006	PT: fatos externos	Repercussões do episódio da “dança da pizza”	SBT
25/4/2006	PT: fatos externos	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	SBT
27/4/2006	PT: fatos externos	Lula na posse de Ellen Gracie no STJ	SBT
27/4/2006	PT: fatos externos	Lula na posse de Ellen Gracie no STJ	Globo

1/5/2006	PT: fatos externos	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	Globo
3/5/2006	PT: fatos externos	Aumento de salários dos deputados, senadores e ministros	SBT
3/5/2006	PT: fatos externos	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	SBT
3/5/2006	PT: fatos externos	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	Globo
9/5/2006	PT: fatos externos	Convenção nacional da CNBB, que critica duramente o governo Lula	SBT
9/5/2006	PT: fatos externos	Implicações do afastamento da deputada	SBT
14/5/2006	PT: fatos externos	Conflitos entre o Brasil e a Bolívia	Globo
22/5/2006	PT: fatos externos	Reportagem sobre a lista de contas no exterior com nomes de integrantes do PT, inclusive o presidente Lula	SBT
1/6/2006	PT: fatos externos	Aprovação com ressalvas das contas do governo Lula pelo TCU	Globo
1/6/2006	PT: fatos externos	Aprovação das contas do governo Lula pelo TCU	SBT
26/6/2006	PT: fatos externos	Aumento concedido ao funcionalismo público	Globo
30/6/2006	PT: fatos externos	Aumento concedido ao funcionalismo público	SBT

Anexo 3: definição de microdramas

EIXO TEMÁTICO: CPI DOS CORREIOS		
Microdrama 1: Andamento final do processo de irregularidades		
Matérias	Jornal	Data
Renúncia de cinco deputados do conselho de ética da câmara	SBT	06/04/2005
Renúncia de cinco deputados do conselho de ética da câmara	Band	06/04/2005
Renúncia de cinco deputados do conselho de ética da câmara	Globo	08/04/2005
Aprovação da quebra do sigilo bancário de nomes da lista de Marcos Valério	Globo	05/10/2005
16 parlamentares acusados de receber dinheiro	SBT	06/10/2005
Fim do prazo para a renúncia dos deputados acusados	SBT	08/10/2005
Renúncia dos deputados acusados de irregularidades	Globo	16/10/2005
Renúncia dos deputados acusados de irregularidades	SBT	16/10/2005
<i>Conclusão do relatório final da CPI</i>	<i>Band</i>	<i>29/03/2006</i>
<i>Conclusão do relatório final da CPI</i>	<i>SBT</i>	<i>29/03/2006</i>
<i>Conclusão do relatório final da CPI</i>	<i>Globo</i>	<i>29/03/2006</i>
Conclusão do relatório final da CPI	Globo	04/04/2006
Votação do relatório final da CPI	SBT	04/04/2006
Votação do relatório final da CPI	Globo	04/04/2006
Votação do relatório final da CPI	Band	05/04/2006
Votação do relatório final da CPI	Globo	05/04/2006
Indiciamento dos deputados da CPI	Globo	11/04/2006
Entrega do relatório final ao Ministério Público	Globo	23/06/2006
Entrega do relatório final ao Ministério Público	SBT	23/06/2006

EIXO TEMÁTICO: CPI DOS BINGOS

Microdrama 2: Implicações com o assassinato do prefeito Celso Daniel

Matérias	Jornal	Data
<i>Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos</i>	<i>Globo</i>	<i>07/10/2005</i>
<i>Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos</i>	<i>SBT</i>	<i>07/10/2005</i>
<i>Depoimento de Bruno Daniel à CPI dos Bingos</i>	<i>Band</i>	<i>07/10/2005</i>
Morte do legista responsável pela investigação do caso Celso Daniel	Globo	12/10/2005
Ligações do assassinato com o governo Lula	Band	12/10/2005
Depoimento do juiz Rocha Matos	Band	26/10/2005
Acareação dos irmãos Daniel com o chefe de gabinete de Lula	SBT	26/10/2005

Microdrama 3: O escândalo Palocci

Matérias	Jornal	Data
Intimação do ministro Antonio Palocci pela PF	Globo	04/04/2006
Intimação do ministro Antonio Palocci pela PF	SBT	04/04/2006
Convocação do ministro Thomaz Bastos sobre o episódio do "caseiro"	SBT	06/04/2006
Convocação do ministro Thomaz Bastos sobre o episódio do "caseiro"	Globo	08/04/2006
Convocação do ministro Thomaz Bastos sobre o episódio do "caseiro"	SBT	08/04/2006
Conseqüências do depoimento de Thomaz Bastos	Globo	11/04/2006
Conseqüências do depoimento de Thomaz Bastos	SBT	12/04/2006
<i>Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção</i>	<i>Globo</i>	<i>27/04/2006</i>
<i>Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção</i>	<i>SBT</i>	<i>27/04/2006</i>
<i>Indiciamento de Antonio Palocci pela PF por corrupção</i>	<i>Band</i>	<i>27/04/2006</i>

EIXO TEMÁTICO: MOVIMENTAÇÃO ELEITORAL

Microdrama 4: O processo de verticalização das eleições		
Matérias	Jornal	Data
<i>Congresso promulga emenda contra a verticalização</i>	SBT	08/02/2006
<i>Partidos pedem uma decisão rápida sobre a verticalização</i>	Globo	09/02/2006
<i>Partidos se reúnem com o STF para discutir verticalização</i>	Band	10/02/2006
Discussões sobre a verticalização das eleições 2006	SBT	08/03/2006
Discussões sobre a verticalização das eleições 2006	Globo	09/03/2006
Discussões sobre a verticalização das eleições 2006	Band	10/03/2006
Mudanças na legislação eleitoral	Globo	23/05/2006
Mudanças na legislação eleitoral	Globo	05/06/2006
Retomada da discussão sobre a verticalização das eleições	Globo	05/06/2006
Retomada da discussão sobre a verticalização das eleições	SBT	05/06/2006
Mudanças na legislação eleitoral	Globo	14/06/2006
Troca-troca de partido dos parlamentares antes da eleições	Globo	30/09/2006
Troca-troca de partido dos parlamentares antes da eleições	Band	30/09/2006
Microdrama 5: As convenções e a desincompatibilização dos pré-candidatos		
Matérias	Jornal	Data
Convenção do PMDB	Globo	21/03/2006
Aliança entre PSDB e PFL	Globo	24/03/2006
Confirmação da aliança entre PSDB e PFL por Cezar Maia	Globo	26/03/2006
Confirmação da aliança entre PSDB e PFL por Cezar Maia	SBT	26/03/2006
<i>A desincompatibilização de Alckmin e Garotinho</i>	Globo	27/03/2006
<i>A aposta do casal Garotinho e as denúncias contra Alckmin</i>	SBT	27/03/2006
<i>A desincompatibilização dos pré-candidatos do PMDB e PSDB</i>	Band	27/03/2006
Aliança entre PSDB e PFL	Globo	04/04/2006
Dia dos pré-candidatos e as alianças	Globo	11/04/2006
Dia dos pré-candidatos e as alianças	Globo	13/04/2006
Dia dos pré-candidatos e as alianças	SBT	25/04/2006
Pré-convenção do PMDB	Band	27/04/2006
Pré-convenção do PMDB	SBT	27/04/2006
Pré-convenção do PMDB	Globo	27/04/2006
Convenção do PMDB	Globo	14/05/2006
Dia dos pré-candidatos e as alianças	SBT	22/05/2006
Retirada da candidatura de Roberto Freire/PPS e o apoio ao PSDB	Globo	01/06/2006
Ricardo Berzoini em reunião com as executivas do PSB e do PCdoB	Globo	01/06/2006
Convenção do PDT	Globo	19/06/2006
Convenção do PPS	Globo	19/06/2006
Convenção do PSL	Globo	19/06/2006
Convenção do PT	Globo	25/06/2006
Convenção do PC do B	Globo	30/06/2006

EIXO TEMÁTICO: PMDB

Microdrama 6: O impasse sobre a candidatura própria

Matérias	Jornal	Data
Rigotto e Garotinho e a candidatura própria do PMDB	Band	08/03/2006
Decisão de Rosinha garotinho de permanecer no cargo	Globo	30/03/2006
Indicação de Itamar para candidato a presidente pelo PMDB	SBT	05/04/2006
Itamar entra na disputa pela indicação do partido	Band	12/04/2006
Itamar entra para disputar a indicação do partido	SBT	12/04/2006
<i>Itamar aceita disputar a vaga para presidente</i>	<i>SBT</i>	<i>16/04/2006</i>
<i>Itamar anuncia que também é pré-candidato</i>	<i>Band</i>	<i>16/04/2006</i>
<i>A pré-convenção do PMDB diminui as chances de Garotinho</i>	<i>Globo</i>	<i>16/04/2006</i>

Microdrama 7: O "caso" Garotinho

Matérias	Jornal	Data
Antecipação da convenção do PMDB e chances de Garotinho	Band	25/04/2006
<i>Denúncias contra Garotinho publicadas no Jornal Folha de SP</i>	<i>Globo</i>	<i>25/04/2006</i>
Articulações para candidatura própria do PMDB	SBT	27/04/2006
Articulações para candidatura própria do PMDB	Globo	27/04/2006
Greve de fome de Anthony Garotinho	SBT	01/05/2006
Greve de fome de Anthony Garotinho	Globo	01/05/2006
<i>Garotinho ganha direito de resposta</i>	<i>Band</i>	<i>03/05/2006</i>
<i>Fim da greve de Garotinho</i>	<i>SBT</i>	<i>10/05/2006</i>
Desdobramentos sobre candidatura própria do PMDB	Band	22/05/2006

EIXO TEMÁTICO: PSDB		
Microdrama 8: A disputa entre Serra e Alckmin		
Matéria	Jornal	Data
<i>Semana de definição do candidato do PSDB</i>	<i>Globo</i>	<i>06/03/2006</i>
<i>Semana de definição do candidato do PSDB</i>	<i>SBT</i>	<i>06/03/2006</i>
<i>Semana de definição do candidato do PSDB</i>	<i>Band</i>	<i>06/03/2006</i>
Anúncio oficial de Geraldo Alckmin como o candidato do partido	Globo	14/03/2006
Anúncio oficial de Geraldo Alckmin como o candidato do partido	SBT	14/03/2006
Dia do candidato Geraldo Alckmin	Globo	23/03/2006
Microdrama 9: A definição de alianças		
Matéria	Jornal	Data
<i>A indecisão do PFL em compor aliança com o PSDB</i>	<i>Band</i>	<i>5/4/2006</i>
<i>A confirmação da aliança entre o PSDB e PFL</i>	<i>Globo</i>	<i>5/4/2006</i>
<i>A confirmação da aliança entre PSDB e PFL</i>	<i>SBT</i>	<i>5/4/2006</i>
Microdrama 10: A pré-campanha de Alckmin		
Matéria	Jornal	Data
Anúncio oficial de Geraldo Alckmin como o candidato do partido	Globo	14/2/2006
Anúncio oficial de Geraldo Alckmin como o candidato do partido	SBT	14/2/2006
Dia do candidato Geraldo Alckmin	Globo	24/3/2006
Desincompatibilização de Geraldo Alckmin	Globo	24/3/2006
Rebeliões em cinco presídios paulistas	SBT	24/03/2006
Desincompatibilização de Geraldo Alckmin	Globo	25/3/2006
<i>Jornal Folha de SP publica denúncias contra Geraldo Alckmin</i>	<i>Globo</i>	<i>27/03/2006</i>
Entrega de carta renúncia de Geraldo Alckmin	Globo	30/3/2006
Denúncias publicadas contra Alckmin no jornal Folha de SP	Globo	3/4/2006
Anúncio da candidatura de Aécio Neves/PSDB à reeleição para o governo de MG	Globo	4/4/2006
Anúncio da candidatura de Aécio Neves/PSDB à reeleição para o governo de MG	SBT	4/4/2006
<i>Novas denúncias contra Alckmin</i>	<i>SBT</i>	<i>8/4/2006</i>
<i>Novas denúncias contra Alckmin</i>	<i>Band</i>	<i>8/4/2006</i>
Alckmin fala sobre a demora do PFL em indicar o vice da chapa	Globo	25/4/2006
A escolha do vice de Geraldo Alckmin pelo PFL	Globo	27/4/2006
Jantar de adesão à candidatura de Geraldo Alckmin	SBT	27/4/2006
Reunião de cúpula do PSDB em MG	SBT	3/5/2006
Diretor dos presídios de SP revela que rebeliões tinham objetivo de desestabilizar candidatura de Geraldo Alckmin	SBT	14/6/2006
Acusações de Geraldo Alckmin contra Lula diz estar usando a máquina pública para fazer campanha	Globo	24/6/2006

EIXO TEMÁTICO: PT- ações do presidente

Microdrama 11: Movimentação oficial do presidente Lula na pré-campanha

Matéria	Jornal	Data
Possibilidade de distribuição de "bolsa-família" para os sem-terra	SBT	30/05/2005
Inauguração da última etapa da rodovia Fernão Dias-MG	SBT	07/10/2005
Premiação pelo Programa Fome Zero	Globo	16/10/2005
<i>Presença em inauguração e discurso aos estudantes</i>	<i>SBT</i>	<i>07/11/2005</i>
<i>Visita do presidente Lula ao ABC</i>	<i>Globo</i>	<i>13/11/2005</i>
<i>Declaração de Lula sobre candidatura própria</i>	<i>Band</i>	<i>18/11/2005</i>
Lula na inauguração de conjuntos habitacionais	Globo	10/03/2006
Discurso de Lula na abertura das obras do Pan-americano	Globo	25/03/2006
Discurso de Lula sobre a campanha	SBT	26/03/2006
Discurso de Lula sobre a campanha	Globo	26/03/2006
Inauguração do novo "complexo petroquímico da Petrobrás" no RJ	Globo	04/04/2006
Lula na posse de Ellen Gracie no STJ	Globo	27/04/2006
Lula na posse de Ellen Gracie no STJ	SBT	27/04/2006
Visita de Lula a São Gonçalo-RJ	Globo	14/06/2006
Visita de Lula a um centro construído por ACM	SBT	30/06/2006

EIXO TEMÁTICO: PT- fatos externos

Microdrama: Implicações do episódio "dança da pizza" na candidatura de Lula

Matéria	Jornal	Data
Comportamento da deputada Ângela Guadagnin no plenário	Globo	24/03/2006
Repercussão da atitude da deputada	Band	25/03/2006
Denominação de "dança da pizza"	SBT	26/03/2006
<i>Repercussões do episódio da "dança da pizza"</i>	<i>Globo</i>	<i>30/03/2006</i>
Desdobramentos da "dança da pizza"	Globo	03/04/2006
Afastamento da deputada Ângela Guadagnin	Globo	04/04/2006
Afastamento da deputada Ângela Guadagnin	SBT	04/04/2006
<i>Repercussões do episódio da "dança da pizza"</i>	<i>Globo</i>	<i>05/04/2006</i>
<i>Repercussões do episódio da "dança da pizza"</i>	<i>Globo</i>	<i>05/04/2006</i>
Implicações do afastamento da deputada	SBT	09/05/2006

EIXO TEMÁTICO: PESQUISA ELEITORAL
--

Microdrama: Pesquisas de cenário		
Matéria	Jornal	Data
<i>Pesquisa Ibope dá vitória à Geraldo Alckmin em SP</i>	<i>Band</i>	<i>06/04/2006</i>
<i>Pesquisa Ibope indica vitória de Geraldo Alckmin em SP</i>	<i>Globo</i>	<i>08/04/2006</i>
<i>PSDB e a Pesquisa Datafolha</i>	<i>SBT</i>	<i>08/04/2006</i>
Pesquisa Datafolha	Globo	24/05/2006
Pesquisa Datafolha	SBT	24/05/2006